

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GILVANI ALVES DE ARAUJO

O *HIC FUIT* ERNANI REICHMANN:  
DISPERSÃO E ANGÚSTIA SUBJUGADA NAS CARTAS DE 1939 A 1955

CURITIBA

2021

GILVANI ALVES DE ARAUJO

O *HIC FUIT* ERNANI REICHMANN:  
DISPERSÃO E ANGÚSTIA SUBJUGADA NAS CARTAS DE 1939 A 1955

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Roseli Boschilia

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Araujo, Gilvani Alves de

O *Hic Fuit* Ernani Reichmann : dispersão e angústia subjugada nas cartas de 1939 a 1955. / Gilvani Alves de Araujo. – Curitiba, 2021.  
325 f.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Roseli Boschilia

1. Reichmann, Ernani, 1920- 1984 - Cartas. 2. Kierkegaard, Soren, 1813-1855.  
3. Filósofos brasileiros - Biografia. 4. Intelectuais – História - Paraná. I. Boschilia, Roseli, 1952-. II. Título.

CDD – 199.81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de GILVANI ALVES DE ARAUJO intitulada: O *HIC FUIT* ERNANI REICHMANN: DISPERSÃO E ANGÚSTIA SUBJUGADA NAS CARTAS DE 1939 A 1955, sob orientação da Profa. Dra. ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 05 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica  
06/02/2021 12:27:25.0  
ROSELI TEREZINHA BOSCHILIA  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
07/02/2021 18:25:41.0  
RENATA SENNA GARRAFFONI  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
06/02/2021 10:21:49.0  
PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
06/02/2021 18:56:32.0  
WILTON CARLOS LIMA DA SILVA  
Avaliador Externo (UNESP)

Assinatura Eletrônica  
06/02/2021 16:49:18.0  
ALVARO LUIZ MONTENEGRO VALLS  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS)

Às mulheres (Maria, Izabel, Zilma, Marilene, Simone, Nilcéia, Thais, Isabela, Nicole),  
Aos homens (Gescivaldo, Adriano, Agostinho, Valdemar, os Robertos, Brayann, Nicolas, Pedro, Thiago),  
de minha vida.



## AGRADECIMENTOS

São poucas as experiências que se apresentam na vida, como a de escrever uma tese, que envolvem-nos de maneira tão integral a realização de uma obra. Por vários momentos me senti sem voz e arrastado pela vida daquele em quem mergulhava, certamente não subjuguiei a angústia, no entanto aprendi a me orientar no labirinto com o fio do desespero. Kierkegaard diz que *As obras do amor* mais altas são duas: o elogio ao amor desinteressado e a obra de amor que é recordar um falecido. Nesse sentido, me satisfaço nas duas. Primeiro, não poderia deixar de agradecer a Deus,

Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, ó Deus do Amor, de quem provém todo o amor no céu e na terra; Tu, que nada poupaste, mas tudo entregaste em amor; Tu que és amor, de modo que o que ama só é aquilo que é por permanecer em Ti! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Tu que revelaste o que é o amor; Tu, nosso salvador e reconciliador, que deste a Ti mesmo para libertar a todos! Como se poderia falar corretamente do amor, se Tu fosses esquecido, Espírito de Amor, que não reclusas nada do que é próprio Teu, mas recordas aquele sacrifício do Amor, recordas ao crente que deve amar como ele é amado, e amar ao próximo como a si mesmo! Ó, Amor Eterno, Tu que estás presente em toda parte e nunca deixas sem testemunho quando Te invocam, não deixas sem nenhum testemunho aquilo que aqui deve ser dito sobre o amor, ou sobre as obras do amor. Pois decerto há poucas obras que a linguagem humana denomina, específica e miudamente, obras de amor; mas no Céu certamente é assim: lá nenhuma obra pode agradar se não for uma obra de amor: sincera na abnegação, uma necessidade de amor, e justamente por isso sem a pretensão de ser meritória!<sup>1</sup>

Segundo, devo agradecer a Ernani Reichmann por ter me encontrado, contudo “a arte não está em dizê-lo, mas em fazê-lo”.<sup>2</sup> Por isso espero que o trabalho a que me lancei, honre a memória do falecido em seu centenário natalício. Aproveito da ocasião para agradecer a família e familiares de Reichmann, nas pessoas de suas filhas, Brunilda e Isolda Reichmann pelo apoio irrestrito que me deram. Os primeiros volumes da minha biblioteca reichmanniana, foram doados por Brunilda Reichmann. Lamento que ao dar segunda vida aos escritos e as memórias autobiográficas, inevitavelmente lhes tenha causado algum mal. Agradeço a providência pelo encontro com a Sra. Verginia Küster Puppi, da Livraria dos Santos Reis, filha do grande amigo de toda a vida de Reichmann, Clementino Schiavon Puppi, pela sempre atenta e cordial contribuição que deu a realização de meu trabalho. Foi ela que me forneceu depoimentos valiosos, além de me dar acesso a valiosos documentos e me doar exemplares raros publicados por Reichmann. Sem seu apoio, tudo teria sido muito mais difícil.

---

<sup>1</sup> KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor*, 2012, p. 18. A passagem que cito, é uma oração que abre *As obras do amor*, de Kierkegaard. Escolhi ela, porque exalta um amor que é divino e que é inclusive trinitário, um amor que nos amou primeiro e incondicionalmente, amor a quem pertence toda iniciativa no céu e na terra.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 401.

Agradeço a Ordem dos Servos de Maria, no Brasil, principalmente, pela curta, mas profunda experiência de Deus que fiz entre os anos de 2007 e 2008. Foi graças a essa vivência que me encontrei com Kierkegaard, pelas mãos sabias de Frei Clodovis Boff – seu exemplo de fé, ainda me anima, a mais compreender do que julgar – e com Reichmann, pelas mãos de Davi Dagostin Minatto – à época seminarista como eu, mas hoje mestrando em sagradas escrituras, em Roma.

Agradeço a equipe da Biblioteca de Humanas, com quem tive o prazer de contar, pelo apoio irrestrito e que desempenhou um papel formidável na catalogação, higienização e disponibilização do acervo de Ernani Reichmann. Lourdes Saldanha Bach (Chefe da Biblioteca de Humanas), Maria Teresa Alves Gonzatti (Coordenadora da DORE), as bibliotecárias Eutalia Cristina Moretto e, principalmente, Fernanda Emanuela Nogueira Dias, que desde a minha primeira visita a sala dos livros empoeirados e cobertos de bolor, me acompanhou e deu assistência para que a curiosidade inicial, frutificasse em uma pesquisa madura e que certamente não cessará. Seu apoio e incentivo foram fundamentais, serei grato sempre! Da mesma maneira tenho que lembrar e agradecer aos inúmeros funcionários que a exemplo de Fernanda, cederam-me conhecimento e ajuda quando visitei o Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, Academia Passo-Fundense de Letras, Colégio Conceição de Passo Fundo, Arquidiocese de Passo Fundo, Arquivo Histórico Municipal Joarez Miguel Illa Font de Erechim, Colégio São José de Erechim, Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS), Arquivo Nacional, Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa, Instituto Moreira Salles, Círculo de Estudos Bandeirantes, Associação de Funcionários da UFPR, Editora da UFPR, Imprensa Oficial da UFPR, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da UFPR, Fundação de Apoio da Universidade Federal do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca Central da PUC-PR, Arquivo Público do Estado do Paraná, Academia Paranaense de Letras e Museu Paranaense.

Agradeço de maneira especial pela amizade e o apoio em encontrar novos rumos acadêmicos à Fernanda Cássia dos Santos e, por extensão a amizade de Daniel Trevisan Samways. É impossível não esquecer pessoas que durante as muitas disciplinas cursadas, dividiram experiências, contribuições e o convívio como Igor Vitorino da Silva, Raphael Pagliarini, Marcos Eduardo Meiners, David Antonio de Castro Netto, Juliana Rodrigues Pereira, Flavia da Rosa Mello, Ozias Paese Neves, Fábio Augusto Scarpim, Deisi Beatriz Bacik. Lembro de maneira especial o aprendizado com os colegas de linha de pesquisa Alexandre Cozer, Ana Luisa de Mello Nascimento, Barbara Leticia Chimentão, Fabio Luiz Machioski,

Gabriel Elysio Braga, Luan Fernando Leal Busnardo, Luis Felipe Machado de Genaro e, também de tese, como Camila Miranda Martins, Matheus Machado Vieira, Naiara Batista Krachenki Stadler, Evander Ruthieri Saturno da Silva. Não poderia deixar de mencionar o grande amigo de trabalho, com quem dividi STs, dúvidas, entendimentos e desentendimentos, mas que, fundamentalmente, desde nosso primeiro contato estimo como família, Rhuan Targino Zaleski Trindade – bem como a sua família: Antônio, Marli, Cássia e Leticia Klimick.

Agradeço a linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História, que desde o início acolheu meu projeto. Bem como, aos professores Karina Kozicki Bellotti, Marcos Gonçalves e Marion Bepohl pela amizade e orientação. Agradeço ainda pelas professoras Renata Senna Garraffoni e Priscila Piazzentini Vieira, pela leitura atenta de meu relatório de qualificação e as sugestões de melhoria do trabalho. Agradeço as palavras de apoio e carinho de Maria Cristina Parzowski, nossa secretária do PPGHIS da UFPR. Agradeço imensamente a Alvaro Valls, pela sempre solicita ajuda, amizade e colaboração, com informações oculares sobre Reichmann. A Wilton C. L. Silva pela ensinamentos sobre biografia, autobiografia, e a parceria no ST durante o II SEH-UFPR. Tenho que dizer que durante os anos de preparação da tese, minha admiração pela orientadora – Roseli Boschilia – apenas cresceu, preciso pedir desculpas pelas falhas e lembrá-la que sempre estarei em débito. Este trabalho não seria possível, caso ela não houvesse apostado em seu sucesso. Espero que não tenha frustrado as suas expectativas, afinal as falhas são todas minhas, mas os acertos são dela.

Para encerrar, peço desculpas caso tenha me esquecido de alguém, todos foram igualmente importantes, em alguma medida e em algum momento, colaboraram para que este trabalho viesse a lume. É relevante, por fim, agradecer o financiamento de minha pesquisa pela CAPES, bem como aos governos petistas que investiram em educação, pesquisa e infraestrutura no país e apostaram em uma onda de transformações desde baixo. Acredito ser um desses beneficiados pelo processo, sou fruto da primeira edição do PROUNI e cursei minha primeira graduação na PUC-PR, instituição particular que não poderia arcar conhecendo a minha origem. Não nego minhas raízes, sou filho de duas pessoas maravilhosas – com baixa escolaridade –, que sempre foram força e amor para que eu pudesse superar obstáculos. Devo muito ao país e aos meus pais, pelos investimentos que me trouxeram até aqui. Confesso as minhas muitas limitações, mas não escondo a minha força de vontade em superá-las.

Em minha casa, durante a quarentena do covid-19;  
São José dos Pinhais, 16 de novembro de 2020



*“Não será, sei bem, tarefa fácil chegar ao mais vivo e pessoal do pensamento de Ernani Reichmann. Muitos dos que a essa empresa se lançarem, é bem provável que venham a se perder nos meandros da prodigiosa e implacável análise existencial a que Reichmann submete sua vida e a dos que à volta dele respiram, atuam, existem, quer como amigos (e tomo por exemplo a vivência de outro notável paranaense, o esplêndido Clementino Schiavon Puppi) [...]. E é provável, também, que por preguiça intelectual, ou por desinteresse, esses estudiosos abandonem no meio do caminho a ‘busca’ desesperada que Reichmann, falando de si mesmo, ou na expressão sempre aguda de seus heterônimos diversos, empreende em relação à sua existência, desde o passado mais remoto ao futuro mais distante, desde os atos mais concretos aos sonhos menos realizados, desde o Paraná onde está enraizado até a distante Dinamarca, de onde a sombra de Kierkegaard lhe acena, desde a experiência da ‘Angústia Subjugada’ até o ‘Intermezzo Lírico-Filosófico’, para concluir na ‘Volta às Origens’.”*

*Octávio de Faria,  
Kierkegaard e o existencialismo de Ernani Reichmann*

*“A história: Aqui me encontro sem história, para poder escrever com todo o meu ser (presente, passado e futuro) a tua própria história”*

*Ernani Reichmann,  
Hic Fuit, Post-Scriptum 55, 118*

## RESUMO

O tema da *angústia* foi expresso pelo filósofo Søren Kierkegaard (1813-1855) em obras como *O desespero humano* (de 1849), e pseudonímica, como *O conceito de angústia* (de Vigilius Haufniensis, em 1844). Essa foi a ordem em que Ernani Corrêa Reichmann (1920-84) se encontrou com o filósofo subjetivo, e apropriou-se do termo identificando-o e superando-o em si: momento privilegiado da sua *Angústia Subjugada*. Como um *kierkegaardiano redivivus*, elaborou um pensamento próprio, defendendo que não era filósofo, mas que através de “van der Lubbe” (seu pseudônimo kierkegaardiano), “Sorte Peer” e “van Neutgen”, pretendia contribuir com um pensamento pessoal: sua *filosofia da dispersão*. Dedicou-se a obra do dinamarquês com traduções, ensaios, exegese e palestras de divulgação em um momento nacional em que o pensador não passava de um nome distante (“até conhecido, mas pouco lido”, comenta Alvaro Valls – na década de 1980). Contudo, é ainda muito reducionista acreditar que sua maior contribuição tenha sido uma filosofia subjetiva e indireta! O riograndense, de Passo Fundo, foi advogado, economista, administrador, além de um profícuo escritor diletante. Atuou como deputado pelo PRP-RS, professor de economia na Universidade do Paraná, em governos paranaenses como o Bento Munhoz da Rocha e Ney Braga, além de ter feito parte do CODESUL-BRDE (a pedido do então Governador riograndense Leonel Brizola). Os fatos de sua vida, os encontros no século – não apenas com Kierkegaard, mas também com Dostoiévski (1821-1881), Strindberg (1849-1912), Gide (1869-1951), através principalmente de diários e cartas –, e a escrita autobiográfica ajudaram a definir sua *dispersão* em uma *terra de ninguém* – entre a literatura e a filosofia. *Hic Fuit* significa “isso foi”, além de ser o título dado ao primeiro escrito do ortônimo, publicado em 1955. Aleatoriamente organizadas pelo personagem, as notas definem a minha fonte principal e recorte temporal: 1939 a 1955. A[s] carta[s] revelam uma temporalidade compreensiva, entrecortada por espaços afetivos, narradas ao destinatário Clementino Schiavon Puppi (1919-1985) – amigo e guia de sua *Experiência de Personagem*. Fazendo uso de um *campo conceitual* que entrecruza ferramentas expressivas e analíticas, internas (dado pelo meu biografado), e externas (oriundas do debate interdisciplinar com Mikhail Bakhtin, Leonor Arfuch e Sabina Loriga) na análise empírica. Proponho como tese: a reconstrução da presença dispersa, aleatoriamente reunida no *Hic Fuit* Ernani Reichmann, com o intuito de tornar acessível a primeira etapa da *Experiência de Personagem*, que se caracterizou pela *Angústia Subjugada*. Nesse sentido, a exposição está organizada em cronotopos (Bakhtin), auto/biográficos (Arfuch, Bakhtin), corais (Loriga, Bakhtin) – a escolha nesse sentido se justifica pela condição híbrida das fontes, e porque a complexidade da performance autobiográfica de Reichmann exigia).

**Palavras-Chave:** Ernani Reichmann. Søren Kierkegaard. Angústia Subjugada. Experiência de Personagem. Dispersão. Terra de ninguém. Cronotopo Auto/Biográfico Coral.

## ABSTRACT

The theme of anguish was expressed by the philosopher Søren Kierkegaard (1813-1855) in works such as *The Human Despair* (1849), and pseudonymic, such as *The Concept of Anguish* (by Vigilius Haufniensis, in 1844). This was the order in which Ernani Corrêa Reichmann (1920-84) met with the subjective philosopher and appropriated the term by identifying and overcoming him: a privileged moment of his *Subjugated Anguish*. As a “*Kierkegaardian redivivus*”, he elaborated his own thought, arguing that he was not a philosopher, but that through “van der Lubbe” (his Kierkegaardian pseudonym), “Sorte Peer” e “van Neutgen” he intended to contribute with a personal thought: his philosophy of dispersion. He dedicated his work to the Danish author with translations, essays, exegesis and publicizing lectures at a national moment when Kierkegaard was nothing more than a distant name (“even known, but little read”, comments Alvaro Valls - in the 1980s). However, it is still very reductionist to believe that your greatest contribution has been a subjective and indirect philosophy! Born in Passo Fundo, in Rio Grande do Sul state, was a lawyer, economist, administrator, as well as a prolific writer. He served as deputy for PRP-RS, lectured economics at University of Paraná, worked in Paraná governments with Bento Munhoz da Rocha and Ney Braga, in addition to being part of CODESUL-BRDE (at the request of the Governor Leonel Brizola). The facts of his life, the meetings in the century - not only with Kierkegaard, but also with Dostoyevsky (1821-1881), Strindberg (1849-1912), Gide (1869-1951), mainly through diaries and letters -, and autobiographical writing, helped to define its dispersion in a no-man's-land - between literature and philosophy. *Hic Fuit* means “that was”, in addition to being the title given to the first written by the orthonym, published in 1955. The letter[s] reveal a comprehensive temporality, interspersed with affective spaces, narrated to the recipient Clementino Schiavon Puppi (1919-1985) - friend and guide, of his *Character Experience*. Making use of a conceptual field that intertwines expressive and analytical tools, internal (given by my biographer), and external (from the interdisciplinary debate with Mikhail Bakhtin, Leonor Arfuch and Sabina Loriga) in the empirical analysis. I propose as a thesis: the reconstruction of the dispersed presence, randomly gathered in the *Hic Fuit* Ernani Reichmann, in order to make accessible the first stage of the *Character Experience*, which was characterized by *Subjugated Anguish*. In this sense, the exhibition is organized in chronotopes (Bakhtin), auto/biographical (Arfuch, Bakhtin), corals (Loriga, Bakhtin) - the choice in this sense is justified by the hybrid condition of the sources, and because the complexity of Reichmann's autobiographical performance required).

**Keywords:** Ernani Reichmann. Søren Kierkegaard. Subdued Anguish. Character Experience. Dispersal. No-man's land. Chronotope Auto/Biographical Coral.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Os amigos Ernani Reichmann e Clementino Schiavon Puppi.....	21
Fotografia 2 - Escritório de Ernani Reichmann na rua Paula Gomes.....	53
Fotografia 3 - Catharina Nekel e Carlos Leopoldo Reichmann.....	75
Fotografia 4 - Casa da Avó paterna Catharina em Passo Fundo.....	75
Fotografia 5 - Casa da avó materna Leonor em Passo Fundo.....	75
Fotografia 6 - Pai de Ernani.....	75
Fotografia 7 - Mãe de Ernani.....	75
Fotografia 8 - Cinema Central, Avenida Maurício Cardoso, Erechim-RS.....	78
Fotografia 9 - Cupom do Cinema Central.....	78
Fotografia 10 - Irmãos Harry, Ernani, Ivany, Nery.....	80
Fotografia 11 - Irmãos Nery, Ernani, Aidy, Ivany.....	80
Fotografia 12 - Primeira residência da Família Reichmann em Erechim.....	80
Fotografia 13 - Madeireira Frederico e Joaquim Reichmann.....	87
Fotografia 14 - Madeireira Reichmann.....	87
Fotografia 15 - Moinho Riograndense e 35.....	87
Fotografia 16 - Molde vazado feito em cobre.....	87
Fotografia 17 - Ernani, Ivany e Nery, Primeira Comunhão (1928).....	92
Fotografia 18 - Colégio São José, Erechim-RS.....	92
Fotografia 19 - Atrás: Ivany e Ernani, na frente: Aidy, Joaquim Filho e Harry (1931).....	92
Fotografia 20 - Ernani com 10 anos.....	92
Fotografia 21 - Estação de Paiol Grande (1920).....	97
Fotografia 22 - Estação de Boa Vista do Erechim (1930).....	97
Fotografia 23 - Estação Capo-Erê.....	98
Fotografia 24 - Estação de Erebangó.....	98
Fotografia 25 - Estação Getúlio Vargas.....	98
Fotografia 26 - Estação de Sertão.....	99
Fotografia 27 - Panfleto da Madeireira Pagnocelli em Sertão.....	99
Fotografia 28 - Estação de Passo Fundo (1926).....	100
Fotografia 29 - Ginásio Conceição (1928).....	105
Fotografia 30 - Alunos reunidos para a oração e momento cívico (1929).....	105
Fotografia 31 - Quadro de formatura do Ginásio Conceição Turma de 1937.....	119
Fotografia 32 - Detalhe do Quadro.....	119
Fotografia 33 - Família Reichmann, Erechim-RS (1939).....	119
Fotografia 34 - Colégio Universitário de Porto Alegre, Caderneta Escolar (1940).....	123

Fotografia 35 - Ernani Reichmann (1941).....	132
Fotografia 36 - Annie Tempel (1942).....	132
Fotografia 37 - Ernani Reichmann, Curitiba (1943).....	132
Fotografia 38 - Annie Tempel, Curitiba (1943).....	132
Fotografia 39 - Casamento de Annie Tempel e Ernani Reichmann.....	155
Fotografia 40 - Isolda Reichmann (primeira filha).....	160
Fotografia 41 - Brunilda Reichmann (segunda filha).....	160
Fotografia 42 - Documento de Identificação ALERS, 1949.....	174
Fotografia 43 - Documento de Identificação ALERS, 1954.....	174
Fotografia 44 - Residência de Ernani e Annie Reichmann desde 1951.....	186
Fotografia 45 - Ernani e Annie (1951).....	186
Fotografia 46 - Ernani e Annie, Curitiba (1953).....	186
Fotografia 47 - Máquina de Escrever de Reichmann.....	186
Fotografia 48- Brunilda e Isolda, Curitiba (1956).....	186

## **ABREVIACÃO DAS FONTES MAIS RECORRENTES<sup>3</sup>**

### **HIC FUT: 1939-1955**

[HF1] Carta a Clementino Schiavon Puppi (1955)

[HF2] Post-Scriptum 55, ao Hic Fuit (1981)

[HF3] Post-Scriptum 56, ao Hic Fuit (1981).

### **Folhas Azuis: 1944-1967**

[FA1] Cartas a Clementino Schiavon Puppi (1981).

[FA2] Carta inacabada – a Clementino Schiavon Puppi (1967).

[FA3] Notas a carta inacabada – a Clementino Schiavon Puppi (1967).

### **Cadernos van der Lubbe: 1947-1955**

[VL1] Firmino e Elvira (1953)

[VL2] Ernesto, o progresso e o nada (1953)

[VL3] O Padre Miguel (1954)

[VL4] Jules (1954)

[VL5] O casamento de Genoveva (1954)

[VL6] O drama de Luciano (1981)

[VL7] Pierino (1955)

### **Cadernos Dissonanz: 1951-1955**

[CD1] Carta a meu Pai, de van Neutgen (1955).

[CD2] Tio Doca, de van Neutgen (1981).

### **Kierkegaardiana: 1946-1955**

[K1] Diário 1834-A, de Kierkegaard (Tradução, 1955)

[K2] Unidade e Dispersão de Kierkegaard (1955)

[K3] No Centenário de Kierkegaard (1955)

[K4] A Deshumanização de Kierkegaard (1955)

---

<sup>3</sup> O ano em parênteses se refere à publicação.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
Puppi é o melhor exemplo brasileiro do pensador subjetivo de Kierkegaard .....	21
Eu fui até Kierkegaard preocupado com os meus próprios problemas .....	25
Vim, desde o início, na condição de personagem.....	29
“Hic Fuit” (1939-1955) .....	31
Minha experiência começou tu estando presente e deve concluir do mesmo modo .....	33
Era um dia de festa .....	34
Jamais escreverei um Diário, Puppi .....	36
Meu caro leitor .....	37
Para explicar o que entendemos por dispersão .....	44
Era a minha autobiografia, Puppi .....	50
<b>A MINHA MESA TEM NOVE GAVETAS .....</b>	<b>53</b>
As tuas “folhas azuis” pareceram-me sempre jorros incontroláveis .....	55
Não há dúvidas de que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer são protótipos.....	58
Expressar é um dispersar-se daquele que se expressa .....	62
(Não te lembras deste esquema, Puppi?) .....	65
<b>1920-1932.....</b>	<b>73</b>
Passo Fundo, cidade onde nasci .....	73
Um homem vem de Hannover.....	76
Desde moço, pelo que ouvi de seus próprios lábios .....	77
Mal completara um ano de idade, fui com meus pais para Erechim .....	79
Poema do que não morreu .....	82
Na qualidade de mecânico, o senhor entrou como sócio da firma R. I. ....	84
O senhor descobrira uma finalidade para seu esforço .....	86
<b>1933-1940.....</b>	<b>93</b>
A única coisa que levei para o internato foi a minha tristeza permanente .....	93
Depositei tudo o que trouxera de Erechim, tudo o que me prendia a Erechim .....	94
A desolação e a melancolia estavam em mim .....	101

Duas coisas me impressionaram quando desci do trem .....	104
Ah! as lembranças daqueles dias frios.....	107
Certa vez, foi em 1937, meu pai, eu fazia instrução militar .....	113
Deixou a fábrica para trás e continuou seu caminho .....	121
Eu, quando deixei Erechim e segui para Porto Alegre .....	124
Nas minhas “vagabundagens” .....	126
<b>1941-1954.....</b>	<b>131</b>
Mais algum tempo e vim para Curitiba .....	132
Consegui em São Paulo os “Irmãos Karamazof” .....	140
Foi um caso de amor fulminante, que duraria toda a vida.....	151
Amigo vou ser pai. Mais um a me habitar.....	160
Estou em Campo Largo, sem saber por que... ..	163
Desenvolvo uma atividade extraordinária, sem me afetar naturalmente .....	169
As contradições de um espírito atormentado.....	171
Quando lembrei sábado último, que entraria nesta casa.....	173
A conferência (1951).....	187
Eu vinha subindo a rua Paula Gomes .....	190
Já se fala no Kierkegaardiano paranaense .....	193
van der Lubbe pode falar das suas relações com Kierkegaard .....	196
Os cadernos...?.....	206
No Firmino há perfeita unidade entre o interior e o exterior.....	210
No Ernesto, essa unidade deixa de existir pela intromissão dos outros.....	213
No que se refere ao Padre Miguel, tudo se esclarece nos três enunciados seguintes .....	216
No Casamento de Genoveva .....	218
O Diário de Luciano .....	220
Alunos célebres (de 54).....	222
<b>1955 .....</b>	<b>226</b>
Não é demais ressaltar a importância do Diário .....	229
Os dois séculos (de 45 com emenda de 55).....	238

O “Pierino”. É o teu livro mais “atual” .....	241
Início hoje, 9/6/55 – um novo parênteses na minha vida .....	242
Estou diante de mim mesmo como um monge.....	246
Kierkegaard (11.11.55).....	247
Um quadro (11.12.55) .....	250
Uma carta de 30.11.55.....	252
“Minha vida foi um ensaio falhado”! .....	253
<b>APENAS UMA TENTATIVA DE SÍNTESE FINAL .....</b>	<b>256</b>
<b>FONTES DA TESE .....</b>	<b>261</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>262</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>276</b>
Apêndice A – Catálogo de <i>Escritos Completos</i> de Ernani Corrêa Reichmann .....	276
1. Escritos em ordem cronológica, publicados em vida .....	277
[P17] REICHMANN, Ernani. <i>Cadernos do homem [1] - Ensaio de existência</i> . Curitiba: [s. n.], 1960. ....	281
[P23] REICHMANN, Ernani. <i>Intermezzo Lírico-Filosófico. 1ª Parte</i> . Curitiba: Edição do Autor, 1962. ....	284
[P24] REICHMANN, Ernani. <i>Intermezzo Lírico-Filosófico. 7ª Parte</i> . Curitiba: Edição do autor, 1963. ....	285
2. Escritos publicados post-mortem .....	301
3. Títulos não publicados .....	306
4. Traduções referidas, sem localização conhecida.....	306
5. Obras organizadas e editadas .....	306
Apêndice B – Parceiros de Experiência Ernani Corrêa Reichmann.....	307
Apêndice C – Cadernos van der Lubbe.....	308
Apêndice D – Resumo dos Documentos Funcionais de Ernani Reichmann .....	309
<b>ANEXOS .....</b>	<b>313</b>
Anexo A – Discurso Parlamentar, 1949 .....	313
Anexo B – Entrevista Ingênua (Não Sentimental), 1967 .....	318

## INTRODUÇÃO

“Comprei uma mula. Saio, às vezes, e fico perdido, sem me encontrar.  
Bem feito, quem me mandou esquecer o fio de Ariadne? Esse fio é meu desespero.  
Li Kierkegaard” (FA1, 19).

“Tua carta vai me servir de guia no emaranhado em que, tenho certeza,  
acabarei mergulhando” (FA1, 72).

Escrever sobre uma vida não é um desafio simples, esse é um lugar comum até para os grandes teóricos e escritores de biografias. Arrisquei-me a escrever sobre a vida de Ernani Corrêa Reichmann (1920-1984). Aparentemente um desconhecido, uma memória talvez ainda lembrada e celebrada apenas por sua família e pelos seus familiares, ou alguns poucos amigos e admiradores. Contudo, o mais inusitado é que não fui eu que fui até ele, mas foi ele que veio até mim. Compartilhávamos interesse comum pelas obras do filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), eu havia lido *Temor e Tremor* (1843) e, ele *O desespero humano* (1849). A leitura havia me impactado de maneira radical – era um momento singular em minha vida, cursava filosofia e decidi ter uma experiência religiosa.<sup>4</sup> A obra apresentava a história de Abrão e seu filho Isaac, história essa que, ao ver de Kierkegaard, era muito representativa para a compreensão do estágio religioso. Kierkegaard desenvolveu uma *teoria* dos estágios, pois buscava “encontrar as leis e caminhos pelos quais a vida humana se põe em movimento” e que daria conta de uma “visão total da vida humana”:

Kierkegaard estava plenamente convencido que essa teoria abrangia todas as possibilidades da existência humana [explica Gregor Malantschuk]. Isso expressa-o, também, na seguinte nota do Diário<sup>5</sup>: “Meu mérito em relação à literatura será sempre o de ter expressado as categorias decisivas de todo o campo existencial e isso de um modo dialético tão agudo e tão primitivo como, pelo que sei, não se fez em nenhuma outra literatura. Assim não tive nenhuma obra para me aconselhar”. [...] Kierkegaard, como é sabido, dispôs três estágios para a vida humana: o estético, o ético e o religioso. [...] A investigação da estrutura dos estágios nos mostra que Kierkegaard construiu toda a sua teoria a partir de um único e claro pressuposto, isto é, a concepção do homem como síntese de duas qualidades completamente distintas. Kierkegaard denomina essas duas qualidades, pela quais cada homem é composto, com palavras

---

<sup>4</sup> Ingressei como estudante de filosofia na PUC-PR em 2006. Devido a convivência com seminaristas, irmãs, freiras e padres, senti-me tocado a realizar um sonho infantil: ser padre. Mas, mal imaginava que para sustentar uma decisão tão radical era necessário mais do que simplesmente fê. Fui seminarista da Ordem dos Servos de Maria, de 2007 até meados de 2008. Kierkegaard me foi um companheiro fundamental, principalmente, para definir os rumos que minha vida tomaria nos anos seguintes.

<sup>5</sup> Kierkegaard eram um grande diarista, seus diários são conhecidos como *Papirer*. A versão editorial começou a ser editada entre 1909 e 1948, somava cerca de 8 volumes. Contudo a versão mais expressiva somente vai sair 20 anos depois: “a segunda edição da *Søren Kierkegaard Papirer*, desta vez organizada por N. Thulstrup, em 16 volumes e 25 tomos” in: SANTOS, D. R. M. *O legado intelectual de Søren Kierkegaard*, 2005, p. 353.

como tempo e eternidade, finito e infinito, corpo – alma e espírito, necessidade e liberdade... (K6, p. 15-16).<sup>6</sup>

Em outra passagem do texto Malantschuk resume a teoria de Kierkegaard, da seguinte maneira:

[1º] O homem pode manter-se exclusivamente no temporal, no mundo sensível, que é dado pelo estágio estético.

[2º] O homem pode além disso, tender ao eterno ou pode, enquanto o eterno vem a ele, aceitar o eterno. Em ambos os casos, procura unir os dois membros da síntese (o temporal e o eterno) – assim, temos a passagem do estágio estético para o ético e, em seguida para o religioso.

[3º] No último estágio, está sempre presente a perigosa possibilidade de que, embora tendo conhecimento do eterno, este conhecimento não adquira significação para a existência humana e o homem vive no desespero que surge da incompreensão entre os dois membros da síntese (K6, p. 17).

*Temor e tremor* diz respeito a passagem do segundo para o terceiro estágio, aquilo que Kierkegaard chamou de *salto de fé*. Abraão era um exemplo de *cavaleiro da fé*, pois suspende a ética ao entregar seu filho mais *querido* como holocausto a Deus. Seu ato de loucura para os homens, revelava a “beatitude eterna” do crente que sofre em silêncio, diante da prova mais paradoxal da existência humana. Como pode um pai sacrificar seu filho? Isso apenas era possível com um salto de fé, ao transpor a doença para a morte: o desespero. Essa obra me aproximou de Ernani Reichmann, ou melhor apresentou-me *A introdução à obra Kierkegaard*, de Malantschuk – tradução feita por Reichmann que me chegava as mãos fotocopiada, graças a um irmão servita que escrevia sua monografia sobre Kierkegaard à época.<sup>7</sup> A apresentação de Ernani Reichmann a *Introdução* despertou-me a curiosidade de conhecer o tradutor que havia conhecido pessoalmente Malantschuk durante sua estada em Copenhague (cf. K6, p. 5-6). Enquanto lia outras obras de Kierkegaard, descobria uma ou outra publicação de Reichmann. Decepcionou-me saber que ele havia falecido em 1984, no fundo, sentia que poderia aprender muito na sua presença.

Ainda que Kierkegaard fosse nosso elo de ligação, eu começava a colecionar os primeiros volumes de escritos de Ernani. Ora fotocopiados, ora garimpados em sebos, ora pelas mãos do livreiro Aramis Chain, ou ora doados. Essas leituras não eram despertadas por um espírito acadêmico, eu me voltava para elas buscando edificação espiritual e esperava amenizar

---

<sup>6</sup> Levaria muito longe demonstrar aqui os pressupostos dessa *teoria*, por ora a citação ilustra algumas peculiaridades que balizam as obras de Kierkegaard. Posteriormente, retomarei a citação em questão, quando no desenvolvimento do trabalho explicar as relações de Reichmann e Kierkegaard. Outro ponto relevante é que, enquanto introdução, o texto de Malantschuk no contexto em que foi publicado, fornecia elementos subsidiários a uma boa leitura. Considerando seu uso lado a lado com *Os pensadores* dedicada a Kierkegaard, que é desde a década de 1970 a edição mais popular no mercado. Contudo, a tese de Malantschuk não se sustenta, e nem dá conta de questões mais complexas colocadas pela obra de Kierkegaard como um todo.

<sup>7</sup> Frei Davi Maria Minatto que realiza atualmente seu mestrado em Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico, em Roma.

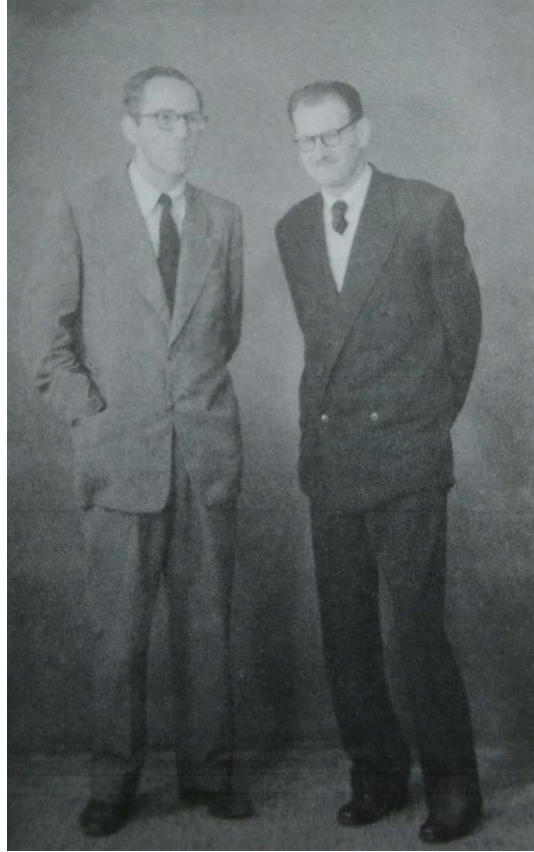
algumas questões existenciais que me afligiam – ainda admiro aqueles que se engajam para a causa de Kierkegaard. Minhas preocupações acadêmicas no campo da filosofia sempre estiveram ligadas à lógica, epistemologia e a filosofia da matemática. Mas foi após concluir o mestrado, em um momento de profunda angústia, que Ernani Reichmann retornou ao meu horizonte de interesse – era 28 de janeiro de 2014. Meu pai lutava sem esperanças com a saúde debilitada, ainda não tinha um diagnóstico fechado, para um tratamento que lhe restituísse a saúde. Há alguns dias ele havia sido internado sob suspeita de câncer do sistema linfático no Hospital do Rocio, em Campo Largo. Foi um momento difícil, e exigia de nossa família um apoio irrestrito.

Nesta tarde em questão, aguardava para conversar com seu médico, mas tinha algumas horas a meu dispor. Resolvi caminhar pelas ruas próximas ao hospital, enquanto pensava, uma vitrine despertou minha atenção – eram livros e um ambiente convidativo. Nunca esquecerei a fachada do imóvel e o jardim, recuada da calçada estava a vitrine que me entretinha. Olhei para o alto, uma placa comercial sinalizava: Livraria dos Santos Reis. Apesar daquele ambiente ter conquistado minha atenção, não estava com disposição de entrar. Contudo, o tempo mudara e me obrigava a refugiar-me da chuva nessa acolhedora livraria.

Meus olhos percorriam as prateleiras, as lombadas e os títulos, nada aguçava a vontade de comprar algum daqueles livros – minha preocupação era infinitamente maior. Começava a acalmar a chuva, eu já me dirigia para a porta, quando reconheci a capa de um livro – aliás, não era um, havia uma pilha e um cartaz informando que aqueles volumes eram cortesia da livraria. Meu interesse se reavivou, talvez o leitor esteja pensando na bagatela! A capa não tinha nada de especial, o livro era uma brochura simples. No entanto, fiquei surpreso pois o título justificava tudo: *Cartas e sueltos para Ernani Reichmann* (1980), de Clementino Schiavon Puppi. Imediatamente inquiri a dona do estabelecimento do porquê aqueles volumes eram cortesia! Descobria naquele momento que a livraria pertencia a filha mais velha de Puppi, eu conversava com a senhora Verginia Küster Puppi. Ela me dedicou o livro com as seguintes palavras: “Ao Gilvani, com a alegre surpresa de descobrir um admirador do destinatário destas cartas”. Suas palavras descrevem bem como Reichmann me chegava pela segunda vez. Desde esta data mantive contato com Verginia, as cartas e sueltos me mostravam outro Ernani. Aquelas cartas me revelavam uma amizade de muitos anos, um circuito de correspondências e afetividades que desconhecia até então – em todos os sentidos. Nunca havia tomado nenhuma carta, quem dirá um livro de cartas nas mãos. Aquela leitura me conquistou, devotei-me a elas vários dias – lia e relia, tomava notas. Antes do dia 28 de janeiro de 2014, eu somente conhecia o tradutor. Além dele, ganhava a companhia de seu melhor amigo – e, por que não de sua filha



primogênita, também formada em filosofia (como eu). Preciso deixar que Ernani testemunhe sua admiração e respeito pelo amigo, seu relato está na *Liminar* – e, ele fala do alto de seus 60 anos:



*Fotografia 1 - Os amigos Clementino Schiavon Puppi e Ernani Reichmann*

Clementino Schiavon Puppi não escreveu muito: uma novela (“Juliana”), uma peça de teatro (“A janela de Naís”) e estas cartas. E, agora, do alto de nossos sessenta anos, eu pergunto: seria preciso escrever mais, encher milhares de páginas, centenas de cadernos, publicar dezenas de livros? E respondo: não, quando a doação de si mesmo é total, sem reservas, ou quando uma obra, seja mesmo uma carta, tem vigor suficiente para penetrar a interioridade dos outros com a força das criações perfeitas, acabadas, sem sobressaltos, distorções ou leviandades.

Clementino Schiavon...

### **Puppi é o melhor exemplo brasileiro do pensador subjetivo de Kierkegaard**

...Sua tarefa consiste em compreender-se a si mesmo em sua existência. Se essa compreensão era o princípio grego, diz o mestre dinamarquês, é também o princípio cristão, comportando, porém, determinações muito mais ricas e muito mais profundas, ainda mais difíceis de se compreender em suas relações com a existência. A forma de sua mensagem é seu estilo e não há, não conheço, forma mais fascinante do que o estilo de Clementino Schiavon Puppi.

Não vou levar a coisa mais longe. Nossos leitores, por certo, conhecem as páginas sobre o pensador subjetivo, que foram publicadas na Seleção de Textos de Kierkegaard. Ler essas páginas e, em seguida, as cartas de Clementino Schiavon Puppi, é mais do que suficiente para se conhecer um exemplo concreto de pensador

subjetivo em terras paranaenses, nascido e criado ali mesmo em Campo Largo. Não é o local onde se nasce que nos torna o que somos, mas de qualquer modo a paisagem interiorizada possui uma força que não podemos ignorar. É preciso, porém que se exista nessa paisagem como Clementino Schiavon Puppi existe em Campo Largo e em Curitiba, por acréscimo.

A admiração que sinto hoje diante destas cartas é maior do que há vinte ou trinta anos atrás. Meu entusiasmo também aumentou. Se isso, em parte, se deve ao meu amadurecimento, deve-se muito mais às próprias cartas. Sua mensagem não é apenas atual (atual sempre), mas eterna, testemunho de um homem que aos vinte e cinco anos percorreria um caminho que outros levam sessenta anos para percorrer. Daí a intensidade, a profundidade, o humor (kierkegaardiano), que constituem o próprio estilo (para não falar na maneira de ser) de Clementino Schiavon Puppi.

Conhecer estas cartas é conhecer o homem em toda a sua singularidade. E nada mais necessário num tempo em que todos procuramos proceder dentro de um nivelamento que é mais do que um desprezo pelos valores humanos porque chega mesmo a ser desumano: o homem tentador do próprio homem em formas que o demônio desconhece, pelo refinamento, pela sutileza, pelos subterfúgios, pelos egoísmos e vaidades. Relegado ao canto mais escuro e sombrio do quarto, o demônio hoje não passa de um aprendiz do homem – ele que conhecia todas as artes e truques no mundo da sedução e do pecado.

É lamentável tudo isso, pois sem a distância necessária para se ter a consciência de nossos erros (e a visão do demônio colocava essa consciência pela distância), tudo o que fazemos, por mais terrível que seja, parece justificado e a ciência aí está para corrigir o que não pode ser corrigido (dentro de nós), pois já não damos mais espaço para que a consciência possa emergir (dentro de nós).

Está no tempo de voltarmos a saber o que é ser homem. Quando falei sobre isso, há dez ou vinte anos atrás, não imaginava que o problema pudesse ser tão urgente. Para isso valem as cartas de Clementino Schiavon Puppi por isso a sua eternidade, se é que o homem pode mesmo perdurar neste mundo convulsionado, que fez do demônio um mero aprendiz (do homem).

Lamento ter publicado estas cartas somente agora, embora conhecendo o seu enorme valor. Mas nunca é tarde quando se possui um mínimo de esperança e de fé na transcendência que os homens procuram escorraçar de sua realidade, como se esta devesse se limitar ao automatismo nietzscheano, também: automatismo dos instintos. Peço ao leitor que dê ao Puppi o que ele sempre esperou de mim: um momento de reflexão, sem falsos moralismos ou quaisquer outras limitações, pois o que importa é ser homem com todas as suas paixões, inclinações, etc. para que a eleição (“ou isso – ou aquilo”) se torne possível e a transcendência retome sua realidade (dentro de nós).

Curitiba, 1º de julho de 1980

Ernani Reichmann

NB – As notas exigidas para um cabal entendimento destas serão dadas a conhecer após a publicação de “Angústia Subjugada” (possivelmente em 1981), onde se encontram minhas cartas a Puppi.

Clementino Schiavon Puppi (1919-1985) nasceu em Campo Largo, Paraná. Casou-se com Maria Küster Puppi. Bacharel pela Faculdade de Direito do Paraná, diplomado em 1945 – Universidade do Paraná. Ingressou na magistratura em 1953, como juiz substituto em Londrina. Promovido em 1954 e até 1957, foi juiz na comarca de Santo Antonio da Platina. De 1957 a 1965, foi juiz em Jandaia do Sul, Clevelândia e Prudentópolis. Em 1966, Ponta Grossa. Em 1967, Curitiba – onde permaneceu até os seus últimos dias. Em Curitiba, tornou-se Juiz do Tribunal de Alçada em 1977. E em 1979, torna-se Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná, além de ter presidido o Tribunal Regional Eleitoral no biênio de 1984 a 1985. Além do

livro de cartas, ao qual nos referimos anteriormente, ele escreveu o romance *Juliana* (1957) e a peça *A janela de Nais* (1960), com prefácio de Mario Montanha; todos editados e publicados pelo amigo Ernani. É Puppi o interlocutor das cartas, e quem Reichmann chama de pensador subjetivo.

Agora que obtemos alguns dados biográficos de Puppi e podemos formar uma imagem (sempre precária), posso orientar que a longa *Liminar* que citei serve como espelho a Reichmann. Ele via em Clementino um ideal, que ele gastaria “sessenta” anos de sua vida para alcançar. Foi preciso a Ernani “escrever mais, encher milhares de páginas, centenas de cadernos, publicar dezenas de livros”, para alcançar o nível de subjetividade que Puppi já exibía aos vinte e cinco anos. Embora Puppi fosse um ideal, sua importância para a biografia de seu amigo extrapola esse domínio. Reichmann tinha seu próprio caminho, por vezes perdia-se nele mesmo (no balanço e ao trotar de mula), ele é labiríntico, seus escritos são reflexo de sua vida, mas o fio de desespero que o liberta é confessadamente kierkegaardiano. Com a *Liminar* Ernani está afirmando a Puppi que, somente as cartas dele podem “servir de guia no emaranhado em que, tenho certeza, acabarei mergulhando”.

A curiosidade sobre a vida daqueles desconhecidos capturou-me de súbito, a leitura apenas dava prova da riqueza vivencial e concreta que podia receber dessas mãos. A ideia de conhecer mais sobre a vida de Reichmann crescia e já começava a ganhar forma. Foi nesse horizonte que me voltei integralmente a Ernani Reichmann, e como a historiadora Vavy Pacheco Borges diz, “mergulhei na alma” de meu biografado.<sup>8</sup> Durante este processo de aproximação, fui descobrindo um Ernani Reichmann plural, não apenas o tradutor e estudioso de Kierkegaard, o terno amigo de Puppi, haviam outros “eus” dele que despertavam assombro e curiosidade. Foi nessa duplicidade que cheguei até aqui, assim como Kierkegaard, ele também tinha pseudônimos e uma vasta e complexa obra. São muitos os detalhes, lamento não poder narrar todos! Contudo é importante dizer que me aproximei de vários momentos dessa vasta produção, tive contato com amigos, colegas de trabalho, família, familiares, sem mencionar vultuoso arquivo de documentos, fotografias e vestígios que acumulei – meu problema, dizia minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Boschilia, sempre foi e permanecerá a vertiginosa quantidade de fontes.<sup>9</sup> A quantidade enorme de fontes me sugeriam inumeráveis possibilidades

---

<sup>8</sup> BORGES, V. P. *O “eu” e o “outro”*, 2009, p. 227.

<sup>9</sup> Serei eternamente grato a ela, mas confesso que a subestimei. Eu não enxergava o que ela via de antemão, durante muito tempo a documentação e a leitura ocuparam-me. Fiquei desesperado no sentido kierkegaardiano do termo, ao lidar com uma massa tão grande de informações. Minha ilusão foi acreditar que daria conta de uma vida tão complexa, com tantas e tão variadas manifestações de Ernani Reichmann que podia ter – e existem! Tardamente, compreendo que meu trabalho é apenas a ponta do iceberg, outros virão – trabalhos meus – e quem sabe, inspirados pelo meu (seja para punir meus pecados e vícios, ou contribuir para a causa de Reichmann).

de aproximação acadêmica, mas desde o início via que antes de trabalhar qualquer dimensão daquela *experiência*, havia um problema biográfico grave: Ernani Reichmann era um desconhecido, mesmo tendo deixado uma contribuição tão expressiva! São raras as exceções e entre elas está, certamente, Alvaro Valls, que nunca deixou de mencionar o feito pioneiro de seu conterrâneo.<sup>10</sup>

A problemática de minha pesquisa formou-se neste contexto de muitas contradições, as obras e vestígios da existência de Ernani Reichmann me chegava por muitas vias. Cumpri pavimentar o acesso a este nome do passado, eu desejava tornar acessível a vida e suas muitas manifestações, principalmente, a aqueles que pertenciam ao círculo de Kierkegaard no Brasil – em sua maioria ligados ao filósofo e fundador da Sociedade Kierkegaard do Brasil (Sobreski). As obras de Kierkegaard começavam a ser mais acessíveis, graças a tradução de alta qualidade empreendidas diretamente do dinamarquês por Valls, mas ainda pouco se conhecia de Reichmann. Valia ainda o preceito “E não se leu Reichmann!”<sup>11</sup> – ou para ser, mais exato: “Um profeta só é desprezado em sua pátria, em sua parentela e em sua casa.”<sup>12</sup> Valls não esconde e sempre reitera sua dívida e gratidão para com essa “ave rara” brasileira, mas não se trata aqui de saldar dívidas ou de realizar o culto ao herói. A questão central ainda é: Ernani Reichmann permanece inacessível, em sua solidão autoimposta, subestimado e desprezado para kierkegaardianos ou não. Valls indica que em parte isso se deve a maneira como ele se aproximou de Kierkegaard,

[1] O melhor que aconteceu ao Brasil, nessa área [sobre a recepção da obra e do pensamento de Søren Kierkegaard], continua ligado ao nome de Ernani Reichmann, um professor de Economia, nascido no Rio Grande do Sul, formado em Direito [e Economia], apaixonado por literatura, admirador de Kierkegaard, Nietzsche<sup>13</sup> e Wagner, um homem original, um *atopotatos* [2], a quem Henri-Bernard Vergote<sup>14</sup>, quando o conheceu em Curitiba, qualificou como mais um *Kierkegaard redivivus* [3], comparando-o com Tisseau e Malantschuk. Reichmann conhecia os idiomas alemão, inglês, francês, espanhol e português. Deixemos que ele mesmo se apresente: “Sobre eu mesmo, tendo lido o *Desespero humano* e, um pouco mais tarde, *O conceito de angústia*, ...

<sup>10</sup> Cf. REDYSON, D.; ALMEIDA, J. M., PAULA, M. G. *Søren Kierkegaard no Brasil*, 2007, p. 7-15.

<sup>11</sup> Cf. ARAUJO, G. A. *E não se leu Reichmann*, 2019. O autor expõe como foi a recepção dos escritos de Ernani Reichmann, e o estado da arte da sua fortuna crítica no Brasil.

<sup>12</sup> Cf. Mc, 4, 4; Lc, 4, 24 (leituras extraídas da edição: *Bíblia de Jerusalém*).

<sup>13</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo e filólogo alemão, além de grande crítico da cultura. Dedicou seu pensamento à crítica da religião, moral, filosofia, ciência e a cultura contemporânea. Escreveu de maneira singular uma vasta obra de estilo único, exibindo certa predileção pela metáfora e a ironia – através de aforismos.

<sup>14</sup> Henri-Bernard Vergote (1931-1996) foi um filósofo francês e tradutor de Kierkegaard. Sua tese doutoral permanece uma das principais obras dedicadas ao pensador dinamarquês, foi publicada em dois volumes pela editora Cerf/Orante: *Sens et répétition: essai sur l'ironie kierkegaardienne* (1977). Traduziu ainda uma seleta de textos de Kierkegaard, *Lectures philosophiques de Søren Kierkegaard* (1993). Esteve no Brasil entre 1983-1984, quando conheceu Alvaro Valls e Ernani Reichmann.

## Eu fui até Kierkegaard preocupado com os meus próprios problemas

...Eu escrevi alguns ensaios que não eram uma contribuição original, mas que pretendiam divulgar o pensamento de Kierkegaard no Brasil. Mais tarde (1959), eu tive a oportunidade de viajar para a Dinamarca, tendo aprendido o idioma dinamarquês para ler Kierkegaard e seus intérpretes no original”.

Tendo deixado no Brasil suas filhas (Isolda e Brunilda), passou com sua esposa um ano em Copenhague [4].<sup>15</sup>

Da fala de Valls quatro informações merecem destaque: [1] ainda que a formação de Ernani não contribuísse, e nem justificasse sua apaixonada relação com Kierkegaard e o grande interesse que tinha por literatura, música e filosofia, revelava-me nele um espírito diletante. “Certa vez visitou-me um professor de literatura alemã, um suíço”, revela-nos Reichmann, “e ao ver meus livros de história da filosofia, perguntou-me se lecionava essa cadeira. Respondi-lhe que não, que era *um diletante*... Foi, então, que o professor suíço me disse com grande desalento: – É uma pena. Tanto capital empatado sem nenhuma retribuição...” (cf. HF1, 88) Essa questão era paradoxal, pois como um professor universitário de Economia podia ter dedicado tanto a causa de Kierkegaard? Ernani escrevia de uma *terra de ninguém*, entre a literatura e a filosofia (cf. HF2, 46, 64). Este é um dos conceitos centrais do pensamento de Reichmann, pois ele não falava de um lugar institucional, acadêmico e tradicional. Ao contrário, por ser um amante das artes e literatura, sua erudição revelava-se autodidata, cultivada no silêncio e na solidão.

Outro aspecto [2] diz respeito a Valls considerar Reichmann “um homem original, um *atopotatos*”. Platão havia qualificado a principal personagem de seus diálogos – Sócrates – como *atopos*, ou mais precisamente, como *atopotatos*: a “mais singular das criaturas”.<sup>16</sup> Valls identifica Reichmann de maneira semelhante, como o “mais singular” entre os estudiosos

<sup>15</sup> VALLS, A. L. M. *Kierkegaard no Brasil*, 2009, p. 155, *itálico meu*. A citação que Valls transcreve pode ser consultada em K11, p. 79.

<sup>16</sup> Cf. HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, 2014, pp. 108-109: “Poder-se-ia dizer que Sócrates é o primeiro indivíduo da história do pensamento ocidental. Como bem sublinhou W. Jaeger, a literatura socrática, notadamente as obras de Platão e Xenofonte, buscando fazer o retrato literário de Sócrates, esforça-se por mostrar sua originalidade, sua unicidade. Essa necessidade nasce certamente da experiência extraordinária que representa o encontro com uma personalidade incomparável. Está bem aí, como observou Kierkegaard, o sentido profundo das expressões *atopos*, *atopia*, *atopotatos*, que ressurgem muito seguidamente nos diálogos de Platão para descrever o caráter de Sócrates, por exemplo no *Teeteto* (149a): ‘Diz-se que eu sou *atopotatos* e que eu só crio a *aporia*’. A palavra significa etimologicamente “fora de lugar”, logo estranho, extravagante, absurdo, inclassificável, desconcertante. Em seu elogio de Sócrates no *Banquete*, Alcibiades insiste nessa particularidade. Existem, normalmente, nos diz ele, classes de homens, tipos ideais aos quais correspondem os indivíduos; por exemplo, há o tipo ‘grande general nobre e corajoso’, seus representantes são, na Antiguidade homérica, Aquiles e, entre os contemporâneos, o chefe espartano Brásidas; há o tipo ‘homem de Estado eloquente e precavido’, seus representantes são, na Antiguidade homérica, o grego Nestor, o troiano Antenor e, entre os contemporâneos, Péricles. Sócrates, no entanto, não se encaixa em nenhuma classe. Não se pode compará-lo a nenhum homem, conclui Alcibiades, quicá aos silenos e aos sátiros. Sim, Sócrates é o Indivíduo, o Único, esse Indivíduo tão caro a Kierkegaard que ele queria que se inscrevesse sobre o próprio túmulo: ‘ele foi o Indivíduo’.”

brasileiros de Kierkegaard. No entanto, isso apenas acentua as contradições, como era possível um intelectual tão reconhecido permanecer no anonimato? Não passar de meras notas de rodapé ou, de quando em quando, um elogioso obituário? A resposta talvez tenha a ver com o fato de Reichmann ser um dileitante, um completo desconhecido até mesmo para a Universidade que o formou e o acolheu como professor. Essa não é uma realidade distópica, acredito que haja muitos outros na mesma situação de Ernani. Além disso, o juízo de Valls capitula bem a “exceção” que o próprio confessa sobre si-mesmo (cf. CD1, p. 168).

Mais um aspecto relevante [3] diz respeito a forma como Ernani lia e compreendia Kierkegaard. E esse aspecto contribuía de maneira central para a problemática de minha pesquisa. Havia uma cumplicidade entre eu e Ernani, que apenas podia ser explicada pela empatia e a alteridade – elementos necessários para um trabalho biográfico. Vergote identificava em Reichmann um “*kierkegaardiano redivivus*”, ou seja, alguém que revivia em si a experiência de Kierkegaard – simplificadamente, um “novo” Kierkegaard. Nesse sentido, ele se distinguia daqueles que iam ao pensador com uma finalidade apenas acadêmica.

EXPERIÊNCIA – Ernani se voltou para a filosofia de kierkegaard, porque via nela uma sabedoria existencial capaz de ajudar-lhe a lidar com sua *experiência*. Contudo este termo, que para muitos é correlato de vivência, em Reichmann tem outra pragmática. Ernani critica a visão pessimista do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), nas suas *Meditações Cartesianas* (1929), ao postular a decadência da filosofia. Ernani argumenta que a filosofia não é um privilégio dos “filósofos” e propõe seu “extravasamento”, ou seja, a filosofia nas mãos dos que desejam contribuir, mas não são especialistas. Ernani argumenta em favor de *experiências* e não de uma filosofia única, afinal “...é preciso que se pense mais nos filósofos do que na filosofia, nos filósofos, é claro, portadores de uma experiência pessoal de relativa originalidade, não é necessário que apresentem uma filosofia, mas que ao menos deixem a descoberto sua experiência” (HF1, 68). Logo, mais do que revelar vivências, as *experiências pessoais* – como a de Reichmann – são contribuições também significativas para a cultura. Em uma carta a Puppi, Reichmann elucida essa condição com base nos argumentos de seu pseudônimo van der Lubbe:

A preocupação de van der Lubbe consistiu em derramar um pouco de água fria na minha vontade de escrever um ensaio sobre o genial poeta-pensador dinamarquês – expressão de Karl Jaspers. A argumentação do autor de Firmino e Elvira fixou-se no seguinte: 1º - no desencanto que Kierkegaard sentia pelo “professor” – essa raça tão antipática que herdou e que continuará herdando os tesouros do espírito (cf. Kierkegaard). 2º - na impossibilidade de discorrermos sobre ele, depois de vivermos os seus temas. O primeiro argumento é um grande obstáculo para muitos e para mim... Nesse momento acudiu-me à lembrança o sentido das palavras de Jolivet, na sua Introdução a Kierkegaard: “Não, Kierkegaard nunca será para nós um objeto, matéria



de discussões de escola e ocasião de especulações abstratas”. O segundo argumento admite duas hipóteses: ou sentimos verdadeira e realmente a Kierkegaard, não podendo senão elegê-lo nosso herói – “indo de porta em porta a recitar os seus cantos e seus discursos com o fim de que todos participem de nossa admiração e de nosso orgulho” – ou, mesmo não querendo limitá-lo num sistema, nos convertemos em taxidermistas para exibi-lo empalhado num canto de museu, transcendendo Kierkegaard a todas as classificações (HF1, 47).

Ernani e van der Lubbe são representantes da primeira hipótese, do segundo argumento – em um grau menor e maior. Ele é enfático: “*eu fui até Kierkegaard preocupado com os meus próprios problemas*”! Além de *diletante* e *atopotatos*, Ernani tinha admiração e orgulho de Kierkegaard, mas nem por isso deixaria de expressar sua *experiência*. Sua devoção é manifesta em sua vida, tão visível que toda a sua obra expressa a sua busca pela subjetividade sem deixar de ser fiel a si-mesmo. Ao contrário de Puppi, Ernani não alcançou a subjetividade kierkegaardiana aos vinte e cinco. A sua *experiência* é duplamente exercício e auto-edificação. Por conseguinte, ele nos relegou uma *experiência pessoal* por meio de sua escrita autobiográfica, com limites incomuns para a filosofia tradicional.

O último aspecto diz respeito ao caráter autorreferencial dos escritos de Ernani Reichmann [4], uma paixão tão grande por Kierkegaard, não justificava apenas bater de porta em porta. Ernani precisava ir para Copenhague e viver o fenômeno Kierkegaard, em seu contexto escandinavo e fazer uma imersão completa naquela cultura que relegou o mais alto pensador da existência. O trabalho não alcançará este ponto, não tive fôlego suficiente para chegar até tão longe, ao lado de Reichmann e Kierkegaard. Contudo, é relevante notar que Ernani é capaz de deixar até mesmo as filhas para submeter-se à prova. Ele certamente não se considerava um cavaleiro da fé – ele se sentia na companhia do amigo Jesus, mas detestava o Deus com chicote de Abraão –, para ser mais preciso, Ernani identifica-se mais com o “cavaleiro da resignação infinita” representado por Johannes de Silentio.<sup>17</sup>

A complexidade da vida de Ernani Reichmann, como já afirmei, é labiríntica, há muitas possibilidades de abordar sua vida. Ernani foi um grande consumidor de diários e cartas, o que reverberou nas variedades de formas com que compôs seus escritos. Há performance autobiográfica! Diante desta constatação, optei pela reconstrução autobiográfica que apresentasse a gênese da *experiência* de Ernani Reichmann, na *terra de ninguém*. Colocando em prática aquele primeiro desejo, de realizar uma biografia acessível ao leitor não iniciado,

---

<sup>17</sup> GOUVÊA, R. Q. *Paixão pelo paradoxo*, 2006, p. 311: “Johannes de Silentio (João do Silêncio; 1843) é o heterônimo responsável por Temor e tremor (1843). Ele é um homem já de avançada idade, que esteve interessado em diferentes filosofias do seu tempo, mas percebe agora que foi iludido. Suas já antigas reflexões bíblicas sobre Abraão o levaram a compreender a profundidade da vida de fé. Ele mesmo sente-se, ao menos na época em que escreveu o livro, incapaz de tornar-se um homem de fé como Abraão. Johannes vive no estágio chamado ético-religioso”.

mas que deixasse meu biografado livre para *posar* nas suas mais variadas manifestações. Peço vênia para que o leitor não se aborreça, pois as longas passagens restituem a voz de Reichmann. Podemos acompanhar seu fluxo de pensamentos e a lógica de seus raciocínios, bem como sua sensibilidade e afetos – que de outro modo, não seria possível. Antes de qualquer coisa se trata de uma reconstrução, e tentei preservar o contexto em que as passagens surgiram e organizá-las em uma temporalidade própria, contudo que permitisse ao leitor acompanhar o desenvolvimento da vida de Reichmann.

O desafio biográfico deixou-me e deixará – no início, durante e no fim –, inquieto com a possibilidade de estar ou não apresentando uma *ilusão biográfica*.<sup>18</sup> O receio que tive foi quase paralisante, me fez retroceder uma, duas, três, até a enésima vez, criando uma atmosfera de insegurança e incertezas que chegou a quase colocar tudo a perder – durante a escrita passei por esse dilema, caracterizado pelo gesto de Penélope: tecia durante o dia e desmanchava durante a noite. Embora a historiadora Sabina Loriga já apontasse para este efeito nocivo que a *ilusão de Bourdieu* gera, apenas libertei-me ao compreender que era uma condição que jamais devia ter fim. Essa não é apenas uma questão epistêmica, percebo-a de maneira ética, pois inevitavelmente estava lidando com as palavras, sentimentos e a existência de alguém real. Somente ao me distanciar, pude ter uma visão ampla das questões que me colocavam sob este efeito, e me impediam de prosseguir. Recordei-me, então, de uma passagem que não deixa de ser uma maneira de encarar as coisas, escrita pelo pensador austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) ao confrontar a monumental *The golden bough* [A ramo de ouro], do antropólogo inglês Sir James George Frazer (1854-1941). Essa passagem me serviu de mantra: “Eu tenho que mergulhar repetidamente na água da dúvida.”<sup>19</sup> Precisei transpor a aparente paralisia e compreender a “ilusão biográfica” como um mergulho constante na dúvida. Isso não aliviou as minhas crises de consciência, contudo me deixava em alerta para que produzisse uma narrativa aberta e multivocal.

Isso não é diferente do que algumas historiografias já faziam, ao problematizarem a escrita biográfica – neste sentido estou pensando na Micro-história e, de uma maneira mais ampla, no jogo de escalas problematizado em alguns trabalhos por Giovanni Levi, Jacques

---

<sup>18</sup> Cf. BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*, p. 183-191. Em linhas gerais, a argumentação de Bourdieu é cética quanto à narração e a reconstrução de uma vida, seja autobiográfica ou biográfica. Seu argumento principal afirma que ao lidar com gêneros confessionais corremos o risco de compreender o sujeito histórico como uma “unidade do eu” – que não deixa de ser uma *ilusão retórica*, uma abstração. A ilusão de uma identidade coerente dá sentido à vida como um todo, com projetos e intenções (surge a sensação de uma imagem fixa e unilateral). A ideia de uma trajetória de acontecimentos e fatos sucessivos, preocupada em dar um sentido à existência, surge como um imperativo a ser cumprido.

<sup>19</sup> WITTGENSTEIN, L. *Observações sobre “O ramo de ouro” de Frazer*, 2007, p. 8.

Revel e Sabina Loriga. A diferença, ainda que pequena, na postura que adotei, deve-se ao fato de perceber na crítica cética à *la* Bourdieu essa “água da dúvida” que nos coloca em prontidão. Ao mesmo tempo, percebo na vida humana um oceano de possibilidades, está aí Reichmann como prova viva do que estou me referindo. É tolice acreditar que, pela escrita, qualquer historiador consiga alcançar uma biografia completa – Jacques Le Goff enfrentou o desafio, com o seu *São Luís* (1996), mas teve mais de 10 anos ao seu dispor.<sup>20</sup> O fator tempo, ainda que tenha sido generoso, não me permitiu avançar tanto quanto gostaria.

Reichmann me deu algumas indicações de como estabelecer um recorte, todas as vezes que as segui, falhei. A cada tentativa, eu verificava que a aparente simplicidade escondia problemas insolúveis e que demandariam um tempo maior e ele já começava a se exaurir. Ernani em 1967 publicou *Volta às origens*, é interessante notar que o título não diz respeito ao nome de uma obra, o título em questão é uma temporalidade na experiência de Reichmann. O mesmo ocorre com outros títulos de livros, que na realidade não compreende uma obra, mas uma coleção de escritos ligados a essa temporalidade. Em *Volta às origens*, Ernani explica na Carta inacabada (à Clementino Schiavon Puppi) suas decisões:

Quero me referir àquilo que, deste momento em diante, passo a chamar de “Experiência de Personagem”. [...] Eu quis significar que toda a minha experiência até agora (a velha experiência em oposição à nova) retratou uma experiência de personagem (título genérico que darei a meus escritos). Lembra-te, sem dúvida, de eu ter escrito reiteradamente que posava para ti. Não deixei de me rebelar diante deste comportamento. Tudo foi em vão. Era necessário que exaustisse esse tipo de experiência. Só assim deixaria verdadeiramente de posar. O homem que posa transforma-se em personagem.

### **Vim, desde o início, na condição de personagem**

[...] O caso de Nietzsche talvez seja o mais próximo do meu, pelo menos até a presente data, é claro. Nietzsche foi apenas personagem. “Ecce-homo”, o paroxismo do personagem (FA2, p. 138).

Em todos os escritos de 1939 até 1967, Reichmann confessa ter “posado” para Puppi. Isso significa que ele identificava na performance autobiográfica que empreendeu nestes anos, em termos kierkegaardianos, estar no estádio estético. Ou seja,

Esta colocação me leva a ver sob outro prisma, toda a experiência anterior. O personagem não “existe” – “é”. No possível, é o reino do personagem. Na condição de personagem, não existi. Fui. Receptivo à experiência, captei-a, aponte-a, sempre sem decidir, sem determinar. As decisões que se podem encontrar aqui e ali, não se tratam de verdadeiras decisões, limitadas ao campo estético (FA2, p. 138).

---

<sup>20</sup> Cf. LE GOFF, J. *Uma vida para a história*, 1998, p. 261.

Essa orientação, ainda que genérica, me preparou para o tipo de configuração subjetiva que estava lidando ao tomar seus escritos iniciais – que dão conta da gênese de todos os procedimentos futuros. Nesse sentido, existem muitas formas de escrita de si ou gêneros confessionais, o grande mérito da pesquisa com estes tipos de fontes, certamente, é a condição híbrida que obriga-nos a circular sem passaporte por mais de um território. Apoiando-me na ideia de que há um *espaço biográfico*, onde recolhemos sinais, marcas e vestígios de uma existência, para artesanalmente reintegrá-las ao circuito da vida. Em consequência, este lugar privilegiado onde o “personagem” em seus mais variados enquadramentos em que se manifesta ou é tomado, denota um grau de atuação que beira a dissimulação. A julgar pela franqueza e o tempo que estou caminhando lado a lado de Ernani, me parece que a asserção kierkegaardiana que diz “quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá”<sup>21</sup> em *O desespero humano*, transformou-se em imperativo.

É justamente o tamanho do ego que tanto assusta caminhar a seu lado. Mesmo ego que afugentou muitos leitores, testemunhas oculares do homem público, mas que a sombra de Alexandre nem sequer ousaram ser Diógenes, o cão<sup>22</sup> – o contrário, talvez, seja mais correlato. Algumas indicações já são suficientes para nos dar provas do quão complexo é se deslocar nesse labirinto. Se a *Experiência de Personagem*, por si só, implica questões éticas e epistêmicas incontornáveis, o que dizer sobre a possibilidade de se estabelecer um recorte cronológico?

Que história de ordem é essa que se constata em meus escritos? Como se explica tal procedimento? Quando simplesmente se aponta uma experiência, a única ordem admissível é a cronológica. Entretanto, não obedeci a esta ordem. Imposição de autor? Não. Ao contrário do que muita gente poderia pensar, respondo: não. Imposição do personagem – isto sim. Procurei, sempre, o melhor ângulo para “posar”. Com certo e determinado ensaio, somente certo e determinado ensaio, não outro, tudo e como num ajuste de ângulos. Se o problema consistisse apenas em reunir um número “x” de páginas, o mais correto seria reuni-las cronologicamente. Mas não era assim, evidentemente, que pretendia posar. “Carta a um artista” é de 1956 e aparece junto de “Um galo cantou no mar”, de 1959. Cronologicamente, a primeira pertence à série de “Angústia Subjugada” e não à de “Intermezzo Lírico-Filosófico”. “Grande Incêndio”

<sup>21</sup> KIERKEGARD, S. *O desespero humano*, 2010, p. 45.

<sup>22</sup> Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C. – c. 323 a.C.), também conhecido como Diógenes, o Cínico, por pertencer a escola helenística dos Cínicos (que se formou na Grécia no período da dominação de Alexandre Magno). Os detalhes de sua vida são conhecidos através de anedotas, especialmente as reunidas por Diógenes Laércio em sua obra *Vidas e Opiniões de Filósofos Eminentíssimos*.

Diógenes de Sinope foi exilado de sua cidade natal e se mudou para Atenas, onde teria se tornado um discípulo de Antístenes, antigo pupilo de Sócrates. Tornou-se um mendigo que habitava as ruas de Atenas, fazendo da pobreza extrema uma virtude; diz-se que teria vivido num grande barril, no lugar de uma casa. Por isso, ficou conhecido como o “cão”, pois perambulava pela cidade seminu, vivendo de esmolas, como cão “vira-lata”. além disso, andava pelas ruas carregando uma lamparina, durante o dia, alegando estar procurando por um homem honesto. Posteriormente estabeleceu-se em Corinto, onde continuou a buscar o ideal cínico da autossuficiência: uma vida que fosse natural e não dependesse das luxúrias da civilização. Por acreditar que a virtude era mais bem revelada na ação e não na teoria, sua vida consistiu numa campanha incansável para desbancar as instituições e valores sociais do que ele via como uma sociedade corrupta.

é de 1958, mas vem com “Projetos intelectuais”, inclusive de 1962. Posso mencionar, também, o fato de ter reunido apontamentos de datas diversas sob o mesmo título. Exemplo:

### “Hic Fuit” (1939-1955)

...Não se trata, como poderia parecer, de um trabalho de autor. Somente reuni esses apontamentos porque eu estava presente neles de uma certa e determinada maneira (convergentes os ângulos através dos quais era focalizado). Foi o personagem que determinou (ou escolheu) a ordem para publicação de meus escritos e não o homem preocupado apenas em apontar uma experiência existencial (FA2, p. 140-141).

A passagem acima dificulta muito as coisas, principalmente para os leitores desavisados, entretanto também resolve outras. A performance do personagem impelia-me a transpor as dificuldades, sabia que tornar acessível um pensador que lutou contra este impulso durante a sua vida era uma violência. Espero não cometê-la ao escolher o *Hic Fuit* (1955). Em primeiro lugar, Ernani estabelece um recorte que me possibilita encontrá-lo, ainda que na aleatoriedade dos apontamentos: reuniu-os em um livro, porque *ele* “estava presente neles”. Em segundo lugar, este recorte encerra as primeiras coisas escritas de Reichmann, quando a complexidade ainda não havia se tornado labiríntica. Em terceiro lugar, o *Hic Fuit* é o primeiro livro assinado pelo ortônimo<sup>23</sup>, ainda que na sua parte final comporte o *Carta a meu pai* (1955), do pseudônimo van Neutgen. *Hic Fuit* também é uma carta! Todavia, uma carta composta, pois é formado a partir de transcrições de notas que Ernani arquivou de 1939 a 1955. Em quarto lugar, as cartas que Ernani escreveu a Puppi podem “servir de guia no emaranhado em que, tenho certeza, acabarei mergulhando”, afirma ele. Essas cartas ficaram conhecidas como *Folhas Azuis* (1943-1962), publicadas em 1981 – de cordo como vimos na *Liminar* acima. E, em quinto e último lugar, o *Hic Fuit* – em paralelo as *Folhas Azuis* – nos revela a gênese dos *Cadernos van der Lubbe* (1947-1955). Esses cadernos foram as primeiras publicações pseudonímicas de Reichmann, revelam uma editoria artesanal e rara, sem mencionar a forte inspiração kierkegaardiana.

Além disso, o período de 1939 a 1955 está compreendido dentro da série temporal que Reichmann chamou de *Angústia Subjugada*. As cartas que Reichmann remeteu a Puppi se constituem a fonte principal. Contudo é importante esclarecer que em ordem de prioridade, dei maior destaque na análise ao *Hic Fuit* (abreviadamente, *HF*), pois o livro foi publicado dentro do recorte estabelecido. Outro ponto que pesa a seu favor, é que o livro-carta começou a ser reunido, provavelmente, entre 1952 e 1955. É interessante que emaranhados às transcrições

---

<sup>23</sup> O ortônimo é o nome civil completo e correto ou ordinariamente declarado pelo próprio denominado: em nosso caso, Ernani Corrêa Reichmann.

existem parênteses com a voz do transcritor, certamente dos anos referido que a todo momento convocam a atenção de Puppi para o conteúdo das notas. Assim, as anotações mais antigas e as mais recentes se emaranham, o que deixa o livro-carta dialógico e multivocal. Como já adiantei, em paralelo sempre esteve as *Folhas Azuis* (abreviadamente, *FA*). Entretanto, como ficou evidente a correspondência passiva somente foi publicada por Ernani em 1980 – seguramente, que tenham sido editadas. As correspondências ativas surgiram em 1981, e ao contrário das cartas de Puppi, as de Ernani não tem datação e estão fora da ordem correta.

Em muitos momentos me guiei pelas *Cartas e Suetos para Ernani Reichmann* (abreviadamente, *CSP*), para estabelecer uma ordem mais ou menos legível nos elementos dialógicos e detalhes que viabilizava o pareamento das correspondências. Além disso recorri às cartas de autoria do pseudônimo van Neutgen, também conhecidas como *Cadernos Dissonanz* (abreviadamente, *CD*): *Carta a meu pai* (CD1) – que foi publicado em 1955, juntamente ao *HF* – e *Tio Doca* (CD2) – publicado em 1981, juntamente ao *FA*. Foram utilizadas outras fontes, variadas, sempre que necessário para elucidar ou ilustrar algum conflito, mas todas elas podem ser consultadas no *Apêndice A*. Além das fontes listadas, achei necessário incluir fotografias e documentos, no intuito de circunstanciar, humanizar e desenvolver empatia através de registros em tempos variados – mas, que correspondam à proposta. No intuito de facilitar a visualização de meu recorte, chamo a atenção do leitor para um quadro das experiências de Ernani Reichmann – de acordo com suas indicações:

1	Angústia Subjugada 1939-1962	Intermezzo Lírico- Filosófico 1955-1962	Volta às Origens 1963-1967
	Experiência de Personagem 1939-1967		
2	Experiência de Autor 1968-1980		
3	Experiência de Leitor 1981-1984		

O quadro que desenhei anteriormente foi montado a partir das transformações que Reichmann verificava em sua terra de ninguém (cf. EC1 ao EC34). O exercício de pensar a si mesmo criava uma lógica vivencial, ou seja, uma temporalidade dialética aberta. Reichmann não aceitaria nunca que sua vida fosse transformada em um sistema fechado, e que gerasse uma síntese. Se há uma dialética existencial em sua vida, ela seria sempre aberta e carente de uma



síntese final – inspiração Kierkegaardiana, talvez. Ele se dizia avesso a qualquer *sistema*.<sup>24</sup> Ainda que não haja “sistema”, certamente há um campo em que temporalidades geram nexos. Como já havia adiantado, me ocupei nessa reconstrução apenas da temporalidade que cobre o título de *Hic Fuit*, isto é, 1939 até 1955. Essa temporalidade não é meramente cronológica, ainda que compreenda um período. Ernani explica isso na parte final de sua carta a Puppi, em 1967 (FA2, p. 145-146):

Quando tomei consciência de mim (etc.), não eras presente [afirma Reichmann para Puppi]. Não eras presente, quando escrevi meu primeiro conto (aos quinze anos, mais ou menos). E não eras presente, quando fiz meu primeiro apontamento (em 1939). No entanto, graças à tua presença (a partir de 1941), minha experiência, aos poucos, começou a adquirir sentido. Daí não constituir nenhum exagero afirmar que...

### **Minha experiência começou tu estando presente e deve concluir do mesmo modo**

Vem de longa data a amizade que estabeleceram na “mútua compreensão”. É assim que Reichmann começa a sua longa *experiência*. Ele se remete ao amigo, que durante a maior parte de sua trajetória, além de destinatário de suas missivas, será seu fiel confessor, incentivador e até espelho, onde poderá se perceber como um outro-eu:

Em 1941 quando vim fazer meu curso de Direito [...], encontrei o Puppi, o Clementino Schiavon Puppi, e carregados de desprezo (no sentido exato do termo), nos repelimos. Pouco depois, nos encontramos uma segunda vez. Foi quando nos dedicamos mútua compreensão. Foi quando comecei a escrever minhas Folhas Azuis (FA1, 53).

Há uma cumplicidade entre os dois amigos, que apesar do desprezo inicial, vai se estabelecer sobre as bases da alteridade. E gradualmente, somos depositários dessa amizade ao dela nos servirmos da narrativa que, principalmente, Reichmann vai ser o interlocutor. Não é exagero que percebermos nas *Folhas Azuis (FA1 a FA3)*, uma fonte capaz de nos orientar no emaranhado da experiência de Reichmann, guiando-nos na reconstrução da narrativa autobiográfica de meu objeto. É o próprio que se qualifica – como personagem – e até indica a direção.

“Clementino Schiavon Puppi” metamorfoseia-se em uma temporalidade, pois passa a determinar o início e o fim de um ciclo existencial. Sua presença concede sentido e motiva nosso personagem a atuar. Isso significa transfigurar fatos e lembranças, reunindo apontamentos e notas de datas diversas sob o mesmo título: *Hic Fuit [Aqui esteve]*. É um risco

---

<sup>24</sup> “Por que será que não podemos ver a vida a não ser como um sistema, que avança realizando-se? O erro me parece estar em que o homem se “convenceu” de que vive para isso, para realizar qualquer coisa. Não será melhor voltarmos aos vinte anos e viver, pura e simplesmente viver? O sistema, então, não será um fruto da idade, do cansaço, da senetude?” (HF2, 48).

apostar em uma temporalidade tão humana? Já existiu experiência semelhante? Talvez haja! Aproximar-se de fontes narrativas e autobiográficas, como as correspondências de alguém, exige sensibilidade ao perceber casos singulares como o que ora se coloca.

A temporalidade é paradoxalmente definida pela *presença* de Puppi, ele é o fator compreensivo e ordenador nessa dinâmica. Essa temporalidade definida pelos laços de sociabilidade garante que Ernani em sua autobiografia não caia em um solipsismo radical. A escolha pela carta demonstra uma preocupação, ainda que estética, à abertura para a alteridade, abertura para o outro-eu que acolhe a necessidade relacional e dialógica da *experiência*. A carta estabelecia proximidade, familiaridade e confiança. Os teóricos habitualmente classificam-na como um gênero canônico, contudo como vimos até aqui, há uma metamorfose operada devido a intervenção do personagem.

Para estabelecer uma quadro teórico-metodológico eficaz, capaz de orientar a reconstrução auto/biográfica através dos muitos enquadramentos e poses, situei-me como um leitor contemporâneo que tenta achar *uma* ordem em uma massa de cartas *publicadas*, cuja característica comum é a presença do eu biográfico no dialogismo sempre reiterado em uma temporalidade definida pelo amigo, Puppi. O nome de Puppi é repetidamente invocado, para que o leitor não esqueça a quem se endereça o “grande livro!”<sup>25</sup>, e o próprio Puppi lembre-se, que ele é o destinatário da “maior carta” que já foi escrita. Algumas das passagens que citei reiteram a ideia de que algumas transcrições são para “conversar com o Puppi” em um momento face a face. Outras, por sua vez, atestam a imperiosa vontade de permanecer. Em todos os casos, a presença de Puppi, é a presença do leitor. Afinal, “tua falta”, diz Reichmann, “é para mim como a falta de álcool no corpo combalido. Quando bebo um pouco, sinto coisas esquisitas: as consequências são desastrosas, no momento”, contudo “fazem bem, depois!” (FA1, 64). De maneira igual, interpreto a falta que um leitor como Puppi faz, na experiência deste amigo tão ousado e inventivo. Por isso,

### **Era um dia de festa**

... Havia desfile. O chão estava coberto de flores. Depois, eu abri um livro (era um in-fólio). O primeiro escrito era um poema (o livro devia ser uma antologia ou coisa que o valha), poemas de Mário de Andrade. Ao pé desse poema (ao pé da página) havia outro poema e como eram só três linhas, tive tempo suficiente para decorá-lo:

---

<sup>25</sup> TEIXEIRA, Mario Montanha. “Hic Fuit” – Um grande livro. *O Diário do Paraná*, 04/03/1956: “Devo dizer que a primeira afirmação, espontânea e profundamente sentida, que me provocou a leitura do ‘Hic Fuit’, foi esta: estamos diante de *um grande livro!*” (itálico nosso).

Todos nós temos os nossos amigos,  
nos quais  
plantamos.

*Cornélio Pena*

Estava assim o poema. No entanto, quando reli o nome do autor, o verbo me pareceu no singular. Pensei, então, que o poema deveria ser assim:

Eu também tenho amigos,  
nos quais  
plantei.

(HF1, 11)

Era um dia de festa e chão coberto de flores, ele dedicado a leitura de seu Mario de Andrade. Seus olhos pousam sobre o poema de Cornélio Pena. O tempo onírico não lhe é escasso, permite-lhe uma pausa meditativa, para decorar o poema e o atualizá-lo. Ele também *tem* amigos, por isso pode neles confiar suas sementes de passado. Ecoa em cada nota, a cada transcrição copiada, o nome de Puppi a marcar o lugar dele na narrativa – mas também o nosso, como leitores.

HIC FUIT – Ernani fala a Puppi que gostaria de explicar o sentido dos termos que empregou no *Hic Fuit* ou, melhor, de explicar o *Hic Fuit* (HF2, 18). O título do livro é uma frase latina que significa literalmente “aqui estive”, colocada em lápides e túmulos. Essa me parece ser a intenção de Ernani ao estampá-la na capa do livro, pois reunia notas de um passado e a carta ao pai, como elementos para uma última catarse. Esse sentido catártico não é descartado,

Muitas vezes, quando eu “escrevia” o “Hic Fuit” [afirma Ernani], me deu a impressão de que ele seria o meu canto de cisne, que era um livro para um fim de vida. Tudo isso, porém, morrerá comigo, todo este desespero, toda esta certeza de que morreria logo depois que publicasse a Carta a meu Pai... (HF2, 228).

O tom fúnebre e melancólico acompanha a leitura, do início ao fim. Há certo exagero, mas sabemos que ele se deve ao tom dado pelo personagem na atmosfera deste título. Contudo há uma riqueza nas passagens, pois estão permeadas por lembranças e sentimentos. Logo, a ideia que o título encerra, nos mostra um lugar – o passado – e um clima – a morte. Essa estranha relação combinada, produziu um campo autobiográfico em que o personagem vive o desespero ao confrontar os registros do que foi. Contudo, este desespero surge como testemunho, e Puppi é a temporalidade compreensiva.

À medida que a leitura avança, notamos a existência ou a ausência de datações, e cada uma das matérias separadas por títulos e subtítulos em caixa alta, caixa baixa, ou alternada. Essas unidades que compõem o *Hic Fuit* assemelham-se a sementes, seccionada e de vez em

quando, atravessadas ou acompanhadas por uma voz em parênteses que lembra-nos se tratar de uma relação epistolar entre Reichmann e o Puppi. Invocado por essa voz cujo fluxo de consciência ancora-se em 1954 ou 1955, no ato de autoedição. Logo, cada uma dessas sementes de história ou ficção, poderiam ser tomadas como seções ou incursões – pois ao final elas irrompem no presente deste eu que se edita, na finalidade de se fazer conhecido –; isso afasta-nos da hipótese de tomar tudo como um diário. Aliás, sobre essa relação entre *O Diário e a Carta*, Reichmann nos fala o seguinte:

### **Jamais escreverei um Diário, Puppi**

[...] Não é horrível ter que escrever, como Franz Kafka, que seu pai encontrou um novo remédio para a “prisão de ventre”? Se a gente escreve Diário na suposição (por mais remota que seja) de que ele será lido, jamais o Diário deixará de ser obra de arte (insincera, por conseguinte, quanto ao meio usado para a transmissão, supondo o Diário uma sinceridade absoluta). No que se refere à Carta, o que nela não for contado, pode ser dado a conhecer de outro modo... Prefiro a Carta que supõe relações de outra ordem, que não somente a epistolar. Dirijo-a a ti, porque me sinto, de certo modo, como uma criança tua. É certo, também, que poderia, sem qualquer constrangimento, dirigi-la a todos os homens. O que nela não puderes compreender (porventura) ou ficar obscuro, ouvirás a explicação de meus lábios. A verdade é que, como sempre, o contrário disso é o que vai suceder. Tu é que me explicarás a mim mesmo (HF1, 90).

A preferência pela carta fica em evidência, afinal ela prolonga o diálogo e não permite que a interlocução acabe, seja na modalidade escrita ou oral. Há sempre algo a ser colocado, uma dúvida, um comentário, uma curiosidade, uma anedota... e, tudo pode ser feito face a face, “ouvirás a explicação de meus lábios” diz Ernani, sem o constrangimento adicional de ter a intimidade visceral publicada. Relegada a posteridade, ainda que não consumida pela leitura atenta aos detalhes sórdidos, que até podem comprometer a imagem e alimentar a desforra. Reichmann “jamais” se entregaria a um gênero confessional tão torpe. Ele apreendeu essa moral mínima, não apenas na escola de Kafka, mas visitando com olhar atento aos diários de Henri-Frédéric Amiel, André Gide, Julien Green, e a tantos outros: “depois que andei lendo certos diários, cheguei à conclusão de que nunca terei um diário: sofro tanto do aparelho digestivo que acho ridículo falar como Kafka em pílulas para prisão de ventre. À merda, o Kafka!” (FA1, 64).

Reichmann conhecia bem os meandros pelos quais passava um diarista, ele estava familiarizado com este tipo de escrita, compreendia que seu circuito integrava, desde a sarjeta até os círculos sociais mais abastados, em que todos fazem a manutenção de seu *status quo* com gracejos e às custas alheias, além claro de preservar a fina superfície que separava o eu-para-si do eu-para-os-outros. Tudo em nome das aparências! Mas no papel, esse circuito se desvelava. Se ao menos o diário permanecesse em sua gaveta para a eternidade, mas ele sabia que essa era uma impossibilidade. Ernani queria mais leitores de suas cartas do que apenas Puppi. Como já

vimos ele posou, o personagem escolheu os enquadramentos colocando-os em uma ordenação secreta. No fundo todo diarista sabe, que está se escrevendo hoje, mas seu destino é incerto, não sabemos por quais mãos um diário passará, e se terá um futuro editorial para defini-lo. Ao contrário, a carta já editada, tem um futuro que se pode vislumbrar e até dominá-lo, enquanto uma orientação da qual se queira tirar proveito.

Kafka havia confiado a seu secretário que incinerasse tudo após a sua morte, entretanto as mãos que manuseiam as palavras do outro podem ser artilhosamente mais ponderadas que aquelas que em um ato de solicitude as compôs. Este é o caso do pseudônimo Sorte Peer, diante dos *Cadernos* van der Lubbe – no circuito editorial *sui generis* que o leitor conhecerá ao fim do trajeto que propus. O personagem buscava um mecanismo que possibilitasse no sentido duplo, guardar-se e comunicar-se. Reichmann buscava um gênero confessional que lhe preservasse intacta sua vida privada, revelando apenas de vez em quando seus segredos mais hodiernos e preservados na convivência cotidiana. Ao segredo de sua propriedade, circunscrito no limite de suas paredes, a carta acertadamente era a melhor escolha – isso justifica mais de uma vez ter optado pelas cartas, enquanto suporte e que se evidencia as estratégias do personagem ou as táticas de um eu do passado, presente de qualquer modo nas anotações transcritas que compõem o *Hic Fuit*.

Em suma, até aqui apresentei a definição do objeto desta tese, a problemática, as fontes e a justificativa. Agora quero chamar a atenção para o quadro teórico-metodológico que orientou-me na reconstrução da presença de Ernani Reichmann, em um espaço biográfico próprio (dado pelo *Hic Fuit*). Antes de mais nada acredito ser importante observarmos o tipo de *pacto autobiográfico*<sup>26</sup> firmado pelo autor, como já vimos ele tem grande interferência do personagem – ainda que não tanta quanto haverá em outros escritos. Ernani Reichmann ou o personagem, manifestam-se da seguinte maneira no prefácio da Carta (no caso o *Hic Fuit*):

### Meu caro leitor

[1] Você pensará, com toda certeza, que o destinatário desta carta “existe”. E que seu autor “existe” também (o destinatário vai na frente porque me parece um requisito... pelo menos, tão essencial quanto o autor). Não, meu amigo, nem um nem outro existem. Eles são “imaginários”. Mas, como na realidade existe alguém com o meu nome (que sou eu) e alguém com o nome do meu amigo (que é o Puppi) e, como esses nomes estão referidos como destinatário e autor, é preciso uma palavra de esclarecimento.

[2] Clementino Schiavon Puppi, o destinatário, que no caso é outro e não ele, é bacharel e Juiz de Direito. Fez o seu curso primário em Campo Largo. O secundário no Instituto Santa Maria, desta Capital, cursando logo após a Faculdade de Direito,

---

<sup>26</sup> LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*, 2008, p. 30-31.

onde se formou em 1945. Foi o 1º classificado no concurso que fez para Juiz de Direito, ingressando sob os auspícios os mais promissores na magistratura. Dentro de poucos anos, penso (e pensam todos os que o conhecem), ele será guindado ao mais alto posto da sua carreira: honra ao mérito! O curriculum do autor é, em tudo, idêntico ao do destinatário. Seu curso embora feito noutro estado, teve o mesmo escalonamento. A única diferença é que preferiu administração pública, dedicando-se aos assuntos econômicos e financeiros.

[3] Eis porque, pode-se perguntar ao distinto leitor: Você não acha que um destinatário como o Puppi e um autor, como eu, não podem ser destinatário e autor de uma carta como esta? É preciso ter vivido, mais do que pensar, para chegar a merecer o título, quer de destinatário, quer de autor de uma carta como esta. Tudo o que aí está, foi imaginado... Como os outros, que vão ao futebol, ao cinema, aos bailes, para se divertir, o destinatário e o autor resolveram um, receber e o outro, escrever uma carta, como se eles, de fato, existissem. Para os que pretenderem ver neles mais do que destinatário e autor imaginários, deixo aqui, impressa em letras maiúsculas, a divisa de Eulenspiegel: HIC FUT. Como homens, somos paredes nuas. Como imaginários, no entanto, aí está a carta, porque não dizer, a maior carta da história da humanidade, a qual, é claro, jamais chegará a saber que existimos, de um ou outro modo.

Cordialmente  
O autor-imaginário

P.S. – Quanto a saber se as pessoas mencionadas na carta “existem” ou são imaginárias – o problema é seu, meu distinto leitor (ER1).

De maneira sumária e na sequência dada, quero comentar estes três pontos principais.

[1] O jogo que opõe imaginário e real, literatura e filosofia, ficção e história, é decisivamente uma das marcas narrativas do “autor-imaginário” que assina o prefácio em forma de carta – dedicado ao destinatário, que é o *modelo* de seu leitor ou sua leitora. Na realidade, ela assume o lugar de “instância prefacial”<sup>27</sup> do livro-carta, o qual foi dedicado a Clementino Schiavon Puppi – o “destinatário”, que certamente cobriu de dúvidas quanto a sua existência os leitores que se aventuraram a ler sem conhecer os eus biográficos reais.

Durante muito tempo, cerca de 25 anos, os leitores de *Hic Fuit* devem ter acreditado que, se o autor é real e isso se deduz pelas suas publicações posteriores, o “destinatário” devia ser imaginário – essa parecia ser uma hipótese feliz.<sup>28</sup> Afinal, quem poderia conhecer Puppi?

[2] Responder a essa questão com o perfil de Puppi, esboçado pelo autor, poderia ser bem-vinda e aceita de qualquer parte, por qualquer leitor. Mas, a resposta indubitável apenas poderia ser dada ou conhecendo o eu biográfico real, ou a partir de 1980, quando Reichmann faz publicar o volume de *Cartas e sueltos para Ernani Reichmann* (que me chegou às mãos por um acaso feliz) dissipando a sombra de dúvidas que ainda restavam.

<sup>27</sup> GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*, 2009, p. 145 et seq.

<sup>28</sup> Chamo a atenção para este ponto, pois ao entrevistar alguns tipógrafos responsáveis pelos livros de Reichmann, estes me confessaram que até a publicação do volume de cartas em 1980, acreditavam que Puppi fosse apenas mais um dos muitos personagens de Reichmann. Tamanha foi a surpresa de conhecerem o eu biográfico do interlocutor de Ernani (Entrevista com o Tipógrafo Adalberto José da Silva, em 07/05/2016).

Ainda sobre o ponto [2], veja que o Autor-Imaginário faz questão de esboçar as simetrias entre um perfil e outro, os perfis são verdadeiros (no desenvolvimento da tese, darei provas disso). Mas como, os leitores poderiam saber decididamente isso? Não podiam! Restava apenas aceitar e prosseguir, mergulhando na dúvida a cada nova passagem do texto. No entanto, para nós que já conhecemos minimamente a estratégia do personagem, obtemos um bom exemplo do que ele chamou de “posar” e de “presença”. Os dois perfis em questão ilustram Ernani Reichmann e seu interlocutor – Clementino Schiavon Puppi –, ambos reais (falando biograficamente). Na passagem seguinte [3], o Autor-Imaginário agrava de maneira mais aguda a crise, o leitor que avançar permanecerá angustiado pelas incertezas – o que atrairia a atenção de Lejeune.<sup>29</sup> Ele tenta persuadir-nos que tudo o que o leitor encontrar no *Hic Fuit*, foi imaginado como um modo de entretenimento, entre tantos outros que se tem à disposição no cotidiano. Mas caso o leitor tenha uma compreensão diferente, não se deixando levar por fórmulas e regras de autoridade, este leitor poderá encontrar autor e destinatário com “HIC FUIT”, ou seja, presenças de um passado que já não é mais, em notas reunidas e testemunham a gênese de uma das *experiências* de Ernani Reichmann.

O “pacto” que o personagem estabelece com seu leitor seria motivo de estranhamento e contenda para muitos especialistas em autobiografias – semelhantes a Lejeune, com suas definições sempre precisas e, convictamente, fechadas. Deixe-me explicar melhor, autor e destinatário realmente “existiram”, assim como a carta “existe”. A carta sobreviveu à vida de seu autor e de seu destinatário, talvez daí o estranho jogo de linguagem que o “Autor-Imaginário” estabelece com seu “caro leitor”. Ele vincula o destinatário com o nome de Clementino Schiavon Puppi, assim como se vincula ao nome que está na capa do *Hic Fuit*. Contudo sempre é bom lembrar que Reichmann faz exatamente o contrário do que se espera em um prefácio de uma obra autobiográfica. O que lateja em minha mente, e me faz ouvir as advertências ranzinhas do Lejeune (de 1972): “A autobiografia não é um jogo de adivinhação, mas exatamente o contrário disso. Falta, nesse exemplo, o essencial, o que propus chamar de *pacto autobiográfico*”, ou seja, “o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade [a identidade do nome (autor-narrador-personagem)], remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro.” Lejeune, por fim, explica que “as formas do pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar sua

---

<sup>29</sup> Cf. LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*, 2008, p. 94-95: Mesmo revendo 25 anos depois a sua definição de *pacto autobiográfico*, Lejeune ainda defende que “o essencial continua sendo, confesso, o pacto, quaisquer que sejam as modalidades, a extensão, o objeto do discurso de verdade que se prometeu cumprir”.

assinatura. O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade. Sabe-se bem o quanto cada um de nós preza seu próprio nome.<sup>30</sup>

O prefácio em forma de carta ao leitor – que nós, nessa mesma condição, acabamos de ler –, mostra o quanto a definição de Lejeune nos afasta da letra de Ernani Reichmann, enquanto autobiografia. Ao invés de estabelecer uma palavra de confiança, ele rompe com a certeza mais básica do espaço autobiográfico. A dúvida sobre a existência de ambos, destinatário e autor, cria um efeito colateral. O livro que ora se tem em mãos e que se pode ler esse estranho prefácio, se destina a quê? Que mensagem quer transmitir? Ao lermos uma carta, ou livro de cartas, sabemos que lidamos com informações, em suma, sobre o cotidiano, acontecimentos, conflitos, assuntos de ordem pessoal, etc. Refletir sobre isso já nos permite compreender a dificuldade que um leitor iniciante de Ernani Reichmann terá pela frente. Que a carta tenha sido remetida a um destinatário isso não há sombra de dúvidas, mas até ele em alguma medida esboçou um sorriso exclamativo: como assim, autor-imaginário!? Sua anedota é certamente nossa angústia, enquanto leitores da “maior carta da história da humanidade”.

O jogo que o personagem circunscreve condensa na maneira de uma carta-prefácio um outro tipo de *pacto* – não pode ser o que Lejeune defende, colocaria a perder toda uma nuvem de discussões epistêmicas acerca da legitimidade de uma autobiografia (a mesma nuvem que se forma em torno do *Ecce-Homo*, de Nietzsche).<sup>31</sup> Ele, o autor-imaginário, sela um *pacto* de identidade que deixa o leitor, possivelmente, confuso sobre o gênero de escrita que se trava ali. Se para Lejeune é um lance inválido, para Leonor Arfuch esse lance apenas nos mostra uma performance das muitas possíveis de serem jogadas em um *espaço biográfico* que não cansa de se reinventar.

O *espaço biográfico*<sup>32</sup> em questão, por ser mais abrangente conceitualmente falando, acaba por englobar formas variadas de representação de si. O espaço se constitui biográfico pelas histórias cruzadas, entrecruzadas e emaranhadas, sob o pressuposto básico de serem em

---

<sup>30</sup> *Idem*.

<sup>31</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*, 2008. Sobre os conflitos que *Ecce Homo* desperta, consultar: JASPER, K. *Nietzsche*, 2003. PASCHOAL, A. E. *Autogenealogia*, 2015, p. 27-44. STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*, 2013. VIESENTEINER, J. L. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*, 2013. VIESENTEINER, J. L. *Sobre autoencenação e Autogenealogia no Crepúsculo dos Ídolos de Nietzsche*, 2014, p. 189-214. WIENANDI. *Writing from a first-person perspective*, 2015, p. 49-64.

<sup>32</sup> ARFUCH, L. *O espaço biográfico*, 2010, p. 58: “A sumária definição de Lejeune de um *espaço biográfico* como reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam, embora sugestiva não é suficiente para delinear um campo conceitual. [...] Esse é justamente o propósito de meu trabalho [explica Leonor Arfuch], o de ir além da busca de exemplos, mesmo ilustres ou emblemáticos, para propor relações, em presença e ausência, entre formas com grau diverso de proximidade, relações nem necessárias nem hierárquicas, mas que adquirem seu sentido precisamente num *espaço/temporização*, numa simultaneidade de ocorrências que por isso mesmo podem se transformar em sintomáticas e serem suscetíveis de *articulação*, ou seja, de uma leitura compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de época.”



algum nível narradas de maneira referencial e/ou autorreferencial. Engloba, conseqüentemente, a autobiografia – seja ela em prosa ou em verso, diário ou carta –, a biografia e outras formas de escrita em que o eu-mesmo ou o eu-outro são protagonistas. Mas para que precisamos de um espaço? O espaço ajuda-nos a situar os acontecimentos e as vivências, ele nos possibilita interpretar os fatos e identificar correlações. Nesse sentido é inevitável pensar o recorte não apenas no tempo, mas também no espaço que ocupa. Por isso, o “pacto autobiográfico” nos permite problematizar as inserções, no entanto como vimos há limitações sérias que devem ser consideradas. Se por um lado essa noção favorece refletir sobre o que torna determinado escrito autobiográfico, por outro corremos o risco de não aceitar os deslizamentos e metamorfoses que os tipos mais tradicionais de autobiografia podem dar origem, quando explorados pela criatividade humana.

Como argumenta Leonor Arfuch, a ideia de espaço biográfico lançada por Philippe Lejeune é ainda pré-conceitual, taxonômica e muito restritiva.<sup>33</sup> Nesse sentido, o conceito proposto por ela denota um *campo conceitual* muito mais abrangente e plural – pois aceita a “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa”. O espaço biográfico assim entendido supõe um interessante campo de indagação, e acomoda de uma certa maneira performances como a que vislumbro na *Experiência de Personagem*. A respeito disso, convém observar que o espaço é interior e exterior. O primeiro se define com a terra de ninguém, ele é uma terra nullius (*lat.* terra que não pertence a ninguém)

O fundamento do campo conceitual proposto por Arfuch, tem influência das teorias de Mikhail Bakhtin.<sup>34</sup>

A ideias de Bakhtin não têm muita ressonância, mas em historiadores como Carlo Guinzburg – *O queijo e os vermes* (1976) – têm seu ponto de inflexão da teoria literária para a história e historiografia (atenta ao valor da biografia, como meio de expressar resultados). : Ginzburg fascinado pela metodologia de “Mikhail Bakhtin num livro fundamental sobre as relações entre Rabelais e a cultura popular do seu tempo”, chama a atenção para o vigor dela quando se pode substituir “uma estratégia de pesquisa indireta por outra direta”. Talvez esse seja o seu grande mérito, ou seja, “é justamente a riqueza das perspectivas de pesquisa indicadas

---

<sup>33</sup> Lejeune vai rever a ideia de “espaço biográfico” durante sua trajetória de pesquisador – e encontramos um universo bastante promissor a partir de seu debate com o escritor Serge Doubrovsky, em torno do conceito “autoficção”. Sobre essa última ideia, cf.: LEJEUNE, P. *Autoficção & Cia – peça em cinco atos*, 2014, p. 21-38. DOUBROVSKY, S. *O último eu*, 2014, p. 111-126. Todos os textos estão em: NORONHA, J. M. G. *Ensaaios sobre autoficção*, 2014.

<sup>34</sup> Mikhail Bakhtin (1895-1975), filósofo russo e teórico da linguagem e da cultura europeia, escreveu inúmeros livros, em especial, sobre Rabelais e Dostoiévski. Sobre os gêneros narrativos, cf. BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*, 2016, p. 11-70.

por Bakhtin que nos faz desejar, [...] uma sondagem direta, sem intermediários, do mundo popular.”<sup>35</sup> O historiador italiano não dá maiores detalhes sobre Bakhtin, mas ele via na maneira como o pensador russo lidava com as vicissitudes da obra de Rabelais uma possibilidade válida para um tipo de pesquisa que exigisse lidar diretamente com as vozes que se adensam em um sujeito histórico singular.<sup>36</sup>

Apoiando-me nestas duas indicações, a primeira dada por Arfuch e a segunda por Ginzburg, aproximei-me de Bakhtin. A gestação metodológica que antecedia – inconscientemente – o início e todo o tempo durante a escrita da tese, levou em conta uma miríade de textos do pensador russo. Ao escrever dei-me conta que a minha primeira aproximação de Bakhtin, ainda por volta de 2012, foi com a sua obra clássica: *Estética da criação verbal* (já na tradução de Paulo Bezerra, de 2003). E, a parcela que mais me impressionou foi, sem sombra de dúvidas, *O autor e a personagem na atividade estética*. Nos anos seguintes, consumi – literalmente – sublinhando, rabiscando, colorindo e escrevendo às margens (na ordem que as adquiri, e expandi meu conhecimento de Bakhtin) respectivamente os seguintes títulos: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, e *O freudismo* (todos de 2014).

A leitura era aleatória, sem vistas a um fim prático. Me embrenhava nessas leituras pelo desafio e a curiosidade que nutria pela filosofia da linguagem, e a maneira sócio-histórica e cultural com que abordava determinados fenômenos – existe uma proximidade interessante entre os fenômenos da linguagem abordados por ele e Wittgenstein.

À essa época, já tinha lido Ginzburg e sabia do potencial que as reflexões de Bakhtin tinham ao colocar em evidência indivíduos singulares como Dostoievski e Rabelais. Meus olhos se abriam à possibilidade de me apropriar de algumas ferramentas bakhtinianas, assim como Arfuch havia feito com os conceitos de “valor biográfico” e “gênero”, basilares ao conceber o *espaço biográfico* como um campo conceitual – mais amplo que o de Lejeune e favorável a compreensão dos dilemas da subjetividade contemporânea. Guiado pela intuição na lida de um repertório muito variado de fontes<sup>37</sup>, que crescia exponencialmente conforme avançava na etapa da documentação e da análise.

---

<sup>35</sup> GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*, 2006, 15.

<sup>36</sup> Objetivamente, esse não era o caso de Menocchio, porque a maior parte da documentação que Ginzburg dispunha era oficial – a voz assujeitada de Menocchio, somente emerge indiretamente nos interrogatórios.

<sup>37</sup> Desde o início um dos meus maiores problemas foi a definição de um recorte, possível de ser analisado, organizado e apresentado de maneira satisfatória, enquanto uma tese de doutoramento. Ao iniciar o processo de documentação me deparei com um Ernani Reichmann disperso em uma variedade gigante de livros, manuscritos,

Ao recordar este caminho, me deparo com algumas constatações que são esclarecedoras sobre como foi a longa gestação de um enquadramento-teórico que fosse capaz de me ajudar a definir o papel que me cabia nessa história, bem como a efetiva reconstrução da autobiografia de Reichmann. Acompanhei, concomitantemente, enquanto analisava, organizava e escrevia a tese, as traduções publicadas por Paulo Bezerra feitas diretamente do russo, de: *a Teoria do romance I – A estilística* (2015), *Os gêneros do discurso* (2016), *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017), *Teoria do romance II – As formas do*

---

datiloescritos, egodocumentos, cartas e cadernos, depoimentos e relatos, fotografias e vestígios variados. Apenas para pensar, os livros são representativos de toda essa dificuldade. Estabelecer um número fixo, considerando apenas a materialidade, seria desconhecer que ele reuniu sempre mais de uma proposta – as vezes já até publicada, ou inédita – em um mesmo volume. Alguns comentadores indicam um número fixo entre 55 e 60 livros, levando apenas em consideração aspectos bibliográficos tradicionais. Eu acredito que seja da ordem de 90 a 100 títulos, às vezes reunidos em coletânea em um único volume – no Apêndice A, tentei dar conta dessa variedade de possibilidades, entretanto um trabalho mais demorado de sociologia bibliográfica e de textos, ao modo de Roger Chartier e Donald Francis McKenzie, seja uma alternativa para estabelecer um catálogo dos escritos completos razoável. Lamento informar que em vários momentos tentei, levando em consideração o pouco de experiência que tinha com a obra do filósofo Wittgenstein, igualmente fragmentária, inspirei-me nos procedimentos adotados por Michael Biggs e Alois Pichler no *Wittgenstein: two sources catalogues and a bibliography* (1993). Contudo, não obtive muito sucesso, pois as notas editoriais escritas por Reichmann não correspondem à organização física de cada livro. Há muitos dilemas, ele próprio tentou de inúmeras formas organizar os Escritos Completos, seguindo critérios diversos como: 1) a ordem com que foram publicados, 2) nas experiências, 3) de maneira cronológica (de acordo com temporalidade de sua vida), 4) na ordem em que foram escritos, 5) de acordo com a autoria, (ortônimos ou pseudônimos), 6) com base na intenção editorial, e 6) em séries e volumes. O mais inusitado é que se pesquisarmos os títulos em três bibliotecas com acervo mais expressivo de Ernani Reichmann, sempre será possível perceber que elas não tem todos os livros editados por ele – nesse sentido me refiro a Biblioteca Pública do Paraná, ao sistema de Bibliotecas da UFPR (principalmente, à Biblioteca Central, destinada a arquivar a memória institucional e a produção da comunidade acadêmica que constitui a UFPR) e, finalmente a Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes. Em suma, as possibilidades são muitas. As cerca de 70 entrevistas que conduzi, em momentos e durações variadas, inviabilizaram seu uso efetivo, por inúmeras questões de ordem técnica no espaço de tempo que tinha. A questão dos manuscritos é, confusamente, outro desafio gigante. A letra de Ernani Reichmann é quase ilegível, algumas páginas se encontram bem deterioradas devido à conservação e o tipo de tinta que ele fazia uso, o que exigiria um trabalho infinitamente maior de paleografia. Não descarto a possibilidade de usos futuros, assim como das entrevistas de história oral, entretanto neste momento era inviável fazer um uso correto destas fontes sem comprometer o rigor da análise. Em julho de 2016, pude visitar Copenhague, em busca de Reichmann e fiz várias descobertas nos jornais locais, na Biblioteca Real da Dinamarca (*Det Kongelige Bibliotek*), Centro de Pesquisa Søren Kierkegaard (*Søren Kierkegaard Forskningscenteret*), na Biblioteca Grundtvig em Vartov (*Grundtvig-biblioteket*), além de ter conhecido os locais onde Ernani e Annie se hospedaram durante sua estadia em Copenhague. Somente a documentação indireta que levantei durante a estadia curta que fiz, e a que me foi remetida por Kristian Iversen, representa um desafio significativo devido à língua dinamarquesa – tenho que agradecer a ajuda de Alvaro Valls e Kristian, que me possibilitaram um acesso rápido às informações principais destes textos. Além disso, há uma diversidade enorme de registros diretos e indiretos: nos arquivos privados de Brunilda e Isolda Reichmann (cartas, livros, fotografias, entrevistas, etc.), Verginia Küster Puppi (cartas, livros, fotografias), no Arquivo Público do Paraná (pasta do DOPS, acervo Bento Munhoz da Rocha Netto), no Círculo de Estudos Bandeirantes (livros, atas e jornais), no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo (fotografias, documentos civis, alvarás), no Arquivo Histórico Municipal de Erechim (fotografias, documentos civis, alvarás, plantas, deliberações do legislativo), no Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul (discursos parlamentares, participação em CPIs, documentos variados), na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Paraná (pasta funcional), na Imprensa Universitária da UFPR (depoimentos e gralhas editoriais), no Arquivo Nacional-RJ (registros de imigrantes), na Fundação Biblioteca Nacional (livros e hemeroteca), na Casa de Rui Barbosa-RJ (cartas, livros, fotografias, hemeroteca / acervo Octavio de Faria), na Academia Brasileira de Letras (livros e hemeroteca / acervos Octavio de Farias e Carlos Nejar). Essas são apenas algumas das possibilidades, a lista é muito maior. Retomarei os demais em momento diversos da tese.

*tempo e do cronotopo* (2018), *Teoria do romance III – O romance como gênero literário* (2019). Algumas dessa leituras já havia feito no ciclo anterior, em traduções indiretas.

DISPERSÃO - Foi somente em 2018, ao ler *As formas do tempo e do cronotopo* na versão traduzida por Bezerra, enquanto trabalhava o escrito de Reichmann, *Unidade e Dispersão de Kierkegaard* (1955) – dois conceitos fundamentais para compreendermos os sentidos da autobiografia dele – que me veio o *insight*. Estranhamente a sugestão nascia do entrecruzamento de culturas e visões, sobre a vida concreta, particular e irrepetível. A longa caminhada que ele fez, dialogando com indivíduos atinentes a suas vivências e sincretismos, operou-se no *grande tempo* – para usar um termo bakhtiniano.<sup>38</sup> Reichmann pôde desenvolver certa sensibilidade aos paradoxos da existência, na tentativa de lidar com os seus próprios. Nesse sentido o conceito de *dispersão* tinha uma vantagem superior, a unidade poderia até ser buscada por ele – enquanto autobiógrafo –, ou por mim – enquanto biógrafo –, mas em ambos os casos, teríamos acesso apenas as *micelas* espirituais e a colóide:

### Para explicar o que entendemos por dispersão

...podemos usar da imagem que nos proporciona um fenômeno físico-químico: as micelas a constituir um colóide.

[...] As micelas são essas poeiras que percebemos, às vezes, quando uma réstea de luz entra em nosso quarto. Deste modo, vejo o pensamento de Kierkegaard, disperso no século. As micelas, por sua vez, são partículas pequeníssimas de um colóide. O colóide pode ser o mundo de pensamentos onde todos os pensadores, poetas, filósofos, etc. se dispersam. Ao predominarem as micelas de Kierkegaard, podemos dizer (e o colóide tem as propriedades das micelas que o compõem) que o preponderante são os pensamentos de Kierkegaard [...].

Perguntará, então, alguém porque usamos do método histórico?

Respondemos, dizendo que a descrição de um fenômeno dessa natureza, sempre em movimento (como o exemplo físico-químico que acabamos de mencionar) exige um estudo histórico ou melhor, sua descrição no decorrer do tempo, no seu desenvolvimento, daí porque a dificuldade encontrada neste trabalho (K2, p. 66-68).

A passagem que citei acima foi extraída da parte final do ensaio, nela a metáfora físico-química ilustra a fisiologia da compreensão que Reichmann empenha ao estudo do pensamento de Kierkegaard. Paralelamente, assumi esse princípio enunciado por ele, pois *mutatis mutandis*, aplica-se, com muita propriedade (conforme argumentarei na sequência), a ele mesmo. No *Hic Fuit* há algumas passagens que desdobram essa ideia, antes de aprofundá-la, convém notar que o amadurecimento dessas categorias ocorreu de certa maneira graças à temporalidade compreensiva de Puppi. O diálogo epistolar levou-o a perceber-se personagem das *Folhas Azuis*, e diante desta constatação, na escansão que compõe com o *Hic Fuit*, o Personagem

---

<sup>38</sup> BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, 2017, p. 79.

radicaliza sua condição. Há uma estratégia declarada, as micelas Hic Fuit Ernani Reichmann poderiam ser apresentadas cronologicamente, como havia feito no caso de Kierkegaard. Ele demonstra isso na passagem citada, basta que empreguemos um “método histórico”! Fenômenos micelares como Kierkegaard e o eu-presente-no-passado de Reichmann, exigem uma descrição no decorrer do tempo, no seu desenvolvimento – não foi o que argumentou? Por que ele não aplicou a si, aquilo que havia aplicado a Kierkegaard?

A complexa estratégia de representações especulares que geram efeitos de emaranhamento, e me impossibilitava uma posição clara e acertada sobre a natureza dos escritos de Ernani Reichmann, começava a fazer sentido. Os escritos de *Angústia Subjugada* são atravessados por dois tempos fundamentais: um tempo exterior e outro interior. O primeiro é definido pelo calendário, é cronológico! Ainda que a vida seja dosada e medida por ele, Reichmann não o aceita, seria render-se às determinações e às prescrições do social. O segundo é constituído pela passagem do tempo cronológico, mas não é redutível a ele. O tempo interior é o da dispersão de si-mesmo, nas coisas que lhe atraem o interesse e tocam-lhe a sensibilidade. Esse tempo é mediado por muitas identidades narrativas, que se avolumam e ganham espessura na terra de ninguém. Todas as identidades são importantes, e uma não pode sobrepor-se a outra. Daí ele dispersar-se aleatoriamente, criando um efeito de aparente descompromisso – contudo isso não significa deixar de ser personagem.

A temporalidade Puppi – compreensiva, cronológica e espacial –, servia de orientação neste emaranhado de tempos distintos e simultâneos. Consecutivamente, o espaço era esse complexo afetivo de lugares onde viveu e se dispersou: os livros, os objetos, as casas e os lugares que lhe eram próprios. Os colóides são locais da dispersão: Passo Fundo, Erechim, Chapecó, Porto Alegre, Curitiba, Campo Largo. Esses lugares além de estar no mapa, estão nas memórias de Ernani Reichmann e ajudam-no a identificar-se – memória e identidade funcionam aqui, da maneira como nos descreve Joël Candau: a primeira “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.”<sup>39</sup>

Cada lugar afetivo é um espaço que emoldura parcela significativa da experiência deste personagem, eles contribuíram para o agravamento de sua angústia, mas também ao habitá-lo colaboraram para subjugá-la. Nesse sentido, os tempos e temporalidades são múltiplos, enquanto a espacialidade se constitui de lembranças que transbordam os umbrais da narrativa.

---

<sup>39</sup> CANDAU, J. *Memória e identidade*, 2012, p. 16.

Sentimentos, emoções, nostalgia, reforçam a ideia que o espaço é auto/biográfico, pois há muitas vozes, diálogos e encontros. Ernani se encontra com ele próprio, eu-presente-no-passado e eu-presente – na complexa dialética de sua experiência: o primeiro corresponde ao *Hic Fuit* Ernani Reichmann, o segundo ao eu-*entre*, resta apenas o Personagem a determinar a aleatoriedade ao se reunir nos outros dois. Dialogam neste espaço em que o eu se narra, e é narrado por outros eus de sua criação – simultaneamente personagem: biógrafo e biografado, autobiógrafo que escreve e autobiografado que reescreve-se. Foi nessa configuração irreproduzível e irredutível – em conceitos tradicionais –, que pude associar na integralidade indistinta do cronotopo, as micelas reichmannianas – em movimento constante, dispersas no século e, passíveis, de serem descritas no decorrer do tempo.

CRONOTOPO - Essa ideia-chave significa “tempo-espaço”. Obviamente, o conceito é anterior a Bakhtin e deriva, segundo ele, das “ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade”.<sup>40</sup> Esse conceito na assunção dada por Bakhtin, me fez perceber que o tempo caracteriza as condições cronotópicas e da mesma maneira as micelares, afinal Reichmann invoca a força de um método histórico para alcançar uma descrição adequada deste fenômeno da “poeira de pensamentos”. Contudo cronotopo e micelas atendem metaforicamente tão bem a narrativa, porque unificam tempo e espaço, temporalidade e espacialidade, em um único e integral elemento. Os colóides são estes espaços auto/biográficos imprescindíveis, para a reconstrução da Experiência de Personagem dissimulada no *Hic Fuit*.

Apesar de Bakhtin estar utilizando este termo em referência à literatura, ele não é estranho a reconstrução autobiográfica que empreendo. Precisamos ter em mente que não se trata de uma autobiografia convencional a de Reichmann pensando nisso poderia até simplificar as coisas ao dizer que a compreensão do fenômeno Reichmann, que estou buscando é semelhante a oferecida por Roland Barthes ao escrever *Sade, Fourier e Loyola*, fazendo uso de “biografemas”.<sup>41</sup> Ainda que este conceito demonstre certa familiaridade, é uma maneira muito

<sup>40</sup> BAKHTIN, M. *Teoria do romance II – As formas do tempo e do cronotopo*, 2018, p. 11.

<sup>41</sup> BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*, 2005, p. XVII: “Se é necessário que, por uma dialética arrevesada, haja no Texto, destruidor de todo sujeito, um sujeito para amar, tal sujeito é disperso, um pouco como as cinzas que se atiram ao vento após a morte (ao tema da *urna* e da *estela*, objetos fortes, fechados, instituidores de destino, opor-se-iam os *estilhaços* de lembrança, a erosão que só deixa da vida passada alguns vincos); eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolvido, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido a mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra, ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda a palavra e cuja vaga de imagens (esse *flumen orationis* em que talvez consista “o lado porco” da escritura) é entrecortada, à moda de soluções salutares, pelo negro apenas escrito do intertítulo, pela irrupção desenvolva de *outro* significante...”.

bidimensional de ver as coisas – nesse estruturalismo a função autor é anulada. Ernani não se apresenta estilizado ou em cacos, aguardando ser colado para restituir-lhe a fisionomia – até porque, no máximo o que conseguiríamos é um mosaico todo irregular. Isso não significa algo ruim, como demonstra François Dosse, vivemos os efeitos de um paradigma hermenêutica em matéria de biografias.<sup>42</sup> Há muitas facetas em cada micela (presença no passado), e cada nota exhibe-nos “tempo-espaços” autobiográficos prenhos de lembranças, sentidos e sentimentos. Logo, essas notas se apresentam como um livro-carta, que reúne “cronotopos autobiográficos”, que vão ser expressos, desenvolvidos e servir de base para quiasmas – em que se cruzam e entrecruzam, história (fatos) e ficção (imaginário).

Bakhtin define a noção de cronotopo como uma quase-metáfora, porque “importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como uma quarta dimensão do espaço).” Quando proponho que a reconstrução autobiográfica seja baseada nessa noção, estou pensando neles não apenas na descrição histórica, mas como matéria-prima para mais de uma de suas experimentações psicológicas. Isso se reveste de uma importância ímpar, para transitar pela terra de ninguém – afinal, estes cronotopos autobiográficos ao se desenvolverem, representam o pensamento de Reichmann disperso no século. Bakhtin afirma que “a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto”, revela-se complexo e descontínuo:

Aqui o tempo se adensa e ganha corporeidade, torna-se artisticamente visível; o espaço se intensifica, incorpora-se ao movimento do tempo, do enredo e da história. Os sinais do tempo se revelam no espaço e o espaço é apreendido e medido pelo tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo.<sup>43</sup>

Acresceria a lista de Bakhtin, ao falar do cronotopo autobiográfico de Reichmann que ele, além de descontínuo, não-cronológico, antissistema, é subjetivo (no sentido kierkegaardiano). Como vimos, as anotações se encontram em uma ordem dada pela personagem, e consecutivamente são os cruzamentos de séries, indícios e sinais que caracterizam o cronotopo autobiográfico. Em *As formas do tempo e do cronotopo* (1937-39), Bakhtin aplica o seu conceito a história da literatura, e nos revela que o fio condutor é o tempo: “o princípio condutor no cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria de conteúdo-forma

---

<sup>42</sup> DOSSE, F. O desafio biográfico, 2009, p. 229: “Os tempos atuais são mais sensíveis às manifestações da singularidade, que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como transformação do gênero num sentido mais reflexivo. Na escola da escrita romanesca, os historiadores, sociólogos, antropólogos e psicanalistas transgridem o tabu que até então cercava o gênero biográfico. A pergunta sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação alimenta essa renovação da escrita biográfica, que a nosso ver já entrou na era hermenêutica, a da reflexividade. Já não se trata de identificá-la, mas de proceder a uma abordagem do outro como, ao mesmo tempo, um *alter ego* e uma entidade diversa.”

<sup>43</sup> BAKHTIN, M. *Teoria do romance II – As formas do tempo e do cronotopo*, 2018, p. 11-12.

determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura; essa imagem sempre é essencialmente cronotópica.”<sup>44</sup> Nesse sentido, Reichmann nos revelou algo semelhante, seu desespero e Puppi assumem esse caráter orientador de sua experiência – e ambos são temporalidades vivenciais quando analisamos com mais cuidado.

As características apontadas por Bakhtin compreendem e são coextensivas ao cronotopo autobiográfico. Bakhtin dedicou todo um capítulo às formas da *Biografia antiga e autobiografia*.<sup>45</sup> Os cronotopos auto/biográficos analisados por ele vão do conteúdo-forma na antiguidade clássica (entre os gregos) até a medieval (com *As confissões*, de Agostinho). As formas cronotópicas são relativamente estáveis, com poucas variações de gênero e em suas modalidades: “analisamos apenas os grandes cronotopos tipologicamente estáveis”, afirma ele. Bakhtin chama a atenção que neste período abordado “ainda não haviam sido elaboradas novas formas de expressão autobiográfica da autoconsciência solitária”.<sup>46</sup> Mas nem por isso sua caracterização dele se torna rasa, o que ele enuncia com relação às formas biográficas e autobiográficas tem alcance e fornecem uma possibilidade interessante para lidar com comunicação direta e indireta de Reichmann. O cronotopo de Bakhtin se revela um instrumento epistemológico singular, porque favorece analisar fenômenos que se desenvolvem no decorrer do tempo e correlatos dispersos na narrativa. Lembro ainda que apesar de assumir a indicação dada por Ernani, de empregar um método histórico – como o cronotopo –, uma biografia é um espaço híbrido, atravessado por muitas óticas e epistemes.

Dito isso, vale reiterar que o *Hic Fuit* não segue a forma-conteúdo de uma carta, nem a de uma auto/biografia. Com finalidade de antecipar essas regras do jogo, percebemos nos três quartos do livro<sup>47</sup> em que a “carta” de Reichmann cobre, desdobram-se uma infinidade de formas de registros. Entre eles, apenas para citar alguns que mapeei, com base nos títulos ou no conteúdo, identificam-se os seguintes:

- [a] As cartas se apresentam como, começada (HF1, 7), outra começada (HF1, 8), para uma carta (HF1, 31), duas cartas (HF1, 85), ao Puppi (HF1, 1, 17, 35), ao Thomaz (HF1, 27-30, 89, 129), a Genoveva (HF1, 94);
- [b] não remetidas, com data (HF1, 32), ou sem data (HF1, 40), duas não remetidas (HF1, 44);
- [c] começadas, não concluídas e não remetidas (HF1, 51, 63, 98);

<sup>44</sup> BAKHTIN, M. *Teoria do romance II – As formas do tempo e do cronotopo*, 2018, p. 12.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 71-90.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 71-90.

<sup>47</sup> Isso porque o livro é o suporte material para não uma, mas duas cartas. A segunda cobre a última parte do livro e será objeto de nossa análise posterior (capítulo 2).



- [d] cópia [provavelmente remetida] (HF1, 50);

E, aquelas que ficam no limite da forma, como,

- [e] uma carta-poema, começada, concluída e extraviada entre outros papéis de menor valor (HF1, 9),
- [f] Bilhetes (HF1, 33 e 45), bilhetinhos (HF1, 74),
- [g] Notas (HF1, 25, 37, 41, 67, 70, 73, 75, 77, 79, 81, 83, 95),
- [h] Desabafos (HF1, 21, 22),
- [i] Poemas (HF1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 15, 20, 44) e, até um poema começado e não concluído, sem nome (HF1, 10).
- [j] Esquema de temas (HF1, 96), temas para um caderno (HF1, 47 e 48),
- [k] Teses (HF1, 128), estudos (HF1, 19, 36, 43),
- [l] Crônica (HF1, 67), novelas (HF1, 39, 96), conto (HF1, 125),
- [m] Impromptu (HF1, 34),
- [n] Inventário de sonhos (HF1, 11-14, 18, 32, 52, 96, 112),
- [o] Registro de lembranças (HF1, 23, 24), epitáfio (HF1, 42),
- [p] Autoexame (HF1, 26).

Nesse sentido o livro-carta é uma compilação de variadas formas narrativas produzidas durante a primeira parcela da vida de Ernani, registradas, transcritas, e por sua vez dedicadas ao amigo Puppi, no qual ora planta (dedica) seu mais precioso tesouro: suas escritas de si. Na certeza de que nenhuma dessas sementes se perderá, pois somente um amigo tão dileto poderia ser o fiel depositário / destinatário do *Hic Fuit* de Reichmann. A impressão que tenho é que cada cronotopo auto/biográfico de Reichmann é a expressão autobiográfica da autoconsciência solitária, povoada por muitas identidades narrativas registradas em uma variedade enorme de gêneros. Essa é uma visão que tenho desde o início, e me foi despertada pela reflexão da historiadora Sabina Loriga. O livro-carta é, bem a verdade, um *cronotopo auto/biográfico coral*.

Causa certo estranhamento não haver nenhuma conexão imediata que correlacione as seções entre si, visto se tratar de transcrições. A conexão não é narrativa e nem visa a coerência linear de que nos fala Bourdieu. Reichmann não está preocupado com a mesmidade (identidade idem – como coloca Ricoeur), seu livro-carta é plural nesse sentido – a única ligação entre os gêneros é o conteúdo empírico: dado pelo eu-presente-no-passado. O procedimento de Reichmann vai contra o que a maior parte dos estudiosos das *escritas de si* apontam como fundamental à prática autobiográfica.

Por isso conjecturo que o livro-carta além de ser híbrido, se trata de um cronotopo auto/biográfico coral. Entre a história e a literatura, que diversifica a forma – pois expressa cada cronotopo auto/biográfico em gêneros discursivo diferentes – e o conteúdo – ao apresentar dialogismo de identidades narrativas. É nesse sentido que tenho pensado o *ato* criador que produziu o *Hic Fuit*, afinal mais do que uma carta – enquanto escrita de si –, ele compila formas narrativas de períodos e intenções diversas. Há um impulso autobiográfico, e se estende a cada escrito posterior que tive acesso. No intuito de ilustrar os dois lados. Tanto o que aproxima, e estabelece um quadro de referência pelo qual a análise destes estudiosos opera, ao considerarem ser imperioso a *toda* (LEJEUNE, 1994, 2014), ou a *alguma* (ARFUCH, 2010, 2013) das modalidades referências ou confessionais funcionarem como suas descrições prescrevem. Quanto os que com desconfiança e ressalvas, demonstram-se mais céticos e críticos à ideia. Estes últimos, por terem argumentos combativos, advogam a antiautobiografia e apontam que o grande mérito destas práticas sobre o eu é também o seu calcanhar de Aquiles, isto é:

O relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.<sup>48</sup>

[...]O narrador é ideólogo de sua própria vida, pois seleciona certos acontecimentos significativos e estabelece entre eles conexões para lhes dar coerência, tudo em função de uma intenção global. Para isso conta com a cumplicidade ‘natural’ do biógrafo.<sup>49</sup>

Por não compactuar com os ideais de sentido, razoabilidade absoluta, consistência, coerência, linearidade, ou qualquer outra alegação que vitrifique retrospectiva ou prospectivamente a verve que testemunho. É que mobilizo a atenção para a pluralidade de vozes que se ouve a partir do livro-carta. O passado que retorna sob a forma de carta, múltipla, propalada em livro, apenas se arroga ser autobiografia, porque...

Depois de passar uma tarde sufocado ao peso das lembranças, eu me sentei diante do rádio e... Logo, em seguida, tive a impressão de que estava em Erechim e de que escrevia e escrevia, sentado à mesa da sala de jantar. Alguém, não me lembro quem, estava ao meu lado e me perguntou o que é que eu escrevia. E eu, sem saber o que dizer, não respondi. Mas chorei: sabia o que escrevia...

### **Era a minha autobiografia, Puppi**

A decisão de remeter essa coleção de textos ao amigo surgiu de uma necessidade dupla, de *guardar* e, ao mesmo tempo, *comunicar* tudo o que já havia escrito de 1939 – ano que

<sup>48</sup> BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*, 2006, p. 184.

<sup>49</sup> *Ibid.*, 185

escreve pela primeira vez um conto e registra algumas anotações em um caderno –, até em que redige a carta ao leitor (HF1, 0) em 1955. Essa maneira de proceder evoca uma prática que tem dupla identificação ou conotação: de *guardar*, a prática mesma de *Arquivar a própria vida*<sup>50</sup>, que nasce na modernidade, e vai ceder lugar ao *aide-mémoire*. De *comunicar*, evoca o que o filósofo francês Michel Foucault chamou de *correspondência*, em sua genealogia sobre *As escritas de si* (1983)<sup>51</sup>. Houve o tempo de escrever-se, esse já passou, agora era chegado o momento de transcrever-se, para reescrever-se (HF2, 182):

Foi a Isoldinha, Puppi, que me levou a te escrever esta carta, reunindo todos os papéis velhos, de muitos anos (menos as Folhas Azuis, as cartas ao Ernesto, uma ou duas ao E. L. S. e etc.) ao vir buscar os cadernos que precisa para o colégio. Em todo caderno há uma, duas ou três folhas escritas, que sou obrigado a “extrair” para que o caderno tenha ao menos a “aparência” de novo. Foi assim que pude reler coisas das quais talvez jamais voltasse a me lembrar e foi assim (ao ler num momento de saudade e tristeza a tua carta “para depois dos trinta e cinco”) que nasceu a ideia desta carta... (HF1, 72).

Aqueles cuja legibilidade favorecia, ganharam uma segunda vida e salvaram-se do destino fatídico no limbo – relegados ao “cesto”. Foram parar nele, mas não sem remorso. “Sinto uma crise, uma nova crise, uma crise diversa, a cada folha de papel que preciso rasgar”, nos informa Reichmann (Cf. HF1, 102). Ainda que em nossos dias o peso do papel tenha algum valor comercial e signifique a diferença na ordem da sobrevivência, o preço de se desfazer daqueles objetos de memória não era baixo! Principalmente, para aquele que guardou tão próximo de si os papéis de uma vida. Embora possibilitem novos usos para o passado, as folhas sedimentam sentimentos e as marcas do tempo. Por isso, seu valor é de outra ordem, desperta emoções, comove, ou nos ensina algo sobre a vida e nos permite encontrar humanidade, onde jamais pensaríamos encontrar. O cesto e as folhas rasgadas são sintomas de uma crise, impensada até o ato, mas não inesperada. O papel em branco ou vendido a peso, independentemente de suas marcas, não monetiza as possibilidades de uma vida, nem as de uma segunda vida.

Preparei até aqui o alicerce para a reconstrução que empreendi. Nas páginas seguintes, o leitor acompanhará o abrir e fechar de gavetas. Reichmann movimenta-se e movimenta os papéis e cadernos que se encontram naqueles espaços. O sentido é metafórico, ele é presença opressiva sobre tudo o que está ali, próximo e diante de seus olhos. Dispersa-se, mesmo já tendo dispersado-se antes – estão ali em cada gaveta os sinais indiciários. É nesse contexto que nasce o *Hic Fuit*, essa colóide que guarda as mesmas propriedades das micelas de Ernani Reichmann.

<sup>50</sup> ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*, p. 9 et seq.

<sup>51</sup> FOUCAULT, M. *A escrita de si* (1983), p. 153 et seq.

Se o labirinto de nove gavetas já revela-nos o *Hic Fuit* Ernani Reichmann, partimos dele nessa jornada compreensiva, mergulhando – como nos sugere Vavy Pacheco Borges – em cada cronotopo auto/biográfico coral.

Arrisquei-me, mais uma vez, pois a narrativa tenta dar conta da reconstrução auto/biográfica colocando as micelas em um tempo que revela as clivagens – sua função básica é capitular, ainda que se apresente em número irregular de páginas a cada escansão. As micelas cumprem seu papel cronotópico, nestas clivagens. Entretanto, deixam de ser aleatórias e na reunião dada a elas no *Hic Fuit*, passam a ser descritas de acordo com o método histórico. Nesse sentido o leitor navegará entre períodos cronológicos saltando de um cronotopo a outro, às vezes a transição é clara, já em outras exigirá indulgência – é preciso lembrar que as conexões são narrativas, construídas hipoteticamente e cercadas pela experiência da leitura que acumulei não apenas do livro-carta, mas também dos outros escritos de Reichmann. Por isso, às vezes o leitor sentirá que a narrativa transborda os limites, e por outras, que falta algo – em geral este algo impreenchível são as lacunas que a fonte principal ou as demais possuem. Cada seção é marcada por títulos que saltam, desde dentro do eu-presente-no-passado que é Ernani Reichmann. Isso quer dizer que foram escolhidos pelo personagem? Talvez. Eles com certeza cristalizam muitas coisas, eu selecionei-os de acordo com o tempo compreensivo com o intuito de distinguir um cronotopo de outro. E, por que não, favorecer alguma ordem à interpretação e à leitura. Destaco, ainda, o *coral* – na sua ambiguidade linguística natural – que essas passagens despontam, tanto vemos a forma oscilar, quanto as vozes se deixarem ouvir. Finalizo este tempo que começa em 1920 e vai até 1955, dado pelos cronotopos de 1939 a 1955, com uma reflexão provisória sobre os sentidos inexplorados ainda, da experiência de Reichmann.

## A MINHA MESA TEM NOVE GAVETAS

..., Puppi. Quatro de cada lado e uma no centro. Nesta, eu guardo as cartas dos livreiros de Paris e de Stuttgart. Com as cartas vem as relações dos últimos livros e as contas por pagar. As duas primeiras gavetas da esquerda da mesa têm papéis, folhas brancas de papel... na terceira, guardo os cadernos de van Neutgen, apenas iniciados: o ref. ao Cabo, ao tio Zico e ao tio Doca. A primeira gaveta da direita da mesa guarda as notas dos ensaios que talvez eu venha a escrever um dia (ver a relação mais adiante). A segunda guarda as pétalas secas das rosas que “ela” deixou na minha jarra (ver o fim do Pierino). A terceira, as tuas Cartas e a 4ª gaveta... *Eis o que encontrei e que auxiliará a me “explicar” a mim mesmo*, entre cartas do Ernesto, do Germano (irmão do Ernesto), do Fritz, do Osmar, do Quinquinha, uma do Nery, outra de meu pai, uma de minha mãe etc. etc. A numeração é apenas para distinguir um papel do outro (folha solta, pedacinho de papel, folha de caderno). Nem tudo está aqui. A verdade, porém, é que o que não foi transcrito (a maior parte – de leitura difícil) também foi para a cesta, como tinha que ser (HF1, 96; itálico meu).

Ernani Reichmann faz questão de descrever seu labirinto de nove gavetas ao amigo de longa data, Clementino Schiavon Puppi. Será que são as gavetas de sua mesa de trabalho? Possivelmente, ou em seu gabinete na recém-federalizada, Universidade do Paraná – onde atuava como professor de economia, na cadeira de Estrutura e Análise de Balanço (naquele ano)<sup>52</sup> – onde também, um dia havia sido aluno de Direito e Economia, e felizmente conheceu Puppi. Ou será que se trata da mesa que tinha no recém-inaugurado Palácio Iguaçu?<sup>53</sup> Ou ainda, ele e sua mesa ainda estavam próximos de casa, no Palácio São Francisco? Talvez já estivesse na nova sede, assessorando a secretaria de Estado ao comando de Chafic Cury no Governo Bento Munhoz da Rocha.<sup>54</sup>

Essa, certamente, não era a sua mesa de casa. Pois, se o *Hic Fuit* (1955) saía de um labirinto de nove gavetas, o que não sairia do móvel com um monte de gavetinhas que ele tinha na frente da mesa de seu escritório, no sobrado da Paula Gomes? (Se você ainda

Fotografia 2 – Escritório de Ernani Reichmann na rua Paula Gomes



FONTE: PDS, p. 640.

<sup>52</sup> Ingressou na condição de professor instrutor da cadeira de Comércio Internacional e Câmbio, em 17 de março de 1952. Em 9 de abril de 1954, ele se torna professor padrão (cf. Apêndice A).

<sup>53</sup> A sede do Governo do Estado foi inaugurada em 19 de dezembro de 1954, pelo Governador em exercício: Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1955). A data foi escolhida em comemoração ao Centenário de Emancipação Política do Paraná, o palácio foi construído para sediar o Poder Executivo do Estado do Paraná. Antes a sede do Governo ficava no Palácio São Francisco (1938-1954), atual Museu Paranaense.

<sup>54</sup> Ernani era muito próximo de Bento Munhoz da Rocha, ele chamava-o de dr. Bento.

não sondou o *Apêndice A*, convindo a descobrir uma resposta a essa questão acima).

O sobrado da Paula Gomes era o lar dos Reichmann's desde 1951, ano que teria adquirido o imóvel e retornava à capital paranaense ao lado da família. Como se refere ele, “que trio maravilhoso este, no qual mergulho e no qual me perco tantas vezes: longe de mim, de meus fantasmas, e de um futuro quase impossível. Nomes desse trio: Annie, Isolda e Brunilda” (VCO, p. 365). O ano em questão era 1954, ou 1955. Ernani havia completado trinta e quatro anos, casado há onze com Annie Tempel, ela com trinta e um. Os dois, pais de Isolda e Brunilda, dez e oito anos respectivamente – os nomes das filhas, possivelmente, sugeridos pelas peças do compositor alemão Richard Wagner (1813-1883).

Entre um protocolo e outro, sobrava-lhe tempo para ler Kierkegaard – quem sabe *A repetição* (cf. HF1, 51). Ou se estivesse em casa, mergulhado em seu “quarto de estudos” ou no “trio maravilhoso”. De qualquer maneira, começava um balanço, passando de uma gaveta a outra e verificando as anotações, lembrando o uso que havia dado a elas. Não eram muitas, apenas nove. No centro de tudo, as possibilidades de encontros futuros, que lhe chegavam vindas do velho mundo, por meio de cartas e catálogos dos livreiros de Paris e de Stuttgart. Ele explica em outra carta a Puppi: “Meu livreiro de Stuttgart, meu livreiro de Paris tem correspondido à expectativa”! Dessa relação extraía uma moral, “a Europa pode nos ensinar muita coisa em se tratando de honradez comercial” (HF1, 64) – certamente era um golpe de sorte importar livros, sem temer pelas muitas sortes de preço, câmbio, extravio, tempo, etc. na carta seguinte, ele retoma o assunto para explicar a diferença entre seus livreiros: “Meu livreiro de Stuttgart, meu livreiro de Paris: o de Stuttgart parece que superou o outro porque descobriu uma série de estudos sobre o Kierkegaard, em alemão. E, também as “Obras Completas” e outras obras que não estão nas completas.” O assunto não morre, se não bastasse dois livreiros, ele anuncia que em “breve, terei um livreiro em Copenhague. Mandeí uma pessoa dar uma chegadinha lá: é um atleta paranaense que vai cursar a Real Academia de Educação Física de Estocolmo. Os atletas têm fôlego!” (HF1, 65). Como essa gaveta era central em sua vida, ao menos lhe ditava um ritmo nos encontros, proporcional às contas com o velho mundo, que tanto lhe tinha a ensinar!

Da esquerda para a direita, a primeira e a segunda ditam os tons de sua conversa com Puppi e a dimensão de suas criações: branca ou azul, com carbono ou sem carbono, verde ou madura! Era deste campo dos possíveis que saíam as *Folhas Azuis* e tantas outras criações – na

maioria sem carbono!<sup>55</sup> A palheta de cores também era de estados de espírito, como tantas vezes ele já havia declarado ao amigo. Os papéis azuis eram uma exigência de Puppi? “Escreva sempre em papel azul e à máquina, pois a tua letra só não mandei ao farmacêutico por não precisar de remédios”! (CSP1, 04/03/45, 2º PS). Desde 1945, a nota simpática do amigo, despertara-lhe para a importância de ter à mão muitas folhas de papel, principalmente azul, “te falta um defeito”, diz Puppi ao amigo, “não és prolixo”: “tua carta foi muito grande e precisei de tempo para tomar fôlego” (CSP1, 05/09/46). Puppi diagnostica o caso de Ernani, e explica nos anos seguintes o que significa a falta nele:

### **As tuas “folhas azuis” pareceram-me sempre jorros incontrolláveis**

... [mesmo batidas a máquina], circunstanciais e essenciais. Diante deles, o que eu poderia exigir era que fossem menos concisos e mais elementares (: mais articulados nos seus elementos). Esta exigência não encontrava lugar, no entanto, porque a própria natureza das “folhas azuis” a excluía (CSP1, 24/09/49).

Por não ser prolixo, Ernani precisava sempre de muitas folhas, porque jorrava muito e sempre cartas concisas, livros concisos, e conseqüentemente, muito fôlego.

A 3ª e a 4ª gavetas abaixo e, ainda, à esquerda, são reservadas aos companheiros de experiência. Na passagem que citei, ele apenas lembra da terceira, onde se encontram os cadernos começados de “van Neutgen”. A minha hipótese é que as folhas de “Sorte Peer”, estejam na quarta, afinal ele é o azarão da história – lapso de memória? Esquecimento? Os cadernos de “van der Lubbe” já haviam começado a ser publicados em 1953. Logo, os que restavam já certamente estava nas mãos do editor, sem van der Lubbe desconfiar – afinal, o larápio editor era o azarão Sorte Peer! O que reforça mais de uma vez minha hipótese. Na última gaveta propositalmente esquecida, estavam os papéis que apenas seriam publicados em 1981 – não sem protestos, pelo azarão.

Esse jogo com pseudônimos talvez seja reflexo da centralidade de Kierkegaard na vida de Reichmann. Há uma efusão de vozes que se desenreda de Kierkegaard, e para compreender esse mecanismo precisamos ter um conhecimento mínimo de sua biografia, pois vida e obra são inseparáveis enquanto existência. Kierkegaard assume que apenas Cristo era o comunicador exclusivo da verdade cristã, o que representava um problema a comunicação dessa verdade entre as pessoas. Seu papel era servir a Cristo, adotando uma *comunicação indireta* – sua tática,

---

<sup>55</sup> De uma nota tardia, sem data: “Que saudade do tempo em que eu podia te mandar as minhas folhas azuis! Uma folha branca: há uma gargalhada suspensa nos meus dedos como uma mancha de carbono numa folha branca” (HF1, 44, 5º PS). Quanto a carta ser verde ou madura, Ernani explica a Puppi: “Escrevo esta carta num caderno. Quero-a escrita devagar, sem pressa, bem amadurecida (como se isso fosse possível). Chega de te fazer digerir cartas verdes, quase sempre com cica, intragáveis e molestas” (FA2, p. 135).

inspirada pela maiêutica socrática –, multiplicava pela pseudonímia significativamente sua dedicação a essa verdade. Essa missão apenas se torna compreensível quando, em 1846, revela ao fim daquela que seria invariavelmente a sua última obra antes da morte, sua intenção socrática. Kierkegaard colocava fim ao protocolo do anonimato, revelando sua estranha relação com a pseudonímia, no anexo do *Pós-escrito às Migalhas* conhecido como *Uma primeira e última explicação* (1846):

Por uma questão de forma e de ordem, eu reconheço, por meio desta, algo que *realiter* [lat.: de fato] dificilmente alguém pode ter interesse em *saber*: que sou eu, como se diz, autor de *Ou isto ou aquilo* (**Victor Eremita**), Copenhague, fevereiro de 1843; *Temor e tremor* (**Johannes de Silentio**), 1843; *A repetição* (**Constantin Constantius**) 1843; *O conceito de angústia* (**Vigilius Haufniensis**), 1944; *Prefácios* (**Nicolaus Notabene**), 1844; *Migalhas filosóficas* (**Johannes Climacus**), 1844; *Estádios no caminho da vida* (**Hilarius Bogbinder: William Afham, o Juiz, Frater Taciturnus**), 1845; *Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas* (**Johannes Climacus**), 1846; um artigo em *Fædrelandet* [A Pátria], n. 1.168, 1843 (**Victor Eremita**); dois artigos em *Fædrelandet*, janeiro de 1846 (**Frater Taciturnus**). Minha pseudonímia ou polinímia não teve uma razão *casual* em minha *pessoa* (certamente não por medo de punição legal, com referência à qual não estou ciente de ter infringido algo, e tanto o impressor quanto o censor *qua* oficial público, foram sempre oficialmente informados, por ocasião da publicação, sobre quem era o autor), mas uma razão *essencial* na própria *produção*, que, por causa das réplicas e das diferenças das individualidades psicologicamente diversas, requeria poeticamente uma desconsideração quanto a bem e mal, compunção e jocosidade, desespero e soberba, sofrimento e júbilo etc., que só se limita idealmente pela consequência psicológica, o que nenhuma pessoa nos limites éticos da realidade efetiva ousa permitir-se ou pode querer permitir-se. O que está escrito, então, é meu, mas apenas na medida em que eu coloquei na boca da individualidade poeticamente real *que* produz, sua visão de vida, tal como se dá a perceber nas réplicas. Pois minha relação é ainda mais remota do que aquela de um poeta, que *cria poeticamente* personagens, porém é *ele próprio o autor* no prefácio. Eu sou, com efeito, impessoalmente ou pessoalmente na terceira pessoa, um *souffleur* [fr.: assoprador, ponto de teatro] que produziu poeticamente *autores*, cujos prefácios, por sua vez, são produções deles, sim, como são até seus *nomes*.<sup>56</sup>

Kierkegaard apresenta-se como um *souffleur*, ou seja, apenas um ponto – como no teatro, sua função é evitar que a identidade poeticamente constituída se desvie de seu quadro de atuação. Para medir a dificuldade que temos em alcançar Kierkegaard, é importante considerar suas palavras, quando explica que: “não há, portanto, nos livros pseudonímicos uma única palavra que seja minha”.<sup>57</sup> Além destes livros e seus respectivos autores, há toda uma produção veronímica que estende até 1855, contra sua intuição pessimista. Não me adentrarei mais, as questões desse contexto exigem uma atenção adequada e maior, me voltei a essa particularidade da pseudonímia de Kierkegaard, porque me parece ter inspirado a pseudonímia de Reichmann.

<sup>56</sup> KIERKEGAARD, Søren. *Pós-escrito às Migalhas filosóficas*, vol. II, 2016, p. 341, Negritos e itálicos, como no original. *Uma primeira e última explicação*

<sup>57</sup> *Idem*.



Preservadas as devidas distâncias, é sobretudo esclarecedor compreender que, enquanto o filósofo guarda o anonimato e apenas quebra-o na sua suposta última obra, Ernani Reichmann participa ao lado de seus pseudônimos, como um pseudônimo de si-mesmo. Como isso é embaraçosamente confuso, optei por denominá-los “identidades narrativas” – seguindo a semântica dada a essa noção por Paul Ricoeur –, com a finalidade de historicizar esses nomes que funcionam fora das regras do anonimato tradicionalmente estabelecido – cristalizadas por Gérard Genette, em *Paratextos editoriais*.<sup>58</sup>

O uso que ele faz de seu nome, ao lado de seus companheiros de experiência – van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer –, até poderia estar na taxonomia de Genette, como uma variante do “polionimato”! Que Genette define como a “utilização por um mesmo escritor, de vários pseudônimos literários” – pseudônimo múltiplo, que funciona de maneira semelhante “a verdade do pseudônimo simples, e sua propensão natural”.<sup>59</sup> Contudo, não me parece ser este o caso, nem de Kierkegaard, e nem de Reichmann. “O polionimato pode também ser um verdadeiro polipseudonimato, quando o autor assina unicamente com diversos pseudônimos: é, tirando fora a complicação da presença momentânea de um testa-de-ferro”, se este não for o caso de Kierkegaard, é o que mais próximo chega da definição uso da pseudonímia relacionada a intenção maiêutica declarada, via comunicação indireta. A discussão até aqui, empreendida por Genette, não favorece uma interpretação adequada do funcionamento da pseudonímia de Reichmann – ela tem forte ligação com a intenção demonstrada por Kierkegaard, contudo seria muito simplificador acreditar que

O gosto pela máscara e do espelho, o exibicionismo desviado, o histrionismo controlado, tudo isso se junta no pseudônimo ao prazer da invenção, do empréstimo, da metamorfose verbal, do fetichismo onomástico. Claro está que o pseudônimo já é uma atividade poética, e algo como uma obra. Se você sabe mudar de nome, sabe escrever.<sup>60</sup>

Talvez esteja dando muito espaço a análise genérica de Genette, sua casuística é frágil e – tenho dúvidas se – dá conta da criação literária. Todavia acredito que sua visão limitadora, nos chama a atenção para como o problema é mal resolvido – e pode se perder em confortáveis

---

<sup>58</sup> GENETTE, G. *Paratextos editoriais*, 2009, p. 47: “É conveniente primeiramente situar o pseudonimato entre o conjunto mais vasto das práticas que consistem em não inscrever na frente de um livro o nome legal de seu autor (é esse conjunto que os bibliógrafos clássicos são unânimes em chamar ‘pseudônimo’).”

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 53. Os aspectos levantados por Genette são conclusivos para a literatura, podem até dar conta da criação estética. No entanto, é muito genérico e reducionista aceitar tal posição ao considerarmos o contexto e as adversidades de cada caso. Torna-se inviável aceitar sua argumentação diante de uma advertência, como: “a prática do pseudônimo é como a de uma droga, que depressa convida à multiplicação, ao abuso, ou mesmo à *overdose*” (p. 51).

generalizações. Desconsiderar casos como o de Kierkegaard e Pessoa, como pseudonímias para se ganhar o *Guinness*, talvez não seja a melhor maneira de julgar casos tão particulares!

Muitas vezes é atribuído a Kierkegaard, e conhecem-se pelo menos três “heterônimos” de Pessoa, mas estamos aqui no limite da suposição de autor, pois cada umas dessas hipóteses, em Kierkegaard e mais ainda em Pessoa, é dotada de uma identidade fictícia por via paratextual (prefácios, notas biográficas etc.) e mesmo ou sobretudo textual (autonomia temática e estilística).<sup>61</sup>

Como argumentei, a fragilidade das cristalizações de Genette configuram o erro, ao qual não nos resta outra opção, a não ser “mergulhar nas águas da dúvida” – deixar o gabinete à la Frazer – e nos voltarmos ao caso particular. Observar a riqueza do caso particular, exige ajustar a escala com que olhamos Kierkegaard, Pessoa e Reichmann. Não me ocuparei com os dois primeiros – ainda que pense ambos, para além de meras “identidades fictícias”.<sup>62</sup> Me volto para o caso em questão, Ernani raramente fala simultaneamente dos seus pseudônimos como tal, na maioria das vezes, eles são caracterizados como parceiros de experiência. Separadamente existem numerosas notas e cartas que dão conta de facetas que individualizam cada identidade. No entanto, há uma nota no Post-Scriptum de 56 que nos mostra as *Atitudes* de cada um, e de todos. Notemos sua caracterização:

### **Não há dúvidas de que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer são protótipos**

...das atitudes que geralmente encontramos nos intelectuais de toda parte. Van der Lubbe é o homem que pensa, que transforma tudo em temas, em experiência refletida. Van Neutgen é o homem que lê e que, quando escreve, põe no papel somente o que interessa na sua condição de leitor (leitor de si mesmo). Sorte Peer é homem que escreve, que escreve para os outros... Se van der Lubbe pode chegar a publicar os

<sup>61</sup> Ibid., p. 5

<sup>62</sup> Nesse sentido, remeto o leitor ao trabalho comparatista e de análise cruzada empreendido por Alain Bellaïche-Zacharie. O autor situa a melancolia como uma base comum, favorável ao diálogo entre estes dois pensadores e, por que não, a uma compreensão mais profunda da pseudonímia e da heteronímia. Cf. BELLAÏCHE-ZACHARIE, A. *Pensée et existence selon Pessoa et Kierkegaard*, 2012, p. 21-22 : Pessoa est le poète de la vie intérieure : ce qui en relève existe de fait. L'être de raison n'a pas moins de réalité d'existence que l'être de fait, dès lors qu'il s'insère dans la structure narrative de la vie intérieure – « organise ta vie comme une œuvre littéraire et mets en elle toute l'unité possible », écrit-il dans *Un singulier regard*. Le jugement d'existence de tel être ne requiert d'autre preuve que la sensation qui le perçoit. Rien n'autorise à dire que les hétéronymes soient dépourvus de toute réalité concrète alors qu'inversement nous n'avons pas « la moindre preuve que Lisbonne ait jamais existé, ni moi-même, ni quoi que ce soit au monde ». La vie intérieure n'est ainsi que le redoublement du moi dans le seul medium de l'imagination, elle est le milieu clos qui préserve des aléas du concret, qui protège de la véritable intériorité. Les hétéronymes jouent ce rôle d'écran protecteur qui déconnecte l'intérieur de l'extérieur : « ils s'entendent beaucoup mieux avec moi, écrit F. Pessoa que je ne parviens à le faire avec la réalité extérieure » : ils séparent quoique de façon fictive, l'existant de l'existence en faisant du premier le spectateur de la seconde. Par opposition au poète de la vie intérieure, Kierkegaard est le poète de l'intériorité et la pseudonymie l'exposition des stades d'existence selon le degré de dialectique que l'individu met dans sa façon d'exister. L'existant, lorsqu'il agit authentiquement, imprègne de pensée le concret de l'existence ; il a à faire face à cette terrible contradiction d'être un « esprit infini existant » et il n'y parvient que par un effort continu d'intériorisation. À son terme, et cela n'est donné qu'à l'extraordinaire, l'intériorité de l'existant est « la pensée devenue transparente dans l'existence »... « Penser est une chose et exister dans le pensé, une autre. L'existence ne découle pas plus de la pensée qu'elle n'en est dénuée ».

seus trabalhos (e espero que o faça um dia), Sorte Peer quer, a todo custo, publicar os seus.

Sorte Peer é digno de admiração. Ele estuda. Ele procura. Quer ser o representante de sua época. E, se isso fosse possível, gostaria de “marcar” a sua época.

Aqui mesmo em Curitiba, encontro representantes dessas diferentes atitudes. Há intelectuais inclinados sobre uma experiência vivida, tentando extrair dela os temas do pensamento do Paraná. Podem ser pouco numerosos, mas existem. Eles aí estão. Aí e agora. Há, também, os que se limitam a ler. Leem tudo e do melhor possível (muito depressa ou muito devagar, seguindo ou não o conselho de Nietzsche). Se escrevem, são coisas que apenas lhes diz respeito. Coisas que não pensam em publicar. Na verdade, são mais numerosos do que os primeiros.

O que mais me tem chamado a atenção, é a abundância dos “Sorte Peer”. Sobre eles gostaria de discorrer, mostrando de imediato as atitudes que, por sua vez, têm assumido:

1º - Há os que se lançam e desaparecem, tomando outra direção.

2º - Há os que permanecem.

Estes últimos ainda podem ser classificados:

1º - Os que sabem o que querem, o que pretendem e que se lançam certos de uma missão a cumprir.

2º - Os que pretendem encontrar o caminho auxiliados pela crítica durante a caminhada e que permanecem, mesmo não encontrando o caminho.

Interessante, também, seria analisar sua relação com os outros. Uns, para respirar melhor, procuram negar o valor de tudo o que ficou para trás, desligando-se violentamente do meio com uma originalidade mais do que discutível. Outros amoldam-se ao meio e continuam (aqui no Paraná) a cantar o pinheiro (a verdade é que o pinheiro pode dar motivo a grandes poemas). Há, também, outros, para os quais as duas atitudes são absolutamente indiferentes. Que não chegam mesmo a pôr o problema, pois são capazes de tocar com a sua sensibilidade tudo o que os cerca... com esses é que eu gostaria de conversar! (HF3, 193).

A nota que acabamos de ler é particularmente interessante, porque os pseudônimos, além de possuírem identidades intelectuais próprias, organizam a compreensão do eu-*entre* e possibilita-o distinguir nuances na sociedade paranaense. Note que os olhos desse eu voltam-se para os espíritos que, aparentemente indiferentes, ou ao passado em detrimento de uma originalidade questionável, ou aos admiradores de araucárias e oportunistas, “com sua sensibilidade” tocam tudo o que os cerca. Clementino Schiavon Puppi, com certeza, é um exemplo de *bom vivant* no sentido colocado. Por isso, mais que pseudônimos no sentido problemático de Genette, eles são identidades narrativas autônomas plenas de sentido e capazes de relacionamento intersubjetivo. Por outro lado, essa mesma nota, revela-me mais que uma simples forma de agência, anco-me para isso, na ideia expressa nas atitudes dessas identidades representativas como lugares de memória – em uma linha de continuidade, as análises que nos deu a historiadora Frances Yates.

Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa* (vol. 3) e *O si-mesmo como outro* (5º e 6º estudos), desenvolve a ideia de “identidade narrativa”, como “rebento frágil proveniente da união da história e da ficção”.<sup>63</sup> Na primeira obra, Ricoeur toma o conceito como uma categoria prática

---

<sup>63</sup> RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*, 2010, p. 418.

para lidar com situações limite entre a história e a ficção, ao lidarmos com os cronotopos a frente, veremos que esse contexto dado é exatamente o que encontraremos no emaranhado *Hic Fuit*. Assim, o conceito ajuda-nos a lidar com os pseudônimos descritos e os muitos eus, não apenas como identidades fictícias ou *overdoses* de polionimato, afinal há um componente histórico que não pode ser rejeitado – por ora, esse componente talvez não esteja evidente, contudo acredito pela experiência de leitura que a ideia de Ricoeur somada a de Yates, são perfeitamente capazes de fazer justiça a Reichmann.<sup>64</sup>

“Responder à pergunta ‘quem?’, como disse claramente Hannah Arendt, é contar uma história de uma vida”.<sup>65</sup> A resposta a questão “quem?” tem que ser narrativa, foi exatamente o que Reichmann fez na nota Atitudes, é o que ele fará no *Hic Fuit*. Assim, através deste conceito, deixamos as posições substancialista ou formal dadas na mesmidade – ou seja, na identidade entendida como um mesmo (*idem*) – para uma que se baseia da ipseidade – que nada mais é do que a posição da identidade de si-mesmo (*ipse*), dialogicamente a constituir-se narrativa, pois “sua identidade repousa numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica oriundo da composição poética de um texto narrativo”.<sup>66</sup>

Pode-se dizer, assim, que o si-mesmo é refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. O sujeito aparece então constituído simultaneamente como leitor e como *scriptor* de sua própria vida, conforme o desejo de Proust. Como se comprova pela análise literária da autobiografia, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas.

[...]

O si do conhecimento de si é fruto de uma vida examinada, segundo as palavras de Sócrates na *Apologia*. Ora, uma vida examinada é, em grande medida, uma vida depurada, clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas como fictícias veiculadas por nossa cultura. A ipseidade é portanto a de um si instruído pelas obras da cultura que ele aplicou a si mesmo.<sup>67</sup>

Logo, a identidade narrativa, mais que dar certezas de um eu monológico e unilateral, revela as instabilidades do si-mesmo na autobiografia, revelando as descentralidades e as excentricidades. Cada pseudônimo é leitor e escritor de sua própria vida, refigurando-se de maneira dinâmica e entrecruzada, por um componente histórico e de outro pelos frutos da cultura – isso fica particularmente visível nos oito *Cadernos van der Lubbe*. Não é aleatório

<sup>64</sup> Não quero generalizar, mas acredito ser viável com as devidas ressalvas, cada caso é um caso, de estender o potencial analítico destes conceitos para Kierkegaard e Pessoa. Esse é, com certeza, um estudo que permitiria obter outra visão acerca das relações entre *ortônimo*, pseudônimos ou heterônimos.

<sup>65</sup> RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*, 2010, p. 418.

<sup>66</sup> *Ibid.* p. 419.

<sup>67</sup> *Idem.*

Kierkegaard situar-se como *Souffleur*, a mesma condição está presente em Reichmann. Essa relação próxima e, simultaneamente, distante demonstra as contradições de existir através de uma socrática missão de colocar a vida em exame. Esse efeito socrático duplo, maiêutico e autoexaminado, não é meramente externo. Identificamos em Kierkegaard reverberações, assim como em Ricoeur ao tratar da problemática questão da identidade. Mas fundamental, para o nosso caso, é identificá-la como interna – parte das preocupações filosóficas de Reichmann, em sua filosofia da dispersão, contra uma unidade apenas possível na morte. Ernani por três vezes pede a palavra, em dois momentos distintos, contudo tematicamente próximos e, consecutivamente, desveladores:

– No *Hic Fuit*, há uma *leve* fundamentação – proveniente das *Notas sobre a dispersão*

Se aquele que manifesta uma dispersão, manifesta “sobretudo” uma experiência da dispersão e se a manifestação dessa experiência deve ser seguida de um conhecimento dela, experiência – e, como quem se dispersa é o espírito, há necessidade de um conhecimento, não só da experiência mas do “comportamento” do espírito nesta relação do psíquico e do corpóreo, para ser uma relação com a coisa. Não que isso venha a me levar no sentido de uma crítica do conhecimento, não. Pretendo somente registrar um fenômeno como me “parece” tê-lo experimentado. Não me preocupa saber como cheguei a conhecer a coisa, mas sim o comportamento do espírito na sua relação com a coisa, como ela se mostra. Todas as teorias formuladas sobre o espírito deixam de ter sentido diante de sua presença, da qual não se pode prescindir, como não se pode prescindir da coisa. Esse estudo limita ao conhecimento do que ficou tanto do primeiro como do segundo momento da dispersão. É uma recriação da experiência. Ela exige a presença do passado no presente, pelo que ficou de passado em cada um, estando, por conseguinte, no presente com toda a experiência registrada no passado. Por outro lado, ele não quer saber como procedem os sentidos, quais suas relações com o intelecto, constituindo o conhecimento do mundo interior de cada um, o *gnothi seauton* (nosce te ipsum) necessário ao estudo da experiência da dispersão. Sócrates queria que o homem se conhecesse a si mesmo, tendo em vista, porém, um fim ético: a prática da virtude. O socratismo cristão é o caminho para Deus, pelo conhecimento de si, no silêncio, na meditação, no recolhimento, nesse diálogo que ele empreende com Deus. O *gnothi seauton* exigido pela dispersão se circunscreve ao conhecimento desse estado (HF1, 78).

– No *Post-Scriptum* 56, a primeira passagem retoma a questão d’*A dispersão* (8.4.56).

Ainda que extrapole nosso recorte, é significativo observar que Reichmann está a se referir especificamente do *gnothi seauton* exigido pela dispersão...

Quando me entrego a mim mesmo (para escrever) há um revolver-se de mundos em formação (o meu mundo interior), etcoetera. Como estudar, isto é, fazer um esforço intelectual nessas horas em que menos conduzo do que sou conduzido, menos descubro do que sou descoberto... Às vezes, algo que não pude aprender numa semana de grande esforço, aprendo em 15 minutos numa conferência que ouço, etcoetera. É a dispersão, Puppi, da qual só agora tenho plena consciência do que é. É preciso escrever, contar a minha experiência da dispersão, agora... Há coisas que preciso contar. Há coisas que não podem morrer comigo (HF3, 128).

Na segunda passagem, ainda do segundo momento, destaca-se na reflexão o *Silêncio* (13.5.56), propriedade inalienável da forma de se expressar poética. Mas, a forma de expressão de Reichmann é a dispersão...

Se a poesia é silêncio, ...

### **Expressar é um dispersar-se daquele que se expressa**

...(ver: *Hic Fuit* – “eu nasci realizado, essa graça eu mereci...” mas, também, um mostrar-se para os outros, que significa um unificar-se para os outros, o que significa um unificar-se, que se completa com a morte (ver: Pierino). É por não suportar o meu não-ser na terra, no sensível, que procuro expressar-me. Saber-me eterno, quer dizer, criar para os outros, mas ao mesmo tempo (ai de mim) dispersar-me, deixar um pouco aqui, um pouco ali, em toda a parte, um pouco de mim. Chegar com as mãos vazias... Ou, melhor, não chegar. De nenhum modo, chegar! (HF3, 179).

O *gnothi seauton* socrático foi uma inspiração à comunicação indireta de Kierkegaard, e como podemos verificar na passagem do primeiro momento, também ajudou Reichmann a definir suas relações como seus companheiros de experiência (pseudônimos). Ele ancora essa relação no termo “dispersão”, que para ele é o oposto a unidade. Assim, Ernani narra a dispersão enquanto “um fenômeno” de acordo como ele “‘parece’ tê-lo experimentado”. Ele caracteriza esse conhecimento de si-mesmo como fundamental para a recriação da sua experiência, isso quer dizer que ele se encontra disperso no passado registrado, mas que agora retorna ao presente. Desta maneira há uma conexão íntima entre a presença do espírito dispersa e a coisa, a primeira se trata dos registros do passado – o *Hic Fuit*, p. ex. –, a segunda é a porta de entrada no presente, destas manifestações – os pseudônimos, o personagem.

A dispersão é seu modo de ser e agir no mundo, exterior ou interior, pois é através de sua dispersão nas coisas que lhe são queridas, próximas e revelam um Ernani Reichmann que simplesmente não pode existir mais. Contudo, isso não significa que ele deixou de existir. São os vestígios nos papéis e cartas do passado que lhe despertam os sentimentos e as vivências, é através deles e por meio deles que ele dá uma segunda vida a estes elementos memorial-afetivos recriando sua experiência. Como ele chama a atenção no segundo momento, há um revolver-se de mundos em formação: é seu mundo interior ganhando forma através dos “protótipos atitudinais” (van der Lubbe, van Neutgen, Sorte Peer, o Personagem), em sua terra de ninguém. Ernani confessa que nestes momentos sente-se conduzido, descoberto, pois certamente seus companheiros de experiência revivem o que ele já viveu – isso fica bem evidente nas cartas de van Neutgen e nos cadernos de van der Lubbe.

As conferências certamente são aquelas destinadas ao Colóquio que nunca ocorreu, mas que Ernani podia ouvir na voz kierkegaardiana de van der Lubbe. O primeiro momento

demonstra isso, uma das muitas *Notas sobre a dispersão*, escritas *Para um Colóquio que, como Itararé, a maior batalha das Américas, não houve*.<sup>68</sup> Nesse subtítulo há uma ironia, que claramente marca o momento das conferências, Ernani as escrevia para um colóquio interior. Ele aprendia dialogicamente consigo mesmo e com seus companheiros de experiência. Os pseudônimos são manifestações no presente dessa experiência da dispersão que precisa ser comunicada. Como ele indica, há coisas que não podem morrer com ele, precisam permanecer e, por que não, reviverem nas atitudes de seus companheiros. É nesse horizonte de inteligibilidade e intersubjetividade que as identidades narrativas transformam-se em quiasmas narrativos – da maneira como Ricoeur os entende, são entrecruzamentos de fatos e ficção. Contudo, não são apenas como identidades narrativas que os protótipos funcionam. As identidades narrativas são personas, com origens e contextos próprios. A fisionomia delas, para usar uma metáfora útil são, anacronicamente, aquela da *ars memorativa* [arte da memória].<sup>69</sup>

Frances Yates demonstra como historicamente a arte da memória se desenvolveu, sei que é anacrônico atribuir este mecanismo a Kierkegaard, Pessoa e a Reichmann, porque não há evidências que corroborem o uso desta ginástica mnemônica. Contudo, metaforicamente a arte da memória tem um correlato interessante na pseudonímia. O que corresponde a esse jogo de identidades pela qual cruzam e entrecruzam-se, lembranças de um eu-biográfico em pessoa, com personas criadas narrativamente com a finalidade de borrar com os limites claros dos gêneros confessionais. Essas identidades narrativas exibem o tempo interior da redescoberta das emoções, imagens e sensações esquecidas, e um espaço autobiográfico povoado por fisionomias, máscaras ou personas, que se investem de atuar o já vivido, recriando uma experiência sentida em si-mesmo. Essas identidades são cronotopos, porque não pode haver tempo e espaço separados, a integração entre elas é que me permitiu alcançar as micelas independente dos colóides. Afinal, cada identidade narrativa é um lugar de memória atravessado por um tempo interior, que ora se revela a Puppi, ou ora ao leitor.

Não cabe aqui retomar essa diacronia da *ars memorativa*, esboçada por Yates, mas cabe chamar a atenção do leitor para alguns momentos singulares, em que a memória deixa de

---

<sup>68</sup> Cf. HF1, 68: A ironia aqui, diz respeito aos argumentos céticos e puristas de Edmund Husserl, Ernani cita uma passagem das *Meditações Cartesianas*, em que se lê: “Não há quase tantas filosofias quanto filósofos? Há ainda os congressos de filosofia. Neles encontra-se os filósofos mas não as filosofias.”

<sup>69</sup> Cf. ROSSI, P. *O passado, a memória, o esquecimento*, 2010, p. 94-95. Rossi argumenta que há uma passagem das atmosferas em que a *ars memorativa* ainda são uma prática externa, para o tempo interior. Contudo, se elas deixam de ser espaciais, para se tornarem meramente temporais, acredito que Ernani Reichmann forneça evidências que a arte da memória ainda é espacial, espacial e temporal, através dos quiasmas (o personagem e os pseudônimos).

ser apenas artificial, espacial e com vistas a *disputatio*, para se tornar interior, cronotópica e narrativa. Nesse sentido,

É singular a arte a que essa invisível arte da memória faz referência. Ela reflete a arquitetura antiga, mas em um espírito que não é clássico, escolhendo lugares irregulares e evitando as ordens simétricas. Está repleta de representações figurativas humanas de um tipo muito pessoal: marcamos o décimo lugar com um rosto semelhante ao de nosso amigo Décimus; vemos um determinado número de nossos conhecidos em fila; visualizamos um doente por sua própria pessoa; ou, se o desconhecemos, por meio de alguém conhecido. Essas figuras humanas são ativas e dramáticas, impressionam pela beleza ou pelo grotesco. Elas nos lembram mais as figuras de uma catedral gótica do que propriamente as da arte clássica. Parecem completamente amorais, tendo apenas a função de fornecer à memória um impulso emocional, devido a sua idiossincrasia ou estranheza.

[...]

“A memória para as coisas é a propriedade especial do orador – está nós podemos gravar em nossas mentes, por meio de um engenhoso arranjo das várias máscaras (*singulis personis*) que representam as coisas, de modo que possamos apreender as ideias por meio de imagens de lugares.” O uso da palavra *persona*, a propósito da imagem de memória para coisas, é interessante e curioso. Será que esse uso implica que a imagem de memória obtém um efeito impressionante ao exagerar seu aspecto trágico ou cômico, assim como faz o ator ao utilizar uma máscara?<sup>70</sup>

Se a arte da memória antiga já fazia uso de representações figurativas humanas, principalmente de um tipo muito pessoal para reter na mente determinado discurso – afinal esse mecanismo fazia o bom orador – por que não poderia acreditar que van der Lubbe (o incendiário), van Neutgen (o rebelde melancólico) e Sorte Peer (o azarão), não serviriam como *singulis personis*, sem esquecer dessa complexa catedral gótica que é o personagem de Ernani Reichmann, todos como personas impressionantes tendo não “apenas a função de fornecer à memória um impulso emocional, devido a sua idiossincrasia ou estranheza”, mas também o de “exagerar seu aspecto trágico ou cômico, assim como faz o ator ao utilizar uma máscara?” Nesse sentido, a experiência não é apenas o que foi vivido, é também o que é recriado dessa experiência no presente. O personagem, talvez seja essa catedral gótica cuja fisionomia impressiona não só o leitor, mas principalmente seu criador. Pois é nela, e através dela que ele pode se esboroar e dispersando-se, posar ao outro – como já vimos esse outro é Puppi. Além dessa singular plasticidade que o personagem demonstra, há as pernonas que são representações

---

<sup>70</sup> YATES, F. A. *A arte da memória*, 2017, p. 34 e 36. Frances Yates é a historiadora que melhor definiu a diacronia da *ars memorativa*, e de maneira pioneira resgatou os sentidos que essa arte teve para a antiguidade, o medievo e o renascimento – contudo existem outros pesquisadores que merecem destaque. Lembrando apenas que está arte antiga, para todos eles não chega aos dias de hoje por várias razões históricas. Entre elas o advento da imprensa, o nascimento do romance e a tecnologia, representam avanços que arcaizaram a ginástica mnemônica. Cf. CARRUTHERS, M. *A técnica do pensamento*, 2011. ASSMANN, A. *Espaços da recordação*, 2011. TAYLOR, R. *El arte de la memoria em el nuevo mundo*, 1987.



humanas autônomas, ou seja, “a identidade narrativa, seja ela de uma pessoa, seja de uma comunidade, seria *o lugar buscado desse quiasma entre história e ficção*”.<sup>71</sup>

Retornando à última passagem do segundo momento, Ernani explica a Puppi que se expressar é dispersar-se, mostrar-se para os outros. É claro que se mostrar aos outros significa unificar-se para os outros, ou seja, no caso de Ernani isso quer dizer “posar” nas cartas a Puppi ou se apresentar por meio de um companheiro de experiência: nos cadernos de van der Lubbe, nas cartas de van Neutgen, ou nos papéis de Sorte Peer. Essas atitudes se apresentam sempre de maneira indireta, ora como personagem, ora como pseudônimos – o Ernani pessoa, é *souffleur* nestes cronotopos autobiográficos, contudo se há a *unidade* que os biógrafos anseiam, ela só pode ser uma unidade aberta, pois só pode completar-se com a morte. E arrisco em dizer que essa unidade é apenas espiritual, isto é, apenas alcançável pelo próprio Ernani Reichmann. Ele sabia-se eterno, na impossibilidade de ser na terra, mas de ser plenamente em seu mundo interior. Assim, criar para os outros é simultaneamente dispersar-se, um pouco de si-mesmo em cada pseudônimo ou no personagem.

Nos distanciamos da terceira gaveta da direita, para poder refletir e ter uma visão panorâmica. O personagem e os pseudônimos são quiasmas complexos, que tem um efeito diverso na autobiografia de Reichmann. Eles não estão escondidos, convivem com seu criador, as vezes até exigem mais do que o sopro de vida. Ernani não queria uma autobiografia tradicional e, certamente, nem uma biografia. Por isso, esta gaveta é tão significativa, nela estão algumas possibilidades de van Neutgen narrar a o eus do passado de seu *souffleur*. Assim como já havia feito com a *Carta a meu Pai* (1955) e o *Tio Doca* (1981), O Cabo e Tio Zico eram temas para uma reconstrução da experiência e um convite à dispersão. Tratarei dessa matéria mais à frente, contudo para fecharmos esta gaveta – pelo menos por ora –, cumpre lembrar que ele já havia lido muitas autobiografias, sabia que a mesma ansiedade por unidade que dominava os biógrafos atingia em alguma medida os autobiógrafos.

Ao nos aproximarmos novamente da mesa, fechada a terceira gaveta e quem sabe a quarta, saímos da esquerda em direção à primeira gaveta da direita. Ernani informa ao amigo que lá se encontram notas dos ensaios que um dia escreverá, são muitos, há muitas possibilidades (HF1, 97, 32º):

**(Não te lembras deste esquema, Puppi?)**

- a) – A disponibilidade (dia cinzento).
- b) – A dispersão (quase um conto).

---

<sup>71</sup> RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro*, 2014, p. 112.

- c) – A disponibilidade de André Gide.
- d) – A dispersão de Marcel Proust.
- e) – O encontro do tema (Ivan, sua morte, um conto).
- f) – A concentração (um tema).
- g) – O artista e a obra de arte.
- h) – O clássico romântico.

Nessa primeira lista chama a atenção que dois termos têm recorrência: disponibilidade e dispersão. A disponibilidade é sinônimo de solidão, mas não qualquer solidão. Trata-se daquela solidão melancólica do diarista e do epistológrafo, uma reclusão necessária ao exame de si, aos olhos do outro sempre ausente. É por isso que André Gide é singular quando se trata de disponibilidade. Os diários e cartas de Gide<sup>72</sup> eram uma inspiração, e um indicativo exterior da sua disponibilidade, veremos à frente que essa literatura confessional entreteve tanto Reichmann, quanto Puppi – primeiro não podia esconder a sua admiração pelo escritor e fundador da Editora Gallimard. O outro polo é a dispersão, que encontra em Marcel Proust um exemplo notório dessa que será a marca de Reichmann. Os demais são temas que se entrelaçam nos escritos dele, um exemplo é o caso de Ivan, que observamos ganhar vulto no *Hic Fuit* e na *Carta a meu Pai*. Ivan é um cronotopo da infância de Ernani, um amiguinho que teve a infelicidade de morrer enquanto brincava na fábrica velha com Ernani. A cena do amigo de infância morto condensa tempo e espaço, e aguça tonalidades afetivas. Sua imagem é recorrente, aparecerá em escritos posteriores também.

Fiz questão de colocar em evidência a voz do eu-*entre* (entre o *Hic Fuit* Ernani Reichmann e o Personagem), para que tenhamos em mente que essas listas de temas, além de serem temas para ensaios futuros, são também temas que haviam sido explicados ao amigo pessoalmente, ou poderiam ser motivos cronotópicos para discussão posterior. Esse subtítulo demonstra a maneira como o Ernani Reichmann presente em 1955 se apresenta no *Hic Fuit*. Sua voz entrecorta o escrito, além de convocar a atenção de Puppi. O esquema denota dinâmicas possíveis, ao mesmo tempo uma unidade orgânica entre as partes enunciadas. É nesse sentido que aparecem outros dois esquemas, o primeiro são temas para que van der Lubbe desenvolva (HF1, 125); já o segundo, são teses para um livro, quem sabe (HF1, 127):

- Temas (de van der Lubbe)
- 1º – Um método para o estudo da História da Filosofia.
  - 2º – Kierkegaard na História da Filosofia.
  - 3º – Sócrates entre Nietzsche e Kierkegaard.
  - 4º – O *gnothi seauton socrático* na História da Filosofia.
  - 5º – A lenda do Grande Inquisidor.

Teses

---

<sup>72</sup> GIDE, A. *Diário*, 2012.

1º – O nada, a que se refere Heidegger, é – “mais est quelque chose d’autre que le néant”.<sup>73</sup>

2º – A angústia não se origina do nada, mas de “quelque chose d’autre”<sup>74</sup>: da dispersão.

3º – A angústia, motivada pelo medo, distingue-se deste, pela presença remota (como consciência) de sua causa.

#### ANEXOS

1º – A angústia em psicologia: Kierkegaard.

2º – A angústia em ontologia: Heidegger.

Existem outros esquemas espalhados nas cartas e no post-scripta que poderiam ser citados, porém me ative a estes para dar uma ideia do horizonte de preocupações cristalizado no *Hic Fuit* de 1955, mas que com certeza são de momentos anteriores a essa data. Alguns destes tema tiveram grande repercussão ao serem trabalhados por filósofos e críticos, outros permanecem terra inexplorada. Escolhi estas três listas de temas para ensaios futuros, porque são representativos do que encontraremos imbricado nos escritos posteriores ao *Hic Fuit*, por isso achei oportuno dar uma amostra das dificuldades que o leitor poderá encontrar ao explorar os escritos de Reichmann.

Apenas para fazer referência aos dois últimos esquemas que citei, Ernani nos mostra um diálogo com Sócrates, Nietzsche, Kierkegaard, Dostoiévski, Heidegger. São todos nomes de encontros que Reichmann teve nos séculos, mas não apenas de maneira unilateral – Ernani não julga ter sido influenciado por estes pensadores. Sua concepção de encontro marca profundamente a natureza de seus ensaios, eles têm sempre um caráter pessoal, um caráter que nós historiadores concedemos aos egodocumentos, ou seja, documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. O limiar entre ensaio e egodocumentos no caso de Reichmann não é claro, Bakhtin tem um argumento que pode nos ajudar a compreender essa ausência de limites...

Existe uma concepção muito vivaz [diz Bakhtin], embora unilateral e por isso falsa, segundo a qual, para compreender melhor a cultura do outro, é preciso transferir-se para ela e, depois de ter esquecido a sua, olhar para o mundo com os olhos da cultura do outro. Como já afirmei, semelhante concepção é unilateral. É claro que certa compenetração da cultura do outro, a possibilidade de olhar para o mundo com os olhos dela é um elemento indispensável no processo de sua interpretação; entretanto, se a interpretação se esgotasse apenas nesse momento, ela seria uma simples dublagem e não traria consigo nada de novo e enriquecedor. A *interpretação criadora* não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a *distância* do intérprete – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende interpretar de forma criadora. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente seque a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudariam; sua

<sup>73</sup> “Mas é algo mais que o nada”.

<sup>74</sup> “Outra coisa”.

autêntica imagem externa só pode ser vista e interpretada por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras*.

No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da interpretação. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura. Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas de sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro, do alheio, ou de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente.<sup>75</sup>

Os temas surgem de uma configuração especial, balizada pelas experiências de profunda melancolia e as leituras diversas, mas principalmente, de diários e cartas no *contexto dialógico* que nos fala Bakhtin.<sup>76</sup> Essa particular configuração de problemas próprios ligados a existência aproximou-o da cultura dos pensadores citados e de suas preocupações com a angústia, o conhecimento de si, o nada e a existência real de Deus. Se a história da filosofia era preocupação fundamental a van der Lubbe, as teses fazem parte do rol de interesses aflorado em Ernani Reichmann, pelas conferências que ministrou sobre Kierkegaard. Pensadores, pensamentos e sentidos são renovados pelo diálogo, por isso os ensaios têm essa forma provocativa de fazer emergir algo incomum. Os sentidos já estavam lá, seu encontro com Kierkegaard e Heidegger apenas renova o que só aparentemente estava morto. Sentimos o mesmo no caso de van der Lubbe! Nesse contexto dialógico, os ensaios festejam a renovação, enquanto desenvolvem um tema que nasceu dos dilemas da existência.

Fechamos mais uma gaveta. A segunda da direita é um enigma! Reichmann diz a Puppi que “a segunda guarda as pétalas secas das rosas que ‘ela’ deixou na minha jarra”. A chave para compreender o que significa isso é dada ao fim do *Pierino* – este que é o sétimo *Caderno van der Lubbe*, publicado em 1955. Falaremos sobre o caderno na continuidade, em razão de que o escrito merece extensos comentários, pois se trata de uma narrativa que mescla vários gêneros e nos desafia a compreensão – os personagens têm nome próprio e real, não sabemos quem é o

<sup>75</sup> BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, 2017, p. 18-19.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 79: “Não existe a primeira e nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Mesmo os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do *grande tempo*.”

narrador, e nem quais estados, pois não há limites entre história e ficção, real e imaginário, vigília e letargia, nem muito menos entre vida e morte. Como já vimos na introdução é neste livro que obtemos uma das definições mais simples da dialética entre dispersão e unidade. Além do mais, Puppi declara a Reichmann em uma carta que o “Pierino” “é o teu livro mais ‘atual’”, pois “nos outros há o tratamento de temas ou questões vividos ou sentidos em tempo anterior”, no entanto “neste é o presente que se agita e te expõe como nunca dantes” (CSP1, 58). A informação que Puppi nos dá é muito relevante para compreender o que significa aquela gaveta com pétalas de rosas, cito a passagem que Ernani faz alusão

...Enquanto eu fazia fricções no braço – que continuava a formigar – vi um lindo botão de rosa vermelha que ela, nas noites de São Silvestre, vem trazer como símbolo do amor que tem por mim. Amor, que vencendo o próprio amor, vive de renúncia e de esperança... Soube, depois, que ela pôs um disco na vitrola, que deixou a tocar enquanto se retirava, para que eu acordasse. Era a melodia do coração... (VL7, p. 55).

Certamente essa passagem faz menção a sua companheira Annie Tempel, é ao que tudo indica, um ritual de celebração à união dos dois. Por isso aquela gaveta lhe era tão exclusiva, guardava o símbolo do amor dedicado a ele. Uma melodia do coração despertava-o daquele estado onírico, sua recepção era aquele botão que exalava amor incondicional, amor provado na renúncia e na esperança. Ernani Reichmann retrata a condição de sua vida toda, com um gesto narrativo sutil: a mulher, patroa, esposa, não lhe era necessária, mas sim Annie! Simplesmente Annie e nada mais. O enigma permanecerá, as pétalas secas são grafias que se repetem nas noites de São Silvestre (31 de dezembro).

A terceira gaveta guarda as cartas de Puppi, aquelas que darão origem ao volume *Cartas e sueltos para Ernani Reichmann*, publicado apenas em 1980. As cartas na íntegra fazem parte do acervo da família de Puppi, e contabilizam cerca de duzentas (entre bilhetes, cartões-postais e correspondências). Contudo, no volume publicado por Ernani, temos acesso apenas a oitenta cartas. Todas as cartas de Puppi são datadas, algumas escritas com letra cursiva – numa grafia compreensível, ao contrário da grafia de seu amigo e correspondente –, outras batidas à máquina. Não há variação de cor do papel, essa variação encontramos apenas nas cartas de Reichmann. Essa era uma gaveta especial recorrente, não que as outras também não fossem, mas ela abrigava o espelho no qual podia conhecer sua imagem exterior, além do grande cuidado que o amigo dispndia para com o mundo interior dele. Ao reunir as cartas do amigo, ele constata sua triste condição:

Tuas cartas, que vou mandar encadernar (com as folhas brancas em que foram transcritas) me revelaram uma verdade dura de aguentar: sou nada diante da grandeza de tuas cartas. O que me resta é poder chorar como uma criança (a frase é de K.) e esperar outras cartas (quem sabe!?) e morrer (antes ou depois – quem sabe, antes). Eis

um trecho que ficou atravessado na garganta: “E desanimo em seguida, sentindo que a arte é longa e a vida é breve. Não é frase, é a velhice dolorosamente anunciada, a pressa de febre porque a vida é o dia de hoje e amanhã eu talvez pense só em aparelhar meu filho” (FA1, 51).

A passagem ilustra a dignidade das cartas de Puppi, Reichmann as tinha em grande apreço. Ernani sentia-se muito inferior diante da grandeza de seu amigo e interlocutor, as cartas que recebia eram carregadas de sabedoria e de emoções que o envolviam em uma atmosfera de compreensão. “Sou capaz apenas de sentir”, confessa Ernani, “quem pensa por mim é o Puppi e o Puppi está tão longe, tão na minha frente...” (HF1, 50). Estar à frente significava que Puppi já havia alcançado aquele estágio kierkegaardiano, que ele levaria a vida toda para conquistar. Em suma, porque ele – o Puppi – “conseguiu atingir aquele estado, que nem o próprio Kierkegaard foi capaz de atingir”! Vislumbramos essa reflexão em uma carta não remetida a Milton Carneiro, de 1950, e que integra o *Hic Fuit*. A carta em questão demonstra variados momentos dedicados ao exame de consciência, ele se desnuda ao colega de trabalho – da Universidade do Paraná e no Governo – que em 1961, inspirado pela vida de Reichmann, escreverá a *Procissão de Eus*.<sup>77</sup>

A má-consciência que assalta Reichmann em relação ao Puppi é representativa, não apenas por indicar a grandeza da amizade epistolar que mantinham. A razão central, revela-se não apenas aos seus olhos na intimidade interior, vem à tona aos olhos de Puppi e do leitor – ainda que a carta nunca tenha sido remetida, ou afinal para quê remetê-la se não havia ausente? Reichmann se questiona

Mas terei hoje o direito de levar o desassossego ao Puppi, quando ele tudo superou pela fé... [?]  
Seria um crime continuar: o Puppi está salvo (hoje, 1955, talvez eu não voltasse a escrever assim). Minha alegria será esperar. Esperar aquele dia, em que poderei saber que, levando o desespero à alma do Puppi, contribui também com a minha quota-parte, para a salvação dele, Clementino Schiavon Puppi (HF1, 50)

As cartas de Puppi são mais do que indulgência e orientação espiritual a ao amigo, elas são a prova que ele já havia superado tudo em nome da fé – “não mais precisava ler, nem ler nem escrever”:

Para o Puppi, isso aconteceu naturalmente. Sem violência, sem esforço. Ele tinha todas as condições para ser o Cavaleiro da Fé. Eu, eu, não tenho fé. Não suportando a Jeovah, consolo-me com a amizade de Jesus que deve andar zangado comigo. Não

<sup>77</sup> CARNEIRO, M. *Procissão de Eus*, 1961. Como dedicatória ao livro podemos ler: “Para Ernani Reichmann, escafandrista de sua própria alma e de algumas outras mais”. Reichmann está presente no interior do livro também, ele não foi apenas inspiração. Carneiro revela que seu “eu” é “psicografado por Reichmann” (cf. p. 48). Mas a parte mais significativa é ao fim, quando fala da “semente da procissão”: “Foi plantada em 1933, [...] mas só germinou e floresceu em 1961. A floração resultou de uma rega semanal, dominical, durante o ano, o de 1960, feita pelo Reichmann e por mim, na casa da Rua Paula Gomes, 843. As flores, mais de três mil, estão neste livro.”

posso, por conseguinte, deixar tudo pela fé. E não tendo por que substituir aquilo, que é tudo, conservo, como última “chance” os possíveis de tudo o que poderia vir a substituir o que deve, o que precisa ser substituído (HF1, 50).

Ernani não tinha a seu dispor as condições naturais de que Puppi dispunha, ele não era e nem seria um “Cavaleiro da Fé”. Consolava-se em ser amigo, e quem sabe levar-lhe no momento oportuno o desassossego e o desespero que lhe renderiam a salvação ou a confirmação; ou, também poderia ser, o poeta – como Johannes de Silentio – a cantar o heroísmo triunfante de sua renúncia incondicional. Esse julgamento parece ter restrições em 1955, isso quem demonstra é o eu-*entre* parênteses. É interessante notar que, nas cartas, quando essas ganham aspecto de livro, por volta de 1980, ele comenta que essa estranha condição kierkegaardiana persistiu a caracterizar a vida do amigo. Em suma, essa gaveta não permaneceu fechada após 1955, as cartas continuaram a chegar. Nem mesmo os dois amigos residindo na mesma cidade, em cidades próximas (vizinhas), ou cidades distantes, muito distantes.

Enfim, alcançamos a última gaveta da direita (não é aleatório o título da passagem ser a 4ª gaveta...) – ao contrário da última da esquerda –, Ernani lembra-se dela. “*Eis o que encontrei e que auxiliará a me ‘explicar’ a mim mesmo*”, diz ele a Puppi. Não é estranha a colocação? A resposta seria “sim”, caso não soubéssemos que a experiência dele tinha como objetivo o *gnothi seauton* socrático. Mas afinal o que ele havia encontrado naquela gaveta? Apenas cartas: “cartas do Ernesto, do Germano (irmão do Ernesto), do Fritz, do Osmar, do Quinquinha, uma do Nery, outra de meu pai, uma de minha mãe etc. etc.” A sequência de escritos dessa gaveta vai ser transcrita para compor a seção 97 do *Hic Fuit*, essa seção tem 76 notas. “A numeração é apenas para distinguir um papel do outro”, diz Ernani, contudo ele emprega números ordinários para chamar a atenção para a transição de “folha solta, pedacinho de papel, folha de caderno”. Ele nos alerta que nem tudo está ali, possivelmente o restante esteja arquivado em algum lugar de sua casa.

Ernani nos prova que o número de gavetas não importa, poucas gavetas já eram suficientes para compor uma carta labiríntica. O labirinto de nove gavetas de Reichmann me fez lembrar que “a linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por *um* lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está.”<sup>78</sup> Esse fenômeno da linguagem, metaforicamente esboça e descreve bem a sensação que temos diante do *Hic Fuit*, dos *Post-Scriptum 55 e 56*, e das *Folhas Azuis*. Sem mencionar a grande diversidade de temas e abordagens que tem e faz nos *Cadernos van der Lubbe*, *Cadernos Dissonanz*, e *Papéis de Sorte Peer*, e como sugeri no início, ao olharmos as muitas notas editoriais que organizam

---

<sup>78</sup> WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*, 2001, 203, p. 69°.

os *Escritos Completos*, teríamos um labirinto muito maior. Qualquer livro que tomemos nas mãos teremos impressão semelhante, de estarmos perdidos! Precisamos de um fio condutor para que a nossa caminhada nestes labirintos tenha alguma orientação. Para Ernani esse fio era o desespero, para mim certamente foi a angustiante tarefa de colocar um sentido a leitura do outro, já que a minha havia sido toda aleatória. Reichmann enxergava em Puppi o ideal de leitor, aprendemos com ele que para aceitá-lo – dificilmente teremos empatia suficiente na primeira aproximação, no entanto se a segunda vez ocorrer – é a compreensão mútua o fundamento desse encontro. Ernani explica-nos de maneira concreta: “...encontrei o Puppi, o Clementino Schiavon Puppi, e carregados de desprezo (no sentido exato do termo), [n]os repelimos. Pouco depois nos encontramos uma segunda vez. Foi quando nos dedicamos mútua compreensão. Foi quando comecei a escrever as minhas Folhas Azuis” (HF1, 50).

O historiador Philippe Artières, lembra que “passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.”<sup>79</sup> Diante das imagens de si nos cadernos, nas gavetas, nos arquivos, ele percebe que chegava o momento oportuno, de meditar sufocado em um dos cantos da casa, taciturno, e se deixar transbordar de sentimentos nas recordações. Teria surgido daí a ideia para o *Hic Fuit* Ernani Reichmann? Ele se via, presença, naquelas notas, de 1939 a 1955. Muitos acreditam que “devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano”.<sup>80</sup> Será que esse impulso motivava Reichmann, ao querer dar um destino aos papéis da 4ª gaveta? Da esquerda para a direita assistimos o trabalho interminável, de se descobrir presença no passado para reconstruir no presente aquela experiência da dispersão. Os Post-Scripta 55 e 56 nos mostram que esse descobrir-se para conhecer-se não acabará. Ernani Reichmann sobreviverá a sua morte, por isso tanto empenho em edificar um labirinto de si-mesmo e consigo próprio. Ele era, é, e será labiríntico, precisamos apenas de um fio de compreensão para nos encontrarmos nele, e ele em nós. Para que isso ocorra, precisamos nos emaranhar, para emaranhados nos percebermos cultural e historicamente entrecruzados.

---

<sup>79</sup> ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*, 1998, p. 10.

<sup>80</sup> *Ibid.*, 14.



## 1920-1932

### Passo Fundo, cidade onde nasci

...da qual me afastaram nem bem completara meu primeiro ano, e para a qual voltei aos doze anos, a fim de estudar – Passo Fundo deve resumir num só todos os estados, por distanciados que tenham sido no decorrer do tempo. Estado estranho, inexplicável! Válido, talvez, para um ponto de partida! (PP, p. 84).

Ernani Corrêa Reichmann nasceu em 03 de setembro de 1920, na cidade riograndense de Passo Fundo – alguns perfis confundem esse dado<sup>81</sup>, talvez porque a maior parte de sua infância e a residência de seus pais foi a cidade vizinha: Erechim (cerca de 81 km ao norte). Evidentemente, Erechim representará um lar para ele, seus pais e irmãos nos anos seguintes, contudo se queremos pensar em um início, o homem da *volta às origens*<sup>82</sup> nos sugere que Passo Fundo é válida “para um ponto de partida!”.

Passo Fundo situa-se na região norte do Estado do Rio Grande do Sul, geograficamente no planalto médio, ao pensarmos esse território do final da segunda década do século XIX ao final da segunda década do século XX, ou seja, do Império ao final da Primeira República, podemos perceber uma ênfase na produção agrária, incentivada pela imigração de várias etnias – das quais se destacam a alemã, a polonesa e a italiana. Embora acompanhem a vida de Ernani, é importante compreender que as origens, ou seja, seu contexto familiar longínquo é representativo em seus escritos.

“Nascido no Boqueirão” em uma casinha que pertencia a “Dona Leonor (minha avó)” e o terceiro dos sete filhos do casal, Joaquim Reichmann e Maria Cândida Corrêa. Ernani viveu menos de um ano nesse lugar idílico, com os familiares maternos. “Desta casinha, com duas janelas na frente e um portão ao lado, mal completara um ano de idade, fui com meus pais para Erechim”, narra ele (CG, p. 427). Apenas à cidade de seus avós, anos mais tarde, para completar o ciclo básico de seus estudos. Em uma carta de 1962, nos conta que a casa da avó exercia um verdadeiro fascínio sobre ele, não apenas por ter nascido nela, algo além disso, a casa representava suas *origens* (CG, p. 427). Esse *locus* da memória era simbólica e metafisicamente sua *origem*.

81 Cf. BACK, Sylvio. *Kierkegaard dos Trópicos*, 2013, de forma equivocada Sylvio Back informa que Ernani Reichmann era “natural de Erechim (RS)”, o artigo foi publicado pela Caderno G, da Gazeta do Povo e pela Revista Convivência.

82 A epígrafe foi extraída do último estádio, chamado de *Volta às Origens*. Esse estádio se distingue dos dois anteriores, pela questão da vontade: Ernani nos indica que é chegado o momento de decidir, e a decisão tem um aspecto de tomada, de agência, de não conformidade e, pressupõe, a libertação. Não pela exclusão, mas pela integração do “homem da angústia subjugada” e do “homem do intermezzo”, talvez daí a ontologia e a semântica histórica que se estabelece com a ideia de Passo Fundo, como um ponto de partida.

*Ponto de Partida* (Cf. *PP*) é o tema do escrito que nos orienta nesse início, ironicamente, ele faz parte do livro *Volta às Origens* (Cf. *P26*) – que reúne escritos dos anos 1964 a 1967. Ernani, ao escrevê-lo em 1965 e incluí-lo neste livro de 1967, está a nos guiar pelo labirinto de sua vida. Por isso, faria sentido iniciar um “esboço biográfico” a partir de Passo Fundo, afinal é a cidade que resume “num só todos os estados, por distanciados que tenham sido no decorrer do tempo”. A cidade é um bom motivo para pensar temas como origem, sociabilidade e lembranças e, além claro de temas como família, convivência e sentimentos. Esse *motivo* já nos diz algo, quero dizer, Ernani relega a uma posição secundária o tempo, em primeiro plano está o espaço em que se arrolam as memórias – ou, abrolham-se.

Sentimos ao ler a carta que escreve ao amigo Carlos Galvez, que Ernani talvez não esteja pronto para justificar sua decisão, basta nos atermos ao fato de que essa cidade é a síntese desse estado inexplicável. “Estado estranho”! Contudo, não podemos creditar essa inabilidade explicativa apenas ao *afastamento* do lugar em que nascera, por mais que ele lamente ter sido apartado de sua cidade natal, as memórias deste fato não são suas<sup>83</sup>. Com efeito, “guardar velhas histórias (de casas velhas de Passo-Fundo) em apartamentos modernos, será o mesmo que usar ceroulas com roupas modernas, leves, levíssimas... seu portador sentirá, apenas, a presença das ceroulas, que hão de incomodá-lo infinitamente” (HF2, 104).

Aqui saturam-se lembranças dos antepassados, do nascimento e dos cinco anos de internato, além claro de uma racionalidade marcada pelos estigmas da angústia. Afinal, o homem de 45 anos que reflete à luz dos acontecimentos concretizados, sabe que Passo Fundo é decisiva para determinar sua *origem* e a *angústia* manifesta no período de internato. Nesse sentido é que ele retoma algumas memórias familiares que nos podem ser úteis para determinar o sentido do termo “origem” – um pouco mais à frente retomaremos a questão das memórias escolares e do internato, por ora convém nos atermos a hipótese de Passo Fundo ser o fundamento de *um jeito de ser* da Família Reichmann.

---

83 POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*, 1992, p. 201: “sãos os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’...”.

*Fotografia 3 - Catharina Nekel e Carlos Leopoldo Reichmann*



FONTE: Rick Reichmann

*Fotografia 4 - Casa da Avó paterna Catharina em Passo Fundo*



FONTE: PDS, p. 627

*Fotografia 5 - Casa da avó materna Leonor em Passo Fundo*



FONTE: PDS, p. 627

*Fotografia 6 - Pai de Ernani*



FONTE: PDS, p. 626

Joaquim Reichmann  
e  
Maria Cândida Corrêa

*Fotografia 7 - Mãe de Ernani*



FONTE: PDS, 626

## Um homem vem de Hannover

...para Feitoria Velha (São Leopoldo) – isso pode não ter a menor importância. Dê-se, porém, a este homem uma certa cultura, a cultura do seu tempo, atribua-se-lhe uma certa profissão: a de serralheiro (em São Leopoldo ele teve que ser ferreiro mesmo, que não havia serviço para nenhum serralheiro) e as coisas se complicam um pouco. Não sei em que data este homem nasceu. É possível que tenha nascido no início do século. Já em 1825, ele deixa a sua cidade (EI, 4).

Em uma tradução livre “Reichmann” significa, “homem [*der Mann*] do Reino [*das Reich*]”. Os Reichmann’s eram originários de Hannover, a capital e a maior cidade do estado alemão da Baixa Saxônia, onde viviam como camponeses. A origem campesina *talvez* esteja entre os motivos que levou o primeiro Reichmann – que se tem registro – a imigrar para terras brasileiras. É importante notar que no início do Império entra em vigor uma política de terras que tornou atrativo imigrar para o Brasil. Nesse contexto, havia agenciadores que eram responsáveis pela captação de estrangeiros interessados em povoar locais ainda não demarcados, em troca de incentivos financeiros e terras. O nome *Friedrich Christian Reichmann*, alegadamente solteiro e serralheiro de profissão, consta no manifesto do Vapor *Fliegender Adler*, navio que deixou a Alemanha pelo porto de Hamburgo e alcançou o Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1827<sup>84</sup>. Muitos deles atraídos pela ideia de fazer fortuna ou começar a vida, essa segunda razão parece ter sido o horizonte do jovem Friedrich Christian. Em geral, a colonização alemã no Rio Grande do Sul foi motivada pela necessidade de povoar o sul do Brasil, garantindo a posse do território, que era ameaçada pelos vizinhos castelhanos. Além disso outro objetivo era recrutar soldados para reforçar o exército do Brasil recém independente.

Após uma curta estadia no Rio de Janeiro, é provável que ele tenha seguido junto a outros imigrantes para São Leopoldo, para a região de Feitoria Velha – versão narrada por Ernani em *Experiência integrada: um homem e sua cultura* (EI, 4). Seu nome alemão foi abrigado e passou a ser conhecido como Frederico Christiano Reichmann. Os vestígios indicam ainda que, ao deixar Feitoria Velha, passou a morar em uma colônia de imigrantes de Planalto Médio, na região de Passo Fundo – também conhecida como a capital do Planalto Médio. Em Passo Fundo, Frederico Christiano se estabeleceu e se casou com Catharina Anna Förnges, o casal teve um filho, Carlos Leopoldo Reichmann que nasceu em 1853.

Os registros paroquiais e civis indicam que em 16 de junho de 1885, Carlos se casou com Catharina Nekel, nascida também em Passo Fundo – em 9 de julho de 1954. Nasceram da

---

84 Cf. HILLEBRAND, Johann Daniel. *Códice C-333*. Porto Alegre, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1824-1853, 250 p. Cf. ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes alemães*, 2005.

união Nekel-Reichmann os filhos Carlos Leopoldo, Frederico e Joaquim Reichmann – o último, se trata do pai de Ernani. Ernani, através de van Neutgen, em uma carta que foi publicada em o 1º Caderno Dissonanz (CD1) explica um pouco melhor a trajetória do pai:

### **Desde moço, pelo que ouvi de seus próprios lábios**

...o senhor sempre gostou de mecânica. Foi em virtude disso que o senhor teve a ourivesaria. Foi ainda em virtude disso que o senhor teve o primeiro cinema de Passo-Fundo e ainda que o senhor estudou eletricidade, dando certo dia o célebre trote do ventilador que tocava como gramofone (1CD, p. 177).

Ernani deve ter escutado mais de uma vez as histórias que seu pai lhe narrou, sobre sua vida em Passo Fundo. É interessante notar que essas memórias são indiretas, um pouco daquilo que conhecemos por memórias compartilhadas<sup>85</sup>. Essas memórias são definidoras da identidade que o filho faz do pai. Talvez por isso, no fio da narrativa, o gosto pela mecânica seja o elemento de coesão. No filho a imagem do pai funciona: da seriedade com que desempenha os primeiros papéis da vida adulta, até a jovialidade e a descontração, com que prega peças mecanicamente ponderadas.

Joaquim Reichmann ainda em Passo Fundo é iniciado no ramo da ourivesaria. Possivelmente, influenciado pelo irmão Frederico, enquanto Carlos dedicava-se à alfaiataria. Contudo, após uma curta estadia como ourives, resolveu empreender de outra forma. Se a paixão pela mecânica levou-o a ourivesaria, imagine o que não deve ter feito, ao ver os estranhos aparelhos trazidos por um paulista que resolvera montar o primeiro cinema da cidade. Chamava-se Cinema Pathé. Talvez, o deslumbramento que a sétima arte lhe causou esteja entre as razões que o motivaram a comprar um projetor – era 1915. Com a mecânica cinematográfica, passou a fazer exhibições na cidade e nas regiões próximas. Era um aparelho que funcionava a manivela, e permitia ser transportado em uma carroça, indo de lugar em lugar nas cercanias para levar entretenimento. O filme era colocado na máquina projetora e ia sendo passado à medida que o projecionista girava a manivela – literalmente tocados à manivela, pelo pai de Ernani.

Em 1916, Joaquim Reichmann se casa com Maria Cândida Corrêa, que também residia com a família em Passo Fundo. E, na casinha que pertencia à avó, o casal teve os três primeiros filhos: Nery (1917), Ivani (1918) e Ernani (1920). Sabemos que desde 1915 Joaquim trabalhava com a exibição de filmes, mas por algum motivo, o irmão que o acompanhava mudou-se para a recém fundada Erechim – possivelmente para ocupar terras na proximidade da malha férrea.

---

85 CANDAU, J. *Antropologia da memória*, 2005, p. 83 et seq.

1919 despontava como um ano promissor, Frederico empurrado pelo vento sul buscava novos ares, e logo Joaquim o acompanharia.

O aparelho garantia a sociabilidade nas noites, antes apenas iluminadas pelo brilho da lua e das estrelas, ou pelos lampiões. Como os filmes eram mudos, uma orquestra tocava paralelamente à exibição do filme, para que todos pudessem aproveitar e afastar a monotonia do silencioso entretenimento. Normalmente, a música ficava por conta da orquestra da família Kreische. É bem possível que neste entre meio, de 1915 e 1921, Joaquim tenha resolvido inaugurar um cinema com endereço fixo, ao menos é o que nos indicam alguns registros: “Ainda na década de 1910, outra sala foi instalada na Av. Brasil esquina com a Sete de Setembro. Chamava-se Cinema Central e pertenceu à família Reichmann, que posteriormente transferiu-se com cinema e tudo para Erechim”<sup>86</sup>. Mais tarde, em 1925, os Kreische compraram o cinema Central e continuaram a fazer as projeções de cinema mudo, tocando com a orquestra durante as projeções.

*Fotografia 8 - Cinema Central*  
*Avenida Maurício Cardoso, Erechim-RS*



FONTE: TASSO, C. *Meu Erechim cinquentão*, 1968, p. 26.

*Fotografia 9 - Cupom do Cinema Central*



FONTE: Rick Reichmann

<sup>86</sup> DAMIAN, M. A. *A sétima arte*, 2007, p. 150.

### **Mal completara um ano de idade, fui com meus pais para Erechim**

...Vivi nesta última cidade durante doze anos – o que significa: todas as experiências da infância tiveram lugar em Erechim (CG, p. 427).

Ernani nos dá pistas de como ver Erechim, a cidade não é apenas o lar dos Reichmann's. Ela será sinônimo de infância. Não é inocente ele nos informar o tempo, decididamente as marcas de temporalidade nos situam nesses momentos preciosos de uma vida. Já vimos que Passo Fundo é um ponto de partida, pois determina não apenas o nascimento de nosso personagem, não obstante satura em um único ponto as memórias compartilhadas, transmitidas gerativamente de pai para filho – como um tesouro, uma herança de família. Se os sentimentos e as emoções que essa primeira cidade desperta são de pertença, de lugar no mundo, de possuir raízes profundas, Passo Fundo e Erechim, funcionam na narrativa de Ernani como *loci* de memórias<sup>87</sup>. Esses lugares no mundo possibilitam recordar, organizar as lembranças e afetos, bem como estabelecer um enquadramento. É interessante notar que o sentido dado a vida vai sendo revelado pouco a pouco.

Ernani lamenta ter deixado tão cedo o Boqueirão, mas a “pressa” de seus pais se justificava. Como já vimos, Joaquim transfere o Cinema Central para Erechim, pois as possibilidades de prosperar eram altas, afinal a cidade havia sido recém-fundada (1918). Inicialmente chamado de Paiol Grande e depois, sucessivamente, de Boa Vista, Boa Vista de Erechim, José Bonifácio e, finalmente, Erechim. Como muitos outros povoados do Brasil, Erechim surgiu à margem da estrada de ferro. No caso, a estrada de ferro que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo.

Frederico já residia nessa cidade há alguns anos. Havia adquirido terras próximas às linhas de trem, onde progredia na extração de madeira. Provavelmente, com os recursos do cinema é que Joaquim pode ingressar como sócio do irmão na Reichmann Irmãos (R. I.). Os dois vão montar uma madeireira, localizada próximo aos trilhos da Viação Férrea, local hoje conhecido por Bairro Triângulo, na estrada das Três Vendas. O comércio de madeira favoreceu uma vida mais estável e próspera, em meio a uma cidade nascente. Mas não foi sempre assim, pelo menos no início foi necessário muito trabalho. A família de Joaquim se estabelece nas proximidades da madeireira, em um sobrado de madeira – “Ah! nossa casa, o velho sobrado de madeira da rua Argentina!” (cf. CD2, p. 459), onde Maria Cândida concebeu os outros irmãos de Ernani: Harry, Aidy, Joaquim Filho e Luciano. Eram tempos difíceis, mas os irmãos e sua madeireira tinham um mundo de possibilidades a sua frente.

---

87 YATES, F. A. *A arte da memória*, 2007, p. 23-25.



*Fotografia 10 - Irmãos Harry, Ernani, Ivany, Nery*



FONTE: PDS, p. 626

*Fotografia 11 - Irmãos Nery, Ernani, Aidy, Ivany*



FONTE: PDS, p. 626

*Fotografia 12 - Primeira residência da Família Reichmann em Erechim*



FONTE: PDS, p. 633



As lembranças que Ernani nos mostra em seus escritos, principalmente, nas cartas, revelam alguns aspectos de sua vida. Ele não dá detalhes e nem pormenores, raramente temos um vislumbre de seu cotidiano. Há um imperativo de não revelar os detalhes da vida privada, a menos que estes detalhes façam algum sentido narrativo em sua trama. Cito a exemplo, uma passagem que retoma o sentido de Passo Fundo ser a *origem* de um jeito de ser da família Reichmann. Ernani explora os matizes de comportamento de alguns homens da família passo-fundense. Nas suas lembranças esses homens são mais que fisionomias opacas, são uma paleta de cores, que permite identificar nuances, configuram e definem identidades:

#### Os homens

Meu pai: o moral. Tio Frederico: o social (moral). O Cabo: o estético. Tio Doca: o reflexivo. Tio Zico: o econômico-social. Tio Carlito: o econômico. Tio Armando (não sei como classificar o Tio Armando...) Creio que deveria ser classificado como nós, se é possível uma simbiose de elementos tão heterogêneos. Senão, vejamos: O tio Armando seria: meu pai e o Cabo. O Nery seria: Tio Zico e Tio Frederico. Eu seria: o Cabo e o tio Doca. O Harry seria: tio Carlito e tio Doca. O Quinquinha seria: o Cabo e o tio Zico. O Luciano seria... (HF2, 78).

Chamo a atenção para este ponto, porque ele pouco nos conta de sua relação com os irmãos e a mãe. Sabemos que eles existem, suas presenças são notadas nas cartas ou na ficção, mas pouco ele nos revelou sobre suas pessoas. O enquadramento na maioria dos casos se volta para o pai, ele chega a relatar que a relação com a mãe nunca exigiu uma *carta*. No entanto, não esconde sua antipatia pela carta escrita por Kafka<sup>88</sup>. Ele alega que o espírito que anima a sua é diametralmente oposto à daquela (HF1, 91). Ainda que ambos tenham uma finalidade semelhante, a de se mostrarem merecedores da atenção do pai e justificam-se diante desse tribunal paterno, a Carta a meu Pai é um memorial ao sucesso da missão que o pai tomou para si, da sua presença e a formação que proporcionou aos filhos.

As lembranças que nos mostram a vida do pai nascem de um propósito. Ernani quer fazer o pai passar para a história como um homem que assumiu o futuro dos filhos como uma missão, uma prioridade e, consecutivamente, agindo neles e através deles por determinações. Nesse sentido, algumas lembranças de sua vida se confundem e, às vezes, até se entrelaçam com a explicitação do projeto paterno. Em outras ocorre o que Ernani nos confessa: “não sei

---

<sup>88</sup> Franz Kafka (1883-1924) nasceu em uma família judaica que vivia em Praga, na atual República Tcheca. Foi advogado e escritor de romances, novelas e contos, entre eles se destacam *A metamorfose* (1912) e *O processo* (1915). *Carta ao pai*, de 1919, é o grande acerto de contas. O manuscrito com cerca de 100 páginas revela uma aguda relação entre pai e filho, cujo tom autobiográfico conclama: “Da tua poltrona, tu regias o mundo. Tua opinião era certa, qualquer outra era disparatada, extravagante, *meschugge*, anormal”, cf. KAFKA, F. *Carta ao pai*, 2008, p. 28. A relação que Ernani nos mostra era diferente, mas percebeu na finalidade de ambas as cartas um apelo a justificação dos atos e decisões tomadas e definiram a trajetória de ambos.

distinguir”, diz ele, “a infância, da adolescência, da mocidade, etc. – mas haverá distância entre essas diferentes idades? – mas chama-se a isso idade?” (CD1, p. 169). Logo não estranhe falarmos do pai (Joaquim), e nunca mencionarmos a mãe (Maria Cândida) ou dos irmãos (Nery, Ivani, Henry, Aidy, Joaquim Filho e Luciano), pois privilegiei justamente este enfoque dado pelo próprio Ernani.

Em suma, Passo Fundo é a cidade onde Ernani nasceu, ela seria importante para o enraizar-se na história dos Reichmann’s, contudo ele mal completara um ano de idade e, sob a determinação paterna, passou a viver em Erechim. Cidade que representa o *locus* das lembranças que ele mal distingue as “idades”, não obstante ter vivido doze anos nela. Assim, é particularmente relevante considerarmos em nossa reconstrução até mesmo passagens como aquela que nosso personagem dá vazão e vez à veia de poeta. Em “uma carta-poema, começada, concluída e extraviada entre outros papéis de menor valor”, Ernani versifica que quase morreu aos dois anos de idade. “La vai um poema de grande valor (carta-poema)!”, nos indica seu autor (HF1, 9):

### Poema do que não morreu

Eu senti uma coisa estranha:  
     no coração um sentimento de morte.  
     Pouco abaixo do coração, um peso.  
     E mais abaixo, um vazio, bem no lado esquerdo, muito  
     abaixo do coração.

Fui ao raio X e mostrei uma coisa que eles nunca tinham  
     visto: um vazio do lado esquerdo, abaixo, muito abaixo  
     do coração.

Então, alguém me chamou à parte e começou a falar de  
     mansinho: eles não querem dizer para não aborrecer  
     você: você devia ter morrido em criança. Você não  
     morreu e eles não sabem o que fazer de você.

Puppi, eu me lembro, minha mãe me contava, eu tinha dois  
     anos e estava para morrer, quando uma coruja esvoaçou  
     na vidraça e eu não morri!

Mas, e se a coruja voltar, se a coruja voltar? Quantos anos  
     vive uma coruja? Quantos? Pois que viva a coruja!

Um abraço, do  
     Ernani.

Não tenho indicações do que especificamente ocorreu, também não faz sentido especularmos o que realmente houve. O relevante na estrutura poética dessa carta-poema, é mais precisamente, como as lembranças são cingidas, inseparavelmente unidas por um evento singular. A partir de um fato relatado pela mãe, ele expressa toda uma carga emocional presente

no momento da composição, para ressignificá-la à luz de certa justificação. Essa experiência que poderia ter sido fatídica, transforma-se em uma mola propulsora. O esvoaçar da coruja simbolicamente marca a permanência, a sobrevivência – não se camufla o medo, afinal a coruja pode um dia retornar. Ao mesmo tempo há uma revelação, ele “devia ter morrido” aos 2 anos. Como se todos já tivessem aceitado o fato.

Existem barreiras que se impõem, e impossibilitam uma interpretação satisfatória da carta-poema. Além da notícia, fica evidente que a enfermidade que o acometia não era meramente fisiológica. O Raio-X apenas comprovava o que já era sabido, havia um estranho vazio, que ora lhe pesava, do lado esquerdo, abaixo do coração. Ernani está nos indicando seu baço? Essa pode ser uma referência a doutrina dos humores, por mais estranha que a relação possa parecer. Tentar encontrar uma origem e um nome aos distúrbios que a bilis negra ocasiona, é uma maneira de dizer que ele sempre se sentiu deslocado. Em germe a raiz de toda a sua melancolia residiria na morte não atualizada, mas sempre pressentida. O poema sobreviveu graças a um esvoaçar de coruja, que simbolicamente representa a sabedoria, e lhe permitiu existir – ainda que não tenham sabido o que fazer dele.

Todas as interpretações vão ser sempre hipotéticas, contudo até mesmo Ernani parece esboçar essa condição de ausência. Ele medita sobre a vida irrealizada, caso houvesse morrido aos dois anos com “poema começado e não concluído, sem nome” (HF1, 10):

Os rios que não naveguei  
as estradas que não andei  
as paisagens que não vi  
o outono que não deixou lembranças  
as pontes que cruzei  
as músicas que não ouvi  
os livros que não comprei

A estranheza do “eles não saberem o que fazer com você”, aguça nossa imaginação. A interpretação carece de alteridade de minha e nossa parte, nossos pais sabem o que fazer de nós – até mesmo em um caso extremo como aquele que nos relata seu personagem. Ernani nos dá motivos para acreditar que o excesso de determinação favoreça mobilizar o oposto: até pensar caso não tivéssemos sobrevivido aos dois anos. Essa vida, ainda que curta, já é realizada e plena. São as determinações que a leva a dispersar-se nas coisas e nos outros.

A imagem da sua quase morte aos dois anos serve a sua narrativa autobiográfica como uma metáfora e ele a retomará em outras ocasiões. Outra maneira de olhar esta questão, nos é apresentada na imagem sugerida por Ernani no início da Carta a meu Pai. No fim das contas, ele nos sugere estar na sua infância a origem para sua diferença:

O meu mundo começou a mostrar-se claramente num plano diverso do mundo dos “outros” quando, muitas vezes, ouvi contarem que aos cinco anos, ou menos, eu tinha “visto” uma vaca trepada numa árvore. Já a minha natureza era diferente das outras em que a saúde do corpo e da alma vão “pari-passu” [passo a passo], de modo a que “ver” uma vaca trepada numa árvore e não enxotá-la, não reagir de qualquer modo mas, pelo contrário, recolher-se e guardar a lembrança do ruído da vaca puxando os galhos, parece algo excepcional. Eu “vira” uma vaca trepada numa árvore e isso era o primeiro indício de uma natureza diversa ou, pelo menos, de uma sensibilidade promissora (CD1, pp. 167-168).

A passagem é singularmente expressiva, pois de certa maneira confirma algumas suspeitas. Erechim é o *locus* das lembranças da infância, e para já nos acostumarmos com o vocabulário de Ernani, é justamente aqui que a “hipertrofia das tonalidades afetivas” se aflora. Aprofundarei este conceito adiante, mas convém identificá-lo no contexto que seu autor o mobiliza. Para ele “se o eu existe e se existir se delimita num sentir, pode haver um desenvolvimento exagerado (uma hipertrofia) do sentimento, um dos termos que compõe a unidade, o espírito. Este sentimento leva o homem a ver as coisas de modo diverso dos outros homens” (HF1, 73). Inclusive, como nos relatou, a ver uma vaca trepada em uma árvore.

### **Na qualidade de mecânico, o senhor entrou como sócio da firma R. I.**

...A vida era dura. O senhor se levantava muitas vezes às cinco horas. Trabalhava o dia inteiro. Empurrava vagão na Estrada de Ferro com os peões e sei lá o que. Montava a sua mula e ia até Quatro Irmãos<sup>89</sup> (Quatro Irmãos parecia uma sombra, uma sobra que aumentava na medida em que o senhor se distanciava na rua, até chegar a ser noite escura. Foi por isso, decerto, que a primeira vez em que vi Quatro Irmãos, quinze anos depois, me pareceu que mergulhava numa penumbra e que essa penumbra estava em mim e naquele lugarejo à margem do mundo como uma casa estranha a preparar “homens econômicos”, isto é, aqueles que têm hipertrofiado o sentido de utilidade. A verdade, é que nunca descobri o segredo daquele lugarejo...) (CD1, p. 177).

A madeireira era um investimento comercial rentável, principalmente em um momento que se dispunha de tanta matéria-prima. A cidade estava em um estágio de rápido crescimento, e ofertar esse insumo beneficiado era uma estratégia de sucesso naquele momento. Se a matéria-prima era acessível, ter as ferramentas e recursos necessários ao beneficiamento da madeira era indispensável. Em uma passagem particularmente sugestiva, Ernani ilustra bem as regras desse

---

<sup>89</sup> Cf. CHWARTZMANN, S. *Memórias de Quatro Irmãos*, 2005, p. 31-32: O nome dessa cidade riograndense, localizada a 30 quilômetros de Erechim (na época Paiol Grande), deriva dos antigos proprietários dessas terras: Clementino, David (mais tarde Barão dos Campos Gerais), José Gaspar e Antônio Santos Pacheco. Terras que foram adquiridas pelo filantropo e financista judeu Barão Maurice de Hirsch (1831-1896), para sediar um “shtetl” (literalmente, “cidadezinha” em iídiche). Ao criar a Jewish Colonization Association (ICA), em 1891 e sediada em Londres, tomou como projeto facilitar a imigração de judeus da Rússia, Alemanha e outros países do Leste Europeu, para suas colônias agrícolas no Brasil, na Argentina, no Canadá e nos Estados Unidos. A fazenda Quatro Irmãos foi adquirida pela ICA em 1909. Contudo os judeus chegaram entre 1911 e 1914. Talvez o aspecto levantado por Ernani, se deva a pouca intimidade dos judeus com o trabalho rural, o que poderia justificar a “hipertrofia do sentido de utilidade” – isso significa que os judeus desse shtetl tinham um senso para negócios mais aguçado, que propriamente a agricultura.

jogo que seu pai e seu tio empreenderam. A sua nota enfatiza o escândalo de seu vizinho e amigo, diante do corte d'*Os pinheiros (de 1955)* na proximidade de suas casas:

Hoje, 5 de julho de 1955, foram cortados os três pinheiros que existiam num terreno baldio, esq. Da rua Paula Gomes com a rua Portugal. Oh! Os pinheiros da rua Paula Gomes... O Thomas<sup>90</sup>, até agora (6.1.56) ainda não se refez do choque. Ah! se soubesse quantos pinheiros foram cortados para que eu pudesse me vestir, estudar, comprar livros...! (HF2, 8).

É um tempo de ausência de consciência ambiental, afinal ela é muito recente. A família Reichmann se beneficiou e prosperou neste contexto, é o que assinala Ernani – ele próprio foi beneficiário dessa conduta extrativista. Por favor, não alimente a sua preocupação, não estamos aqui para julgar! Mas é relevante perceber que Ernani, em 1956, demonstra ter consciência dos meios, que justificam o fim dado pelo pai e o tio aos muitos pinheiros, como os da rua Paula Gomes.

A madeireira foi um importante catapulta para os negócios, mas essa história não acabou por aí. Os dois irmãos continuaram a diversificar os negócios da família, nessa altura já eram conhecidas as parcerias comerciais, ora como Reichmann Irmãos (RI), ora como Frederico e Joaquim Reichmann (FJR) – como nos situa na Carta a meu Pai (cf. CD1, p. 177 e 179). Joaquim inaugurou a arte cinematográfica em Erechim. Como já adiantamos, em 1925 ele vende o cinema aos Kreische, que já eram seus parceiros comerciais desde o cinema itinerante e o Cinema Central, de Passo Fundo. Isso possibilitou ao pai de Ernani dedicar-se totalmente a sociedade com o irmão. Em 1928 os dois montam a primeira revenda de carros da General Motors, comercializando não apenas os carros, mas também o combustível – que naquela época, era distribuído em caixas de madeira pela Energina.

Já em 1935, resolvem atuar também em outros setores comerciais, criando a Ervateira 35, o Moinho Riograndense e o Moinho São Carlos. Os três moinhos foram importantes para a cidade, pois forneciam produtos indispensáveis como a erva-mate e a farinha. Os prédios do Moinho ficavam onde hoje é a empresa Cotrel, no bairro Três Vendas – que ainda preserva parte daquelas construções. Esse rápido bosquejo das frentes de atuação dos irmãos Reichmann serve para nos informar que a parceria foi bem sucedida em muitos sentidos. Houve trabalho duro, mas também a diversificação de estratégias comerciais para garantir uma vida confortável e estável à próxima geração.

As informações comerciais que listamos assumem seu sentido de ser por situar a trajetória do pai. O outro sentido diz respeito, em especial, ao enquadramento das recordações

---

<sup>90</sup> Thomas Wartelsteiner (1931-2014), artista plástico paranaense, vizinho e amigo de Ernani Reichmann.

de Ernani. Elas colocam o pai em um lugar especial. Percebemos um forte sentimento de autocobrança da parte de nosso personagem, principalmente, por perceber na imagem do pai “o herói desbravador”. Nesse sentido, acompanhamos a rotina desgastante que na passagem com que abrimos esta seção ele tangencia. Na mesma carta Ernani confessa: “Eu queria ser como o senhor”!

Note que Quatro Irmãos exerce fascínio no menino, afinal ele vê o pai indo ao encontro daquele “lugarinho à margem do mundo como uma casa estranha a preparar ‘homens econômicos’”. Joaquim também era um homem daqueles que têm “hipertrofiado o sentido de utilidade”. Um pouco mais a frente, ele sumariamente define “Quatro Irmãos”: “Pilhas de madeira e mais pilhas de madeira. Os trilhos. Os trilhos e a estação. Uma rua em paralela com os trilhos. Ao lado direito da rua, que fica à direita dos trilhos, algumas casas. E um ar de mistério naqueles homens exóticos, que deviam ser judeus...” (HF1, 60). Em outra passagem ele nos explica que “Quatro Irmãos” é uma “colônia de aclimação dos judeus que vêm para o Brasil (ou, pelo menos, para o Rio Grande)” – além disso, nos conta que há uma atmosfera característica ali, pois “à primeira vez que a vi, perdida numa região indefinida entre o campo e a mata, onde escondido desliza o rio Passo-Fundo em demanda do [rio] Uruguai”, houve nele “um influxo dessa atmosfera estranha” (HF1, 22).

A imagem que Ernani fazia das jornadas de seu pai ao “lugarinho”, eram sombras pálidas sem muito significado – é bem possível que a percepção infantil mesclasse a ausência paterna com essa sombra que se avoluma até ganhar a noite. A sua presença anos mais tarde ali, avivaria essas recordações, trazia à tona o segredo, o mistério e os influxos. Seu pai era um “homem econômico” no sentido que a colônia de aclimação revelava? Essas lembranças de Quatro Irmãos exemplificam bem o enquadramento da memória de Ernani. Em uma passagem significativa, ele nos dá uma concatenação de temas, todos relacionados e, que nos dizem algo sobre a infância dele:

### **O senhor descobrira uma finalidade para seu esforço**

...O senhor se propusera educar seus filhos e dar-lhes instrução. Como primeira etapa, eles deviam cursar o ginásio. Depois, que resolvessem... A verdade, porém, é que o senhor fez com que continuassem a estudar. De 1919 a 1937 o senhor viveu assim. Depois, durante quinze anos foi preciso que o senhor cuidasse também da parte comercial da firma e essa foi a mais dolorosa experiência de sua vida. Pelo menos, é o que me parece. Com isso terá o senhor deixado de ser fiel a si mesmo? Creio que não. Era preciso: os filhos o exigiam. A sua missão, a missão que o senhor se propusera um dia, o exigia. O senhor deve ter sofrido muito durante esses quinze anos, mas no fim pode dizer: - “Missão cumprida, o resto é com vocês. Eu me retiro” (CD1, p. 177-178).

Fotografia 13 - Madeireira Frederico e Joaquim Reichmann



FONTE: Rick Reichmann

Fotografia 14 - Madeireira Reichmann



FONTE: Rick Reichmann

Fotografia 15 - Moinho Riograndense e 35



FONTE: Rick Reichmann

Fotografia 16 - Molde vazado feito em cobre



FONTE: Rick Reichmann

*O molde era usado para pintar à mão, o logotipo do Moinho 35 nos sacos de erva-mate.*

Ernani, ao falar de sua educação, nos mostra que todo o esforço e o sofrimento do pai, tinham uma finalidade. A instrução dos filhos era uma etapa fundamental e, no sentido que ele nos fala, uma verdadeira determinação. É interessante notar que o pai poderia ter inserido os filhos em seu mundo, assim como muitos pais o fazem. Eles poderiam ter aprendido e acompanhado o ritmo de trabalho do pai e do tio, atuando nos empreendimentos da família. Mas, não é o caso. Joaquim determinou que seus filhos estudariam, e mesmo diante da possível libertação dessa diretiva – no caso, ao finalizarem o ginásio –, permaneceram estudando.

A missão do pai representava uma determinação para cada filho. Ao menos, é o que percebemos no tônus narrativo expressado por Ernani ao falar de seu período formativo. Entretanto, isso não significava ausência de resistências. Por várias vezes, ele olha para a fábrica velha como um mundo, um mundo que lhe era renegado:

Como eu ficava satisfeito, como eu tinha vontade de abraçá-lo quando o senhor [diz Ernani] decidia trabalhar à noite. Eu assistia, então, aquele espetáculo extraordinário que era ver a fábrica com suas janelas todas iluminadas (luz vermelha) como se lá dentro lavrasse um grande incêndio, ouvir o ruído da aplainadeira como sono e quando começava a caminhar, pisando na maravalha [*sic*] ela se tornando macia como a minha cama de criança, quente com as minhas cobertas... A fábrica era uma coisa viva, um mundo à parte, capaz de proporcionar todas as impressões, de encantar, de amedrontar, de aturdir, extasiar... (CD1, p. 177-176).

A fábrica significava muito para seu pai, mas também para ele. Se ao menos ele pudesse ficar nesse mundo. O pai sonhava outro futuro aos filhos, no caso de Ernani não seria diferente. Sua vida se completava nas noites de labuta noturna de seu pai, ele sabia que o colégio, ou qualquer outro compromisso, não lhe impediria de acompanhar seu pai. A fábrica apenas era algo vivo, porque seu pai estava ali para animá-la com seu *labor*. Ao refletir sobre o pai de Ernani, quem sabe Joaquim acreditasse que o trabalho braçal ou manual era tolerável, ao menos se tivesse um fim, que transcendesse o conforto familiar imediato. Essa hipótese me parece convincente, ao olhar as anotações de Ernani que ilustram o pai como alguém decidido a proporcionar algo maior do que ele, para os filhos.

Por outro lado, o trabalho intelectual lhe parecia artificial, contra a sua natureza. Na carta Ernani confessa, “mesmo que o senhor não soubesse o quanto me maravilhava ver a fábrica trabalhar à noite, era o senhor que eu contemplava, autêntico rei da festa” (CD1, p. 176). Isso nos mostra que o pai ser o regente naquele lugar que lhe despertava tantas impressões e sentimentos, não lhe era estranho e indiferente, contudo suas imposições fora daquele lugar mágico despertavam um profundo mal-estar. Por que ele não podia ser como o pai? Porque o pai insistia que todos deviam estudar, dedicarem-se a outra vida? Encontramos o contraponto a imagem do pai-regente, ao estado de maravilhamento que o pequeno Ernani sentia, em um



sonho que ele tomou nota, provavelmente em 1955: “Sonhei com a fábrica velha. Em toda parte, havia uma presença que me sufocava: era a presença de meu pai” (HF2, 19). Ernani narra o mal estar de um dia, no Colégio São José

1927

O menino estava deitado. Não podia dormir. Não tinha sono. Não suportava as cobertas. Não sabia porque estava deitado. Levantara-se cedo pela manhã. Fora ao colégio. Nauseado, depois que tomou o café. No colégio, deram-lhe um castigo. Algo não o deixava ficar quieto. Mexia-se demais no banco. Não conseguia compreender coisa alguma. Uma névoa no quadro negro, ou uma névoa entre ele e o quadro negro. “Onde está o sujeito, onde o predicado?” Respondeu por responder. Respondeu certo. Um cansaço começo a dominá-lo. Chegou a hora do recreio. Um porco, fugido do chiqueiro, surgiu no pátio. Como os outros meninos, também ele correu atrás do porco. O que estava mais próximo tropeçou e caiu. Caiu em cima do porco. Gritos transpuseram a cerca. Alcançaram a rua. Ele não gritou, concentrado por um instante em seu mal-estar. Quando voltava do colégio, um carro a custo subindo morro, passou por ele. Atirou o livro contra o motorista. O livro caiu no banco trazeiro. Silêncio dele, silêncio dos outros. Estava na hora do almoço. Almoçou. Sentiu-se melhor, pelo menos durante certo tempo. Depois, o mesmo cansaço e um pouco de sono, longínquo e morno sono. Saiu de casa. Fazer o quê? – pergunta que não chegou a colocar (para ninguém, nem para si mesmo). Chutaria pelotas de barro, navegaria na lagoa, caminharia sobre pilhas de tábuas, pulando de pilha em pilha (quando próximas uma da outra), chegaria à fábrica, procuraria o trole, daria comida ao guapecá, teria de fazer compras na bodega, se tivesse cem ou duzentos réis, poderia comprar limas – tudo era possível, tudo poderia fazer. O ventre pesando, não discernia propriamente. Quando saía, ao sabor do acaso, viu que chegava alguém. Seu pai se levantou (seu pai gostava de repousar após o almoço), vindo à porta da rua. Não compreendeu (ou não pode compreender) o que diziam. Guardou, contudo, uma expressão (pela maneira como era pronunciada) mencionando algo desconhecido: “Paiol Grande”. Pareceu esquecer-se de tudo. Mas o que fez foi depositá-lo em seu estranho ser. Pouco mais tarde, regressava para casa. Subiu a escada. Seguiu pelo corredor. Chegou à varanda do sobrado e sentou-se. A paisagem mostrava-se partida pelas ripas da grade. Entre ele e a paisagem não eram somente as ripas. A bruma seca não lhe permitia fixar nitidamente o contorno das coisas, nem distinguir claramente o azul do céu. Quando o sol começou a declinar, ele sentiu-se melhor. O tempo corria. E ele que fizera? Dormira? Extraviara-se em sua vida orgânica? Perdera-se em mundos desconhecidos? Levantou-se. Debruçou-se na grade. Os braços cruzados e a boca sobre o pulso esquerdo. E ficou olhando. As árvores, a lagoa, o moinho, a fábrica, as casas, as ruas, tudo adquiria a própria imagem. Tudo se constituía, tudo se formava, libertando-se aos poucos da bruma. Todas as coisas começavam a ser, situavam-se. Pode ver os tons cor de rosa e cinza das nuvens e o pó levantando-se das ruas. Já o calor declinava quando a fábrica apitou (eram seis horas). Deixou a área e desceu. Dentro de casa começava a escurecer. Quando procurava a porta da rua, sua mãe o chamou, para manda-lo: “Vá ao seu Doralício e compre um quilo de batatas. Onde é que você se meteu que eu cansei de gritar. Traga um pacote de açúcar e um quilo de carne. Carne boa. Diga para o açougueiro que seu pai não quer carne de pescoço. Vá depressa!” Sentiu-se melhor. Tinha uma coisa determinada para fazer. Abriu a gaveta do guarda-louça e apanhou o caderno. Sua mãe deu-lhe o dinheiro para a carne. Sempre sobrava alguma coisa, dava para comprar limas. Foi, fez as compras e voltou. Pensou que estivesse livre (estar livre e não saber o que fazer era a mesma coisa). A verdade, porém, é que sua mãe precisava de lenha. Depois, de uma dúzia de bananas. Finalmente, seu pai chegou e com ele a hora do café. Não se jantava... enxugou as xícaras, os pires e os talheres. E saiu. No poste de luz elétrica (na esquina ao lado de sua casa) encontrou-se com os outros meninos. Um deles trazia uma caixa de sapatos, na qual cortará dois olhos, um nariz e uma boca. Acenderam um toco de vela, colocaram-no dentro da caixa e foram situar o “fantasma” nos trilhos. Esconderam-se (ele dominado pelo terror) nos pés de carrapicho. Próximo já da caixa, um homem

puxou o revólver. Como nada tivesse sucedido, deu um pontapé no fantasma, que se apagou. Vencido por esse acontecimento, superior à sua capacidade de resistência, ele voltou para casa. O desconhecido da hora do almoço conversava com seu pai. O mesmo desconhecido que mencionara duas palavras também desconhecidas. Ele estava deitado. Não podia dormir. Não tinha sono. Não suportava as cobertas. Chegava até o quarto a claridade da área, onde seu pai tomava chimarrão com o desconhecido. Repentinamente, ele se deu conta desta claridade. Sentiu-se melhor. Percebeu que estivera com medo. Que não conseguira dormir, de medo. E que tinha inclusive coberto a cabeça. Estava molhado de suor. Pôs de lado as cobertas. Levantou-se foi à área. Encostou-se à cadeira de seu pai. Um besouro chocou-se de encontro à parede. De costas para o chão, debatia-se o besouro. Quantas pernas? Era impossível contar: o besouro não sossegava. Havia ruídos e insetos cercando os dois homens. Estes nem se davam conta do que sucedia. O menino, sentindo-se seguro, podia ouvir. Não tinha medo de ouvir. Ouvia o ruído que fazia o desconhecido ao chupar o resto do chimarrão, mais alto que o ruído uniforme e cadenciado da noite. Às vezes, sem querer, ouvia palavras e trechos de frases... Estava muito longe o menino. Sentia-se lá fora na noite e entregava-se. Entregava-se ao que tanto enchia de terror (quando estava só, ninguém a protege-lo). Não conseguia fixar uma coisa ou outra, nada conseguia discernir. Em sua entrega, tudo se refugiava na noite: seu pai e o desconhecido, a área, as cadeiras, a cuia e a chaleira, a lâmpada de luz mortiça dependurada no alto – ou ele mesmo perdido ao longe, em qualquer lugar da noite., sem poder ver, discernir, incapaz de pensar, de querer, apenas sentindo. A voz dos homens, também noturna, atuava sobre ele como asas de morcego, que roçassem seus cabelos: picadas, atoleiros, mulas, erva-mate... Tudo isso, na noite, devia ser uma coisa só, provocando o mesmo ruído, idêntico mistério. Vendo-o ali, a fechar os olhos de sono, seu pai mandou-o de volta para a cama. Desta vez, porém, ele dormiu. Dormiu para se debater a noite toda num sonho (que se desprendia de seu corpo como o suor pelos poros) (PG, p. 18-21).

O narrador dono de uma consciência onipresente de passado, isto é, o homem que compreende em sua consciência o inquieto menino de sete anos, nos conta este dia do menino, que também é o seu, em *Paiol Grande* – escrito de 1964. Essa é a relação entre o narrador e o personagem, de profunda onisciência de seus 7 anos, aos 44 anos. E mesmo diante deste Ernani que foi, ele não poderia deixar de imprimir ao menino, mais justificação para o que se é, ainda que transborde de sentido sua caracterização. O menino perambula de mal-estar em mal-estar, até encontrar o alívio, na segura na órbita paterna. Até o estranho se torna inofensivo, já não causa-lhe pavor o desconhecido. Seu pai era a sua segurança. Mesmo diante das determinações, ele sabia o que tinha que fazer – afinal, “estar livre e não saber o que fazer era a mesma coisa”.

Contrariamente ao que Ernani desejava, ditava-lhe a vida uma temporalidade paterna dedicada a instrução. Esse tempo em que Ernani e seus irmãos viviam, era conhecido pelo nome de Joaquim Reichmann, pois “o tempo que mostra o sentido de uma vida, que traz solução para todos os problemas, é o mesmo que destrói e que liberta, que exalta e que aniquila...” (CD1, p. 179). Vivendo da forma como o pai queria, ele ia se descobrindo, criando um mundo em que as determinações do pai não lhe atingiam. Um mundo em que ele podia se sentir bem, mesmo que para isso fosse necessária a solidão. Suas anotações do período escolar são assim, carregadas, saturadas de emoções ambivalentes. A resignação física e externa, em nome de um

mundo que pudesse chamar de seu. Algumas lembranças tentam dar conta dos anos no Colégio São José.

Os sucessos dos primeiros anos, nunca esquecidos (recordo-me de todos eles com uma clareza extraordinária), foram me marcando cada vez mais como uma exceção entre a gurizada de 27-28-29-30-31-32 e 33 ou, pelo menos (outra vez “pelo menos”), como alguém que só estava bem quando estava só, entregue ao seu mundo (de lembranças) e às suas coisas (para lembranças) (CD1, p. 168)

A solidão reverbera nessa nota melancólica. Ernani identifica, ao olhar para os anos de 1927 a 1933, um menino que apenas se sentia bem quando estava só consigo mesmo. Uma exceção! Essas são palavras dele, pois somente assim poderia explicar que no isolamento ele encontrava abrigo em seu mundo de lembranças e nas coisas para lembranças. Ou ainda: “‘A dor de sentir a vida mais cedo do que os outros sentem’, do Lúcio (Lúcio Cardoso), lá está nas notas de piano que vinham do corredor escuro do colégio, que vinham tristes, quase cansadas e entravam coração adentro... (HF1, 97, 30º). Extraio uma passagem de um discurso político, provavelmente por ocasião da candidatura de Ernani a Deputado Estadual. Ele articula:

Povo de Erechim! Meus amigos e companheiros! De vós que me viste no berço, que me ouvistes balbuciar as primeiras palavras, de vós homens moços de minha terra, que vi ao meu lado nos bancos do Colégio São José (lembro da Irmã Felicitas, a Irmã Himelda, as professoras Julia e Cecília, debruçadas sobre a nossa infância, a nos apontar o caminho futuro), que me vistes ruidoso e entusiasta como vós e, depois, moço triste e solitário, preocupado com seus problemas... (HF1, 97, 20º).

A mesma Irmã Felicitas, lembrada por Ernani em seu discurso, aparece como protagonista de um verdadeiro pesadelo acordado. Somente a empatia pode explicar a estranha taquicardia e a irregular transpiração que sentimos ao ouvir com os olhos o relato de Ernani. Uma visita ao Museu do Ipiranga serve de gatilho para essa lembrança, pois reaviva, mesmo passados tantos anos, a inquietação e os tremores de frio e de calor:

Antes, muito antes de visitar o Museu Ipiranga, já o conhecia. Mas, era outro o Museu que eu conhecia, emergindo da espuma do tempo longínquo de minha infância. Ao vê-lo depois, recebendo todo o sol de São Paulo... Dei uma desculpa qualquer aos que me acompanhavam e regressei ao hotel. Dias mais tarde, resolvi voltar ao Museu. Subi os degraus de pedra e... olhei os meus pés. Estava descalço. O pó e o suor deixavam as marcas dos meus pés no assoalho. Ouvi a Irmã Felicitas bater com a ponta da régua no seu púlpito e apontar para mim. “Ernani, repita a lição de história”. Eu me levantei, tremendo de frio e de calor. O suor começou a correr pela minha fronte. Repetir a lição de história, mas eu não sabia... eu não tinha estudado, eu não sabia que era para estudar aquela lição. Eu me lembrava só das primeiras palavras e comecei: “Tendo as cortes se retirado para Lisboa...” Nesse momento, ouvi um ruído, que vinha do alto, que vinha do céu: era um avião que passava. Agoniado assim, regressei quase correndo para o hotel. E nunca mais fui ao Museu Ipiranga (HF1, 97, 68º).

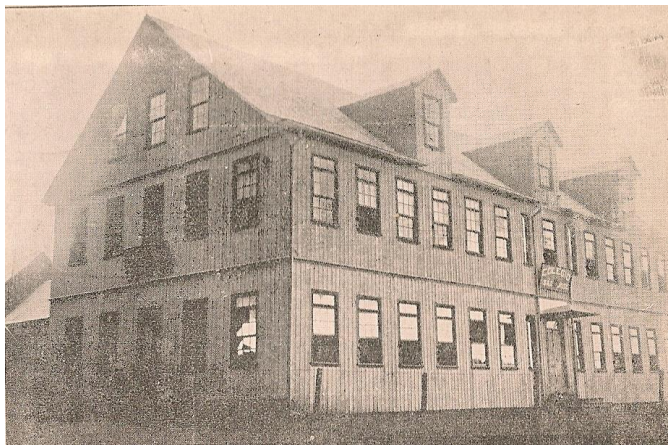
Apesar dos apuros escolares, Ernani narra que teve algum sucesso. Não foi tudo um imenso sofrimento...

*Fotografia 17 - Ernani, Ivany e Nery  
Primeira Comunhão (1928)*



FONTE: PDS, p. 628

*Fotografia 18 - Colégio São José, Erechim-RS*



FONTE: TASSO, C. *Meu Erechim cinquentão*, p. 60.

*Fotografia 20 - Ernani  
com 10 anos*



FONTE: PDS, p. 629

*Fotografia 19 - Atrás: Ivany e Ernani,  
na frente: Aidy, Joaquim Filho e Harry (1931)*



FONTE: PDS, p. 629

## 1933-1940

Embora passando por um menino inteligente (fama que adquiri no Colégio São José, de Erechim, por saber mais análise lógica do que os outros, tendo como único concorrente Armando Mueller),

### **A única coisa que levei para o internato foi a minha tristeza permanente**

(como tonalidade afetiva predominante) e o anárquico de minha conduta, que permanece como meu traço essencial até hoje (CG, p. 428).

Os sentimentos de Ernani vão se acentuando, se tornam mais agudos com a decisão tomada pelo pai. Seus irmãos mais velhos já frequentavam o Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em Passo Fundo, onde viviam como internos. Agora havia chegado a vez dele. O Ginásio havia sido fundado em 1914, pelos Padres Palotinos. Localizado nos fundos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e em frente ao Hospital São Vicente de Paulo. A partir de 1929, sob a administração Marista, passou a atender a educação infantil e o curso ginásial. A partir de 1936, incorporava o curso Técnico de Contabilidade que correspondia ao ensino médio atual, com a vantagem de, ao receber o diploma, os alunos tinham o direito de exercer a profissão.<sup>91</sup>

No Ginásio, havia alunos no regime de externato para aqueles que residiam em Passo Fundo e alunos no regime de internato oriundos de outras cidades. Para substituir o serviço militar obrigatório, realizado em quartel do exército, a legislação vigente autorizava outra modalidade de prestação desse serviço. Com isso, foi fundada a escola de instrução militar, exclusivamente para alunos com idade de prestação de serviço militar. No decorrer dos anos de 1929 e 1930, foram abertos dois cursos comerciais, conhecidos como guarda livros e propedêutico. Em 1936, os dois cursos foram aglutinados no Curso Técnico de Contabilidade, que funcionou até 1983.

Para o aprimoramento dos alunos, principalmente os alunos provenientes do curso comercial, foi criada a escola de datilografia, muito concorrida na época. Os alunos da educação infantil, primário e ginásial tinham aula nos períodos da manhã e da tarde, com um intervalo de uma hora e meia para o almoço. O primeiro horário da manhã era considerado nobre, os alunos participavam diariamente de meia-hora de ensino religioso, com momento para a oração

---

<sup>91</sup> Cf. PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. *Anais do Colégio e Ginásio Nossa Senhora da Conceição*. Passo Fundo, 1929-1936. Livros Tombo, nº 1 e 2. OLIVEIRA, Francisco Antônio Xavier. *Annaes do município de Passo Fundo*, 1980 (3 vol., principalmente o 2º vol. que trata dos aspectos históricos). D'AVILA, Ney Eduardo Passap. *Passo Fundo*, 1996. MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita Policarpo Machado. *Passo Fundo*, 2009. GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*, 1978. LECH, Osvandré. *150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo*, 2007.

matutina. Como a escola não possuía capela, só dispunha de um pequeno oratório, as orações aconteciam quase todas na Matriz Conceição. Havia um caminho interno, facilitando o acesso à Igreja.

Foi para essa instituição Marista que “o alemãozinho magrinho”<sup>92</sup> que viera de Erechim” (CG, p. 429) ingressou, provavelmente, no ano de 1932. O internato deixou marcas profundas em Ernani, tirando dele exclamações que parecem um lamento silencioso – afinal, foi nesse ambiente que os sentimentos de solidão e tristeza parecem ter se nutrido –, ele não esconde suas lamentações: “Oh! Os muros tristes do internato, cansados de tanto sonhar!” (HF1, 97, 19º). Há o prenúncio de muitos sentimentos, entre eles solidão e tristeza, que configuram um estado de espírito melancolicamente perturbado. Esses sentimentos fortes, oriundos da bÍlis negra, expressam-se e lhe causam um sofrimento que fica latente, sempre latente. Tudo leva a crer que têm uma origem comum, no ter que deixar sua família em Erechim.

O relato que empreende em Tio Doca, também em uma carta a seu pai, nos mostra um *Ernani* em pleno desconforto com a partida. Esse Ernani da partida, pleno de solidão e tristeza, melancolicamente anárquico, é identificado com o pseudônimo “van Neutgen”. Ele nos explica essa configuração em um NB<sup>93</sup> – aliás, essa é uma estratégia bastante usada em seus escritos –, assinado pelo Editor, o próprio Ernani. “O que me surpreendeu é que este caderno foi escrito também em forma de carta ao pai”, assevera o Editor, entretanto “com a diferença de que a tônica reside no Tio Doca e o ambiente é, sem dúvida, a cidade centenária de Passo Fundo. Ele se refere mais, pelo que me pareceu, aos anos de ginásio de van Neutgen, embora não tenha limitado deste modo as suas lembranças” (CD2, p. 455). Ernani confessa, ao ler esta carta ou caderno, que sentiu mais estranheza em relação a ela, do que em relação a *Carta a meu Pai* (Cf. CD1). Resumidamente, ele explica: “– van Neutgen deu espaço demasiado a viagem de Erechim a Passo Fundo, inserindo-a de tal modo no caderno que parece algo à parte, ou, então prepara (pelo menos) a entrada triunfal das lembranças de Erechim no pátio do Internato, em Passo Fundo” (CD2, p. 455-456).

Num descampado, enquanto o trem aguardava o sinal de partida, ...

### **Depositei tudo o que trouxera de Erechim, tudo o que me prendia a Erechim**

...Nesta duplicidade louca, eu vivia. De um lado sentia-me preso, preso a Erechim. De outro, se visse uma sombra, um descampado que se perdesse ao longe, uma casinha esquecida no meio do mato, uma cerca rústica, uma roça de milho (os milhos já estavam secos nessa época), eu trazia tudo o que me prendia a Erechim e depositava

<sup>92</sup> Maneira como o próprio Ernani se descreve na Carta a Carlos Galvez (abreviadamente, CG).

<sup>93</sup> Abreviação da locução latina “Nota Bene”, literalmente “note bem”, “preste atenção”.

naquela sombra, naquele descampado, naquela casinha melancólica, naquela cerca, naquela roça de milho (CD2, p. 461).

Van Neutgen (Ernani) relata que, ao olhar de dentro do trem, todas as coisas pareciam diferentes, passavam por uma metamorfose. Elemento a elemento daquela paisagem, tão comum, tão sua, deixadas para trás. “Logo na saída da estação, vi a Avenida. Mas não parecia a mesma. E tive a impressão de que era assim que todos a viam, todos que passavam de trem” (CD2, p. 458). O estranhamento de Ernani com relação à ótica e a ênfase dada por van Neutgen à viagem, me lembram o paradoxo esboçado por Michel de Certeau em *Naval e o carcerário*. Ele explica que “entre a imobilidade de dentro e de fora, introduz-se um quiproquó, fina lâmina que inverte suas estabilidades. O quiasma é efetuado graças à vidraça e aos trilhos”, ou seja, essa fina lâmina ou quiasma da qual nos fala Certeau só pode ser a ótica singular de van Neutgen, esse ser de lembranças. Certeau continua:

Dois temas de Júlio Verne, esse Victor Hugo da viagem: a escotilha do *Nautilus*, cesura transparente entre os sentimentos flutuantes do observador e os movimentos de uma realidade oceânica; a ferrovia que, numa linha reta, corta o espaço e transforma em velocidade de sua fuga as serenas identidades do terreno. A vidraça permite *ver*, e os trilhos permitem *atravessar* (o terreno). São dois modos complementares de separação. Um modo cria a distância do espectador: não tocarás. Quanto mais vês, menos agarras – despojamento da mão para ampliar o percurso da vista. O outro traça, indefinidamente, a injunção de passar: como na ordem escrita, de uma só linha, mas sem fim: vai, segue em frente, este não é teu país, nem aquele tampouco – imperativo do desapego que obriga a pagar o preço de um abstrato domínio ocular do espaço deixando todo lugar próprio, perdendo o pé. A vidraça e a linha férrea repartem de um lado a interioridade do viajante, narrador putativo e, do outro, a força de sê-lo, constituído em objeto sem discursos, poder de um silêncio exterior. Mas, paradoxo, é o silêncio dessas coisas colocadas à distância, por trás da vidraça que, de longe, faz as nossas memórias falarem ou tira da sombra os sonhos de nossos segredos. O isolador produz pensamentos com separações. A vidraça e o aço criam especulativos ou gnósticos. É necessário esse corte, para que nasçam, fora dessas coisas mas não sem elas, as paisagens desconhecidas e as estranhas fábulas de nossas histórias interiores.<sup>94</sup>

A carta que narra essa longa viagem para o internato se chama Tio Doca, porque apesar de ela estar carregada de sentimentos e emoções, constitui-se uma reflexão sobre o estado de hipertrofia das tonalidades afetivas de Ernani. Daí a paisagem vista pela vidraça e o aço se alterarem tanto, “é necessário esse corte, para que nasçam, fora dessas coisas mas não sem elas, as paisagens desconhecidas e as estranhas fábulas de nossas histórias interiores” assevera Certeau. A fábula que Ernani vê encetada nada mais é que uma maneira de [re]elaborar, dar sentido existencial, aquela dramática vivência – afinal, “como gostaria de estar na plataforma!” junto com o pai, a mãe e seus irmãos (CD2, p. 459). Sobrava-lhe apenas enxugar as lágrimas e assumir aquela viagem como uma história interior que devia ser narrada, para ser conhecida,

---

<sup>94</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, 2014, p. 179.

pois essa viagem fazia as “memórias falarem ou tira da sombra os sonhos de nossos segredos”. Sabemos que esse jogo de sombras, jogo que se joga com o passado, vem à tona com a angústia da partida.

Ernani se dá conta que o trem “já, agora, não pararia a não ser muito, muito longe, de onde eu não pudesse regressar” (CD2, 459). O trem era o carcerário de que nos fala Certeau, e talvez tenha sido durante muito tempo assim. Logo, escrever sobre a interioridade, desconhecida, pelos pais e irmãos, além de reviver o passado, de alguma maneira traria consolo e, quem sabe, libertação, graças a esse impulso catártico que ganha corpo na terceira pessoa conhecida como van Neutgen. É importante lembrar que esse caderno-carta, assim como Carta a meu Pai, foram escritos entre 1951 e 1955. As fábulas da vida interior de Ernani ganham vida, van Neutgen ganha vida. Esse recurso a uma *identidade narrativa*, como nos fala Paul Ricoeur, estabelece um *quiasma* entre história (fatos: viagem, separação, internato, etc.) e ficção (van Neutgen), porque Ernani nos comunica de maneira indireta lembranças que pertenciam ao personagem e não a ele, naquela realidade. Essa compreensão leva em conta os vários eus que se dissipam, quero dizer, na primeira metade da década de 1950, Ernani dá um enquadramento a suas lembranças desse fato, que serão reelaboradas à luz de sua consciência estigmatizada pela angústia – que ora, se encontra subjugada.

A viagem do menino começou na Estação Erechim<sup>95</sup>, a linha era conhecida por conectar Marcelino Ramos a Santa Maria. O trecho que o menino relembra é justamente entre Erechim e Passo Fundo, o enquadramento que ele dá restitui um pouco a história de linha maior – afinal, ela foi responsável por escoar tropas na revolução de 1930<sup>96</sup>. A estrada de ferro tinha um papel fundamental na vida dos Reichmann’s, pois foi às margens dela que a cidade de Erechim nasceu, o empreendimento dos irmãos passo-fundenses progrediu e, agora, permitia ao menino registrar as páginas de tristeza, saudade e lembranças mais melancólicas de sua angustiante vida. “Ah!, seu eu pudesse fazer como os soldados quando tinham passado, em trinta e trinta e dois (eu passava em trinta e três)”, eles ficavam pendurados, atirando beijos e gritando para as moças; mas ele não, não podia, a lancinante melancolia o impedia, paralisava-o (cf. CD2, 459). A incerteza de que estava só, ou *acompanhado*, refletia sua angústia. Ele fazia um caminho já realizado por tantos outros, mas como será que eles lidaram com essa presença?

---

<sup>95</sup> IPHAE-RS. *Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul*, 2002, p. 114-115: A estação foi aberta em 1910, e foi ela a origem do povoado e do atual município. O seu nome inicial era Paiol Grande, que, em 1918, com o nome de Boa Vista, emancipou-se do município de Passo Fundo. Até 1925, pelo menos, a estação ainda mantinha este nome. (Não confundir esta estação com a de Getúlio Vargas, que, originalmente, tinha o nome de Erechim pois atendia a essa colônia). A estação chamou-se também Boa Vista do Erechim. Em 1940, a estação se chamava José Bonifácio. Em 1944, já se chamava Erechim.

<sup>96</sup> WOLFF, Gladis Helena. *Trilhos de Ferro, Trilhas de Barro*, 2005, p. 81.



Será que ninguém sentia? E os outros que tinham me precedido naquela viagem? O Nery e seus colegas? Minhas primas e suas colegas? Eles, todos, de certo sabiam como se proteger, quais os contragolpes contra a tristeza, contra a saudade, contra a melancolia derramada pelos campos – como eram desolados os campos de Passo Fundo! (CD2, p. 466).

Ernani sentia, sentia essa presença incerta: “eu ia só” disse ele, “– nem sei se era só que eu viajava. Havia uma presença. Era a tristeza, a saudade, talvez as lembranças a viajarem ao meu lado” (CD2, p. 459-460). Essa presença o sufocava ainda mais, pois sabia, de alguma maneira pressentia que jamais retornaria a Erechim: “eu não voltaria, não voltaria. Morreria esmagado ao peso de tantas lembranças. Eu sufocava. Sufocava e punha a cabeça para fora da janela e via a sombra e uma presença na sombra” (CD2, 460). A viagem é narrada como um ordálio, o menino talvez não tivesse ideia dessa presença que o acompanhava. Ernani ao contrário, revive como van Neutgen e a presença melancólica, cada uma das estações em que passa:

*Coloquei em destaque as duas fotografias ao lado, porque elas nos mostram a mesma estação, ainda que em ângulos diferentes. A primeira, nos mostra a estação no início da colonização, a floresta ao redor ainda é visível. Passados 10 anos, por ocasião da Visita de Getúlio Vargas, vemos que o cenário se inverteu. A floresta foi substituída por pessoas. A colonização de Erechim esteve ligada a extração de madeira, assim como a Família Reichmann prosperou neste contexto favorável aos negócios.*

*Fotografia 21 - Estação de Paiol Grande (1920)*



FONTE:IPHE-RS

*Fotografia 22 - Estação de Boa Vista do Erechim (1930)*



FONTE:IPHA-E-RS

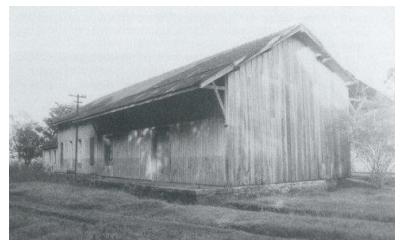
Chegando ao Desvio Gauer<sup>97</sup>, pensou “dali, poderia alcançar Erechim a pé” (CD2, p. 461);

Na Estação Capo-Erê<sup>98</sup>, “vendiam pão-de-ló, mas eu não tive coragem de pedir à mulher que os vendia, um pão-de-ló” seu gesto denunciaria sua companheira de viagem, ao fim “alguém bateu o sino (era o sinal) e o trem partiu” (CD2, p. 462);

Na Estação de Erebangó<sup>99</sup>, “eu desci (desci – eu me esgueirei) do trem. Fui até o bar. Como era triste o caminho do trem até o bar! Pedi um café. Já passava das três. Eu queria ficar, ficar. Não, o que eu queria, era voltar, voltar”, e num atino precipitou-se de volta ao *carcerário* “como se o trem fosse me levar de volta, voltei quase correndo para o trem” (CD2, p. 463);

“Que contraste entre a demora em Erebangó e a brevidade da viagem de Erebangó a Getúlio Vargas” e “vi que o trem diminuiu a marcha ao entrar na estação de Getúlio Vargas<sup>100</sup>”, foi nesse lugar que “derramei os olhos naquele lugar onde as carroças chafurdavam na lama. Devia ter chovido muito em Getúlio Vargas. Havia muita gente na estação”, isso porque lá “era tanto ponto de almoço para os que vinham de Passo Fundo, como ponto de café para os que iam a Passo Fundo” (CD2, p. 463-464).

*Fotografia 23 - Estação Capo-Erê*



FONTE: IPHAE-RS, p. 214.

*Fotografia 24 - Estação de Erebangó*



FONTE: IPHAE-RS, p. 224.

*Fotografia 25 - Estação Getúlio Vargas*



FONTE: IPHAE-RS, p. 230.

<sup>97</sup> IPHAE-RS. *Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul*, 2002, p. 114-115: A estação de Gauer foi aberta em 1928. Segundo Gladis Wolff, o chamado Desvio Gauer era um ramal ferroviário partindo no trecho entre Erechim e Capo-Erê, destinado ao carregamento de madeira da empresa Gauer, de Valentim Gauer. Passou a estação em 1933.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 215-216: A estação de Capo-Erê foi aberta em 1910, inicialmente com o nome de Guaporé. A estação foi feita em madeira e ainda estava de pé ao lado da linha desativada em 2014.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 224-225: A estação de Erebangó foi aberta em 1910, é feita em madeira e alvenaria, e ainda está de pé ao lado da linha desativada.

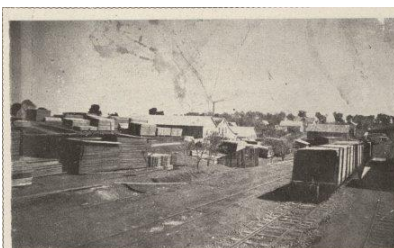
<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 230-231: A estação de Getúlio Vargas foi aberta em 1910. O seu nome original era Erechim, pois ela estava junto à colônia desse nome, criada em 1908 no município de Passo Fundo (note-se que hoje Erechim é a sede de um município com o mesmo nome e ainda tendo sua própria estação). Com a criação do município, a estação fez parte do mesmo, até 1934, quando um novo município, que se nomeou Getúlio Vargas, foi criado, e levou à estação que então recebeu seu nome. Ernani aponta a confusão que isso lhe causava: “Getúlio Vargas – Erechim, quando Erechim se chamava Boa Vista do Erechim, que depois se chamou José Bonifácio e acabou, finalmente, tomando o nome de outro município, que jamais entendi” (CD2, 463-464).

Fotografia 26 - Estação de Sertão



FONTE: IPHAE-RS, p. 126.

Fotografia 27 - Panfleto da Madeireira Pagnocelli em Sertão



**Pagnoncelli, de Col Ltda.**

Industrialização de madeiras de Pinho e  
Lei, em Sertão, município de Passo Fundo

Estado do Rio Grande do Sul

Produção Propria em Serrarias localizada em  
Coxilha, município de Passo Fundo e Clemente  
Argolo e Nova Fiume, município  
de Lagoa Vermelha

Endereço Tele e Fonográfico: **DE COL**

Sertão — Passo Fundo — Rio Grande do Sul — Brasil

FONTE: Ralph Mennucci Giesbrecht

“De Getúlio Vargas a Sertão”, a sua companheira de viagem retorna, ele nos relata que “voltou mais pungente aquela presença que era tudo, que era saudade, tristeza, lembrança, talvez. E o pior, é que eu sentira que havia traído, que esquecera por alguns momentos a minha tristeza, a minha saudade, as minhas lembranças”. Só restava ao menino apoiar “o cotovelo na janela”, e descansar o rosto marejado “na mão esquerda e assim fiquei”. “O trem parou em Sertão” diz o menino, provavelmente na estação Meneghetti<sup>101</sup> e “voltou a correr”, “e eu imóvel, como sempre, desde Getúlio Vargas. Eu, indiferente, sofrendo por não ter sofrido de tristeza, de saudade, deixando-me influenciar pela curiosidade por alguns momentos” (CD2, p. 464-465).

“De repente, senti qualquer coisa estranha. O trem estava parado numa estação. Li o nome: Desvio Araujo<sup>102</sup>. Mas já o mato não me parecia igual ao que eu deixará para trás”. O menino fica impaciente e exclama: “Que melancolia meu Deus! Quem poderá suportar uma coisa assim?”. Ele começava a compreender que não sabia mais como voltar (CD2, p. 465).

O menino tem outro rompante, “chega, chega, como é triste!”. Ele havia chegado em Coxilha<sup>103</sup>, “quando o trem para em Coxilha vendiam pão-de-ló. Alguém disse, não sei para

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 126-127: A estação de Meneghetti, aberta em 1923, era um ponto de carregamento de madeiras da serraria Santo Meneghetti. No auge da estação a economia local girava ao entorno das madeiras, no caso, da Madeireira Santo Meneghetti, que dava nome ao local. Além das casas dos funcionários da madeireira, ali também existiam as casas dos funcionários que trabalhavam no trecho ferroviário entre Coxilha e o Englert, armazéns, cartório, entre outros estabelecimentos. Com a crise madeireira que afetou os gaúchos em meados do século passado a vila deixou de se desenvolver, até que o local foi abandonado após o fim da madeireira e a desativação do trecho.

<sup>102</sup> *Idem*: O desvio era para carregamento de madeiras da empresa E. Araújo, existente desde a construção da linha em 1910. Em 1934, a parada do Desvio Araújo foi elevada a estação de 5ª classe com o nome de Engenheiro Luiz Englert.

<sup>103</sup> WOLFF, Gladis Helena. *Trilhos de Ferro, Trilhas de Barro*, 2005, p. 148: A estação de Coxilha foi inaugurada em 1910. Os primeiros moradores da região construíram as suas moradas nos altos das coxilhas. Desta forma, sentiam-se protegidos dos ataques dos índios Coroados. A localidade, por essa razão, ficou conhecida como região

quem, que os pães-de-ló eram feitos de ovos de avestruz.” Nesse momento o menino medita: “não comprei pão-de-ló. Mas não compraria, de nenhum modo.” Em seguida, percebe que o trem voltara a correr: “...já a tarde morria nos campos desolados de Passo Fundo” reconhecia ele. “Erechim, agora, estava tão longe, protegida pelo mato cheio de sombras, sombras que me envolveriam se eu quisesse voltar, voltar, nunca, nunca. Para trás, ficara o mato. Para frente existia o campo infinito, infinito” (CD2, 455-456).

A viagem tinha sido, talvez, a maior provação que o menino havia enfrentado até ali. Se no início dela ele havia tentado depositar tudo o que tinha de Erechim em um campo, percebemos que durante o trajeto ele sentia-se melancólico, com a presença constante e que o envolvia, era sua companheira de viagem (tristeza, saudade e lembranças). Durante este trajeto sentimos o menino se esvaziar, as sombras do passado ficavam para trás, para que ele pudesse se jogar nos campos do infinito. A viagem havia sido torturante, e aquela presença que sentia, chegando ao ponto de fazer-lhe “derramar os olhos”. Ele já não podia mais voltar, as sombras o envolveriam e ele não poderia resistir, já era muito até ali.

*Fotografia 28 - Estação de Passo Fundo (1926)*



FONTE: VFRGS

das fazendas das coxilhas. O município teve um grande desenvolvimento econômico graças à construção da linha Santa Maria-Marcelino Ramos. Com a implantação desta, concluída em 1910, começou a se destacar a exploração, a industrialização e a comercialização da madeira, especialmente da araucária. Entre 1910 e 1950 ocorreu a fase áurea da madeira, com a exploração do pinheiro brasileiro para exportação, e com a mata nativa como instrumento de alimentação das locomotivas da Viação Férrea e dos locomóveis das serrarias. Durante as décadas de 1930 e 1940 Coxilha foi o maior polo de exportação de madeira, com diversas fábricas de caixas, aplainados e aduelas. Com a mecanização das lavouras de trigo, Coxilha destacou-se como grande produtor desta cultura, até meados da década de 1960.

Durante aquela viagem ele viveu na ambivalência, sentimentos fortes faziam-lhe companhia. Mas essa presença não era confortadora, de outra maneira, apenas lhe aturdiu e deixava-lhe mais melancólico:

Nesta duplicidade louca, eu vivia. De um lado sentia-me preso, preso a Erechim. De outro, se visse uma sombra, um descampado que se perdesse ao longe, uma casinha esquecida no meio do mato, uma cerca rústica, uma roça de milho (os milhos já estavam secos nessa época), eu trazia tudo o que me prendia a Erechim e depositava naquela sombra, naquele descampado, naquela casinha melancólica, naquela cerca, naquela roça de milho (CD2, 461).

O menino a todo custo tenta esvaziar-se das lembranças. Talvez essa fosse a única maneira de não sentir saudades, já que a tristeza persistiria. Passo Fundo estava próxima, não demoraria para chegar ao campo do infinito, com infinitas possibilidades de ser:

Não, eu não olharia mais. Mas... olhei. Alguém apontara na direção do sol e mostrara a cidade, lá muito ao longe. Não mais se via o sol. O sol se fora. E o crepúsculo, o crepúsculo, o crepúsculo... Não posso, não sei como dizer o que eu sentia: era o crepúsculo, aqui e lá, muito ao longe, a cidade transfigurada pelo sol, que se escondia atrás da cidade.

Pouco depois a minha curiosidade correspondia, em toda sua fatuidade, à curiosidade de todos os passageiros. Lá estava bem próxima a cidade. Como era grande a cidade! Já franqueávamos a cidade. E o trem não diminuía a marcha. O trem correndo sempre. Estaria tão longe a cidade? Nada de casas à beira da linha. Só quando já era noite fechada, é que o trem começou a correr em busca de turbilhão de luzes. E à medida que as luzes se aproximavam (havia luzes na margem da linha e em toda parte), ele começou a diminuir a marcha. Finalmente, parou. Tinha chegado ao meu destino. Estava em Passo Fundo. Mas não era lá que eu havia nascido? (CD2, 466-467).

Ernani havia chegado a Estação Passo Fundo<sup>104</sup>, seu *destino*. Chegava uma segunda vez, dessa vez trazido pela melancolia. A *única* coisa que levava para o internato era a tristeza. A mesma tristeza que o devolveria para o Conceição, ano após ano, até completar o cinco de sua permanência, naquele lugar que seu pai lhe determinara (CD2, 462; CG, p. 428). A cada viagem na linha Marcelino Ramos/Santa Maria, de Erechim a Passo Fundo, o menino reviveria a presença. Mas quando sua angústia seria subjugada?

Mas como eu sofria quando o trem se aproximava de Passo Fundo ao cair da tarde, vendo os campos desolados, como a dizer-me que, mesmo que eu escalasse os muros do Conceição, não poderia vencer-me a mim mesmo porque...

### **A desolação e a melancolia estavam em mim**

..., e eu não conseguiria cruzar os campos entre o meu “eu” e o mundo lá fora. Foi por isso, é bom que todos saibam e não por outra coisa, que não fugi do Conceição (Internato do Ginásio Nossa Senhora da Conceição) (CD1, p. 173).

---

<sup>104</sup> IPHAE-RS. *Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul*, 2002, p. 248-249: A estação de Passo Fundo foi inaugurada em 1898. O prédio começou a ser construído no final do século XIX, aos poucos foi se alongando com a construção das máquinas, oficinas, salas e telégrafos sendo concluído em 1920.

A desolação e a melancolia não eram apenas uma presença durante as viagens, elas eram ele próprio, sua maneira de ser no mundo. Era dessa maneira que ele se sentia, diferente, uma exceção entre seus pares. Ele obedecia à determinação do pai, mesmo sabendo que ia contra a sua natureza, mas obedecia principalmente porque sabia que “foi a falta de capacidade para confessar tudo isso naquela época, meu pai, que me levou a dar à minha vida uma direção que não era a minha e que me custou tantos e tão duros sacrifícios, exigindo de mim que fosse igual aos outros” (CD2, 462). Ernani ao lembrar deste “‘alemãozinho magrinho’ que viera de Erechim”, interpreta essa desolação e melancolia que também eram suas, não mais como uma presença externa. A presença dessas afecções era interna. Possivelmente, ao escrever Tio Doca, ressignifica essa percepção interna, como uma “afecção própria dos espíritos excepcionais” – tal qual vai florescer no Renascimento. Suzana Kampff Lages, em seu estudo sobre Walter Benjamin, nos lembra que “o espectro de significações recoberto pelo termo *melancolia* é muito amplo, e vai de uma simples propensão temporária a estados de tristeza, passando por inúmeras afecções de caráter psicossomático, até chegar aos casos mais graves de psicose.”<sup>105</sup>

Assim, nesta segunda carta ao pai, Ernani deixa a posição passiva do menino de Erechim, que o vitima das condições exteriores, e identifica um polo redentor. Sua tristeza é uma forma de *desolação* e *melancolia* que dão sentido e densidade à sua vida: “Minha tristeza (ou melancolia, como v. quiser) tinha profundidade. Eu sentia que era o melhor de mim mesmo, que era necessário mantê-la, que só ela dava sentido à minha vida” (CG, p. 430). Ernani, nessa carta mais tardia que dedica a Carlos Galvez, soma à sua condição de desolação e melancolia um comportamento decididamente anárquico. A carta em questão é de 1962, e inusitadamente nela Ernani confessa a Carlos que sempre quis um amigo, poderia ter sido ele esse amigo. Contudo, essa amizade nunca se realizou, porque Galvez era seu veterano e “vivía preocupado consigo mesmo e com seus estudos (era um homem de estudo), jamais se interessando pelos outros e muito menos por mim ‘o alemãozinho magrinho’ que viera de Erechim” (CG, p. 429).

Ernani explica: “Talvez V. soubesse que eu era um ‘bluff’, não sei [*sic*]”, essa condição de ser um “bluff” persiste como um sintoma, Ernani dá indicações dessa condição em algumas passagens particularmente interessantes. Em uma delas, ele narra ao pai: “...jamais estudei – o Sr. não se lembra do que o diretor do ginásio lhe disse certa feita: ‘O Ernani tem facilidade para aprender, mas não estuda’?” (CD2, p. 462). Ainda que *facilmente* pudesse ser como Galvez, o menino de Erechim relutava, pois ele não queria ser como os outros e, principalmente, estar

---

<sup>105</sup> LAGES, S. K. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, 2007, p. 34.



naquele internato era uma determinação de seu pai e não sua. Ernani confessa ainda que seu contato com Galvez foi um tanto desastroso, “mas que ficou repercutindo em minha vida toda”. Galvez parecia ser um ícone para Ernani, ele conseguia realizar o que Ernani não podia. Essa admiração pelo rapaz repercute não apenas na vida dele, mas também ao lermos essa carta que com tamanha franqueza se expressa. A sensibilidade que demonstra nela, até pode alimentar conotações duvidosas, contudo temos que ter como pano de fundo sua postura fundamentalmente anárquica. Todavia isso não significa que ele era insensível ao modelo que muito alegraria o pai, Ernani via em Galvez alguém que ele não era, mas que bem poderia ser sua consciência. É neste motivo que o Reichmann de 1962 se apega ao enquadrar suas lembranças. Ainda que seja repetitivo, quero citar o trecho completo, não se preocupe com a extensão do relato que nos oferece o Ernani de 62. É importante que escutemos a sua voz, pois ele rememora e se expressa, ainda que de maneira performática, somente ele pode explicar porque gostaria que identificássemos o menino não apenas como um blefe, mas principalmente, e isso nos interessa, como um espírito anárquico às decisões paternas.

No ponto de vista cultural propriamente dito, eu era um verdadeiro “bluff”, que o anárquico de minha maneira de me conduzir favorecia, levando a fama sempre na minha frente. Passei empurrado no exame de admissão do ginásio (eu ainda não tomara conhecimento da matemática), guardando sempre nos anos todos um justíssimo terceiro lugar. Às vezes, chegava ao primeiro, ao segundo, mas esses não eram mais do que fatos excepcionais, não influenciando na média de minha colocação na turma. Meu discurso de colação de grau foi copiado de outro feito em Santa Maria (tão longe, quem descobriria?).

Assim decorreu exteriormente o meu tempo: os cinco anos de Internato. Normalmente triste (tristeza que se refletia em quase tudo) e anárquico em minhas relações com os outros. Eu tinha, porém, um ponto de convergência para onde dirigia minha atenção, como uma terrível crítica dirigida a mim mesmo: era V., como se em sua pessoa residisse a minha consciência, sendo V., por conseguinte, a causa de minha maior aflição durante esses anos, dos treze aos dezessete de minha vida.

V. vivia preocupado consigo mesmo e com seus estudos (era um homem de estudo), jamais se interessando pelos outros e muito menos por mim “o alemãozinho magrinho” que viera de Erechim. Talvez V. soubesse que eu era um “bluff”, não sei. Nossos contatos se limitaram a pouca coisa, mas que ficou repercutindo em minha vida toda. De V. muito justamente (se V. se comportava como se fosse minha consciência, que eu mesmo colocara em V.) só ouvi críticas. Críticas no Centro de Letras (ou Academia, que não me lembro) por ter aparecido suado e sujo, depois de uma partida de futebol, para ler um trabalhinho (quase todo copiado) sobre Joaquim Nabuco. O Irmão Roque fazia-me restrições, verdadeiras, talvez, mas pouco simpáticas, daí porque achei despropositada a concordância dele com sua crítica. Que V. criticasse, eu achava correto (V. podia fazê-lo na situação em que eu o colocara) mas que o Irmão Roque fizesse o mesmo, me parecia um exagero. Ouvi críticas, mais tarde, num julgamento de judas (há vinte e seis anos). Finalmente (V. estava no 5º ano e eu no 4º), numa festa para angariar fundos para a colação de grau de sua turma, alguns quartanistas, entre os quais eu, batemos os pés e V. nos mimoseou com o nome de “cavalos”. Mas V. podia fazê-lo, pelo menos quanto a mim, se era o ponto de convergência de minha vida no momento.

O anárquico se acomodava com suas críticas. Certo, mas por quê? Porque o outro, o triste, tinha necessidade de alguém que o compreendesse (precisava de alguém superiormente dotado), de alguém com quem pudesse conversar, explicar os seus

problemas. Queria, em suma, um amigo mas não escolhido entre aqueles que se satisfaziam com o anárquico do seu espírito e com os quais, nesses momentos, ele se sentia bem, no mesmo nível de todos eles.

Minha tristeza (ou melancolia, como V. quizer) tinha profundidade. Eu sentia que era o melhor de mim mesmo, que era necessário mantê-la, que só ela dava sentido à minha vida. Mas nunca conversamos. Depois, V. foi para Porto Alegre, onde o encontrei de passagem duas ou três vezes e foi só (CG, p. 428-438).

Comparecem nesse longo relato inúmeros temas que tentei explorar de maneira, mais ou menos, exaustivas. Contudo, me parece necessário, agora que demos dois passos para frente, retornar a pelo menos um. Após desembarcar na Estação Passo Fundo, o que aconteceu?

### **Duas coisas me impressionaram quando desci do trem**

...e comecei a andar nas ruas de Passo Fundo, a mala na mão (como estava pesada de roupa a minha mala): as pedras da calçada e os ruídos que faziam as carroças nas pedras das ruas calçadas de Passo Fundo.

Eu devia ter chegado num sábado à noite. Segunda-feira, ainda “embrutecido” pelo choque que sofrera (já nem sequer sentia – melhor sentia, se é que sentir um vazio sentir alguma coisa) encontrei o Nery. Eu estava atrasado ao exame de admissão, mas como poderia me lembrar do exame, depois de tudo?

Fiz o exame. Exame ruim. Deram-me nota suficiente para passar e eu passei. E foi só (CD2, p. 467).

O calçamento das ruas e o barulho que se desprendia das rodas das carroças causam certa impressão no menino. Ele devia estar acostumado com ruas de terra ou saibro batido, Erechim ainda não tinha alcançado tanta *sofisticação*. As luzes e o tamanho da cidade lhe causam espanto, afinal “não era lá que eu havia nascido?” Sim, ele havia nascido em Passo Fundo, contudo “mal completara um ano de idade, fui com meus pais para Erechim”. Agora retornava esvaziado, após uma longa jornada na companhia de sua melancolia. Ernani não narra o que fez no domingo, porém julgando pelo estado que se encontrava antes de ver seu irmão primogênito, é bem provável que tenha derramado os olhos novamente. Não fica claro para qual lugar foi, podia ser que estivesse na casa da avó Catarina, ou na casa da avó Leonor. De qualquer forma, o encontro com o irmão serviu para lembrá-lo que a jornada ainda não terminara. Havia mais uma etapa a se cumprir, o exame de ingresso. É muito provável que ele tenha ido mal em matemática, porém seu desempenho razoável permitia-lhe cumprir o melhor juízo paterno. Ainda que soubesse que seu desempenho era medíocre e havia passado empurrado, para grande satisfação de seu pai, ele permaneceria ali.

Nery era terceiranista no Conceição e Ivany estava no Ginásio Notre Dame, no Internato feminino. O ginásio em que estudava e morava a irmã mais velha de Ernani havia sido fundado em 1923 pelas Irmãs de Nossa Senhora, vindas da Alemanha. O convívio com os dois irmãos era quase uma impossibilidade, pois ambos viviam em regime de internato (eles estavam



a uma caminhada de 15 minutos de distância um do outro). No caso da irmã, o regime de clausura não permitia visitas nem mesmo dos irmãos – principalmente, por serem do sexo oposto e representarem de alguma forma um perigo para as outras internas (cf. CD2, p. 484, *passim*).

Já o contato entre Ernani e Nery também era dosado, as passagens que demonstram algum contato com o irmão se restringem a momentos comuns em que se encontravam na casa de familiares em Passo Fundo, ou nas férias na casa dos pais em Erechim. Provavelmente, devido as diferenças de idade entre os dois irmãos, eles residiam em espaços diferentes do internato. Roseli Boschilia comenta que as escolas Maristas tinham um modelo pedagógico comum, orientado pelo *Guia das Escolas Maristas* – que norteou “as práticas dos estabelecimentos maristas até meados da década de 1960”.<sup>106</sup> Entre as regras que analisa, Boschilia destaca que o guia sugeria reflexões quanto a questão da higiene, da vestimenta dos alunos, dos exercícios físicos, da prática de jogos, entre outras, como semanais para “modelar não apenas o intelecto, mas também os corpos, os discursos e as identidades dos indivíduos”.<sup>107</sup>

Seguindo essa premissa, ecoa-nos o relato já citado, em que após uma partida de futebol, Ernani resolve aparecer “suado e sujo” para ler um trabalhinho na Academia Passo-Fundense de Letras. Fica compreensível sua indignação com as críticas do Irmão Roque, e sua admiração ao ponto de aceitar o tratamento de Carlos Galvez frente a sua

Fotografia 29 - Ginásio Conceição (1928)



FONTE: Maristas de Passo Fundo

Fotografia 30 - Alunos reunidos para a oração e momento cívico (1929)



FONTE: Maristas de Passo Fundo

<sup>106</sup> BOSCHILIA, R. *Viril, produtivo e honrado: a construção da identidade masculina em colégios católicos*, 2012, p. 251.

<sup>107</sup> *Ibid.*, p. 254.

inadequada forma de se apresentar em tal local, cujas regras de sociabilidade exigiam-no o bom comportamento que lhe era ofertado no internato. Isso reforça a minha hipótese de que Galvez era modelo de estudante que daria orgulho a Joaquim Reichmann, além claro, de ser um sujeito representativo da *modelagem* de que nos fala Boschilia.

Nos internatos masculinos a convivência diária e a proximidade dos alunos em áreas comuns (refeitórios, dormitórios e sanitários), onde as possibilidades de vigilância eram menores, exigiam um maior rigor na delimitação dos territórios ocupados por crianças, adolescentes e jovens. Na maior parte dos estabelecimentos administrados pela congregação Marista, os internos eram separados fisicamente em dois grupos, de acordo com a faixa etária. Além de ocuparem alas distintas no interior do prédio, crianças e adolescentes eram separados em pátios localizados em espaços radicalmente opostos da grande propriedade. Assim, o isolamento visual, nos momentos de atividade física e lazer, proporcionado pelo próprio edifício, garantia que os alunos jamais se encontrassem, nem mesmo durante as atividades litúrgicas. Nos externatos, embora houvesse uma rigidez menos excessiva, frequentemente os alunos do curso ginasial, por constituírem a faixa mais numerosa, mereciam uma segunda classificação, que os dividia entre submédios (11 a 13 anos), médios (14 a 16 anos) e maiores.

Logo, o menino de 13 anos não podia contar com o apoio de nenhum de seus irmãos, eles estavam fisicamente muito próximos, entretanto socialmente muito distantes. Cito outro trecho da carta Tio Doca, como não podia ser diferente, Ernani reflete sobre o primeiro dia – percebemos o quanto lhe era desolador recordar, seu tom assume a melancolia do menino. Temos a impressão que os afetos lhe atordoam ainda a vida, confessar força-o a reviver os acontecimentos que lhe deixaram cicatrizes. “No dia seguinte”, relembra ele,

..levei minha mala para o Internato. Ah! Meu pai, como eu gostaria de ser escritor, de poder escrever, contar tudo o que senti (e que hoje é lembrança) pela primeira vez! Como sofro, com que desespero eu me calo! Morrer com tudo isso, levar para o túmulo esses segredos que são lembranças ou essas lembranças que são segredos. Se houvesse tempo ainda, eu estudaria. Eu estudaria, meu pai, mas para escrever, somente para escrever. Para escrever, hoje eu sacrificaria tudo. Oh! Por que não aprendi a escrever, a dizer o que sinto, quando as lembranças me tomam de assalto no silêncio das madrugadas que são minhas? Madrugadas de lembranças, prostituídas pelas lembranças que entram e saem pela minha janela a todo instante. Não é demais que eu confesse aqui, meu pai. *Assim como entrei, saí do ginásio*. Passei nos exames, quase obrigado, lendo no dia anterior a matéria para o exame do dia seguinte. Mas, foi só. É por isso que o Sr. que esperava de mim um homem, teve que se contentar, quando deixei o ginásio, com uma sombra de homem. Com um moço que ninguém sabia se era moço, se era velho, como a casa de vó Catarina, como a casa de vó Leonor. De quem, ninguém nunca pode saber que não sabia nada. Mas eu não sabia nada. Do Internato, meu pai, ficaram as lembranças, só as lembranças (CD2, 467-468; *itálico meu*).

“Assim como entrei, saí do ginásio”, afirma Ernani. É provável que ele faça referência a sua relativa indiferença de estar ali, naquele lugar contra a sua vontade. Note que, apesar das ressalvas que tece em sua narrativa, o menino tinha acesso a uma educação financiada pelo pai, com esforço que ele reconhecia não ser merecedor no contexto em que vivia. Havia uma má-

consciência que pedia perdão, ao mesmo tempo que sua postura nos mostra que mesmo diante das determinações do seu pai havia certa margem, havia certa agência. São marcantes as passagens que revelam essa dissonância – talvez daí, a escolha do título da coleção de Cadernos de van Neutgen ser “Dissonanz”, conceito que entre suas várias acepções denota quando existe uma incoerência entre as atitudes ou comportamentos que acreditam ser o certo com o que é realmente praticado.

Essa vontade de ter seguido outro caminho, ou mesmo ter aproveitado o tempo, surge como um sintoma de uma consciência que transborda o momento presente autobiográfico. Esse efeito de revisão, reconhecimento de que as coisas poderiam ser diferentes revela-me, revela-nos que lidar com as lembranças cria um resíduo de nostalgia. Ainda que a nostalgia manifesta por ele não seja positiva, pois recorda, não para apreciar, saudoso, um passado que lhe foi edificante. O passado que retorna de maneira nostálgica no momento da escrita de si, lhe é negativo, negativo porque sua pretensão é, se acaso houvesse possibilidades ainda, canalizaria a energia desperdiçada em outro lugar. Como lhe é o caso da escrita, mas ele escreve sobre si, não escreve? Sim. Então, por que querer ser o que já se é? Ele talvez queira se referir, e neste ponto é especulação, mais ou menos orientada pela vivência que tenho experimentado nos últimos anos por pesquisar e lidar com a vida de Ernani, tenho a impressão de que seu lamento seja de não ter sido escritor do outro, porque de si ele com certeza dá boas razões para julgarmos seu corpus de escritos assim. Quando digo do outro, quero dizer a escrita que elege gêneros canônicos, caracterizáveis e dignos de louvor, por exemplo, o romance – afinal qual o valor de falar de si, e falar de si na maior parte da vida? Uma autobiografia é um gênero fúnebre, epitáfio de uma vida que se encerra, não teria sentido pensá-lo de outro modo, ao menos é o que parece dar sentido a essa nostalgia de uma possibilidade que não se concretizou.

### **Ah! as lembranças daqueles dias frios**

...e eu às seis horas deixando a cama tão macia, tão quente, a cama. Depois, sentar até às sete no estudo: uma sala fria, sem sol, com ar demais no inverno e pouco no verão. Ir à missa, com fome, o estômago doendo (isso que deve ser disciplina para formar um homem a mim só perturbava, irritava e, por fim, nem irritava...), voltar, estudar ainda quinze minutos e só depois, tomar café (às 8 horas). Às oito e meia, entrar na aula. Às onze e meia sair da aula e esperar o almoço ao meio-dia. A uma e meia voltar à aula, depois de meia hora de futebol (eu jogava sim, mas tão mal, tão... eu jogava futebol, mas com as lembranças, era com Erechim que eu corria pelo pátio, o que perseguia não era a bola, era a libertação que não viria nunca). Às três e meia, deixar a aula e esperar o café. As cinco horas, entrar no estudo, depois uma hora de futebol. Deixar o estudo às sete, para jantar, andar meia hora pelo pátio (tonto de saudade). Às oito, entrar novamente no estudo e, às nove, ir para a cama. Do estudo para a cama, sem repouso, sem intervalo, sem recreio, sempre em fila, dois a dois, dois a dois, dois a dois (CD2, p. 468-469).

Também a rotina lhe era fria, os dias apenas se repetiam. O horário monástico das atividades exigia do menino mais do que ele podia aguentar. A fome matinal era apenas um indício. Talvez, compensada pelas partidas de futebol. A disciplina que o tempo imprimia sobre os corpos perturbava-lhe o humor, irritava-o, mas como se livrar disso, não havia jeito. A única solução era ser indiferente, aproveitar o futebol, ainda que não jogasse bem. As aulas e os estudos ocupavam boa parte do dia, era excessivo para ele. Ainda se recordava que não foi sempre assim, “nos primeiros dias, não havia aula e eu podia me levantar mais tarde” conta ao pai. Ele podia andar pela cidade, descobrir lugares e viver locais de memória de seu pai, lugares que lhe foram narrados nas histórias. Ernani tinha receio de ir muito longe, por isso no início seu trajeto era sempre o mesmo. Ele preferia viver o que cada lugar poderia lhe oferecer:

Podia andar pela cidade. Meu trajeto, porém, era sempre o mesmo. Eu tinha receio, receio de ir mais longe. É por isso, que levei cinco anos, os meus cinco anos de Internato para conhecer a minha cidade (a cidade onde nasci) e por fim, quanta coisa terei deixado de conhecer. É que nunca fui a qualquer parte para conhecer o que lá havia. É que preferia, sem saber, é claro, ir conhecendo, assim. Assim, devagarinho, como quem não quer nada e eu queria tudo, tudo o que as coisas poderiam me dar (CD2, p. 469).

Se a rotina era desgastante, por vezes o impedia de ser ele mesmo. Paradoxalmente, ele sabia que nos fins de semana e feriados viver em Internato era pior, pois a ausência daquele horário frenético contrastava com a falta e o abandono daqueles dias. Anos mais tarde, Ernani recorda e identifica em si, aquela impressão confusa e cambiante: “encontro novamente”, diz ele, “uma impressão perdida: minha velha impressão do internato. Cada tarde me dá a impressão de que o dia seguinte é feriado e o abandono se apodera de mim” (FA1, 18). Apoderam-se dele as lembranças, a saudade e, principalmente, a tristeza por não estar *em casa*.

A vida dos meninos era ocupada por atividades que se repetiam semanalmente, o que impedia de meditar sobre as lembranças, ou mesmo mergulhar nelas. Contudo, os fins de semana e feriados eram clareiras ociosas e ciosas de melancolia. A impressão destes dias exacerbava a tristeza e conduzia-o a outros lugares, como Erechim junto aos pais e irmãos mais novos. A rotina tinha essa função, de não permitir que o ócio ocupasse lugar. Por isso, o Internato tinha um papel formador sobre os corpos e as almas, para que funcionassem sob uma determinação genérica, na falta de uma específica. Era vetado desperdiçar tempo, inclusive consigo mesmo, pois todo o tempo deveria ser útil e habilmente aproveitado.

VAGABUNDAGEM – A disciplina imputada por instituições Maristas, como o Conceição, fundamentalmente se baseava nessa racional ocupação do tempo, para que os meninos se tornassem homens produtivos. É interessante notar que uma imagem recorrente no Ernani adulto, pode-se dizer que é a do “vagabundo”. Algumas vezes encontramos essa imagem

delineada, ela nasce sem muita explicação nos escritos maduros. Algumas pessoas até correndo o risco de serem repreendidos pelos familiares mais próximos de Ernani, ousavam chamá-lo ironicamente de “vagabundo” em voz alta. Interpreto essa expressão como um dos temas cronotópicos que tem sua origem na diretiva de se tornar um “homem produtivo” de acordo com os preceitos exercitados no Internato. Aprofundar nessas memórias me parece ser oportuno, para contextualizar temas persistentes como a de uma aparente “vagabundagem”<sup>108</sup>, a sua de modo algum era improdutivo – com certeza, criativa –, basta sondar sua vida. Certamente, havia um motivo para fazer uso deste tratamento, corremos o risco de sermos taxativos ou parecermos reducionistas. No entanto, ser vagabundo significava não se render a uma produtividade pernicioso e estrategicamente cultivada. Pode ser que esse sentido ainda não estivesse no menino, mas nomeadamente já está em Ernani no auge de sua reflexão – fato notadamente visível em seus escritos.

Controlar a fome, diante de várias atividades antes do desjejum, pode parecer algo impensável quando se está em casa. Em casa, a fome é saciada prioritariamente para que o dia comece, ou seja possível desenvolver as atividades do dia. Todavia, em um internato, cujo universo guarda mimeticamente traços de um passado monástico, o jejum matinal forçava o corpo a obedecer a alma, se não a sua, ao menos a do orientador de consciência. Afinal, não podia o menino se sentir em casa, estava naquele lugar para formar o autodomínio de suas necessidades, até as mais básicas. Cada etapa correspondia a uma aprendizagem. Inclusive o passeio pela cidade já não era mais livre como no início. Ele e os demais internos podiam sair, mas somente se andassem acompanhados, “tendo alguém ao meu lado”, explica Ernani ao pai, “alguém atrás de mim (era assim que andávamos, que íamos a qualquer parte, sempre, sempre)”. Isso lhe atordoava, deixava-o desconcertado e, a tal ponto, revoltado. “Mas, antes de consumir-se aquilo que não tem remédio (os meus cinco anos de Internato) na minha lembrança, é claro”, diz Ernani, ele assumia uma postura que podia não agradar, mas certamente nos mostra que ele não se renderia sem lutar:

Neste momento, eu me rebelo, meu pai. Deixo os outros e saio só, só, para um passeio de lembranças, lembranças de lembranças, pois tudo era lembrança na cidade onde o Sr. vivera trinta anos de sua vida, na cidade onde eu tinha nascido e na qual começara a viver (CD2, p. 476).

A cidade estava repleta de lugares de memória, não suas – de seu pai –, vividas durante os seus trinta anos. Ernani ansiava explorá-las, vivê-las e viver, consecutivamente as suas. Era muita intromissão acompanharem-lhe nessa jornada, sobre isso ele já havia decidido. Ele

---

<sup>108</sup> “Seu traço principal nessa época: a vagabundagem” (cf. PP, p. 88 *et sequentia*).

sempre se rebelaria contra. É nesse espírito de nostalgia que ele narra muitas lembranças [re]vividas por tabela, mas também primevas. Uma dessas lembranças é a do Chafariz: “O Sr. não se entristeça, meu pai, que eu senti a sua presença no chafariz. Que recolhi suas lembranças, que elas estão comigo”! Há uma fina ironia nessa passagem, pois Ernani sabe que as guardará até chegar o momento de outro (quem sabe seu biógrafo) resgatá-las de suas mãos, ao menos é o que a continuação dessa passagem me parece indicar. Ernani diz ao pai, “...as guardarei [as lembranças do pai sobre o chafariz] até que alguém, quando for chegado o momento de partir... volte a se lembrar de nós, do Sr. que deixou a lembrança e de seu filho que foi buscá-la para incorporá-la a sua vida, pois não quer outra vida que não seja de lembranças (CD2, p. 470). A narrativa é muito maior, não faz sentido reproduzi-la na íntegra aqui. A passagem fornece-me apenas um dos muitos exemplos nascentes contra a revelia Internato afora. Essa ideia de [re]viver lembranças do pai não se esgota – são, em última instância, temas cronotópicos de escritos futuros, já realizados. A minha hipótese da inesgotabilidade de sentido das lembranças do pai e as suas alimenta-se de passagens bem-humoradas como a seguinte:

Se fosse escritor eu passaria a vida toda só a falar do chafariz. Há tanto que dizer do chafariz! E, na verdade, meu pai, não sei sequer o nome da rua do chafariz. Mas, dei nome a essa rua. Ela se chama: Rua do Chafariz!  
Naquela noite, não pude dormir. Era sempre o chafariz. E pensava no chafariz, na escuridão da noite (CD2, p. 470).

Mas no fim das contas, além de fornecer temas ao filho que poderia escrever a “vida toda” sobre o chafariz, por exemplo, as lembranças do pai serviam de armadura. A coragem do pai servia-lhe como antídoto nas noites mal dormidas, para afastar o medo da noite profunda: “eu o imaginava”, diz ele, “enquanto via o dormitório do internato”, certamente parecia-lhe naquele momento “menos tenebroso, menos profundo, pela luz que iluminava por janelas sem postigo” (CD2, p. 471). O mesmo se passava com o “matinho do Barão” (CD2, 471); o “lageado Miranda [*sic*]” e o “tesouro dos jesuítas” (CD2, p. 472); as “carretas de boi, com rodas de pau” que vinham do Nonohay (CD2, p. 473); as pescarias no “Poço Comprido” (CD2, p. 473); o “combate do Boi Preto CD2, p. 474); o “Jaboticabal do Gustavo” e o do “Valinho” (CD2, 476); a “rua Lava-Pés” (CD2, p. 476); a cervejaria do Bade (CD2, p. 476-477); e, etc.

Mas, de todos os lugares, o que ele com mais afeto recorda e nos narra é, certamente, as casas da avó Catarina e Leonor. Ele dedica várias páginas de Tio Doca a relembrar os dias que passava embalado pelas histórias que ambas lhe contavam. As casas das avós eram, decididamente, lugares de memórias. “Vou à casa da vó Catarina”, revela Ernani.

Abro a porta e ouço uma voz, que vem lá da varanda:  
– Quem está aí? E a mesma voz, que responde:

– É o Naninho.

Cumprimento minha avó, que me dá um beijo na face. Volta a sentar-se na sua cadeira de balanço e começa a enrolar um cigarro de “caporal”. Puxo uma cadeira e me sento a seu lado. Mas ela tem que se levantar. Precisa ver o fogo. Acompanho-a até a cozinha, abro a porta e saio para os fundos. Perto da porta, há um pé de jasmim. Perfume profundo, de uma profundidade que só o passado pode ter. Subo quatro degraus de tijolos, passo rente ao poço. Olho os pés de butiá. Lá mais para os fundos, quase na cerca, antes na parede da Catedral, depois, há uns limoeiros. Contemplo um canteiro tratado com carinho, com tanto carinho. Parece diferente dos outros, este canteiro. Nele minha vó depositou as toalhas com sangue de um filho que morreu de hemorragia sobrevinda a uma cirurgia. Como era o nome desse meu tio? Não seria Leovegildo? E morreu tão moço! Minha vó dizia: “na flor da idade”. Tão pouco ouvi falarem nesse meu tio! Sempre, porém, prestei-lhe a homenagem do meu olhar, da minha compreensão. Eu sabia que ele estava ali, no sangue plantado ao pé de um butiá. Vovó então, me chamava. Perguntava se eu não queria café. Ora, se queria. Logo depois, voltava a me sentar a seu lado e ouvia uma história muito, muito comprida, que nunca pude entender, mas da qual tanto gostava. Era uma história que gostaria de escrever se fosse escritor, porque ela correspondia às impressões que eu tinha de tudo, da cidade cercada de campos melancólicos, da... Era uma história que gostaria de escrever e pronto. Era a história de um homem que tinha vindo de Santa Catarina, tocando uma tropa de gado. E numa noite de tempestade, um morro caíra e matara todos os animais. O homem mal escapou com vida. então, ele começou a trabalhar de correio. Era ele que levava as cartas e os índios o deixavam passar. Nesse momento, eu me lembrava de outra história, de uma história que o Sr. tinha me contado de uma família que tentou cruzar um capão, lá para os lados do Mato Castelhana, à noite, e que foi massacrada pelos índios e que no outro dia (só era possível passar de dia, um paraguaio servindo de parlamento entre os viajantes e os índios e conduzindo os viajantes pela mata) encontraram os despojos. Eu era todo história na casa da vovó Catarina (CD2, p. 477-478).

O menino sentia-se em casa, com a avó. Era um refúgio e uma ilha de sossego, lugar que podia sentir-se “Naninho” – quase que nanado pela avó paterna. Na casa da avó Catarina, “ele era todo história”. O Conceição não podia competir com aquele lugar de afeto, nele o menino podia esquecer o Internato e lembrar-se de si. A casa da avó era um verdadeiro manancial de matéria-prima, pena que ele *não* era escritor. Note o humor e o deboche que nos brinda o epistológrafo desta segunda carta ao pai, obviamente Ernani era escritor, mas não o menino, claro! O menino se deleitava e aplaudia atentamente as narrações entrecortadas por visitas à cozinha, um gole de café – por que não? –, visitas ao quintal, o profundo perfume do passado, como não senti-lo naquele lugar especial. Rende tributo ao tio pé de butiá! – Não poderia ser indiferente, era seu sangue.

A casa da avó tinha janelas em arco e fora construída pelo pai de Ernani e seus irmãos. Os quartos eram sombrios, recorda, e não poderia esquecer as janelas da frente, estavam sempre fechadas por causa do sol. Em um daqueles quartos, o menino viu seu avô nos últimos momentos de vida. “Não acreditava que alguém pudesse morrer”, nos fala o menino, explica em seguida que o avô “estava doente há muito tempo, mas isso de morrer, bem, morrer era outra coisa” (cf. CD2, 478-479). A passagem é longa e sugere que o avô, ao alcançar o último suspiro, “nós todos”, Vó Catarina, o Padre, Fernando, Nery e Cecília, “já o recebêramos sem o

saber, disperso no ar que respirávamos” (CD2, p. 479). A outra casa, refúgio, retiro espiritual do menino, era a casa da vovó Leonor. Assim como na casa de vó Catarina, uma atmosfera de acolhimento e conforto o recebia sempre de braços estendidos para um longo e saudoso afago.

Na outra casa, na casa do Boqueirão (já estou saltitando outra vez, a fugir do Internato) foi lá que nasci. Eu entrava pelo portão. Subia dois degraus. Andava por um caminho de tijolos. Cruzava uma varanda (que chamavam de área) e entrava na cozinha. Lá estava a vó Leonor. A ti Otilia vinha chegando dos fundos. Era tudo tão claro, tão cheio de sol. Não, havia um quarto, na passagem da cozinha para o quarto da frente, era o único quarto sem luz. No quarto da frente, eu tinha nascido. Quarto de janela para a rua, uma janela só, que a outra janela dava para a sala de visitas. Mas... eu chegava triste, a conversa era para me alegrar. Se olhava com apetite para um doce, o doce era para eu comer. Se estava de cabelos compridos, de unhas grandes e sujas, com a roupa em desalinho, era bom estar – tão suaves as reprimendas que nem chegavam a ser reprimendas. Se estava com dor de estômago, dor de cabeça, ou qualquer outra dor, era bom ter dor de estômago, de cabeça ou, mesmo, qualquer outra dor. Sempre havia um remédio, pois se eu cheguei, inclusive, a tomar moela de galinha torrada e moída (como farelo de pão), que era um tônico estomacal? Na casa da vó Leonor sempre sabia dos outros, dos que eram parentes e dos que não eram parentes. Como me admirei ao saber que a vovó nascera à margem do Rio dos Sinos, à margem direita do rio, que São Leopoldo fica à margem esquerda! E mais ainda, quando me contaram que seu pai tinha fabricado armas para os revolucionários de [18]93!<sup>109</sup> Nesses anos, ela devia ter se casado. Nesses anos também, a vó Catarina levava os filhos (vovô estava fugido) de carroça, para Porto Alegre, onde encontrou o vovô trabalhando na Casa Carvalho (alfaiataria), na praça 15. A vó Catarina contava que encontrara, de viagem, em Capoeiras (hoje a cidade do Prata) as forças do José Trindade, que vira homens de colares feitos de orelha de gente, amarrados com barbante e que “seu” Trindade gritou para os seus homens: – “Respeitem essa senhora”. Ah! meu pai, o orgulho da vovó, ao ser tratada com tanto respeito! Mas ela não deve ter deixado escapar mais do que duas ou três palavras (palavras que eu gostaria tanto de ter ouvido!) e a força se afastou pela estrada, enquanto ela voltava para os filhos (todos crianças), serena, segura de si, certa da sua “grandeza” (e humildade por isso) metida na estrada, que era uma estrada de respeito (CD2, p. 479-481).

A casa da avó materna agia sobre o corpo, a alma e o desejo do menino. O calor materno estava ali, presente de uma geração a outra. A presença de sua mãe era a presença de vovó Leonor. Como o menino podia se sentir bem naquele universo que conspirava para que ele fosse alegria, alegria sempre e sem limites. A casa da avó materna ia ao encontro da casa da avó paterna, não eram apenas os pais dele que se casaram – singularmente os dois refúgios eram-lhe lugar das “tardes mornas”. O próprio relato repleto de afeto espelha essa singular relação, as histórias se cruzam. Uma família por forjar armas para a Revolução Federalista, vai de encontro a outra que se desvia do sangue e terror que um caminho podia lhe causar. Os mesmos motivos que simbolicamente Ernani via na mãe (sua amabilidade e o forte senso de utilidade), e em seu pai (coragem, serenidade e segurança de si), atravessam seu relato, como

---

<sup>109</sup> Revolução Federalista (1893-1895).



expressão quase inconsciente daquilo que no âmago buscava nas avós, nas casas que lhe eram lar – na ausência de Erechim.

A casa de Dona Leonor tinha no quintal dos fundos um campo de possibilidades, o menino percorria cada canto sorvendo e espiando nas árvores daquele quintal a história centenária, bicentenária, de Passo Fundo. “...Depois de trepar nas laranjeiras, de dar uma palmada amiga na nogueira”, nos explica que a palmada era um incentivo para que a nogueira voltasse a produzir nozes. Ao mesmo tempo se convalescia, a nogueira já tinha cumprido sua cota-parte, não precisava mais ser surrada. Nela já habitava a história do tesouro que havia a seus pés, nunca encontrado – claro! Foram muitas as gerações de caça ao tesouro, suas raízes expostas pelas aventuras eram marcas do tempo, ela já havia produzido muito, não precisava apanhar mais do que já haviam lhe surrado.

Era para dizer à velha nogueira que ela não “devia apanhar”, que ninguém bateria nela (e nunca ninguém batera) para forçá-la a dar nozes. Que não precisava dar nozes. Que sua existência estava justificada por si mesma. Que ela tinha uma história, que eu poderia ouvir, que ela me contaria baixinho ao ouvido, se eu encostasse o ouvido ao seu tronco pisado pelos anos (CD2, p. 481-482).

O tempo também era duro com o menino, vejo-o em seu relato como essa nogueira. Também nele os padres maristas colocavam um tesouro escondido, cavavam-lhe as raízes expondo-o até a alma. Ele já se encontrava cansado, não produzia mais nozes. Porém, ainda estava lá como divisa entre a terra e o azul do céu, o Internato exercia sobre ele sua atração. A gravidade lhe retirava as forças, em algum momento sua existência também se justificaria como a da nogueira? Ele deixaria de colher os castigos, e deixaria de receber as bofetadas para produzir, para ser produtivo? A passagem seguinte nos mostra que os anos não foram generosos. Ele não conseguia mais saltitar, o internato lhe impedia: “a atração do internato é cada vez maior meu pai. E aqui estou como o passarinho que já não pode dar saltos muito grandes. Meus saltos já são menores. Já não tenho forças” (CD2, 484).

O último ano no Internato é narrado com muitas metáforas, que entrecortam a carta. Ao chegarmos nesse fim, sentimos que as tardes mornas ficaram distantes, ele se sente um pássaro preso, ou com os movimentos atados. Os exercícios militares eram momentos especiais, pois eles permitiam se afastar do Internato, se afastar da cidade.

### **Certa vez, foi em 1937, meu pai, eu fazia instrução militar**

E o instrutor de Tiro de Guerra simulou um ataque: deveríamos tomar o matadouro, lá no outro lado do rio Passo Fundo, começando o ataque na rua que vai dar ao cemitério. Eu servia de agente de transmissão e de ligação. Em três grupos, eles (os rapazes) começaram a avançar. Um grupo ficou retido por um homem, que não

permitia que se cruzasse no terreno plantado que tinha. Com isso, os dois outros se distanciaram quilômetros na frente. Com toda a certeza, já tinha cruzado o rio e chegado ao seu objetivo e nós ainda aqui, esperando uma solução. A solução não chegou, porque o homem resolveu não permitir (o sargento ficou de tomar providências) e eu saí atrás dos outros. Depois de andar um quilômetro, achei-me no meio do banhado [*sic*] sem fim. Onde punha o pé, lá se ia a perna. E comecei a sentir um terror, um terror medonho de desaparecer no banhado, pois não tinham dito que existem sumidouros de desaparecerem tropas inteiras, um animal atrás do outro? O que sofri para cruzar o banhado, o que sofri! Quando cheguei à margem do rio, como cruzá-lo? Não tinha outro jeito. Era me meter na água e pronto. E cruzei o rio Passo Fundo, a água fria até o pescoço. E se a água me levasse. Já havia tantos mortos na sombra das margens do rio. Essa água vinha do Rafael (o poço da chácara dos Maristas, que o tio Miro comprou mais tarde), passava por baixo da ponte (sempre tive a impressão de que o nome do lugar foi tirado deste passo, que na verdade não é fundo, sendo alto apenas da ponte) e desaparecia na restinga. Eu estava na restinga. Eu cruzava na restinga. Eu cruzava o rio na restinga. Eu era o próprio mistério, o próprio rio, a sombra, a umidade (CD2, 474-475).

Ao que nos conta, exercícios de guerra eram bastante comuns neste último ano de Internato. Havia a possibilidade de os internos cumprirem o período militar ali, com a orientação especializada. Ernani parece demonstrar apreço pela ideia, pois lhe permitia escapar da “atração” do Internato. Sentia-se revigorado! Havia alternância de sentimentos e emoções, podia sentir pavor, sentir o mistério, ser mistério, como o rio que tramava-lhe até o pescoço com suas águas frias. Ele deixava-se ser e transportar pelo rio. As sombras na margem eram os mortos, profundo mistério dos que lutaram contra a correnteza e não conseguiram alcançar a restinga, ele estava na restinga, havia cruzado a restinga. Vencido o rio, vencido a si mesmo. Principalmente, ele havia vencido a “atração” que o Internato representava, daí nada melhor do que correr livre e misterioso como rio, suas sombras, a restinga e toda aquela umidade.

Ernani confessa ao pai: “tenho vontade de andar à volta da cidade, porque na cidade está o Internato. Ah! o internato!” (CD2, p. 475). Esse último ano nos mostra porque ele saía como havia entrado. Ele expressa na carta ao pai toda a melancolia que ainda estava presente em seu ser, e estar ali nas águas do rio para ele significava muito. Aliás, o rio é outro motivo cronotópico. Lugar e tempo que não se apartam em sua narrativa. Nesse motivo ele podia ser, esse mistério que, como o rio, esconde em suas sombras uma complexidade sempre nova. A instrução militar não é representativa, apenas um pretexto, possibilitava subterfúgios oficiais para se afastar da cidade, para se afastar daquilo que tanto lhe fazia mal: o Internato. Contudo, “quase esquecido do Internato”, livre nas águas do rio, “o passarinho que parecia libertar-se, falsa ilusão”, pois “a cobra já o tinha hipnotizado” (CD2, p. 488).

Lembremos, nunca é demais pontuar, as anotações que me guiam em uma aparente cronologia são desafiadas por temporalidades múltiplas. É difícil dizer se o jovem Ernani tinha consciência da hipnose que o Internato lhe impunha, o que sabemos é que há um jogo entre o autor-pessoa/real (Ernani em 1955), o autor-criador (van Neutgen) e a personagem (o jovem

Ernani). Por vezes ficamos confusos, por isso acredito ser indispensável, em momentos como este, ressaltar que a metáfora do passarinho hipnotizado é marcada e está entre parênteses. Isso denota níveis de percepção, a carta não é qualquer carta! Intitula-se “Tio Doca” porque faz referência à reflexão que operamos frente a uma catarse, por exemplo. A carta não é para Tio Doca, é para o pai de Ernani, o “Sr.” Joaquim, escrita por van Neutgen (pseudônimo indeterminado). Há um estranho jogo especular aqui, pois o autor criador reflete sobre esses anos que o constituíram, sabe que a imagem com que lida cria os personagens menino alemãozinho/jovem Ernani. Mas a reflexão que promove, e sutilmente pontua com parênteses, mostra-nos que existe um autor cômico dos efeitos que o Internato teve sobre seu espírito. Restando-lhe mais do que apenas narrar, reconhecer-se como sujeito da narrativa, porque ao produzi-la pode se reconhecer nela ou não. Esse efeito especular dá espessura ao relato autobiográfico, além de fazer a catarse do passado, promove um acerto de contas, enquanto se coloca a uma distância segura para avaliar, ajuizar e pontuar sentidos novos.

Na sequência, o autor-criador explica os fatos posteriores ao exercício de guerra, “vaguei pelas ruas como quem caminha sobre a sua alma, dorido, mas despreocupado, como o passarinho...”, e de súbito, cinde o discurso, intercala três pontos, o que demonstra o domínio sobre a história do personagem. Esse artifício permite-nos observar que não é só o personagem que atua em reviver cenas passadas, o autor-criador é quem dá o enquadramento, dizendo que a cena persista ou interrompendo-a de chofre. A passagem não encerra, mas faz a transição de cenário: “de repente”, o autor-criador eleva o suspense, “meu pai, de repente, sem querer, foi tudo repentino, tão violento, dei o pulo fatal: caíra no pátio do Internato” (CD2, p. 488). O cronotopo não se altera, o passarinho saltitante teve sua ilusão de liberdade, mas um de seus saltos era fatal, pois a cobra já o havia hipnotizado. A despreocupação com o ambiente, não deixava-o enxergar, ele imerso naqueles sentimentos e emoções que o rio lhe havia despertado, não permitia-lhe enxergar o caminho que seu corpo descrevia. O corpo caminhava para o Internato, sua alma estava, onde o rio estava. Há uma ausência de espírito, pois se ele estivesse ali, também o autor-criador estaria. Percebemos a união entre ambos, novamente, quando eles se deparam em meio ao pátio. Sua reação:

De todos os lados acorreram lembranças em bando. Elas gritavam, gesticulavam, todas com saudade. Eu parecia o artista que chega, que desce do avião e que morre sufocado, meu pai! Mas, como um espadachim acuado, protegi minhas costas no muro e comecei a lutar com as lembranças que me assaltavam em fúria (CD2, p. 489).

Eu caíra no Internato. Fugira, com receio de cair. Ele me atraía como a serpente atraía o passarinho. Mas, quando caí no pátio, despertou em mim, aquilo com que a princípio eu não contara, com a minha habilidade de esgrimir, para combater lembranças:

encontrei as forças necessárias para o momento e, agora, encostado ao muro, eu resistia (CD2, p. 489-490).

A estratégia narrativa de se encostar ao muro, e gradualmente se defender de cada uma das lembranças que lhe assombrava, era uma forma de lidar com a hipnose da serpente. Esse cronotopo lembra a tentação de Adão e Eva no paraíso, o jovem Ernani era assaltado de seu paraíso terreno pela serpente – era ele um outro Adão, que precisava resistir à tentação de viver na ilusão dos dias. Seu ato de resistência era necessário, assim como precisou deixar nos campos e nas sombras as lembranças de Erechim, ele também precisava deixar ali as lembranças do Internato. Lutar com elas, assim como fizera nos exercícios de guerra com seu fuzil. Eram muitas as lembranças que tinha que vencer.

Eu resisti. Resisti às lembranças das rebeliões de fim de ano, prefeito (marista) desfazendo os grupos que se formavam em toda parte. Resisti, oh! meu pai, eu resisti, como foi dura a luta, mas resisti, à lembrança do irmão Mário, um dos poucos, um dos raros senão o único santo que cheguei a conhecer em carne e ossos, sentado à sombra de um plátano, segurando com a mão esquerda à direita que não queria obedecer (ele tivera um derrame cerebral). Resisti...

Depois foi a vez... tive neste momento uma estranha impressão de que as lembranças se dividiam. Que se organizavam. As que eram de um certo modo, para um lado, as que eram de outro modo, para outro, umas mais para a frente, outras mais para trás... Elas se organizavam: era um plano de ataque com toda a certeza. No chão, mortas, as lembranças, as grandes lembranças do Internato. A lembrança do Clóvis, a lembrança do monstro parasita, a lembrança do Irmão Mário... (CD2, p. 490-491).

O personagem resiste às investidas dessas lembranças em destacamento, são as primeiras que tombam mortas. O amigo interno, que se chamava Clóvis, na volta das férias nunca retorna para concluir o ano, ele havia falecido. Essa lembrança estava estranhamente conectada à lembrança de sua mãe. Ele recorda que no Internato falavam mal dele, “um marista que o perseguia”, e também, a saudade da falecida mãe lhe tirava o sossego. “Certa vez”, recorda, “nos despedimos para as férias. Eu voltei para concluir o curso. O Clóvis não voltou e não voltaria jamais”: “a espingarda do Polaquinho, contrerrâneo do Clóvis, disparou durante uma caçada. O Clóvis recebeu o tiro em cheio no coração e foi só. Não, meu pai, não foi o tiro, foi a minha espada que perpassou a lembrança do Clóvis” (CD2, p. 489). A lembrança do amigo desfalecia, assim como o próprio Clóvis encontrara tragicamente seu destino!

A segunda lembrança que desfalecia pela sua espada era a do “monstro parasita”!? O que podia ser essa estranha entidade? Do que se trata? A realidade transvestida certamente, pois o tabu da sexualidade era um interdito, perseguida com poderes de inquisição. Explicitar a realidade era um pecado, as lembranças vestem a fantasia que as práticas de caça lhe dão. Cultivar esse imaginário persecutório era uma estratégia de censura e ascese. O jovem se refere a sua sexualidade que padece por ser reprimida, é bem provável que institucionalmente fosse

demonizada. Contudo, para contornar essa dupla estratégia, os internos tinham formas próprias e subterrâneas. O jovem Ernani recorda nestes termos, a relação parasitária:

Depois, foi uma lembrança, uma lembrança ruim, mas que também era lembrança: a lembrança de um monstro (do sexo que nascia) que estava em mim, que estava fora de mim naquela noite em que eu não podia dormir, em que rolava no leito, pedindo, pedindo por tudo que pudesse me socorrer, que levasse aquilo para longe de mim. E eu com fúria me vingava, agora, daquela noite, na sua lembrança. Minha espada parecia tão leve, meu braço não se cansava. Perpassa-a uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove vezes. Estava vingado: morrera a lembrança (CD2, p. 490)

O autor-criador não narra com mais detalhes o que se passou naquela longa noite, e também não permite que o personagem se manifeste. Alguns indícios e pistas vêm à superfície, “...diziam-lhe que fosse visitar mulheres, que estava na idade”, a sexualidade desabrochava sob interditos de toda a ordem. Principalmente as de ordem religiosa. Poderia citar inúmeros pontos desse relato singular, em que a análise histórico-sociológica me permitiria discutir estes indícios. Contudo, o mais significativo para mim aqui, permanece o emaranhado de consciências que não permite, em um primeiro momento, ao leitor adentrar na leitura mais profunda – a qual, sempre, entretém o autor-real, nossa ausência. Na passagem há um trabalho metafórico, simbolicamente conduzido por van Neutgen (autor-criador) sobre as lembranças, que conservam-se íntimas, do jovem Ernani (personagem).

METAMEMÓRIA<sup>110</sup> - O trabalho conduzido pelo pseudônimo é sobre a forma externa das lembranças. Não faz sentido expor a intimidade do autor-pessoa, ainda que sua sexualidade seja objeto de algumas lembranças assassinadas pelo autor-criador. O importante nesse enquadramento é que a forma das lembranças deve servir à catarse. O jovem Ernani precisa vencê-las para poder se desvencilhar daquele lugar que ocupou cinco anos de sua existência. E não é uma decisão aleatória lutar contra as lembranças de Clóvis, do monstro parasita e do Irmão Mário. A diligência com que investe contra essas primeiras lembranças não é aleatória, talvez sejam as que mais o prendiam, exercendo atração, ao Internato. Aniquilá-las significava libertação, daí a urgência de atacá-las primeiro, pois sabia que eram seu ponto fraco.

---

<sup>110</sup> Cf. CANDAU, J. *Memória e identidade*, 2012, p. 23: “A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao ‘modo de afiliação de um indivíduo a seu passado’ e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva.” JIMÉNEZ, J. *Memoria*, 1996, p. 24: “Metamemoria: lo que cada sujeto sabe sobre su propia memoria.” JACOB, P. *Pourquoi les choses ont-elles un sens?*, 1997, p. 45: A metamemória é uma forma de “metarepresentação”, isto é, “uma representação da ordem superior de uma representação de um estado das coisas.”

A representação que segue ao aniquilamento dessas primeiras lembranças assume o caráter cada vez mais bélico – acentuado, provavelmente, pelo último ano de interno –, van Neutgen assim descreve, a guerra que tem lugar no âmago do jovem:

Era escuro, mas eu podia ver distintamente, podia reconhecer muitas lembranças organizadas em grupos. Pareciam querer atacar pelos flancos. Havia dois grupos em cada flanco. Se um falhasse, havia o grupo de reserva. No centro, via cinco grupos. Eu estava liquidado, meu pai. Não resistiria a um ataque conduzido, assim, com tanta estratégia. Pressenti que estavam dispostas de uma vez por todas a me liquidar. Eu não resistiria. Disso, eu tinha absoluta certeza. Eis que ouço um rumor atrás de mim! Parecia um exército a marchar na rua do internato.

Abriu-se o portão de ferro do pátio. Eram as lembranças de Erechim que vinham para o grande combate. Traziam um estandarte, flâmulas e tudo trazia um sentido. Era imponente o espetáculo.

Tão imponente que as outras lembranças se distraíram.

E eu saltei o muro. Saltei, como sempre quis saltar, nunca tendo saltado e, num instante, ágil como o mais ágil de todos os bandoleiros, leve, tão leve como o mais leve de todos os braços de todos os espadachins, veloz como os carros fantasmas onde viajam as lendas de idade em idade, fui parar... Sabe onde, meu pai? Na casa do Tio Doca.

E lá fiquei naquela noite (CD2, p. 491-492).

As lembranças de Erechim encontram as lembranças de Passo Fundo, e graças a isso o jovem se desvencilha delas. Leve de todas as amarras da memória ele podia, agora, saltar mais uma vez. Ao pular os muros do Internato ele confessa, ao pai e a nós, que foi parar na casa de tio Doca. No lugar da reflexão, simbolicamente falando, presta homenagem ao tio, cuja tonalidade recobriu a carta que dedicou mais uma vez ao pai. É emblemático ouvir duas passagens que saltam aos olhos neste tributo. A primeira diz respeito a gênese simbólica de Tio Doca fornecer a atmosfera adequada à escrita dessa carta que me ocupa a análise. Nesta passagem van Neutgen esclarece que o jovem Ernani, estando na casa do tio, foi até a sua sala e viu sobre um móvel o retrato de tio Doca, “era o retrato de um homem inteligente” – afinal, como seu pai havia lhe contado ele recebera um convite para “cursar a Escola Militar”, o que rendia a Ernani muito orgulho do tio “possível general”. “Mais tarde”, explica o jovem, “encontrei tanta semelhança entre o retrato do tio Doca e o de Nietzsche, meu pai, que quase sorri da descoberta” (CD2, p. 492-493).

A outra passagem que me chama a atenção, justamente dissipa a imagem demonizada nos tempos de Internato sobre a sexualidade. Tratava-se de um acerto de contas? Certamente, o jovem recebe do tio conselhos para bem conduzir-se diante da vida que irrompia na adolescência. Não fora o pai, muito menos o internato que conduzira as dúvidas do jovem a seu local de direito, sem obliterações ou mistificações. “Tio Doca me mostrou um livro de educação sexual que – disse ele – eu deveria ler. Era preciso que tivesse conhecimento de certas coisas, para poder me conduzir como homem” (CD2, p. 493).



Um pouco mais à frente ele explica a fascinação que o tio lhe causava. “Ele não morria sufocado pelo passado”, de algum modo a sua memória libertava-o e possibilitava contar a sua história e a de Passo Fundo, desvencilhando uma da outra: “ele falava das coisas de outro tempo. Mas, elas não o dominavam. Ele, ao contrário, é que as dirigia, dominava, tirava lições que me transmitia com mão de mestre”. Por outro lado, “o tio Doca... é estranho... o tio Doca que, para mim, conhecia toda a história de Passo Fundo, não sofria desta história” (CD2, p. 494).

METAMORFOSE<sup>111</sup> - Tio Doca marca a passagem do lugar para a pessoa. Ele era um grande exemplo para o autor-real, pois a distância que tomava de sua cidade era retificadora. Restaurava-lhe o espírito, ao libertar-se da reificação latente e sempre viciosa das lembranças a lhe assaltar o tempo. Ernani conseguiria fazer o mesmo com as lembranças entretidas, de Passo Fundo e Erechim? Seus escritos me levam a crer que sim, entretanto não era uma missão simples. Mobilizar as lembranças ele já sabia, mas transformar os lugares de memória em pessoas de memória, exigia-lhe um pouco mais de exercício.

Quando chamo a atenção para essa metamorfose que Ernani Reichmann (enquanto autor-pessoa, autor-real) opera, tento deslocar nossos olhos do interior da narrativa autobiográfica para seu exterior. Pois somente assim, podemos identificar que se Passo Fundo – é importante, ora pela *origem* e, ora pelos anos de interno no Conceição – e Erechim – é importante pela infância –, gradualmente nos anos que seguem o catalisador de afetos e lembranças não será apenas geográfico. Como já vimos, há uma espécie de taxonomia de tipos, que correlaciona “os homens” da família Reichmann (cf. HF2, 78) e os caracteres diversos. Vejo nessa função a raiz do procedimento narrativo que desenvolverá nos anos seguintes. Quero dizer, de tomar os *loci* de memória primeiro de maneira concreta: singulares como a casa da avó Leonor e a fábrica velha. Intermediariamente, de maneira geográfica, como são os casos de Passo Fundo e Erechim. E, finalmente metamorfoseiam-se em pessoas de memória: o Pai, o Tio Doca, o Cabo, e etc. Enfim, o procedimento se torna mais complexo, quando surgem outros pseudônimos, além do já conhecido van Neutgen – adiante apresentarei os outros e, sucessivamente, os personagens realizados e, também, os falhados. Por ora é relevante o que chamei a atenção até aqui, para acompanharmos a reconstrução da autobiografia de Ernani.

---

<sup>111</sup> A minha aposta se relaciona ao tipo de metamorfose descrita por Goethe, e de certa maneira ligada à formação do método morfológico. A passagem de formas mais simples para formas mais complexas. Cf. GOETHE, J. W. A metamorfose das plantas, 1997, p. 10: “foi chamado *metamorfose das plantas* o processo pelo qual o mesmo órgão se nos apresenta da maneira mais variada possível.” GALÉ, P. F. Em torno do olhar – A formação do método morfológico de Goethe, 2009, p. 67-68: “O ensaio ‘*A metamorfose das plantas*’ nos mostra o princípio de um método morfológico, método este baseado, em grande parte, na persuasão das intuições do objeto. É ao intuir o objeto mesmo que podemos demonstrar nossas regras empíricas ou leis que se apresentam no espírito, não para nos afastar dos objetos, mas ao contrário, para nos ampliar a capacidade de ver”.



Após o tempo de estudos em Passo Fundo, o jovem Ernani retorna a Erechim. Durante algum tempo ele auxilia seu pai e o tio nos negócios da família. Os anos que seguem nos mostram Ernani mergulhado na vida ordinária, no cotidiano. Ainda que estudasse, sua vida seguia o fluxo. Ele podia mergulhar no cotidiano, viver uma vida ordinária ao lado dos familiares. Rever a fábrica velha e andar despreocupado por Erechim. Ele não escreve diretamente sobre os anos de 1938 a 1940, assim como fez nas cartas que o emolduram nos anos anteriores.

A exceção é uma anotação de 1964, onde escreve sobre o ano de 1939, provavelmente do carnaval daquele ano. Reproduzirei seu relato, ele é longo e nos mostra Ernani em um momento singular de sua juventude. Em meio ao relato, conduzido em tom impessoal, fica em primeiro plano a questão: “como é que alguém podia mascarar-se, tornar-se outra?” Responder essa questão é quase uma impossibilidade. Argumentei que há uma metamorfose narrativa, que gradualmente desliza da identidade concreta, para identidades (no plural) abstratas e de espessuras variadas. Responder a questão que se coloca em meio a folia carnavalesca pode remeter a essa metamorfose que os escritos vão testemunhar via temporalidades variadas. A melancolia ainda persiste no autor-criador, e a tristeza do personagem simbolicamente representada, eclode cena a cena, afinal: “em suas costas, o baile. Diante dele, a noite...”. Compete-me reproduzir a passagem e alertar que ela pode ser meramente um ensaio de ficção, todavia nos mostra a atmosfera cotidiana em que o personagem se move. O título do relato é *1939*, e faz parte de *Volta às Origens*.

### **Deixou a fábrica para trás e continuou seu caminho**

Havia dois sobrados postos em sentinela. Se fosse completamente outro tempo, ali seria a porta da cidade (mas tudo o que lhe era mais próximo: sua casa, a fábrica, o moinho, a lagoa, a chácara, etc., ficaria excluído da cidade). Começou a descer a rua. Parecia-lhe que estava num mundo que não era o seu. Que era dos outros, dos que conversavam em voz alta, movimentavam-se com desembaraço e falavam de coisas de uma vida comum, que ele desconhecia inteiramente. Como compreendê-los? Ao chegar à pontezinha, sentiu o frescor da noite. Parou. Procurou ver a água. Sim, ela corria no dorso de seu ruído. Com os pés afastou um calhau que estava a ponto de cair e continuou o seu caminho. Era preciso, agora, subir a rua. E foi o que fez, muito lentamente. Em suas costas, ficavam cada vez mais solitários os postes de luz elétrica. Em sua frente, lá no alto da rua, encontrava-se a Avenida, de luzes tão próximas e tantas luzes (também ele como um ser vindo da noite, em besouro talvez, atraído pelas luzes do centro da cidade)! Um cachorro pequeno, mas feroz, precipitou-se em seus calcanhares. Estava certo, contudo, que aquele cachorro não o morderia, pois como morder uma sombra? Seu corpo não lhe dava presença. Mais furioso, talvez, voltou o cachorro ao seu canto. Na última quadra, antes de alcançar a Avenida, ele passou à frente de um bar. Em seu interior, de luzes acesas, alguns homens bebiam e conversavam. O proprietário era um russo. Lembrou-se da cara revolta e selvagem de dois meninos que ali moravam. Nunca conversara com aqueles meninos. Contava-se que bebiam. Seria possível? Lembrou-se também de uma menina que morava na casa

vizinha. Teria consciência aquela menina do perigo que corria? E ela conversava com eles. Era viva e morena... Chegou à esquina e dobrou à direita. Viu gente sentada à frente de um hotel. Conhecera a mulher do hoteleiro, quando menina e moça. Ela morava numa chácara perto de “Três Vendas”. Cruzara por essa chácara algumas vezes, levado por outro menino. Este contara-lhe certos fatos, de muito segredo. Depois, ela se casou com um paraguaio. Muitas vezes, pudera ver os dois dançando nos bailes. Passou, fingindo não ver ninguém. Pior, se os tivesse cumprimentado. Ao fim da quadra, ele cruzou a rua e se encaminhou ao cinema. A sessão já tinha começado. Entrou, procurou uma cadeira e sentou-se, bem atrás e à direita. Perdido naquele crepúsculo, era como se pairasse no ar (contudo, sentia o ar pesado e irrespirável), procurando (o quê?) e não encontrando. Havia tantas meninas no cinema, mas nenhuma era sua namorada. Todas eram de outros, dos que conversavam em voz alta. Mesmo as que estavam desacompanhadas, por certo não se voltariam para vê-lo. Seria quebrar a harmonia que se estabelecera desde o início do filme. Como não sentir os outros olhos, centenas de olhos, todos encontrando-se na tela, mas também como separar dois olhos, nos quais pudesse descansar os seus olhos? Uma música diferente – era só o ritmo de tambores – começou a dominar os sons vindo do filme. Logo compreendeu: devia ser um bloco de carnaval à procura de um clube. Todas as cabeças inclinaram-se num só e único movimento. Alguns rapazes deixaram o cinema. Aproveitou a oportunidade e fez o mesmo. Sem saber porque, talvez atraído pelo ritmo dos tambores, talvez para se libertar do crepúsculo instável que o perturbava, talvez dominado por aquele estranho ser de tantas cabeças... Ao chegar à calçada, não viu o bloco. Mas o “zé-pereira” continuava. Tocavam, com toda certeza, na frente do clube. Mascarados passaram por ele. Viu que se reuniam aos outros. Havia gente também na outra calçada. A mesma por onde ele caminhava. Um pouco afastado destas pessoas, ele parou. Como era estranho tudo aquilo! Coisas e gente de um mundo que não era o seu! Como é que uma pessoa podia mascarar-se, tornar-se outra, inteiramente outra?... O tempo passava enquanto mascarados e blocos entravam no clube. Ao fim da sessão do cinema (devia ser), o número de pessoas aumentou. Por fim, também ele decidiu-se a entrar. Subiu dois degraus, alcançou a escada interna e se deu conta de que, como os outros, estava no salão. O excesso de luzes, cores, e ruídos (músicas, cantos e algazarra) feriram seus olhos e ouvidos. Sentia-se como se continuasse no cinema, tomado por tudo aquilo. Procurou convencer-se: “um baile de carnaval deve ser assim mesmo”. Mas, como participar do baile? Como dar a mão a alguém e entrar numa roda? Ou como sair sozinho pelo salão, a cantar, a pular, etc.? Como virar o paletó pelo avesso? E o preço de um lança-perfume? Teria dinheiro suficiente para comprá-lo? E comprou um lança-perfume, vendido numa mesa bem ao seu lado. Como era estranho o perfume! Duas moças jogaram-lhe confetes. Ele sorriu, sorriu naturalmente, sem pensar se era o caso de sorrir ou não. Elas foram adiante... Um conhecido cumprimentou-o, alagado em suor. Convidou-o para ir à sacada. Era o que ele precisava. O outro abriu um caminho e ele atrás do outro. Na sacada, havia um par. E o par entregue a toda sorte de agrados. Jugou-se indiscreto. Quis retirar-se. Contudo, nem o par, nem seu conhecido deram a mínima importância a nada. Ninguém se preocupava com ninguém. Poucos momentos após, os namorados voltaram ao salão e seu conhecido atrás, levando seu lança-perfume. Ficou outra vez só, sem lança-perfume, sem nada. Em suas costas, o baile. Diante dele, a noite... (PG, p. 27-31).

O personagem está entregue ao cotidiano, mas o cotidiano não está nele. Ele busca algo, anda pelas ruas, vai ao cinema, segue o bloco, entra no baile. Os crepúsculos lhe causam irritação (música, barulho, cores), ele apenas se sente bem apartado de tudo: com o baile às costas, e a escuridão da noite à sua frente. Simbolicamente, essa passagem ilustra como ele vivia perdido, sem rumo... sua vida apenas fluía, ele ansiava por um olhar que encontrasse o seu, os sons o hipnotizavam, conduzia-o ao desconhecido, queria conversar e encontrar pessoas,

mas apenas encontrava a solidão. Entregue à vagabundagem vivia no cotidiano, trabalhava auxiliando o pai no comércio, e consumindo avidamente literatura.

É muito provável que o pai tenha influenciado Ernani a estudar na capital riograndense, afinal seu irmão mais velho já estava lá, preparando-se para frequentar o curso de medicina. Ele acaba seguindo essa determinação. Um documento escolar de 1939 indica que ele já estava matriculado no segundo ano do Pré-Jurídico, no Colégio Universitário de Porto Alegre. Isso me parece um indício de que ele devia ter iniciado o primeiro período ou ano, ainda no ano de 1938. A etapa propedêutica do Direito era desenvolvida em instituições como o Colégio Universitário, era um requisito para nivelar e dar aos alunos conhecimentos básicos para frequentarem o curso superior em uma faculdade.

Fotografia 34 - Colégio Universitário de Porto Alegre  
Caderneta Escolar (1940)

COLEGIO UNIVERSITARIO  
— DE —  
PORTO ALEGRE  
CADERNETA ESCOLAR

Carimbo do Curso  
COLEGIO UNIVERSITARIO  
PORTO ALEGRE

É valido somente o retrato carimbado

Ano de 1939

Aluno *Ernani Reichmann*

Filho de *Joaquim Reichmann*

Nascido em *3* de *Setembro* de *1920*

Natural de *Paucho Fundo*

Matriculado sob n.º *551*

Seção *pre-juridico*

Serie *II* Turma *40*

Residente a

Endereço do pai ou responsável:

FONTE: PDS, p. 631.

Ernani demonstrava grande apreço pela literatura, mas os empreendimentos da família exigiam alguém com preparo técnico para dar continuidade ao legado. Logo, a alternativa mais viável parecia ser possibilitar ao filho acesso ao ensino superior para capacitá-lo. Nery não podia concretizar o ideal do pai, pois já fazia a opção pela medicina. Ernani parece não se opor ao destino traçado pelo pai, afinal ele ainda não consegue decidir qual caminho seguir. Logo, era fortuito aderir aos planos e determinações que o pai estabelecia.

Os custos de manter dois filhos na capital não eram baixos. Ainda mais se pensarmos nos outros cinco irmãos que também dependiam de seu apoio financeiro para lhes custear uma

formação de qualidade. Contudo, a empresa FJR prosperava diversificando e empreendendo. Não era uma vida imune a sofrimentos, e Ernani reconhece sua parcela de culpa pela condição autoimposta pelo pai, para que seus filhos tivessem mais possibilidades que a vida havia lhe dado. Em uma passagem bem-humorada, Ernani traça um paralelo interessante entre ele e o pensador dinamarquês, Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855)<sup>112</sup>.

#### Diferença

Kierkegaard (logo após o rompimento do noivado), quando deixou sua casa e foi para Berlim, frequentou os teatros, a Ópera, ouviu as lições de Schelling, Trendelenburg, escreveu, e etcoetera.

#### Eu, quando deixei Erechim e segui para Porto Alegre

..., ao chegar, a primeira coisa que fiz foi comprar uma enorme lata de abacaxi que devorei à noite depois do jantar. Creio que seria excessivo qualquer comentário a respeito. Não é verdade, Puppi? (HF2, 175).

Ernani parece exigir que julguemos a “diferença” entre os dois, talvez a diferença mais clara esteja no paralelo biográfico. Não é aleatória a comparação! Existem pontos de contato entre as duas biografias, isso é claro. Por exemplo, a relação com o pai. Em ambos os casos a figura paterna estava presente sobremaneira a determinar-lhes a vida, isso quer dizer que a imagem do pai era uma sombra a conduzir-lhes os passos. A ponto de não se desvencilharem dessa figura cuja influência é um espectro que contém variadas tonalidades afetivas. Mas aqui, é importante observar, mais do que o ambiente e a cultura que lhe servem de contexto, a intenção por detrás destes deslocamentos.

Kierkegaard *decide* viver alguns meses em Berlim, após estabelecer o noivado com a jovem Regina Olsen (1822-1904), em 8 de setembro de 1840 (ele com 27 anos, ela com 17 anos), e abruptamente romper com ela em 11 de outubro de 1841. O rompimento não era consensual, Kierkegaard não tinha motivos aparentes e diretos para romper com a palavra. Para alguns biógrafos, desde os primeiros dias do noivado, ele medita que seu *projeto de vida* era incompatível com o matrimônio. Ao mesmo tempo, ele se sentia culpado pelo mal que causava à jovem. Em termos existenciais, a relação permaneceu mal resolvida<sup>113</sup>. Resolve passar o

<sup>112</sup> Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855): foi um filósofo, teólogo e escritor dinamarquês, considerado como o pai da filosofia da existência (Jaspers e Heidegger) ou do existencialismo (Sartre). Sua preocupação filosófica e religiosa centrava-se na realidade humana concreta, bem como o valor da subjetividade, frente a existência em sua relação direta com Deus, por meio do cristianismo. A vida de Kierkegaard e sua obra são uma obsessão para Ernani Reichmann. O primeiro contato com a obra do pensador dinamarquês foi através do livro *O desespero humano*.

<sup>113</sup> Cf. REICHMANN, E. *Søren Kierkegaard*, 1972, p. 20-27. GARFF, J. *Søren Kierkegaard – a biography*, 2007, p. 173-191. STEWART, J. *Søren Kierkegaard*, 2017, p. 147-158. FARAGO, F. Compreender Kierkegaard, p. 49-56.

período de 25 de outubro de 1941 a 6 de março de 1942 em Berlim, onde se envolve em várias atividades culturais, além de assistir a aula do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854).<sup>114</sup>

A *diferença* que insinua Ernani pode se perder na modesta imagem do “coloninho” a satisfazer-se com uma lata de abacaxi. Mas de uma forma mais profunda, essa diferença se assinala na pretensão de haver em Kierkegaard uma *decisão* particular e livre, a conduzir-lhe a vida – ou, ainda, caso seja correto afirmar: *um* projeto de vida. Enquanto, no paralelo oposto visualizamos a figura do “vagabundo”, cujas determinações ainda lhe são coercitivas. O humor ácido de Ernani retoma a atitude manifestamente anárquica. Ele ainda não tem *um* projeto de vida, mas será que algum dia terá? Por ora, contenta-se com o doce sabor de cada dia.

Ernani, em outra ocasião demonstra ser alvo de piadas e deboches, justamente do irmão primogênito e seu amigo, talvez por modéstia ou ingenuidade:

Eu me lembro de como troçaram de mim, certa vez em Porto Alegre, o Nery e o Natalino Anzanello ao dizer-lhes que, no meu modo de ver, o homem valia pelos segredos que era capaz de guardar no coração. Eu queria dizer pelas lembranças. Hoje, diria por tudo: pelos segredos, pelas lembranças, pelos segredos que são lembranças e pelas lembranças que são segredos (CD1, p. 181).

A passagem nos mostra Ernani, ainda preso às lembranças – suas e do pai –, ele tinha segredos que o impediam de esquecer e simplesmente seguir fazendo as suas escolhas. Ainda pagava um alto preço pelas determinações externas, e sua vida dominada por um passado – em parte seu, mas em parte assumido como diretiva. Ainda que as lembranças não o martirizem, impedem-no de viver as suas próprias escolhas. Ernani se pega em uma encruzilhada, pois sabia que após concluir seus estudos preparatórios teria que seguir a carreira que seu pai lhe determinava.

Ao mesmo compasso, sua vida interior exigia-lhe mais. Ele queria um tempo para poder refletir e encontrar-se, vencer a dispersão em que se encontrava. O anárquico de sua atitude era sua defesa contra as determinações advindas do exterior, todavia representava a impossibilidade de concentrar-se e estar em comunhão consigo e seu contexto social. Por isso, tira uma parcela do ano de 1940 para si – retira-se para um lugar isolado que, na imaginação de criança, nas histórias das pescarias de seu pai, lhe cativou. Ele precisava meditar e lidar com as determinações que atravessavam sua vida, de um sentido a outro.

---

<sup>114</sup> Um dos principais representantes do idealismo alemão, cujo projeto filosófico consistiu em criar um sistema que conciliasse a natureza e o espírito humano com o Absoluto. Sua filosofia estava em constante comunicação com a arte e as ciências naturais.

DISPERSÃO - Ernani havia chegado até 1940, em uma dispersão constante de si, nas coisas e nas pessoas. A dispersão era o seu estado de espírito, pois ele não podia concentrar-se nas coisas e pessoas que lhe eram impostas pelo exterior. Em parte, era uma tática diante do contexto que a todo momento lhe assaltava a existência e o impossibilitava escolher. No *Hic Fuit*, ele define da seguinte maneira essa palavra que no seu percurso biográfico se constitui em conceito: “dispersão quer dizer o eu nos seres e nas coisas. Não nos seres e nas coisas em si, mas naquelas capazes de tocar o meu sentimento...” (HF1, 47).

Ernani tira alguns dias para visitar um lugar do passado de seu pai, marcado na memória de ambos pelas pescarias, pelas histórias. Trata-se do rio Uruguai, propriamente na região de Chapecó. Este lugar vai ser cenário de um importante encontro. Aliás, “encontro” é título desta passagem que ele transcreve em *Hic Fuit*.

### Nas minhas “vagabundagens”

...quando senti que era urgente (ou eu me perdia) vencer a dispersão que tomara conta de todo o meu ser, fui ao Chapecó e lá encontrei o rio Uruguai. Que descrição, que recolhimento nesse rio, Puppi! Como eu gostaria de morrer nas águas do rio Uruguai! Por duas vezes quase que isso sucedia. Mas, não era chegado ainda o momento e – sem temor nem tremor – eu saí da água. Hei de morrer nas águas do rio Uruguai, como quem se aconchega ao calor do leito numa noite de geada. Mas, se por acaso, eu cair novamente nas “águas de prata” do rio Uruguai e não for chegado ainda o momento, eu andarei como Jesus sobre as águas, tão naturalmente, como se nada tivesse sucedido. É que, na verdade, o encontro com o rio Uruguai foi mais do que um encontro, foi uma integração (de tudo o que ficou na lembrança, do que meu pai contava sobre o rio Uruguai, onde ele ia pescar e onde... mas há tanta coisa sobre o rio Uruguai). Talvez, por um fenômeno semelhante, é que a paisagem da Palestina me pareça tão cristã, os caminhos estreitos e sinuosos, por entre calhaus e areia triste, a castigar na minha lembrança as “caminhadas” de Jesus presente, como minha infância no rio Uruguai. É um influxo dessa atmosfera estranha, que banha a visão que tive de Quatro Irmãos, colônia de aclimação dos judeus que vem para o Brasil (ou, pelo menos, para o Rio Grande), à primeira vez que a vi, perdida numa região indefinida entre o campo e a mata, onde escondido desliza o rio Passo-Fundo em demanda do Uruguai (HF1, 22).

Ernani vai até o rio Uruguai com o objetivo de se encontrar, sabia que em suas “vagabundagens” ele se perdia dia após dia. Mas estar ali, naquele lugar, permitia-lhe se encontrar, se fosse chegada a sua hora poderia até mesmo padecer ali. O rio exerce um efeito restituidor sobre seu ser, um efeito de integração total. As lembranças são até suportáveis, e a melancolia perde suas forças, pois as “águas de prata” exercem seu poder curativo. O rio simbolicamente representa o influxo de uma atmosfera estranha, também identificado por Ernani de maneira semelhante com a Palestina e Quatro Irmãos. Mas que fenômeno é este? Que estranha comparação ele parece nos sugerir! O que ele quer dizer com ela? São perguntas justas e me fazem refletir sobre elas, da mesma maneira o leitor deve ter as suas. Não é inteligível o

que ele quer nos dizer com isso, muito menos há outras passagens que a explicam ou desdobram sentidos novos. Interpretá-la é uma aposta, contudo espero que minhas suspeitas tenham fundamento, pois tentarei esboçar uma interpretação.

JULES - Ernani passa algumas semanas em Chapecó, possivelmente em 1940, pois no ano seguinte ele iniciará uma nova etapa de sua vida. A minha aposta diz respeito a esse ano, porque entre os pseudônimos que ele adota, está van der Lubbe. E esse pseudônimo escreveu um caderninho *in-quarto* cujo título é Jules, publicado em 27 de maio de 1954. Nesse experimento psicológico o pano de fundo é uma viagem que o personagem faz para Chapecó, para encontrar-se consigo em retiro nas margens do rio Uruguai. O primeiro capítulo merece ser citado, pois o personagem fala-nos *Do encontro com Jules*. Que no final das contas, foi um encontro com o rio Uruguai:

Foi em 194... A conselho (de quem, não me lembro) segui para as águas do Chapecó. Encontrava-me numa encruzilhada da vida e precisava meditar. Precisava também de silêncio. Silêncio que não me levasse nem à solidão e nem ao desespero. Silêncio que só me deixasse meditar, meditar – *au rez de chauseé*. Mas, para manter esse equilíbrio, era preciso deixar meu espírito preso à terra. Por isso bebia, bebia muita água mineral e comia, comia muito. Para uma digestão que me obrigasse a um repouso de três horas todas as tardes, pois, só assim, teria assegurado três horas, no mínimo, de meditação por dia (VL4, p. 11).

Ernani estava ali, naquele lugar que lhe era tão caro, para tomar uma decisão. Ele precisava descobrir o que faria de sua vida nos anos seguintes, mas naquele momento seguia um protocolo de desintoxicação de todas as determinações – inclusive as suas próprias. Ele andando a cavalo, explorava a região sempre acompanhando o curso sinuoso do rio. Um pouco mais a frente, ele fica encantado com a cena que se abre a sua frente, na margem oposta: “Um sobrado de madeira erguido na doçura feminina de um tapete de relva verde-claro, um homem trabalhando num jardim e as águas do Uruguai serenando num fim de cachoeira” (VL4, p. 13). Aquela cena não lhe sai da memória, no dia seguinte ele assunta com um jangadeiro, se acaso ele conhece o lugar de sua descrição. O jangadeiro de pronto lhe informa que se trata do Hotel do Sr. Holler, Ernani resolve ir até lá e se hospedar quem sabe – o jangadeiro leva-o até aquele paraíso.

O destino lhe apresenta Jules, um dinamarquês que cuida do hotel – exatamente o homem que cuidava do jardim. É interessante que no caderno as cenas se intercalam, entre as conversas dos dois homens sobre poesia clássica, lances de interioridade e autoconhecimento. Além claro, de sermos introduzidos na biografia de Jules, Ernani nos conta o quanto sentiu-se absorvido pela conversa. No início ele questiona a origem do seu nome, se ele era dinamarquês, não conseguia entender o porquê de um nome francês. Jules explica-lhe que seu pai era

apaixonado pela França, além de ser dono de uma loja de antiguidades – o nome era uma das relíquias que seu pai reverenciava. Um pouco mais adiante, Ernani explica como sentiu-se nas horas seguintes:

Penso ser desnecessário contar as nossas conversas nesta tarde. Esqueci até de minhas horas de meditação [ênfatisa Ernani, pois o encanto de Jules e meu entusiasmo eram tão absorventes: o encanto de Jules, por encontrar em mim um confidente – eu era estudante e o estudante se limita, por forças do hábito, quase que só a ouvir – e meu entusiasmo por encontrar-me, pela primeira vez, diante de um homem que, mesmo escorregando, mesmo perdendo o equilíbrio, mesmo caindo algumas vezes, passara a corda estendida por Nietzsche. Não era um super-homem mas era o mais incrível dos poetas (VL4, p. 19-20).

A conversa dos dois não registrava as horas, o dia já tinha se entregado a noite e ambos nem se quer haviam percebido. Jules narra a Ernani que aos treze anos fugiu da casa de seu pai, em Copenhague, e aos quinze chega ao Brasil. Ele havia vivido dez anos em Paranaguá, mas ao estar enfermo começou a procurar um lugar que seu organismo se aclimatasse melhor. Ele conheceu Chapecó, o Rio Uruguai e se instalou no Hotel onde vivia até aquele momento. Ele explica que não havia conflito entre ele e o pai, mas que por um impulso indômito queria conhecer o mundo. A narrativa é longa, entrecortada por diálogos, poemas e recordações. Foi com este homem naquele lugar idílico que ele, Ernani Reichmann ouvira pela primeira vez falar de Kierkegaard. Jules lia passagens em tradução livre ao jovem, Ernani compreendia que algo maior havia aproximado ele de Jules, ele de Kierkegaard. Um ano depois deste encontro, Jules vem a falecer – Ernani recebe a notícia pelo jangadeiro que intermediava a chegada de cartas de ambos os lados do Rio Uruguai. Este encontro aleatório marca o início de Kierkegaard na vida de Reichmann, as conversas com Jules e a sua poesia eram heranças ao jovem estudante que se encontrará, onde jamais imaginou se achar.

VAN DER LUBBE - A passagem citada está no quarto *Cadernos van der Lubbe*, explicarei melhor sua origem um pouco mais a frente. Não podemos determinar quanto da passagem citada é factual ou ficção, van der Lubbe esclarece que seus cadernos são experimentos psicológicos – no entanto, não nos explica o que ele quer dizer. Em uma entrevista dada anos mais tarde, ele diz que ouve falar pela primeira vez de Kierkegaard por um dinamarquês exilado que conheceu na sua juventude (propriamente em 1940, e no ano seguinte lê pela primeira vez uma obra do polêmico pensador dinamarquês). Assim, minha hipótese ainda que receba dados exteriores, eles apenas completam e fornecem-me pistas para identificar nas notas e escritos, sejam diretamente atribuídos a Ernani ou indiretamente, via van Neutgen e van der Lubbe, elementos biográficos que vem à tona através uma pluralidade de vozes. Neste sentido, a autobiografia de Ernani é dispersa e multivocal. O que me impossibilita trabalhar



apenas sobre os registros da primeira pessoa. O texto que citamos há pouco, recorre à terceira pessoa, mas tem como objeto uma vivência que é do autor-criador, pois personifica-a no texto.

Os experimentos que van der Lubbe realiza são sempre relacionados aos escritos de Kierkegaard, pois ele é um grande leitor do pensamento kierkegaardiano. É talvez seu maior intérprete, diria Ernani. Todavia, não temos bem ao certo quando van der Lubbe surge na trajetória de Ernani. Entretanto, são as memórias de 1940 que dão espessura aos personagens – nesse caso, o narrador-personagem é o “noviço”, e Jules o “poeta”. Outro ponto relevante e que merece destaque é que o rio é coadjuvante nessa história, ainda que Ernani diga que ele quase perdeu sua vida nele por duas vezes, o rio permanece como um destes lugares de dispersão. Contraditoriamente, lugar que ele pode encontrar silêncio, recolhimento e meditar, por fim, alcançar sua integração. Ernani busca aquele templo natural para meditar, ele estava diante de uma daquelas encruzilhadas da vida, ou seja, “estudar Direito e Economia porque meu pai e meu irmão mais velho assim o decidiram”. Novamente a determinação surgia em sua vida, de maneira externa e coercitiva.

SORTE PEER - Acho importante nos voltarmos para as *Notas excusas*, acrescidas pelo editor – Sorte Peer, outro dos pseudônimos de Ernani –, ao Jules de van der Lubbe. Sorte Peer é o secretário de van der Lubbe, ele era datilógrafo nível J (como se orgulhava de reconhecer), e é graças a ele que os escritos de seu patrão e amigo chegaram ao grande público. Entretanto, ele na condição de editor, sem o consentimento do autor[-criador] insere nos cadernos, cartas e intervenções explicativas de natureza variadas, e inclusive ensaios seus.

Nesse caso, ao fim do Jules figuram uma série de notas explicativas que indicam que “o noviço” – que é o narrador-personagem da história – “vive um estado de dispersão” e, por isso “procura libertar-se dele pela saúde (corpo bem nutrido – resíduos – esportes – etc.), refletindo ao mesmo tempo, como todos, a necessidade de aceitar uma direção, ou melhor, de sentar praça na vida.” Emergem na e da história os vestígios de realidade, situação vivida por Ernani de ter que “aceitar uma direção”. Por conseguinte, a continuidade da explicação que nos dá Sorte Peer, parece indicar que a aceitação é *superada*, a dispersão é sua natureza humana. Resta-lhe um plano, enquanto tática para *subjugar* as estratégias de família.

Esse estado [estado de dispersão] supõe uma disponibilidade superada mas presente, disponibilidade de noviço, que tem a seu dispor toda uma encruzilhada de possíveis, quando se atribui a está última expressão o sentido que atribuiu Kierkegaard aos “8-Caminhos” da floresta de Gribkov<sup>115</sup>.

---

<sup>115</sup> KIERKEGAARD, S. *In vino veritas*: “Na floresta de Gribkov, há um lugar denominado ‘O Canto dos Oito Caminhos’. Só o encontra quem o procura com muito cuidado e finura, porque nenhum mapa o indica. Mesmo o

Conhecendo Jules, readquire o noviço a sua dispersão, mas condicionada pela vontade de se dedicar à expressão de sua experiência que, em pleno noviciado, ele chama de “plano literário” (SP3, p. 73).

Ernani era noviço neste mundo de determinações, em linhas gerais a passagem anterior tem os elementos fundamentais deste “plano” que ele assume para si. A determinação não mais pesaria sobre seus ombros, ele diante dessa “encruzilhada de possíveis” subjugaria as determinações vivendo-as externamente, mas interiormente com o poio do plano literário daria expressão a sua experiência. E Kierkegaard tinha um papel importante neste ciclo que se iniciava. A vida dele seria profundamente marcada pela leitura de *O desespero humano*, já no ano seguinte. Essa leitura impactou sua existência, se o encontro com o Jules lhe deixou uma impressão duradoura, o encontro com Kierkegaard se definia por meio da leitura particular, lenta e reduplicada em sua vida.

O livro de Kierkegaard daria a Reichmann uma nova linguagem para definir os termos de sua experiência. Após a leitura deste livro, que ele provavelmente leu em espanhol *O conceito de angústia*<sup>116</sup>, este conceito estava diretamente relacionado ao de desespero. Dois conceitos que acompanham como corrimões, um de cada lado da escada literária que Ernani subirá degrau a degrau. A participação de Kierkegaard era fundamental, Ernani escolheria os encontros possíveis com escritores, poetas, romancistas e teatrólogos, seja no Brasil ou do Mundo, orientado pela vida deste homem do século passado.

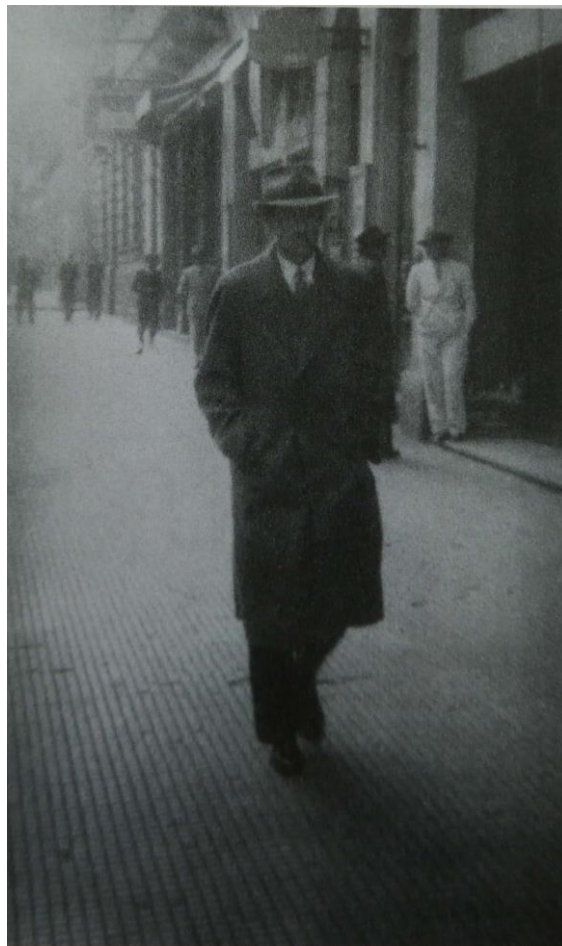
Quando ele se refere as suas “vagabundagens”, nada mais é que uma maneira peculiar de empenhar o tempo. Seu pai ou irmão mais velho, certamente gastariam essa palavra em relação a ele, se soubessem o fim que a sua dedicação tinha. Os meios de avaliar a utilidade do tempo, não alcançava os encontros com pensadores e polímatas que se deixavam conhecer nos dias e noites dedicadas a estes homens, cujo legado não se mede pela régua do senso de utilidade que determinados sujeitos arrogam-se o direito de julgar.

---

seu nome é uma contradição, porque como pode um cruzamento de oito caminhos públicos formar um ‘canto’ solitário e secreto? Se o encontro de três caminhos chega para dar nome a tudo o que teme um solitário: a trivialidade, quanto mais trivial ainda não deve ser o encontro de oito caminhos! E, no entanto, é assim mesmo: oito caminhos e quanta solidão! ...Próximo dele, um bosque de sebes, tem o nome de ‘Cerrado Fatal’... A animação dos oito caminhos não é mais do que uma pura possibilidade, – possibilidade para o espírito. Porque ninguém frequenta esse lugar, salvo um pequeno inseto que se apressa, *lente festinans*... Ninguém frequenta estes caminhos, a não ser o vento, de que não se sabe de onde vem nem para onde vai.”

<sup>116</sup> Essa hipótese surge com base na cronologia dos acontecimentos, Ernani Reichmann informa que essa foi a primeira obra de Kierkegaard que ele leu. Possivelmente logo após seu contato com Jules, o que demandaria reconhecer que a tradução mais acessível era em língua espanhola na década de 1940. Outra possibilidade é aceitar o testemunho de van der Lubbe, que parece indicar já a leitura em português. No entanto são apenas hipóteses e é forçoso reconhecer que o pseudônimo em questão, é tardio como a tradução portuguesa de que Reichmann certamente serviu-se. O desespero e a angústia de matizes kierkegaardianos são categorias anteriores ao surgimento de van der Lubbe, elas certamente alimentaram sua identidade narrativa.

1941-1954

*Fotografia 35 - Ernani Reichmann (1941)*

FONTE: PDS, p. 634.

*Fotografia 36 - Annie Tempel (1942)*

FONTE: PDS, p. 634.

*Fotografia 37 - Ernani Reichmann,  
Curitiba (1943)*

FONTE: PDS, p. 634.

*Fotografia 38 - Annie Tempel  
Curitiba (1943)*

FONTE: PDS, p. 634.

## Mais algum tempo e vim para Curitiba

..., desertando do campo de luta (se eu era inteiramente incapaz de lutar). Foi quando conheci o Puppi (Clementino Schiavon Puppi). No primeiro instante, causei-lhe repulsão. É que ele sentira o anárquico que havia em mim. Porém, ao nos encontrarmos, num dos momentos em que a melancolia tinha assumido o primeiro plano, ficamos amigos. Foi quando a minha tristeza pode desenvolver-se no bom sentido (auxiliada sempre pelo Puppi). Nunca distanciei a literatura da vida (era a literatura o que me preocupava acima de tudo, embora estudasse direito e economia) ou, melhor, de minha vida (CG, p. 430-431).

O plano que o noviço coloca para si e expressa, é o plano que Ernani vive e concretiza durante os anos em que estuda Direito e Economia em Curitiba. Neste momento a determinação que o pai e o irmão lhe impõem, já não o incomodam a ponto de rebelar-se. Ele sabia que estar em Curitiba teria um campo de possibilidades se descortinando a sua frente. Ele desertava de permanecer em Porto Alegre, porque via nesta cidade um “campo de luta” – o irmão, o pai, seriam sombras eternamente presentes, e ele era incapaz de lutar contra um ou outro.

Em outra versão desses fatos, Ernani precisa as informações, ou seja, foi “em 1941, quando vim fazer meu curso de Direito”, diz ele, “estudar Direito e Economia porque meu pai e meu irmão mais velho assim o decidiram e eles deviam ter razões muito sérias para isso” (HF1, 50). Em uma [auto]entrevista de 1967, ele esclarece que se não fosse a veia para a escrita “teria sido talvez um homem de empresa”, afinal “foi por isso que estudei direito e economia, a conselho de meu pai” – afirma ele –, “era indiferente estudar isso ou aquilo...” (EINS, p. 243). Ernani confirma a hipótese de que a determinação externa não mais lhe abalaria, ele sabia que não seria fácil, mas estar em Curitiba só, permitia-lhe viver longe dos olhos do pai.

A resolução que levou Ernani a cursar Direito na Universidade do Paraná é um ponto que sua autobiografia não contempla, talvez não tenha merecido tanta atenção, quanto o fato dele seguir a determinação do pai. Estudar na capital paranaense parecia ser uma alternativa interessante, já que Ernani havia “desertado” de dar continuidade a seus estudos em Porto Alegre. A escolha pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná demonstra ser uma alternativa viável e, financeiramente, mais barata que se deslocar para São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife, onde existiam as mais renomadas instituições causídicas do país. Além disso, ele estaria relativamente próximo de Erechim para visitar seus familiares.<sup>117</sup> Comparando os censos de 1940, Curitiba parecia ser uma cidade com porte razoável, com cerca de 140.656 habitantes, contra os 272.232 habitantes de Porto Alegre<sup>118</sup>. Ainda que tomada como uma cidade

<sup>117</sup> A distância média entre Erechim e Porto Alegre é de 372 km, e de Erechim a Curitiba é de 480 km.

<sup>118</sup> IBGE. *Censo Demográfico*, 1940 (população presente).

provinciana, Curitiba era um centro universitário efervescente, e estava em rápido processo de modernização.<sup>119</sup> Abrigava a universidade mais antiga do país, e tinha na Faculdade de Direito um de seus principais bastiões.

Outro ponto relevante se trata do encontro com Clementino Schiavon Puppi (1919-1985), pois marcou decisivamente a trajetória de Ernani. Isso é perceptível quando ele recorda as circunstâncias desse primeiro encontro: “...encontrei o Puppi, o Clementino Schiavon Puppi, e carregados de desprezo (no sentido exato do termo), nos repelimos”. Ao confrontarmos essa passagem com a primeira que citei, fica aparente que o primeiro contato não foi o melhor. Ernani resume que isso se deu pelo desprezo mútuo, devido à falta de empatia que tinham um pelo outro. Aquele primeiro contato tinha sido desastroso, assim como alguns encontros que temos na vida. Uma das razões dadas por Ernani, é que Puppi teria *sentido* o anárquico que existia nele. Com base nisso conjecturo que um tema de discórdia poderia ter sido a religião, pois Puppi era profundamente católico e provinha de uma tradicional família de ascendência italiana, que vivia na cidade no município de Campo Largo, próximo a Curitiba. Ernani também provinha de uma família cristã, seus avós eram luteranos e seus pais criaram os filhos em um lar católico – uma das fotos de Ernani, na infância (1928), registra a sua primeira comunhão, ao lado de seus irmãos Nery e Ivany. Contudo, os anos de Internato foram uma verdadeira provação para ele, as cartas entre os dois amigos entre 1943 e 1962 têm a religião como um dos temas centrais. Essa é apenas uma hipótese, afinal nenhum dos dois deixou um registro mais detalhado do que ocorreu nesse primeiro contato.

Não podemos ficar indiferentes aos afetos que ganham o primeiro plano, pois os sentimentos eram pungentes desde o primeiro contato. Ernani precisa, além de tudo, o conceito “desprezo”, e o associa ao “anárquico” de sua atitude. Esse sentimento de repulsa não me é estranho, e por conseguinte nem ao leitor. Ernani agia da mesma maneira nos anos de Internato, ele preferia a solidão e as rebeliões do que a companhia de seus pares. Ele vivia como pária, anárquico às pressões que o meio lhe impunha. Sobre isso, vale a pena recordar que a carta a Carlos Galvez era a confissão de alguém que apenas queria ter um amigo de verdade, para além daqueles que se acostumavam com seu jeito. Ele diz isso, ao explicar

O anárquico se acomodava com suas críticas. Certo, mas por quê? Porque o outro, o triste, tinha necessidade de alguém que o compreendesse (precisava de alguém superiormente dotado), de alguém com quem pudesse conversar, explicar os seus problemas. queria, em suma, um amigo, mas não escolhido entre aqueles que se satisfaziam com o anárquico do seu espírito e com os quais, nesses momentos, ele se sentia bem, no mesmo nível de todos eles (CG, p. 430).

---

<sup>119</sup> WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*, 2010, p. 256 *et sequentia*.

Também Galvez sentiu desprezo e repulsão no primeiro contato que teve com Ernani, porquanto que a relação entre os dois não alcançou o estágio de amizade almejado por ele. Entrementes, “pouco depois, nos encontramos uma segunda vez”, explica-nos ao falar de Puppi, “foi quando nos dedicamos mútua compreensão” (HF1, 50, p. 53). A compreensão que ambos se dedicam permite-lhes enxergar uma melancolia semelhante, um apreço literário que compartilharam pelo resto da vida. Ernani não esconde que essa relação, ao contrário da que idealizava em Galvez, possibilitou cultivar a tristeza...

TRISTEZA – “Jamais cheguei a descobrir (na verdade não fiz nenhum esforço nesse sentido) o motivo de minha tristeza” (HF1, 97, 74º), confia Ernani. A tristeza era sua maneira de ser, sua maneira de existir e sentir a vida. Esse sentimento, no caso dele, parece estar conectado intimamente com a solidão. Puppi tem um ponto de vista esclarecedor sobre estes dois estados,

...vejo o Ernani em busca da solidão desde que o encontrei, em 1941, no início do curso que ambos fizemos na Faculdade de Direito. Tinha naquele tempo outro nome, o de disponibilidade. Estava ele decidido a se libertar de compromissos, de amarras, de destinação. Queria ser senhor do tempo, do seu tempo pessoal, pronto para a aventura, para as descobertas e também para as rupturas. Estava ali, na Faculdade, como poderia não estar; comparecia às aulas, como poderia não comparecer. Descobria autores, pisava em autores descobertos. Fascina-o a dispersão, sentia-se atraído pela concentração e desses dois termos, que procurou definir e aprofundar, fazia dois polos igualmente fascinantes.

A qualquer momento ir-se-ia para outro lugar, era o que pareci. Mas Curitiba, as tardes de outono de Curitiba daquele tempo prendiam-no (CSP2, p. 429).

Puppi é uma testemunha ocular do fenômeno Ernani Reichmann, sua descrição dá vida à narrativa de uma maneira que não poderia fazer. A tristeza é uma expressão dessa melancolia, feita solidão ou “disponibilidade”, pois nosso personagem cultivava em si uma capacidade receptiva que lhe é característica. Ele estava disponível para dialogar em silêncio com os imortais da literatura, apenas precisava de um amigo que compreendesse essa maneira de ser no mundo. Puppi era esse amigo, alguém cuja capacidade e princípios não trataria ele, Ernani Reichmann, como um igual, muito menos granjearia para si de maneira superior a missão de confortar aquela “triste alma”.

Os dois eram diferentes e cada um em sua diferença fundamental, respeitavam-se mutuamente, mesmo que o primeiro contato lhes tenha gerado *repulsão*.<sup>120</sup> Ernani não esconde

---

<sup>120</sup> Caso o leitor me permita, acho relevante notar que a “repulsão” para Ernani não era um fenômeno ruim, basta recordarmos que o Internato e sua atmosfera, lhe causava nos últimos tempos “atração”. Esta última sim, era uma característica ruim, pois encantava enquanto iludia-o a viver de uma maneira a tornar-lhe igual. Ernani reitera, através de suas anotações e escritos, que desde seu primeiro texto aos 17 anos, sempre se sentiu uma “exceção”.

as razões para isso, seu comportamento anárquico lhe era uma pecha consciente. Por outro lado, Puppi não esconde sua má-consciência e assume a responsabilidade dessa tristeza cultivada e desenvolvida como o *melhor* de Reichmann: “Não vou negar a má-consciência com que abordo o tema”, fala Puppi, sobre a solidão ou disponibilidade do amigo. “Desta solidão em que se situa Ernani Reichmann há uma parcela de culpa, que me cabe e de que não vou discutir o tamanho” (CSP2, p. 429). A passagem anterior nos mostra que Puppi se sentia responsável pela condição exterior do amigo. Entretanto, forçoso reconhecer, internamente Ernani lhe era grato, pois o amigo lhe prestara um grande favor.

Outro ponto fundamental destes primeiros anos em Curitiba era que, apesar de ter de *estudar* direito e economia, a literatura nunca deixou a sua vida, e era mesmo sua vida. Talvez este segundo contato tenha como fundo essa paixão que era semelhante, tanto a Puppi, quanto a Reichmann. Por isso acho salutar atravessar a reconstrução dessa autobiografia, literalmente cruzando-a com um relato de Puppi, escrito por ocasião da morte de Ernani em 1984. Trata-se da última carta, ao modo de um memorial ou obituário – nunca entregue à família, nunca publicada, mas que tive o privilégio de ler ao lado da filha de Clementino em uma das muitas visitas que lhe fiz durante a pesquisa e a escrita desta reconstrução. O relato foi feito com letra cursiva, a letra de Puppi, esse último tributo ao amigo servia para mobilizar lembranças e lidar com elas – quem sabe uma última vez. Por isso cito o depoimento na íntegra, pois o documento fala por si, cabe a nós apenas escutá-lo com os olhos:

**ERNANI CORRÊA REICHMANN**  
(Depoimento)

Ernani Corrêa Reichmann aparece em Curitiba no início do ano de 1941, para prestar exame vestibular na Faculdade de Direito, curso que viria a terminar no fim do ano de 1945.

A turma que ingressou em 1941 era reduzida, se comparada às turmas da década de 30. Tinha-se então como ligada à vida de bacharel em direito a atividade política, principalmente a parlamentar, e desde 1938 essa atividade, e a perspectiva do seu exercício, havia desaparecido. Daí a perda de atrativo do curso.

Na turma de 1941 havia quatro catarinenses e um riograndense, o Ernani, que fazia questão de se dizer riograndense e não gaúcho. A princípio o Ernani ficou isolado. Foi se aproximando aos poucos e fui dos que por primeiro fez amizade com ele. A primeira impressão era a da sua superioridade, não só pela cultura como pela definição a que já chegara sobre temas, autores e controvérsias literárias. Ele tinha vinte anos e surpreendia pelo gosto já formado, que lhe dava segurança para apontar qualidades e defeitos nos textos, para eleger dentre os autores os que mereciam atenção e, nas obras dos autores, as que se revestiam de importância.

Naquele tempo havia um sem número de temas a preocupá-lo, mas dava destaque a temas aparentemente menores, como o da concentração, da dispersão e da disponibilidade.

---

Logo, se o primeiro contato entre Puppi e Reichmann aparenta-se desastroso, na ótica de Ernani era justamente o contrário, pois via em Clementino um amigo em potencial.

Creio que não falto à verdade ao dizer que fui o seu principal amigo nos tempos da faculdade. Tínhamos em comum o gosto pela literatura e a coincidência na admiração e na preferência por determinados autores. Provínhamos ambos de famílias católicas, mas ele havia perdido a fé. Não se tornara ateu, porque entendia que o simples fato de ser provava a existência de Deus. Distinguia entre Deus, do Antigo Testamento (“Jeová, com um chicote na mão, quer um encontro comigo”) e Jesus do Evangelho (“Jesus é meu amigo”).

Creio que a preocupação religiosa tenha sido uma constante em sua vida, mas não repontava naqueles tempos. Era a ocasião das leituras de Baudelaire, de Dostoiévski, de Octavio de Faria, de Cornélio Penna, de Lúcio Cardoso, de R. Martin du Gard, de Gide, de Alain Fournier, de Ortega y Gasset, de Antonio Machado, de Machado de Assis e tantos outros. Ia-se pelas ruas centrais de Curitiba, com sucessivos retornos aos cafezinhos da Rua 15, a conversar sobre o lido e o pensar, o conjecturar e a fazer planos. Visitas quase diárias às livrarias e daí a amizade com o Collares da Universitária<sup>121</sup>, com o Lobo da Lapalu<sup>122</sup>.

O Ernani trazia uma inquietação, uma ansiedade por lugares que guardava seu acicate da perda da sua cidade natal, da sua cidade de infância ou da própria infância perdida, como se de um sonho se tratasse. O verso do Vinicius de Moraes: “Meu sonho, eu te perdi, tornei-me em homem” ressoou nele desde que o leu e durante muito tempo. De um outro, que já nem me lembro quem, o dito “o homem é filho do menino” (seria Chesterton?) também foi por ele trabalhado. Falei em infância perdida, mas me assalta a dúvida sobre se o Ernani admitia a perda da infância, pois me parece que procurava recuperá-la e, ao seu modo, sentia o seu esforço recompensado.

Curitiba o empolgou e muitas vezes falou do crepúsculo em abril, que não poderia ser tão belo em outro lugar do mundo. Roía-o, no entanto, a vontade de partir, não propriamente para conhecer outros lugares, mas para encontrar “o lugar”, como se um houvesse para a sua paz ou para a sua inspiração. Creio ter-lhe dito que era a nostalgia do paraíso perdido, que às vezes se revestia da infância e outras se coloria do futuro, em uma tentação terrena e inútil de busca sem a possibilidade da apreensão.

Havia a poesia e os poetas que lhe falavam: Fagundes Varela, Vinicius de Moraes (da Forma e Exegese e das Cinco Elegias), Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Fernando Pessoa, para mencionar alguns da nossa língua. Nos anos de Faculdade, fez cursos de inglês e de alemão, que lhe permitiram ler William Blake, Goethe e Schiller, dentre outros autores de sua admiração. A poesia o fascinou, ao longo da sua vida, como uma opção.

Naqueles anos parecia claro que o Ernani enveredaria pelo romance. Dispunha de concepções básicas, de largo conhecimento dos grandes romancistas e da sua técnica, tinha uma sensibilidade extremamente aguçada, sabia penetrar nas raízes dos atos humanos, enfim estava superiormente dotado para ser o grande romancista do sul. E repentinamente pôs de lado as suas cogitações.

Havia, seguindo o traço de Octavio de Faria, se dedicado à obra de Pascal e de Léon Bloy. Voltou-se para Nietzsche e por fim encontrou Kierkegaard.

Nos tempos da Faculdade, ainda, descobriu em Curitiba o médico Antenor Pupo, de quem se fez grande amigo. O Pupo era homem muito lido, de conversa fascinante, entremeadas de “boutades” e de casos espirituosos, que até então não havia escrito nada e, ao que sei, também não escreveu depois, embora tenha se tornado conferencista em determinada época.

O Ernani estava a cursar a Faculdade quando ocorreu de encontrar aquela com quem se casaria. Foi um caso de amor fulminante, que duraria toda a vida.

Não tenho condições para precisar datas, mas me parece que é depois de casado que começa a escrever. Escreveu uns livretos, a princípio, que têm a sua significação como marcos de itinerário. “Firmino e Elvira”, “Padre Miguel” e principalmente “Ernesto, o Progresso e o Nada” revelavam alguma coisa do mundo do Ernani.

Ele tinha o hábito de dizer, naqueles primeiros tempos, a meia voz: “Dissimulação, Ernani, muita dissimulação!” Era possível, entendia eu, que em certo momento viesse à tona tudo de que o sabia capaz. Mas não veio, a não ser muitos anos depois, nos “Olhos de ver petição” uma demonstração do seu poder de ficcionista. A opção pelo

<sup>121</sup> Livreiro Imer Collares Marques, proprietário da renomada Livraria Universitária.

<sup>122</sup> Livraria Lapalu, Rua XV de Novembro, 294.



ensaio e pelos estudos de Kierkegaard, das suas obras e dos seus temas se faz cada vez mais nítida. Negando ser filósofo, ou ter inclinação pela filosofia, a verdade é que foi penetrando nesse terreno para desenvolver a sua temática.

Em várias fases da sua vida, a tragédia grega o empolgou e o que escreveu a respeito merece muita reflexão.

Outra amizade marcante na vida do Ernani foi a de Bento Munhoz da Rocha, da qual colhi apenas os ecos porque me encontrava no interior do Estado. Vem depois Milton Carneiro. São muitos os amigos com quem convive, com Ocyron Cunha e Theodócio Atherino e Temístocles Linhares e Norton Macedo e outros, todos vivos, poderiam ter muito a dizer sobre o Ernani.

E eu mesmo, nestes alinhavos de depoimento, com a memória fugidia de que disponho, sinto que não disse muita coisa. Seria necessária uma concentração de muitos dias, a consulta a notas e a livros, não só dos seus escritos, como também do que lemos ambos e naqueles distantes tempos, para refazer uma lembrança mais nítida e extrair fatos de maior interesse, a fim de fazer um depoimento preciso e concatenado.

*Clementino Schiavon Puppi*

O depoimento de Puppi é muito rico, principalmente para sondarmos pelo buraco da fechadura aqueles primeiros anos em Curitiba. O contexto social e histórico é bem demarcado, assim como as características daquele início de década para ingresso em um curso de Direito. Havia muitas vicissitudes que uma apreensão bibliográfica não nos poria informar com tamanha sensibilidade. Marcadamente, seu relato guarda a visão singular que captura com memórias vivenciais um momento de muitas transformações experimentadas sempre com um olhar atento. Puppi narra com riqueza de detalhes os dois contatos que são objeto da reflexão de Ernani. Lembro, entretanto, que o depoimento, provavelmente escrito em 1984, em um momento de dor e luto, vai se concentrar principalmente nas escolhas e nas impressões do amigo que lhe vêm à memória. Logo, o relato tem uma ótica privilegiada, pois além de possibilitar outro ponto de vista dos acontecimentos, situa ambos no contexto que nos importa.

Puppi é enfático ao mostrar o quanto Ernani parecia intimidador, sua “superioridade” cultural e intelectual não podia ser dissimulada, e provavelmente esses seus traços beiravam a arrogância e a soberba. Talvez daí a antipatia que conquistava nas relações mais superficiais. Puppi nos conta que ele esbanjava um gosto sofisticado e próprio em relação a determinados autores e em função de algumas ideias. Ele deixa transparecer pela sua convivência, que Ernani era um leitor voraz, insaciável e que circulava com facilidade pelos clássicos da literatura internacional, mas que também tinha um apreço particular por alguns escritores brasileiros à margem da literatura comercial. Voltarei aos autores que Puppi recorda-se mais a frente, ao falar sobre o lar da família de Ernani na rua Paula Gomes.

A vida em Curitiba empolgava-o mas havia inconformidades, pois era inquieto e, principalmente, inconformado. Outra notícia que ele nos dá, diz respeito ao aprendizado de outras línguas: Ernani aprendeu alemão e inglês, nos fala Puppi. Além dessas línguas, acredito que ambos, bem antes do período universitário, eram fluentes em francês, pois são muitas as

correspondências trocadas nessa língua, ou ainda, passagens numerosas citadas diretamente dessa língua. Talvez isso se deva a formação, pois ambos estudaram em instituições administrada pelos Irmãos Maristas. O que denota mais uma afinidade entre os dois.

Durante o período universitário, Ernani registra dois momentos diferentes. Possivelmente dos lugares que residiu neste período, citarei eles na ordem em que os transcreveu. O primeiro também é relevante porque nos mostra o esforço dele em se alinhar e se orientar para aquela vida. Já o segundo é particularmente interessante, porque nos mostra uma orientação já presente naqueles anos de formação. De qualquer forma, ambos os registros foram tomados da grande carta que endereça ao amigo, provavelmente escrita entre 1941 e 1943, transcritos em 1954 (HF1, 97):

57° - Ele se mirou no espelho. Tudo em ordem. A mesma gravata preta com bolinhas vermelhas. Os cabelos bem penteados. O perfume, também... Abriu a porta e saiu. Antes de fechá-la novamente, olhou o número. Número 9. É esse mesmo o meu quarto. Pôs a chave no bolso e desceu para a rua. Olhou o número da casa: 222. Leu o nome da rua: São Francisco. Tudo em ordem. Procurou orientar-se...

69° - Eu morava na casa da torre (casa de Vicente Machado, no Antô da Glória). Não suportava a filosofia. Os debates entre o evolucionista Hebert George<sup>123</sup> e o Puppi vinham morrer na minha impaciência: “Sistemas... sistema. Não quero saber nem de Schopenhauer<sup>124</sup>, se ele criou um sistema. Que me importa que ele tenha inspirado os estudantes russos (que conheci mais tarde). Os que nasceram do pensamento de Dostoievski. Sou contra, sistematicamente contra o sistema”.

Reichmann, além de declarar-se anárquico, se assume antissistema. Existem outras demonstrações igualmente exemplares e que reiteram esses dois aspectos que compõem a sua identidade, contudo por questões de escolha preferi estas passagens pela proximidade. Além, claro, de descrever lugares em que Ernani viveu durante o período universitário. Tenho a impressão de que a última transcrição seja anterior, mas é apenas uma hipótese. De qualquer maneira, acompanhamos momentos diversos de sua vida.

Esse espírito avesso a sistemas talvez esteja relacionado às leituras que Puppi menciona. Entre os autores estavam Nietzsche e Kierkegaard, ambos com críticas muito particulares aos sistemas filosóficos. Talvez a reação contra sistemas, cujas discussões “vinham

---

<sup>123</sup> Possivelmente se trata de Hebert Spencer (1820-1903), filósofo, antropólogo e biólogo evolucionista inglês, bem como um dos representantes do liberalismo clássico. Profundo admirador das teorias de Charles Darwin (1809-1882), chegando a aplicar uma versão própria das leis da evolução a todos os níveis das atividades humanas. Vulgarmente conhecemos essas aplicações das ideias de Darwin, por Spencer a sociedade como um todo de “Darwinismo Social”.

<sup>124</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão bastante conhecido pela obra *O mundo como vontade e representação* (1818), em que caracteriza o mundo fenomênico como produto de uma cega e insaciável vontade metafísica. Influenciado pelo idealismo transcendental kantiano, desenvolveu uma filosofia metafísica, atea e ética que tem sido objeto de debates por apresentar uma forma de pessimismo filosófico. Além disso, é relevante dizer que este pensador foi responsável por ter introduzido o pensamento indiano e budista na filosofia alemã.

morrer em sua impaciência”, tivessem seu alicerce nas leituras que realizava destes pensadores. Mas claro, essa é uma questão complexa de determinar, pois Reichmann, além de ser um leitor voraz, também era muito eclético em suas leituras. Ele dedicava muito tempo percorrendo a produção de alguns escritores que lhe caíam nas mãos. Daí a grande proximidade e frequência com que frequentava as livrarias durante o bacharelado, Puppi relembra de dois livreiros hoje esquecidos e dos quais pouco se fala, inclusive encontrar informações precisas sobre suas atuações é quase impossível. O Collares e o Lobo eram dois agenciadores culturais, que movimentavam e facilitavam o acesso de Reichmann e Puppi a livros que certamente transcendiam as leituras técnica que a Faculdade de Direito exigia.

Para citar todas as obras e autores que eles liam, comentavam e partilhavam leituras – inclusive transcrições e traduções livres –, teria que dedicar uma outra tese ao universo da recepção e agenciamento, que os dois amigos mobilizavam. Ernani e Clementino tinham acordos tácitos entre si, que favorecia gastarem dinheiro com encomendas especiais, quando um estava desabonado e o outro não. Algumas passagens nas cartas eram destinadas a essa matemática e logística, racionalmente administrada pelos dois. No fim de algumas cartas de Ernani há indicações claras desse agenciamento de recursos valiosos, que diziam respeito a cursos e a compra de livros. Em uma delas ele pergunta ao Puppi: “Fizeste a matrícula? Avisa quanto custou que mandarei o dinheiro. Manda programa, nome dos livros, etc. Obrigado” (FA1, 3). Em outra, ele deixa bem evidente que além da revista que solicita, quer saber como estão as contas: “Manda a revista ‘Vamos ler’, que fala do Octavio. O prólogo irá depois. Como vão as minhas contas?” (FA1, 6). Aproveitando a viagem que faria ao Rio Grande, Puppi solicita algumas leituras, ao que o amigo atende: “Mandarei teus livros na próxima semana [...], são os livros que trouxe de P. Alegre” (FA1, 30). Uma carta tardia, remetida a Ernani pelo amigo, Puppi calcula a dívida contraída (CSP1, 6):

Curitiba, 9 de novembro de 1944

Ernani

Pode ser que antes desta carta chegue um telegrama, se eu conseguir expedi-lo hoje ainda: que já é noite.

Chegaram os livros da Argentina. São esses os teus:

*Dostoievski – Obras completas.....	600,00
Lebfevre – Nietzsche.....	30,00
Kierkegaard – Antígona.....	6,00
*Strindberg – A orillas del mar libre.....	18,00
*Strindberg – La viaje de Pedro, el afortunado.....	9,00
Derisi – Lo eterno y lo temporal em el arte.....	30,00
*Gilson – Filosofía de la edad media.....	42,00
*Thermier – Introducción a León Bloy.....	12,00
Castelani – Conversación y crítica filosóficas.....	24,00

Simmel – Sociologia (2 tomos).....	72,00
Caillouis – Sociologia de la novela.....	18,00
Fernandez (Ramon) – Es humano el hombre?.....	15,00
*Chestov – Las revelaciones de la muerte.....	15,00

-----  
891,00

(Os que têm sinalzinho [\*] vieram para mim também). Nenhum francês chegou. Além dos assinalados vieram, para mim, 5 Lope de Veja e 1 Calderon, importando a minha em metade da tua. Os livros estavam empacotados junto e alguns *intelequetuais* [sic] diagnosticaram cultura no comprador. Creio que nas esferas cultas é de bom tom comprar em duplicata.

Queres receber já os livros? Eles chegarão aí uns cinco dias antes de embarcares para cá. Vê se vale a pena. Se quiseres guardo-os aqui. Em todo caso manda pagar, primeiro passo para qualquer das soluções. A ordem deverá ser para Collares Marques & Cia. Ltda., ou para mim se quiseres usar a boa vontade. O endereço do Collares é Rua 15 de novembro, 615. Pelo índice das Obras de Dostoievski, pude ver que contém um capítulo suprimido de Os possesores, outro do Adolescente, o Diário de Raskonikov e um poema.

Eu vou ver se chego antes de fechar a mala.

Abraço do Puppi

Sete em Dir. Comercial. Aulas encerradas.

A longa lista de aquisições mostra um pouco como funcionava essa rede de sociabilidade. O ponto relevante é que Ernani já se encontrava casado em 1944, e com a primeira filha recém-nascida – Isolda nasceu em 7 de setembro<sup>125</sup> –, que tinha cerca de um mês de vida. Isso explica, também, o motivo de Ernani não estar em Curitiba, para acompanhar o fim do ano letivo. Cito ainda duas passagens elucidativas, sobre o padrão de consumo desses jovens e vorazes leitores. A primeira nos mostra Ernani garimpando obras em uma livraria paulista, enquanto a segunda revela um momento de explosão de raiva

### Consegui em São Paulo os “Irmãos Karamazof”

..., versão alemã em três volumes, com um estudo de Merejkovski. Três ou quatro estudos sobre Strindberg. Alguma coisa de Jean Paul (o mérito de Hermann Hesse está em ser o maior admirador de Jean Paul). Novalis. "Nourritures" e "O filho pródigo", do Gide. E mais livros, todos alemães sobre a nossa gente: Claudel, Valéry, Gide, etc. Espero-os para o começo do mês que vem. Tudo da livraria Delinée. O proprietário dessa livraria, moço como nós, leu demais. E salvou São Paulo. Mandeí pedir um livro da Labor por intermédio da mesma livraria e me atenderam prontamente (FA1, 3).

Estou completamente desesperado, Puppi. Não recebi ainda o caixão de livros. Foram entregues no expresso Arco-íris e até agora o nada. Tenho a impressão que morrerei louco se perder aqueles livros. Quando fores a Curitiba, fala com a Walli para mim. Ameaça aqueles sem-vergonhas: acontecerá alguma coisa se eu perder aqueles livros. (Já recebi os livros) (FA1, 34).

<sup>125</sup> O registro civil de nascimento de Isolda Reichmann foi lavrado em Curitiba, e se encontra no livro nº 194, fls. 208v, do 1º Tabelião Claro Américo Guimarães. A certidão indica que Clementino estava presente e assinou como testemunha.

A ansiedade da espera pelas obras deixa Ernani transtornado com a possibilidade de extravio – a impossibilidade de ter novos encontros lhe era angustiante, além de ter investido *recursos escassos*, para um universitário cujas despesas eram custeadas pelo pai. O investimento na aquisição dos livros contava com estratégias das mais variadas, e acordos amarrados ao fio do bigode com os amigos mantenedores dessa rede de consumo cultural. Basta lembrar que essa cadeia envolvia, certamente, mais que os elementos já citados (entre eles Puppi, Collares, Lobo, o livreiro paulista, etc.). Provavelmente a ansiedade era maior, porque ele não deveria estar naquele momento em Curitiba, para pressionar a transportadora. Ele desejava ardentemente encontrar seu caixão no fim do arco-íris, para poder se dispersar em cada uma das obras que havia selecionado – e, consecutivamente, morrer um pouco mais.<sup>126</sup>

As passagens como estas são numerosas, o que nos mostra aquisições de livros também de fora de Curitiba. Uma viagem seja para Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo ou Rio de Janeiro, por menor que fosse, bastaria para retornar com as malas cheias de livros. Ernani mais que adquirir livros, tinha instintos aguçados – em várias passagens captura essa rede de sociabilidades, que favorecia importar bons livros e obter notícias através de catálogos especializados e indicações diretas com livreiros obstinados como ele e Puppi. Os livros também não eram qualquer título, todos muito bem selecionados entre o panteão de autores que os dois amigos cortejavam.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> Explicarei um pouco mais à frente essa estranha condição elaborada por Ernani, mas por ora basta saber que, na ontologia de Reichmann, nos dispersamos nas coisas que nos dão satisfação. Esse tipo de interação gera marcas, pois depositamos um pouco de nós seja nas anotações que fazemos à margem dos livros, nos ensaios, comentários exegéticos, resenhas, ou na simples conversa oral sem necessariamente ser guiada por um roteiro rigidamente construído. E ao fim daqueles que se dispersam, como nosso personagem, o caixão parecerá leve, porque aparentemente se enterrará apenas a alma, pois nosso corpo e espírito vão estar onde nos depositamos durante a vida. Isso significa ir deixando um pouco de Ernani em cada coisa, uma desintegração ontológica que demonstra quão profunda foi uma vida.

<sup>127</sup> Apenas para listar alguns autores consumidos por Ernani até 1954, apresento uma lista curta de alguns nomes – essa lista não é precisa, pois teríamos que cruzar com outras provenientes das cartas e escritos (como as Folhas Azuis, os Cadernos van der Lubbe e os Cadernos Dissonanz) para obter dados mais exatos do mesmo período. Contudo, os nomes que figuram aqui já possibilitam ter um vaga ideia da constelação de leituras, com um detalhe, anotadas e comentadas por Ernani no *Hic Fuit*. É relevante saber que, dos autores listados, apenas figuram aqui os que efetivamente geraram alguma impressão, pois o universo de leitura era muito maior – apenas para citar um exemplo, nessas notas existem várias menções do tipo “Leio Lúcio Cardoso” que não figuram em minha lista. Em parte, porque exigiria um trabalho serial, e por outro lado, porque não é nossa finalidade produzir uma história da leitura. Apenas se possível, demonstrar alguns elementos do gosto literário de minha personagem. Entre os autores que seguem os pressupostos que citei, identifiquei: Alvares de Azevedo (1831-1852; cf. HF1, 36; 97, 59°); Alceu Wamosy (1895-1923; cf. HF1, 63); Machado de Assis (1839-1908; cf. HF1, 89); Casemiro de Abreu (1839-1860; cf. HF1, 97, 15°); Octavio de Faria (1908-1980; cf. HF1, 97, 27°); Castro Alves (1847-1871; cf. HF1, 54); Olavo Bilac (1865-1918; cf. HF2, 210); Cornélio Pena (1896-1958, cf. HF1, 11); Mario de Andrade (1893-1945, cf. HF1, 11); Fagundes Varela (1841-1875, cf. HF1, 19; 36); Martin Thust (1892-1969, cf. HF1, 34); Thomas Mann (1875-1955, cf. HF2, 53); André Bellessort (1866-1942, cf. HF1, 59); Aleksandr Blok (1880-1921, cf. HF1, 60); Edmund Husserl (1859-1938, cf. HF1, 68); Edgar Allan Poe (1809-1849, cf. HF1, 71); Eduard Spranger (1882-1963, cf. HF1, 88); Nicolai Berdiaeff (1874-1948, cf. HF1, 96); Marcel Proust (1871-1922, cf. HF1, 96); Charles Baudelaire

Apenas para citar alguns nomes que Ernani dedica uma atenção especial, comparecem nesta lista em ordem de classificação feita pelo próprio, pois considera-os interlocutores diretos. Ainda que curta, é uma lista que nos mostra uma passagem gradual da literatura para a filosofia, trânsito que reverberou de maneira especial em seus escritos durante toda a sua vida – contudo é arriscado dizer que ele escrevia literatura ou filosofia, é importante que desde já nos habituemos a percebê-lo como um escritor singular, pela maneira como vai compor seus escritos. Os pensadores que compõem essa lista, são (HF1, 50)<sup>128</sup>:

- 1º) August Strindberg [1849-1912; cf. HF1, 50; 97, 35º];
- 2º) Fiódor Dostoiévski [1821-1881; cf. HF1, 39; 47; 50; 89];
- 3º) André Gide [1869-1951; cf. HF1, 47; 50];
- 4º) Friedrich Nietzsche [1844-1900; cf. HF1, 47; 50; 88; 106];
- 5º) Søren Kierkegaard [1813-1855; cf. HF1, 34; 47; 50-51].

Os *encontros* entre esses autores e Ernani eram sempre mediados pela orientação de sua subjetividade. Sua preferência oscilava do romance a autobiografias (principalmente, cartas e diários). Isso demonstra que seu *particular* interesse se represava sobre a dispersão dessas vidas, mais até que sobre a concentração delas (através de biografias). Isso não é banal, considerando que sua atitude anárquica, cuja natureza pende à dispersão, e sua aversão a sistemas, me informa a existência mesma e concreta destes indivíduos frente a suas realidades. Ernani não estava preocupado com as teorias ou grandes soluções literárias e filosóficas, me parece que sua atenção estava nas maneiras de viver, as contingências históricas, que torneavam e atravessavam o todo de uma determinada existência.

ENCONTRO - Ernani nunca foi afeito a ideia de ter *influências*, para ele ler um bom livro significava dedicar tempo para, igualmente, uma boa conversa. Em uma interlocução como essas, ambos, autor e leitor, saem transformados. O autor é reatualizado e fala ao ouvinte atento coisas que lhe são, em um número maior ou menor satisfatórias, assim como pode

---

(1821-1867, cf. HF1, 96); Henry T. F. Rhodes (1892-1969, cf. HF1, 97, 35º); William Blake (1757-1827, cf. HF1, 97, 76º); Rainer Maria Rilke (1875-1926, cf. HF1, 97, 76º); Walt Whitman (1819-1892, cf. HF1, 97, 76º); Christoph Schrempf (1860-1944, cf. HF2, 55); William Shakespeare (1564-1616, cf. HF2, 119); Walter Lowrie (1868-1959, cf. HF2, 183); Julien Green (1900-1998, cf. HF2, 52); Régis Jolivet (1891-1966, cf. HF1, 47); José Ortega y Gasset (1883-1955, cf. HF1, 51); Victor Hugo (1802-1885, cf. HF2, 159); Alexei Pushkin (1799-1837, cf. HF2, 210); Franz Kafka (1883-1924, cf. HF1, 91); Lord Byron (1788-1824, cf. HF1, 36); Louis Lavelle (1883-1951, cf. HF1, 47); Stefan Zweig (1881-1942, cf. HF1, 97, 59º); Dante Alighieri (1265-1321, cf. HF2, 17); Jules Spervielle (1884-1960, cf. HF1, 36); Rui Barbosa (1849-1923, cf. HF1, 54); Maine de Biran (1766-1824, cf. HF1, 107); Benedetto Croce (1866-1952, cf. HF1, 125); Johann W. von Goethe (1749-1832, cf. HF1, 54; 82); HF2, 119; Alexis Carrel (1873-1944, cf. HF2, 141); Martin Heidegger (1889-1976, cf. HF1, 67); Karl Jaspers (1883-1969, cf. HF1, 47); 90; Miguel de Unamuno (1864-1936, cf. HF1, 50).

<sup>128</sup> “Mas porque negar aquilo que ‘preciso’ dizer? Há muito tempo, querendo fazer um estudo sobre Strindberg, comecei ressaltando o ‘encontro’ que, com ele eu tivera... depois Dostoiévski, depois Gide, depois Nietzsche, depois Kierkegaard” (HF1, 50).

absorver qualidades que seu contexto social e, principalmente, existencial demandam. Por outro, o leitor revive as experiências que esta pessoa do passado registrou, e de uma maneira muito especial abriu passagem para refazermos esse caminho em busca de nós mesmos. Logo, mais do que influências, se trata de dialogismo entre um eu do passado, aberto e com alteridade suficiente para encontrar um outro eu no presente, empaticamente sensível para percorrer-lhe as sendas até a clareira de sua existência – cujo horizonte é sem dúvida o futuro. O futuro se atualiza, graças a essas interlocuções que atravessam as experiências existenciais e humanas. Esse conceito reichmanniano define a sua trajetória como personagem, autor e leitor – ainda que essa ordem de coisas seja diferente, Ernani não é indiferente às experiências que seus pares e antípodas tiveram, elas certamente são maiores que as influências que um ou outro podem ter determinado em sua vida. Ernani diz o seguinte em 1967, ao responder à questão “que escritores mais o influenciaram?”: “Não gosto do termo influência. Prefiro a referir-me a ‘encontros’. [...] Bem, todos com os quais me encontrei são mencionados em meus cadernos...” (EINS, p. 245).

Gostaria de dedicar algumas linhas a cada um desses encontros, todavia para fazer justiça a cada um precisaria dedicar um capítulo para os quatro primeiros e uma outra tese para Kierkegaard. Na impossibilidade desse empreendimento, peço a indulgência do leitor para que me seja dado ao menos situar alguns elementos da presença deles na vida deste. Além disso, é relevante o cruzamento que essas vidas vão ter, fato indissociável da língua e o sentimento de pertença. Strindberg é sueco, Dostoievski é russo, Gide é francês, Nietzsche é alemão, e Kierkegaard é dinamarquês. Todos os cinco europeus, e com escritas potentes, cambiantes entre a literatura e a filosofia, com fronteiras que de vez em quando, borram-se e reina a falta de limites. Todos de certa maneira contrários a grandes sistemas da existência, e cada um com contribuições muito particulares a cultura que transcendem seu lugar natural de fala.

STRINDBERG – Johan August Strindberg (1849-1912)<sup>129</sup> nasceu em Estocolmo e sua trajetória o consagrou pela contribuição que deu para a dramaturgia, bem como para as letras de seu país através do romance, de ensaios e contos. Tido como um dos maiores escritores escandinavos, é um dos pais do teatro moderno e seus escritos são identificados como

---

<sup>129</sup> Cf. sobre a biografia e bibliografia de Strindberg: OLLÉN, G. *August Strindberg*, 1984, p. 211-257 *passim*. MEYER, Michael. *Strindberg: a biography*, 1985, 71-136 *passim*. ROBINSON, M. *The Cambridge Companion to August Strindberg*, 2008, p. 84-98, 340-360 *passim*. CORDERY, N. *Strindberg no Brasil: uma lacuna bibliográfica a ser preenchida*, 2006, p. 25-29. RABELO, C. A. M.; CAMARGO, R. C. *Três dramas históricos inéditos de August Strindberg*, 2019. Obras traduzidas para o português: STRINDBERG, A. *Cristina*, 2001. STRINDBERG, A. *Crimes e Crimes*, 1999. STRINDBERG, A. *Dança da Morte*, 2005. STRINDBERG, A. *Sagas*, 2006. STRINDBERG, A. *Gente de Hemsö*, 2009. STRINDBERG, A. *Senhorita Júlia e Outras Peças*, 2009. STRINDBERG, A. *Inferno*. São Paulo, 2009. STRINDBERG, A. *A Sonata dos Espectros*, 2010. STRINDBERG, A. *Meia folha de papel*, 2019.

pertencentes aos movimentos literários naturalista e expressionista. Por outros, Strindberg é considerado um dos renovadores da literatura de língua sueca. Strindberg frequentou a Universidade de Uppsala, mas não chega a concluir sua formação e passa a se dedicar à vida de jornalista e ator. Mas é quando entra para a Biblioteca Real, em 1874, com o futuro econômico garantido que poderá dedicar-se com profundidade às letras suecas. As suas primeiras peças demonstram um importante contato com Ibsen<sup>130</sup> e Kierkegaard, visível nos matizes da amargura e da tortura psicológica de seus personagens. Sobre seu encontro com Strindberg ele diz o seguinte:

Encontrei Strindberg há bem pouco tempo. Encontrei-o sob a máscara freudiana, com que Rhodes procura encobrir uma vida espiritual extraordinária. Mas mesmo assim, pude encontrá-lo e minha “agitação” foi enorme. É verdade que li, depois, muitos de seus livros. E alguns ensaios sobre ele. Mas, isso tudo são detalhes, objeto dessa palestra, no conjunto que é o conhecimento intuitivo, o encontro, que – parece – de sempre havíamos marcado (HF1, 97, 35°).

Ainda sobre Strindberg, o encontro com este grande escritor sueco deixou ótimas impressões em Ernani. São numerosas as passagens em que analisa suas obras e discute com seus comentadores. Ernani diz na mesma passagem que faz uma “expedição ao eu profundo de um homem como autor do ‘Livro Azul’”, essa fascinante obra de Strindberg lhe deu a sugestão de compor com as cartas endereçadas a Puppi, o seu *Folhas Azuis*: “Também tenho um livro azul”, diz Ernani, “Strindberg e eu. Com a diferença de que meu livro azul é teu [Puppi]” (cf. FA1, 14-15). O livro de Strindberg é uma composição de cartas que dão conta de sua vida e a conversão ao cristianismo, o livro de Ernani cujo título existe apenas no interior de seus livros, nos mostra as correspondências enviadas ao amigo campo-larguense e o objeto delas, além da discussão exegética, religiosa e vivencial, ancora-se na questão da angústia e da hipertrofia das tonalidades afetivas e depressivas. Isso me leva a pontuar que Ernani cita Strindberg também como um exemplo da dispersão de Kierkegaard, na obra *Senhorita Julia* – considerada pelos críticos como a principal obra do dramaturgo sueco –, um dos personagens é um afeito leitor de Kierkegaard, de *A alternativa* e da obra religiosa desse pensador (cf. K2, p. 33-34).

---

<sup>130</sup> Henrik Ibsen (1828-1906), dramaturgo norueguês, considerado um dos criadores do teatro realista moderno. Foi também poeta e diretor teatral, sendo considerado o “pai do drama em prosa”. Suas peças eram consideradas escandalosas para a época, contudo as peças de Ibsen analisavam a realidade mascarada pelas convenções culturais e os costumes, o que deixava seus contemporâneos escandalizados e gerava descontentamento social. Ele lançou seu olhar crítico sobre as condições de vida e as questões morais de sua época, o que eleva-o como o melhor desde Shakespeare. Cf. Ferguson, Robert. *Henrik Ibsen: A New Biography*, 1996, p. 45 *et seq.* HELLER, Otto. *Henrik Ibsen, Plays and Problems*, p. 203-204. BOYESEN, Hjalmar H. *A Commentary on the Works of Henrik Ibsen*, 1984, p. 37-57. LUCAS, F. L. *The Drama of Ibsen and Strindberg*, 1962 (A introdução oferece o fundo biográfico de cada peça, resumos e discussão, incluindo as peças menos conhecidas). SILVA, J. P. *Ibsen no Brasil*, vol. 1 – *Historiografia*, p. 15-40. OLIVEIRA, V. *Biografia e comentários sobre a obra de Ibsen*, p. 17-22. MENEZES, T. *Ibsen e o novo sujeito da modernidade*, 2006, p. 41-67.



DOSTOIEVSKI – Associada aos *Diários de um escritor* (1873-1878) e aos *Irmãos Karamázov* (1879), de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), surge um outro cristianismo e a sua missão na vida de Ernani. Em um discurso político de 1949, feito por ocasião de sua posse como Deputado Estadual no Rio Grande do Sul, Ernani explica sua relação com o escritor russo da seguinte maneira:

Sofri durante meus primeiros anos de estudo universitário inclinando-se minha simpatia por uma doutrina que permitia dar vazão à minha revolta. Revolta surda, terrível – como a fúria de elementos desencadeados. Foi nessa época, porém, que encontrei a ideia cristã nas obras de Dostoiévski e a missão verdadeira do povo russo, no populismo do grande romancista (DPCR, p. 980).

Dostoiévski nasceu em Moscou, e atuou como jornalista do Império Russo, mas sua notoriedade deriva da escrita – literária e filosófica. Considerado nas humanidades como um dos maiores romancistas e pensadores de língua russa, Dostoiévski é dono de uma trajetória marcada por eventos trágicos, indelévels na sua obra. O escritor se formou em engenharia, mas não chega a exercer sua profissão, porque dedica-se integralmente à vida de escritor. Produziu romances, novelas, contos e, principalmente, escritos jornalísticos e de crítica literária. Atuou como editor em revistas próprias, dedicadas à literatura, além de ter participado de atividades políticas – responsáveis pela sua prisão na Sibéria, foi acusado de tramar contra o czar, fato que quase lhe custou a vida que, dramaticamente, foi reavida no último momento.

O encontro de Ernani com esse gigante da literatura mundial ocorreu durante os estudos universitários. Pelo que já foi assinalado, Ernani já havia adquirido obras do romancista em traduções alemãs e com Clementino, os dois adquiriram uma edição de três volumes traduzida para o espanhol. Dentre as leituras que compartilham estavam os diários e a obra principal que é o romance-síntese (*Irmãos Karamázov*) de Dostoiévski. Neste livro, seu autor faz suas personagens e seus leitores refletirem sobre uma das questões fundamentais de toda a sua obra: “Se Deus não existe, tudo é permitido”<sup>131</sup> – parafraseando algumas passagens.

Nesta obra decisiva, que envolve seus leitores em uma trama de descobertas do sentido mais vivo e profundo que o cristianismo pode ter, avistamos um existencialismo pungente – principalmente, após a prisão e exílio de Dostoiévski na Sibéria. Ao retornar, após ter escapado da morte e cumprido sua pena, o escritor se volta ao povo russo para eternizar a esperança religiosa através de suas obras. Contudo, ele nos adverte: “...não é como menino que eu creio em Cristo e o confesso, mas minha Hosana passou pelo crisol da dúvida”<sup>132</sup>. É o que se

<sup>131</sup> DOSTOIÉVSKI, *Irmãos Karámazov*, 2012, vol. 1, p. 109, 353 e vol. 2, p. 840.

<sup>132</sup> VÁSSINA, E. *A presença de Deus nas obras de Dostoiévski*, 2020.

evidencia na riqueza psicológica de cada personagem de sua trama: seja através do antagonismo de Ivan e Aliocha Karamázov, ou ainda, no núcleo que constitui a *Lenda do Grande Inquisidor* e sua interlocução com o silencioso Jesus.

O núcleo deste novo cristianismo lançado por Dostoiévski parece estar justamente no diálogo entre Cristo e o Inquisidor. O que está em jogo é precisamente o trágico destino do ser humano, que enleia todos na liberdade (livre-arbítrio): a questão da liberdade do homem de fazer suas escolhas, das consequências delas, e a responsabilização por elas. Na expressão do autor, o uso e a assunção da liberdade estão além de nossas forças – é nesse sentido que o Inquisidor “renova” o cristianismo, na única tentativa de fazer-nos encontrar a felicidade.

Todos os esforços coincidem na ressignificação das palavras liberdade por “autoridade”, Espírito por “milagre” e verdade por “mistério”: “para que Você veio nos incomodar? Pois Você veio justamente para incomodar e Você mesmo sabe disso” – diz o Inquisidor a Cristo que novamente veio ao mundo. Em resposta, Cristo dá um beijo no ancião nonagenário, vestido de batina de monge. O Inquisidor liberta Cristo, que fora encarcerado e lhe diz na despedida: “vá embora e não volte mais... não volte mesmo... jamais, jamais!”. “Somente agora, quando conseguimos vencer a liberdade, pela primeira vez tornou-se possível pensar na felicidade do homem” – diz o Inquisidor de Dostoiévski. “E as pessoas ficaram alegres por novamente serem levadas como rebanho e porque de seus corações fora tirado o terrível dom que lhes causava tantos sofrimentos...”.<sup>133</sup>

O silêncio de Cristo vale mais do que a teologia retificadora do Inquisidor – poderíamos admitir. Agora sim, não livre de ironias, é que Corrêa Reichmann expressa em seu discurso: “Graças a Deus, eu estava salvo, foi o que percebi em seguida. A Rússia salvando a Civilização Cristã, o povo russo trazendo a seus irmãos do ocidente uma nova fé: ‘somos irmãos, eis toda a verdade’” (DP1, p. 980). O deputado ironiza justamente a postura do inquisidor, sua postura autoritária que despe a população de sua fé e impõe um novo regime de sentidos – a privação da liberdade, nos mostra a lógica do discurso, ou seja, o deputado lembra dessa “nova fé” (renovação do cristianismo, pelo Inquisidor) como correlata ao comunismo. A espiritualidade que Ernani buscava coincidia com aquela externada por Dostoiévski, testada no “crisol da dúvida” e de maneira alguma poderia coincidir com aquela ausência eterna de um Salvador, propugnada pelo Inquisidor.

GIDE – “E, parece mentira, leio atualmente o ‘Journal’ do Gide. Quanta coisa para nós dois (trouxe o ‘Journal’ e coloquei-o aqui a meu lado com a intenção de copiar uns trechos

---

<sup>133</sup> VÁSSINA, E. *A presença de Deus nas obras de Dostoiévski*, 2020.

para ti, mas parei porque se algum dia eu te fizer um presente será o ‘Journal’)” (FA1, 12). André Gide (1869-1951) é outro dos nomes importantes, com quem Ernani se encontrará nos anos do Direito em Curitiba – Puppi também se beneficia desse encontro. Os amigos debateram muito sobre Gide, as anotações e transcrições são numerosas, mas de todas as obras que compartilharam leituras, de longe a que talvez mais reverbere em suas almas foi certamente o *Journal*. A leitura dos diários de Gide representa algo singular, pois a franqueza e a condição humana externadas por meio da confissão revelam uma alma atormentada por um segredo. O homossexualismo era sua angústia existencial – tema que mobilizará argumentos de desforra da parte de Reichmann e de escárnio por parte de Puppi (cf. CSP1, 18; FA1, 80). Mas, ambos eram unânimes em reconhecer, e com mais ênfase Ernani, ao dizer que Gide é dos escritores que reconhecem ser “nossa gente” FA1, 3; ao lado, claro, de nomes como Claudel e Valéry.

Mas afinal quem foi Gide? Foi um escritor francês que nasceu e viveu em Paris, proveniente de uma família burguesa abastada que lhe permitiu ter uma formação clássica e culta, além de frequentar intelectuais e artistas proeminentes de sua época. Tornou-se escritor, chegando a receber o Nobel de literatura em 1947, prêmio que apenas coroava uma longa trajetória dedicada às escritas de si e ao tema da honestidade/sinceridade para consigo próprio. A honestidade para Gide residia na condição: “como ser igual a si mesmo, ao ponto de assumir-se pederasta e homossexual”. Para Ernani, a questão central era a fidelidade espiritual com que se assumia a vida, a fidelidade para consigo legitimava qualquer existência no plano imanente. Como um Sócrates que assume o *gnothi seauton*, Ernani inspirado por Gide, assume a fórmula esboçada no *Hamlet*: “E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo” (Shakespeare *apud* van Neutgen: CD1, p. 167). Sentido todo especial e que percorrerá os escritos de Ernani, isso significa em termos gideanos aceitar-se contraditoriamente existindo, pois

Eu nunca sou apenas aquilo que creio ser – e isto varia o tempo todo, de forma que, muitas vezes, se eu não estivesse lá para aproximá-los, meu ser da manhã não reconheceria o da noite. Não há nada mais diferente de mim do que eu mesmo. [...] Meu coração só bate por simpatia; vivo apenas por outrem; por procuração, poderia dizer, por núpcias, e é quando saio de mim mesmo para me tornar qualquer um que sinto viver mais intensamente que nunca.<sup>134</sup>

Por outro lado, a sinceridade era o ponto nevrálgico da relação de Puppi com esse pensador. Puppi critica-o por faltar com a sinceridade, ao ceder ao pecado, e defender

---

<sup>134</sup> Gide, A. *Les faux-monnayeurs*, 1958, p. 987 : « Je ne suis jamais ce que je crois que je suis – et cela varie sans cesse, de sorte que souvent, si je n'étais là pour les accointer, mon être du matin ne reconnaîtrait pas celui du soir. Rien ne saurait être plus différent de moi, que moi-même [...]. Mon cœur ne bat que par sympathie; je ne vis que par autrui; par procuração, pourrais-je dire, par épousailles, et ne me sens jamais vivre plus intensément que quand je m'échappe à moi-même pour devenir n'importe qui. »

abertamente práticas que iam contra a fé Católica – confessar-se homossexual era uma sinceridade aceitável, o que não legitima as insídias da carne (propriamente o ato homossexual, pois dele estava ausente a sinceridade para com Deus). As relações entre os amigos e Gide são complexas, o que não facilita uma síntese rápida como a que ofereci. Mas é relevante observar que, principalmente, Ernani tem uma postura muito mais receptiva à riqueza espiritual desse pensador, do que Puppi parece estar disposto a abrir mão de uma moral católica mínima para encontrá-los – fato que para Ernani não parece ser um esforço intangível.

NIETZSCHE – Ernani encontra Friedrich Nietzsche (1844-1900) graças à leitura de “O Livro Azul” de Strindberg,

Sabes que Nietzsche e Strindberg se corresponderam? Já vinha aliando essas duas vidas na mesma luta trágica com Deus. N enlouqueceu e S submeteu-se porque sua força era maior. Muito, muito maior. Sinto que não era maior. Mas preciso afirmar que era maior. Tenho necessidade dessa afirmação. É para mim que estou escrevendo e não para ti. Strindberg era maior. Se falar assim, quando fizeres um estudo sobre ele, vais me compreender, não é? Mas foi e é assim: Strindberg era maior, muito maior do que Nietzsche. Venceu o coração, aqui: espírito. S foi sincero. N deixou de ser sincero, pouco antes de enlouquecer N não quis. S curvou aquela frente extraordinária e disse: “Estou preparado” (FA1, 5).

Mais uma vez a questão da sinceridade irrompe. Ainda que em um primeiro plano Strindberg vença, seja pelo coração, ou pelo espírito, Nietzsche permanecerá um interlocutor fundamental, presente na obra madura de Ernani – o filósofo está na base da identidade narrativa e lugar de memória, de Ivan Rebal (autor de *A mula e o mágico* e *a Face perdida*, de 1977). Nietzsche era um filósofo cuja experiência valia o encontro, ainda que tivesse faltado com a sinceridade e não tenha se curvado. Ou, deixa-se aniquilar pelo Sócrates reichmanniano, que lhe indaga: “Como podes combater-me, se me amas?” (cf. HF1, 107). O encontro com esse pensador é permeado de elementos de *Assim falou Zaratustra* (1883) e *Ecce Homo* (1888), além das cartas com Strindberg.

Nietzsche nasce em Röcken, à época Reino da Prússia, e já aos 24 anos é designado para uma cadeira de filologia clássica na Universidade de Basileia. Ernani tem certa hostilidade pelo filósofo, por conta da sua posição em relação a Deus. Ernani tenta se convencer que Strindberg era maior devido a isso, por mais que ele tivesse perdido a fé, não estava pronto para aceitar-se como alguém semelhante a Nietzsche. Contudo ele reconhecia que eram poucos como Nietzsche e Kierkegaard, que viviam os problemas de corpo e espírito (cf. HF1, 68). Ernani tinha um especial apreço pelo *Ecce Homo*, pois via nessa obra formas ambivalentes de ser e existir no mundo, e o mesmo se dava com Zaratustra. O encontro com Nietzsche

transcendia a própria morte, pois ao ir de encontro com ele, Ernani percorria o caminho por ele trilhado, valia o esforço.

KIERKEGAARD – Ernani confessa que “para sentires a morte, tens que pensar p. ex. nos encontros marcados através dos séculos”, isso significa que a morte não é um fim. Podemos encontrar pessoas do século passado que têm muito a nos ensinar sobre a existência. Puppi precisava compreender que os encontros são um bom momento para confrontarmos nossa existência, por isso “no teu encontro com Gide. No meu com Kierkegaard. Gide está mais longe de ti do que K., de mim” (FA1, 51). Ernani era muito próximo de Kierkegaard e via, na condição do amigo Puppi, alguém que encontrou seu caminho de maneira natural e sem violências. Talvez daí ele conseguir manter distância do “drama daquele quadrúpede” (FA1, 51). Mas o mesmo não acontecia com Ernani. Ele via que Puppi “tinha todas as condições para ser o Cavaleiro da Fé”, mas ele tinha outro destino e na fase mais crítica de sua dispersão ele confessa

Eu, eu não tenho fé. Não suportando a Jeovah, consolo-me com a amizade de Jesus que deve andar zangado comigo. Não posso, por conseguinte, deixar tudo pela fé. E não tendo por que substituir aquilo, que é tudo, conservo, como última “chance” os possíveis de tudo o que poderia vir a substituir o que deve, o que precisa ser substituído. Eu quando era moço e vivia as fases mais críticas da minha dispersão, pensei que quando eu morresse haveria de ficar nas coisas, etc. e que os outros, como eu, haveriam de me encontrar. Foi por isso, talvez, que eu escrevi umas “coisinhas”. Nada eu deixava passar, simplesmente, e muito menos, o meu tempo. O desespero do tempo passado, começou a me perseguir. Já não me conformava o que tinha escrito aos 20 anos: “eu quero viver, viver pura e simplesmente”. Descobri que para que os outros sentissem o que eu sentia, era preciso deixar escrito o que eu sentia, o que eles deveriam sentir. Ao mesmo tempo, eu acreditava que, para poder criar, é necessário um conhecimento profundo de si mesmo. Foi assim que me perdi, espelhando-me em Nietzsche e Kierkegaard. É que eles refletiam a minha própria condição “existencial”. Com o tempo foram surgindo milhares de possíveis (HF1, 50).

É difícil apontar com certeza o que ele durante o curso universitário leu de Kierkegaard, provavelmente os livros em português e espanhol acessíveis em um primeiro momento. E com o tempo adquiriu obras em alemão, inglês e francês, e só muito posterior em dinamarquês. Rastrear essas leituras é mais difícil porque não eram leituras que compartilhava com Puppi. Mas também não significa que ele não tomou notas delas, pois existem muitas cartas e escritos que dão conta desta relação, como a que citei há pouco – trata-se de um trecho de uma carta maior, não remetida a Milton Carneiro, do ano de 1953. Ernani escreveu muitas coisas sobre Kierkegaard, e também, traduziu. A sua primeira tradução foi, certamente, “o *Diário* de Kierkegaard – do alemão para o português” (cf. FA1, 46).

Algo importante que me cabe ressaltar diz respeito aos encontros anteriores, Ernani diz que “nunca” pode “entender como literatura (ciência) o que li de Gide, Dostoievski, etc” (HF1, 50). Um pouco mais à frente ele diz que “a filosofia é outro problema”, afirma que “já

disse [a] um neotomista que a obra de Kierkegaard não passa de psicologia” (HF1, 50). Isso nos revela que o sentido com que encontra esses pensadores tem a ver com suas capacidades de falar, ou fazer ele pensar sobre a condição humana, sua existência e, principalmente, seus problemas e crises. Por isso na carta de 1953, ele diz que para poder criar algo, precisaria ter “um conhecimento profundo de si”, daí espelhar-se em Nietzsche e Kierkegaard. Esse sentido que alcançamos até aqui é fundamental para a compreensão do labirinto que é a vida de Reichmann.

Outra questão relevante é que os encontros são sempre mediados pela voz direta de seus interlocutores, através de cartas publicadas e, principalmente, diários publicados. Isso é muito importante, porque Ernani era um grande leitor de autobiografias – são muitas as passagens em que anota suas impressões dessas leituras. Isso lhe deu uma experiência que não passa despercebida, a sua experiência é autobiográfica, e nutre-se dos encontros que realiza, numa terra que não é literatura e nem filosofia – situada numa *terra de ninguém*. Visitaremos a biografia de Kierkegaard mais à frente, por ora cumpre esclarecer que o pensador dinamarquês tem uma importância capital para a vida e para os escritos de Ernani – espero demonstrar satisfatoriamente essa relação que ultrapassa a morte.

GRANDE TEMPO - A ideia de encontrar alguém cuja morte aparentemente tenha colocado um fim à vida, é uma ideia imprecedente para Ernani, que aconselha ao amigo Puppi a ter vistas para esse tipo de encontro e não temer a morte. A morte do escritor não impede que tenhamos encontros com eles nos séculos, sempre é possível nos encontrarmos com alguém disposto a deixar seu fechamento, para abrir-se ao diálogo. Essa maneira de ler [dialogar], faz eco ao *grande tempo* de Bakhtin<sup>135</sup>. As obras autobiográficas de pensadores como Strindberg, Dostoiévski, Gide, Nietzsche e Kierkegaard “no processo de sua vida *post mortem* elas se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação”.<sup>136</sup> A criação que Ernani comenta só pode surgir a partir dessas audiências com pessoas de um passado, que viveram a profunda angústia de existir, por isso as

---

<sup>135</sup> BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*, 2017, p. 14: “O fechamento em uma época não permite compreender a futura vida da obra nos séculos subsequentes; essa vida se apresenta como um paradoxo. As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensa e plena do que em sua atualidade.” BEZERRA, P. *Bakhtin: remate final*, 2017, p. 86-87: “As obras dissolvem as fronteiras de sua época, vivem nos séculos, isto é, no ‘grande tempo’”, onde são lidas de um modo novo, interpretadas e reavaliadas noutros contextos culturais, ganham mais intensidade, ampliam-se e se enriquecem à custa de novas conquistas no campo da história, da estética, da antropologia, da ciência, da cultura, das artes em geral e das novas formas de recepção, podendo-se incluir entre essas conquistas a história das mentalidades. Em suma, as obras renascem em outro contexto cultural, onde se revelam as profundezas do sentido até então desconhecidas porque eles são inesgotáveis, infinitos”.

<sup>136</sup> *Idem*.

leituras de uma época, ao serem [re]visitadas permitem uma *encontro* consigo mesmo. Esse ato criador é definido por Bakhtin:

*A interpretação criadora* não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a *distância* do intérprete – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende interpretar de forma criadora. Isso porque o próprio homem não consegue perceber a verdade e assimilar integralmente sequer a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudariam; sua autêntica imagem externa só pode ser vista e interpretada por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras*.

No campo da cultura, a distância é alavanca mais poderosa da interpretação. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, por que virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura. Um sentido só revela as suas profundezas encontrando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro, do alheio, ou de modo criativo (é claro, desde que se trate de questões sérias, autênticas). Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente.<sup>137</sup>

Essa concepção bakhtiniana de “grande tempo” pode nos ajudar a compreender esses encontros, que ultrapassam os fechamentos da obra pela morte, ou pelas distâncias. Porque, no fundo, Ernani buscava respostas para as suas perguntas existenciais que lhe afligiam, e foi neste grande tempo que ele foi buscar respostas em Strindberg, Dostoievski, Gide, Nietzsche e, fundamentalmente, Kierkegaard. Como os encontros, momentos de diálogo cultural, com esses homens lhe foram determinantes, um outro encontro também lhe foi fundamental. Ao contrário dos outros, este último transcorreu contemporaneamente.

O Ernani estava a cursar a Faculdade [nos fala Puppi, em 1984] quando ocorreu de encontrar aquela com quem se casaria.

### **Foi um caso de amor fulminante, que duraria toda a vida**

A providência usou o sortilégio de Curitiba e fez com que encontrasse aqui a mulher, que lhe estava destinada, desde que nascera ela e desde que nascera ele. Assim, surpreendentemente, Ernani Reichmann concluiu o curso de Direito. E mais, concluiu o já casado (CSP5; CSP2, p. 429-430).

Ernani se casou com Annie Tempel em 21 de dezembro de 1943, em Curitiba. Filha do casal Johann Hermann Georg Tempel (1895-1962) e Carmen da Conceição Andrade (1898-1988), nasceu em Campos, no Rio de Janeiro em 9 de setembro de 1923. As circunstâncias desse encontro não são narradas por Ernani, mas é provável que a família Tempel residisse em

<sup>137</sup> *Ibid*, p. 18-19, itálicos do autor.

Curitiba, o que permitiu aos jovens se conhecerem nessa capital. Estranhamente encontramos uma passagem aqui, ou ali, que nos mostra um pouco dessa relação, mas em geral são passagens que mostram a questão do casamento ou os efeitos dele na vida de Ernani. Numerosas são as passagens de Puppi sobre esse encontro na vida do amigo. Daí privilegiarmos algumas passagens em que Puppi testemunha esse encontro, o noivado e, por fim, o casamento. A exceção são algumas passagens enigmáticas, que interpretei me apoiando na cronologia das cartas de Puppi, ou no que se evidencia em uma dessas passagens de Ernani. Como Puppi nos indica, foi um caso de amor fulminante, contudo havia uma predominância de sentimentos contraditórios – no caso de Ernani –, que torna ainda mais complexa a interpretação dessas passagens. A relação de Annie e Ernani parece arrebatadora, mas ele via nessa relação uma maneira de escapar da solidão que lhe era angustiante – pelo menos é esta a impressão que essas passagens transmitem.

No *Hic Fuit* há duas anotações enredadas, por estarem próximas e em um tom impessoal, não nos garante interpretação segura. Seguindo a cronologia dada por essas passagens, e não a ordem aleatória com que aparecem transcritas, proponho uma leitura cautelosa. É aceitável que Ernani tenha se encontrado pela primeira vez com Annie em maio de 1942, e noivado em julho do mesmo ano. A expressão “amor fulminante” que Puppi usa fica mais clara quando acompanhamos a linha de tempo. Após o primeiro encontro, com quase dois a três meses, seu amigo ficara noivo e, em dezembro do ano seguinte contrai matrimônio. A linha de tempo mostra o quão rápidas foram as preliminares que cumprem o rito social, para espanto até mesmo do melhor amigo de Ernani. Puppi não esconde a admiração, fato que fica visível na constatação dele: “surpreendentemente, Ernani Reichmann concluiu o curso de Direito. E mais, conclui-o já casado”!

A primeira passagem que cito dá a entender que ele se encontrou por acaso com Annie, mas perdeu-a de vista: “Depois de me perguntar, algumas vezes [titubeia Ernani]: Meu Deus, será que nunca mais a verei? Será que nunca mais a hei de encontrar? – eu ficava com medo e regressava” (HF1, 97, 45°). Provavelmente, regressa para si, ainda que o medo estivesse latente, afinal ele não podia saber com certeza naquele momento que a encontraria novamente.

Na segunda passagem percebemos que ele a encontra novamente, e não somente a encontra, como já vinham se vendo há cerca de um ano,

14/5/43 – de tarde: Eu ando triste. Muito triste. Faz um ano que ela chegou e, no entanto, eu continuo só. Bem só com a minha dor. Ela levou tudo o que eu tinha. Tudo o que me fazia triste. Tudo o que me desesperava. Agora o desespero é maior (não tem causa) e eu estou mais triste. O pouco de alegria que ela me deu, roubou-me outra vez. Só tu, meu caderno, continuas sentindo o que eu sinto. Lavando-te nas minhas



lágrimas. Ah! se eu pudesse pedir a ela (a ela que é toda eu) um pouquinho de mim mesmo para cobrir a minha nudez. Ah! se eu pudesse. Mas, que razões tenho eu para viver? Eu já não existo. Eu morri. Mas, eu queria ainda uma última vez, saber por que estou triste. – De noite: Fui vê-la. Sorria. Sorri, também. Mas eu não tinha o que dar. E como não posso pedir... (HF1, 97, 43°).

Ernani registra a passagem em seu caderno, o único que podia saber de seu estado de espírito naquele momento tão ambíguo para a sua vida. A tristeza era uma constante, a chegada de Annie podia ser um remédio para ele – suprimindo a carência e o isolamento em que se encontrava. Entretanto, o *problema* persiste. Na realidade a tristeza não é um problema que tenha remédio, no caso de Reichmann. A tristeza era sua maneira de existir, porém ele havia entregado tudo o que tinha a ela – como uma oblação de si. Ele não esconde seus sentimentos – ao menos, para o seu caderno e, consecutivamente nós –, são contraditórios e visivelmente desoladores. Mesmo diante da oferta, ele permanece no desespero e na tristeza. Ele parece acreditar que o encontro com Annie bastaria para colocar fim a essa condição existencial, ele realmente cria que a solidão e a carência se arrefeceriam. Certamente Ernani não atinava que essa era apenas uma das possibilidades, a realidade se mostra mais complexa do que podemos percebê-la, e isso vale também para as determinações e os afetos. O amor é esse sentimento confuso que nos dá alegria, e nos assalta a alegria que nos parecia gratuita. Somente na presença dela essas forças parecem se anular, Ernani aguarda ansioso a noite chegar para revê-la, ainda que não possa dar ou pedir, estar diante dela equilibrava exequivamente a equação.

A sensação de nudez é amenizada pelos sorrisos trocados, que se encontram. Ernani só não compreende a tristeza que persiste, “que razões tenho eu para viver? Eu já não existo. Eu morri”. A melancolia alcança sua exteriorização máxima. Os sentimentos deixam ele confuso, contraditório, inquieto e insatisfeito. No entanto encontrar-se com ela não deveria amenizar, acalmar e remediar todos os estados? A resposta poderia ser sim, mas amar outra pessoa pode ser essa mistura de sensações e sentimentos que mais assaltam do que restituem a saúde. Talvez seja significativa a passagem em que Puppi felicita o amigo pela ocasião do noivado, a carta é de 17-18 de julho de 1942

Quando ressuscitar [da letargia], irei levar o meu abraço para você [diz Puppi para Ernani]. Talvez seja de felicitações. Parece-me que quando um homem ama, os outros não podem deixar de se emocionar. Algo de extraordinário surgiu à superfície do planeta, no corpo de um homem. Vivem vida nova o sol e as estrelas... Afinal, confesso, estou a felicitá-lo, não fazendo votos para o futuro, mas saudando a “coisa nova” que aflora no presente. Porque energias enormes, talvez as maiores do homem, libertaram-se ao encontrar um objeto, ganharam vida, atingiram a plenitude. *Facta est lux* e o caos deixou de existir: as forças cósmicas libertaram-se da inércia e ordenaram-se em formas definidas e movimentos harmônicos. Veja você que a minha vontade é dizer que o amor é libertação e engrandecimento do homem, assunto descabido nesta carta. Pois você me participa o noivado, tão somente, e eu logo considero existentes

sentimentos como se estes fossem a causa necessária e suficiente do ato. Fique sem efeito o escrito.

[...] Um dia desses, li um conto do Machado: *Adão e Eva*, que você talvez conheça, num *Vamos ler*. Uma história, fonte de sugestões; há nele a fala da serpente ao seduzir Eva no Paraíso. Mas é tão pouco persuasiva a fala que Eva resiste. Pensando nisso resolvi endereçar para você um convite *ad immortalitatem*. Estive para escrever durante vários dias e agora que as conveniências me forçam a isso, aproveito e encaixo a receita: Componha a “fala” da serpente restaurando nela toda a arte de sedução que foi necessária para corromper uma criatura não acessível ao mal. Faça-a de tal modo que mesmo a mulher mais pura e mais prendada não possa resistir-lhe. Com tanta arte que ao lê-la toda a mulher sinta-se Eva, responsável pela sorte da humana gente, e sentindo-o, trema de terror e chore porque não pode fugir à fraqueza, não pode deixar de cair. Restaure a serpente, restaure Eva, restaure a fala. E esta receita de imortalidade que só agora segue – é o presente de noivado... (CSP2, 1)

Se acaso a felicitação não demonstrem a segurança de acreditar em um porvir, ao noivado do amigo, então a serpente alcança seu sucesso no laborioso encantamento do presente. Na carta de 1942, Clementino saúda o amigo no presente, porque seria difícil desejar-lhe sorte em um futuro tão longínquo que talvez jamais chegue a se concretizar. No memorial de 1984, Clementino tem que reconhecer que aquele “amor fulminante” havia durado uma vida, e certamente um além vida para Annie Tempel Reichmann.

É importante dar atenção aos valores culturais, casar-se na década de 1940, ainda seguia certa morosidade pautada pelos costumes e pela etiqueta. Certamente, chegava a ser ridículo, aos olhos do amigo, definir em tão pouco tempo algo que lhe conferia responsabilidades tão grandes – principalmente em meio à Faculdade e longe de seus familiares diretos. Talvez embutida na receita prescrita, haja uma mensagem subliminar ao amigo – no conto Adão e Eva, o protagonista é praticamente o terceiro excluído do silogismo aristotélico, sua posição é praticamente toda usurpada pela serpente (símbolo da ilusão). Dito isso, qual é a voz que precisa ser restituída? Se o sentido que proponho tenha sido cogitado, certamente a voz que apenas o caderno conhece, entende seus confusos sentimentos, deveria vir à tona. Antes de dar continuidade, acho imperativo aprofundar a *contradictio in adjecto* da atitude de Ernani no que diz respeito ao casamento.

Há outras passagens que imprimem certa profundidade a questão do casamento, a primeira está entre as transcrições que Ernani faz e dá origem ao *Hic Fuit*, a única indicação que ele nos dá é a que o título expressa, nesse caso “Os extremos”. A segunda passagem pertence a [auto]entrevista de 1967. E por fim, dou voz a Puppi, para que exteriorize o que ele pensou sobre os efeitos do casamento na vida do amigo. O roteiro que proponho é uma das possibilidades de interpretar a questão, outro bastante pertinente diz respeito ao impacto que a leitura de *Estética del matrimonio: carta a un joven esteta*, de Kierkegaard, vai repercutir sobre

*Fotografia 39 - Casamento de Annie Tempel e Ernani Reichmann  
Curitiba, 21 de dezembro de 1943*



FONTE: PDS, p. 635.

Aires em 1960. A edição de Ernani é toda permeada de marcas de leitura e com flechas assinalando passagens, bem como anotações que percorrem toda a leitura.<sup>138</sup>

A passagem denominada “Os extremos” exhibe certa dureza ao comparar atitudes para com o casamento. São chocantes algumas afirmações de Ernani, porém elas são mais bem interpretadas se suspendermos o juízo e compreendermos o peso de suas afirmações diante de um quadro geral

#### Os extremos

Kierkegaard não se casou. Eu me casei. Casado, posso fazer aquilo que Kierkegaard disse reiteradas vezes, mas que não fez: levar os extremos ao máximo de tensão, não chegando nunca à síntese. Os monges não se casavam. Lutero se casou. Kierkegaard não se casou. Eu me casei. Na verdade, não sinto esse estado de casado a que tanto, todos se referem. Não conheço esse estado. Talvez, porque mal participe da vida de minha família, fechado no meu quarto. A prova é que sou incapaz de apresentar a Annie como minha esposa, e nem de me referir a ela como “minha cara metade”, minha “patroa”, etc. terá alguém imaginado o que teria sucedido a Kierkegaard, se ele tivesse se casado? É o meu caso. Sou fiel a Kierkegaard. Mas também, sou fiel à Annie (que, por ser como é, permite que eu viva no meu mundo de sonhos, continuando a ver nela a noiva e a “protetora” – que guarda intrepidamente a minha porta). Uma pergunta: casado, teria Kierkegaard sido fiel a si mesmo (Hamlet, ato 1º, cena 3º)? Já que me referi a Kierkegaard, não tivesse morrido aos 43 anos de idade (pouco antes de completar os 43), ele não seria obrigado a viver, de qualquer modo, sobre os restos do que fora até essa vida? (HF1, 81).

A passagem que citei cria dificuldades que parecem insuperáveis e incontornáveis, me inquieta saber que provavelmente Annie tenha entrado em contato com ela senão em 1955, ao menos nos anos posteriores. Diante dessa intrincada elaboração, me pergunto qual explicação ele teria dado? Ernani reuniu em uma única anotação as partes extremas de uma dialética existencial, qual síntese ela poderia gerar? Em uma leitura rápida, podemos cometer o equívoco de acreditar que a condição de casado não lhe era satisfatória. No entanto, me parece que o ponto chave é outro, tanto é que Ernani se coloca na atitude oposta à de Kierkegaard. Kierkegaard como portador de uma tese, e ele – Ernani – no extremo oposto, representante da antítese. De maneira semelhante isso se processa com os monges e Lutero.

Ao estabelecer contrapontos talvez nunca cogitados, e com ousadia se colocar no centro dessas correlações, Ernani arrisca transmitir uma mensagem – e ser mal interpretado, certamente. Essas comparações exploram os limites e sentidos que o casamento tem para cada indivíduo ou coletivo. Ernani admite não sentir a aura de “casado”, principalmente aquela que

---

<sup>138</sup> Não seguirei esta última linha interpretativa, pois exigiria mudar a tática narrativa que adotei durante o trabalho, mas fica a sugestão leitor que deseje aprofundar essa questão. A edição de Ernani se encontra sob a curadoria da Divisão de Obras Raras e Especiais (DORE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A obra tem cerca de 90 páginas, cobertas com marcas de leitura e anotações diversas nas passagens. O consumo dessa obra é verificado página a página, nela ele utiliza um lápis de cor vermelha e caneta de cor igual – como se estivesse chamando a atenção não apenas para si, mas para os leitores futuros.

enleou Kierkegaard em sua obstinação a manter-se solteiro. Ele até se justifica, ao preferir o isolamento e a solidão de seu quarto, em detrimento do convívio familiar. No entanto Ernani admite-se seu oposto, havia se casado e isso contudo parecia não o ter mudado – da forma como Kierkegaard temia. Tanto isso é verdade, que ele não poderia apresentar Annie diferente do que Annie mesma. Ela era sua semelhante, não sua esposa, nem mesmo “sua cara metade”, sua “patroa”, etc.

Ernani era fiel à sua “noiva e “protetora”, assim como era fiel a Kierkegaard, porque fundamentalmente era fiel a si mesmo antes de qualquer fidelidade secundária. Logo, se Kierkegaard não tivesse morrido, teria ele conseguido ser fiel a si mesmo, sem recorrer a presença de sua amada? A ideia de que Ernani propõe o exercício, diz respeito a ótica limitada com que Kierkegaard via o casamento.

Arrisco-me ao interpretar, mas me parece que Ernani está a dizer que Kierkegaard poderia ter se casado, e nem por isso deixado de ser fiel a si mesmo. O que não poderia ter acontecido acaso ele não tivesse morrido, certamente os sentimentos e a presença de sua amada assaltariam ele de sua fidelidade. Para Ernani, Kierkegaard assume o pressuposto de que ao preservar seu ser e se mantivesse a certa distância dessa instituição, sacrificando-se em expiação e holocausto, aos olhos de Deus, ele alcançaria a dignidade de “cavaleiro da fé”. Alguns biógrafos e exegetas de Kierkegaard parecem concordar que ele acreditava que morreria muito cedo, sua vida era racionalizada com essa certeza. Superada a morte certa, será que ele conseguiria viver sem se voltar aos restos (ao passado)? Todas essas suposições são muito complexas e Ernani não é muito generoso com seu leitor, ele as dá como subentendidas.

Resumidamente, Ernani respeita o casamento como uma instituição e a fidelidade que sua aliança encerra – ao menos é o que notamos a partir de sua argumentação. Contudo ele não vê mudanças significativas que pudessem justificar a atitude de Kierkegaard para com o casamento. Aliás, ele não poderia tratar Annie de maneira diferente do que sua noiva e protetora, pois chamá-la de algo oposto a isso denotaria que ele era um “marido”. E ele não era um marido, pois não convivia da maneira que um marido deveria, já que seu tempo era na maior parte dedicado ao cultivo da solidão. Ernani não encerra essa questão, em outra passagem surgem novos elementos desta dialética. O título ilustra bem o equívoco de Kierkegaard, não era ele o holocausto, mas sim

Regina: Um Isaac a seu modo

Kierkegaard ficou no casamento, enquanto casamento. Não foi além. Não foi... não procurou superá-lo. Aceitou como problema de fé, o que não era problema de fé, o que era problema de amor. O problema não é o ter fé para casar com a certeza de

nunca perder na mulher, a noiva. O amor transfigura e faz com que continuemos a ver na mulher, a jovem que desposamos, sendo capazes de nos tornarmos santos, poetas ou heróis, por sua causa. Pela superação do casamento, Regina continuaria sendo Regina e não “frau” Kierkegaard. Se ele tivesse pensado apenas um momento em superar o casamento, tê-lo-ia conseguido. Mas, ele pensou no casamento como todos pensam. Todos os outros que ele diz pensarem na jovem que devem desposar. Superados os laços do casamento, este pode ser rompido sem mais. Daí o caráter trágico que assume. Terão sido bem poucos os que conseguiram essa superação do casamento. Não compreendemos o casamento como algo que tenha um fim em si, mas como “instrumento” para uma realização, que pode levar a Deus... Nietzsche morreu sem ter casado. Rilke separou-se de sua esposa, depois de casado. Dostoievski superou o casamento. Péguy merece um estudo à parte. Kierkegaard sacrificou sua noiva. Regina não era um Isaac a seu modo? Não fora ela que sofrera [...] com a prova? E não chegara a se casar com Schlegel. Kierkegaard, pensando no casamento enquanto casamento, voltou-se todo na direção da fé. Fé, no sentido, de que casando-se com Regina, não perderia na mulher, a noiva. Se ele, ao contrário, tivesse pensado em Regina, em termos de Regina, (e não em si, como Abraão, o pai da fé) teria casado com ela, sem que o casamento viesse a perturbá-lo, pela superação do casamento. Isaac e Regina, cada um foi vítima da prova a que o seu Abraão foi submetido (HF1, 120).

A imagem do casamento é outro motivo cronotópico na trajetória de Ernani. Como vimos, ficar no casamento e não ir além dele podia fazer do indivíduo um Abraão. Que estava a sacrificar o que mais sagrado lhe acontecia na vida. A ideia de superar a ótica kierkegaardiana do casamento permitia a ele novas relações, inclusive a de poder estar consigo mesmo em seu mundo de sonhos. Se Annie concordava com a ótica de Ernani, isso não fica claro. Certamente era uma tática para lidar com a vida de casado, e possibilitar que continuasse a estudar e escrever, aprofundando-se ainda mais em sua terra de ninguém. Ernani se coloca o seguinte:

- De onde tirou a disciplina para escrever?
- Do casamento. Antes de me casar, não passei de notas, apontamentos, pequenas coisas, em suma. A disciplina que o casamento impôs à minha vida, em certo sentido, valeu também neste caso (EINS, p. 244).

Há outros testemunhos que corroboram essa maneira de ver. Em uma carta sem data, possivelmente da década de 1960, Puppi explica que “paradoxalmente”, é depois de Ernani estar casado que “começa a se definir a busca dessa solidão, que iria se acentuar e se tornar uma constante. Bem casado estava e está até hoje, o que desvincula essa busca da solidão de qualquer nota comum com o que de imediato nos acode como sendo solidão” (CSP2, p. 430). E o mesmo assunto reaparece em 1984, no memorial ao amigo, “não tenho condições para precisar datas, mas me parece que é depois de casado que começa a escrever” (CSP5).

Estar casado, para Ernani, significava estar protegido. Sentir-se seguro e livre para se dedicar a solidão, não qualquer solidão. Essa solidão era a que nascia da disciplina do casamento, de poder sacrificar a si mesmo e não ao outro. Ernani sabia que podia se perder em seu mundo de sonhos, porque Annie estava ali, ele sentia sua presença e isso lhe confortava. Até o amigo percebia que a solidão não lhe era solidão comum, casamento não lhe era

casamento comum. Tudo ganhava novos contornos nessa ontologia particular. Sei que a reflexão proposta não é simples, apenas quis, sem esgotar o cronotopo do casamento, mostrar que ele, além de justificar certa maneira de ser, encontra ecos nos escritos e nas relações de sua rede de sociabilidade.

O ano de 1943 foi agitado, os preparativos do casamento e a euforia de reunir as famílias devem ter preenchido os dias de Ernani e Annie. O ano de 1944 não poderia ser diferente, começava com suas próprias expectativas. A carta precedente foi enviada provavelmente após

Puppi

É de manhã. A neblina fantasia tudo. Como sou feliz quando o dia amanhece assim! Sou capaz de tudo: sentir, viver, olhar as coisas outra vez. Há tanto tempo que abandonei tudo o que vai aí por fora, aí pela rua, além na mata com árvores de forma humana, na casa do guarda-chaves e a neblina põe em tudo uma cortina de sonho sonambúlico. É por isso que posso escrever, com calma, devagarinho, mas como sempre, sem pensar, unicamente sentindo o que vou escrevendo, sem ouvir o barulho infernal da máquina.

Foi assim: chovia e fui ficando triste (não sou triste). Me sentia à morte (era a morte que vem do pecado, não era aquele êxtase de Sparkenbroke). Me sentia à morte. Uma angústia foi nascendo, aumentando. Espalhou-se pelo corpo. Tive vômitos, espasmos. O corpo reagindo antes do espírito (é triste, não é?), cai ao chão. Sofri novos espasmos (não te preocupes, eu estava só), depois aceitei a morte e nessa aceitação o corpo foi mergulhando devagarinho e eu aceitei a morte, quando nasceu uma ideia luminosa: pedi um cavalo emprestado, com arreios e tudo, peguei uma capa muito grande (tenho uma capa igual à tua: esta capa foi necessária e como preciso dela ainda!). Montei e saí. Onde andei, aonde fui, o que fiz, nada disso gravei na memória. Vou sabendo agora: algum conhecido fala, às vezes, que me viu passar lá. Outro, em outro lugar. E isso me ficou como uma espécie de pasmo, o mesmo pasmo que sente a matéria na filosofia de Leibniz (uma espécie de pasmo, mas esse pasmo aumenta – é a morte que se clareia para mim – porque, eu me lembro, desde pequeno a morte veio sempre assim, nessa forma de desmaio, o limbo talvez, entre o céu e a terra, sentindo que em mim forças extraordinárias trabalhavam para me trazer de novo à tona). A escuridão aumenta o pasmo. Às vezes, no entanto, ganham nitidez milhares de colunas brancas reunidas em um campo enorme. Sou capaz de dizer então a forma de todas elas: um anjinho com cara de choro e outro dando “gargalhadas” (como sou feliz – gargalhadas é expressão do Pupo). Outro, ainda, com o sinal de um pênis muito grande, escondido sob aquela sainha de neve, uma cruz entrelaçada de espinhos. Passei a mão naqueles espinhos. Senti uma calma extraordinária, depois, chorei (chorei: me disseram que estava com cara de choro). Quando me dizem que chorei, qualquer coisa me dá gargalhadas. Olha, Puppi: eles se uniram contra mim vivem a dizer que estou fraco, que estou anêmico, que vou morrer tuberculoso (se continuo assim: eles não sabem dizer assim como e me dizem para deixar de estudar, se fosse estudar, quá, quá, quá...), mas não sabem que estou mais forte do que nunca, que não morrerei!

E que me importa, se eu morrer? A neblina continua. Ainda posso escrever. Hoje, vou sair. Rever os conhecidos. À merda todos os conhecidos! Não vou sair. Não quero ver ninguém. E pronto. Ainda um cheiro de vinho no ar. Não, não tem cheiro de vinho, nenhum. Queria ver como ficava um cheiro de vinho com uma manhã assim. Vou parar de escrever. Estou sentindo qualquer coisa. Tudo vai recomeçar. E é bom que recomeça. Muito bem! Ainda chegarei ao fundo de minha natureza. Ainda descobrirei o Ernani. Fui eu que provoquei. Não faz mal...



## Amigo vou ser pai. Mais um a me habitar

Mas ainda são poucos. Sou mais forte do que pensam. Do que todos juntos. Vou brincar de carrinho com o filho do guarda-chaves: isto, se ele topa. Se não topa, eu choro, bato o pé, faço tudo, até que ele me deixe (FA1, 1).

Meses após o casamento vem ao mundo o primeiro fruto dessa união. Ernani com seus 24 anos e Annie com 21, tornam-se pais de uma menina no dia 11 de setembro de 1944. Sua primeira filha recebe o nome de Isolda, o que denuncia de certa maneira a predileção do pai pela ópera composta entre 1857 e 1858, chamada *Tristão e Isolda* (1863). A ópera de Richard Wagner (1813-1883) baseava-se na lenda medieval do amor trágico entre um cavaleiro e a princesa irlandesa, existem muitas versões dessa lenda. A versão de Wagner enaltece o heroísmo romântico, a protagonista nessa lenda é Isolda que vai ao encontro do amado mesmo

ele já tendo perecido.

A longa carta que lemos, além de anunciar a graça da paternidade ao amigo, nos mostra o fluxo de consciência: instável, contraditório e melancólico do jovem pai. A neblina matinal possibilita a tolerância perfeita do barulho insurgente da máquina, sua parceira de composição. Se os vapores matinais lhe eram agradáveis para perambular pelas páginas em branco, Ernani imagina o quanto poderia ser agradável a neblina de vinho – catalisador divino. Tudo não passava de divagações, a loucura que lhe rendia repreensões familiares, chegava até ao amigo, provavelmente a uma distância segura do escritor em sua manifestação maravilhosa. Por de trás desta carta cambaleante, sofre sentimentalmente seu remetente. A carta é o veículo codificado simbolicamente, por meio de imagens bruxuleantes, da qual apenas seu destinatário pode decifrá-la. Precisamos de um esforço “Puppi” para extrair algum sentido, mas ele

Fotografia 40 - Isolda Reichmann (primeira filha)  
Curitiba, 07 de setembro de 1944



FONTE: PDS, p. 636.

Fotografia 41 - Brunilda Reichmann (segunda filha)  
Erechim, 23 de agosto de 1946



FONTE: PDS, p. 636.



existe – é necessário que nos familiarizemos com sua atmosfera.

A felicidade se confunde na agradável neblina, ela se dissipa e precipita com uma chuva de tristeza e melancolia. A morte ganha tempo, para que a cólera se instale e ocupe o espaço. A aceitação dessa presença que corrói os dias e maltrata o corpo, que não pode outra coisa, se não se dobrar e se contorcer. Subtrai ao indivíduo toda a lucidez, em um clarão que não permite na memória nada reter, nem distinguir. O pasmo da matéria diante do limbo e da escuridão às vezes ganha contornos e devolve-lhe a lucidez. Seu inconsciente está no comando, no campo aberto vislumbra o baile de colunas ambíguas de Rorschach. Embaralham-se os extremos: seu exterior chora, seu interior dá gargalhadas. E num súbito, da infâmia da morte encontra o ocaso da vida a lhe habitar.

Há uma exuberância de sentimentos, contraditórios e extremos, que atravessam Ernani. Assistimos até mesmo a somatização da melancolia em espasmos de cólera, a raiva se manifesta bem posterior. Diante do julgamento familiar, o diagnóstico de tuberculose ou de estudos exagerados parecem não o preocupar. Seus familiares desconhecem seu quadro, sua verdadeira natureza. Ernani é povoado, e agora compartilha com o amigo “mais um a me habitar”. Poderia se tratar de Isolda. Contudo, como a carta não tem data, e aleatoriamente abre a edição de *Folhas Azuis*, acho aceitável compreender – no sentido de abarcar – o nascimento também da sua segunda filha em 23 de agosto de 1946. A segunda filha do casal recebeu o nome de Brunilda. Nome retirado de uma das óperas de Wagner, do ciclo *O anel do Nibelungo*.<sup>139</sup> Conhecida na obra como *Brünhilde* ou *Sigrdrífa* (estimuladora da vitória), tanto Isolda como Brunilda são nomes do imaginário popular, lendas que revelam mulheres fortes e, possivelmente, redentoras.

Essas mulheres que se sacrificam, fornecem essencialmente amor inquestionável e incondicional; como tal, elas redimem e curam o homem de seu narcisismo, egocentrismo, solidão, isolamento, desejos, necessidades e anseios. Em última análise, os românticos alemães – e particularmente Wagner – acreditavam que o homem pode se esforçar por meio da arte ou da razão em direção a uma síntese da experiência humana, mas era o amor da mulher somente que o levaria a alcançar a

---

<sup>139</sup> WAGNER, R. *The ring of the Nibelung*, 2005, p. 21: “O propósito de Wagner não era dramatizar antigos mitos por si próprios, mas interpretar através de sua arte os elementos de seu significado que ele acreditava serem relevantes em seu próprio tempo. Como Wagner fez por Tannhäuser, Lohengrin, Tristão e Isolda e, posteriormente, Parsifal, ele vasculhou os poderosos mitos e lendas alemães em busca de fontes representacionais simbólicas para sua história do Anel, ideias que ele considerava profundamente enraizadas no inconsciente coletivo alemão. Ele iria reinterpretar e adaptar os mitos de acordo com suas próprias concepções e propósitos criativos, dando sentido quando pensava que faltava, ou modificando-os quando pareciam contraditórios. Em última análise, o Anel tornou-se uma síntese dramática da complexa mitologia do Norte da Europa. No entanto, Wagner modernizou os significados subjacentes dos mitos para refletir os destrutivos males sociais e políticos de sua sociedade contemporânea, males que ele esperava transformar por meio de uma nova ordem mundial governada por uma nova fé espiritual no amor e na compaixão”.

realização final da vida. Então, para Wagner, o amor incondicional e sacrifício da mulher tornou-se o ideal.<sup>140</sup>

Assim, Ernani vive cercado de três mulheres, que na maioria de seus escritos aparecem apenas como coadjuvantes. Aparecem menções a elas, em um número reduzido de passagens – até mesmo nas cartas ao amigo. No entanto, no cotidiano raramente retratado, elas concorriam para que ele encontrasse a síntese de sua experiência humana – ou, na impossibilidade de encontrá-la, oportunamente ele se servia de seus dons que redimem e curam o tolo homem. Essa condição menor que as mulheres da vida de Ernani ganham em seus escritos pode e deve ser problematizada. Contudo, nas cartas, ainda que suas presenças sejam notadas aqui e acolá, ela – a presença – é sempre silenciosa. Esses silêncios, certamente, demonstram que ele continua casado e sobre a máquina de escrever, no isolamento de seu quarto de estudos. Não importa onde, essa cena vai se repetir muito durante a vida de meu personagem.

Ernani jamais esconde sua ausência, ao menos para seus leitores ela é visível na materialidade de seus escritos. Enquanto ele se aprofundava em uma experiência ímpar, sua família vivia por ele. A ausência de sua família nos escritos, ainda mais se tratando de obras, em suma, de cunho autobiográfico, fala muito sobre o espaço em que sua escrita se desenvolve. Certamente não alcançamos pela leitura de seus escritos esse universo familiar que se constitui o privado. Ernani ata os extremos em si, o público (ou seja, o exterior) e a interioridade (ou seja, o interior, onde confluem o real e o imaginário, e formam quiasmas ou clivagens entre a ficção e a história). Em uma nota cujo título nos é esclarecedor, Ernani nos mostra o lugar onde o encontramos, por isso é um Divisor de águas (20.1.56): “De um lado, a filosofia. De outro, a poesia. E, entre os dois, um divisor de águas, uma terra de ninguém (que não é nem da filosofia nem da poesia) na qual “existo” (HF3, 12).

TERRA DE NINGUÉM - A terra de ninguém é o espaço que encontramos Ernani, e digo isso, porque pode nos ajudar a compreender o porquê de sua família raramente aparecer neste espaço. A terra de ninguém é um limbo onde o eu fragmentado de Ernani pode se expressar. E a expressão somente era possível porque na privacidade de seu lar suas heroínas podiam lhe liberar ao ócio da interioridade. Veja que ele, em alguns momentos, deixa transparecer a existência da privacidade doméstica, também avistamos a existência de uma intimidade higiênica, erótica, sexual ou conjugal. Contudo a privacidade/intimidade seguramente era o terço excluído dessa estranha dialética existencial, sem síntese que aproxima

---

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 28.

os extremos do público – de uma terra comunal<sup>141</sup> – à interioridade – de uma terra de ninguém<sup>142</sup>.

A ideia que Ernani lança, com o conceito de terra de ninguém, não é apenas um espaço, é também um tempo onde ele pode existir – seja como personagem ou identidade narrativa. Compreendo que ele está a nos mostrar que se trata de um *cronotopo*, onde ele pode dar vazão a determinados assuntos ou temas que são capitais em sua vida. Gradualmente este cronotopo vai se transformar em seu mundo interior, graças à solidão e aos encontros – principalmente com Kierkegaard. Logo, a terra de ninguém não é apenas um refúgio, ou um subterfúgio para não viver em família, mas para Ernani é o seu lugar, onde pode ser fiel a si mesmo, mais que em qualquer outro lugar. Me delongo nesta questão e a desenvolvo aqui porque Ernani tem duas filhas que careciam de sua atenção, sua família o protege e cede o tempo para que ele aprofunde sua experiência. Inevitavelmente, ele tinha que estar presente em algum destes lugares. Na condição de casado, com Annie Tempel, e pai de uma menininha de um ano, Isolda, Ernani e o amigo Puppi postulam o título de Bacharel em Direito em 26 de dezembro de 1945.

### **Estou em Campo Largo, sem saber por que...**

...mas me sinto tão à vontade que, nem ao menos, me preocupa a existência do menor problema. Os dias nascem plenos de sentidos. E eu disse ao Puppi: “Me sinto melhor aqui do que no Chapecó”. E o Chapecó significa muito para mim. É o Jules, a grande experiência de Jules marcando o meu mundo interior. Mesmo que eu venha a trabalhar, deveras, esta experiência não poderá se esvaír, porque existe, ao mesmo tempo, em mim, uma certeza (certeza que é plenitude, que é repouso). Não será esse, um estado de graça? Não terá o Puppi percebido esse fenômeno? Não significa isso, viver a sombra do Puppi? (HF1, 97, 41º).

Concluída a faculdade, é muito provável que Puppi tenha oferecido estadia em Campo Largo, onde morava com a família. Ernani não sabe o porquê, mas acaba aceitando a oferta. Por isso, os anos de 1946 e 1947 ele passa nesta cidade na região metropolitana sudeste de Curitiba, com sua família. Ele demonstra afeição pela vida naquela cidade, e impressionado admite ao amigo que a vida ali, era “melhor” do que em Chapecó. Ele confessa que a cidade catarinense era muito especial para ele, porque nela havia vivido uma epifania as margens do rio Uruguai,

---

<sup>141</sup> Acredito que o termo comunal, reflita melhor do que “comum”. As terras comunais em toda a sua conotação medieval, possibilita antever a negociação, o câmbio, as relações de hierarquia social, o reino da necessidade e, principalmente, a expropriação do trabalho em nome da subsistência.

<sup>142</sup> Me parece que essa concepção reichmanniana, tem muito a ver com a expressão *terra nullius* – expressão que deriva do direito romano da *res nullius* -, e significa terra que pertence a ninguém. Ela é um quiasma ou uma clivagem entre a intimidade e a privacidade, constitui-se uma espécie de limbo em que a tensão e o cruzamento entre literatura (poesia) e a filosofia. Contudo Ernani parece-me não a reivindicar o usucapião, não se trata de terra devoluta. É a terra em que ele simplesmente “existe”, fragmentado em encontros, personagens, identidades narrativas.

era Jules. A experiência de Jules. Puppi deve ter ficado contente pela notícia – afinal, ter seu amigo tão caro vivendo próximo oportunamente aumentaria as possibilidades de se encontrarem. Ernani explica sua decisão, de maneira mais extensiva, na carta seguinte,

Puppi

Quando iniciei aquela carta, hoje pela manhã, caía uma chuvinha miúda. O dia era tão triste. Depois, antes mesmo do almoço, vi o céu, não o céu como fim de uma ladeira, mas o céu em forma de cúpula. O céu em todos os lados. Seria esta a única diferença entre Erechim: Erechim sem especuladores, sem cabras, sem advogados – e Campo Largo. Diferença de ponto de observação, mais nada. As nuvens avançavam em formação cerrada, rareando à medida em que se aproximavam. Lembrei-me de uma vez que vi do avião as nuvens subindo os contrafortes da serra do mar e invadindo o planalto de santa Catarina. Que espetáculo extraordinário. Se o avião se despendesse naquele momento, não se poderia morrer com quadro mais “estupendo” diante dos olhos. Cansadas, depois, de vencerem o azul sem termo, as nuvens se fixaram, distantes uma das outras, como túmulos caiados de branco da solidão dos campos do Rio Grande.

“Agora que estão sempre juntos podem conversar à vontade.” Ao contrário, por esse mesmo motivo, conversamos menos do que antes, quando passávamos meses sem nos ver. Este fim de diálogo é uma explicação suficiente para a resolução que tomei nesta manhã triste de domingo e que a tarde pareceu coroar de êxito: continuar escrevendo meus bilhetes. Bilhetes azuis, brancos ou amarelos, como este de hoje. Escrever, comunicar, só isso importa.

Como vai mais longe o tempo em que escrevi isto (de acordo com a folhinha não são mais do que seis meses, mas para o meu mundo interior...): “Estou em Campo Largo, sem saber por que, mas me sinto tão bem que, nem ao menos, me preocupa a existência de qualquer pergunta. Os dias têm sido tão agradáveis (disponibilidade integral) que fui obrigado a dizer ao Puppi: ‘Me sinto melhor aqui do que em Chapecó’. E o Chapecó significa muito para mim. Jules, a grande experiência de Jules enchendo o vazio de meu mundo interior. Mesmo que pratique a advocacia, essa disponibilidade não poderá se esvaír, porque há, neste momento, em mim, uma calma tão suave e uma certeza tão grande de que começo. É quase impossível definir este estado de espírito se não quiser dizer que estou em estado de graça. Isso é tudo e explica tudo o que poderia ficar sem compreensão.”

Essa resolução que tomei, enquanto a chuvinha miúda caía lá fora significa muito, mas significa também “limitação”. E só posso pensar, cinco horas depois, que aceito essa limitação em todos os sentidos que ela possa ter, sem receio de perder a minha vida ou de perder a minha obra. Cada um é grande a seu modo. E, quem sabe, se não será este o meu modo? (FA1, 17).

A carta inicia com as condições meteorológicas e emocionais, na verdade essas são características distintivas das cartas de Ernani. Suas cartas acompanham o dia dele, e vão de um crepúsculo ao outro – isso significa que ele começava a batê-la pela manhã e não terminava, provavelmente retorna a elas nos momentos em que a reflexão e as emoções alcançaram seu estado de saturação máximo. As condições do tempo estão em um paralelo interessante com seu estado de espírito, a “chuvinha” está em paralelo com a “resolução” tomada. Ernani certamente se posiciona em sua mesa de trabalho, ao pé de uma janela, a luz natural que invade o quarto de estudos ilumina seu mundo interior. Para que o ambiente faça parte da carta, ele deve olhar o horizonte várias vezes, enquanto copia as passagens que corroboram seu fluxo de

pensamento. Suas cartas sempre revelam uma fisionomia que lhe é distintiva, garatujada com as variações cinza da melancolia.

LIMITAÇÃO - Ernani não sabe os motivos para estar em Campo Largo, ao invés de Erechim – ele não faz rodeios sobre isso, e nem oculta a busca por desculpas. Ponderar as diferenças é apenas um destas muitas desculpas que dá a si mesmo, a Puppi, e ao leitor. Um dos temas que a carta trata, após as primícias, poderiam ser tomadas pelo amigo como uma admoestação, pela ausência de notícias. Contudo, ele assume o imperativo de continuar a enviar “bilhetes”, as célebres folhas azuis, brancas ou amarelas, seja lá qual a cor, desde que o colóquio não pare. Ele assume esse imperativo de continuar escrevendo: “Escrever, comunicar, só isso importa”! Ernani chama esse imperativo de “resolução”, o que poderíamos entender como “decisão”, caso ele não apontasse que a sua resolução se fixa a partir de reações que ultrapassam a dimensão cognitiva e alcançam o nível fisiológico. De qualquer maneira, ele é categórico com a duração de seu regime da aceitação de sua *limitação*, cerca de cinco horas, no mínimo para poder “pensar” [respirar] novamente. Assim, a limitação deve funcionar sobre o organismo, da mesma maneira que atua em seu estado de espírito.

Outro dado importante que a carta nos mostra diz respeito às temporalidades que se emaranham. Ernani lamenta que já se passem seis meses, e a fala de Annie – “Agora que estão sempre juntos podem conversar à vontade” – não havia se concretizado! Aquilo era impensável de conceber, já que os dois moravam tão próximos – mas estavam tão distantes para se encontrarem. Soma a essa condição perceber que, se isso era exasperador, mais dramático era para seu mundo interior aquele precioso tempo que se esvaía. O que, nas entrelinhas, poderia ser encarado como preocupante, e até retificador das comparações entre Campo Largo – Chapecó – Erechim. Quase em tom de ameaça as entrelinhas gritam que aqueles dias agradáveis em Campo Largo permaneceriam de disponibilidade integral, caso Puppi preenchesse o vazio de seu mundo interior da mesma maneira que Jules havia feito com a sua “grande experiência”.

Olhando por este ângulo, fica em evidência o quanto Ernani era um amigo exigente, escrupuloso com a falta de atenção e auxílio. Quem sabe, a ótica que proponho ajude a ver por que ele não conseguia saber o que estava fazendo nessa cidade – quase tão Chapecó ou Erechim. Ernani tenta se convencer ainda que, mesmo que pratique direito ali, a disponibilidade não vai ser prejudicada – haja vista a calma suave que a vida se desenrola em Campo Largo. Não obstante, ele tinha “certeza tão grande de que começo”, começava a ver despontar propósitos ou razões que lhe davam lastro ao seu estado de espírito inquieto. A disponibilidade, a limitação, a resolução, só poderiam resultar na escrita, qual outra consequência poderia extrair dali? Uma outra passagem nos mostra Ernani ocluído, obscurecido, diante de algumas profecias

Ontem mesmo eu te falei que não escreverei antes dos 32 anos. Vou deixar tudo como está. O culpado disso talvez seja o “homem misterioso” (será que ele conhecia a tua carta:...sou para depois dos trinta e cinco?). ainda me lembro das palavras dele: “O senhor não tente nada antes dos 32. Fique onde está e não tome iniciativa alguma. O senhor terá muitas decepções com seus primeiros livros”. Essa última frase só foi dita, depois que eu lhe perguntei se venceria na “arte” (disse arte para simplificar as coisas, pois o homem não parecia lá muito arejado). Para ele, tudo se resumia no problema financeiro. Nem as linhas de minha mão, que não falam em “moeda”, fizeram com que ele visse o que realmente me preocupa. Quem sabe se eu não vim para Campo Largo para brincar com o homem misterioso? Só uma certeza eu tenho Puppi. Campo Largo me parece um retiro... não foi isso que eu disse ao Crespo? (HF1, 97, 73°).

Ele ainda tenta encontrar uma explicação para sua estada ali, não há como não reconhecer, em certa medida, as profecias poderiam estar corretas. Se para nós ele tem razão em desconfiar do “homem misterioso”, o que dizer da carta de Puppi? Será que a carta de que ele era para os 35, justifica o *Hic Fuit* apenas aparecer em 1955? A passagem é rica, apesar de nos mostrar as dúvidas de Ernani diante do adivinho, ao olhar a trajetória dele como leitores podemos perceber que essa meia verdade tem sua outra metade histórica a afirmar que sim, Ernani se irritou muitas vezes com suas primeiras publicações e que durante a vida toda teve que negociar as tiragens e custeá-las com os *escassos* recursos próprios.

É importante lembrar ainda que a primeira tradução que Ernani faz de Kierkegaard foi empreendida na *disponibilidade* que tinha em Campo Largo, bem como ao que tudo indica a escrita ou esboço de alguns dos Cadernos van der Lubbe, entre eles o *Jules* (1954). Ernani recorda em uma passagem que na casa em que viveu em Campo Largo traduziu o diário de 1834 de Kierkegaard, do alemão para o português. Contudo o diário somente vai ser publicado em 1955 – quase 10 anos mais tarde (cf. FA1, 46). Talvez Ernani não quisesse arriscar a profecia do “homem misterioso” ou a de seu melhor amigo. O que posso afirmar enquanto leitor e, consecutivamente, como pesquisador, é que os primeiros Cadernos que Ernani faz publicar, e na condição de editor, vão surgir em 1953 e autorais a partir de 1955 – mas essa é uma história para aprofundarmos mais à frente.

Ernani chegou a trabalhar como professor em um dos colégios confessionais da cidade, nele atuava nas disciplinas de matemática e inglês, enquanto Puppi lecionava latim e francês. Pelo que consta foi uma rápida experiência, mas que deixou sua marca nas memórias e nas cartas. A seguir cito uma carta de 04 de setembro, que narra fatos do dia do aniversário de 27 anos do personagem:

#### Os meus mortos (1947)

- Somos seres... Eu bem que poderia concluir essa frase. Era uma noite de serenata, suave como todas as noites de setembro. Só uma diferença havia: completara vinte e sete anos sem que isso importasse, no entanto, numa modificação qualquer em minha

pobre vida. Mas isso aconteceu ontem e me parece que foi há tanto tempo. Sentado no banco da praça que as magnólias sombreiam nas tardes ensolaradas de Campo Largo, eu deixava que a noite fosse varrendo as lembranças da mocidade, que morria lentamente. Ninguém mais se via nas ruas. Eu estava só e quando percebi a noite espreitando ali, entre os postes de luz elétrica, no vão das ruas, quando percebi a noite além, meu coração estremeceu, outra noite voltou e então... Quando eu me sentara no banco da praça só as lembranças do “presente” existiam e essas, mesmo assim, caíam ao longo dos meus vinte e sete anos, nos quais eu derramara toda a minha tristeza. Porque não dizê-lo: só aquele decifrar (não serão minhas lembranças a minha esfinge?) de lembranças me preocupava. Mas, quando senti a noite ao redor, meu coração estremeceu, outra noite voltou então... – Somos os seres a quem destes o sopro de vida. Eles não vieram todos juntos, embora trazidos pela lembrança daquela noite. Primeiro foi Luciano que desceu do círculo de luz de um poste de luz elétrica. Depois “o homem que vivia de restos”, que cruzou um canteiro de rosas fanadas. Depois Ivan, que saltou de uma magnólia. Depois Van Neutgen, depois... e, por último, o “afogado”, que começou a gritar no meio da praça: - aurora, aurora! Naquela noite, fora a última vez. Em meu quarto de pensão, à rua São Francisco, sentados na minha cama, na minha cadeira, na minha mesa, eles exigiam a sua “realização”. Era demais para mim aquele triste espetáculo. Pobres seres, a quem dei o sopro da vida! O que realmente me importa naquele momento era fugir. Mas fugir, como? Se eu teria que fugir de mim mesmo? E eu gritei desesperado: – Quem sois? (Eu bem que sabia). Eles responderam, todos de uma só vez: – Somos os seres a quem destes o sopro da vida. – Ah! mas que quereis (eu bem que sabia). – Viemos em busca de nossas realizações. Era demais e eu dei uma monstruosa gargalhada. Eles suplicaram: – Tende piedade de nós, senhor! Eu retruquei: – Meus cabelos são serpentes enrolando o ar. Eles voltaram a suplicar: – Senhor por piedade! Eu lhes respondi: – Meu coração secou no peito. Eles suplicaram pela terceira vez: – Senhor, piedade! Piedade, senhor! Assumi um ar de profunda gravidade. Eu também quis representar o meu papel. Abri a porta, apaguei a luz e invoquei a noite: – Oh! noite! Depois, mudando de tom: – Eles aqui estão. Leva-os contigo e minha alma será tua, para sempre, para sempre. Quando voltei a acender a luz, eles tinham desaparecido. Mas, enquanto permanecia sentado no banco da praça... (HF1, 87).

Essa longa anotação nos mostra um pouco do mundo interior de Ernani, como ele se manifestava. As noites de setembro eram para ele, justificadamente, sempre de serenata. Afinal, era o mês de seu natalício. Mas aquele era diferente, a *solitude* se desvela em meio à praça, lugar que em princípio deveria ser e ter público, simultaneamente à noite que cai, que era uma “noite suave”. Até ali nunca havia modificado sua vida, *pobre* vida mergulhada na tristeza. O exagero também é a sua marca, poderíamos nos perguntar por que pobre? Ele está a exigir pena de Puppi? Ou será que a reivindica junto a seu leitor? Uma coisa é certa, ele pode até pedir que sintamos algo, mas a sua vida não é pobre, e isso ele faz questão de mostrar em algumas linhas à frente.

Enquanto a noite avança, ela varre suas lembranças da mocidade. Estar ali, naquele banco de praça e sozinho, motivava-o a relembrar e decifrar suas lembranças. É interessante notar que não se trata apenas de memória propriamente dita, há um câmbio de representações ricamente elaboradas, como metamemórias – no sentido de Candau, pois elas definem identidades cujo sopro de vida Ernani havia dado. Esse processo de recordação, de decifração nos mostra que suas lembranças são esfinges que ele faz questão de enfrentar, ainda que o

coração lhe estremeça no peito. A noite desencadeia a chegada de uma noite que o espreita, e de outra noite. As noites se sobrepõem libertando os “seres” a quem ele havia dado seu sopro de vida. Mais tarde ele chamará estes seres de personagens falhados em contraposição aos personagens realizados. Nem todos conseguiram a piedade de seu “senhor”. Há um dilema que a gargalhada não pode esconder, ele também brinca de criador e criatura. Com a única diferença, ele é um senhor personagem – afinal, ele deixa-se encontrar e negociar sentidos.

Se a noite, aquela noite do quarto de pensão é que retorna, seu coração estremece diante da rebelião de seus seres, não lhe resta outra alternativa senão blefar, atuar, vestir o papel de criador diante da criatura. Com que direito seus seres reclamam dele a *realização*, talvez eles o espreitassem por conta da tamanha disponibilidade que Campo Largo representava em sua vida. Mas com que direito faziam isso, ele e somente ele podia conceder realização – a *determinação* era dele, naquele mundo ele podia decidir. Jamais aceitaria aquele motim, assim como no quarto da rua São Francisco não havia aceitado, porque ali naquele momento que era seu teria que aceitar. A noite é outro motivo cronotópico, ela surge e ressurgue mobilizando esfinges – ou lembranças –, trazendo da escuridão os seres, varrendo os mortos. Não deixa de ser em última análise, uma das manifestações da melancolia. Essa exigência de realização, decerto devia ser a ansiedade a lhe assaltar determinações, mas ele sabia quando seria a hora, a sua hora. Ele deveria mesmo ser para depois dos trinta e dois – segundo o “homem misterioso” –, ou para depois dos trinta e cinco – segundo a carta do amigo (Puppi) –, de qualquer modo, ele afugentava os seres com sua impiedade, os cabelos de serpente enrolando o ar – numa provável, referência ao mito de medusa –, ou com seu coração seco. Talvez essas maneiras de afugentar suas criações naquele dia eram uma forma de gargalhada monstruosa. Eles deviam o temer, e até tremer, mas ele as tinha gerado com seu elã vital.

A verdade é que todos os seres que ele cita, com exceção do afogado, ainda que personagens falhados (cf. HF1, 97, 24º), se realizam em algum momento nos anos posteriores. Luciano surge como o sexto *Caderno van der Lubbe* – publicado em 1981 (cf. VL6). O homem que vivia de restos, como esboços (cf. HF1, 104). São muitas as passagens dedicadas a Ivan, inclusive ele está presente no primeiro *Caderno Dissonanz*, de van Neutgen (cf. CD1; HF1, 50; 52; 97, 22º, 70º; HF2, 2). E, por fim, mas não menos importante, o ser que se metamorfoseará em personagem, de falhado a realizado, até ganhar registro de pseudônimo – enquanto, identidade narrativa e lugar de memória, pelo qual e pela qual, Ernani se manifesta como *souffleur* (o ponto, no teatro). Cabe ressaltar, que estou constantemente a adiantar informações, na realidade a análise ela segue as anotações que falam sempre de fatos passados. Esse emaranhamento de temporalidades, se dá de maneira vertiginosa e concomitante, porque é



quase impossível separar o tempo e o espaço. Minha tese é que esses cronotopos são autobiograficamente cingidos, separá-los além de ser uma impossibilidade lógica, danificaria a rede de encontros e sociabilidades inerente a própria narrativa. O que podemos fazer é apresentar esses momentos singulares, em que o cronotopo se evidencia, na dispersão de vozes e formas.<sup>143</sup>

### **Desenvolvo uma atividade extraordinária, sem me afetar naturalmente**

...Compro e vendo madeiras, etc. etc. etc. E aqueles poetinhas ridículos que morriam tuberculosos porque o pai mandava trabalhar. Fracos demais! Eu faço tudo. E continuo, como sempre, a não admitir a ação em minha vida “realmente” vivida” (FA1, 11).

Após os anos em Campo Largo, Ernani regressa ao seu lugar da infância. Em Erechim, ao lado dos familiares e sua família, vai trabalhar junto ao pai nos negócios de família. Afinal, era um advogado e economista, plenamente capacitado a atuar como administrador. Como ele mesmo nos fala, lá ao lado do pai ele vai desenvolver uma atividade “extraordinária”, sem afetar-lhe “naturalmente”. Mas será que ele terá a mesma disponibilidade, a qual gozava em Campo Largo? A princípio ele parece satisfeito em comprar e vender madeira, contudo aquela atividade persistiria até quando? Não lhe afetaria a natureza realmente? Ou tudo não passava de mais uma limitação? Devemos cuidar dos conceitos, o termo limitação tem sempre um caráter de assunção, decisão, autodeterminação. Aquela situação que lhe parece natural serve apenas para o deboche e o escárnio de todos os poetas românticos que se deixam esvaír por conta da vida boêmia e desregrada. Isso nos mostra o esforço quase hercúleo de estar ali onde seu pai lhe determinara, e resistir a não deixar perecer seu mundo interior.

Obviamente, a determinação já não lhe pesava de maneira tão fatalista quanto na juventude, mas de qualquer maneira ele está ali sob a garrida do pai. Dando provas ao amigo que continuava a “não admitir a ação” que desempenha, como uma ação que pese em sua “vida ‘realmente’ vivida”. Mas o que Ernani quer dizer com isso? É possível não deixar algo agir sobre a vida como um todo? Ele parece dizer que consegue viver duas vidas, uma externa que não exerce a menor influência sobre sua verdadeira vida, que se trata da interior. Ele ostenta para Puppi essa condição, que era impensável aos românticos. São passagens como essa que criam a ilusão que isso fosse possível, mas na prática é provável que fosse bem diferente.

---

<sup>143</sup> “Preciso falar contigo, sinto que estou melhorando, vivendo com essas duas criaturas: a Annie e a Isoldinha e a minha vida enorme que que tudo queria cobrir se encolhendo, com humildade e entusiasmo em busca de uma forma, ou não sei do quê” (Cf. FA1, 37, p. 64).

Aquela forma de vida, ainda que fosse bem administrada, esvairia por certo a disponibilidade que lhe era elementar para a manutenção de seu interior. Em uma passagem bem sugestiva Ernani, em tom de humor, esbanja o que realmente gostaria de fazer, contudo sua ação, da mesma maneira que a anterior, também não alcança o ideal de sua *vida*, realmente vivida:

Ontem, passei o dia jogando. Sentei-me numa mesa assim como Dostoievski está sentado na capa do “Diário de um escritor” e joguei oito horas seguidas. Então, criei todo um mundo que Dostoievski deveria ter crido enquanto... É mentira. Tudo é mentira. Bonitinha... bem bonitinha como esta letra que não é minha (FA1, 20).

O propósito até podia ser fabulação, mas sua intenção demonstra certa tensão na má-consciência que se expressa. Ele não podia deixar Puppi acreditar que em um fluxo único de pensamento, habilitasse um mundo que Dostoievski condicionalmente fez em vários. Ele estava ali naquela mesa, remoendo em seu interior as oito horas de ação que não podia admitir em sua “vida ‘realmente’ vivida”. Com certeza eram horas de sociabilidade, mas não de disponibilidade e limitação. Em outra passagem, falta-lhe a cerveja ou o vinho, que lhe regava a alma na anterior:

Eu sou capaz de viver como Nietzsche, como Kierkegaard, de escrever como Dostoievski. Mas, não quero que ninguém saiba disso. E, por isso, não escrevo, não vivo, sem que abandone, porém, meus exercícios de blefe. Um grande exercício é o poder, daí por que comecei a mandar. É claro que escondo o poder como gato esconde as unhas. Meu mundo interior, neste momento poderia divertir-te, tanto, tanto! E o filme não seria longo: uns quarenta e cinco minutos, nada mais (FA1, 46).

Imagino o rosto de Puppi ao ler essa passagem nas longas cartas de Ernani, na sobreposição de camadas de papel – ora branca, ora amarela, ou, ora azul. Sua fisionomia, já haveria se acostumado com os rompantes do amigo? Ou, ele disfarçadamente, esconderia o sorriso lisonjeiro? Ernani tinha aquilo que alguns contemporâneos chamam de ego de narciso, a sua autoconfiança não precisa ser insuflada, pois ele faz questão de pavonear em coreografias. Isso não significa que ele – Ernani – fosse um impostor! Leio passagens como anterior a contrapelo das eventualidades que ele enfrenta, e para ele as comparações e as gargalhadas servem para não acomodá-lo às determinações exteriores – esse era seu poder, resistir às pressões e as levianas sociabilidades que o convívio em Erechim lhe impunha.

Mais significativa é a próxima passagem, nela Ernani se despe do ego, e combalido confessa-se com o amigo: “Ando tão triste. Não quero andar triste: trabalhei, trabalhei muito hoje, carreguei tábuas com os trabalhadores da fábrica (é o único trabalho que suporto). Parecia muito alegre, mas eles sabiam que eu estava triste e a minha tristeza aumentou cada vez mais”. Essa confissão encarna a seriedade com que ele se entrega ao trabalho, junto ao pai. Contudo,

as coisas não são bem assim, no impulso de contar tudo ao amigo e nada esconder, ele retoma o raciocínio de onde paramos: “É mentira: eu não estava triste, quá, quá, quá.” Ele não poderia deixar de blefar, e eu de interromper a ilusão que ele cultivava, “Garanto que também pensaste que eu estava triste” (HF1, 12).

Lê esta carta de Erechim e avalia, por ti mesmo,

### **As contradições de um espírito atormentado**

...O que existirá de sincero nesta atitude? Só uma certeza tenho, – “Se fosses político, os homens te mandariam fuzilar”. Não te lembras destas palavras que me disseste há tanto, tanto tempo!

P. S.<sup>144</sup> Agora descobri que não se pode sobreviver, mas sim renascer, depois da guerra<sup>145</sup>. Que fazer, então? Lutar! Lutar pelos que estão mortos fora das páginas da história. E os heróis vivem comigo, no cheiro do cigarro que fumo durante as reuniões do partido. Todos os dias eu sinto que vens descendo a minha rua e me concentro para sair ao teu encontro. Agora estou livre, liberto. Agora eu posso tudo, agora eu sou tudo. Até o olhar da Brunilda. Puppi, as frases longas dos teus versos são o meu repouso. Me deito à sombra delas e fico perdido, descansando, esperando aquele dia em que te vi descendo a minha rua. Puppi, estou no p.r.p. (incluído na chapa de candidatos, com a vitória certa) e já tive que explicar o meu problema espiritual e usei a tua compreensão de mim, usei até as tuas palavras para me expor diante dos companheiros. Eu fiz isso, Puppi. E não sei como fui capaz de fazê-lo e como fiz. Agora que escrevo, tenho um soluço na garganta (não preciso dizer que eles nada ficaram sabendo do que tentei explicar). Às vezes, tenho medo de que voltarás triste de minha rua. Triste, sentindo que estás só e abandonado, e o Ernani? Meu cocarão arrebenta no peito. É tão tarde. Estou tão cansado. Mas continuo a lutar, a lutar pelos que estão mortos fora das páginas da história. (Estou ouvindo um tango que é teu “Mormaço” e não posso saber, não consigo saber o que existirá de sincero na minha atitude). Que tenho a ver com Plínio Salgado? Mas eu trabalho. E luto, luto pelos anticomunistas, motos fora das páginas da história! Vou preparar discursos agora, noite adentro porque sou o único intelectual do partido aqui. E, de madrugada, sairei a negócios e depois de amanhã, propaganda do programa. Assim vivo, Puppi, até quando, não sei (FA1, 43, 2)

Ernani trabalhava com o pai, e ao que nos indica acaba assumindo um papel dentro do recém-criado Partido de Representação Popular. Algumas fontes – carteira funcional, registros em Atas da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, vários discursos parlamentares – comprovam que ele realmente ingressou em 1949 como Deputado Estadual pelo PRP. Logo, deduzo que os compromissos que assumiu com a legenda e o alçaram como candidato se deram

---

<sup>144</sup> As letras “P. S.” se referem a nome Plínio Salgado (1895-1975), nasceu em São Bento do Sapucaí, São Paulo. A política o consagrou para a história nacional, como o criador da Ideologia Integralista. Contudo ele foi, também, escritor, jornalista e teólogo. Plínio era um político conservador brasileiro, que fundou e liderou a Ação Integralista Brasileira (AIB), que existiu de 1932 a 1937 quando foi extinta pelo Governo de Getúlio Vargas. A AIB, se apresentava no cenário político como um movimento ultranacionalista, corporativista, conservador e tradicionalista católico de extrema-direita. Inspirado pelo Fascismo Italiano, no Integralismo lusitano e na doutrina social da Igreja Católica, e tinham como símbolo o Sigma. Anos mais tarde, com redemocratização, retornam como partido político, o Partido de Representação Popular (PRP), também dirigido por Plínio Salgado – de 1945 a 1966.

<sup>145</sup> Em referência ao fim da 2ª Grande Guerra Mundial (1939-1945).

durante o ano de 1948. A carta de Ernani é um documento muito singular pela franqueza. Já no início podemos ouvi-lo dizer ao amigo campo-larguense que julgue suas contradições, elas são muitas.

Primeiro, nas linhas iniciais percebemos que ele acabava na política, mas não era de política, talvez isso justificasse seu fuzilamento. Como podia ele acabar naquela condição, o que Puppi não deveria pensar dele? Em segundo lugar, ele parece não estar totalmente convencido, mas ainda assim assume o discurso ideológico de Plínio Salgado, de renascer para lutar pelos que não estão nos livros de história. Mas assumir essa ideia não colocaria em risco sua sinceridade? Ele precisa que Puppi julgue sua atitude, e isso me parece ser um terceiro ponto. Ele tenta persuadir-se de que estava ao lado de heróis, que compartilham da mesma luta, contudo ele não parece estar à vontade nesse meio. O cheiro de cigarro, somente pode corroborar ou falsear essa hipótese. Em quarto, a alegria que ele poderia sentir caso seu amigo resolvesse lhe visitar ou – sutilmente, lhe cobra – que envie cartas, pois “as frases longas dos teus versos são o meu repouso”. Neste caso, ele poderia libertar-se e ser livre novamente. Ernani sente a falta dos encontros com o amigo, sua compreensão aclarava-lhe o espírito. Em quinto, ele tenta explicar seu problema espiritual, mas é claro que ele não obteria a mesma compreensão que Puppi tem, ainda que utilizasse as palavras do amigo. Ao fim da carta Ernani confessa ser o único intelectual, como esperar mais destes companheiros – com certeza saiu frustrado.

Ernani se questiona, e aguarda que seu amigo o ajude a descobrir em si, o que há de sinceridade em sua atitude? Essa era certamente uma questão desafiadora, talvez ali naquele grupo tão heterogêneo ele somente poderia recorrer ao blefe ou ao poder. Aliás, ele até se questiona, o que teria a ver com o ideólogo do Integralismo? Mas enfim, aquela era uma das maneiras dele exercitar sua sociabilidade, numa tentativa de escapar da garrida paterna.

Vale ainda ouvir algumas palavras do discurso que prepara, atendendo ao programa do partido. Ele indica ao início da carta a Puppi, que transcreve parte “de um discurso pronunciado de um palanque, armado na praça principal da cidade (Erechim)”:

Saindo da austeridade do meu quarto de estudo, abandonando a intimidade dos livros, transferindo encontros com homens extraordinários, venho em busca de um roteiro para a minha vida, ao amanhecer de um partido político que programa poucas ideias, mas ideias fundamentais, ideias que viviam comigo em meu isolamento voluntário, ideias que vivem em todos vós, reclamando a sua total realização exterior. Como um barco que aos alhores longínquos de uma aurora, cor de rosa e ouro, abandona a enseada de águas paradas, águas profundas para um cruzeiro de longa viagem (ventos adversos, borrascas e tempestades, ondas enormes, abismos de desespero e, finalmente, o sol a emergir do oceano...) assim, oriento a minha vida pública, conhecendo as dificuldades a vencer, os obstáculos a transpor, mas cheio de fé e de esperança, neste momento solene em que vos apresento as lições colhidas pelo meu espírito, no longo período de meditações e de recolhimento (HF1, 97, 20º).

A continuidade deste discurso já foi citada por mim, pois nesta passagem ele relembra a infância em Erechim. A passagem acima é bem sincera, e talvez sincera ao extremo. Haja vista que os eleitores não deviam estar familiarizados com um vocabulário tão arrojado, mas fundamentalmente, porque a estratégia adotada por Ernani elabora o seu trajeto até ali. Em suma, ele está a explicar seu problema espiritual pela segunda vez – e provavelmente fracassava como na reunião do partido. O meu argumento se reforça, porque no discurso ele não retoma a ideologia perrepista do renascer para a luta.<sup>146</sup> As palavras de Ernani, ainda que exibam os florilégios políticos, não faltam com a sinceridade: “nunca chegarei a ser nebuloso como pretendia”, afirma Ernani, contudo “a boa vontade é evidente”! (HF1, 97, 1º). Os passos seguintes conduzem-no ao exercício de homem público.

Em meio as atividades do partido e as obrigações para com o pai, Ernani ainda era marido e pai de duas meninas, Isolda com 4 anos e Brunilda com seus 2 anos. Tentava equilibrar suas atuações, o foro da vida privada e as vivências em seu mundo interior. Ele podia se orgulhar por romper com a austeridade, e ter dado os primeiros passos na direção de uma vida pública. Se o primeiro discurso foi em Erechim, certamente ele não esperava – ainda que imaginasse – que o próximo, seria feito na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

### **Quando lembrei sábado último, que entraria nesta casa...**

...senti ressurgir o velho sonho do menino e quase solicitei ao sr. Presidente uma banda de música, mesmo a pequenina “furiosa” que foi a alegria de meus oito anos, a fim de realizar, de uma vez, o sonho do menino que acaba de prestar o sagrado juramento que nos confirma no exercício do mandato.

Peço a benevolência dos nobres colegas para meu primeiro trabalho nesta Câmara. Peço também que perdoem minha falta de experiência parlamentar e a exposição rude de meu pensamento, em matéria complexa e difícil como essa de que tratei, quando se quer dar uma feição pessoal à compreensão do fenômeno político-doutrinário (DP1, p. 979).

Há um estado de euforia e ansiedade que não podem ser negados, ao mesmo tempo nuances de nostalgia se revelam e reforçam. O recém Deputado Corrêa Reichmann testemunha sua ansiedade, e confessa-a com uma franqueza que pode até assustar ou confirmar a sua inexperiência parlamentar. Contudo, não esconde sua intenção e objetivo: “dar uma feição pessoal à compreensão do fenômeno político-doutrinário”. É nessa condição personalíssima

---

<sup>146</sup> ANSART, P. *A gestão das paixões políticas*, 2019, p. 75: “O enquadramento emocional, constituindo-se em centro inevitável da economia afetiva, possibilita uma diversidade de leituras e, para cada polo, uma sucessão ilimitada de significados. O líder carismático é percebido como o primeiro agente da libertação, mas, como afirmam os discursos que acompanham sua ação, ele representa também a promessa de futuro, a dignidade redescoberta, o elo simbólico da unidade nacional”.

que seu discurso mescla e sobrepõe filosofia, literatura e política. Sem, contudo, esquecer da natureza autobiográfica que sua narrativa demonstra. Basta-nos recordar o sonho de infância, o coloninho sonhava ser herói. Sentimentalmente, ele lembra da execução do Cisne Branco – “quase solicitei ao sr. Presidente uma banda de música”. Inclusive reitera o ressurgimento do sonho infantil ao se ver tomar posse na Assembleia de seu mandato de deputado. Seria exagero ressuscitar “a pequenina ‘furiosa’ que foi a alegria de meus oito anos”, indaga ele ao presidente?

Para muitos colegas deputados, seu dramático discurso poderia ser a expressão do transbordar dos sentimentos. A realização de um sonho pueril, o que justificava seu recordatório em meio a sessão. As suas lembranças do passado encontravam seu termo ao comemorar a conquista ou realização. Assim, as lembranças emotivas reforçam o caráter personalista, pois Corrêa Reichmann dedica um grande espaço para as investidas autobiográficas e a elaboração pública de suas memórias. Outra divisa de seu discurso trata-se do ritualismo que transforma o ato cotidiano, revestindo-o de um imaginário sagrado e heroico – é perceptível a referência afetiva e exemplar, que colonizam o profano (“o *sonho do menino* que acaba de prestar o *sagrado* juramento que nos *confirma* no exercício do mandato”). O termo que enfatiza certas conexões é “confirma”, no sentido de haver – possivelmente – uma determinação ou destino, que ora se efetiva.

O pedido de benevolência aos colegas deputados, para que ponderem suas palavras, serve à sensibilização – mais do que à razão. Enquanto, por outro lado, mostra-nos algumas transformações no universo discursivo, que enfatizam modalidades pelas quais o sujeito consegue se dar um pouco de consciência. O sintoma mais relevante dessas transformações, visível nessas primeiras palavras de Corrêa Reichmann, demonstra como o “foro íntimo onde cada um procurava se retirar para existir e consistir é agora o fórum da pólis”. As memórias íntimas são partilhadas e, estrategicamente, devem atuar como mecanismos de alteridade e

Fotografia 42 - Documento de Identificação ALERS  
Deputado Estadual pelo PRP-RS (1949)



FONTE: PDS, p. 637.

Fotografia 43 - Documento de Identificação ALERS  
Deputado Estadual pelo PRP-RS (1954)



FONTE: PDS, p. 637.

empatia. Por isso, “a verdade do sujeito mudou de forma” e a “sua vida e seu ato autobiográfico tendem a constituí-lo com uma imagem que vive no e pelo olhar dos outros”, assevera Contardo Calligaris.<sup>147</sup>

Ernani prepara seus ouvintes se, por um lado, registra-se sua ansiedade e a inexperiência, por outro, assume que sua exposição não está imune à “rudeza” (sem contornos ou floreios) – mas, na realidade o que observamos é que Ernani incorpora essa persona, cujo status é outorgado no discurso, ele faz exatamente o oposto do que procura dizer. Sua mensagem ecoa, não é clara, apenas informa que apresentará a “complexidade” e as “dificuldades” de seu pensamento, notemos que não é diferente do que fez na primeira reunião do partido. Será que ali, ao discursar para outros políticos, obteria melhores resultados? Mas afinal, quem é Corrêa Reichmann? Que papel é esse que Ernani assume? Ao discursar naquele lugar, estaria a blefar ou, realmente, sendo sincero? Que tamanha petulância exhibe!

Para que dar a conhecer sua “orientação política e filosófica”? Por que insistir em explicar seu problema espiritual? Ou, fazer de sua tomada da palavra um *ato autobiográfico*? Que estranha estratégia pode dar baliza a lances tão incomuns? A quem interessa a exposição de suas complexidades e dificuldades? Quanta audácia, dizer que “quase” solicitou ao Sr. Presidente honras, sem antes dizer a que veio! Quanto sentimento de heroísmo insufla peitos altivos Rio Grande afora? Que autoconfiança não exhibe nosso Ernani, ao discursar de peito aberto, ali onde tantos já haviam discursado!

O discurso de Corrêa Reichmann se presta à identificação, justamente pelo seu particular ato autobiográfico. Sobre este ponto, Pierre Ansart, ao examinar as *Ideologias políticas e alteridade*, afirma que “as grandes ideologias políticas [...] são, em regra, consideradas exclusivamente como sistemas de ideias e de crenças”, no entanto essa tem se demonstrado ser uma compreensão muito “teórica”. Para Ansart, assim como para nós – e aqui me volto, principalmente, ao caso de *Corrêa Reichmann* –, as ideologias (ou, orientações) “também transmitem e comportam representações de caráter afetivo e emocional”, haja vista o “sonho do menino” de Erechim, ou melhor aquele que anseia por renascer para lutar pelos que não tem lugar nos livros de história.<sup>148</sup> É relevante retornar a Calligaris, pois se concordamos com Ansart que ao nível do “uso e consumo” das ideologias políticas – nesse caso estou pensando efetivamente, na sua filiação na esteira ideológica de Plínio Salgado –, percebo que não “são apenas sistemas intelectuais, mas conservam e transmitem um conjunto coerente de

---

<sup>147</sup> CALLIGARIS, C. *Verdades de autobiografias e diários íntimos*, 1998, p. 55.

<sup>148</sup> ANSART, P. *Ideologias políticas e alteridade*, 2009, p. 125.

representações significativas relativas a pessoas e grupos, às atitudes que lhes são convenientes, às relações positivas ou negativas que convêm com eles manter” – sempre pensando “o sistema socioafetivo que sustenta os julgamentos de valor e participa de seus efeitos de atração”.<sup>149</sup>

O discurso de Corrêa Reichmann é longo, e se já no início dele mobiliza mais os sentimentos do que a razão em seu decorrer, vai mesclar argutamente um sentido teleológico a sua trajetória. Sim, no discurso um outro ser ganha sopro de vida, as contradições desaparecem e o caminho se nivela, pois ao seu fim ele alcança o que desejava, estar ali. Contudo, a linearidade do discurso já demonstra de certa maneira que a construção racional que o mantém não é superior as emoções que se avolumam ou os afetos que desperta na plateia. Três figuras se tornam centrais, Dostoievski e Kierkegaard para invocar mais do que apenas a literatura e a filosofia, mostrar que eles o ajudaram a dar sentido a sua existência; e, por fim, Plínio Salgado aparece como fato desencadeador que agiu para catalisar uma trajetória sem grandes expectativas em um instrumento para a realização do programa do partido. Esse sentido instrumental, é didaticamente apresentado no discurso como uma lista de razões. Contudo, visa mobilizar os imaginários políticos<sup>150</sup>, a que reconheçam sua adequação as linhas do integralismo. Nesse sentido, Corrêa Reichmann, em seu discurso, elabora uma síntese autobiográfica do seu “pensamento e experiência”<sup>151</sup>

1º - Educação cristã, recebida no lar, na escola, na Igreja e sua repercussão no meio social. Como muito bem escreve Berdiaeff: “a religião não é assunto de caráter privado”.

2º - Infiltração de um credo político mais cedo ou mais tarde, mormente por causa da falta de cuidado com que os mais velhos comentam assuntos que não deveriam ser comentados na presença dos mais moços. A criança tem uma visão fantástica das

<sup>149</sup> *Idem*.

<sup>150</sup> ANSART, P. *A gestão das paixões políticas*, 2019, p. 75: “Os imaginários políticos, por sua riqueza e pelo jogo que possibilitam em relação à realidade, oferecem um campo privilegiado para as projeções fantasmáticas. A um só tempo, solicitam as projeções afetivas, as atualizam e são, eles mesmos, tecidos por elas. O herói, engajado na ação muito concreta de resistência contra a ordem estabelecida, torna-se o signo, também muito concreto, de reagrupamento e símbolo da esperança coletiva, sujeito de mobilização dos desejos de libertação; agente concreto e, simultaneamente, centro de uma variedade de projetos, sonhos e fantasias. A vida política se acompanha, em graus diversos, dessa criação de imaginários dos quais os desejos se nutrem”.

<sup>151</sup> SALGADO, P. *O integralismo e o partido de representação popular*, 27/10/1946: Há muita semelhança no que Corrêa Reichmann coloca, com “os ideais dos integralistas [que] conciliam-se com os do novo partido”. Ao compará-las, se pode perceber um esforço, para que a vida de Ernani se aproxime deste ideal: “1º - O Partido de Representação Popular é espiritualista e cristão; 2º - É baseado nas aspirações de liberdade humana decorrentes na crença em Deus e na imortalidade, liberdade e responsabilidade da alma humana; 3º - Objetiva a realização de uma democracia, não de palavras ou de predomínio dos mais fortes sobre os mais fracos, porém da verdadeira fraternidade; 4º - Proclama e sustenta o princípio da independência e soberania da Pátria, quer do ponto de vista político, como do econômico, do cultural, do moral e do espiritual, pelo que se insurge contra a dominação estrangeira, contra qualquer desses aspectos, repudiando as ideologias exóticas e o cosmopolitismo deformador; 5º - Quer um Brasil íntegro, territorial e moralmente, mantenedor de suas tradições dentro do qual exista a liberdade da pessoa humana, a autonomia dos municípios, o direito de propriedade, a justiça social propiciando os meios de todo trabalhador possuir bens garantidores da sua própria liberdade e da sua família, um Brasil, enfim, engrandecido pelo esforço de seus filhos e respeitado na ordem internacional”.



coisas que não pode compreender. Impressiona-a profundamente o modo pelo qual é conduzida a conversação.

3º - Desinteresse pelo fenômeno político quando chega a adolescência – trazendo consigo tantos problemas para serem resolvidos.

4º - Revolta religiosa que atinge a grande maioria, por motivos bons, justos, humanos, muitas vezes, outras por simples comodismo espiritual.

5º - Disponibilidade tendendo no sentido do sacrifício pelo povo, principalmente depois da descoberta do populismo de Dostoievski e do existencialismo cristão de Kierkegaard.

6º - Noção de responsabilidade e culpabilidade pelos atos praticados por todos os homens em todas as partes... sobre o assunto existe um belíssimo livro de Jaspers traduzido para o francês sob o título de “La culpabilité allemande” ...).

7º - E, finalmente, o encontro com a doutrina do Partido de Representação Popular, obra quase perfeita no complexo político-doutrinário nacional (DP1, p. 981).

Todas essas constatações que tomou da trajetória de Ernani são resumidas da seguinte maneira por Corrêa Reichmann:

O que disse até agora, principalmente o exposto nesta síntese tão singela, mostra como, partindo de uma educação cristã recebida na infância e orientando-me num populismo criador, eu teria que chegar onde cheguei sem que isso implique numa criação intelectual sem ressonâncias em meu espírito (DP1, p. 981).

O que estou a argumentar é que a segurança com que assume o discurso político na posse abandona “as contradições de um espírito atormentado” do princípio. O que torna relevante distinguir as personas: “Ernani” e “Corrêa Reichmann”. Suplementarmente ao discurso, do qual destaquei algumas passagens, cumpre notar que a roupagem teleológica que reveste a trajetória que lhe dá lastro tenta transferir o capital intelectual e existencial para marcar seu lugar no discurso. Isso quer dizer que, apesar dos apelos emocionais que despertam empatia, a trajetória de “Ernani” é estrategicamente utilizada para demonstrar capital cultural e existencial ao recém-confirmado Deputado Corrêa Reichmann. Este último podia não ter a mesma bagagem que os nobres colegas, mas certamente havia estudado antecipadamente como reverter a insuficiente escolarização que estigmatizava e rechaçava seus companheiros de partido – essa tese não é nova, mas no percurso de Ernani se comprova nas noites mal dormidas em que elaborava intelectualmente os discursos que lhe trariam capital social.

Enfatizei ao máximo a assimetria entre o Ernani – amigo de Puppi – e o Sr. Corrêa Reichmann – *nobre* Deputado Estadual –, porque entre as *Folhas Azuis* há uma carta que deixa esse cenário bastante interessante. Ela nos mostra um Ernani que resiste, precisa muito das linhas compridas do amigo para poder repousar e não se importa em gerar tensão. Lamenta pela aversão ao próprio nome, mas no fundo isso é revelador, pois nos mostra que o que está a lhe incomodar não é o nome, e sim a *persona* política associada a ele.

Ah! O meu estado de espírito. O estado de espírito de teu amigo Ernani. Não sei se chegaste algum dia a ter “horror” do próprio nome. É assim que ando. Quando ouço

pronunciarem meu nome, fico tão apavorado como se visse uma alma do outro mundo. Não sei ainda o que significa esse sentimento absurdo. A verdade, porém, é que alguma coisa “surtiu de novo” – coisa antes não conhecida. Se até gostava de ouvir pronunciarem o meu nome. Quando lia no começo de tuas cartas: “Ernani” ... Mas, não sei. Parece que ainda gostaria de ler o meu nome, como uma ponta de lança, no começo de uma carta tua, riscando no ar uma revelação. Só não concordo com o que vem depois: esse grito de guerra que me levou para dentro, bem para dentro, da política – “Corrêa Reichmann”, embora nele eu penetrasse (parece mentira) só com o prenome. Embora só o Ernani estivesse buscando um mistério que agora me aniquila sem trazer nenhum perfume esquisito de terras estranhas. Sórdida habilidade política! Jogo sutil de todos os artifícios! Uso continuado de todas as artimanhas possíveis! E depois, o hábito. As coisas continuam sempre as mesmas.

Foi com esse sentimento de “horror” de meu próprio nome que fui ao Chapecó, em busca de “Jules”. Cansado de ser correspondido neste jogo estúpido. De fazer dos homens tudo o que me parecia melhor (neste momento preparo uma grande surpresa: romper publicamente com a igreja e desfazer todo o resto. Meus pobres companheiros, qualquer coisa nasceu, qualquer coisa chamada carinho, etc.) “Vai ocupar o microfone neste momento o deputado Corrêa Reichmann, um dos grandes, etc.” Laços – doces e sórdidos laços. Os motoristas me prestaram uma homenagem (organizei o sindicato deles: votos) e eu contei aquela velha história: “Era uma vez um homem que não queria sentar praça na vida, um homem que queria viver fora dos limites de qualquer profissão. E esse homem” ... O último telegrama queria dizer que só a Europa ou Campo Largo para não sair nunca mais. O filho pródigo pode ser pródigo duas vezes. Se o irmão, o mais moço, se acomodou e o filho não virá nunca, o filho varão... que pode um homem senão escrever um ensaio? (FA1, 42).

Reitera-se aqui o problema do espírito, Ernani se dirige a Puppi informando-lhe seu estado. A pergunta que ele dirige ao amigo parece não ter sentido, como é possível reprovamos aquilo que nos individualiza e nos personaliza? Como pode Ernani sentir horror, ou pavor, de seu próprio nome? Ao escutar seu nome, surge um sentimento absurdo, que ele associa à experiência de ver uma alma de outro mundo. Até este ponto tudo permanece inexplicado e confuso, mas essa percepção se altera quando se coloca a identificar e a circunstanciar essa coisa que “surtiu de novo” – que corresponde ao seu estado de espírito.

“Ernani”, quando surge no cabeçalho de uma carta, assemelha-se a uma “ponta de lança” que direciona a sua atenção para algo que seu amigo lhe mostra: uma revelação. Há um deleite, porque Puppi é o protótipo de compreensão que ele anseia, o amigo é o modelo de leitor. Sua leitura *revela* o Ernani, que o próprio Ernani não conhecia – é a leitura do outro, que permite a nós, nos conhecermos, fazer uma imagem de nós mesmo, sem a qual perderíamos uma parte muito importante de nós. Logo, ouvir “Ernani” era infinitamente mais agradável do que o “Corrêa Reichmann” que se colocava. Pois o primeiro, no seu acabamento, é eternamente aberto a novas interpretações – algo irresoluto por natureza. Já o segundo é um “efetivo”, que o imobiliza em uma relação unilateral, hierárquica. Um nome de guerra a marchar-lhe um posto avançado, como uma individuação estabelecida por uma instituição de poder. Essa instituição,

provavelmente o PRP, que promovia o “grito de guerra”<sup>152</sup> que o levou para dentro, bem para dentro, da política – era esse “Corrêa Reichmann”, que lhe parecia uma alma de outro mundo, e lhe despertava o sentimento absurdo de pavor e horror.

Para compreender essa complexa passagem, me sirvo mais uma vez de Bakhtin. A carta, ao ser analisada à luz do conceito bakhtiniano de *exotopia*, revela esse dialogismo de personas que há pouco me referia. Esse conceito chama a atenção para “o fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência ver a outra como um todo acabado, o que ela não pode fazer consigo mesma”.<sup>153</sup> Essa estranha propriedade se manifesta na [re]flexão de identidades no espelho da representação. Essa ideia não é nova, vários estudos epistolares identificam na correspondência a esse espelho em que o eu se reflete, ou a carta como espelho da alma.<sup>154</sup> Coloco em evidência a passagem em que as consciências se revelam, e os limites se desfocam:

Só não concordo com o que vem depois: esse grito de guerra que me levou para dentro, bem para dentro, da política – “Corrêa Reichmann”, embora nele eu penetrasse (parece mentira) só com o prenome. Embora só o Ernani estivesse buscando um mistério que agora me aniquila sem trazer nenhum perfume esquisito de terras estranhas.

A voz do eu-epistológrafo dialoga com Puppi sobre o “Ernani” que buscava um mistério, contudo encontra um “Corrêa Reichmann” que o aniquila. O eu-epistológrafo explica que não entrou como um “Corrêa Reichmann”, mas como um “Ernani” na política. E, ao fim e ao cabo, vive o horror ao próprio nome. Sem mistério, sem perfume, somente um “grito de guerra” que lhe arrastava para a política. Essa habilidade sórdida, jogo de artifícios, uso contínuo de artimanhas, hábito repulsivo que permanece tudo o mesmo, e prolifera laços amargos de dívida. Qualquer favor, seja o menor, é medido pelo computo de votos e não pela sinceridade. Avançando na parte da carta que não citei, ele ainda emenda: “e eu, Ernani, revelei a Jules o Corrêa Reichmann, que, me ‘horroriza’ até a medula dos ossos” (FA1, 42). Além da exotopia, inclui-se nesta última passagem “Jules”, identidade narrativa que nasce do quiasma

<sup>152</sup> Aqui desponta certamente a referência às primeiras reuniões do partido. A ideia de renascer para a luta, defender aqueles que não são representados pela história – essencialmente, os anticomunistas! Se o leitor recordar, havia um mal-estar implícito nas linhas de Ernani ao se referir a essas reuniões – o cheiro de cigarro (quem sente esse tipo de cheiro, fica de estômago embrulhado, com mal estar).

<sup>153</sup> TEZZA, c. *Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura*, 2007, p. 239.

<sup>154</sup> Cf. DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*, 2016, p. 163: “O destinatário da carta ocupa uma função cardeal, não apenas como motor da escrita – sem o que a carta não aconteceria –, mas também em razão da profundidade de focos que abre ao olhar do epistológrafo sobre si mesmo”. HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*, 2016, p. 143: “a imagem que faz da carta um ‘espelho da alma’ provém da mais antiga retórica. Presente na segunda epístola de Paulo aos Coríntios, foi amplamente usada na literatura patrística. Encontramo-la em Paulino de Nole, que afirma: *sermo enim viri mentis speculum* (‘as palavras de um homem são o verdadeiro espelho de seu espírito’).”

entre o *real* Jules (história: fato) e a personagem Jules (literatura: ficção). Espero que o leitor não tenha se perdido, pois *Jules* é também o título do 4º Caderno van der Lubbe – publicado em 1954. A nebulosa relação de nomes e identidades mereceria um estudo de antroponímia mais detalhado – pois aqui apenas conseguirei apresentar alguns das muitas identidades que povoam os escritos do ortônimo (nome completo, nome civil).

A Europa e Campo Largo têm conotações salvíficas, suas menções não são aleatórias. Pois na primeira está Kierkegaard à sua espera e, na segunda, está seu amigo, Puppi – e a disponibilidade *ideal* que seu espírito necessita para ampliar seu mundo interior, além claro dos encontros agendados. A renúncia da imposição paterna na imagem do filho pródigo, ou a aparente acomodação do irmão caçula, ou a irrealização do filho homem, ganham ares de justificação, reparação. Bem valeria ser pródigo, pela segunda vez, e ir de encontro com a sua vontade. A passagem final é rica de sentidos, todas as cartas trocadas com Puppi assemelham-se entre si, nos mostram temas entrecortados – é óbvio que nem tudo é inteligível.

A carta anterior já demonstra certa inquietação, melancolia e até desespero – fica visível que o epistológrafo já demonstra certo desgaste a corroer seu melhor, não sabe até quando vai a carreira de “Corrêa Reichmann”. Em outra carta, carta “à-toa”, insinuam-se as contradições, novamente Puppi é convocado a avaliar. Ernani necessita de seu “excedente de olhar”, para que possa ter uma visão completa de si:

Hoje é um grande dia. Comprei uma escrivãzinha século XIX, falta ainda a máquina de escrever, mas não faz mal. Os livros estão alinhados em coluna [um] por um: os ensaios à minha direita (sinto falta enorme da tua compreensão), os romances na minha frente, a filosofia bem alto onde meu olhar não alcança. Goethe e Schiller no canto e Vieira imponente em sua batina de luxo (FA1, 43, 3).

Ainda que uma mesa, uma máquina nova, um posto conquistado fossem tudo, aquilo era de longe o *seu* tudo. Os livros, os ensaios: a filosofia distante de seu olhar – melhor assim, ele podia perder-se nela, e não mais se achar. Seria clichê dizer, “longe dos olhos, perto do coração”. Os romances, sempre próximos – para seu deleite, encontrar, encontrar-se sempre que possível. Provavelmente à esquerda, seus encontros no século, todos agendados, aguardando seu momento: Goethe, Schiller, Vieira – a programação do Deputado lhe amputaria aqueles importantes encontros? Deixo as suposições de lado, é inegável que nos extremos tudo se conecta e passa por ele, o eu biográfico. Contudo, ele carecia da “compreensão” do amigo a ocupar sua direita – posição afetiva e de destaque –, oposta diametralmente aos encontros que sem a super-visão de Puppi, apenas não passariam de audiências públicas com o *nobre* Deputado.

O eu biográfico dá provas de descuido para consigo, confessa: “aumentei cinco quilos de peso”, e além disso, “durmo com um livro nas mãos”! E, continua, “a consciência anda desperta e eu choro às vezes, às escondidas”. Ele lamenta que até seu elã se desfaz, em meio àquele exaurimento de forças: “Vê, Puppi, até meu estilo desapareceu e deu lugar a isto que sou hoje; nada, talvez um ser que perdeu a própria saudade do que foi, que não tem nada no mundo (da vida que ele queria criar) a não ser a tua esperança” (FA1, 43, 3). Depositar sua esperança em Puppi significa muito para Ernani. São passagens como essas que vemos, o quanto essa relação epistolar significava para ele. Se o leitor me permitir, farei a citação de uma passagem de alguns anos mais tarde, de valor semelhante. Olhar essa relação mais madura ajuda-nos a exercitar a alteridade e nos vemos do outro lado, principalmente na carne daquele que escreve incessantemente ao amigo e não obtém respostas. A esperança é a única coisa que esse sujeito epistolar, que sofre e pleiteia atenção, tem para resistir:

É tremendamente duro, Puppi, ir para a frente só, completamente só, com a morte rondando a gente. Se soubesses como o teu silêncio se cumplicia contra mim e como eu preciso que digas, ao menos, que – quando eu cair – continuarás esta revista, que é mais tua do que minha. A tua falta é para mim como a falta do álcool no corpo combalido. Quando bebo um pouco, sinto coisas esquisitas: as consequências são desastrosas, no momento. Fazem bem, depois! (FA1, 64).

A vida e a trajetória de Puppi provavelmente afastavam-no de manter uma frequência aceitável ao amigo. Ernani neste momento tenta melhorar essa condição, ao tentar desenvolver em parceria com Puppi um projeto comum, todavia logo se desespera pela falta de suas palavras de continuidade. A única esperança que ele tem é que o amigo continuará o projeto caso ele venha a faltar. Essa estratégia de comoção é amplamente utilizada por ele, no fundo ele não aceitava o silêncio e a ausência. Fato semelhante ao que observamos na passagem anterior, ele usa a condição física e as debilidades do epistológrafo para comover e obter alguma empatia que rompa com o silêncio.

Concomitante, poderíamos nos perguntar onde está sua família? É forçoso reconhecer que Annie e suas filhas deviam estar em Erechim! Sua família estava certamente em Erechim, amparada por seus pais e irmãos, enquanto ele desempenhava ali o “sagrado ofício” que seus eleitores o confirmaram para levar adiante. Na casa, ele recorda, vivia com a Annie e “com os livros e com meus sonhos, onde a Isoldinha aprendeu a andar e onde Brunilda nasceu” (cf. FA1, 16). São pouquíssimas as passagens como essa, que acabo de transcrever. Raramente ele nos mostra seu foro privado, mais numerosas neste período, de 1949 a 1952, são as passagens de esperança que lamentam a falta do querido amigo, e reclamam sua intervenção compreensiva em sua vida. Ele começava a se desvencilhar da ideia de continuar no PRP, por algum motivo

os registros que poderiam nos mostrar o desempenho político de Corrêa Reichmann são escassos. Até a minha primeira visita em 2017 ao Memorial do Legislativo, no Rio Grande do Sul, ainda não havia nenhuma linha de tempo que o incluía como pertencente a história dessa instituição. Foram várias as visitas físicas e on-line para obter discursos e documentos que me servissem ao confronto de versões.

Hoje essa linha do tempo é um pouco mais completa, pois ao lado de Corrêa Reichmann havia uma pequena bancada de quatro membros do partido de Plínio Salgado. Em geral os membros do partido tinham pouca instrução formal – casos como o de Corrêa Reichmann são uma exceção. Entre os documentos localizados há uma carteira oficial da Assembleia Legislativa é de 30 de maio de 1949, a qual o confirma como 1º secretário. E, outra mais tardia, a qual ele assina já como diretor geral e data de 1º de setembro de 1954. Além disso, a pesquisa interna, do próprio Memorial, mostrou-me que ele atuou como relator de duas CPIs e conduziu alguns trabalhos da casa. Esses dados são significativos, contudo apenas corroboram boa parte do que é possível ser encontrado como vestígios nas cartas. A preocupação do epistológrafo não era comunicar a atuação de Corrêa Reichmann, se fui bem-sucedido até aqui, o que ele nos revelou foram as contradições que vivia um Ernani que ansiava por descobertas e transformações, que certamente a vida como político não poderia lhe dar.

É nesse ínterim que ele anuncia ao amigo, em uma carta que transparece sua irritação ao se referir a Porto Alegre como “cidade imunda”! E confessa sua inabilidade para continuar blefando sobre a suas crenças religiosas. Ademais, deixa transparecer que a satisfação do pai e de sua mãe começam a lhe preocupar – receio, talvez, de futuras determinações.

Ah! eu queria dançar uma valsa, uma valsa, meu Deus! Que não terminasse nunca, em rodopios sobre esta cidade imunda, dando gargalhadas para teu amigo Ernani, que fosse... que fosse ao inferno pelo azul do céu assim, quem sabe? Quem sabe se meu tormento não diminuiria um pouco? Não. Eu preciso sofrer, sofrer muito. Preciso apreender a temer o inferno (se o “Desesperado”<sup>155</sup> sofreu tanto – eu, o que não mereço, meu Deus!?) mais irei ao inferno e não permitirei que me chamem duas vezes,

---

<sup>155</sup> FARIA, O. *Léon Bloy*, 1968, p. 272-275: Léon Bloy (1846-1917) nasceu em Périgueux, sudoeste da França, renomado escritor e polemista. Já na adolescência revelou grande talento como escritor, contudo seu pai proibiu de seguir por este caminho. Em 1864 seu pai lhe arruma um emprego em Paris, no escritório do arquiteto-chefe da Companhia Ferroviária de Orleans. Em 1869, bastante influenciado pelo escritor Jules Barbey d'Aurevilly (1808-1889), se converteu ao catolicismo. Ele, a mulher e os filhos viveram constantemente na miséria – seus livros vendiam pouco e a imprensa não lhe dava espaço. Aos poucos, foi sendo reconhecido por outros artistas e intelectuais da época, como os escritores Ernest Hello (1828-1885) e Georges Bernanos (1888-1948). Em 1886 conclui sua principal obra, *Le Désespéré*, inspirada em grande parte em seu relacionamento com Anne-Marie Roulé. Devido ao receio da editora, o romance só é publicado em 1887, e tal qual seus livros anteriores, é praticamente ignorado. Seu estilo hiperbólico e agressivo explica em grande parte seu fracasso, mas dá a sua obra um brilho, força e humor únicos. Por tudo isso, a inspiração de Bloy é acima de tudo religiosa, marcada pela busca de um absoluto oculto além das aparências históricas. Sua obra compreende mais de quarenta volumes; destacam-se A salvação pelos judeus, A mulher pobre, Exegese dos lugares-comuns e As últimas colunas da Igreja, além da série de diários escritos de 1892 a 1917.

lálá lálá lálá! Lálá lálá, oiio, que valsa? Puppi. (Ei, Satanás, palpável, que tal essa valsa lá no teu forno com um cheirinho de carne assada?!). Será que sou culpado, se meu pai está contente, se minha mãe já se anima a me dar conselhos? Ah! meu Deus! Por que esta vida (já ando dizendo aos populistas que sou cristão – que farsa – deixarei o p.r.p.) por que continuar sangrando, o coração secando, quando esta valsa... Ah! esta valsa, por que esta valsa? (FA1, 43, 3).

O trecho da carta que reproduzi mais uma vez repete a mesma hostilidade contra o “Ernani” que se meteu na política. O epistológrafo prefere dançar sua valsa até no inferno, a dançá-la naquela cidade imunda. A permanecer naquele partido, que lhe obrigava a faltar com a verdade para consigo mesmo. Isso confirma-nos seu desencanto com aquela vida, para Ernani presumidamente aquela não podia ser uma vida nos parâmetros que dela ele faz. Contudo, ele faz lances no jogo, atua de qualquer forma. Interior e exterior podiam não estar em sintonia, nem por isso deixou de criar um mundo interior em que podia lamentar e ter esperanças. Em suma, ele vive. Poderiam julgar que essa vida exterior era administrada por procuração, para manter as aparências, não obstante me parece ser insensato pensar dessa maneira, porque ele havia ingressado por livre consentimento, “Ernani” é o ortônimo que assina os documentos da assembleia e visita sua base eleitoral – seja para atender a pedidos de eleitores, de seus familiares e família. Ele é múltiplo, mas oficiosamente responde por todos.

“Corrêa Reichmann” lhe horroriza até os ossos, e “Ernani” que vá para o inferno, mas o ortônimo permanece aquele eu biográfico ao qual me volto. Para lembrar que por traz da aparente fragilidade interior e das muitas resistências, há um sujeito que diante das determinações e limitações é atuante. Ele assume papéis e joga, com a margem de manobra que lhe cabe. Escrever cartas é também uma maneira de atuar. Seu atuar não revela algo fundamental ou essencial à estrutura da sociedade, por outro lado mostra-me um sujeito não imune a tensões, permeado de contradições – que de certa maneira obrigam-lhe a dialogar com suas várias faces para continuar sua experiência.

Nesse sentido, acho renovador para a nossa discussão, quando a historiadora Sabina Loriga alcança a ideia de *biografia coral*.<sup>156</sup> Ela transita com destreza por “três projetos biográficos *fortes*” – o homem como herói, o homem patológico, e o homem-partícula – para, em termos historiográficos, alcançar um tipo biográfico, que a meu ver favorece reconstruir esse eu que se revela em uma pluralidade de vozes e formas narrativas, conflitos e

---

<sup>156</sup> LORIGA, S. *A biografia como problema*, 1998, p. 249: “A biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. DOSSE, F. *O desafio biográfico*, 2009, p. 257-258: “Sabina Loriga defende o ponto de vista da pluralidade na biografia, sugerindo uma metáfora para evitar a biografia heroica em seu caráter linear, a da ‘biografia coral’ [...]. ‘O discurso histórico tende a excluir o singular e a perceber o indivíduo apenas como representante de uma categoria (social ou cultural)’.”

potencialidades. Sua vida singular se apresenta como elemento de tensão, de contradição, apesar dos esforços de criar uma vida artificialmente aceitável, ele permanece particular e fragmentado. Esse eu biográfico que tentei até aqui circunstanciar se apresenta como um *eu autobiográfico* – dada as suas preferências pela carta, enquanto meio privilegiado de expressão – *coral* – porque são muitas as vozes e formas dialógicas. Escolhi este ponto para discutir essa concepção biográfica, para demonstrar que nem todo sujeito histórico que atua na vida pública tem um projeto político claro, há um jogo teatral que nem todos estão dispostos a realizar. Esse enxerto biográfico testemunha uma versão, própria e concreta, distinta daqueles perfis políticos que povoam as muitas análises seriais. Por outro lado, nos mostra como determinadas ideologias parecem na superfície funcionar como elemento de identificação, contudo em seus níveis mais profundos essa identificação revela-se ilusória – entra em curto-circuito, com os valores próprios e culturais. Para alcançar certo patamar, cito uma dessas formas corais, que o eu autobiográfico se manifesta:

Sonata ao luar

Beethoven  
Uma tarde azul  
na varanda  
E o infinito  
além  
muito além do horizonte  
onde nasceu a lenda  
de um pobre poeta solitário  
de um pobre e incompreendido poeta  
solitário

Este poema vale por todo tempo perdido na tribuna da Assembleia Legislativa. Escrevi uma carta que deve andar esquecida nalgum bolso. Minha família me deu uma roupa, com a alegação de que um deputado não pode ter um guarda-roupa tão acanhado e assim o número de bolsos para “depositar” livros e papéis aumentou consideravelmente. Bateu-se de mim uma chapa em meu discurso de posse. Naquele momento, fiz uma pausa para me lembrar das tuas palavras: “Quando tu chegares em Porto Alegre, saberás o que dizer.” E não sei bem porque, cheguei a dizer quase o que queria.

Sinto uma nostalgia de Campo Largo, mas meus sonhos não ajudam. Estou “atabalhado” – se é que esta palavra significa qualquer coisa. E, por isto, as válvulas de escape, segundo os entendidos em Freud, lá da Assembleia, continuam fechadas. Minha projeção dentro do Partido é fantasmagórica. Muito logo terei que voltar. Preciso de minhas verdadeiras dimensões, sob pena de perder um centro de gravidade mal esboçado ou esboçado à força.

Toda vez que meus companheiros de bancada me aconselham a que desista da luta, eu saio vencedor e isto é o ponto de apoio que Arquimedes andava procurando e que pode me confundir no meio social e me fazer renegar Kierkegaard.

Dizem que sou o moço mais culto do Rio Grande. Vê o que poderá acontecer, comigo, Puppi. Se o mais culto não sabe o que eu sei. Já falei tantas vezes, tantas, que esgotei o meu fichário.

Quando fiz o meu primeiro trabalho, no pré-jurídico, fui apelidado de Dostoiévski e ao fazer o primeiro trabalho literário na Assembleia fui chamado de Menotti. Oh! Deus – “avez pittié de moi”.



Querem fazer de mim o maior católico do Rio Grande e, além disso abandonar o partido. Foi o que disse o porta voz da Assembleia, o deputado Brito Velho (FA1, pp. 81-83).

Kierkegaard é tão caro a Reichmann que um dos aprendizados mais notáveis dessa relação seja o domínio dos níveis intermediários, resumidamente expressos pela ironia e o humor. Reichmann, ao contrário de Corrêa Reichmann, é um poeta e como tal joga com todas as ferramentas de seu ofício, inclusive com aquelas que sua relação com Kierkegaard o dotou. Puppi é um espelho para o qual ele pode confessar com absoluta franqueza coisas que apenas seu interior podia saber. A carta acima demonstra uma narrativa escapista, entreguista, muito próxima da anterior. Aqui temos o poeta e o amigo de Puppi, outras faces ainda poderiam ser identificadas como aquele filho que recebe a roupa de seus familiares. Para um arguto leitor, todos são um só. No entanto, por que ser tão restritivo? Quando as cartas, exibem uma bivocalidade – para usar uma expressão cara a Bakhtin. As cartas que selecionei e as passagens revelam uma narrativa bivocal.

Ernani demonstra seu riso de humor ao mencionar as projeções de “Corrêa Reichmann” dentro do partido, elas são “fantasmagóricas”, afirma em tom de deboche – mais uma vez, fazem eco, “as projeções fantasmáticas” de que nos fala Ansart. O enquadramento emocional é mais complexo do que supúnhamos, pois vai além das escolhas pessoais, pois deve acomodar casos como o citado, que extrapolam as dimensões da vontade pessoal. Sabemos que seguir uma carreira pública, graças à imposição familiar, é uma condição mais recorrente do que estamos dispostos a reconhecer. Entretanto, quantos casos de resignificação de uma imposição, por meio de um ato autobiográfico, você conhece? Não faz sentido perguntar se tudo o que Corrêa Reichmann narrou é mentira ou meias-verdades, pois o valor de sua narrativa é justamente este, convocar e congregar sentido a uma trajetória que agora se faz na tribuna da Assembleia Legislativa pelo PRP.

*Fotografia 44 - Residência de Ernani e Annie Reichmann desde 1951  
Rua Paula Gomes, 843 São Francisco, Curitiba-PR*



FORTE: PDS, p. 639.

*Fotografia 45 - Ernani e Annie (1951)*



FORTE: PDS, p. 639.

*Fotografia 46 - Ernani e Annie, Curitiba (1953)*



FORTE: PDS, p. 638.

*Fotografia 47 - Máquina de Escrever de Reichmann*



FORTE: PDS, p. 625.

*Fotografia 48- Brunilda e Isolda, Curitiba (1956)*



FORTE: PDS, p. 638.

## A conferência (1951)

Lá foi para a cesta a conferência, a célebre conferência de três horas sobre Kierkegaard. Felizmente eram poucos os ouvintes e ninguém compreendeu a “piada”, a não ser, quem sabe, um jovem franciscano que riu durante o tempo todo (HF1, 121).

O Deputado Corrêa Reichmann não continuaria por muito tempo na política, Ernani desde as primeiras reuniões do PRP demonstra certo desconforto, e isso apenas iria se agravar – contudo, não era muito cedo para isso? Ele dá indícios de fadiga, não é apenas contradição de muitas vidas, ao contrário, dá-nos testemunho por intermédio de suas cartas ao amigo Puppi, de uma vida de contradições que o leva a um estado de angústia. Deixou-se levar por um impulso de “Ernani”, a busca por mistério, e assistia dia após dia ruírem as expectativas que depositara nessa aposta. Sua liberdade olha para baixo, diante do abismo da possibilidade, ainda agarra-se ao finito – aquele triste momento dedicado à política – para não soçobrar. Ele não esconderia de nós a sua angústia, aquela situação que lhe gerava vertigem e a perda de sua liberdade – graças a um impulso tolo de “Ernani”.

Gradualmente, despontam em sua trajetória momentos singulares que denunciam essa resistência silenciosamente operada a partir de seu interior para alcançar a realidade. A conferência sobre Kierkegaard em 1951 surge como um destes momentos que eleva a vida a seu momento decisivo, as contradições ressurgem. Em meio aos acirramentos de uma vida pública, ele dá demonstrações claras que podia dedicar-se ao pensamento de um aparente desconhecido para o Brasil da década de 1950. Obviamente apenas temos indícios de suas ações, ele não deixa maiores detalhes sobre a natureza dessa conferência de 1951. Porém, a julgar pela longa duração do evento, sua repercussão não deve ter passado de uma piada que desperta a atenção de apenas um “franciscano”, cujo gesto ele não nos dá maiores detalhes se lhe assaltava o bom senso, pela inconveniente intervenção. Ou ainda, se restituía a certeza de que Kierkegaard era um deserto, a qual somente ele se entregava. O riso que atravessa a sua fala lembra-lhe de seu isolamento e a falta de séria interlocução – resta-lhe apenas apelar ao humor.

Ernani reage com ironia, “felizmente” dos poucos que se interessaram pela sua conferência, uma viva alma deixa o imobilismo indiferente para deixar-se notar. A impressão que temos é a de que sua fala, além de despertar pouco interesse, era excessivamente longa. Seu curto comentário desperta tantas perguntas – que receio hesitar entre o excesso de possibilidades de temas que o simples nome pode suscitar até 1951, ou os riscos de cair nas muitas formas de especulação. Para me esquivar destes perigos, adoto o cuidado de mapear as discussões que foram transcritas nas proximidades da passagem em evidência. Vale recordar

que essa passagem foi selecionada entre tantas outras que o autor de *Hic Fuit* transcreveu entre os anos de 1954 e 1955. Logo, acho provável que ela tenha seguido a ordem dada pelo tempo, ou pela prioridade com que retomava essas anotações.

Deter-me-ei em duas passagens para tentar reconstituir um possível tema para essa primeira conferência pública sobre Kierkegaard. Além disso, é relevante colocar que o conferencista não indica onde o evento se deu, e nem o contexto que o despertou de seu sonambulismo político. Na passagem anterior e na posterior, a que destaquei como mote, os títulos descrevem uma preocupação ligada à biografia de Kierkegaard – “Regina: um Isaac a seu modo” (HF1, 120) – e, relacionada a obra *Temor e Tremor* – “O sentido secreto” (HF1, 122). Na primeira passagem Ernani manifesta sua tese de que o grande amor da vida de Kierkegaard, Regine Olsen, era “um Isaac a seu modo”. O sentido secreto de *Temor e Tremor* se revela na imagem do pai que está disposto a sacrificar seu filho, mais esperado e amado, em nome de um salto de fé. A imagem em questão é a cena bíblica de Abraão e Isaac. Contudo, que relação essa história tão antiga poderia ter com a biografia de Kierkegaard? Ou, ainda, com sua ex-noiva, e a mulher que amou durante toda a sua vida?

Essas duas passagens que mencionei interpretam na relação entre Abrão e Isaac seu paralelo correlato em Kierkegaard e a jovem Regine. O sentido secreto que se depreende da obra, segundo Ernani, revela que seu autor – o esteta Johannes de Silentio – escreveu-a “idealizando” o caso entre Søren e Regine. A noiva era o holocausto pelo qual ele dava o seu salto de fé. Contudo, Ernani sabia que essa leitura da mal resolvida relação na obra deste pseudônimo, apesar de ser uma possibilidade feliz, o sentido mais profundo desse sacrifício não podia estar de forma alguma “numa ‘criação’ lírico-dialética”. A hipótese de Ernani era que esse sentido secreto transbordava, seguramente, essa criação. Ainda que tal paralelo fosse esperado, Ernani acredita que que “o sentido secreto pode estar num papel qualquer”. No caso de Abrão, Isaac se salva pela intervenção divina – o que fecharia o ciclo dialético. Todavia no caso de Søren, Regine foi efetivamente sacrificada em nome de algo maior – secretamente manifesto em alguma página qualquer. Segundo Ernani, “Isaac e Regina, cada um foi vítima da prova a que seu Abraão foi submetido”.

Esse paralelo é bastante importante para Ernani, pois ele também se sentia um Isaac a seu modo. As muitas determinações que seu Pai – e seu irmão primogênito – prescreveram à sua vida, agiam em seu espírito de maneira semelhante ao que Isaac e Regine viveram. O sacrifício de seu pai merecia ser cantado, da mesma maneira que o esteta Johannes de Silentio cantara os feitos de Abraão, também o pseudônimo van Neutgen se investir de fazer passar

Joaquim Reichmann para a história.<sup>157</sup> Contudo de maneira semelhante ao caso de Kierkegaard, “o sentido secreto” da vida do pai de Ernani não poderia estar em uma obra de lembranças. Van Neutgen diz que “não será simplesmente contando” a vida do pai de Ernani, que fará ele passar para a história. “é preciso que eu chegue tão alto (no meu sentido, na direção que é a minha, realizando-me e comigo a minha sensibilidade de lembranças) que todos o vejam, que vejam aquele que tornou possível o que o filho procura explicar” – o sentido, a direção, a realização, das quais o pseudônimo menciona, diz respeito ao fenômeno da dissonância [Dissonanz] entre o filho querido, e o que existia. A relação é complexa, mas ajuda-nos a compreender porque Ernani Reichmann sente-se uma exceção. Ao fim da passagem, van Neutgen caracteriza que “é preciso”, antes que pai e filho completem em definitivo suas missões, “que o tempo revele a nossa verdadeira natureza, para que isso se torne realidade. Só o tempo...” (CD1, p. 178).

Logo, se a aposta de Ernani era ler tudo o que Kierkegaard escreveu, para que em algum momento pudesse encontrar talvez esse “sentido secreto” que lhe animava e justificava, uma vida provada no desespero. Talvez de maneira correlata, ler tudo de Reichmann cumpriria sentido semelhante. Em ambos os casos, esse sentido que talvez estivesse expresso em alguma página qualquer não serve de outro modo a nós leitores do que uma aposta. Talvez nunca encontremos este sentido, ou o sentido seja uma maneira de nos convidar a também caminhar em quaresma pelo deserto de nós mesmos. Angústia em todos os casos, a incerteza da aposta, a incerteza da existência – só o tempo pode revelar a verdadeira natureza de tudo, só o tempo. A piada nessas histórias somente aqueles que não ficam indiferentes e ainda capazes de comoção podem vislumbrar, seja pela inconveniência de ser notado ou pela incapacidade de deixar de se enlear.

Assim a anotação de 1951 nos mostra um Ernani ainda em busca do mistério. A tomada da palavra, ainda que não a palavra política, atende a esse imperativo de continuar buscando. Expressar seu encontro com o pensador dinamarquês, sob a forma de uma confissão, relato ou testemunho, envolve outros indivíduos nessa busca. Mas, também denota certo *status* de antiquarismo. Ele vai realizar “ações, *realmente* vividas” como esta nos anos seguintes, principalmente porque o centenário da morte de Kierkegaard seria comemorado em 11 de novembro de 1955. Ano decisivo para o conferencista Ernani Reichmann.

---

<sup>157</sup> Van Neutgen sobre isso diz o seguinte: “Um homem que cumpriu a sua missão. Que coisa nobre: Esse homem, o que cumpriu sua missão, esse – sim – devia passar à história e não muitos dos que predominam na política, no romance, nas finanças, no teatro, etc.” (CD1, p. 178).

## **Eu vinha subindo a rua Paula Gomes**

...é que eu moro na parte nova da rua. O cemitério está na minha frente, disposto panoramicamente (como aquelas três arvorezinhas que eu via quando criança – 1º caderno Dissonanz). Circundam-no todas as paisagens do mundo. A serra se dispôs no horizonte à direita, tão longe muitas vezes, noutras, tão próxima... (HF1, 99).

Além das conferências, Ernani programou-se para ministrar um curso de extensão universitária, oferecido na recém-federalizada Universidade do Paraná. O curso seria realizado em doze segundas-feiras, a partir das 20h30 com início em de agosto de 1952. Isso demonstra que, apesar de Ernani atuar como deputado em Porto Alegre, ele acaba por fixar residência com sua família em Curitiba. Ele não dá detalhes dessa mudança, mas considerando que Annie residia com a filha em Erechim, enquanto Ernani estava a trabalho em Porto Alegre, suponho que ela tenha se mostrado mais disposta em residir na capital paranaense do que na cidade dos familiares do esposo. Ernani estará ligado a suas atividades como deputado até pelo menos o fim de 1954, o que lhe obrigava a ficar certos períodos fora de casa. Não é de estranhar que ele acabe comprando uma casa em Curitiba, na rua Paula Gomes, no bairro São Francisco. Ernani já havia morado naquele bairro antes, durante o período universitário. E, apesar de ser um lugar novo à época, ele e a família estavam relativamente próximo do centro da cidade – a cerca de 15 a 20 minutos de caminhada. A mudança de ambiente era positiva não apenas para sua família, compreendo que retornar a Curitiba representava para ele a possibilidade de viver para si, e encontrar-se novamente. A disponibilidade que Campo Largo representou poderia ser encontrada naquela capital onde viverá anos de solidão – mais uma vez, “solidão” em sua conotação positiva, afinal foi ali que o romance de formação ganhou profundidade.

Voltar para Curitiba significava também uma saída gradual da política – ao menos enquanto atuação. Ernani devia ver que a federalização da universidade onde ele havia estudado podia lhe render um posto e, quem sabe, levá-lo a encontrar o mistério que buscava. Por outro lado, estar ali longe de seus pais e irmãos significa viver longe de uma sombra de expectativas e determinações. A vida naquele lugar, do berço à juventude, havia ficado em um passado que não lhe movia mais que lembranças e sentimentos. Me pergunto se o retorno do filho pródigo não era apenas uma prestação de contas? Até que ponto o Ernani pai de família encontrava lugar em Erechim? Ele seguramente não era mais o mesmo que havia deixado aquela cidade no início da década de 1940, e talvez o retorno jamais fosse possível a não ser nas lembranças. Afinal, “a cidade cresceu em um sentido, e ele cresceu em outro”, como se sentir em casa quando a distância lhe era tão grande?

A Curitiba da década de 1950 passava por grandes transformações. A federalização da universidade mais antiga do país, processo que se efetivou em pela lei nº 1254, de 4 dezembro de 1950 – marca a passagem do capital privado à iniciativa pública. Curitiba desde 1946 acumulava epítetos ligados à vida universitária, entre eles Ruy Wachowicz lista alguns como: “cidade universitária, Atenas brasileira, cidade sorriso, Coimbra brasileira, etc.”, títulos ligados à relação especial entre “a Universidade e a vida estudantil”, que “passaram a ser polos de atração na cidade”.<sup>158</sup> E consolidou-se após a federalização como uma cidade que oferecia uma moderna infraestrutura em rápida modernização. Em parte, isso se devia a administração que se iniciava à frente do Estado, empreendida por Bento Munhoz da Rocha (1905-1973). Um engenheiro civil que saiu dos quadros da Universidade do Paraná e que devido ao seu capital político iniciava uma série de transformações urbanísticas que trazia cara nova à capital do Estado.

Bento Munhoz chega ao governo do Estado em 1951, apoiado numa ampla coligação de partidos (PR, UDN, PTB, PSP e PRP), com disposição de colocar em prática seu slogan de campanha: “a dignificação da função pública”.<sup>159</sup> Ao assumir o governo, o Estado encontrava-se em franca expansão de suas fronteiras agrícolas, com enorme movimento migratório, mas com escassez de estradas e redes armazenadoras. Dispensou, por isso, máxima importância aos projetos rodoviários, iniciando a pavimentação de algumas rodovias estratégicas que modelaram a malha viária do Estado. Cuidou das obras de energia elétrica (foi em seu governo que entrou em fase final o planejamento da Usina Capivari-Cachoeira, em concorrência a Usina Termoelétrica de Figueira), reaparelhando as pequenas unidades existentes, de forma a minimizar a dificuldade do setor. Construiu unidades escolares, centros de saúde, casas rurais, postos de puericultura e outros melhoramentos básicos. Criou o Fundo de Equipamento Agropecuário, o serviço especial de Zootecnia, estimulou o reflorestamento e o cooperativismo. Disciplinou o processo de concessão de terras devolutas do Estado, que tanto desgaste impôs ao governo anterior – Moysés Lupion (1947-1951) –, sob novos critérios, mediante rigorosa ordem cronológica, tombamento e exame dos requerimentos e verificação das posses.

Os fatos mais marcantes de sua trajetória como Governador do Paraná (1951-1955), são também aqueles em que Ernani o saúda como responsável e definidores de seu caráter, que

---

<sup>158</sup> WACHOWICZ, R. C. *Universidade do mate*, 1983, p. 130.

<sup>159</sup> REBELO, V. *Bento Munhoz da Rocha: o intelectual na correnteza política*, 2005, p. 147.

aliás soube melhor do que ninguém doá-lo à identidade paranaense – comenta em uma das cartas a Puppi, o discurso que fez ao Dr. Bento.

Eis o Guaira iluminado em todo o seu esplendor [diz Ernani]! É uma noite de gala, dr. Bento. Comemora-se o Centenário da instalação da Província. Alguém (é o seu poeta, que o sr. Sempre terá poetas!) do palco do grande auditório, dirige-se aos presentes: “Ele foi grande porque nos legou este Teatro, a Biblioteca Pública, o Palácio Iguaçu, e... Ele foi grande porque foi um autêntico chefe de Estado, deixando o Paraná numa situação muito mais elevada do que aquela em que o encontrou, mas ele foi maior porque deu fisionomia, deu caráter ao Paraná, diante do país, diante do mundo, do universo e de Deus. Mais do que um chefe de Estado, foi um homem de caráter. Seu caráter, soube transmiti-lo ao seu Estado. Ele é o próprio Paraná, consciente de sua glória e da sua presença. Glória e presença de Bento Munhoz da Rocha Netto”.<sup>160</sup>

Foi na gestão do “Dr. Bento” a construção do Centro Cívico, em Curitiba. Local que tem a função de centralizar um conjunto de edifícios destinados a abrigar a administração pública do Estado, bem como a nova sede do governo estadual: o Palácio Iguaçu. Antes a sede do governo era o Palácio São Francisco (atual Museu Paranaense), e as demais unidades do poder legislativo e do judiciário ficavam espalhadas pela cidade. Com a iniciativa de centralizar todas as divisões fundamentais do governo, passam a ficar integradas em um conjunto moderno de construções. Essas mudanças concediam, além da revitalização da cidade, um destaque maior ao desenvolvimento dos poderes. Em outra frente, seu governo entregava obras de serviço público e cultural, que ajudariam a definir a identidade da capital nas décadas seguintes. Entre essas transformações estava a Biblioteca Pública do Paraná e o Teatro Guaíra. Todos inaugurados durante os festejos do Centenário da Emancipação Política do Paraná, que imprimiam nova fisionomia e consolidavam as conquistas daquele centenário – esses foram alguns dos pontos altos de sua ação governamental, ao menos na opinião de Ernani.<sup>161</sup>

Ernani, ao que tudo indica, estava em Curitiba durante o ano de 1952, se não fosse assim como explicar ele ter se candidatado em 17 de março daquele ano, como professor instrutor da Universidade do Paraná? Certamente ele tinha que estar em Curitiba para acompanhar o ano letivo, ainda que permanecesse deputado estadual. Ele foi admitido na Faculdade de Ciências Econômicas para acompanhar o 3º período na cadeira de Comércio Internacional e Câmbio.<sup>162</sup> Essa informação é registrada por Ernani em uma das transcrições de Hic Fuit: “Recebi a notícia de minha admissão como instrutor e tudo continuou como sempre”

<sup>160</sup> REICHMANN, Ernani. *Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens*. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 246-248.

<sup>161</sup> *Ibid.*, pp. 233-260.

<sup>162</sup> Em 28 de abril de 1952 um documento registra que Ernani é admitido na referida cadeira, sob a matrícula nº 939 407. É publicada a portaria nº 259/52 no diário oficial de 18/05/1953, decreto 30.738/52, art. 69.



(HF1, 51). A passagem não demonstra empolgação da parte de Ernani, e não é de se estranhar. Tudo o que estivesse ligado ao Direito e à Economia lembrava-lhe o que seu pai queria por ele e para ele. Por outro lado, o “tudo e tudo continuou como sempre”, talvez demonstre seu pessimismo que algo pudesse acontecer de maneira diferente.

Neste momento, Ernani entra em contato com alguns nomes que vão representar sua inserção em um outro universo, dentre eles o já citado Bento Munhoz da Rocha e Milton Carneiro (1902-1999). Ambos eram professores da Universidade do Paraná e acredito que devido ao envolvimento dos três na política, acabaram se encontrando. Na verdade, me parece que esse contato se efetivou pelo intermédio de Milton Carneiro, que fazia parte do Governo de Bento Munhoz à época. De qualquer maneira, são suposições, pois Ernani não registrou como estes contatos se estabeleceram. O que Ernani registrou foram duas longas cartas a Milton Carneiro (HF1, 50 e 51) e um pouco mais de uma dúzia escritas a Puppi, narrando sua admiração para com o “Dr. Bento” (HF1, 50, 60, 62, 87; HF2, 110, 215, 235; HF3, 28, 57, 107, 159, 166, 170, 173-175). Além disso, conforme admite na carta a Milton Carneiro, para espantar a ansiedade: “Enquanto aguardava em casa o momento de ir ao Palácio para servir, caso fosse necessário, por motivo de acordo a ser celebrado entre o Estado e a União, pus meu linguafone a tocar o estudo nº 1 de Chopin” (HF1, 51).

Ele se dispersava naquela música de Chopin enquanto aguardava sua convocação. Isso nos mostra outro lado da trajetória de Ernani, apesar de estar a serviço da ALERS e da Universidade do Paraná, ele vai participar desse momento ímpar para a História do Paraná. Contudo, essa participação aqui sempre esteve restrita a cargos técnicos ligados à sua formação jurídico-econômica e à cadeira na Faculdade de Ciências Econômicas. Entre os anos de 1953 e 1962, esteve sempre à disposição dos governos estaduais, ora como assessor técnico, ora como secretário da fazenda, ora como consultor econômico. Ao que tudo indica, Ernani conseguia acumular estes cargos e compor em paralelo um mundo só seu. Transcrevo em seguida uma carta bem sugestiva a esse respeito:

Puppi

Evohé Momo, primeiro e único! Consegui o meu *desideratum*...

### **Já se fala no Kierkegaardiano paranaense**

...Logo que os críticos publicarem as suas críticas, dizendo-me primeiro e único, não deixarei de trazer provas corroborando a tese: um Kierkegaardiano no Paraná. Levarei esse movimento num “*crescendo, ma non troppo*”, até explodir no Centenário de Kierkegaard, em novembro de 1955. Depois, devidamente rotulado, poderei largar a “obra do outro” (FA1, 50).

“Passei a exercer um cargo no Palácio: senti a compreensão enorme do dr. Bento” (HF1, 51)! Ernani narra isso ao explicar que o Dr. Bento lhe deu um “conselho comovente”: “você precisa ler São Thomaz, Reichmann”, afirmava Bento Munhoz (cf. HF1, 51).<sup>163</sup> Certamente o conselho seria acatado, se Kierkegaard já não ocupasse um lugar tão importante em sua vida. Na carta que citei acima, isso fica evidente. Ernani era simpático aos comentários que o rotulavam como “um kierkegaardiano no Paraná”, identificá-lo como paranaense talvez soasse apressado demais – ele ser um “kierkegaardiano” era um fato. Talvez por isso o conselho dado por Bento Munhoz parecesse mais elogioso do que uma prescrição. Ele sabia que naquele governo havia um tomista e um kierkegaardiano.

Ernani diz que “devidamente rotulado”, poderá largar a “obra do outro”. Essa estranha frase que irrompe na carta a Puppi. No entanto, nos chama a atenção para qual “obra”? E quem é esse “outro” de que se fala? Certamente deve se referir a “Corrêa Reichmann”, e a sua *obra* na política. Ele começava a vislumbrar um mistério, onde o outro não conseguirá ter sucesso, ele agora poderia ter: em Curitiba, ao lado de um tomista – quem sabe? Essa ideia me chama a atenção para o tipo de relação que desponta entre Ernani e Bento Munhoz, esse encontro me parece semelhante ao que estabelece com Carlos Galvez. Não obstante, com relação a Galvez, tudo foi muito contemplativo e a uma distância segura. No caso do “Dr. Bento”, é o oposto, pois tudo é muito dinâmico e próximo. Ernani talvez reconhecesse em Bento Munhoz, como foi o caso de Galvez, um potencial que no seu caso não havia alcançado o ato, mas naqueles dois sujeitos sim. Galvez e Munhoz da Rocha eram forças naturais e ele, Ernani podia até alcançar o mesmo status, mas não sem trabalho e muito esforço.

Se como político falhei, era porque o poeta atrapalhava. Sabes lá, Puppi, o que é ver uma curva do rio Uruguai e depois ter que fazer um discurso “para” convencer os eleitores a votarem na gente? Não será melhor, então, soltar o poeta para ver o que acontece? Poderá o poeta conquistar o “povo” que o político não foi capaz de conquistar? Que graça, heim Puppi? Que graça nesse verbo (conquistar) e não está mal empregado aí (FA1, HF2).

Ernani admira certamente Munhoz da Rocha pelo político que ele não tinha forças para ser. Ernani era fiel de mais a si, poeta demais para ser indiferente a cada cenário: “o que é ver uma curva do rio Uruguai e depois ter que fazer um discurso ‘para’ convencer os eleitores a votarem na gente?”. Estar ali, participando de um governo ao lado de um intelectual, parecia concretizar algo que o “outro” Ernani não havia encontrado. Isso até permitia-lhe abandonar a obra do outro, para dedicar-se novamente a uma disposição em Curitiba, que seu trabalho na

---

<sup>163</sup> “A filosofia é outro problema. Já disse um neotomista que a obra de Kierkegaard não passa de psicologia” (HF1, p. 55), e “A verdade que meu problema político está resolvido: deixei a política” (HF1, p. 56).

Universidade do Paraná ou no Palácio São Francisco possibilitaria. Ernani sabia que os anos até o centenário seriam de muito trabalho, mas nem por isso sem disponibilidade para que pudesse dedicar-se a sua experiência. Morar em Curitiba na rua Paula Gomes, lhe possibilitaria acesso privilegiado tanto a um quanto ao outro emprego. Nesse sentido era providencial manter boas relações tanto com Milton Carneiro, quanto com o Dr. Bento – e até sentir-se envaidecido, quando se recebe um conselho de alguém como o Governador do Estado.

A vida de poeta era mais importante naquele momento do que a vida falhada do político. Isso significa dedicação total aos heróis: Dr. Bento e Kierkegaard. Para além do esforço de conquistar o povo, através de uma linguagem que o traía constantemente, Ernani sabia que se permanecesse naquela condição de político cedo ou tarde descobririam sua veia anarco-espiritualista<sup>164</sup> – como explicar aos dirigentes de seu partido que ele não acreditava mais na Igreja, do que nos homens levianos que a invocavam como regra moral? Começa a ficar transparente para ele que sua postura era muito mais compreensiva à poética da vida, do que a persuasão que a conquista política exige.

Outro aspecto relevante para a compreensão da trajetória de Ernani é o papel dos críticos, ele aguardava um crítico que julgasse seus escritos pelo valor que cada um tinha. Mas também como parte de um todo muito maior e complexo. Ele fica bastante irrequieto com a possibilidade deste crítico que lhe faria justiça, fosse o crítico literário Wilson Martins (1921-2010). Quem anuncia essa possibilidade, é o próprio Milton Carneiro:

[...] O crítico Wilson Martins (o maior crítico brasileiro no dizer do professor Milton Carneiro) anunciou que vai escrever sobre os cadernos de van der Lubbe, etc. (Será consagração – mesmo que a crítica faça restrições, no modo de entender do professor Milton Carneiro e no de todos os demais participantes do jantar – que o professor Milton Carneiro esperava, há vinte anos...)

É claro que não pude deixar de fazer uma pergunta ao professor Milton Carneiro: Mas o crítico Wilson Martins leu os cadernos de van der Lubbe? Ao que o professor Milton Carneiro respondeu: “Leu. E leu muito bem” (FA1, 50).

Em linhas gerais a expectativa de que um crítico tão notório – como Wilson Martins – lhe faria justiça, ou a van der Lubbe, era revigorante. E porque não dizer estimulante, afinal ele queria dar continuidade aos estudos decorrentes de seu encontro com o poeta-pensador, porém não tão rápido, mas que alcançassem o “novembro de 1955” coroando a sua dedicação – e, por que não, reconhecido como “um kierkegaardiano no Paraná”. Ernani comenta que “troçaram muito do governador por existir um kierkegaardiano no Palácio do Governo” (FA1, 50). Mas afinal, por que lhe rendiam este epíteto?

---

<sup>164</sup> “Se alguém me perguntasse, agora, o que sou, eu diria, muito simplesmente: anarco-espiritualista” (HF2, 136).

Para compreender a origem dessa história, tenho que me remeter a identidade narrativa “van der Lubbe”. Essa identidade é a que se relacionou com Kierkegaard, por isso Ernani explica a Puppi que, somente...

### van der Lubbe pode falar das suas relações com Kierkegaard

...em termos que eu (por exemplo) não posso. Por outro lado, o seu encontro com o dinamarquês parece que, fatalmente, teria que se verificar. Desde os seus primeiros anos, van der Lubbe conheceu uma tonalidade afetiva, que “corre mundo hoje” com o nome de angústia. É o que esclarece este trecho do Jules (trecho autobiográfico [sic]), quando ele procura mostrar a diferença entre o seu modo de ser e o modo de ser dos outros homens: “A aula ia terminar (eu frequentava naquele tempo o Colégio Real de Copenhague). Meus livros já estavam arrumados sobre o púlpito. O professor Lund pensava, a cabeça baixa numa auréola de sombra. Não se ouvia o mínimo ruído na classe. Tudo parecia suspenso. Sonolência estranha envolta em véu de penumbra. Imponderável mistério de almas fugindo... Neste momento, percebi (meus sentidos eram de uma agudeza maravilhosa) notas de piano, isoladas, que vinham do corredor escuro do colégio. Que vinham tristes, quase cansadas e que entravam coração adentro. Eu tinha nascido e foi só daí, que comecei a ouvir o silêncio da classe, que senti o professor Lund tão longe, perdido num mundo estranho, precisando, talvez, de meu auxílio, de minha compreensão enorme, que vi à tarde, à tarde além... A aula terminou, pouco depois, e quando saí, avistei os muros brancos do cemitério lá no fim da rua do colégio. Ouvi os ruídos que chegavam da cidade. Contemplei o Sol, o sol descendo. Aspirei o hálito fresco da tarde e... não chorei” (HF1, 34)

A cena que Ernani descreve, via van der Lubbe, via Jules, é a mesma que se passa em Passo Fundo. Tudo é narrado em uma carta, em que Ernani relata ir ao Colégio Notre Dame e aguardar sua irmã em um corredor escuro enquanto ouvia notas soltas de piano. Aquele momento foi para ele de iluminação, pois nascia para si mesmo. Tudo ao redor preencheu-se de silêncio. Ernani tomava consciência de sua tonalidade afetiva fundamental, que somente passaria a denominá-la *angústia* após ler Kierkegaard. Mas o leitor, com toda a razão, poderia me perguntar: o que é a angústia?

ANGÚSTIA KIERKEGAARDIANA - Para Kierkegaard, o homem é “espírito”, isso significa dizer que o homem é dotado de liberdade. Contudo a liberdade não se manifesta no estágio de inocência da criança. Ao tomarmos consciência de nossa liberdade é que se manifesta a angústia. “A angústia”, diz Kierkegaard, “é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”, daí ele ter que chamar a atenção para a “sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado”.<sup>165</sup> Logo, a cena vivida por Ernani no corredor do Colégio de sua irmã precise justamente este momento de “nascimento” pelo qual Jules ou van der Lubbe descrevem de maneira sublime. Essa estranha

---

<sup>165</sup> KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*, 2013, p. 45.

conexão com Kierkegaard revela de maneira cadente que o lugar de memória não está em sua origem, mas articula-se de maneira cronotópica como um motivo na narrativa.

O que o Jules vive – enquanto personagem –, e o autor-criador, são experiências cujo eco vem de fora, de um autor-biográfico que revive aquela experiência sublime em graus de consciência e acabamento diversos. A angústia em Jules é acabada, precisa ser assim, para que o autor-criador possa se mover de maneira dinâmica entre um estado e outro – isso equivale a dizer que sua consciência abarca como um todo a vida de Jules. Contudo, é o eu autobiográfico (Ernani Reichmann) em diálogo com o autor-criador (van der Lubbe), que determinam como a angústia vai se expressar no eu da personagem. Kierkegaard explica que “a angústia é uma qualificação do espírito que sonha”, e que “na vigília está posta a diferença entre meu eu e meu outro”, ou ainda “entre mim mesmo e meu outro”.<sup>166</sup> Há com efeito aquilo que Bakhtin define como “o homem ao espelho” nos seus apontamentos dos 1940. Esse estranho paradoxo que visualizamos na descrição do nascimento da angústia, em Ernani Reichmann/van der Lubbe/Jules, tem a ver com o sentido dialógico entre este eu que nasce, renasce e representa-se.<sup>167</sup>

Van der Lubbe nasce do encontro com Kierkegaard, Ernani leu *A doença para a morte* (1849)<sup>168</sup> e, posteriormente, *O conceito de angústia* (1844). Esse pseudônimo é fruto da experiência existencial do eu biográfico, e o excesso de visão proporcionado pelo poeta-pensador dinamarquês. Isso se evidencia no *Hic Fuit*, na seguinte passagem:

Van der Lubbe esclareceu-me [diz Ernani] que, certa vez, ele tentara um estudo sobre Kierkegaard, porque ele mesmo, van der Lubbe, andava extraviado, necessitando de alguém que lhe estendesse a mão e o conduzisse seguro, através de seu labiríntico mundo interior. Eis as palavras de van der Lubbe: – “Quando me chegou às mãos o primeiro livro de Kierkegaard traduzido para o português – O tratado do Desespero – eu estava, sem que disso eu tivesse consciência, preparado para o encontro. Vivía um estado especial de espírito, a que chamo dispersão. Dispersão quer dizer o eu nos seres

---

<sup>166</sup> *Idem*.

<sup>167</sup> BAKHTIN, M. *O homem ao espelho*, 2019, p. 51: “A falsidade e a mentira que inevitavelmente transparecem na inter-relação consigo mesmo. Imagem externa do pensamento, do sentimento, imagem externa da alma. Não sou eu que olho o mundo *de dentro* com os meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com os olhos alheios; eu sou possuído por um outro. Não há aqui uma integridade ingênua do exterior e do interior. Espreitar a sua imagem em ausência. A ingenuidade da confluência de si mesmo e do outro, na imagem do espelho. Excedência do outro. Eu não tenho um ponto de vista sobre mim mesmo de fora, não tenho uma aproximação da minha própria imagem interior. Dos meus olhos olham os olhos alheios.” Essa ideia do homem ao espelho, diz respeito às questões de autoconsciência e autoavaliação, do trato de um autor-biográfico com o autor-criador e suas personagens, mas em última instância diz respeito também “as possibilidades das relações de alteridade de um único consigo mesmo, ou melhor dizendo, sobre a complexidade de uma relação de um autor consigo mesmo”.

<sup>168</sup> Está obra de Kierkegaard foi traduzida para o português de Portugal, por Casais Monteiro, com o título “O desespero humano: Doença até a morte”. Esse título sugere uma ideia errada, para Alvaro Valls o título correto deriva do texto bíblico, “referente ao episódio de Lázaro, que estava doente e morreria, embora sua doença não fosse para a morte”. Cf. VALLS, A. *Kierkegaard, cá entre nós*, 2012, p. 50, nota 60.

e nas coisas. Não nos seres e nas coisas em si, mas naqueles capazes de “tocar” o meu sentimento...

[...] E foi assim que se verificou o encontro, superado o século que nos distanciava e, também, pôde a imaginação criar um novo Kierkegaard, no qual fui me dispersar definitivamente (FA1, 47).

A passagem que transcrevi faz parte de uma anotação que se chama *O caso de van der Lubbe*, pois ela expõe um pouco como essa identidade nativa se formou. A Relação com Kierkegaard é expressa de uma maneira muito franca, van der Lubbe diz que não leu, naquele momento, o Tratado. Porém, ao passar os olhos pelas passagens, duas lhe chamaram a atenção, a primeira era sobre a noção de heroísmo cristão, e a segunda, justifica porque Kierkegaard era tão impactante em sua trajetória:

1ª - Ousar ser a si próprio, ousar ser um indivíduo, não um qualquer, mas este que é face a Deus, isolado na imensidade do seu esforço e da sua responsabilidade: eis o heroísmo cristão...

2ª - É certo que o imaginário depende em primeiro lugar da imaginação; mas está toca a seu turno no sentimento, no conhecimento, na vontade, de modo que é possível ter-se um sentimento, um conhecimento, um querer imaginários. A imaginação é geralmente o agente da infinitização, não é uma faculdade como as outras... mas, por assim dizer, é o seu Proteu.<sup>169</sup>

A identidade narrativa em questão, parece ter sido forjada nesse “heroísmo cristão” e, principalmente, pelo “imaginário”. Assim, como Kierkegaard, em Ernani também há uma dialética entre, o real e o imaginário. No fim das contas Ernani também viveu uma vida imaginária, por meio de suas identidades narrativas.

Em uma das Folhas Azuis, Ernani diz ao amigo: “Encontrei o v. d. Lubbe. E ele vai fazer uma conferência sobre Kierkegaard. Para teu governo, ele mora em Castro” (FA1, 55). Já sabemos que van der Lubbe era um profundo conhecedor de Kierkegaard, o que demonstra não ser nenhuma novidade o anúncio de mais uma conferência dedicada a um assunto que lhe é caro. Contudo, a última informação é vital, pois Ernani enfatiza a Puppi que van der Lubbe reside em Castro. Isso significa que ele para Ernani não era meramente um pseudônimo, mas um indivíduo a habitar um lugar real. Mas, afinal, que é van der Lubbe? O van der Lubbe biográfico, se chamava Marinus (1909-1934). Ernani tomou conhecimento da “história de Marinus van der Lubbe”, ainda enquanto “morava na rua Almirante Tamandaré” – que ficava alguns minutos da Universidade do Paraná. Essa história “muito me impressionou”, afirma ele em uma carta (sem datação) a Puppi (HF1, 112). Marinus ficou bastante conhecido pela tentativa mal sucedida de colocar fim a vida de Adolf Hitler (1889-1945), além da sua atuação

---

<sup>169</sup> KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*, 2010, p. 18 e 47.

incendiária e antifascista já nos primeiros anos do regime nazista. E foi esse, van der Lubbe rebelde que despertou o interesse de Ernani.

Marinus nasceu nos Países Baixos, em Oegstgeest, era filho de pais separados e ficou órfão de mãe aos 12 anos de idade. Foi criado pela família de uma meia-irmã e tornou-se aprendiz de pedreiro (dada a sua força física). Devido a um acidente de trabalho em 1925, ele perde parcialmente a visão o que lhe impede de continuar exercendo tal ofício. No decorrer dos anos seguintes, ele se filia a uma organização de extrema-esquerda conhecida como Oposição Operária de Esquerda. Devido a um desentendimento com sua irmã, acaba mudando-se para Leiden (Holanda do sul) em 1927, onde funda a Casa Lênin. Ele firma-se como um ativista político, e se distancia cada vez mais do socialismo parlamentarista por achá-lo pouco combativo. Entre 1928 e 1932 viaja pela Europa, perseguindo o sonho de se integrar a União Soviética. Em meio a isso, sua capacidade de visão vai se deteriorando e os médicos comunicam-lhe que seu caso terminará em cegueira total. O ano de 1933 é fundamental para ele, porque passa a residir em Berlim. Logo, os incêndios a prédios estatais começam a surgir, como resultado de sua ação direta contra o governo nazista. Ele ateou fogo ao Parlamento Alemão, conhecido como Reichstag, e foi preso em seu interior pela polícia. Há muitas disputas de versões sobre o fato, na época já causava a divisão da oposição. O partido comunista alemão o rotulava como um desequilibrado que foi manipulado pelos nazistas, enquanto os comunistas de conselho e os anarquistas, se organizavam em sua defesa criando um Comitê Internacional van der Lubbe. Ele após ter sido preso, foi condenado a morte por decapitação em 10 de janeiro de 1934, precisamente três dias antes de completar 25 anos.

Assim o van der Lubbe biográfico, serviu de inspiração ao van der Lubbe identidade narrativa de Ernani Reichmann. Ao mesmo tempo que van der Lubbe é uma identidade narrativa, é também um lugar de memória para Ernani, porque nele se cruzam camadas de memória, história e ficção. Ernani confessa em uma carta do *Hic Fuit*, cujo título é *Leitor, só leitor...*

Depois que conheci van der Lubbe, despi-me, como as serpentes, de uma preocupação que quase me punha a perder: a de ser autor (com toda a dramaticidade que essa atitude envolve), para cuidar, única e exclusivamente, de Kierkegaard. Ser leitor de Kierkegaard, mesmo sem possuir aquela originalidade pessoal, a que se refere Torsten Bohlin<sup>170</sup>, eis meu único cuidado, enquanto “as horas caem em silêncio na eternidade”. É preciso ser leitor, Puppi, somente leitor, nada mais que leitor de Kierkegaard. [...] Van der Lubbe conhece as ressonâncias que a obra de Kierkegaard vai despertando, em nós, na medida em que nela penetramos. Por isso e, também, porque sabe que “se adotamos um determinado autor, ficamos encerrados em nosso

---

<sup>170</sup> Torsten Bohlin (1889-1950) nasceu em Upsala, Suécia. Foi teólogo e bispo na diocese de Härnösand, bastante conhecido pelo seu humanismo cristão de inspiração kierkegaardiana.

próprio problema”, ele não tem pressa em ceder os livros que guarda como relíquias na sua estante. Ele quer que eu penetre um pouco melhor no meu próprio problema. (De nada valeu dizer-lhe que não tenho nenhum problema) (HF1, 570).

Ernani narra que “entre os que ‘vivem os problemas com o corpo e o espírito’, situava-se van der Lubbe. Pensador solitário como Kierkegaard ou Nietzsche”. Ainda que ele não tivesse “nem sombras se quer do espírito dialético de um” e “nem a genialidade do outro”, van der Lubbe “ilustra claramente a ideia esboçada a princípio de que todos, inclusive os não especialistas, querem trazer uma contribuição, por modesta que seja, à expressão e sentido da filosofia representativa do seu tempo: à Filosofia da Existência” (HF1, 68). Nesse sentido, Ernani nos explica que van der Lubbe não pode ter sua experiência desprezada, ainda que não faça uso da “terminologia técnica da ciência filosófica”, ele se vale de “certos e determinados autores (do número de obras crescente ao infinito) para precisar melhor o tema que trata”. Ernani explica ainda que

Ele parece vir da literatura para a filosofia. Mas, como pensador que jamais se preocupou em fazer literatura pela literatura, todo voltado para os seus problemas (cada caderno de sua obra de ficção é um problema de van der Lubbe) e nada mais, problemas que vive com o corpo e com o espírito, ele transmite suas experiências como pode e não exatamente como pretende. A verdade é que este homem também se sente capaz de contribuir para a nova filosofia... (HF1, 68).

Pelo que podemos ver, essa identidade narrativa tem um projeto de vida próprio. Ele sai da literatura, porque acredita poder contribuir com sua cota parte para essa “nova filosofia” caracterizada como “Filosofia da Existência”. O van der Lubbe de Ernani, parece viver uma vida pacata, toda de disponibilidade e dedicação irrestrita a Kierkegaard e a sua “Filosofia da dispersão”. É neste contexto que surgem os Cadernos van der Lubbe, publicados em papel jornal em formato *in-quarto*. Esses cadernos são verdadeiras edições artesanais, com tiragem de 200 exemplares. Havia no início a intensão de serem publicados por alguma editora, contudo Ernani não conseguiu atrair o interesse de nenhuma para os cadernos de seu companheiro. Talvez seja desse momento a determinação de nunca publicar nada fora de Curitiba:

Jamais publicar seja o que for nas grandes editoras, fora de Curitiba. Não me escravizar, jamais. Publicar somente o que eu mesmo puder publicar. Curitiba tem tudo o que eu preciso, a começar pelo clima: o azul da Grécia e as brumas do norte. O meu palco, se palco deverei ter, será sempre Curitiba. Vejam-me, se quiserem, e se não quiserem, será a mesma coisa... (FA2, 86).

Assim, vem a lume o primeiro Caderno van der Lubbe em 07 de março de 1953, impresso nas oficinas da Mecograf Ltda. Contudo pegar nas mãos um destes cadernos, parecia ser algo impossível pela baixa tiragem, e principalmente pelo pouco potencial comercial que essa obra tinha para o momento – aliás, como explicar a natureza de um caderno que tinha como



autor um incendiário holandês, responsável por um dos eventos mais decisivos para o início da dominação nazista? O caderno, assim como seu autor, representava um desafio editorial que ninguém estava disposto a comprar os riscos. Ernani ao que tudo indica custeava-os, e compõem um projeto editorial audacioso. Como autor figura van der Lubbe como o signatário, além dele, integram o projeto seu secretário e datilógrafo Sorte Peer – na qualidade de editor –, e van Neutgen, na qualidade de crítico e amigo.

Isso revela o quão audacioso e assustador era o projeto de Reichmann, pois colocava em xeque várias instituições bastante tradicionais da curadoria editorial. Sabemos que os temas e os personagens destes cadernos já existiam desde 1940, contudo sua gestação foi feita ao longo da década de 1940 e início da década de 1950. Além da publicação não corresponder a ordem de escrita, ao que tudo indica Ernani trabalhou de maneira simultânea nestes cadernos – isso fica evidente nas cartas que trocava com Puppi.<sup>171</sup>

SORTE PEER - Os cadernos de van der Lubbe foram publicados pelo seu secretário e datilógrafo, aliás foram publicados sem o consentimento e a ciência de seu autor. Apenas esse jogo confessado de trapaça, já nos fala algo sobre o caráter de Sorte Peer! Em uma tradução livre, “sorte peer” significa “Peder preto”.<sup>172</sup> O nome em questão diz respeito a um jogo dinamarquês em que o perdedor tem seu rosto pintado de preto – no Brasil temos um jogo semelhante, conhecido por Mico Preto. O editor de van der Lubbe, por assim dizer, era o azarão, uma personagem incógnita que assume para si a função que ninguém queria: a de publicar os Cadernos van der Lubbe. Entretanto, Sorte Peer não é um ingênuo editor! Ao contrário, Sorte Peer é um brincalhão que ri às custas dos leitores de van der Lubbe – não posso revelar aqui suas peças, caso contrário o leitor não iniciado perderia o elemento surpresa. Contudo nunca é demais lembrar que estes escritos mobilizam a criatividade do autor biográfico (Ernani Reichmann), através das identidades narrativas (van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer), para que alguns personagens se realizem com seu sopro de vida e possam transmitir problemas-limite da experiência em uma terra de ninguém.

Ernani parece destilar toda a sua ira pelo editor de metrópole que não enxergou em seu projeto, a riqueza espiritual que Sorte Peer ora nos revela:

---

<sup>171</sup> Muitas dessas cartas não foram publicadas, contudo há um acervo bastante expressivo sob a guarda da filha mais velha de Puppi e a mais nova de Reichmann, a Sras. Virgínia Puppi e Brunilda Reichmann. Das cartas publicadas, o leitor pode ter acesso a esta gestação de personagens e temas ao longo de 1940 a 1955, no *Hic Fuit* (cf. HF1, HF2 e HF3) e nas Folhas Azuis (FA1, FA2 e FA3).

<sup>172</sup> Não se pode traduzir a palavra “Peer” (em dinamarquês), por outra palavra pois se trata de um nome próprio que equivale ao Schwarzer Peter do jogo alemão (representado na figura de um negrinho meio ridículo, em meio a loiros e loiras elegantes), e Peer é apenas a forma popular do nome Peder.

Quem sabe se ao fim da sua vida, van der Lubbe não me dará os seus “cadernos” [afirma Sorte Peer], como o Jules deu os seus, ao noviço? (Neste caso, poderei publicá-los? Ele não publicou, então, os papéis de Jules, o poeta-menor?). De qualquer modo, embora a publicação dos cadernos continue a ser um problema de consciência, o problema que me preocupa, neste momento, é de outra sorte. Não tem relação com o roubo (?). Trata-se do sentido de minha própria vida. Vivendo com van der Lubbe, como vivo, tendo descoberto a riqueza de seu mundo espiritual, sabendo hoje que a vida humana é um tesouro inesgotável, que – em mim mesmo – se renunciar a minha vida, poderei encontrar a vida e, nela, tudo o que verdadeiramente importa, o que realmente tem valor, não sei mais como suportar esta vida de datilógrafo, classe H. Qualquer coisa me diz que começo a escrever. Que não me é inteiramente estranha a experiência dos fenômenos espirituais (ou, melhor, da minha tonalidade afetiva, da minha *Stimmung*) (HF1, 83).

Até mesmo um azarão, gostaria de receber os direitos sobre os escritos de seu patrão. Seria uma herança e tanto, ele chega até a comparar a o caso do noviço que se torna herdeiro de Jules (o poeta menor [*lat.* Minor]), como se esse pudesse ser o seu caso. Contudo ele não esconde sua crise de consciência, mesmo sem o consentimento de seu chefe ele faz publicar os Cadernos de van der Lubbe. É sobre isso que ele confessa os problemas de consciência, até que ponto era “roubo(?)” o que ele havia praticado? Transcrever os cadernos de van der Lubbe tinham-lhe colocado face-a-face com um mundo espiritual valioso, agora como ele podia-se considerar apenas um “datilógrafo, classe H”. Viver com van der Lubbe, saber da riqueza de seu mundo espiritual, fazia-lhe questionar sua própria vida. Ele também desejava escrever, ele começa a escrever, e como van der Lubbe, ele também percebe em si os fenômenos espirituais, eles não lhe são estranhos – provavelmente graças ao convívio, e ao contato com seu amigo e senhor. Contudo, precisamos manter pelo menos um olho aberto, Sorte Peer fará de tudo para alcançar o mistério que deslumbra na vida de van der Lubbe. Não é aleatório, que ele publique na condição de editor os cadernos de seu *amigo*! Ele como um bom azarão, além da cota de boas ações, precisa reverter seu quadro final – ele precisa se esquivar de ter sua face enegrecida, pela derrota.

A desolação que sentimos ao conhecer a identidade narrativa Sorte Peer, é a mais próxima da atmosfera que envolve Ernani com os vínculos de autoria. Sorte Peer no fundo reflete esse desejo, de que um amigo muito próximo lhe roube seus cadernos para que sejam publicados, revelados, compartilhados. Para que mais possam se sentirem tocados pela sua vida, pela sua obra. Para que as intenções de Sorte Peer sejam mais bem conhecidas, bem como sua relação de proximidade com van der Lubbe sejam avaliadas, reproduzo abaixo sua Advertência ao primeiro Caderno van der Lubbe – se trata de *Firmino e Elvira* (1953) –, perceba o tom e as ênfases que ele sinaliza:

## ADVERTÊNCIA

*van der Lubbe não sabe que resolvi publicar seus cadernos. E não sabe, porque vive na completa solidão. Sou, posso dizer, o único traço de união entre v. d. Lubbe e o mundo exterior. Sua empregada perdeu a fala há dezessete anos, quando um raio caiu na casa de v. d. Lubbe.*

*Não tendo conseguido encontrar ainda a “concentração” que busca desesperadamente v. d. Lubbe vive numa dispersão crepuscular. Seu mundo, muito diferente do nosso, reflete com pureza a verdade de v. d. Lubbe. Sua filosofia, si é que se trata de filosofia, denominou-a ele filosofia da dispersão, quando buscava um caminho, uma vereda, que não conseguiu encontrar.*

*Conhecendo-se como ninguém, van der Lubbe pensou “planificar” sua existência, com a preocupação de ser um dia o homem que queria ser. Mas, falhou na tentativa e começou a rodar impulsionado pelo enigma de sua própria trajetória.*

*Daí porque van der Lubbe não pode viver no meio dos outros homens. Sua casa seus livros, tudo o que lhe está próximo sofre e sua presença opressiva.*

*Mas, quem compra livros para v. d. Lubbe sou eu. Quem retira sua mesada no banco... quem trata de seus haveres. Não preciso dizer mais nada. van der Lubbe depende de mim.*

*Depende de mim sua própria continuidade histórica. Seus originais dependem de mim. Eu é que adquiro o papel, a tinta, que guardo os cadernos, as folhas, numerosas, etc.*

*Van der Lubbe ficará na história, portanto, si eu quiser. Será poeta si publicar seus poemas. Santo, si contar sua luta contra “la prêtrerie” e herói, si mostrar sua capacidade de renúncia.*

*Começo a publicar seus cadernos. Movido, quem sabe, por uma vontade louca de me divertir com os donos da literatura. (v. d. Lubbe nunca se preocupou com a literatura, suas exigências, etc. Para ele tudo o que escreve são manifestações de seu espírito criador ou, melhor, de sua experiência, nada mais).*

*Mas, é claro que dou a conhecer o mundo de v. d. Lubbe levado não somente pela necessidade de distração. Há de chegar o dia em que seus cadernos serão vendidos a preços “compensadores”.*

*Explico melhor: sou herdeiro, com a empregada, de v. d. Lubbe. Nunca falamos sobre isso, embora eu seja capaz de passar horas a decifrar a linguagem difícil dos gestos da velha doméstica.*

*A verdade é que se v. d. Lubbe viver muito, pouco sobrará para ela e para mim. Minha esperança reside nos cadernos e, demais a mais, v. d. Lubbe pode ver em mim outro Gil Blas<sup>173</sup> e querer me deixar somente os cadernos e os livros. Estes, a empregada que está próxima, saberá vendê-los nos sebos, logo que...*

*Os cadernos, pelo menos os que ficarem comigo, com uma propaganda bem orientada, despertarão a curiosidade dos leitores, preocupados com os registros que a “nova atitude” valoriza ao máximo na bolsa da cultura.*

*Outra, e esta de relativa importância: si v. d. Lubbe passar à história também terei o meu lugar como os moleques que seguram a partitura para a banda que vai entrar no circo. E não deixa de ser decente entrar trabalhando, mais decente, pelo menos, do que entrar como claque. (Oh! os críticos...).*

*Se alguém gostar dos cadernos, derramar lágrimas sobre eles, a culpa não me cabe. E, viva v. d. Lubbe!*

---

<sup>173</sup> “Gil Blas” é o herói de um romance picaresco de Alain-René Lesage (1668-1747), publicado entre 1715 e 1735. Gil Blas nasce na miséria, filho de um cuidador de cavalos (cavalição) e uma camareira. Contudo, foi educado pelo tio, e graças aos seus cuidados deixa-o aos 17 anos para estudar na Universidade de Salamanca. Seu futuro brilhante é interrompido quando é forçado a compactuar com alguns ladrões, sendo descoberta acaba na prisão. Quando sai, torna-se criado e acompanhante de algumas pessoas má intencionadas, devido ao seu raciocínio rápido ele se apresenta como um trunfo. Isso lhe rende notoriedade, e sua inteligência o eleva a corte real, como primeiro-ministro – apesar de ter sido azarado, sua inteligência e trabalho duro, lhe rendem uma posição de respeito.

O aperitivo que acabei de dar, fala muito sobre a astúcia e a perspicácia de Sorte Peer, bem como sobre a vida de van der Lubbe. Há uma ironia velada e um humor fino distribuída por elementos calculadamente apresentados. O ponto mais alto é certamente sua comparação ao Gil Blas de Alain-René Lesage (1668-1747) Sorte Peer se compara em inteligência a este herói picaresco que fará fortuna com o azar. Sua “sorte” é certamente a relação de proximidade com van der Lubbe, nome que lhe será capaz de alçar a história. Sorte Peer é a única ponte que conecta o interior de van der Lubbe com o exterior, e sua solidão é tão profunda que até a sua empregada é muda. A única comunicação possível é a indireta, articulada por meio de seu secretário e seus cadernos, ainda que a revelia. A posição de Sorte Peer é muito oportuna, pois ele considera-se herdeiro junto a empregada, dos livros e cadernos. Contudo, nunca debateu seus termos com a empregada, além claro de aguardar seu momento de reconhecimento de direitos plenos sobre a fortuna literária e espiritual de seu amigo.

É neste filão que os personagens de Ernani deixam sua condição de falhados, para com autonomia servir aos propósitos de van der Lubbe. A liberdade destes personagens realiza o sopro vital dado pelo eu biográfico. Tudo leva a crer que há uma relação de subsistência, entre Ernani e os personagens falhados (HF1, 97, 46°). Em uma passagem essas questões vêm à tona, o eixo principal de seus questionamentos é justamente a liberdade. Se os personagens se libertarem, será que o autor-pessoa também não poderá se libertar? “Teria eu algum problema para resolver? Outro problema que não o da ‘liberdade’ dos seres que eu criara? O que eu espero não será aquilo que meus personagens esperam. A libertação deles não coincidirá com a minha própria libertação?” (HF1, 97, 49°).

Alcançar a liberdade exige que os personagens se revoltem contra o autor-pessoa, essa rebeldia que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer experimentam não é para qualquer um. Enquanto personagens falhados eles habitam Ernani – habitam seu *ser* –, e o contrário, com a sua realização, existência ou autonomia, eles passam a ser “marionetes” e perdem sangue, calor, presença e vida (cf. HF2, 6). Essa condição de marionete parece ser fundamental para que o autor-pessoa possa através delas articular um discurso de realidade indireto. Seres como van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer são identidades narrativas, porque mobilizam um estilo próprio e com fisionomias próprias. Na expressão feliz de Paul Ricoeur, constituem-se quiasmas pelo cruzamento entre história e ficção, ou seja, “a identidade narrativa, seja ela de uma pessoa, seja de uma comunidade, seria *o lugar buscado desse quiasma entre história e*

---

<sup>174</sup> Em itálico no original.

*ficção*”.<sup>175</sup> O fenômeno da compreensão de si, nos mostra Ricoeur, é uma interpretação. Toda e qualquer representação, gera uma imagem. Observamos isso em Reichmann, pelo fato de que suas interpretações autobiográficas ainda que não façam mais parte de seu ser, estão carregadas de lembranças, além de serem um Ernani em possibilidade.

A interpretação de si dada através de uma identidade, articula uma configuração única de características, e sua mediação se dá nesse sentido via narrativa. Assim, as três identidades narrativas, reconhecidamente pseudonímia por Ernani, “se abebera [*sic*] na história tanto quanto na ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia, ou, digamos, uma ficção histórica, entrecruzando o estilo historiográfico das biografias ao estilo romanesco das autobiografias imaginárias.”<sup>176</sup> Logo, além de identidades, são *locis* de memória! Mas o que significa isso? Por que as identidades narrativas de Ernani são lugares de memória?

Ernani revela algo surpreendente sobre sua maneira de ser, enquanto percorre seus pseudônimos desde dentro. Cada um substitui uma antiga arte de percorrer lugares previamente preparados para receber lembranças e impressões. A arte da memória era uma técnica mnemônica para reter, armazenar e usar memórias estrategicamente posicionadas em lugares de uma construção. No caso de Ernani, essas construções são seres que povoam seu mundo interior, cada uma tem sua identidade definida pelo tipo de memórias que mobilizaram. Van Neutgen se expressa na maioria das vezes por cartas, e ele se volta para o passado infantil e juvenil para realizar a catarse das tonalidades afetivas. Sorte Peer é o editor, o mediador, o larápio, que no fundo esconde o medo de não ter a profundidade daqueles com quem se encontra. Ele é a imagem da eterna porta aberta, a porta que se pode evadir a qualquer momento, para se esquivar da verdade. Se ele ainda permanece como presença, é uma presença cambiante, sua estratégia é o riso e os enigmas camuflados pelo tradicional. Van der Lubbe é a identidade poética, que se expressa por meio de cadernos, cujas temáticas são estações na ferrovia da vida de Ernani Reichmann. Nele o cronotopo da linha férrea, ou de maneira semelhante a estrada – como analisa Bakhtin –, ambas descrevem as várias transformações que os encontros pelo caminho levam seu protagonista a viver. No fundo, cada caderno é uma parada para um tipo de encontro, o percurso das narrativas de ficção são lembranças, personagens falhados e lugares de dispersão. Kierkegaard é seu mestre e mentor, todo o percurso, toda a parada tem inspiração existencial. Por isso Ernani confessa que:

Conhecia perfeitamente a minha condição, a minha triste condição humana, justamente a que me fazia cantar como passarinho preso na gaiola. Não podia dedicar-

<sup>175</sup> RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*, 2014, p. 112.

<sup>176</sup> *Ibid.*, p. 112-113, nota 1.

me a estudos pesados demais que exigiam continuidade, etc. Nasci para cantar e cantei...

### Os cadernos...?

...Os cadernos são pequeninos ensaios. Neles, porém, está todo o meu ser. Os anos que vivi, depois dos três, foram roubados à morte... (HF1, 8)

Ernani aqui se refere aos três primeiros títulos dos Cadernos van der Lubbe publicados em 1953, ele lamenta que a vida após virem a lume foi quase impossível: “Foram roubados à morte”! Estes anos certamente se referem ao momento que se dividia entre a família e familiares, a ALERS, a Universidade do Paraná e o Estado. Um período difícil em que ele não podia se dedicar a estudos pesados e que exigiam mais tempo de si. Ele se sentia um passarinho preso em uma gaiola, seus movimentos espirituais foram impedidos. A criação desse universo foi elaborada entre os anos de 1940 e 1952, período em que ele podia investir toda a sua disponibilidade e neles dispersar o melhor de seu ser. De 1949 a 1955, Ernani viveu uma fase agitada, com pouco espaço e tempo para suas incursões espirituais.

Ainda assim, Sorte Peer atua nos bastidores para que os primeiros cadernos de van der Lubbe sejam publicados. Contudo a ordem de publicação não é a mesma da criação, pois essa aparente falha editorial se deve ao total desconhecimento do autor-criador – se ele tivesse sido avisado certamente a ordem seria outra. No entanto, os três primeiros que surgem são:

- 1º. *Firmino e Elvira* (terceiro a ser escrito, publicado em 1953);
- 2º. *Ernesto, o progresso e o nada* (segundo a ser escrito, publicado em 1953);
- 3º. *O Padre Miguel* (quarto a ser escrito, publicado em 1954).

Antes de apresentar cada um dos títulos, existem algumas peculiaridades sobre os cadernos que preciso chamar a atenção. Ao que tudo indica, por iniciativa de divulgá-los, Ernani deu alguns destes cadernos aos conhecidos e amigos, entre eles estava Milton Carneiro. Ao entregar os primeiros, ele comenta o seguinte em carta:

Levei os meus cadernos para que o senhor [Milton Carneiro] desse uma olhadela neles. Uma coisa, porém, é certa. O senhor verá somente o esqueleto desses seres, a carne ficou comigo. São personagens que precisam ser explicados. Daí a minha falta tremenda de capacidade para criar (HF1, 51).

Essa passagem da carta revela mais que um simples gesto de cortesia, Ernani na condição de autor-pessoa revela que tem um excesso de visão que o autor-criador não tem. No universo de van der Lubbe, aquilo que para Ernani são esqueletos, para ele são marionetes cujos sentidos de seus movimentos são revelados na própria narrativa. Esse explicar do qual nos fala Ernani, é por outro lado a metamemória sobre os fatos da escrita e os fatos que lhe servirão de

matéria-prima para o sopro de vida. Assim, como apresentei há pouco, ao mostrar que Marinus é o “van der Lubbe” real que serviu de inspiração – ou seja, é a carne que se encontra com o autor-pessoa –, van der Lubbe é apenas um *souffleur* (um ponto) pelo qual o teatro de sombras ganha dimensão e movimento encerrando-se nas narrativas. Uma passagem do *Hic Fuit*, a meu ver, corrobora essa ideia de que van der Lubbe – e, porque não van Neutgen e Sorte Peer – gozam de um estatuto próprio: “Ah! A capacidade de síntese de van der Lubbe! Eu escrevi tanto e não fui capaz de dizer o que queria. Van der Lubbe... Ah! o receio de perder a van der Lubbe!” (HF1, 102).

Isso quer dizer que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer, não são esqueletos como os personagens realizados. Eles são meios para se alcançar um fim, que é a expressão desses seres que ganharam seu sopro de vida, mas que perderam sua carne ao se tornarem fantoches nas mãos dos pseudônimos. Alcançar essa ideia é bastante complexo, pois exige-nos compreender que além de *souffleur*, esses pseudônimos são *locis* de memória e encerram não apenas um meio de acessar a matéria-prima, mas também um modo próprio de expressão. A característica de van der Lubbe, como já vimos, é a sua grande capacidade de síntese. Por isso, não é nada simples ao autor-pessoa escrever um caderno de van der Lubbe, ou uma carta de van Neutgen, explica a Puppi: “como é difícil escrever um caderninho de van der Lubbe, se tudo não foi ‘existido’ antecipadamente. Ou uma carta, carta de van Neutgen, se toda a dispersão não se concentrar num único sentido, um só momento” (HF1, 21).

O pano de fundo em que essas dificuldades emergem é certamente de uma crítica que qualifica a maneira como o homem lida nos dias de hoje com o interior e as coisas espirituais. Assim, a crítica atua onde os outros parecem prosperar, na escrita de ensaios e romances fundamentalmente. Contudo o argumento de Ernani é relevante, e parece-me que ele está a apontar para outros aspectos desse aparente progresso:

Se os homens olhassem profundamente para dentro deles, eles veriam as raízes de um plano mais alto do que o deles, de toda renúncia (ao que não seja espírito), que eles por má vontade e ignorância (quase sempre) não querem ver. Ser alguma coisa (no terreno social) não sendo nada (no terreno espiritual): eis o equívoco do homem contemporâneo, quando a preocupação deveria, ao contrário, consistir em não ser nada (no terreno social) sendo alguma coisa (no terreno espiritual). Se soubesses, Puppi, a dose de social que entrou na preocupação dos homens aos quais se entregou o cuidado do espiritual, perderias a paciência, como de há muito eu já perdi (HF1, 21).

Nesta passagem Ernani demarca bem o espaço em que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer atuam. Os cadernos não são meramente ensaios ou romances, são experiências espirituais edificantes para Reichmann. Daí não ser simples criar o universo de um ou de outro, sem antes ter “existido” em seu ser, a vivência que serve de lastro a todas as criações. Para

alcançar essa efetividade é necessário se afastar do social. Pois o social deixa tudo como está, na superfície das questões mais fundamentais para a “vida, *realmente* vivida”. Isso no caso dele significava se afastar da atuação política, essa arte de todas as formas de astúcia, que deixa tudo como está. Mas Ernani tinha uma meta: afastar-se do social, ainda que para seus familiares e amigos aquilo fosse sinônimo de sucesso, sua decisão era pouco a pouco se afastar de tudo – quem sabe, apenas permanecer nos bastidores do social ou do poder, para que pudesse espiar, e de quando em quando, cantar os feitos de seu Herói. Essa atrofia social é a hipertrofia do interior. Ele se afastava de todas as determinações exteriores, para alcançar novamente um estado de disponibilidade. Estado de uma estranha “solidão”, nas palavras de seu melhor amigo. Uma solidão cultivada por si-mesmo, para que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer triunfem e tenham êxito onde “as coisas dos outros” só aparentemente tiveram.

Essa forma de ver as coisas, enquanto superfície (do social), em outras palavras, significa que as identidades narrativas cuja inspiração foi certamente seu encontro com Kierkegaard, possibilitam de uma maneira mais profunda alcançar verdades para si. Ernani Reichmann não está preocupado em oferecer uma teoria que é válida universalmente. Ele está, ao contrário, edificando seu[s] eu[s] em uma profundidade de si-mesmo. A historiadora Vavy Pacheco Borges usa uma metáfora bastante pertinente. Para descrever seu trabalho de biógrafa ela diz que o trabalho biográfico do historiador é aquele que “mergulha na alma” de seu biografado.<sup>177</sup>

Eu concebo de maneira semelhante o papel que me cabe aqui, contudo percebo também que Ernani tem uma percepção de si semelhante ao que Vavy propõe ao pesquisador. Isso quer dizer que Ernani não é um biografado que meramente se deixa contemplar. Ele é ativamente dinâmico, talvez por ter sido um leitor compulsivo e vertiginosamente voraz de escritas de si, por isso não tenho como apenas mergulhar em sua alma como se fosse o primeiro. Ele se demonstra ser um grande escafandrista de sua própria alma – e corpo, pois acredita nessa dialética kierkegaardiana, de que o homem é uma síntese de finito e infinito, daí o espírito poder criar e se criar, edificar e se edificar, estar disperso por todas as coisas que lhe tocam os sentimentos, enquanto a todo custo luta para concentrar certa imagem de si. Ernani Reichmann em suas Folhas Azuis e no *Hic Fuit*, nos dá provas de seu mergulho em si-mesmo. Ele mergulha para obter imagens do si e do mesmo, imagens que se formam pelo olhar guiado de fora de seu leitor modelo (Puppi), mas também pela imagem que eu enquanto seu leitor mais distante forneço. Nesse sentido, os Cadernos van der Lubbe são mergulhos privilegiados não apenas em

---

<sup>177</sup> BORGES, V. P. *O “eu” e o “outro” ...*, 2009, p. 227.



uma determinada imagem de si que se formou, mas o quiasma entre a história e a ficção cuja fisionomia que melhor descreve esse horizonte de possibilidades é a imbricação entre identidade e memória.

O que estou chamando à atenção diz respeito à valorização dessa performance de Ernani. Ele vasculha em seu interior, e se expressa autobiograficamente, sobre fenômenos espirituais que são para o historiador zona limite, entre várias maneiras de interrogar o objeto da biografia. Para Ernani essas questões são de natureza precária, híbrida, daí ele preferir refugiar-se em uma terra de ninguém entre a literatura (modos de expressão) e a filosofia (modos de dúvida). A autobiografia resultante dessa experiência nasce primeiramente como o coral: de vozes que se deixam ouvir e, em certos momentos dialogam, ora consigo mesmas, ora umas com as outras, ora em encontros com outras vozes, ou assumem mais de um naipe no coro de vozes (de um sujeito histórico só). E nasce, concomitantemente, como o coral: de formas e desenhos variados, ora intercalando elementos internos e externos, ora com cores quentes e frias, partes com sangue e vida fundidas com partes já desfalecidas. Esse coral que ecoa e reverbera, é o mesmo que colore e encanta com formas e gêneros variados.

Essa contraposição entre o terreno social, em detrimento do terreno espiritual, não é um reducionismo. Ernani apenas mostra que, na ordem do dia seu *moi profond* tem peso, tanto ou quanto, seu *moi de surface* – para usar uma distinção de Berdiaev (*apud* Reichmann, HF1, 96). Retomando a passagem já citada (HF1, 21), na continuidade dela, Ernani explica de outra maneira essa condição:

Se leres [Puppi] uma publicação religiosa, verás que não difere de um romance, de um ensaio, tudo realizado no mesmo plano “comodamente industriado” do homem do nosso tempo. Os homens fazem “retiro espiritual”, no dia de hoje, mas para fazer o retiro quanta coisa... É preciso preencher uma ficha de inscrição. É preciso pagar uma taxa. As despesas são pagas no fim. É preciso levar roupa numa pasta ou numa maleta (cf. grau de riqueza). Não se deve esquecer a pasta de dente e a escova (a escova naturalmente). É conveniente lustrar os sapatos. Quem tiver calos, deve levar chinelas. E um cobertor, porque começa a fazer frio. Há um ônibus que sai da praça Tiradentes, mas é preciso avisar antes, porque senão – pode não haver lugar para todos. Os que tiverem automóveis e as autoridades podem ir de carro, que há garagens para guardá-los. Um fotógrafo sempre é interessante, pois a religião é útil à política e faz baixar o preço que as autoridades (ecls.) cobram para o seu apoio (político). E porque não uma lembrança das horas santificadas do retiro? Há de servir para a hora da morte, amém! Um padre se preparou especialmente, é o que diz toda gente, a fazer a propaganda do retiro. Que frases bonitas deve ele ter decorado! Que palavras convincentes, que efeito deve ter estudado com o jogo das palavras: o adjetivo, neste caso, deve vir antes ou depois? É um grande padre, de nome estrangeiro (e o nome ajuda, porque não?).

Enquanto para o homem contemporâneo fazer “retiro espiritual” significa mobilizar-se para o terreno social. Fica evidente que para Ernani Reichmann viver, em constante retiro, em si mesmo é a maior experiência que ele ousou descobrir. Ele me parece que está a dizer que

em nossos dias as pessoas já não sabem fazê-lo, se não for tutelada por alguém, com seus mais variados níveis de preparo. Esquecemos que bastaria nos encontrarmos conosco, com disponibilidade suficiente para nos encontrarmos, seja com nós mesmos, com nossos eus (passados, presente e futuros) ou nos séculos com tantos outros-eus! Nesse sentido, o encontro com autores-criadores, personagens – falhados ou realizados –, Strindberg, Dostoievski, Nietzsche, Kierkegaard, ou ainda, Octavio de Faria, Miguel de Unamuno, Jaspers e Heidegger, cumpria sua finalidade de “retiro espiritual”. Essa compreensão dos fenômenos espirituais é para Ernani Reichmann possível graças à dispersão, e diminuir ou romper com a tutela do terreno social, é consecutivamente ter disponibilidade para si – cultivar a solidão enquanto uma hipertrofia existencial.

Aceitar-se em retiro espiritual, sem depender de nenhuma condição ou determinação exterior, é viver uma *experiência* de exceção como a que vive Reichmann. Ele se sente à margem, hostilizado por seus familiares e conhecidos, perfeitamente rotulado e classificado – a única presença que lhe faz justiça, é a de Puppi. Por isso, a ele confessa que:

A chuvinha miúda que caía para mim, só para mim, me pedia que eu fosse andar, andar. Andar num mundo que é só meu, que ninguém é capaz de compreender. Muitas vezes, eu pedi que eles ouvissem o que dizia a minha alma. Mas, eles foram adiante e eu fiquei à margem da vida, como um traste velho, de velho estilo (HF1, 97, 44°).

Ainda que os outros fossem adiante e ele estivesse à margem, vivia e tinha experiências singulares. Como a de Firmino e Elvira, Ernesto e Padre Miguel, todos personagens realizados.

### **No Firmino há perfeita unidade entre o interior e o exterior**

...Ele vive de lembranças. Sua própria roupa é uma lembrança. Mas, ele tem certeza de que Elvira há de voltar. Firmino sabe o que quer. Ou melhor, ele quer. Enquanto Elvira não chega, é com as lembranças dela que ele vive. Ao saber, no entanto, que Elvira estava para chegar, ele constrói outra casa bem no meio das ruínas da casa velha. É uma casa nova a que ele constrói. Elvira, concentrando nela todo o passado, todas as lembranças, cria outra vez, o presente de Firmino, que era passado. Mas, Elvira manda dizer que morreu e Firmino enlouquece. Elvira, porém, continua a existir (lembrança enlouquecida) mas continua, porque ele quer, no recôndito de uma vontade que a razão é incapaz de orientar (HF1, 34).

O primeiro *Caderno van der Lubbe*, cujo título é *Firmino e Elvira*, envolve pela narrativa três personagens: Pedro, Firmino e Elvira. O primeiro é responsável pela comunicação entre os dois últimos, que parecem viver um amor mal resolvido. Firmino vive em um mundo de lembranças, aguardando o retorno de Elvira. De fluxo em fluxo de pensamentos, Pedro ressurge para anunciar a proximidade de sua amada. Não fica claro qual a relação de Pedro na vida dos dois (Elvira e Firmino), contudo fica evidente que é ele o portador de notícias boas ou

más. Ele faz a mediação do início ao fim. A história é carregada de fluxos de pensamentos, que começam e tem fim, e recomeçam novamente, e se cruzam com os de Firmino e Elvira. Não há narrador, só vozes que ecoam e preenchem o espaço com sentimentos, como o desespero, a saudade, a alegria, a esperança. Mas todos se precipitam, saturam-se em loucura e desatino.

Como explica Ernani há perfeita unidade em Firmino, entre interior e exterior. Ambos estão em proporção semelhante, o que garante aquilo que Kierkegaard denominou como “a repetição”. Aliás a epígrafe do caderno, já de início nos sugere este mote: “Conheci que não há repetição”, frase de Kierkegaard. O mote é um enigma, pois a repetição kierkegaardiana é reapropriação, isto é, pegar ou tomar novamente aquilo que já se teve ou ainda se tem, mas de que se quer mais, ou aquilo que já se tentou apropriar anteriormente sem completo êxito. Me parece que este não é o caso de Firmino, pois ele teve Elvira em seus braços e agora vive apenas de lembranças – na esperança que Pedro lhe diga o que ele mais quer ouvir.

Ernani explica que Firmino vive de lembranças, de tal modo que suas roupas são lembranças. Ele vive animado pela “certeza” que um dia Elvira retornará, para que seu desejo encontre morada no objeto que lhe apraz. Firmino sabe o que ele quer, ele quer. Isso demonstra pelo menos a princípio que sua vontade é guiada pela razão, pois a certeza de que ela retornará alimenta suas ações e planos. Enquanto Elvira não chega, ele repete a vida que teve com ela: “ele vive com as lembranças dela”. Este estado lhe gera energia vital para continuar, a repetição dessas lembranças lhe faz feliz, motivado e otimista, pois possibilita a Firmino o movimento existencial, do crescimento espiritual. Esse crescimento fica evidente na ideia de construir uma casa nova, sobre as ruínas da casa velha. Elvira concentra todo o passado, talvez a recordação do que os fez infelizes, nostálgicos e pessimistas. A presença de Elvira, para Firmino, concretizaria a repetição. Há um paradoxo, pois o que Elvira representa não pode assegurar a manutenção da vontade de Firmino, cabe a Pedro a mediação entre os dois termos desse paradoxo.

Pedro comunica o que Elvira lhe pede, Firmino fica sabendo indiretamente que o objeto de seu desejo pereceu. Nesse sentido, sabemos que não há repetição, pois Firmino enlouquece com aquela notícia trágica. Ele assim quer, pois só lhe resta a “lembrança enlouquecida”, não mais a repetição que lhe poderia dar esperanças. Há somente “uma vontade que a razão é incapaz de orientar”! Há apenas desespero, e por desesperar-se é que ele tenta agarrar-se às lembranças enlouquecidas, já que ele jamais poderá encontrar a perfeita unidade com sua amada. Sorte Peer reproduz, ao fim do caderno, duas cartas bastante significativas de van Neutgen. As cartas foram editadas a bel-prazer pelo risonho azarão, ele na qualidade de editor e van Neutgen na detestável atitude de crítico. Sorte Peer se deleita com a brincadeira,

emaranha-se as cartas um riso distinguível não apenas nas entrelinhas, mas também nos parênteses que mutilam a crítica esnobe de van Neutgen.

Van Neutgen nestas cartas propõe uma leitura pseudo-kierkegaardiana ao *Firmino e Elvira*, isso quer dizer que a leitura dele denota certa erudição mas não alcança o cerne do verdadeiro conceito de repetição. Apesar da epígrafe orientar a leitura pelo mote da repetição a Kierkegaard, Sorte Peer parece indicar oposição a interpretação dada por van Neutgen. Essa interpretação problemática decreta igualmente que a repetição em Firmino é “problemática”. No fim das contas, Sorte Peer introduz as duas cartas de van Neutgen para prolongar o riso: todo leitor que com pretensa racionalidade tente dar conta da vontade de Firmino, apenas incorrerá na defeituosa visão de que “Conheci que não há repetição”. Os cadernos são permeados por contradições, ironias e o perverso humor negro do azarão.

Há uma performance aqui, e se joga com os elementos materiais e imateriais do universo bibliográfico, o livro-caderno é poroso, permeável e incompleto por natureza. Sua completude é um desafio, novas interpretações nesse tabuleiro representam novos lances. Quem é capaz de apostar contra o azarão? Ele, Sorte Peer, conhece todas as formas de fracasso, daí sua estratégia editorial de prender a atenção do leitor pelas mais variadas formas de Passa-Tempo. Aprofundar-me tanto na exegese deste primeiro caderno, quanto no conceito verdadeiramente kierkegaardiano de repetição, colocam problemas insolúveis neste momento. A complexidade é exponencial! Foi medida e calculada pelo autor-pessoa, para que o autor-criador (ou autores-criadores) envolva toda e qualquer interpretação em uma rede de possibilidades que mantém sempre aberto o sentido. Contudo é importante chamar atenção para o fundamento do caderno, a explicação que Ernani prometeu a Milton Carneiro que, certamente, devolveria carne aos personagens do caderno.

Nesse sentido, Firmino é uma imagem do jovem Ernani que aguarda sua irmã em um corredor do internato, é a mesma imagem autobiográfica atribuída ao Jules – que apresentei ao esboçar o ano de 1940. As reverberações desse motivo reforçam a ideia de que a temporalidade se cruza a espacialidade e fundem-se em um cronotopo que não é apenas uma racionalização fortuita de um momento privilegiado na autobiografia de Ernani Reichmann. Esse cronotopos evoluem e seu uso fabrica quiasmas, em que fato e ficção se entrecruzam:

Foi Firmino quem ouviu aqueles sons de piano que vinham pelo corredor escuro do colégio. Que vinham tristes, quase cansados e que entravam coração adentro. Elvira, por sua vez, fazia o papel das notas de piano no Firmino de outro tempo. Descobri também que Elvira se chamou primeiro Silonia Thea, a que chegou dançando num passo de fox (HF1, 96).

O espaço é descrito como um corredor escuro em que notas de piano escoam pelo ar, o tempo é, certamente, o de internato. O instante que esse cronotopo conecta é aquele em que nasce a consciência de que o Jules nos fala, momento decisivo em que a angústia se delimita e se define, como uma vertigem diante da realidade. Por isso, não resta outra opção ao Firmino de van der Lubbe, ele lembra enlouquecidamente das “notas de piano no Firmino de outro tempo”. Pedro é esse mediador entre o exterior e o interior, por isso estes elementos encontram-se em perfeita unidade. Pedro é a consciência entre Firmino (angústia) e Elvira (liberdade).

### **No Ernesto, essa unidade deixa de existir pela intromissão dos outros**

...Os homens que chegam com suas ferramentas de trabalho, para transformar a cidade: expressão do exterior, do ambiente de Ernesto. E ele se desespera precisamente por isso: pela diferença entre o sonho, a cidade que ele sonhou para si e a cidade que ele encontra ao regressar, depois de dois anos de ausência (HF1, 34).

“Quando eu saí de Erechim, só deixei o esqueleto da cidade. Sua alma bem – sua alma –, isto é um segredinho inocente. Vê a peça de van der Lubbe: Ernesto, o progresso e o nada” (HF1, 97, 22º). Ernani revela-nos o sentido cronotópico, que perfaz o pano de fundo deste segundo *Caderno van der Lubbe*. O contexto é aquele que já conhecemos: a cidade de Erechim, deixada quando o jovem Ernani vai para seu Pré-Jurídico, em Porto Alegre. Embora o cronotopo indique ser a assimetria entre a cidade que cresce em um sentido (exterior), e o Ernani que cresce em outro sentido (interior). Essa assimetria não é apenas espacial, é temporalmente delimitada. O período de dois anos já é o suficiente, para evidenciar a disparidade entre os espaços. A cidade que cresce exteriormente não é mais a cidade que “Ernesto sonhou para si”. Essa última cidade, me parece estar de acordo com o mote dado a esse caderno: “...porque, mesmo utilizada no interesse da ordem estabelecida, a interioridade não interessa ao mundo”, também de Kierkegaard. A cidade continua rumo ao progresso, independentemente do que Ernesto pense ou tenha sonhado.

Além disso, Ernani nos antecipa que a forma deste caderno é a da peça teatral. Neste quesito, o *coral* não é apenas de vozes, mas também de gêneros literários. O primeiro caderno se apresentou através da prosa, este segundo varia a forma. A peça mobiliza personagens como Osmar, Ernesto, Carmem, a Estrela, a Musa, o Gordo, a Morte, o Botequineiro, o Pai, o Fantasma e o Coro de Fantasmas. Ernani copiou cartas e bilhetes que endereçou a Ernesto (HF1, 50) e Osmar (HF1, 97, 22º), é bem provável que estes amigos de infância tenham servido de inspiração para seus personagens. Contudo, fica evidente que o nome em destaque é o de Ernesto! Afinal de contas, quem era Ernesto?

Eu tinha um amigo: chamava-se Ernesto. Escrevi muitas cartas ao Ernesto. Chegou o dia, porém, em que ele precisou de mim. Fui em socorro do Ernesto e logo após, ele se transformou num herói: nas tardes calmas de Porto Alegre lá estava ele nas nuvens, com o seu planador. Depois, ele desceu das nuvens. O planador ficou esquecido no campo. O Ernesto fez muitos negócios de terras em Santa Catarina. Ficou rico e estava para casar, quando eu deixei o Rio Grande (HF1, 50).

É difícil estabelecer o quanto de fato e o quanto de ficção há nesse quiasma. Contudo é relevante a explicação dada por Ernani, porque essa proximidade entre os dois pode ser decisiva para compreender a relevância de Ernesto para essa peça. Não há unidade entre interior e exterior como havia em Firmino, porque no Ernesto a intromissão dos homens com suas ferramentas de trabalho coloca a perder a imagem da cidade. A transformação da cidade leva Ernesto ao desespero, pois a diferença entre o sonho – “a cidade que sonhou para si” – e a cidade que encontrou após dois anos, eram demais para ele. Os homens com suas ferramentas e sons metálicos transformaram completamente a “expressão do exterior, seu ambiente”!

A peça mescla poeticamente lembranças da paisagem afetiva de Ernesto, com as industriadas transformações em nome do progresso. A história é cheia de metáforas, que se deixam ouvir, mas ficam em suspenso aguardando uma interpretação. Ernesto dialoga com Osmar, com Carmem, com o Progresso (o Gordo) e, por fim, com o pai de Carmem e Osmar, com exceção deste último todos tentam dissuadir Ernesto a não partir de vez. Entretanto, Ernesto está firme em sua decisão:

Osmar

É verdade que vais para não voltar?

Ernesto

É verdade. Para nunca mais voltar. (*E, apontando para a cidade*). Essa casas de cimento armado, de paredes rudes, de telhado onde as andorinhas não podem fazer ninho. Essas ruas calçadas com paralelepípedos simétricas, regulares... Essas ruas sem árvores e esses homens que só pensam em progredir, progredir. Sou um estranho na minha cidade. O progresso levou-a para bem longe de mim (VL2, p. 10)

Ernesto fixa sua decisão, ele é todo exterioridade, suas lembranças da cidade ainda permanecem e ao confrontá-las com o que seus olhos veem é que a assimetria fica mais evidente. Ele prefere partir, ao invés de ficar e prolongar seu sofrimento. A cidade havia mudado, mas ele não queria mudar, agarrava-se a todo custo aquela imagem que tinha feito. A estrela de Ernesto situa-o quanto ao nada, colocando o segundo chifre do dilema (*lat.* Cornutus) que aflige e desespera-o:

A Estrela

Em que solidão te mergulhou o gênio. Pobre Ernesto! Perdido numa cidade que não é mais tua – numa cidade que não mais te compreende, decidiste partir. Mas, sabes que

partes em busca do nada. Do nada que existe aqui – excluindo os fantasmas dos seres cativos – do nada que encontrarás em toda a parte.

(pausa)

Queres fugir ao cinismo de um funeral, quem sabe? Irás morrer longe. Onde não cheguem cínicas palavras de compaixão industriada. Ninguém há de chorar tua morte. Mas, o silêncio que se fizer sobre teu túmulo será mais profundo que as marchas fúnebres dos maiores gênios.

Sou tua estrela, força é seguir contigo. Mas os fantasmas dos seres que o progresso destruiu, aproximam-se para um último adeus. Eles choram, desolados, tua partida (VL2, p. 15)

Desta maneira, entram os fantasmas que nada mais eram do que lembranças da cidade de outrora: 1º o fantasma das Árvores da Avenida, 2º o fantasma das Fontes, 3º o fantasma dos Sobrados de Madeira, 4º o fantasma da Lagoa Grande. Todos estes fantasmas povoavam a cidade que Ernesto tinha sonhado para si. É interessante, na peça, como os cronotopos se desenvolvem, todos estão ligados ao jovem Ernani que deixa Erechim para estudar o Pré-jurídico em Porto Alegre – onde fica por dois anos. Mas ao voltar já não reconhece a cidade, e decide deixá-la para não mais voltar. É claro que esta imagem de um Ernani cativo de suas memórias passadas de Erechim retorna sempre. No entanto, este Ernani que é Ernesto acaba em um fim trágico que se deve ao amadurecimento do cronotopo da cidade. Entre o progresso e o nada, Ernesto prefere o nada! Ele e Carmem reúnem-se neste lugar, onde poderiam permanecer na cidade que Ernesto sonhou para si.

Antes de passar ao próximo caderno, é muito interessante observar as intervenções editoriais que Sorte Peer faz no caderno. No início da leitura, ao mote escolhido por van der Lubbe, e acresce uma epígrafe sua (instância editorial própria ao autor, agora colonizada pelo editor) do poeta francês François Villon (1431-1463):

« Prince n'enquérez de semaine  
Où elles sont, ni de cet an,  
Qu'à ce refrain ne vous ramène :  
Mais où sont les neiges d'antan ? »

“Príncipe, vede, o caso é urgente:  
Onde estão elas, vede-o agora;  
Que este refrão guardeis em mente:  
Onde estão as neves de outrora?”<sup>178</sup>

<sup>178</sup> VILLON, F. *Balada das damas dos tempos idos*, 1950, p. 84-85 (na tradução de Modesto de Abreu): “Balada das damas dos tempos idos // Dizei-me em que terra ou país // Está Flora, a bela romana; // Onde Arquipiada ou Taís, // que foi sua prima germana; // Eco, a imitar na água que mana // de rio ou lago, a voz que a aflora, // E de beleza sobre-humana? // Mas onde estais, neves de outrora? // E Heloísa, a mui sábia e infeliz // Pela qual foi enclausurado // Pedro Abelardo em São Denis, // por seu amor sacrificado? // Onde, igualmente, a soberana // Que a Buridan mandou pôr fora // Num saco ao Sena arremessado? // Mas onde estais, neves de outrora? // Que com voz divina cantava; // Berta Pé-Grande, Alix, Beatriz // E a que no Maine dominava; // E a boa Lorena Joana, // Queimada em Ruão? Nossa Senhora! // Onde estão, Virgem soberana? // Mas onde estais, neves de outrora? // Príncipe, vede, o caso é urgente: // Onde estão elas, vede-o agora; // Que este refrão guardeis em mente: // Onde estão as neves de outrora?”. Cf. VILLON, F. *Poésies complètes*, 1934, p. 317. Costa, D. P. P. *François Villon*

Sorte Peer, com essa epígrafe aparentemente ingênua, está mais uma vez a insinuar que o problema não é que a “interioridade não interessa ao mundo”, mas que de acordo com o poema de Villon, parece ser a mulher a ruína do homem. Talvez, ele esteja a nos abrir os olhos para a personagem Carmem – seu papel não é apenas de coadjuvante na história de Ernesto! Mas enfim, Sorte Peer também acresce uma série de cinco *Incisos Pneumatológicos* ao fim do caderno (Cf. SP2, p. 47-52). Os incisos são bastante reveladores sobre o projeto editorial para os Cadernos van der Lubbe, em suma Sorte Peer diz o seguinte: 1º) “van der Lubbe não sabe que resolvi publicar seus cadernos e, por mim, jamais chegará a sabê-lo”; 2º) “Se tivesse algo do que me arrepender seria de ter ‘dispendido’ algumas linhas com os críticos” – clara referência a van Neutgen, e por que não a Wilson Martins –; 3º) Sorte Peer lista três hipóteses referentes ao primeiro caderno publicado, a última talvez seja a mais enfática: “quando van der Lubbe escreveu este caderno ele ainda não conhecia a Repetição de Kierkegaard”; 4º) Sorte Peer lista uma série de protestos de van Neutgen, a sua intervenção às suas cartas publicadas no fim do primeiro caderno – além disso, ele coloca a verdadeira ordem dos cadernos; e, 5º) faz o anúncio que haverá um jantar em que os três pseudônimos se encontraram para debater a leitura do Banquete de Platão e de Kierkegaard. Em resumo esses foram os assuntos dos incisos, mas nada substitui a leitura dessa recensão, pois é carregada de uma franqueza assustadora e, sempre, sem perder o bom humor. Poderíamos até imaginar a face de van Neutgen, ao ser por variadas vezes e maneiras, alfinetado por Sorte Peer. Ou, ainda a face de van der Lubbe, se avinhasse as malandragens de seu secretário pessoal! Embora, minha imaginação voe, e certamente a do leitor terá o mesmo destino caso se entregue a este jogo cruzado de impressões. A face que mais me diverte é certamente a da empregada muda, em meio a tantos diálogos – talvez seja que mais fale, neste universo emaranhado em que van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer são testemunhas, e provas vivas.

### **No que se refere ao Padre Miguel, tudo se esclarece nos três enunciados seguintes**

1º - “Aquele que vive esteticamente não vê senão possibilidades, que para ele constituem a substância do futuro, enquanto aquele que vive eticamente, só vê deveres por toda a parte”.

2º - “Aquele que esteticamente espera tudo do exterior...” e

3º - “Aquele que vive eticamente tem, para lembrar uma expressão anterior, a memória de sua vida, o que não tem absolutamente aquele que vive esteticamente”.

Padre Miguel, na verdade, não tinha a memória de sua vida. Padre Miguel esperava tudo do exterior. E, finalmente, Padre Miguel se desesperou porque nenhum possível



(possíveis que constituíam não só a substância do futuro mas a própria substância, a razão mesma de ser do Padre Miguel), jamais chegou a se realizar (HF1, 34).

Ernani explica que “a epígrafe do Padre Miguel introduz o leitor imediatamente no tema do caderno”, a epígrafe são aqueles três enunciados acima. “São a transcrição da Alternativa”, lido certamente na edição francesa de Paul-Henri Tisseau (1894-1964), e se trata da “1ª grande obra de Kierkegaard, na parte intitulada: ‘O equilíbrio entre o estético e o ético na formação da personalidade’.” Essa epígrafe, segundo Reichmann, nos leva ao cerne deste caderno. O Padre Miguel é um livro que nos lembra muito a condição que Ernani enfrenta ao Retornar a Erechim, na condição de casado e pai. Sua reflexão sobre o casamento certamente é refletida aqui, pois ainda que estejamos falando de um Padre, o casamento tem uma dupla implicação na vida de Miguel. Primeiro, diz respeito ao desaparecimento do pai durante a primeira guerra mundial, ele cresceu a sombra da espera de sua mãe pelo retorno de seu marido. Segundo, o casamento de Miguel com o sacerdócio, da mesma maneira como a mãe aguarda o retorno de seu esposo, Miguel aguarda que o exterior se manifeste.

O cronotopo em questão é o da relação que essa instituição desenvolve: no caso da mãe uma vida ética, pois aguarda o retorno de seu esposo – celibatária como o filho; já no caso de Padre Miguel, não há memória, há apenas possibilidades de que algo externo possa lhe preencher a ausência que o pai deixou. O casamento de Padre Miguel com Deus, é meramente estético. Ele não alcança a dimensão ética, e provavelmente nunca dará o salto para o estado religioso. O que parece ser uma contradição, afinal ele como Padre deveria estar disposto a abdicar de tudo, para poder viver em plenitude. No entanto os possíveis levam ele ao desespero, nesse sentido este caderno é repleto de afetos comovedores. Ernani explica que:

De todos os cadernos de van der Lubbe, publicados até agora, o Padre Miguel é o mais rico de sentimento, de vida e de reflexão kierkegaardianas. Uma rápida análise deste caderno (em confronto com os demais), fixa as relações existenciais de van der Lubbe com o poeta-pensador dinamarquês (na expressão feliz de Karl Jaspers), de modo decisivo. Em primeiro lugar, ele leva ao máximo a diferença qualitativa entre o interior e o exterior. Mas, também, não poderia repetir com Kierkegaard: “Deus me deu a força de viver como um enigma” – porque ele carecia de vontade (HF1, 34).

Assim, o caderno escrito em prosa, transmite-nos alguns paradoxos existenciais na vida de Padre Miguel. Além de ser bivocal – para usar um termo bakhtiniano –, o que quer dizer que o caderno é rico em dialogismo de Miguel, para consigo mesmo.<sup>179</sup> Nesse sentido Padre Miguel vive o “desespero do possível”, uma carência de necessidade:

Se o possível repele a necessidade e o eu se precipita e perde o possível, sem elo que o prenda à necessidade, temos o desespero do possível. Esse eu torna-se então uma

<sup>179</sup> BEZERRA, P. *Breve glossário de alguns conceitos-chave*, 2015, p. 243.

abstração no possível, esgota-se debatendo-se nele, sem contudo mudar de lugar, pois o seu lugar é a necessidade: tornar-se ele próprio é com efeito um movimento sem deslocação. Tornar-se é partir, mas tornar-se si próprio é um movimento sem deslocação.

O campo do possível não para então de crescer aos olhos do eu, e este encontra sempre mais possível, visto que nenhuma realidade se forma. Por fim o possível tudo abarca, mas é porque então o eu foi tragado pelo abismo. Algum tempo se ria necessário para que a mais pequena parcela de possível se realizasse. Mas esse tempo de tal modo se abrevia que tudo por fim se dissolve em poeira de instantes. Os possíveis tornam-se cada vez mais intensos, mas sem que deixem de ser possíveis, sem que se tornem reais, e no real não há de fato intensidade se não houver passagem do possível ao real. Mal o instante revela um possível que logo outro surge, e estas fantasmagorias acabam por desfilar com tal rapidez que tudo nos parece possível, e atingimos então esse instante extremo do eu, no qual este não é mais do que uma miragem.<sup>180</sup>

O desaparecimento de Padre Miguel é a realização deste eu “tragado pelo abismo”, ou deste eu que tornou-se uma “miragem”. Padre Miguel, provavelmente, deve ter se perdido na solidão de si-mesmo. Este caderno tem uma atmosfera de seriedade, na qual Sorte Peer não consegue adentrar, logo a impressão que temos é a de que Padre Miguel seja este possível de Ernani Reichmann que se chama van der Lubbe. O que nos possibilita ver nele um abismo, um miragem, mantido a uma distância segura para apenas contemplar sua atmosfera sensível e comovente.

## No Casamento de Genoveva

..., Crespo que conhecera a vida dramática de seus pais, que tivera, também ele, uma experiência, vive negando a possibilidade de uma vida ética. Mas, quando sua carne se rebela, fantasiando-o de herói e levando-o a sair atrás de Genoveva, é em termos ético-religiosos que ele procurará justificar o seu procedimento. Quem o salva, porém, quem dá sentido ao seu gesto, quem resguarda o melhor dele mesmo, é Genoveva e aqui o tema de Victor Eremita: “Muitos se tornaram gênios, heróis ou santos, cada um graças a uma jovem. Mas, o homem não chegou a ser gênio por aquela que ele possuiu, porque ela não o fez dele mais do que um Conselheiro de Estado. Ele não chegou a ser herói por aquela que ele desposou, pois que graças a ela, ele não chegou a ser mais do que general. Ele não chegou a ser poeta por causa da companheira de sua vida, porque, por ela, ele não produziu senão crianças. Ele não chegou a ser santo por aquela, que lhe foi concedida, porque ele não a quis, e ele não queria ter mais do que uma, porque ele não a teve, como cada um dos outros se tornou gênio, herói ou poeta, por aquela que ele não possuiu” (HF1, 34).

*O casamento de Genoveva* (1954) é o quinto Caderno van der Lubbe a ser publicado, e como evidenciamos acima o tema central é o casamento e os reveses da vida. Se Kierkegaard sacrifica o casamento em nome do religioso, sacrifício comparável ao de Abraão, Crespo a seu modo tem seus planos frustrados pelo suicídio daquela que desposaria. Seu drama era viver com a imagem daquela que nunca desposou, Genoveva não aceitava o castigo paterno do casamento arranjado. Decide colocar fim a sua vida, pobre Crespo desesperava-se para casar-

---

<sup>180</sup> KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*, 2010, p. 53.

se e, diante do casamento, desespera-se por não ter podido consumir sua união. A morte dá a Genoveva a liberdade, mas a Crespo a melancolia de uma vida irrealizada. Ele que poderia ter sido gênio ou herói, tornava-se santo por vias escusas – um celibato infligido por um golpe do destino. O que seria de sua vida? Agora que se tornava sacrifício involuntário, um Isaac a fórceps.

Genoveva salva Crespo de uma vida que o consumiria, dá a ele o luto, mas também a possibilidade do ético-religioso se concretizar. O caderno é uma micro novela carregada de sentimentos e sensibilidade que recobre a narrativa com uma aura de desespero. É preciso renunciar a si, para ganhar a si mesmo, reflete Genoveva. No fundo, ou pano de fundo, o que esse caderno retoma é o sentido trágico do existir, do ser fiel a si ainda que custe a vida, perde-se a vida, para ganhar a vida. Esse era o sentido do luto de Crespo, perder para perdendo se encontrar. Ele conservaria aquela que desejava, enquanto desejo! Realizar este desejo colocaria fim, Genoveva finda-se para que o desejo não encontre satisfação, pois satisfeito perderia seu sentido mobilizador. Genoveva anseia pela liberdade, mas também anseia que Crespo salve-se. Seu procedimento resguarda a existência de Crespo, ao conceder-lhe a possibilidade de ser santo. Essa história cheia de insídias, desmonta o enredo padrão. Genoveva não dá satisfação ao desejo alheio, nem permite a ela viver uma história diferente da que escolhera. O caderno brinca com os possíveis e exige do leitor, que compreenda

A atitude de Genoveva, suicidando-se, [pois] também está explicada por Kierkegaard, quando diz: – “Se se considera em sua totalidade, a existência da mulher, para conceder-lhe os momentos decisivos, esta existência dá, em cada caso particular, uma impressão absolutamente fantástica”. É o caso de Genoveva, que queria casar como todas as moças e que suicidou quando viu que aquele que viera para redimi-la do pecado, não teria forças para suportar as consequências do seu gesto e que, nele, o homem venceria, afinal. O ético, que desaparecera na existência do Padre Miguel, assume o caráter trágico na vida de Crespo, só não chegando ao religioso porque ele era um desses santos sem Deus, numa resposta ao único problema concreto dos nossos dias... (HF1, 34).

A passagem nos mostra que as categorias kierkegaardianas funcionam como motivos, na configuração do enredo. Cada caderno tem sua temática desenvolvida em um, mais de um, ou simultaneamente várias modalidades narrativas. Assim, os motivos conectados a uma modalidade criam o cenário perfeito em que deslizam de maneira experimental personagens psicologicamente enredados em uma trama que entrecruza ficção e fatos da vida de Reichmann. Tudo leva a crer que ele teve um amor juvenil antes de Annie, representada na personificação de Genoveva. Ele era todo doação como Crespo, no entanto a história de ambos parece ter tomado outro rumo. Nem um, nem o outro mostraram-se merecedores daquela que desejavam. Sobre-lhes a imagem petrificada antes do adeus, alcançam um estágio que não faz sentido já

que não lutaram para tê-lo. Esse é o drama de Crespo, ter o que não desejava, permanecer desejando – já que seu amor tem objeto, porém nunca será satisfeito. Logo, este quinto caderno parece encerrar um drama, a imagem do inalcançável amor – já que o objeto da satisfação é apenas uma representação.

O sexto Caderno van der Lubbe apenas será publicado anos mais tarde, porém Ernani dá a conhecer três acontecimentos da vida de Luciano. O que nos permite deduzir que o caderno já estava escrito em 1955, mas por algum motivo, ou por simples jogo editorial, o conjunto de cadernos permaneceu 26 anos incompleto. Vindo a se completar, por motivos escusos, somente com a publicação dos *Inéditos* da Experiência de Personagem em 1981. Cito o começo da transcrição que se tem acesso em 1955, ao fim do *Hic Fuit*:

### O Diário de Luciano

Não sei se te lembras, Puppi, do Diário de Luciano, que van der Lubbe transformou no seu Drama de Luciano? Entre os papéis que devem ser queimados – uma cesta deles já foi queimada, Puppi, e como senti vê-los desaparecer para sempre, na fumaça que teimava em continuar, que entrava pela casa, que vinha até (fenômeno estranho, quase inacreditável, era o vento de certo) o meu quarto – encontram-se as folhas com o Diário de Luciano. Apesar de toda a capacidade de síntese (e de pensamento) de van der Lubbe que não chega nunca a destruir a forma, e que não requer “interpretações” de espécie alguma, resolvi transcrever três páginas que foram decisivas para a vida de Luciano: o encontro com Julia, um passeio de Luciano e, finalmente, o seu encontro com dona Angélica, que revelou – ver o Drama de Luciano – a Luciano, aquilo que ele não conhecia: a consciência do eu, o espírito, a loucura do espírito (HF1, 102).

Nesta transcrição, Ernani nos mostra um pouco do seu processo de separação, transcrição e incineração dos originais. Há quase uma menção mística a fumaça que insiste em invadir seu quarto de estudos, a cena lembra à fumaça que sinaliza o conclave – ela escreve de outra maneira aquilo que os papéis continham. Não se trata de uma linguagem de passado, mas uma comunicação nova que emerge das cinzas. É o próprio *Hic Fuit* o signo que a fumaça branca faz emergir, pois nele preserva-se de outra forma o passado que se encontra presente, o passado de Reichmann é um presente ofertado ao amigo – Puppi é seu fiel depositário, e consequentemente nós leitores, pois o fiel amigo nos serve de modelo e representação patente desse vínculo de confiança.

Primeiro foi *O Diário de Luciano*, que converte-se em *O drama de Luciano*. O primeiro título nos mostra o estado bruto que origina o caderno, graças ao poder de síntese de van der Lubbe tem-se o ininterpretável escrito. O resultado é o sexto caderno que revela-nos o drama de Luciano. Durante 26 anos, a único acesso ao conteúdo do caderno não publicado se resumiu a três páginas transcritas do diário. As restantes páginas impregnam a casa, porque

certamente não tiveram a mesma sorte. Por outro lado, o caderno é uma espécie de palimpsesto. Várias autorias confluem nele, é o mais exótico dentre os cadernos de van der Lubbe. A história está ligada a pessoa de Luciano, que se desloca na narrativa de sua terra natal para Curitiba. Ele firma-se como um estudioso da biografia do Almirante Saldanha da Gama,<sup>181</sup> além de conhecer muitas pessoas nessa cidade. O ápice do caderno são os fins escritos por van der Lubbe, Sorte Peer, van Neutgen, e o próprio Ernani Reichmann (ER), a exemplo do campo de possibilidades que se desenha ao início de *Temor e tremor*, o caderno exercita em seu fim a mesma estratégia narrativa de imaginar fins possíveis ao destino histórico.

O caderno, além de se concentrar na trajetória deste Luciano que almejava reconhecimento, incorpora a narrativa Isaac. Tanto o bíblico sobre a forma do pèriplo de Johannes de Silentio, quanto o concebido pelo personagem – Ernani Reichmann. O Isaac de “ER” (o personagem da *Experiência de Personagem*), recebe em sua cela na prisão Luciano para um último diálogo. É Isaac que explica a Luciano a sua, a dele, e de outros mais Isaac’s que tenha o mundo:

...Jesus foi um Isaac a seu modo. Isso se pode ver facilmente pelas palavras que ele dirige a Deus: “Pai, Pai, por que me abandonaste?” Você é um Isaac. Luciano é outro Isaac. Mas o drama de cada Isaac depende da dose de maldade de seu Abraão. Jesus bebeu o cálice da amargura até a última gota. Mas, quem o levou a beber nesse cálice? Não foi Jeovah, o todo poderoso senhor rei dos exércitos? O que impôs a lei, o que tantas vítimas exige diariamente para mostrar-se em toda a sua majestade, em todo o seu poder (de maldade)? O que, por um passe de mágica, transferiu sua maldade para os homens, culpando-os da morte de Jesus? A verdade é que ninguém pediu para ser redimido. Nem você, nem Luciano, nem eu!

Pobre Luciano, ouvir essas palavras, ele que nascera e que praticara a religião como todos a praticam: sem grande zelo, sem cuidado, sem temor nem tremor! Tudo se passara normalmente: o catecismo, a primeira comunhão, a crisma... Mas, era só. Depois, com o decorrer do tempo, ia a uma ou outra missa, sem preocupações de qualquer ordem, sendo levado, simplesmente levado (VL6, p. 432).

A citação nos mostra de maneira particular como o cronotopo autobiográfico coral floresce entre as escritas de si, e vai se metamorfoseando ao olhar do leitor atento aos sinais em formas mais complexas como drama de Luciano. Meu papel não é mostrar qual é este drama, mas apontar como as folhas salvas e os cadernos van der Lubbe e van Neutgen se conectam. Essa conexão somente pode ser o leitor compreensivo, que acompanha os lances editoriais de um eu que raramente se mostra. A única evidência que temos dele é o signo, que representa essa ausência através do personagem. Pois seu eu real não compactua com as táticas de edição

---

<sup>181</sup> Luís Filipe de Saldanha da Gama (1846-1895) foi um militar da Marinha brasileira, bacharel em letras. Representou o Brasil nas exposições de Viena (1873), Filadélfia (1876) e Buenos Aires (1882). Foi condecorado pela sua atuação na Guerra do Paraguai, além de ser um dos defensores da não participação militar na política partidária nacional. Falece pelas mãos de um caudilho, em 1895 ao fim da Revolução Federalista.

do personagem. O drama de Luciano tornou-se *Inédito* na ambígua condição de ser para um futuro distante e ter continuidade através de outras vozes que não a de van der Lubbe.

As criações do personagem são fantásticas, exige de seu leitor uma paciência colocada à prova, tanto temporalmente, quanto espacialmente. Se algumas páginas de um diário imaginário salvam-se do limbo daquele fogo redentor, algumas notas – verdadeiros retratos – particulares também resistem como diamantes lapidados por um meticuloso ourives. Esses diamantes brilham e cintilam em meio a negra mancha de tinta página a página, contrastam, nos mostram esperança de um céu radiante que se esconde atrás de inumeráveis e instáveis, incitáveis nuvens de acinzentada melancolia. Observemos algumas. Elas também são cronotopos como os que vimos até aqui, no futuro elas participarão do enredo transfiguradas.

### **Alunos célebres (de 54)**

A Isoldinha e Brunilda resolveram estudar no meu quarto. Ontem (17/8/54) encontrei sobre a minha mesa de trabalho, um livro de chamada. (É que elas, de alunas, se transformaram em professoras). Vê que relação de alunos célebres estudam com as professoras (que devem ser também muito célebres): Goethe, Kierkegaard, Rilke, Gide, Dostoievski, Nietzsche... (O original está comigo) (HF1, 79).

Como podemos ver os três cadernos van der Lubbe publicados, arrefecem a vida de Ernani. Cada um é parte de um todo enigmático, como qualquer obra seu sentido é aberto, apenas ofereci alguma reflexão para que a leitura seja minimamente guiada. Contudo, não foi minha intenção esgotar, muito menos colocar a última palavra sobre o assunto. Eu aposto que este trabalho desperte futuros leitores e um acesso menos dramático com o qual tive minhas primeiras aproximações com estes cadernos. A sensação que tive era de estar em meio a um labirinto intransponível, e aos poucos guiado pelas cartas a Puppi já é possível caminhar sem se desesperar. Talvez o efeito deste complexo projeto editorial tenha sido este, de tirar o leitor de sua posição passivamente confortável, para lidar com a complexidade crescente que uma leitura táctica exige.

Além de mostrar e sugerir alguns elementos salva-vidas nesta labiríntica leitura, tentei mostrar que os personagens são quiasmas em que se entrecruzam fatos e ficção, história e literatura, memória e filosofia. Ernani assim quis que explorássemos de maneira dúplice este território híbrido de autobiografia e autoficção, que ele chamou de terra de ninguém. Ao fim desta grande carta dedicada a Milton Carneiro, que lhe deveria servir de guia ao acesso ao universo de van der Lubbe, Ernani encerra da seguinte maneira: “Que van der Lubbe considere a obra de Kierkegaard como um espelho e que veja refletida a sua própria imagem, está bem, mas eu – como devo proceder – eu... que quero escrever sobre Kierkegaard?” (HF1, 34).

Essa questão nos parece até bizarra, Ernani escrevia ou não sobre Kierkegaard? Na verdade, ele se metia na pele de van der Lubbe. Embora ele não fosse van der Lubbe! Esse é o paradoxo da comunicação indireta, Ernani sopra ao ouvido de suas identidades narrativas o que elas devem escrever. Contudo esse não é um processo de determinação, suas identidades narrativas são livres e atuam de acordo com um quadro de valores próprios que lhes dá acabamento. Essa percepção é alcançada, graças a Bakhtin quando teoriza sobre o cronotopo do autor:

Encontramos o autor fora da obra como um homem que vive a sua vida biográfica, mas nos encontramos com ele como criador também na própria obra, ainda que fora dos cronotopos representados como que numa tangente a eles [o que não satisfaz o caso de Ernani, ou seja, encontramos ele fora, na tangente e nos cronotopos representados]. Encontramo-lo (isto é, encontramos sua atividade) antes de tudo na composição da obra: ele a desmembra em partes (cantos, capítulos, etc.) que evidentemente ganham alguma expressão externa, mas que todavia não se reflete de forma imediata nos cronotopos representados.<sup>182</sup>

Isso quer dizer que Ernani vive uma vida biográfica distinta da vida de suas identidades. E quando ele nos fala que também quer escrever sobre Kierkegaard, está a nos dizer que uma outra leitura ainda é possível, e concretizável não apenas em van der Lubbe. Esse é um dos paradoxos da vida biográfica de Ernani, que desperta sem sombra de dúvida meu fascínio para as mais variadas formas de compor uma autobiografia em escalas de cinza.

É esse Ernani biográfico, que convive com Annie, Isolda e Brunilda – 34, 31, 10 e 8. O lar da Paula Gomes é um microcosmos pelo qual ele, Ernani Reichmann, transporta-se para seu mundo interior. Suas filhas, ainda que não visitem seu pai nele, convivem com os gostos literários e filosóficos do pai. Afinal elas cresceram em meio a livros de todo o tipo, porém como é significativa a passagem que anota ao Puppi sobre o gesto das filhas. Ernani podia até acreditar que encontrava Goethe, Kierkegaard, Rilke, Gide, Dostoievski, Nietzsche..., na intimidade de seu quarto de estudos. Suas filhas provam que as coisas não eram bem como ele imaginava! Esses “alunos célebres” não passariam ilesos, sem frequentar o convívio de mais que um Reichmann. A passagem é uma ambrosia da qual Ernani, por mais restritivo que fosse com as anotações sobre o foro privado, não poderia deixar de transcrevê-la ao amigo confidente.

Quais são os limites entre o foro privado e a interioridade, que se manifesta na escrita de um caderno ou de uma carta? É um exercício sua separação, em alguns momentos surge uma passagem como a anterior. Para uma biografia é muito pouco, teríamos que sondar pelo buraco da fechadura para tentar espiar mais. No entanto, na reconstrução dessa autobiografia densa e

---

<sup>182</sup> BAKHTIN, M. *Teoria do romance II – as formas do tempo e do cronotopo*, 2018, p. 232.

tão singular, gosto de pensar que são momentos que vislumbramos um Ernani que também é pai. São as raras passagens como essas, porém são justificadas como a decisão de querer escrever sobre Kierkegaard. O Ernani que quer, é certamente o mesmo Ernani que apresenta doces lembranças de seu convívio com as filhas. Enquanto pensava este parágrafo, era quase impossível controlar as lembranças que me assaltam, são recordações doces como as que Ernani vive e que tornam inviável o trabalho de escolha do que deve ou não ser transcrito. Certamente, se agíssemos guiados apenas pela racionalidade, não caberia cronotopo de sentimentos e emoções. Ainda que a autobiografia coral de Reichmann seja em muitos aspectos um trabalho intelectual, seria errado e injustificado aceitar que sua vida toda foi dominada por atos calculados e razoáveis.

Algumas dessas passagens singulares se manifestam em meio às transcrições, vêm à tona para nos lembrar que os limites não são tão claros, que apesar de Ernani querer exercitar sua limitação, ele não é indiferente aos afetos e carências. Sua atenção é solicitada, mas ele parece não conseguir desviar seu olhar dos livros e de sua máquina de escrever, deixar a escrita onde parou. Seu receio é que o momento defraude a escrita? Permanecerá incompleta e engastada ao dispositivo, e seu zelo? Ele se volta para a filha, ainda com os pensamentos na folha – branca, azul, verde ou amarela, [não] importa qual. Ele com um lance de olhar compreende a tática, inconsciente infantil manifesta,

A Brunilda me perguntou por um livro que tem na capa, um homem, uma mulher e um anjo que está saindo. Como eu não soubesse de que livro se tratava, ela mesma o encontrou. São os poemas e os contos de Edgard Allan Poe, numa edição “gigante” da Modern Library. Depois, ela pendurou uma garrafinha (de propaganda) de coca-cola sobre o retrato de Kierkegaard, dizendo: Que tal, heim gente (a Isoldinha, a Annie e eu)? O próprio Kierkegaard teria rido com a brincadeira. Mais tarde a coisa se complicou. Ela queria um livro que tinha na capa, um soldado, um coração e, dentro do coração, um retrato de mulher. Este livro nem ela pôde encontrar. Mas, como eu duvidasse da existência do livro, ela me disse muito séria: – Não é sonho... eu vi o livro de dia (HF1, 73).

Essa maneira de convocar *olhos nos olhos*, poderia ser encarada como uma forma de agência? Afinal, ele atenderia ou não aos caprichos de sua filha? Certamente, ainda que não saiba, Brunilda teve êxito, sua tática alcançou algum resultado. Caso contrário, não estaria a refletir sobre os seus gestos e suas carências! É interessante que, ao ser desafiado, ele se coloca em prontidão. Ernani deixaria de responder ao desafio? Talvez. A cena nos mostra que por detrás deste jogo, há um convite a sociabilidade – todos sentiam sua presença, mas há uma concorrência pela sua diligência. Ernani não parece ser um bom jogador, ao menos é a impressão que ele nos dá! O espanto com a memória e a habilidade da filha é capturado na carta



que remete a Puppi. Brunilda, de maneira inteligente, captura a insossa complacência, no seu anzol estavam duas coisas que ele certamente apreciava muito: os livros e Kierkegaard!

Nos dias de reclusão em meu quarto de estudos, às vezes minha concentração – no duplo sentido da palavra – era quebrada de maneira semelhante à do pai de Brunilda. Eu sentado de frente para a janela, com as mãos sobre o teclado do computador, em alguns momentos era surpreendido pela voz às minhas costas. Ela, que me interpelava em um jogo de presença e perícia, desafiava minha memória e o senso de localização: “Em que lugar está o livro tal?”, indagava-me à espera que interrompesse o raciocínio, em nome de outro. Essa tática não era apenas um simples lance, era uma maneira afetuosa de dizer: “eu estou aqui!” A presença em ambas as direções é sentida, contudo se trata de algo a mais...

Mas não era apenas Brunilda que desviava o pai de seu universo, a concentração também era quebrada por Isolda: “a Isoldinha veio para me dizer que os bolos ficaram muito bonitos (os bolos que ela e a Brunilda fizeram) e que, por isso, os bolos não precisam de coberta e que ela vai me chamar quando estiver servindo o chá e coisa e loisa [*sic*]...” (FH2, 129).

Os livros se multiplicavam ao redor de Reichmann, como registros de encontros, ou possibilidades de reencontro nos séculos. Sua biblioteca estava em acelerado ritmo de crescimento, e assim como seu pai em suas memórias estava entretido com madeira a sua volta, ele estava com livros. É nesse contexto que Ernani exclama: “Uma felpa!” – “Quando me queixei que estava com uma felpa na mão, a Brunilda logo acrescentou: é felpa de livro” (HF2, 74). Os livros não são labor para Ernani, daí a ironia da “felpa”. Suas filhas ainda não compreendiam isso, enxergavam apenas a brutalidade e a violência que encerrava a disputa. Quando o pai deixaria o *trabalho*, para estar com elas todo presente? Essa era uma pergunta difícil de ser respondida, porque uma resposta satisfatória exigiria compreensão e alteridade que ainda estavam em processo nelas. Ernani me parece operar com as filhas na seguinte lógica: (da Isolda para a Brunilda, ou melhor, de Ernani para a família) “Dorme Brunilda, que eu quero sonhar contigo!” (HF2, 24).

## 1955

O ano de 1955 é pleno de realizações. Ernani além das aulas na Universidade do Paraná, atua no Palácio Iguaçu. É interessante relembrar que sua proximidade com Bento Munhoz da Rocha e Milton Carneiro, dão ensejo a uma cooperação não apenas de ordem política, mas também, e nesse caso, principalmente, de ordem intelectual. Ambos os amigos, têm apreço por Reichmann pela sua condição de homem necessário, pois atua em um cargo técnico que exige-lhe acima de tudo perícia e dedicação, enquanto por outro lado, demonstra grande erudição chegando até a ser ghostwriter e editor das obras do Dr. Bento, além de *bon vivant*. Ernani fazia o jeito caricata de “caboclo das bandas do rio Uruguai”, que garantia-lhe a pecha de “vagabundo” e brincalhão. As características ressaltadas a pouco, soam das maneiras mais variadas quando narradas pelos depoentes que conviveram com este atípico personagem. Os paradoxos não eram mera taxação, eram uma performance cultivada e muito bem empregada. Não se trata, também, de mera dissimulação e oportunismo Reichmann, mais do que homem necessário, foi sempre uma feliz coincidência que magnetizava o ambiente ao seu redor, era um catalizador cultural ímpar. A presença deste “introvertido extrovertido” elevava os ânimos ao seu ponto mais positivo, os resultados não poderiam ficar escondidos.

Contudo seu melhor amigo estava distante, Puppi residia com sua família em Jandaia, onde atuava como Juiz de comarca. A correspondência era o único elo entre estes dois grandes amigos, porém as obrigações para com a família, trabalho e a saúde roubava um tempo precioso a manutenção desta amizade epistolar. Já era as primícias do fim, sei que essa troca de afetos que restituía suas ausências vai durar até 1962. No entanto, naquele ano que para Reichmann representava o início de algo grandioso, não começa de maneira semelhante ao amigo campolarguense. Clementino explica:

Até agora não pude fazer a releitura dos cadernos, para depois te escrever. Não se arranja tempo e quando há tempo é porque a gente está deixando de fazer o que deve. Creio que ando cansado. Dormindo mal, com dificuldades respiratórias tão continuadas que por fim fui consultar um médico daqui [de Jandaia]. Ele encontrou um sopro cardíaco, pressão abaixo do normal e as pernas inchadas que o farmacêutico chama de edema. O sopro cardíaco é aorta dilatada, a pressão baixa ele não disse de quanto, nem lhe perguntei por ter ele dito que nada tinha importância. Acontece que uma sonolência me persegue, que não tenho ânimo, que este verão me prostra e que há horas em que penso em morte breve.

[...] não tenho escrito nada, embora às vezes me ocorram ideias ou pensamentos, ou lá o que for, merecendo registro. É um grande tempo se perdendo. Estou só e nada faço (CSP1, 51).

O tempo e a saúde impediam Puppi de escrever de maneira prolixa como o amigo riograndense, mas isso marca o desprendimento que ele tinha em relação a Reichmann. Puppi estava mais afeito a sacrificar a frequência e as análises sisudas, do que seu velho amigo. Ernani

estava em uma posição correlata, mas ainda subjugava o tempo a seu favor. Não foi possível reler os cadernos de que nos fala Puppi, com má-consciência, pois gostaria de ter retomado para uma análise mais detida para a ocasião de uma longa carta ao amigo, como de costume. Puppi, apesar de tudo não deixa de escrever, nem que seja para confessar seu fracasso em acompanhar o fluxo de pensamento infinito de Reichmann. Ele gostaria de ter empregado tempo útil, mas sabia que se o fizesse estaria sacrificando alguma responsabilidade. Ele chega a escrever uma longa passagem a frente que confessa exatamente o quanto lhe pesava aquela atitude.

Eu me lembro [diz Puppi] de que há algum tempo me vi chegado ao limite extremo do desencanto e da incapacidade, preso à vida e aos homens só pela função de juiz, e de ter me perguntado se não se achavam completos os meus movimentos de translação e de rotação no mundo. Porque viver só para ser juiz é um sinal e uma certeza de que muito pouco resta a fazer no mundo. Tive um sonho de fim de vida, apontando-me para embarcar, com uma capa no braço e a certeza da salvação. Estava conversando à espera da condução quando o agente se pôs a escrever na lista o nome dos passageiros. Como profissão ele escreveu “filósofos” e isso me desconcertou, um pouco por mim e outro pouco pelo companheiro que tinha todo o jeito e conversa de caixeiro-viajante. Quando ele escreveu os nomes o choque foi aumentando porque não era eu quem estava embarcando. Ao me desidentificar [*sic*] com o passageiro deu uma agonia enorme: “mas onde estaria eu, agora, que não me vejo” e com a sensação do risco enorme de estar perdido para sempre, me acordei (CSP1, 51).

A melancolia também atingia em igual proporção Puppi, por isso ainda que ele não pudesse dissertar sobre os cadernos escritos pelo amigo, ele o faria a respeito de si, de suas agonias. Ele também sentia-se atormentado e hesitante sobre as determinações externas, o papel social que lhe cabia em seu contexto. Os sonhos restituem o quadro geral de suas preocupações, ele e seu amigo trocavam descrições oníricas já a muito, Reichmann não aceitava a teoria dos sonhos de Freud. Inclusive ele tinha um ponto de vista muito claro a respeito dele: “A psicanálise pode ir às profundezas da alma, mas não alcança nunca o espírito. A alma ficou lá longe, no século passado, e a psicanálise cheira a mofo. O século XX é o século do espírito” (HF1, 97, 35°). Nesse sentido, assim como na vigília, no sonho também há a dispersão de si. Por isso a descrição deles nas cartas e no diário eram objetos de reconstrução da experiência individual e concreta de cada indivíduo. Não diz respeito a nenhum sistema, não ser o da própria existência concreta de cada um (cf. HF1, 14; HF2, 137, 141).

Os cadernos de que nos fala Puppi são os estudos de Reichmann sobre seu encontro com Kierkegaard. O primeiro caderno a ser publicado é o *Diário 1834-A*, também conhecido como Papirer. Este é o primeiro dos cadernos de sua *Kierkegaardiana*, essa que será uma coleção de muitos escritos dedicados a Kierkegaard – e mais tarde reunidos no *Intermezzo Lírico-Filosófico*. Nesse primeiro caderno há uma longa *Advertência* ao leitor, que situa a origem e a relevância daquele escrito na trajetória do pensador dinamarquês. Ainda que este

primeiro caderno não seja da autoria de Reichmann, é um importante indicativo da maneira como ele se aproximou de Kierkegaard. A tradução deste diário nos revela uma relação que vai além da simples admiração, ir a Kierkegaard significava muito para ele. Imagine poder refazer os passos, vertendo palavra após palavra para nossa língua materna – mais que uma tradução, a ocasião servia-lhe de estímulo para continuar encontrando-se com seu interlocutor. Mas afinal, por que começar pela tradução de um diário?

Em primeiro lugar Reichmann explica que “a cada ano corresponde um caderno, que traz, também, a indicação da classe a que pertencem os papéis traduzidos”, nesse caso ele traduziu o diário do ano de “1834”, da classe “A”.

Os editores dos Papirer (P. A. Heiberg, V. Kuhr e E. Torsting, depois de 1926), classificaram os papéis deixados por Kierkegaard, em três grupos, a saber: o grupo “A”, compreendendo os papéis que, na verdade, têm o caráter de Diário; o grupo “B”, abrangendo os papéis que se referem mais diretamente à produção literária e, finalmente, o grupo “C”, no qual foram reunidos os estudos filosóficos e teológicos de Kierkegaard (K1, p. 11).

Reichmann dá como conhecido de seu leitor o fato de as traduções alemã, francesa e italiana dos Papirer adotarem o mecanismo de organização explicado acima.<sup>183</sup> Da mesma maneira que estas traduções já consideradas clássicas faziam, ele também estabeleceu a sua com base nessa organização. No entanto, ele publica apenas o diário classe “A” de 1834, ou seja, “os papéis que, na verdade, têm o caráter de Diário” (cf. K1, p. 11). Reichmann dá a impressão na *Advertência* que aquela era a primeira de outras traduções que estavam a caminho – talvez as classes “B” e “C” do ano supracitado –, contudo ele não informa quando ou como as próximas serão feitas. No caso em específico do “diário” traduzido, não fica claro de qual língua ele verteu – mais à frente veremos que tudo leva a crer que ele e seus companheiros traduziram cruzando a leitura do original dinamarquês, com as traduções já referidas. Ainda sobre a primeira tradução, feita para o alemão, Reichmann informa que a empreendida por von Haecker não foi a primeira, mas certamente a que ficou a cargo de H. P. Barfod e H. Gottsched.<sup>184</sup> Por fim ele nos explica que

<sup>183</sup> “Sabem os que leram as traduções”, afirma Reichmann, “(as alemães, p. ex.: *Die Tagebücher, ausgewaehlt und uebertragen von Theodor Haecker* – foram baseadas no trabalho de Barfod e Gottsched, que mencionamos adiante) francesa de Knud Ferlov e Jean J. Gateau e italiana aos cuidados de Cornelio Fabro” (K1, p. 11).

<sup>184</sup> Ernani Reichmann explica na sua advertência que a primeira tradução surgiu “no decorrer de 1869 a 1881”, tratava-se de uma “edição em nove volumes, feita a partir dos *Af Efterladte Papirer* (Os papéis Póstumos), aos cuidados de H. P. Barford e H. Gottsched, o primeiro pastor dinamarquês e o segundo, teólogo alemão. Torsten Bohlin, no seu estudo sobre Kierkegaard – o homem e a obra, conta o seguinte: ‘O célebre J. T. Beck, Tübingen, tinha suscitado o interesse dos jovens teólogos pela pessoa e obra de Kierkegaard. Um dos alunos de Beck, H. Gottsched, teve nas mãos *Para um exame de consciência*, que fora traduzido para o alemão. Ele sentiu-se de tal modo cativado que se pôs a estudar a língua dinamarquesa, a fim de melhor penetrar o pensamento de Kierkegaard.

## Não é demais ressaltar a importância do Diário

...como fizeram os editores dinamarqueses, mostrando que nele tem origem as Migalhas filosóficas, Temor e Tremor, Culpado-Inocente, O sonho de Salomão, etc. De qualquer modo, porém, o estudo da obra de Kierkegaard exige o conhecimento do Diário com o qual mantém uma correspondência indiscutível (K1, p. 13).

Reichmann oferece um exemplo desse paralelo, ao comparar o “diário” e a obra *A alternativa* – no sentido de demonstrar o que observamos na passagem que citei a pouco. Ele explica que Kierkegaard conserva, na obra publicada, “extraordinária fidelidade ao estado de espírito registrado no Diário, seis anos antes” (K1, p. 14). O diário de Kierkegaard fornece a matéria-prima para a constituição de suas obras, sejam elas assinadas pelo ortônimo (em uma comunicação direta) ou pelos pseudônimos (em uma comunicação indireta). O interesse de Ernani por este tipo de leitura, evoca o gênero predileto dele ao acesso do outro e de si-mesmo. Há um paralelo biográfico inegável entre o diário e as obras no caso de Kierkegaard, assim como há entre as cartas e os escritos de Reichmann. Talvez o primeiro tenha servido de inspiração ao segundo – de qualquer modo, há uma *História Cruzada* possível a se efetivar, que envolve tanto a teoria, como a empiria, que pode ser mais bem delineada no futuro.<sup>185</sup>

A importância do diário não pode ser subestimada, acredito ser sintoma da maneira com que Ernani interpreta e quer se relacionar como o pensador da subjetividade. Essa maneira de iniciar uma coleção que será toda dedicada ao pensamento de Kierkegaard, é fundamental para compreendermos as relações entre ele, Ernani Reichmann, e seu pseudônimo – que já pública desde 1953, seus cadernos de inspiração kierkegaardiana – van der Lubbe. É

---

Mas, isso não foi tudo. Como Barfod, editor do Diário referente aos anos anteriores a 1847 (os quatro primeiros volumes são de Barfod e os cinco últimos, de Gottsched) não tinha meios para continua-lo, recebeu, com grande surpresa, um oferecimento vindo da Alemanha e no qual acreditou ver *uma indicação providencial, convidando-o a levar a cabo o seu trabalho*. O jovem teólogo de Tübingen decidira consagrar alguns anos à causa de Kierkegaard. Como ninguém na Dinamarca queria ou podia completar a publicação, ele se prontificou a encarregar-se desta enorme tarefa. Com toda simplicidade pediu aos compatriotas daquele que tanto admirava, que não vissem no seu oferecimento uma indiscrição. Mas, o fato era que em nenhuma parte ele tinha encontrado uma exposição da natureza do cristianismo de uma força e de uma clareza tão extraordinárias como nesse autor. Era para prestar um serviço aos amigos de Kierkegaard da Dinamarca e do estrangeiro que ele queria exaltar o testemunho do Diário em favor de uma causa em cujo triunfo ele acreditava ardentemente. Gottsched concluiu conscienciosamente o seu trabalho. [...] Barfod procurou recolher todos os papéis e o mais que lhe foi possível, como cartas, testemunhos de colegas de Kierkegaard, desde os primeiros tempos de colégio, embora nem tudo pudesse publicar, pois viviam ainda muitas pessoas mencionadas por Kierkegaard no seu Diário, como – principalmente – sua ex-noiva, Regine Olsen. Gottsched, por sua vez, publicou no 9º vol. (de 1881), as recordações de Emil Boesen sobre as conversas que teve com Kierkegaard, no Hospital da assistência e as de Henriette Lund (a mesma que escreveu uma biografia do doutor Wilhelm Lund, seu tio, que todos os brasileiros conhecem) sobrinha de Kierkegaard.” Ainda sobre a questão genética, para uma exposição mais atual e detalhada, vale a pena consultar: REDYSON, D.; ALMEIDA, J. M.; PAULA, M. G. *Søren Kierkegaard no Brasil*, 2007, p. 7-15.

<sup>185</sup> Cf. WERNER, M.; ZIMMERNANN, B. *Penser l'histoire croisée*, 2003, pp. 7-36.

interessante separar e colocar sob evidência as identidades narrativas que se consolidam neste momento. Como já vimos, van der Lubbe é autor dos cadernos publicados por seu secretário Sorte Peer (no total oito cadernos, cujo título da coleção coloca em destaque o nome do autor pseudônimo e não o ortônimo). Já Sorte Peer, neste momento, não passa de editor e autor de algumas notas, que completam o sentido lúdico dado por ele aos *Cadernos van der Lubbe*. Já van Neutgen, além de assinar algumas cartas incluídas por Sorte Peer no *Cadernos*, de maneira independente publicará os *Cadernos Dissonanz* – o primeiro aparece ao fim do *Hic Fuit*, e o segundo somente em 1981, nos *Inéditos*. Algumas dessas informações já foram dadas, mas preferi retomá-las para que o leitor possa compreender que o conjunto de cadernos conhecido como *Kierkegaardiana* que é assinado por “Ernani Reichmann” é, na verdade, o “personagem” que é revelado pelo e no *Hic Fuit* – uma espécie de pseudônimo camaleão, pois precisamos de muita atenção aos jogos de identidades que o eu-biográfico real desenvolve, bem como as pistas e sinais indiciários que ele deixa aqui e ali, somente assim, é possível identificá-lo.<sup>186</sup> Por isso menciono e reitero, que o *Hic Fuit* é o primeiro livro do “ortônimo”, com isso quero me referir a ele ser o primeiro livro assinado com o nome civil “Ernani Corrêa Reichmann”. Isso parece banal e confuso, mas faz parte da complexidade que a vida-obra deste sujeito histórico impõe ao leitor em seus jogos de identidades narrativas: ele o eu biográfico real, que se cristaliza narrativamente, em cada cronotopo autobiográfico coral.

Por outro lado, argumento e defendo essa maneira de ver as coisas, no sentido de demonstrar que este primeiro aspecto que se revela pela *Advertência*, já é fundamental para compor uma visão de conjunto sobre a gestação dos *Escritos Completos*. Nunca é demais pedir ao leitor que nos assiste, que observe deste ponto de vista, o *Apêndice A - Catálogo dos Escritos Completos de Ernani Corrêa Reichmann*. Pois se a minha hipótese estiver certa, não tem valor bibliográfico estipular numericamente a extensão da “obra” desse sujeito histórico! Interpreto que a condição material que nos chega Reichmann às mãos, compete apenas enquanto lance no grande jogo que ele cria. Cada livro não individualiza nada, apenas reúne cadernos que a condição financeira não permitiu serem publicados como tal. Isso fica mais claro quando observamos o *Hic Fuit*. Na realidade ele não é um único livro! Ao contemplá-lo precisamos ir além das aparências, pois ele reúne duas cartas *sui generis*. A primeira instaura a dúvida sobre a existência do autor e do destinatário, além de ser uma colcha de retalhos aleatórios tecida com pontos de zig-zag (desarrochados) – além de assumir para si o “guinness” de ser a maior carta

---

<sup>186</sup> Ao fim das contas, é a relação entre o eu-biográfico, o autor e a personagem que Bakhtin analisa em *A estética da criação verbal*. Cf. BAKHTIN, M. *O autor e a personagem na atividade estética*, 2003, p. 3-194.

da humanidade. A segunda, tem capa de livro. Capa que surge desavisadamente, onde deveria ter apenas indicações capitulares. Ela é a Carta a meu Pai, de van Neutgen. Contudo refletamos sobre esse fato: o “livro” é uma carta ao pai do ortônimo, escrita pelo eu-biográfico-real, mas assinada pelo pseudônimo? O que esse jogo nos revela? O *Hic Fuit* pode ser considerado *uma* obra? Ou, *um* livro? Eu prefiro a hipótese de que quantitativamente isso não tem relevância, mas qualitativamente reflete uma complexidade que estimula o leitor avido por pistas e sinais, a uma investigação que vai além das aparências. Claro, outras formas de leitura são possíveis, inclusive aquelas que obliteram tudo isso que tenho argumentado até aqui. A *Carta a Puppi* e a *Carta a meu Pai* são escritos que podem ser relacionados em lista, em “séries”, em “volumes”, mas isso apenas ocorre para indicar que há a possibilidade – e, nesse caso, me refiro a Kierkegaard – de serem organizados pelo eu-biográfico-real em *Escritos Completos*, ou por este pesquisador em um *Catálogo* – assim como Barfod e Gottsched fizeram com os papéis de Kierkegaard. Acho imprescindível, a respeito do que argumentei, citar uma nota de esclarecimento publicada em 1971, que se encontra no *Intermezzo Lírico-Filosófico, 3º Volume*:

#### ESCRITOS COMPLETOS (1º grupo)

**Angústia Subjugada** – 3 vols.

**Intermezzo Lírico-Filosófico** – 3 vols.

**Volta às Origens** – 3 vols.

**A noite do Absoluto** – (c/ “As Lanternas”) – 2 vols.

#### ESCLARECIMENTO

Meus leitores poderão estranhar o fato de ter reduzido o número de volumes dos três primeiros títulos, de sete para três em cada título. Essa redução se deve à intenção de só publicar o que me parece trazer maior essencialidade e melhor tratamento da problemática. Assim, como já procedi no tocante ao presente volume, pretendo proceder nos demais, isto é, selecionar os escritos aa serem publicados... Confesso que não foi nada fácil tomar essa decisão (não há uma frase, uma só, compreendida nesses títulos, que não me pareça significativa, no percurso de minha experiência), mas – que fazer, não é? Convém esclarecer mais o seguinte: os três primeiros títulos formam um todo. Contudo, só se completam com o quarto. Neste, lanço um possível muito na minha frente. É, mais, uma experiência de personagem (três primeiros títulos) só se completa com uma experiência de autor (quarto título). Assim, esses quatro títulos constituem um grupo de escritos (EC13, negrito no original).

Notas como a que citei estão ancoradas sempre ao fim dos volumes publicados, nem em todas há esclarecimentos como nesta. Porém, é possível observar que o eu-biográfico-real atua por meio delas e nos deixa conhecer um pouco sua intencionalidade. Ao mesmo tempo, essa nota editorial é uma prova empírica – edição a edição – da maneira instável que os escritos dele se apresentam. Ao contrário de Kierkegaard que teve seus papéis e testemunhos recolhidos e organizados por terceiros, em nosso caso é o próprio ortônimo que inventaria seus vestígios de uma maneira frenética e alucinada, que não permite nem mesmo o leitor acompanhá-la. Digo

isso tendo em mente, o quanto essa nota parece demasiadamente simplificadora diante das outras tantas (da EC1 até a EC34). A nota em questão ela é singular entre as demais, porque nela pela primeira vez o ortônimo abre um parêntese explicativo. Ele nos lembra os títulos de sua Experiência de Personagem, além de esclarecer sua íntima relação com a Experiência de Autor – que a completa e ressignifica, no circuito de sua experiência.

A vivência que Ernani Corrêa Reichmann tem com os papéis de Kierkegaard, através das edições que confrontou para traduzir o seu primeiro volume da Kierkegaardiana, deve ter aberto seus olhos mais de uma vez para a condição da unidade ao se pantear uma vida que se dispersou narrativamente. Ele orchestra de tal maneira a sua, para que mesmo após a inevitável certeza, ele pudesse continuar a se dispersar em interpretações possíveis. É nesse contexto de criação das obras de Kierkegaard que ele lança os fundamentos da obra que é e continuará a ser. Serviu-me de chave-interpretativa ao *Hic Fuit*, esse estranho interesse que Reichmann demonstra pelos papéis do poeta-pensador. Tenho a nítida visão que a maneira como continuará atuando levou em consideração a experiência que obteve nos *Papirer* – talvez esteja nessa chave de leitura o fundamento da maneira particular com que vai compor o seu *Textos Seleccionados de Kierkegaard* (1971).

Retomando a *Advertência*, vale ainda observar o que Reichmann escreve sobre a disponibilidade de tantas fontes para a tradução do Diário. Cito a passagem final em que ele – o Personagem –, explicita a colaboração que traz à tona o *Diário 1834-A*. A passagem é relevante, pois revela-nos algo de natureza incomum sobre a biblioteca que permitiu concretizar a empresa da tradução, mas também travar os primeiros encontros com Kierkegaard e seus comentadores. Ernani Reichmann escreve que sobre os tradutores,

...convém esclarecer que eles sabem o que significa uma empreitada desta natureza: a tradução completa do Diário de Kierkegaard. Trabalharam nele um dinamarquês, conhecedor profundo de sua língua, e dois brasileiros que conhecem suficientemente as outras línguas, necessárias para o confronto com as demais traduções e outros textos.

Deste modo, o Brasil começa a comemorar condignamente o 1º centenário da morte de Kierkegaard, ocorrida a 11 de novembro de 1855. O curso de extensão universitária a cargo do autor desta advertência, que deverá ser ministrado no corrente ano, será parte das homenagens que prestamos nós, os brasileiros, ao grande poeta-pensador dinamarquês, na expressão de Karl Jaspers.

No fim deste 1º caderno, para facilitar-lhe o estudo, encontrará o leitor toda uma série de indicações, desde o retrospecto cronológico até os estudos sobre Kierkegaard. No próximo caderno daremos uma bibliografia referente ao existencialismo, na qual é mencionado sempre, e não poderia ser de outro modo, o pai da filosofia da existência. Os livros indicados com asterisco são de van der Lubbe que pôs a nossa disposição a sua biblioteca, \* para o trabalho que nos propusemos realizar (K1, p. 16).

A passagem apresenta três informações importantes. A primeira diz respeito a tradução em si, Ernani informa ao leitor que ela foi realizada por ele e mais duas pessoas. Os tradutores



são dois brasileiros e um dinamarquês, Ernani não nos dá maiores detalhes além do patrônimo dos dois: O. Hecke e J. Bomskov. Tentei localizar algo sobre eles, apesar de saber que a tradução foi feita entre 1946 e 1947 – anos em que Reichmann residia em Campo Largo. A lacuna de documentos pode revelar mais uma das criações de nosso personagem – me sinto como o leitor da década de 1950 sentiu-se ao ler o *Hic Fuit*, sem dados suficientes para julgar qual o melhor protocolo de leitura. Os tradutores são ou não reais? Ou são imaginários, como o autor e o destinatário do *Hic Fuit*? Talvez o tempo revele mais sobre estes nomes.

A segunda informação situa-nos quanto às comemorações do centenário de morte do poeta-pensador, a tradução deste diário é apenas uma dessas demonstrações. Ernani nos informa que ministrará um curso de extensão universitária, que visa formar um público leitor de Kierkegaard. Este fato, por si só, coloca um novo horizonte aos estudos de recepção da obra do pensador dinamarquês em terras brasileiras, pois manifesta uma dupla doação. Se por um lado sacrificou-se tempo – familiar e intelectual –, convívio social e dinheiro para tornar um pensador como Kierkegaard conhecido, chegando até a traduzir um título que não se constitui um livro – mas que edificou subjetividade, obras e leitores –, porque não celebrar a memória de um falecido com gesto tão sincero de amor? Sim, Reichmann fez um esforço que se inicia em 1940, ao encontrar Kierkegaard pela primeira vez, e concretiza a primeira parcela de seu objetivo de vida<sup>187</sup> com essa tradução nada ortodoxa. Qualquer pensador dedicado a Kierkegaard começaria por obras já consolidadas, tanto pelo autor, como pela crítica. Quem se dedicaria a traduzir alguns papéis avulsos pela ação do tempo, apenas porque seu autor estava presente de alguma maneira neles? Essa parece ser uma escolha perigosa, academicamente falando – principalmente, para meados do século passado. Talvez essa questão aparentemente singela, diferencia – mais uma vez – leitores *scholars*, de leitores *redivivus* – aliás Reichmann escolhe traduzir escritas de si, em detrimento de escritas dos outros!

Por fim, a biblioteca que se abre ao projeto de Reichmann, como podemos ver, pertence a van der Lubbe. Levando em consideração tudo o que já sabemos sobre ele, essa informação poderia passar como algo trivial? Talvez, para o leitor da década de 1950, van der Lubbe é tratado com um sujeito real, enquanto Ernani Corrêa Reichmann e Clementino Schiavon Puppi têm suas identidades colocadas em xeque. Enfim, van der Lubbe é representado como um grande leitor e admirador de Kierkegaard e sua dedicação ao poeta-pensador não poderia ser diferente diante de uma proposta tão ousada quanto a tradução do *Diário*. Ele certamente cedeu aos tradutores todo o suporte que sua vasta biblioteca podia oferecer. Ainda

sobre a biblioteca, no fim da passagem que citei existe um asterisco [\*], que sinaliza e chama a atenção do leitor para uma nota de rodapé curiosa, ela se refere a estrutura e fisionomia da Biblioteca de van der Lubbe, é uma “biblioteca organizada em círculos”, relata Reichmann, “tendo como núcleo a obra de Kierkegaard” (K1, p. 16).

Os demais títulos que Ernani fará publicar são estudos que poderiam ser denominados “diretivas para ensaios”, pois segundo ele os temas vem apenas esboçados em cada caderno. O segundo volume da Kierkegaardiana se trata da *Unidade e Dispersão de Kierkegaard*. Este escrito será incluído mais tarde no livro *Intermezzo Lírico-Filosófico, 7ª Parte* (1963), mas a diferença substancial está nas edições. A primeira se trata de uma edição artesanal e no formato *in-quarto*, ela traz um *Advertência* do autor que explica a condição daquele caderno: “Dou início a uma coleção de cadernos”, diz Reichmann, “intitulada: KIERKEGAARDIANA” (K2, p. 11). Além desta nota editorial, assina o prefácio van Neutgen – ambos os escritos foram suprimidos da edição de 1963. Logo, quem tem em suas mãos este segundo caderno, além de se refestelar com uma edição rara, pode mergulhar uma vez mais no jogo de identidades narrativas que as bordas do escrito têm. O conteúdo deste caderno coloca na prática a filosofia da dispersão por meio de um método histórico. Reichmann argumenta que há uma “unidade” em Kierkegaard, contudo o mais importante não é esta condição. Kierkegaard se dispersou em seus escritos durante sua vida, mas após sua morte podemos perceber a poeira de pensamento kierkegaardiana suspensa nos séculos. Chegam até nós as micelas de Kierkegaard, por meio de leitores, comentadores e tradutores. Acaso a unidade dele fosse estabelecida de uma vez por todas, o movimento e o dinamismo certamente cessariam – por isso, o mais significativo é que ele possa continuar a se dispersar. Assim, Reichmann coloca em prática a sua visão interpretativa do fenômeno Kierkegaard, da maneira como ele a concebeu em sua trajetória. Também ele é um veículo, para que Kierkegaard continue a se dispersar.

O terceiro e o quarto cadernos, por sua vez, foram editados em um único volume – contudo, assim como no *Hic Fuit* preservam cada um suas respectivas capas e indicações editoriais que os individualizam naquela condição material comum. *No centenário de Kierkegaard*, é o terceiro caderno. Nele, como o título sugere, Reichmann dá diretivas ao leitor iniciante de como navegar pelas águas de Kierkegaard. Os principais temas da filosofia kierkegaardiana ganham notas atentas, e muito ricas de indicações bibliográficas – tudo para que o leitor iniciante ou não iniciado, possa obter informações precisas sobre o pensamento e a estrutura das obras do poeta-pensador. Um dado extra é que na edição de 1963 não há a explicação detalhada do que o leitor encontrará em cada número. Reichmann dividiu o texto em uma ordem

de matérias, cujos pesos vão do 1 ao 31 – isso significa que ele desenvolveu 31 temas indispensáveis ao conhecimento do filósofo.

*A Deshumanização de Kierkegaard* [sic] é o quarto e último caderno, os demais vão ser publicados na edição de 1963. Este talvez seja o escrito em que Reichmann mais desenvolve a narrativa, seu argumento central é que Kierkegaard acaba se des-humanizando, para alcançar o estágio religioso. Kierkegaard combate a humanização da religião, pela sua insidiosa e deformadora condição. Reichmann explica que

Kierkegaard não se voltou contra o humano total, pois a sua própria religião estava informada daquilo que constituía a sua verdadeira natureza. Mas contra o humano que, enquanto indivíduo, destrói o indivíduo em favor do coletivo, da massa. Ser cristão, para Kierkegaard era ser contemporâneo de Cristo. Era repetir a doutrina pela repetição do exemplo, pois Jesus não veio ao mundo para ensinar uma doutrina mas para salvar os homens e é por isso, também, que o homem precisa ser como Jesus... (K4, p. 67).

Ou seja, ser como Jesus exige que nos desumanizemos, nos despojemos do humano para poder abraçar o mistério. A tese de Reichmann nestas diretivas para um ensaio toma como base e modelo Abraão (ou Maria, a mãe de Jesus) – nos dois casos, poderíamos estabelecer paralelos ao argumento de nosso personagem com Kierkegaard. O escrito em questão é o que mais se aproxima de um ensaio, pois nele a tese da “Deshumanização” [sic] é desenvolvida a partir da biografia do poeta-pensador e Reichmann entrega-se a uma narrativa de natureza mais exploratória. Para relembrar um texto pouco conhecido de José Ortega y Gasset,<sup>188</sup> Reichmann opera neste ensaio “Buscando Kierkegaard desde dentro” – parodiando o título do original: *Pidiendo um Goethe desde dentro* (1932). Este ensaio pouco conhecido do pensador espanhol, serve a Reichmann de norte para a suas diretivas e, principalmente, para a demonstração de sua tese central. No ensaio em questão, Ortega y Gasset realiza uma crítica às monumentais biografias Goethe,<sup>189</sup> que vinham sendo publicadas na Alemanha em homenagem ao centenário de morte deste ícone das letras alemãs. O ensaio exulta o abandono da visão que essas biografias fazem, elas edificam uma ótica monumental com quatro inconvenientes históricos: 1º estabelecem uma visão solene e pomposa que afasta-nos de Goethe concreto; 2º criam a partir de uma visão descompromissada, visão de fora – externa –, perene de “neutralidade”; 3º mantêm-se à distância, “caminha-se ao redor” de Goethe; e, por fim, 4º erigem uma biografia sem dinamismo genético. Obviamente o ensaio é muito mais detalhado e instigante, além de

---

<sup>188</sup> José Ortega y Gasset (1883-1955) é espanhol, nasceu e viveu em Madrid. Foi ensaísta, jornalista, ativista político e filósofo, além de ter fundado a Escola de Madrid.

<sup>189</sup> Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um escrito polímata alemão de grande prestígio, entre as suas maiores realizações, a mais significativa talvez seja a dedicada a literatura alemã. Pai de grandes romances, peças de teatros, poemas, escritos autobiográficos e reflexões teóricas.

nos mostrar um ponto de vista que relativiza as coerências. Ortega y Gasset explica-nos seu ponto de vista

As biografias de Goethe foram produzidas a partir de uma perspectiva monumental. Seus autores parecem ter sido contratados para esculpir uma estátua para praça pública, ou, vice-versa, para compor guias de turismo goethiano. Em última análise, trata-se de passear por Goethe. Por isso se preocupam em esculpir uma figura com uma forma exterior muito clara, sem problemas para os olhos, com linhas grandes. A ótica monumental tem, por enquanto, estes quatro inconvenientes: é uma visão solene, de fora, à distância e sem dinamismo genético. Este monumentalismo se destaca tanto mais quanto maior é o número de anedotas e detalhes que o biógrafo nos comunica, porque a perspectiva macroscópica e distante em que a figura se constrói não nos permite vê-los nela, entrelaçados com sua forma, e permanecem sem significado entre as mãos.<sup>190</sup>

As linhas que citei têm uma atmosfera muito contemporânea, quando pensamos na importância sempre renovada que a biografia terá a partir da década de 1970. Reichmann quando escreve em seu ensaio sobre Kierkegaard, adota o ponto de vista de Ortega y Gasset com relação à narrativa de uma vida. A preocupação dele é a de nos mostrar um Kierkegaard atravessado por tensões e paradoxos, sua relação com o pai e sua ex-noiva estão em evidência. Pois é através dessas duas relações complexas que o drama de Kierkegaard ganha contornos e espessura, além claro de argumentar como em um contínuo buscar da parte do ensaísta, encontramos um buscar-se desde dentro que o desumaniza e o prepara nos caminhos de Abraão e Maria. “O que foi dito, cremos que é suficiente para comprovar o nosso ponto de vista” dizem Reichmann e van der Lubbe, isto é, “que Kierkegaard sacrificou o lado humano, deshumanizou-se [*sic*] a favor do religioso, expresso pela máxima, primeira e última: tornar-se cristão” (K4, p. 113).

As ideias lançadas por Ortega y Gasset têm ressonâncias claras na escrita de Reichmann, elas certamente orientaram seus estudos biográficos de Kierkegaard e, por que não, a sua própria autobiografia (ou biografia, se pensarmos no que van Neutgen faz com as lembranças de Ernani Corrêa Reichmann). Além disso, se pensarmos como o pensador espanhol propõe sobre a tarefa do biógrafo, veremos que essa dupla ótica obrigou Reichmann a olhar de maneira pouco tradicional para Kierkegaard, simultaneamente, enquanto olha a si mesmo. Talvez advenha daí que a biblioteca de van der Lubbe é concêntrica, pois no centro de tudo está Kierkegaard, ou seja, para qualquer lado que se vá nela os caminhos de Reichmann cruzam-se aos de Kierkegaard.

Até agora, quando ele foi mais perspicaz, o biógrafo era um psicólogo. Ele teve o dom de entrar no homem e descobrir toda a engrenagem que forma o caráter e, em geral, a

---

<sup>190</sup> ORTEGA Y GASSET, J. *Pidiendo un Goethe desde dentro*, 1966, p. 399.

alma de um sujeito. Longe de mim desprezar essas indagações. A biografia precisa tanto de psicologia quanto de fisiologia. Mas tudo isso é pura informação. É preciso superar o erro pelo qual passamos a pensar que a vida de um homem passa dentro dele e que, conseqüentemente, pode ser reduzida à pura psicologia. Que bom que nossa vida passou dentro de nós! Portanto, viver seria a coisa mais fácil que você pode imaginar: seria flutuar no próprio elemento. Mas a vida é a coisa mais distante que se pode pensar de um fato subjetivo. É a realidade mais objetiva de todas. É encontrar o eu do homem submerso precisamente no que ele não é, no puro outro que é sua circunstância. Viver é estar fora de si mesmo – realizar-se. O programa vital, que cada um é irremediavelmente, oprime a circunstância de nele se alojar. Essa unidade de dinamismo dramático entre os dois elementos – eu e o mundo – é a vida. Assim, forma uma esfera dentro da qual está a pessoa, o mundo e... o biógrafo. Porque esse é o verdadeiro *interior* de onde eu gostaria que você olhasse Goethe. Não *dentro* de Goethe, mas dentro de sua vida, do drama de Goethe. Não se trata de ver a vida de Goethe *como* Goethe a via, com sua visão *subjetiva*, mas sim de entrar como biógrafo no círculo mágico daquela existência para assistir ao tremendo acontecimento objetivo que foi aquela vida e do qual Goethe foi apenas um ingrediente.<sup>191</sup>

Achei por bem citar essa passagem de Ortega y Gasset, pois ela arremata bem a maneira com que Reichmann biografa seu herói. Ele não é um guia de excursão turística, nem se arroga o mérito de erigir um Kierkegaard só seu. Ernani Reichmann, com os Cadernos van der Lubbe e a Kierkegaardiana, presta uma verdadeira homenagem ao centenário do poeta-pensador, pois coopera e compartilha com todos o drama que foi a vida de seu biografado, bem como a que constitui sua vida. O caminho de Reichmann se cruzou com o de Kierkegaard, isso é um fato, mais do que um fato é compreender que ambos estão em relação graças à cultura. Reichmann desloca sua reflexão para a crítica a psicanálise, para exatamente este ponto. A ciência de Freud impediu que nos víssemos dispersos, procurou a unidade onde ela jamais poderia estar: no interior do homem. Reitero a ideia central da passagem anterior, porque certamente abala essa visão farmacológica, “Viver é estar fora de si mesmo – realizar-se”, concordam Ortega y Gasset e Reichmann. Logo, não deveríamos estar ocupados e nem preocupados com a unidade, há uma falsa patologização aí – nossa doença é não termos unidade. Se assim fosse, seria fácil viver, bastaria existir. A realização do ser humano nesta ótica, é justamente a possibilidade de dispersar-se para fora de si, e assim vivenciar os momentos deixando um pouco de si, aqui e acolá.

Ernani não chega a formular uma crítica formal e extensa a psicanálise, são algumas passagens bastante interessantes em que suas ideias se confundem com os argumentos de Ortega y Gasset e Eduard Spranger.<sup>192</sup> Logicamente além da inspiração destes dois escritores,

---

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 400-401.

<sup>192</sup> Eduard Spranger (1882-1963) foi filósofo, pedagogo e psicólogo alemão. Foi aluno de Wilhelm Dilthey e deu continuidade as pesquisas sobre as ciências do espírito [*Geisteswissenschaften*]. Reichmann cita continuamente passagens do livro *As formas de vida* (1914), escrito pelo professor e pesquisador de Heidelberg, Leipzig, Berlim e Tubinga. Outra obra bastante influente foi a *Psicologia da Juventude* (1924), Reichmann se interessa principalmente pela análise dos efeitos da história e da cultura na ética e nas ações humanas.

Reichmann desloca seus argumentos em uma dupla frente, ora por meio de uma filosofia da dispersão historicamente constituída, ora através de suas criações autoficcionalis em uma terra de ninguém – recriando suas experiências vividas. O ponto fulcral dessas investidas está na concepção mesma, que não podemos terceirizar as interpretações de nós mesmos. Nossa vida é edificada nos jogos de identidades cotidiano, o que seria da rainha no jogo de xadrez se sua psique estivesse em jogo? É no jogo que seus movimentos são lances, por isso precisamos naufragar para nos lembrarmos que a história e a cultura não são terra firme:

A vida é ela mesma e sempre um naufrágio. Naufragar não é se afogar. O pobre humano, sentindo que está mergulhando no abismo, balança os braços para se manter à tona. A agitação dos braços com a qual ele reage ao seu próprio destino é cultura – um movimento de natação. Quando a cultura nada mais é do que isso, ela cumpre o seu sentido e o humano se eleva acima do seu próprio abismo. Mas dez séculos de continuidade cultural trazem consigo, entre não poucas vantagens, o grande incômodo de que o homem se acredita seguro, perde a emoção do naufrágio e sua cultura está carregada de trabalho parasitário e linfático. Por isso, deve ocorrer alguma descontinuidade que renove no homem o sentimento de perda, a substância de sua vida. Todos os instrumentos flutuantes ao seu redor devem falhar e ele não deve encontrar nada em que se agarrar. Então, seus braços mais uma vez se agitaram de forma salvadora. A consciência do naufrágio, sendo a verdade da vida, já é salvação. É por isso que só acredito nos pensamentos dos náufragos. É preciso convocar os clássicos perante um tribunal de náufragos para que aí respondam a certas questões peremptórias que se referem à vida autêntica.<sup>193</sup>

Reichmann desconfia da excessiva segurança, o naufrágio de si poderia alterar o cenário e devolver a verve pela vida que se perdeu. A cultura é um movimento de natação, para emergir à superfície. Entretanto, nos acostumamos ao movimento e perdemos a emoção do naufrágio, compreender essa condição humana é parte de nossas existências concretas. Reichmann argumenta que

### **Os dois séculos (de 45 com emenda de 55)**

O século XX é o século do espírito. O século XIX foi o século do sentimento. O sentimento diz respeito somente à alma. O espírito diz respeito à relação entre a alma e o corpo. É a consciência do eu. É a hipertrofia do eu. É a loucura do eu. O século XX (nesta segunda metade) é a loucura do espírito (HF1, 93).

A passagem acima dá a tônica com que Reichmann desenvolve suas ideias, essa intuição fundante, de que ele escreve em um século que afloram aos frutos do espírito: a consciência do eu, a loucura do eu, a loucura do espírito. Por isso, a análise psicanalítica faz um desserviço, todos precisamos lidar com a nossa presença, seja nos papéis do passado, ou na autoficção de si-mesmo, ou mesmo em nossos sonhos, não realizar isso, significa impedir a “hipertrofia do eu”. Esse trabalho pode até envolver outros, como a relação que se estabelece

---

<sup>193</sup> Ibid., p. 397-398.

entre o biógrafo, o biografado e o mundo, todos se interpenetram-se e se transformam. Não há hierarquia, nem finalidade que extrapole a única condição ser um para o outro. Esse sentido que Reichmann concede a hipertrofia, tem certamente correlação com *O desespero humano*, de Kierkegaard. Pois é inarredável refletirmos sobre nós mesmos, sob pena de nunca alcançar seu eu. Se para alcançá-lo é necessário o desespero, que assumamos o desespero.

Kierkegaard se refere ao desespero como uma doença para a morte, ela é “a doença e não o remédio”.<sup>194</sup> Essa prerrogativa nasce de uma passagem bíblica que relata o caso de Lázaro: “essa doença não é mortal”, afirma Jesus (Jo, 11, 4). Jesus é avisado sobre a morte deste homem, e antes que ele se coloque a caminho de mais um milagre, ele afirma que aquela doença não é mortal. Mortal é não termos consciência, não termos eu. A raiz da consciência desse eu, nos mostra Kierkegaard, é profunda, pois “para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida composta, mesmo transbordante de saúde e de força”.<sup>195</sup> Esse sentido é completo, o que justifica que “nada é aos olhos do cristão doença mortal”, e por isso essa é “a lição horrível do cristão”, que “está em ter aprendido a conhecer a ‘doença mortal’”.<sup>196</sup>

A argumentação do pensador dinamarquês é longa e complexa, mas se posso resumir, o ponto nevrálgico que desperta essa cadeia de conexões é a relevância que Reichmann dá a toda a maneira de compreender-se a si-mesmo, sem subterfúgios ou teorias, pois

O homem deseja sempre se libertar do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção [explica Kierkegaard]. Se este “eu” que ele quer, faria o seu deleite – se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado – mas o constrangimento de este eu que não quer ser é o seu suplício: não pode libertar-se de si próprio.<sup>197</sup>

O suplício de Puppi e de Reichmann talvez seja aceitarem ambos seus eus, assim como são. Pois quanto mais se desesperam, mais consciência desse eu ambos têm. Isso significa compreenderem a si-mesmos e um ao outro. “A psicanálise atrasou”, mais “de um século o conhecimento do homem. E dizer que ainda insistem com a psicanálise, depois de tudo!” (HF2, 120; cf. HF2, 122). Reformulando, a psicanálise atrasou em um século o “autoconhecimento” do homem. No entanto, não é um autoconhecimento inerte e isolado, de um solipsismo. Para Reichmann esse autoconhecimento é socrático, exige confronto com o outro – no seu caso, esse

<sup>194</sup> KIERKEGAARD, S. *O desespero humano*, 2010, p. 18.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>196</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>197</sup> *Ibid.*, p. 34.

confronto se dá principalmente com Puppi. A ideia que o desespero coloca, não é muito distante daquela que Bakhtin propõe com o homem ao espelho, pois para se desesperar e para se encontrar, todos precisamos do outro-eu que nos acompanha – em termos bakhtinianos, estamos falando do *excesso de visão* ou da *exotopia*.

Reichmann lida tanto com sua alma, quanto com seu espírito. Ele não terceiriza nenhum deles, nem o próprio Puppi pode ir até onde ele deve chegar. Não obstante, é com a ajuda de seu amigo que ele pode se ver, com seus olhos que são os olhos do outro se ver. Talvez Reichmann ansiasse por mais dedicação, pela atenta releitura de seus cadernos, contudo nada substitui esse olhar de cumplicidade e franqueza, que sempre reiteram os laços e mantém a comunicação. Certamente receber alguma carta, era melhor do que não receber nenhuma. É pensando nisso que retomo algumas passagens das cartas de Puppi a Reichmann. “não é esta a carta que te devo”, lamenta Puppi ao amigo, “mas não sei escrever outras coisas. Tornarei a tentar. Para usar das palavras do devedor relapso da parábola: ‘tem paciência comigo...’” (CSP1, 52). Em outra passagem Puppi não esconde seu espanto e a má-consciência – começa a ficar visível para ele próprio, que não poderá alcançar as expectativas do amigo, mesmo diante dessa realidade, ele não esconde seus sentimentos: “recebi ontem o ‘Diário’ [15 de junho de 1955] que mandaste. Fico alarmado com a carta que está escrevendo para publicar” – certamente ele se refere ao *Hic Fuit* – “penso até que ela se gerou deste silencio a que me reduzi e que se eu escrevesse bastante sanaria o que pode ser sanado” (CSP1, 54).

As cartas de Puppi são carregadas de afeto, talvez seja este o motivo de Reichmann não admoestar seu correspondente. As cenas do cotidiano invadem o espaço epistolar, colonizam mais e mais, carta a carta. As de Reichmann raramente exibem o que nas de seu amigo se multiplica. Puppi vive os descompassos que Reichmann disciplinadamente transpõe. Puppi se questiona: “mas escrever como? Não existe mais o tempo que dantes existiu, a liberdade de pensar para depois escrever, o domínio dos meus assuntos e o desenvolvimento de temas comuns”, um pouco mais à frente nesta carta, a passagem é ainda mais forte de sentidos... – reflito sobre a imagem que Reichmann faz de si, ao lê-la

Sinto-me, [constata Puppi] lembrando estados de alma dos dez anos, preso a um pacto, pelo qual teria aceito quarenta e oito anos de vida como suficiente. Pacto de que não poderia mais me libertar agora, que o sei insuficiente. Isto porque aos quarenta e oito anos a filha mais velha teria menos de dezesseis anos e poderia pensar, ela, a mais nova, e o verãozinho agora nascido, que se havia perdido grande coisa. Quando a gente se torna avô atinge a dispensabilidade: os filhos já atingiram a paternidade, que é a grande linha demarcadora dos sentimentos de família. Até lá a vida é um convite irresistível, para mim ao menos (CSP1, 54).



Antes de encerrar o primeiro semestre, Sorte Peer publica o sétimo Caderno van der Lubbe.

Puppi recebe com exclusividade uma cópia do original, ainda sujo e cansado entrega-se a viagem do *Caderno de van der Lubbe*. É impensável findar o percurso e não registrar suas impressões, não poderia deixar de citar parte significativa desta carta, há elementos que reforçam o que argumentei em alguns pontos sem o apoio empírico necessário – mas que aqui retornam, na visão de um leitor contemporâneo do personagem:

Li, ao voltar de uma entrega de títulos, sujo e cansado...

### O “Pierino”. É o teu livro mais “atual”

Nos outros há o tratamento de temas ou questões vividos ou sentidos em tempo anterior. Neste é o presente que se agita e te expõe como nunca dantes. Quem te descobrirá, no entanto, por traz dessa técnica da “dissimulação, muita dissimulação”? Negas-te ao gênero literário e frustras qualquer tentativa de demonstração da tua obra, que é construída sem andaime e que, olhada do ponto de vista crítico, não oferece lugar ou ponto por onde possa ser tomada ou avaliada. Por esse lado, é inumana, porque prescinde da simpatia, da compreensão ou da admiração dos outros e exige da parte deles um devotamento gratuito para conseguir penetrá-la. Poderão os outros te fazer a enorme injustiça de ver na tua forma um modernismo literário, equivalente ao cubismo ou ao surrealismo ou à simples excentricidade. Se o “chimarrão-society” curitibano tivesse alguma dimensão a mais que os cafés de outras plagas, correrias o risco de adquirir voga e fama, o que, bem analisadas as coisas, não seria divertido, como à primeira vista pode parecer.

Há no “Pierino” fragmentos para se meditar toda a vida. [...] Mas se há coisa que se pode afirmar da tua linguagem, é o despojamento, é a privação de toda e qualquer tonalidade sensual que lhe impões, sistematicamente, em todos os cadernos. Será um modo de lhe acrescentar a graça do mistério, ou será um modo de mandar às favas o leitor?

Por fim, que te falta para buscares o que “é mais que Deus, é meu amigo?” O “Pierino” afirma que não há caminho, verdade e vida e afirma também que não olhou a “Face”. O Pierino sabe que nela estão todas as significações e, fechado num quarto escuro, afirma que a luz não existe. Mas por que não abre a janela? (CSP1, 58).

O Pierino não é um convidativo, ao menos no sentido literário. Ainda que ele seja o mais atual, Reichmann não se revela ao leitor. Ao contrário, ele emprega a “técnica da dissimulação” declara Puppi, além de ter a estrutura mais variada de todos os cadernos – pois, mescla descrição, diálogo, poemas e ensaio. O conteúdo do caderno desliza entre a vigília melancólica do luto, ao estado onírico que turva a realidade cemiterial. O cenário é o Cemitério Municipal de Curitiba, começa com as despedidas de um amigo, dali em diante o estado de sonolência invade a escrita pouco a pouco, como se a neblina avançasse conquistando todos os espaço. É neste ínterim que o narrador se depara com o Pierino.

A matéria-prima deste caderno é a estátua do menino, que identifica o túmulo do jovem. Reichmann transforma-o em seu personagem principal, estamos em seu fluxo de pensamento. De vez em quando somos trazidos de volta à superfície do ensaio, para nos

encontrarmos com o tipógrafo. De monólogo, desliza-se para o diálogo na vigília, o narrador discute questões com o tipógrafo. O caderno retoma de outro modo a relação entre unidade e dispersão, essas duas categorias recebem um tratamento dentro do diálogo com o tipógrafo.

O caderno desenvolve a questão da finitude da vida, além de mergulhar nos estados melancólicos da clausura e da solidão. Uma vez ao lado de Pierino, resta apenas meditar sobre a condição frágil e amedrontante que a existência conserva. O além-túmulo não é o descanso eterno, é a continuidade do existir por outra maneira de ser. Castigo? Dádiva? Talvez somente o Pierino para testemunhar, ou poderíamos dizer Reichmann? As hipóteses são numerosas, principalmente, porque o caderno é redigido em uma simultaneidade enorme de vozes. Nadas é demarcado em termos de início e fim, ainda que existam subtítulos que seccionam, as seções seguem uma após a outra repetindo de maneiras e formas variadas. O fluxo de pensamento exige de nós, nas palavras de Puppi: a capacidade da “simpatia, da compreensão ou da admiração”, além de “um devotamento gratuito para conseguir” adentrar ao universo único deste e de todos os outros cadernos.

A hipótese aventada por Puppi sobre a falta de sensualidade não está descartada. Em uma nota Reichmann confessa: “como me dá prazer, Puppi, saber que eles leem os cadernos de van der Lubbe como quem vai ao cinema! Será que não percebem o problema do Pierino todo ‘embrulhado’ com o problema de Kierkegaard, para escamotear?” (HF2, 33). Isso apenas reforça que o leitor tradicional sentirá frustração ao ler apressadamente os cadernos, há um jogo que máscara e exige do leitor afeito a mistério e enigmas um mergulho no abismo. Precisamos lembrar que somos náufragos, não há espectador, nem terra firme. A terra é ninguém! Os cadernos foram escritos para dar prazer a seu criador, por um tempo infinito e eterno – seríamos capazes de desembrulhar o problema do Pierino? A incerteza se eleva ao extremo, obriga-nos a salvar-nos a nós mesmos como o Barão de Münchhausen. A movimentação natatória dos *Cadernos van der Lubbe* interrompe a continuidade, lembra-nos do abismo que há debaixo de nós. Resta-nos, a cada um de nós, eu e você, saber se estamos preparados para os cadernos ou somos estes leitores de que nos fala Puppi, que “poderão” lhe “fazer a enorme injustiça de ver na tua forma um modernismo literário, equivalente ao cubismo ou ao surrealismo ou à simples excentricidade”!

### **Início hoje, 9/6/55 – um novo parênteses na minha vida**

... [afirma Reichmann]. Não é nem o mais longo, nem o mais significativo, nem o mais difícil, nem... Começarei amanhã a preparar-me para o concurso à cátedra de Estrutura das Organizações Econômicas, que deve ser realizado no mês de agosto. [...] A verdade, Puppi, é que ao pretender encerrar esta carta, precisamente neste momento,

senti quebrar-se qualquer coisa dentro de mim, senti... Prometo voltar a escrever-te logo que feche o parêntesis, isto é, logo que conclua o concurso, se me sobrar tempo, pois quero dedicar o último trimestre a Kierkegaard (HF1, 130).

Voltando à passagem inicial “minha mesa tem nove gavetas”, fechamos o arco que começa e termina em 1955. Isso porque nossa ótica ilumina os anos de anotações diversas que o *Hic Fuit* reúne. Ainda que não tenha me apoiado exclusivamente sobre o livro-carta, aceitei-o como um recorte válido para orientar o leitor iniciante, esse período dos escritos reunidos, de 1939 a 1955 (que marca a primeira obra do ortônimo). Em paralelo, cotejei nas cartas escritas a Puppi, ou nas escritas pelo próprio Puppi a Reichmann, as informações que poderiam indicar um tratamento mais compreensivo dos contextos que o livro-carta encerra. Vale frisar que apesar do contexto histórico e geográfico serem variáveis importantes para compreender cada cronotopo, minha abordagem foi sempre no sentido de revelar as tensões entre o interior e o exterior, o drama e os sentimentos que decorrem escolha a escolha, e a agência que ele demonstra através da narrativa: ressignificando, integrando-a em si, ou, demonstrando ser fiel a si-mesmo em uma *experiência* que ultrapassa a simples vivência.

Reichmann não teme as contradições de sua vida, nem os paradoxos interpretativos que seus escritos podiam gerar no leitor nas décadas de 50 e 60, até arrisco-me a dizer que esse era um efeito de incompletude que ele almejava. Nas passagens anteriores, por mim citadas, percebemos em alguns momentos isso. É relevante lembrar que durante algum tempo os únicos escritos autobiográficos acessíveis aos leitores de Reichmann foram o *Hic Fuit* e a *Carta a meu Pai*, de van Neutgen – além, claro, alguns ensaios sobre Kierkegaard como veremos à frente. Penso, principalmente, na confusão que o leitor deste livro-carta sentia ao tomá-lo nas mãos e enveredar sua leitura. Era o mesmo que desbravar uma terra selvagem, cheia de mistérios e perigos. Se de um lado observava a reunião de duas cartas, era preciso compreender que uma era assinada pelo ortônimo e a outra pelo pseudônimo. Por outro lado, o prefácio da primeira colocava em questão a própria existência de seu autor e destinatário, o que quase colocava ambas em pé de igualdade. Logo, o que o leitor tinha seria então uma obra de ficção? Ou de não ficção? Seria uma obra autobiográfica, no sentido puro? Existe uma obra autobiográfica que não envolva algum grau de ficção?

Ao tentar responder às muitas perguntas que surgem durante essa leitura, já poderia parecer impeditivo. Imagine avançar até o fim das muitas passagens desconexas, levando em conta que a única certeza que se poderia ter – a de que o livro, como carta, tinha um autor e destinatário reais – era desfeita já nas primeiras páginas. O leitor persistente adentraria coberto de incertezas, sobre qual protocolo de leitura melhor se acomodaria ali. Apenas para dar uma

vaga ideia, Reichmann concede uma entrevista ao jornal O Diário do Paraná, e inicia com uma advertência inusitada, comenta Sylvio Back: “O economista Ernani Reichmann advertiu o repórter, de início, que não obstante estar afeito comumente a matéria que diz respeito à economia, pode ter – como todo homem – vida interior. Kierkegaard, aliás, para ele significa vida interior”.<sup>198</sup> Não tão logo, percebia-se que o *Hic Fuit* como extratos de vida interior de Reichmann, concepção que não é de todo errada, mas como argumentei até aqui não pode refletir, com justiça, o que seu autor desejava com aquele escrito. A admoestação com que reagia, antes mesmo da pergunta ser vislumbrada, coloca o impasse que coordena seu esforço sob o signo de um interior em detrimento de um exterior. Mas o livro-carta nos mostra justamente que a incompreensão exterior é que forçava-o a se exilar em si-mesmo. Retomo o argumento em questão, para reforçá-lo do ponto de vista não apenas da interioridade, mas da integralidade que cada cronotopo autobiográfico coral nos permitiu ver. A última passagem da entrevista dada ao jornal expõe justamente essa questão capital – ele se exila em si, mas até que surgisse aquele para quem a alteridade completasse sua ipseidade:

Sobre o seu último livro “HIC FUT”, encerrando essa entrevista, disse-nos o professor Ernani Reichmann:

– “Toda a importância do ‘Hic Fuit’ reside, paradoxalmente, no seu destinatário: Clementino Schiavon Puppi. Isso se poderá ver melhor numa introdução que estamos preparando às cartas do Puppi – ‘Toque de silêncio’. Sinto no Puppi uma grandeza que ainda não sou capaz de explicar. Essa introdução será uma tentativa nesse sentido. Creio que no Paraná só duas pessoas puderam se aperceber do valor do destinatário do ‘Hic Fuit’, que são os Srs. Antenor da Silva Pupo e o professor Erasmo Pilotto.”<sup>199</sup>

Esse quebra-cabeças que se chama *Hic Fuit* Ernani Reichmann, só poderia ser identificado como tal após a publicação de *Volta às Origens* em 1967, ou das cartas de Puppi em 1980, e a *Folhas Azuis* em 1981. Pois nestas obras que citei, Reichmann revela algumas chaves interpretativas que possibilitam ver o *Hic Fuit* de outro aspecto. Mas ainda hoje, por mais que tentemos completar esse jogo cujas peças foram racionalmente desenhadas, jamais teremos à disposição uma imagem completa, principalmente, porque fazia parte da estratégia do personagem posar através de uma série de anotações que aparentemente não tinham uma finalidade explícita – além de estar presente nelas. A finalidade dada pelo personagem é mais tardia, surge em 1967. Logo, por quase doze anos, o leitor teve que se contentar que ora o livro-carta era ficção, ou não-ficção. O livro-carta nesse sentido, sabemos tomando como base as pistas e sinais que ele deixou em outras obras, é uma autobiografia, mas de um tipo coral pela sua ambígua condição de ser pluralmente sonoro e visivelmente multiforme. Sempre faltarão

<sup>198</sup> BACK, S. *Predominante em Kierkegaard o tema da existência como oposição ao sistema*, 11/11/1955.

<sup>199</sup> *Idem*.

peças, ou as peças que aparentemente poderiam se encaixar, apenas sugerem isso, pois de fato nada ocorre quando aproximada. A complexidade deste primeiro escrito sepulta o eu-passado sob a forma retangular de um livro que reúne duas cartas: a primeira, do ortônimo; e a segunda, do pseudônimo – van Neutgen.

Caso o personagem se revelasse de outro modo que não um mistério – um enigma –, talvez não cativasse tanto a atenção de um tipo específico leitor, tal como Nietzsche esperava para si e reivindicava no seu *Ecce Homo*. A frase inicial do prólogo me lembra muito a frase final da Carta ao leitor do *Hic Fuit*, nela Nietzsche diz que “prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada” diz ele, “parece-me indispensável dizer *quem sou*”. A diferença entre Nietzsche e Reichmann está em que o primeiro já tinha publicado muitos escritos, logo exigia de seu leitor que “já se deveria sabê-lo, pois não deixei de ‘dar testemunho’ de mim”, enquanto Reichmann esperava ser conhecido pelo “dar testemunho” do *Hic Fuit*. Nietzsche exclama: “*Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!*”.<sup>200</sup> Essa frase também vale no caso de Reichmann, pois não podemos confundi-lo na variedade de vozes que dele se deixam ouvir, precisamos ter olhos e ouvidos bem treinados, para não nos perder nele e nem confundi-lo. Ainda que a sua vida e seus escritos sejam labirínticos de uma maneira semelhante a de outros sujeitos, Reichmann também invoca para si a distinção, se isto não fosse verdade, qual o sentido de transcrever tudo o que escreveu em um livro-carta ao amigo destinatário, e em consequência modelo de todos os seus leitores? Reichmann nas entrelinhas repete o mantra nietzscheano “*não me confundam!*”, mas isso é quase uma impossibilidade ao transitar pelo labirinto de gavetas.

Esse modelo de leitor que tanto Reichmann quanto Nietzsche exigem, é nas palavras deste último aquele “quem sabe respirar o ar de meus escritos”, ideia que está de acordo com a visão de Ernani, afinal o leitor deve saber que encontrará nestes escritos “um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar. O gelo está próximo, a solidão é monstruosa – mas quão tranquilas banham-se as coisas na luz! Com que liberdade se respira! Quantas coisas sente-se abaixo de si!”, diz Nietzsche.<sup>201</sup> “De desespero, leio e escrevo”, diz Ernani, “mas, chegará o dia em que eu deixarei de ler, de escrever. Venderei todos os meus livros. Queimarei todos os meus cadernos” (HF3, 14). O leitor precisa estar preparado para lidar com este desespero, e a “solidão é monstruosa” como a de Nietzsche. Ernani não faz concessões, afinal

---

<sup>200</sup> NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*, 2008, p. 15.

<sup>201</sup> *Ibid.*, p. 16.

## Estou diante de mim mesmo como um monge

...[diz ele], que depois de passar trinta anos no deserto em penitências, mortificações, etcoetera [*sic*], viesse a se desesperar por ter perdido tanto “amor – in sensu naturale” e que se entregasse à carne e que, depois de saciado, exclamasse: – Mas, terei realmente perdido alguma coisa nestes trinta anos? Se nada perdi, se isso não era nada, todo o sacrifício também foi por nada... E lá ficaria o monge, perdido entre os dois modos de ser. Não poderia voltar e não poderia prosseguir. Eis, Puppi, como estou diante de mim mesmo! (HF2, 132).

“Quanto tempo levarei para me decidir?”, se questiona Reichmann, “Não... eu estou decidido” – afirma ele – “(oh! descoberta!)” – ironiza ainda, mas não tarda a assumir a contradição – “Começarei a agir dentro de um ‘sistema’ – que é a minha própria existência” (HF3, 15). Há certamente um paradoxo, como poderia um espírito anárquico como o de Reichmann assumir suas ações, como lances nesse “sistema” que é a sua vida? A passagem que citei acima se chama *O espelho*, ela é significativa por dois motivos.

Primeiramente, porque reforça meu argumento de que Bakhtin fornece ferramentas fundamentais para lidar com este aparente paradoxo – afinal, a palavra “sistema” aparece entre aspas, o que me sugere que ela está sob suspensão de juízo. Ernani está diante do espelho, mas o que vê é do ponto de vista do outro (certamente, Puppi), um eu-presente-no-passado e um eu-personagem “e lá ficaria o monge, perdido entre os dois modos de ser”.<sup>202</sup> O impasse parece ser superado quando ele começa a agir em si-mesmo, tomando a si como “sistema” vivo, incompleto por natureza. Isso significa em termos reichmannianos subjugar a angústia que lhe afligia a existência: ele precisa naquele momento, ser eu-*entre* os dois modos de ser. Ao subjugar a angústia, Ernani pode avançar. Em suma, ele prescindia de Puppi para ter uma visão que excedesse os limites simples de sua experiência: o *Hic Fuit* é fruto dessa exotopia, da qual nos fala Bakhtin.

O segundo motivo, diz respeito a clareira em que Reichmann está. Chegar ao fim do *Hic Fuit* lhe abria um campo de visão privilegiado dessa angústia subjugada, e o campo de possibilidades que ele tinha a sua frente. Ao reviver ou recriar sua experiência do *Hic Fuit* Ernani Reichmann, ele está a seu modo fazendo a catarse de suas tonalidades afetivas fundamentais – as depressivas, é claro: melancolia, solidão, tristeza, abandono,

---

<sup>202</sup> BAKHTIN, M. *O homem ao espelho*, 2019, p. 53-54: “O homem ao espelho. A complexidade desse fenômeno (diante da simplicidade aparente). Os seus elementos. A fórmula simples é: eu olho a mim mesmo com os olhos de um outro, me avalio do ponto de vista de um outro. No entanto, por trás dessa simplicidade, é necessário revelar a complexidade extraordinária das inter-relações dos participantes (eles serão muitos) desse conhecimento. Exotopia (eu vejo a mim mesmo fora de mim).”

excepcionalidade, entre outras. – esse processo longo se verifica na temporalidade de *Angústia Subjugada* (1939-1962).

Reichmann, com a ajuda de Puppi, percebe-se como um monge que perdeu o “amor – *in sensu naturale*” de sua família e familiares em nome de um jeito de ser. Faltava-lhe a perda do tempo que para Puppi sobrava-lhe, para perdendo ganhar um tempo inalienável de viver sua família. Ele afastava-se definitivamente do jogo político, habitaria apenas a periferia do poder e cantaria as honras de grandes estadistas. Não obstante, era tarde para reconquistar o amor? Ao publicar tudo o que tinha de vir a lume, seu tempo já havia acabado? Poderia perder, para ganhar? Em Curitiba de corpo e alma, poderia reconquistar seu lugar na vida daquelas mulheres que haviam dedicado tanto a ele?

“Foi assim, que num abrir e fechar de olhos eu descobri que tinha 35 anos – de idade. Descoberta de 3.9.55” (HF2, 163). Essa descoberta marca segundo ele seu “*nel mezzo*” [no meio], as areias da vida se esvaíam, ele chegava ao ápice de sua vida. Além da preparação de seu concurso de cátedra, sobrava-lhe tempo para dedicar-se a Kierkegaard. Reichmann se prepara para o título que lhe traria certa estabilidade, e concomitantemente preparava-se para o centenário. A primeira coisa era uma determinação externa, afinal ele era pai de família e precisava prover a existência. Mas a segunda, era sua obra de amor, cujo sentido interior agregava valor e sentimentos a causa de Kierkegaard e a edificação silenciosa e solitária de si.

### **Kierkegaard (11.11.55)**

11.11.55, data do centenário da morte de Kierkegaard (HF2, 154).

Chegado o grande momento, Reichmann palestraria a um público que tivera a chance de conhecer Kierkegaard. Ele afinal, havia contribuído à causa do poeta-pensador, que reverberações a sua fala teria? A palestra estava marcada para as dezenove horas no auditório da Biblioteca Pública do Paraná, ele leria o conteúdo do quarto caderno da kierkegaardiana. Era um momento de êxtase, a realização de Reichmann só teria sido maior caso a vida lhe tivesse possibilitado comemorar o centenário lá, onde seu herói havia vivido. Ele menciona muitas vezes o anseio de uma viagem para a Copenhague, essa diretiva invadia seus sonhos, tanto em vigília, como entorpecido. As expectativas de Reichmann eram altas para aquela grande noite, mas o resultado reiterava as alegações de Puppi. O placar que Ernani cria para o acontecimento, poderia ser bem generalizado à condição de seus escritos: “Quase todos (2/3 dos presentes) negaram-se a “compreender” a conferência sobre a desumanização de Kierkegaard. Grandes, cada um a seu modo, são aqueles que somam 1/3” (FA1, 192).

Outras anotações de Reichmann do mesmo período mostram uma certa resistência em acreditar, que Kierkegaard poderia interessar a um público tão pequeno. Haja vista que a sua experiência era uma boa razão para lê-la e edificar-se concomitantemente. Afinal, o seu século não era o “século do espírito”, como era possível tão poucas pessoas se interessarem pela sua auto-edificação? Puppi, a respeito do Pierino, parece apontar as causas da fragilidade desse raciocínio. Assim como Reichmann, Kierkegaard exigia leitores que transcendessem a leitura de superfície e mergulhassem no abismo para se darem conta que sono náufragos – sem espectador, consequentemente sem socorro, que não fosse oriundo de nossas próprias forças para emergir. A emoção do naufrágio não atinge a todos de maneira igual, trata-se de experiências que podem ou não ter sucessão. Muitos nem sequer se darão conta do desespero que edifica, passarão pela vida sem a consciência do abismo. Proporcionalmente, inconscientes de seu eu e das vivências profundas que a vertigem do abismo suscita.

Ernani atuou pela causa de Kierkegaard, com seriedade e rigor. Inspirado pelo pensamento do poeta pensador ousou ir aonde muitos apenas se aventuraram, seu pioneirismo passou despercebido – talvez porque sua leitura não era acadêmica, era em suma existencial. A experiência de Ernani Reichmann era fruto daquilo que anos mais tarde ele chamará de “ipse-alteridade”, conceito concreto que nasce nesta experiência singular ao reviver em si o desafio de Kierkegaard. Em muitos sentidos, ele assume tanto este desafio de ser um mistério, que incorpora em si-mesmo a condição de enigma – já esboçada pelo pensador dinamarquês. Seu espelho e confessor, Puppi, já alertara-o para que não sofresse com as decepções. Ernani reage, não esconde sua frustração – afinal havia se preparado e pavimentado o caminho, para que mais leitores aprendessem com Kierkegaard a sua verdade, e consecutivamente tivessem olhos para este profeta. Apenas “1/3” esboçaram sentimento de compreensão para com Kierkegaard, me coloco a imaginar quantos deles reconheceram a total abnegação deste monge anacoreta, que ora retornava do deserto de sua solidão ascética? Arrisco uma resposta! Olhando entre as anotações do Post-Scriptum 55, a época em que antecede a palestra do centenário, Ernani anota o seguinte sobre *As lendas* (HF2, 119):

Buscar as lendas onde elas se encontrem: nos livros, nas músicas, nos quadros. Nas fontes, nas pradarias, nos castelos. Em Mozart, em Beethoven. No Fausto. No Hamlet. Ah! Por falar no Fausto e no Hamlet, vê só, Puppi, o que fizeram os dois: Goethe e Shakespeare. Este transformou o Hamlet de lenda em história, matou a lenda e sobre os restos da lenda, que era o Hamlet, construiu o seu Hamlet (de qualquer modo, prefiro o outro), sem lenda. O primeiro fez o mesmo com uma variante (uma tentativa frustrada): levou o seu personagem a viver em parte na lenda, da qual surgira. Às vezes Puppi, tenho a impressão de que vou mesmo acabar sendo um personagem de lenda (ver o Jules de van Neutgen).



A passagem em questão nos mostra duas possibilidades. A primeira, pode ser encarada como a aceitação de que jamais sua história passará de uma lenda, ele demonstra ter consciência deste fato. A segunda, nos mostra uma predileção pela manifestação oral, em detrimento da versão escrita. Em ambas, fica evidente que Reichmann sabia que caminhava para uma zona cinzenta de indeterminação. Ele poderia se contentar em ter um destino semelhante ao de Kierkegaard, ou modificar seu modo de ação – pergunto a você caro leitor, qual caminho teria trilhado? Eu como me manifestei ao início, adotaria certamente o mesmo caminho de Reichmann, por isso me sinto implicado pela sua escolha que também é a minha. Possivelmente, esteja matando a lenda! Ainda que transforme a lenda em História, confesso que as táticas narrativas de Ernani Reichmann são performativas, toda a estratégia que criei até aqui parece confessar seu fracasso. Observei muitas maneiras de tentar apreender essa lenda que foi cônica durante sua vida, de sua triste condição. Percebi que, realmente, alguns escreveram Hamlet's – este é o caso de João Manuel Simões<sup>203</sup> e Rubens Sossella –, ou ainda, erigiram Fausto's – lembro-me de Hélio Puglielli e, principalmente, Sylvio Back –, todas parecem repetir a máxima do turismo biográfico que já nos alertou Ortega y Gasset. Minha maneira de proceder esteve sempre pautada na tentativa de me envolver e me ver parte, acredito que em muitos momentos me arrisquei em fazer mais que simplesmente andar ao redor de Ernani Corrêa Reichmann. É um risco que ele estava disposto a pagar com relação a Kierkegaard, e eu em relação a ele. Contudo, não se trata de maneira alguma de um culto ao herói, gosto de pensar minha relação em termos de narrativa, ao modo que me foi revelado por Walter Benjamin. *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, é um texto fundamental, a meu ver, para acompanharmos o que Reichmann expressou com a constatação de que ele possivelmente se torne uma lenda.

A opção pela lenda antes da escrita, parece-me que envolve um tipo de sabedoria prenhe na maneira de Kierkegaard e Reichmann procederem. Ambos são afeitos a comunicação indireta e a escrita plurivocal, suas premissas são sempre ricas de experiências concretas. Longe dos sistemas de Hegel no caso do primeiro, ou da psicanálise de Freud no caso do segundo, tanto um quanto o outro parecem concordar com o que Benjamin enuncia: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.”<sup>204</sup> Assim, ambos os escritores têm essa característica definidora, de escreverem de maneira a envolver

---

<sup>203</sup> João Manuel Simões, nasceu em 1939 em Mortágua, Portugal. Escritor e poeta, formou-se em letras em Coimbra e bacharelou-se em Direito em Curitiba. Ele é o 2º ocupante da cadeira 11, da Academia Paranaense de Letras, alçado em 1971. Era amigo próximo de Reichmann, tanto é que escreveu *Ernani Reichmann: introdução (fragmentária) ao universo de um gênio* (1981).

<sup>204</sup> BENJAMIN, W. *O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, 1994, p. 201.

seus leitores nas redes de sociabilidade de seus escritos. Mergulhar seja em uma palestra, ou em um escrito, devolve o sentimento de naufrágio e nem todos são afeitos a este tipo de experiência. Nem por isso, Ernani se deixa abalar, mas é impossível não reconhecer seu desapontamento. Um silencioso mês se passa, a palestra parece não ter gerado a recepção desejada. Reichmann tomado pela melancolia anota o seguinte...

### Um quadro (11.12.55)

O rádio estava ligado. A Isoldinha, sentada diante do rádio, contemplava a Brunilda que ensaiava uns passos de dança clássica. A Annie entrou na sala para estudar sua lição de piano. O rádio teve que ser desligado e eu subi para o meu quarto. A porta aberta (do meu quarto) deixava entrar a luz do corredor, a envolvê-lo em suave penumbra. A chuva batia na vidraça, as cortinas levantadas... e eu vi os livros, os quadros, as mesas, as folhas de papel e, em tudo, a penumbra. Por que será que os grandes dizem para as crianças que um homem não chora? (HF2, 195).

Quem disse que homem não chora? Chora sim! Experiências como essa apenas são apagadas ou, simplesmente, negadas como uma impossibilidade lógica. Reichmann demonstra-se sensível, retorna ao cotidiano como um homem que foi à guerra e retornou vencido por ela. Mesmo tendo ganhado a guerra, lutado o bom combate, sua autoestima sofreu baixa no campo de batalha. Ele não se dará por vencido, entretanto passa pelo luto. Tanto foi feito, tanto foi gasto: energia, dinheiro e tempo de existência. Sobrou-lhe apenas o vazio dos dias seguintes, nada concorreu para que o sucesso e a vitória lhe coroassem de louros. No fundo ele sabia, tinha ganhado a guerra, vencido a batalha, mas agonizava pela angústia do que vivia e sentia.

Sua vida não tinha sido em vão, nem mesmo a de Kierkegaard. Seu momento chegará! O crítico Wilson Martins registra em uma nota tardia:

O Sr. Ernani Reichmann é um daqueles escritores que só podem ser julgados dentro da sua perspectiva histórica, dentro da influência que venham ou não a exercer sobre a posteridade – e que só terá futuro na medida em que esse futuro já for um passado, quero dizer, que ele está fadado a viver um destino póstumo ou a não viver destino nenhum (CP7, p. 428).

Assim como Kierkegaard, Reichmann teria apenas um “destino póstumo”! Todo o investimento cultural não passaria de uma aplicação futura a expensas do acaso. Reichmann em sua autoentrevista de 1967, que encerra o ciclo de *Experiência de Personagem*, relata confiante:

- Qual seu público?
- Não tenho público. Tenho alguns amigos de enorme boa vontade. Poderia contá-los com os dedos. É possível que, afora esses amigos, tenha mais quatro ou cinco leitores, se tanto, dispostos a conhecerem a minha experiência.
- Acha que permanecerá?
- É claro. Minha experiência não poderá ser ignorada. Creio mesmo que a próxima geração virá trabalhar esta experiência. Sou para este século, não tenho dúvida (EINS, p. 242-243).

Wilson Martins, um pouco mais à frente de seu texto, explica a condição delicada de Reichmann, seu diagnóstico nos diz muito sobre a mentalidade da época e o contexto em que vivem.

O Sr. Ernani Reichmann é o típico escritor de província, lançando por conta própria os seus cadernos, distribuindo-os ao acaso das facilidades de momento, estranho, por temperamento, ao carreirismo literário e, acima de tudo, criando uma espécie peculiar de literatura, quase completamente estranha ao espírito da Literatura Brasileira e, até, ao nosso espírito nacional. Essas circunstâncias todas, se explicam o desconhecimento da sua obra, não chegam, contudo, a justificá-lo: uma das primeiras funções da crítica será a de debruçar-se sobre o novo e insólito, a de arriscar um julgamento inicial sobre as obras que, precisamente, violam os cânones admitidos. No caso do Sr. Ernani Reichmann, tal julgamento é tanto mais difícil e aventuroso quanto menos as suas produções pertencem ao nosso tempo, quanto menos contemporâneo nosso ele será: seus livros formam qualquer coisa como uma ilha kierkegaardiana numa literatura que de kierkegaardiana nada tem, são um esforço de meditação sobre si mesmo, uma infinita repetição dos mesmos temas vistos de ângulos diferentes, num ensaio de existência que procura tomar consciência de si mesma, de sua maneira de existir e que, no fundo só se interessa por ela (CP7, p. 428-429).

Lembremos que Reichmann aguardou de maneira ansiosa pela famigerada crítica, já anunciada por Milton Carneiro. Essa crítica foi publicada em 1960, e a reproduzo aqui para que ao chegar ao fim deste tempo artesanal do *Hic Fui*, pensemos no destino. Kierkegaard acaso foi aplaudido entre seus pares? Acaso foi reconhecido e reverenciado como bem feitor a seu tempo? Talvez Martins tenha razão! Tanto Kierkegaard e Reichmann foram anátemas, como seria caso não houvesse pessoas abnegadas a restituir-lhes sua marca na areia? Antes que a próxima onda apague os vestígios que restam, jaz um naufrago, mas não sem história! Homens como Kierkegaard e Reichmann são esses momentos raros na continuidade ininterrupta da cultura, que devolvem o movimento natatório – certamente difíceis de serem ajuizados, ou ganhar o gosto popular, entrementes rompem com o cânone. Convocam um tribunal de naufragos, porque são descontinuidades à *segurança* da cultura.

Reichmann escreve uma carta a Puppi, que funciona de réplica a crítica tacanha e triunfalista, ao modo do paranaense Wilson Martins:

O que eu sempre quis fazer, falamos muitas vezes sobre isto [explica Ernani a Clementino], foi ler unicamente os livros “matrizes” e deixar os outros para os que têm mais tempo do que eu. Europeu significou durante muitos anos para mim, justamente esse poder de “criação”, que nós brasileiros procurávamos limitar nosso trabalho somente a interpretação em qualquer gênero literário, não é isso? Muitas noites me vi fazendo a pergunta: “se eles podem, porque será que nós não podemos?” E na superficialidade dos outros (brasileiros) via a causa principal dessa ausência. E mergulhava cada vez mais para dentro de mim. Me parecia que lá estava a fonte de tudo. Era isso que eles, os europeus, se limitavam a fazer? E trazia tudo como percebera, incoerente, disforme, mas genuíno, graças a Deus, sentindo, ao mesmo tempo, uma alegria imensa ao me colocar ao lado do que eu acreditava ser o espírito europeu. Me lembro que procurei convencer meu pai, da realidade da minha obra,

justamente com esse argumento. Ele me ouviu. Ele compreendeu muito bem tudo o que tentei explicar. E eu sofria vendo o luar sobre as pilhas de tábuas. Sofria como se fosse o primeiro homem a sofrer. Sofrimento novo a propósito de coisas novas. Coisas que poderia perceber, coisas que só eu poderia sentir. O caminho dos parreirais, como sua sombras. Tudo, tudo, tinha uma mensagem nova de um novo sofrimento. Às vezes, avança demais: andei por ruas desertas sentindo a saudade que aquele passeio me traria um dia, muito mais tarde. Outras, voltava ao estado primitivo e procurava traduzir numa linguagem nova um sentimento também novo. Vivi como nunca ninguém viveu e agora, neste momento, tenho a certeza de que sou uma “matriz”. Pode me atormentar a preocupação “daquela coisa grande, extraordinária” que está para me acontecer, podem me subjugar os personagens falhados, tudo, tudo é o resultado de um sentimento “genuinamente europeu”, no meu velho e bom sentido. Eu me limito, eu busco ansiosamente essa limitação porque “os outros” (aí de mim!) “os outros” precisam de mim. Nós podemos pensar isso a propósito do Octavio e fica bem pensado: “O Octavio encerra um grupo de matrizes e Branco, seu personagem, cria uma matriz nova” (FA1, 43).

Reichmann pode não ter alcançado sua realização em 1955, contudo ele viveu como uma “Matriz”. Se sua literatura, que nem é literatura, será taxativamente surreal ou cubista, com toda a certeza não se compreendeu Reichmann. Ele vem em uma terra de ninguém, entre a filosofia e a literatura, recriando sua experiência, reduplicando-a em si. A epifania do centenário coloca o ponto final na catarse de seu passado: finda-se o *Hic Fuit* Ernani Reichmann.

### **Uma carta de 30.11.55**

Puppi

Cansado, depois de ler pela milionésima vez, o “Hic-Fuit” (e ele me parece sempre novo e sempre diferente a cada nova leitura que faço). [...] Depois de muito lutar (já não quero retomar esse tema), senti uma frustração, uma terrível frustração e foi, então, que cheguei a compreender o que sinto a cada nova leitura que faço do “Hic Fuit”: uma frustração, Puppi, uma terrível frustração, mas frustração do eterno (HF2, 184).

*O homem deseja sempre se libertar do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção. Ser este “eu” que ele quer, faria o seu deleite – se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado – mas o constrangimento de ser este eu que não quer ser é o seu suplício: não pode libertar-se de si próprio.*<sup>205</sup>

*...em sua era hermenêutica o biógrafo já não tem a ilusão de fazer falar a realidade e de saturar com ela o sentido. Ele sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo.*<sup>206</sup>

*O fim: Ah! Como é doloroso, Puppi, ter que dizer à hora da morte:*

**“Minha vida foi um ensaio falhado”!**

*Não será esse o meu caso? (HF3, 129).*

Ainda que a narrativa se encerre em uma carta de 30 de novembro de 1955, a história de Ernani Corrêa Reichmann pode ser contada de outras maneiras. Outras fontes podem mostrar tantas representações, quanto as que delineei aqui. Até mesmo as fontes que me servi podem ter outro destino possível, é o que espero ao aguardar ansioso pelo livro de Henri Levinspuhl que também homenageia o ortônimo quando completa seu centenário natalício. Alvaro Valls, quem nos apresentou, primeiro através de sua retrospectiva Kierkegaard no Brasil: mais de 40 anos depois (publicado como posfácio ao livro *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*, de Marcio Gimenes de Paula, publicado em 2009). Posteriormente, durante nossa estadia em Juiz de Fora, por ocasião da XVI Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard, ele me deu o contato de Levinspuhl para que nos incentivássemos mutuamente nesta árdua tarefa de biografar certo percurso do sujeito histórico.

A segunda vez que Valls me aproximou de Levinspuhl, faz ainda eco a primeira, e me coloco a citá-la, pois talvez tenha alguma importância se algo ainda possa ser acrescentado:

*...também fora do mundo acadêmico, existe vida inteligente preocupada com Kierkegaard. Alguns dos traços da personalidade de Ernani Reichmann que fizeram Vergote defini-lo como um *Kierkegaard redivivus* talvez estejam encontrando uma “repetição”, como num abreviado “eterno retorno” na personalidade singular de um Henri Nicolay Levinspuhl, que vive com a esposa e filha no interior do Rio de Janeiro, trabalha alguns dias por semana com *sites* de informática, como seu ganha-pão, para poder, então, nos outros dias da semana, dedicar-se de maneira abnegada e edificante a traduzir – a partir dos textos do casal Hong – para o nosso idioma toda a chamada “obra veronímica”, ou seja, especialmente os Discursos edificantes e os Discursos cristãos. Henri, embora jovem, já tentou levar existencialmente a sério os ensinamentos de Nietzsche, até concluir que era preciso procurar a seriedade da vida em outras partes, e desde então vive e trabalha a serviço talvez da mesma ideia de Kierkegaard.*<sup>207</sup>

<sup>205</sup> KIERKEGAARD, Søren. *O desespero humano (doença até a morte)*, 2010, p. 34 (itálico nosso).

<sup>206</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico*, 2009, p. 410.

<sup>207</sup> VALLS, A. L. M. *Kierkegaard no Brasil*, 2009, p. 161-162.

Tanto o livro de Levinspuhl, quanto o trabalho que ora apresento como tese, se detém nos primeiros escritos de Ernani Corrêa Reichmann. Neste sentido, esperamos que os trabalhos sobre não apenas a vida, mas também os escritos possam interessar a tantos outros. A minha narrativa seguiu os passos do *Hic Fuit* Ernani Reichmann, mas nem por isso deixei de aproximar-me das primeiras identidades narrativas do ortônimo. Por conseguinte, acredito que seja importante, ainda que nas linhas gerais, mostrar alguma continuidade. Arrisco-me uma vez mais, agora por meio de um relato ambíguo, porque tenta fechar e abrir os possíveis campos de visão – no sentido que nos fala Michel de Certeau, de uma “vista perspectiva e vista prospectiva” que “constituem a dupla projeção de um passado opaco e de um futuro incerto numa superfície tratável”.<sup>208</sup>

\* \* \*

Em 1956, Ernani Corrêa Reichmann defende a cátedra de “Estrutura das Organizações Econômicas” para a cadeira da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná. Ainda neste ano é convidado a assumir a coordenação econômica e financeira da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná e permanece até 1958. Até este ano Reichmann exerce as funções pública e docente concomitantemente. Solicita dispensa de suas funções para gozar 1959 como ano sabático. Recebe o benefício e embarca com a esposa em uma viagem a bordo de um navio comercial para Hamburgo, de lá segue para Copenhague, onde residirá todo aquele ano – longe das filhas, que permanecem no Brasil.

Estar em Copenhague completava seus planos e encerrava um ciclo que havia começado em 1940, quando conhecera um exilado dinamarquês – quem lhe apresentou Kierkegaard a primeira vez. O poeta-pensador ajudaria Reichmann a subjugar a angústia e assumir sua vida como uma escolha de seus atos, além de povoar gradualmente sua vida interior com parceiros e colaboradores que dividiam a pesada carga que o mundo lhe representava. Estar em Copenhague para aprender o difícil idioma em que o pensador dinamarquês compôs suas obras representava um grande esforço e privilégio. A estadia de Ernani e Annie em Copenhague passou rápido, mas reservou profundas e duradouras amizades, além de memórias que definiriam os rumos da vida de Reichmann deste momento em diante. São muitas as anotações e cartas deste momento, que na trajetória de Ernani foi singular e fundamental.

---

<sup>208</sup> CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*, 2014, p. 160.

Em 1960, ao retornar, ajuda a fundar a APUFPR e integra sua primeira direção. Prepara-se ao lado de Ney Braga para as eleições daquele ano e, no ano seguinte, comemoram a vitória do pleito, com o convite à Secretaria da Fazenda. Concomitantemente é convidado pelo Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, a fazer parte da primeira gestão do CODESUL-BRDE. Neste momento Ernani divide-se entre as funções públicas, ainda que parte da gestão da APUFPR, encontra-se cedido aos interesses do Governo do Estado do Paraná e do Rio Grande do Sul. Foi um período intenso, muitos jornais noticiam a importante atuação desse riograndense-paranaense junto ao Governo Ney Braga e ao BRDE. Ainda que em funções econômicas e administrativas, sua relação com a política – mesmo que indireta – era sentida.

1964 representa o afastamento de Ernani da vida pública e rompimento com Ney Braga, bem como com a política de uma maneira geral. Radicalmente, Ernani assume uma postura que deixará registrada em muitas de suas obras, trata-se de um isolamento conscientemente auto-imposto, que gradualmente será assumido sobre a forma de um exílio interior. Mas como podemos explicar um militante integralista, assumir-se contrário ao cenário que se delineava a partir de 1964? A resposta não é simples! Reichmann se define nos escritos, aos familiares e amigos, como um anárquico-espiritualista. As raízes dessa postura já se demonstravam em seu manifesto ao PRP em 1949 – bem como nas *Folhas Azuis*. Mas, decisivamente o encontro espiritual que Kierkegaard operou em sua subjetividade, talvez seja o caminho mais seguro para uma explicação plausível, ao menos foi o tentei demonstrar.

Apesar de retornar às funções docentes e até defender sua titulação em 1968, Reichmann era sempre solicitado a dar pareceres econômicos à Secretaria da Fazenda e auxiliar o gabinete dos reitores da UFPR. Sua trajetória docente ao que tudo indica, nunca encontrou um momento de continuidade ininterrupta. Diante das solicitações constantes, raramente podia assumir turmas fixas. Sua saúde debilitada era outra razão para afastar-se da sala de aula, bem como das obrigações universitárias. Concomitantemente, aproveitava suas dispensas para compor e escrever sobre sua *experiência* – enquanto recuperava as forças e a energia. As traduções e as obras mais densas de sua dialética existencial são das décadas de 1960 a 1970.

Entre os anos de 1971 e 1978 trava uma intensa troca de cartas com a filha Brunilda, a exemplo do *Hic Fuit* e das *Folhas Azuis* é possível um trabalho com cartas. Brunilda, juntamente com o esposo e os filhos, estava nos Estados Unidos para dar continuidade aos estudos. Brunilda conduzia uma pesquisa de doutorado em literatura comparada sobre Thomas Hardy e Octavio de Faria, obviamente sob a influência decisiva de seu pai. Neste limiar, Ernani passa a ser uma presença constante na vida da filha através das muitas cartas que escreve. Brunilda assume, nesse momento, a responsabilidade de publicar as cerca de 400 cartas

destinadas ao *Projeto de Salvação*. Com efeito, se há um testamento literário, ele é escrito epistolarmente nestas cartas familiares. Há a predominância do discurso direto livre, além claro da comunicação direta de seu ortônimo.

Nos anos de 1977 a 1981, Ernani atua ao lado de seu ex-aluno o Reitor Ocyron Cunha, trata-se de um momento privilegiado pois, além de estar afastado das responsabilidades docentes, pode se dedicar à organização de seus escritos, bem como a editar boa parte das obras que havia composto até ali. Mas a UFPR ficaria no passado ao se aposentar em 1981. Após este ano nunca mais Reichmann pisou em suas dependências, nem mesmo na ocasião em que Henri-Bernard Vergote esteve nessa instituição. No dia 10 de junho de 1984, Ernani Corrêa Reichmann falece em sua chácara da Colônia Faria – local que representava seu retiro espiritual, uma extensão de seu mundo interior e afetivo.

## APENAS UMA TENTATIVA DE SÍNTESE FINAL

... (PROVISÓRIA, NATURALMENTE)

Penso que a “Experiência de Personagem” desenvolvida e consubstanciada nos “Escritos Completos” de ER constitui, a um só tempo:

- a) – uma obra ficcional (poético-filosófica) nascida da angústia e do desespero (reais ou fictícios, não importa) e que tem seu suporte fundamental na nostalgia do passado, na lembrança (e recriação, no presente) de todos os outros ER possíveis que ao longo do tempo foram nascendo e morrendo;
- b) – um “roman fleuve” (pontilhado de redemoinhos, sorvedouros e voragens) mais romântico do que realista, de caráter eminentemente estático, em que a ação é substituída pela reflexão dos personagens que, sem exceção, escrevem;
- c) – um romance em que os personagens são sempre “redondos” (“remember” a teoria de Foster com relação aos personagens: planos ou desenhados e redondos ou modelados), na medida em que configuram heterônimos, desdobramentos, outros eus, projeções, “côtés”, encarnações (fictícias) de todos os ER possíveis – e a sua própria “inexistência” final seria apenas uma possibilidade extrema;
- d) – uma autobiografia espiritual, psicológica, ou as memórias de uma consciência que quis atingir a plenitude do Ser – do sER? – através de uma epopeia em que o autor se autofragmenta e autodiseca (experimentalmente);
- e) – um cervantino “D. Quijote del Posible”;
- f) – o monumento vivo de um gênio que, desde concepção inicial da “experiência” e ao longo de todo o seu transcurso se foi autoconstruindo (conscientemente) como gênio que, síntese da humanidade que era, teve necessidade de extravasá-la, de comunicá-la a todos;
- g) – o Canto-todo-os-cantos de um poeta que tinha tanto a dizer que não pode concentrar o seu pensamento na camisa de força do verso e do poema;
- h) – um dos momentos mais altos da história universal da “poiesis” é sinônimo de criação). Ou ainda...<sup>209</sup>

Devemos ao escritor e poeta João Manuel Simões, ocupante da cadeira 11 da Academia Paranaense de Letras, a primeira tentativa de uma “biografia” do Ernani Reichmann

---

<sup>209</sup> SIMÕES, João Manuel. *Ernani Reichmann*, 1983, p. 97-98.



histórico. Ao modo dos homens de letras, a introdução escrita por Simões revela-se fragmentária e, ao mesmo tempo, um manancial de insights para aqueles que pretendem – como eu – se arriscar pelas “vinte ou trinta mil páginas – [de] uma hiléia amazônica de papel – distribuídas por algumas dezenas de volumes”.<sup>210</sup>

Mas afinal, quem é Ernani Reichmann? Para muitos é um nome que se esboroa entre muitos outros de um passado comum, quase intocado. Se não fosse pela singular “Hiléia amazônica de papel” talvez, realmente, sua memória seria inacessível também a mim, assim como a muitos outros. Entretanto quis o destino que nossos caminhos se encontrassem, entrecruzando com os de Kierkegaard.

Desisti de forçar uma direção, deixei que a vida *daquele* que contaria me desse a sua direção. Não deu certo! Precisávamos um do outro, e como em uma dança: ele teve que ceder, para eu conduzir. E assim, o tempo se esvaiu. Ainda tenho a impressão que foi a mais curta dança longa – entretanto, a mais profunda em todos os sentidos. Se intercalam, se imbricam, se afastam, em suma, se movimentam a passos curtos e/ou longos, ora eu, ora ele, ora eu/ele. Contudo, o que esse jogo de palavras quer dizer? O que deseja mostrar? O claro enigma que a vida de meu objeto persiste em ser, em existir. Fracassei em dar forma, que conforma. Ele avisou que não se conformaria, apostei que poderia e que devia cientificamente falando capturar-lhe o ser, a existência e, por fim, devolvê-lo à história. Ledo e confuso engano.

Ernani Reichmann é o “extrovertido mais introvertido que conheço” (EINS, p. 245), aceitou e viveu em si as contradições de existir. Duas palavras por ele usadas ganham na narrativa dele, e na minha, estatuto de conceito e de enleio: unidade e dispersão. A primeira define meu esforço, porque desde o início de meu projeto foi reconstruir essa vida que não se mostra de uma vez, e apenas se revela em fragmentos de lembranças e memórias, cuidadosamente pulverizadas aqui e ali, em todo o lugar um pouco dele. Contudo este é o problema, ele não é um. Na narrativa sua, e na minha não poderia ser diferente, este “ele” é um dialogismo de eus – para confessar, desde já a feliz ajuda que obtive de Mikhail Bakhtin.

Logo, se meu objeto era fugidio e incontornável, tive que ser apoiado por aquele que já me exibia certa vivência, na experiência de um Dostoievski. Isso foi mais que um encontro feliz, porque por mais que procurasse, nenhum apoio se mostrou tão necessário quanto o de Bakhtin. Assim a estratégia que adotei foi deixar que eu e ele nos emaranhássemos, como em um diálogo, a certa altura eu sou ele, ele sou eu, e ambos se participam. Isso quer dizer que

---

<sup>210</sup> *Ibid.*, p. 9. “Hiléia amazônica” é a denominação que foi dada à imensa floresta equatorial amazônica por Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista alemão, e Aimé Bonpland (1773-1858), naturalista francês.

Bakhtin me permitiu ver que era incapaz de reconstruir a unidade de Ernani Corrêa Reichmann. Primeiro, porque ele assim quis – há *performances* de um grande conhecedor de escritas de si e gêneros confessionais (principalmente, diários e cartas); e isso ele não esconde, no entanto não é tão simples assim de perceber – acredito ter demonstrado. Para muitos, isso é o que o torna impenetrável, os vários nomes que o povoam (nunca fica evidente, qual deles é ele!?). Segundo, tudo se baseia e ocorre em sua *Experiência*, porque ele é objeto, e vivência de si mesmo (constantemente se toma, e retoma das maneiras e formas mais variadas). Certamente há *ego-centrismo* – seu ego inflacionado é o centro de gravidade, ao qual nada escapa, inclusive as atenções. Terceiro, ele descobriu que sua maneira de ser e existir é a dispersão de si mesmo, e para capturá-la somente um *método histórico* poderia ser eficaz, daí apostar na ideia de “cronotopo autobiográfico coral”.

Assim, Bakhtin me instrumentalizou com um arsenal de ferramentas necessárias a uma melhor compreensão da natureza da “dispersão”, afinal eu precisava dar algum *acabamento* ao *Hic Fuit* Ernani Reichmann já que jamais seria possível alcançar a unidade de um Ernani Corrêa Reichmann biográfico. De tal modo, algumas ideias me foram particularmente úteis. *Exotopia*, *excesso de visão*, *encontro no grande tempo* ou *nos séculos*, além de outros mais, me permitiram modos de enxergar nas linhas, e nas entrelinhas, variadas maneiras desse sujeito histórico incompleto e incompletável de se representar e autorrepresentar.

As fontes para pesquisas futuras são muitas e variadas, algumas tomaram um tempo fundamental para que apresentasse outro trabalho. Este não foi possível, o trabalho que ora apresento serve de início possível a todo e qualquer trabalho futuro. Inclusive aquele que encerre de maneira panorâmica, as transformações e metamorfoses que os cronotopos vão ter na extensão das *Experiências de Personagem, Autor e Leitor*. De qualquer maneira, outras histórias são possíveis, a que tentei apresentar é apenas uma de tantas outras. Antes de encerrar, gostaria de recordar os efeitos que uma pesquisa como a que conduzi teve. Antes de iniciá-la não havia maneiras de consultar os escritos de Reichmann de uma maneira completa, alguns de seus livros podiam ser encontrados na Biblioteca Pública do Paraná; na Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes e, conseqüentemente, na Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; e, principalmente, na Biblioteca de Humanas da UFPR.

No entanto, essas obras algumas vezes se repetiam e não passavam de uma ou duas dezenas. A reviravolta veio ao encontrar um documento de doação na caixa-arquivo que reunia alguns volumes dos escritos de Reichmann na Biblioteca Central da UFPR. Munido deste documento, descobri na Biblioteca de Humanas um valioso tesouro coberto de pó e bolor. Com grande insistência desejava consultar aquelas obras não catalogadas, ainda que o estado de

conservação delas inviabilizasse em grande medida o acesso a elas e a minha permanência por um tempo que não comprometesse minha saúde. De lá para cá, essa vasta biblioteca passou pela higienização, e permitiu descortinar um acervo significativo de obras objeto da doação que a família de Reichmann fez a UFPR. Esse processo coincidiu com a criação da Divisão de Obras Raras e Especiais (DORE-UFPR), preocupação sem precedentes com obras raras e acervos doados à instituição como o de Reichmann e outros intelectuais. A DORE hoje centraliza o maior número de obras de Reichmann e alguns manuscritos, datiloescritos e cadernos, não obstante acredito que em um tempo próximo poderá ostentar os escritos completos. Além disso, livros em inglês, espanhol, francês e, curiosamente, em dinamarquês, que eram da biblioteca de Reichmann hoje podem ser consultadas. São obras peculiares e únicas em seu sentido no Brasil, à disposição de um público amplo de pesquisadores e curiosos.

Além disso, tenho verificado um pequeno, mas significativo interesse pela vida e os escritos de Ernani Reichmann. Faltam obras que facilitem o acesso aos não iniciados, talvez dentro de alguns anos teremos guias que privilegiem esse acesso descomplicado e possibilitem usos mais conscientes dos escritos completos. Há interesse recente no nome de Reichmann por parte da Academia Paranaense de Letras e de alguns entusiastas ligados de alguma forma ao Departamento de Filosofia da UFPR. Com relação à APL, duas ações merecem ser citadas. A primeira diz respeito à publicação em uma nova edição com capa do artista Visca, prefácio de Guido Viaro e o estabelecimento do texto pela parceria entre a APL e a BPP. A edição em questão certamente está distante das capas simples das edições de Ernani Reichmann e peca pelo rebuscado prefácio, entretanto nos mostra algum interesse. E, ao mesmo tempo, mostra-me mais do que nunca, a necessidade de uma edição crítica que não apague o jogo editorial das capas simples que camuflam uma profundidade inesgotável – nas notas editoriais do eu biográfico ao fim de cada volume ou pela ausência de “facilitadores” circunscritos no espaço do escrito. Se a primeira manifestação de apreço por Reichmann é passível de repreensão, certamente a segunda é motivo de orgulho às filhas e familiares de Reichmann. Em 13 de dezembro de 2018, a Academia concedeu, de maneira inédita, o título de Sócio Honorário, em caráter póstumo, a Ernani Reichmann. O título foi recebido pelas filhas.

Meu desejo é nos próximos anos continuar a preparação de uma biografia consolidada, e possa colaborar para que uma edição crítica dos *Escritos Completos* seja publicada. Acredito que uma edição crítica permita aos interessados compreenderem a complexidade autoral e editorial, revelando na integralidade o íntimo relacionamento entre forma, estrutura e conteúdo. Contudo, um projeto tão audacioso como esse, pode e deve ser compartilhado, quem sabe desperte cooperações futuras. Da mesma maneira, pretendo além de transcrever, colocar a

disposição as cerca de 70 entrevistas de história oral realizadas e os muitos documentos acumulados nestes aproximados oito anos de pesquisa. As possibilidades são muitas, espero minimamente poder contribuir com minha cota parte – para usar uma expressão que certamente Ernani Corrêa Reichmann admitiria como acertada, para descrever nossa contribuição ao conhecimento de sua peculiar vida e experiência.

## FONTES DA TESE

- [HF1] REICHMANN, Ernani. **Hic Fuit**: Carta de Ernani Corrêa Reichmann a Clementino Schiavon Puppi / Em anexo Carta a meu pai, de van Neutgen. Curitiba: [s. n.], 1955, pp. 13-159.
- [HF2] REICHMANN, Ernani. Post-Scriptum 55, ao Hic Fuit (1955). In: REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 169-248.
- [HF3] REICHMANN, Ernani. Post-Scriptum 56, ao Hic Fuit (1956). In: REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 249-359.
- [FA1] REICHMANN, Ernani. Cartas a Clementino S. Puppi (1944-1962). In: REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 7-167.
- [FA2] REICHMANN, Ernani. Carta inacabada (a Clementino Schiavon Puppi) (1967). In: REICHMANN, Ernani. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967, pp. 133-146.
- [FA3] REICHMANN, Ernani. Notas a carta inacabada (a Clementino Schiavon Puppi) (1967). In: REICHMANN, Ernani. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967, pp. 147-169.
- [CD1] NEUTGEN, van. Cadernos Dissonanz [1] - Carta a meu pai. In: REICHMANN, Ernani. **Hic Fuit**: Carta de Ernani Corrêa Reichmann a Clementino Schiavon Puppi / Em anexo Carta a meu pai, de van Neutgen. Curitiba: [s. n.], 1955, pp. 161-205.
- [CD2] NEUTGEN, van. Cadernos Dissonanz [2] - Tio doca. In: REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, pp. 453-495.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Kierkegaard**: construção do estético. São Paulo: Unesp, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALMEIDA, Jorge Miranda; VALLS, Alvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.
- ARAUJO, Gilvani. E não se leu Reichmann. In: LIMA, Fransmar Costa; ALMEIDA, Jorge Miranda de; SOUZA, Humberto de Araujo Quaglio. **O filósofo da Dinamarca**: vários estudos sobre Soren Kierkegaard. São Paulo: Liber Ars, 2019.
- ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**: uma antologia de 1823 aos nossos dias. São Paulo: Scritta, 1995.
- ANSART, Pierre. Ideologias políticas e alteridade. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009, pp. 125-136.
- ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Editora da UFPR, 2019.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARENDT, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 12 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía**: exploraciones em los límites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, 1998, vol. 11, n. 21, pp. 9-34.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BACK, Sylvio. Kierkegaard dos trópicos. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04/05/2013. Suplemento literário, Caderno G. Disponível em: <<https://bit.ly/39fo3Eq>>.
- BACK, Sylvio. Kierkegaard dos trópicos. **Revista Convivência**, PEN Clube do Brasil, Rio de Janeiro, Ano III, n. 3, 2013, pp. 71-74.
- BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- BEMONG, Nele; BORGHART, Pieter; DOBBELEER, Michel de; DEMOEN, Kristoffel; TEMMERMAN, Koen de; KEUNEN, Bart (Org.). **Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORBA, Bonifácio Antônio. Contribuição para a história da União dos Escoteiros do Brasil, período 1930-1940. In: **Memória Escoteira**, Rio de Janeiro, Centro Cultural do Movimento Escoteiro, ano II, n. 9, 1998.
- BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2 ed. Campinas: editora da Unicamp, 2004.
- BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do Outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Em busca de Gabrielle: séculos XIX e XX**. São Paulo: Alameda, 2009.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Nas pegadas de um Leão: notas de pesquisa sobre a vida de Ruy Guerra**. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.
- BOSCHILIA, Roseli. Sidônio Muralha: memórias autobiográficas de um “homem arrastado”. **Naveg@mérica**, 2013, n. 11, pp. 1-18.
- BOTTON, Alain de. **Nos mínimos detalhes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Tucumán: Montessor, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOYESEN, Hjalmar Hjorth. **A Commentary on the Works of Henrik Ibsen**. New York: Macmillan, 1894.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

- BRESCIANI Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2 ed. Campinas: editora da Unicamp, 2004.
- BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. **Bakhtin desmascarado**: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CALIL, G. **A nova face do verde**: o integralismo no pós-guerra. (A formação do Partido de Representação Popular). Porto Alegre: PUCRS, 1998. (Dissertação em História).
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, nº 21, 1998, pp. 43-58.
- CANDAU, Jöel. **A antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAPOTE, Truman. Autorretrato (1972). In: CAPOTE, Truman. **Ensaio**. São Paulo: Leya, 2010, pp. 354-366.
- CAPOTE, Truman. **Ensaio**. São Paulo: Leya, 2010.
- CARNEIRO, Milton. **A procissão de eus**. Curitiba: Edições ER, 1961.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- COSTA, Daniel Padilha Pacheco da. François Villon retraduzido. **Cadernos de Literatura em Tradução (USP)**, São Paulo, n. 13, 2012, 37-52. Disponível em: <<https://bit.ly/34EIVDc>>. Acessado em: 30/04/2019.
- CORDERY, Nicole. **Strindberg no Brasil**: uma lacuna bibliográfica a ser preenchida. São Paulo: Universidade Anhembi-Morumbi, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHWARTZMANN, S. Memórias de Quatro Irmãos. **Colonização judaica**. Porto Alegre: EST Edições, 2005.
- DAMIAN, Marco Antonio. A sétima arte. In: LECH, Osvandré. **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 150-151.
- D'AVILA, Ney Eduardo Passap. **Passo Fundo**: terra de passagem. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. São Paulo: Unesp, 2016.
- DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: Unesp, 2010.



- DITZEL, C. H. M. **Imaginários e representações: o integralismo dos Campos Gerais 1932-1955**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov**. Vol. 1 e 2. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DOUBROVSKY, S. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FERGUSON, Robert. **Henrik Ibsen: A New Biography**. Richard Cohen Books, London, 1996.
- FARIA, Octávio de. **Léon Bloy**. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/3eGuimd>>. Acessado em: 21/05/2020.
- FINK, Eugen. L'analyse intentionnelle et le problème de la pensée spéculative/Die intentionale Analyse und das Problem des spekulativen Denkens. In: VAN BREDA, H. L.(éd). **Problèmes actuels de la phénoménologie**. Paris: Desclée de Brouwer, 1952.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si (1983). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 23 ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- GARFF, Joakim. **Søren Kierkegaard – a biography**. 3<sup>rd</sup> ed. New Jersey: Princeton University Press, 2007.
- GEHM, Delma Rosendo. **Passo Fundo através do tempo**. Passo Fundo: Editora Multigraf, 1978.

- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GIDE, André. Les faux-monnayeurs. In : GIDE, André. **Romans, récits et soties, œuvres lyriques**. Paris : Gallimard, 1958.
- GIDE, André. **Romans, récits et soties, œuvres lyriques**. Paris: Gallimard, 1958.
- GIDE, André. **Diário**. Selección, traducción y prólogo de Laura Freixas. Barcelona: Alba Editorial, 2012.
- GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOMES, Angela de Castro. **Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escritas de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004
- GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Unesp, 2016.
- HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França”. **Anos 90**, Porto Alegre, PPG em história da UFRGS, n. 7, julho 1997.
- HELLER, Otto. **Henrik Ibsen Plays and Problems**. Boston and New York: Houghton Mifflin Company/The Riverside Press Cambridge, 2011.
- HILLEBRAND, Johann Daniel. **Códice C-333**. Porto Alegre, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1824-1853, 250 p.
- HIMMELSTRUP, Jens. **Søren Kierkegaard**: International Bibliografi. Kobenhavn: Nyt Nordisk Forlag, 1962.
- HOLQUIST, Michael. A fuga do cronotopo. In: BEMONG, Nele *et alii*. **Bakhtin e o cronotopo**: reflexões, aplicações, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2015, p. 34-51.
- IBGE. **Censo Demográfico, segundo os municípios das capitais – 1940**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950.
- IBSEN, Henrik. **Um Inimigo do Povo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.
- IBSEN, Henrik. **O Pato Selvagem**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.
- IBSEN, Henrik. **Casa de Bonecas**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- ILIE, Paul. **Literatura y exilio interior**: escritores y sociedad en la España franquista. Madrid: Fundamentos, 1981a.

ILIE, Paul. Entrevista com Enriqueta Antolin: Paul Ilie analisa la literatura española del “exilio interior”. **El País**, sábado, 20 de junio de 1981b.

IPHAE-RS. **Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul**: inventário das Estações 1874-1959. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

JACOB, P. **Pourquoi les choses ont-elles un sens ?** Paris : Odile Jacob, 1997.

JIMÉNEZ, José. **Memoria**. Madrid: Tecnos, 1996.

JASPERS, Karl. **Nietzsche**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

KIERKEGAARD, Søren. Diário de um sedutor (1843). In: KIERKEGAARD, Søren. **Os pensadores**: Kierkegaard. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1979, pp. 1-105.

KIERKEGAARD, Søren. Temor e tremor (1843). In: KIERKEGAARD, Søren. **Os pensadores**: Kierkegaard. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1979, pp. 107-185.

KIERKEGAARD, Søren. O desespero humano: doença até à morte (1849). In: KIERKEGAARD, Søren. **Os pensadores**: Kierkegaard. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1979, pp. 187-279.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano**: doença até à morte (1849). São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **Os pensadores**: Kierkegaard. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Søren. **Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado**: aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard. Porto Alegre: Escritos, 2004.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. 3 ed. Bragança Paulista / Petrópolis: Editora Universitária São Francisco / Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **O desespero humano**: Doença para a morte. São Paulo: Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. 3 ed. Bragança Paulista / Petrópolis: Editora Universitária São Francisco/Vozes, 2012.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. 3 ed. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Søren. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, vol. I**. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2013.

- KIERKEGAARD, Søren. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas, vol. II**. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847**. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia. São Paulo: Edusp, 2007.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bernard. **Vocabulário da psicanálise**. Sob a Direção de Daniel Lagache. 3ª ed. Santos: Livraria Martins Fontes, 1977.
- LEBRUM, Gérard. Prefácio. In: MILAN, Betty. **A força da palavra**. Rio de Janeiro: Record, 1996, pp. 9-17.
- LECH, Osvandré. **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- LE GOFF, Jacques. **São Luís**: biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte, UFMG, 2008.
- LEJEUNE, P. Autoficção & Cia – peça em cinco atos. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. **Revista Estudos Históricos (CPDOC/FGV)**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 9, 1997, p. 111-119. Disponível em: < <https://bit.ly/3dhy0Df> >. Acessado em: 21/10/2017.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, pp. 133-161.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-história. In: VENDRAME, Máira Inês; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). **Ensaio de Micro-história**: trajetórias e imigração. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2016.
- LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- LORIGA, Sabina. **L'institution militaire** : expérience biographique et identité sociale en Piémont au XVIII siècle. Paris : L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990 (Thèse de Doctorat).
- LORIGA, Sabina. **Soldats – Un laboratoire disciplinaire** : l'armée piémontaise au XVIIIe siècle. Paris: Mentha, 1991.

- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LUCAS, F. L. **The Drama of Ibsen and Strindberg**. London: Cassell, 1962.
- MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais**. Disponível em: <encurtador.com.br/hkrY2>. Acessado em: 26/07/2016.
- MALCOLM, Janet. **Nos arquivos de Freud**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- MALCOLM, Janet. **Psicanálise: a profissão impossível – uma interpretação jornalística sobre o ofício do psicanalista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.
- MALCOLM, Janet. **O jornalista e o assassino: um questão de ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MALCOLM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MALCOLM, Janet. **41 inícios falsos: ensaios sobre artistas e escritores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MENEZES, Tereza. **Ibsen e o novo sujeito da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MEYER, Michael. **Strindberg: a biography**. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- MILAN, Betty. **A força da palavra**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MIRANDA, Fernando B. Severo de; MACHADO, Ironita Policarpo Machado. **Passo Fundo: presentes da memória**. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2009.
- MONK, Ray. **Wittgenstein - o dever do gênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: Edusp, 2008.
- NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: Edufu, 2009.
- NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre alerta! O movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910-1945**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (Dissertação de História). Disponível em: <<https://bit.ly/2zHW5UD>>. Acessado em: 20/05/2020.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). **Ensaaios sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

- NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, 2002, p. 21-30. Disponível em: <<https://bit.ly/2Fjrsrl>>. Acessado em: 21/04/2017.
- OLIVEIRA, Francisco Antônio Xavier. **Annaes do município de Passo Fundo**: Aspecto geográfico. Vol. 1. Passo Fundo: UPF, 1990.
- OLIVEIRA, Francisco Antônio Xavier. **Annaes do município de Passo Fundo**: Aspecto histórico. Vol. 2. Passo Fundo: UPF, 1990.
- OLIVEIRA, Francisco Antônio Xavier. **Annaes do município de Passo Fundo**: Aspecto cultural. Vol. 3. Passo Fundo: UPF, 1990.
- OLLÉN, Gunnar. **August Strindberg**. Nova Iorque: Frederick Ungar Publishing CO, 1984.
- OLIVEIRA, Vidal. Biografia e comentários sobre a obra de Ibsen. In: IBSEN, Henrik. **Um Inimigo do Povo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- ORTEGA Y GASSET, José. Pidiendo un Goethe desde dentro. In: ORTEGA Y GASSET, José. **Obras Completas**: Tomo IV, 1929-1933. 6 ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 395-420.
- PACE, Ana Amelia Barros Coelho. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**. São Paulo: USP, 2012. (Dissertação de Mestrado, Letras).
- PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. **Anais do Colégio e Ginásio Nossa Senhora da Conceição**. Passo Fundo, 1929-1936. Livros Tombo nº 1 e 2.
- PASCHOAL, A. E. **Autogenealogia**: acerca do tornar-se o que se é. Revista Dissertatio, 42, 27-44, verão de 2015.
- PAULA, Marcio Gimenés de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
- PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**: narração, interpretação e significado nas memórias e fontes orais. Tempo: Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59, 1996.
- PUGLIELLI, Hélio de Freitas. Ernani Reichmann no cenário filosófico paranaense. **Círculo de Estudos Bandeirantes**, Curitiba, n. 5, julho de 1991, pp. 5-11.

- POLITIS, Hélène. Préface. In: VALLS, Alvaro. **Kierkegaard, préludes brésiliens**. Paris: L'Harmattan, 2017.
- PRESTES, Luís Carlos. Aos revolucionários do Brasil. Buenos Aires, 06/11/1930. **Arquivo Getúlio Vargas**, GV c 1930.11.06/2, 4fl. Disponível em: <<https://bit.ly/3gBP1Jv>>. Acessado em: 28/05/2020.
- RABELO, Calos Afonso Monteiro; CAMARGO, Robson Corrêa de. **Três dramas históricos inéditos de August Strindberg**. Disponível em: <<https://bit.ly/35MyiQI>>. Acessado em: 11/02/2019.
- REDYSON, Deyve; ALMEIDA, Jorge Miranda de; DE PAULA, Marcio Gimenes. **Søren Kierkegaard no Brasil**: festschrift em homenagem a Alvaro Valls. João Pessoa: Ideia, 2007.
- REDYSON, D.; ALMEIDA, J. M., PAULA, M. G. **Søren Kierkegaard no Brasil**. Filosofia Unisinos, Po 2007, p. 7-15.
- RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- REVEL, Jacques. **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ROBINSON, Michael, org. **The Cambridge Companion to August Strindberg**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Discursos Parlamentares**. Curitiba: Chain, 2006.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Micro-história italiana**: modo de uso. Londrina: Eduel, 2012.
- ROSA, Gilson Justino da. **Imigrantes alemães**: 1824-1853. Porto Alegre: EST edições, 2005.
- ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a Gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio**: e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SALGADO, Plínio. Educação. In: ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO. **O integralismo e a educação**. Vol. 9. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959, pp. 119-127.

- SALGADO, Plínio. O integralismo e o partido de representação popular. **Idade Nova**, 27/10/1946.
- SILVA, Jane Pessoa da. **Ibsen no Brasil**. Historiografia, seleção de textos críticos e Catálogo Bibliográfico. São Paulo: USP, 2007.
- SIMÕES, João Manuel. **Ernani Reichmann**: introdução (fragmentária) ao universo de um gênio. Curitiba: Editora Lútero-Técnica, 1983.
- SIMSON, Olga Moraes (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 20.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Entrevista com Sabina Loriga: a historiografia biográfica. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, Vol. 2. Nº 3, pp. 11-22, Jan./Jun. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2stqsq4>>. Acesso em: 09/07/2015.
- STEWART, Jon. **Søren Kierkegaard**: Subjetividade, ironia e a crise da modernidade. Petrópolis: Vozes, 2017.
- STEGMAIER, W. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche**. Coletânea e artigos: 1985-2009. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- STRINDBERG, August. **Cristina**. São Paulo: Cone Sul, 2001.
- STRINDBERG, August. **Crimes e Crimes**. São Paulo: Edusp, 1999.
- STRINDBERG, August. **Dança da Morte**. São Paulo: Veredas, 2005.
- STRINDBERG, August. **Sagas**. São Paulo: Hedra, 2006.
- STRINDBERG, August. **Gente de Hemsö**. São Paulo: Hedra, 2009.
- STRINDBERG, August. **Senhorita Júlia e Outras Peças**. São Paulo: Hedra, 2009.
- STRINDBERG, August. **Inferno**. São Paulo: Hedra, 2009.
- STRINDBERG, August. **A Sonata dos Espectros**. Curitiba: L-Dopa, 2010.
- STRINDBERG, August. **Meia folha de papel**. Disponível em: <<https://bit.ly/3kmQKn2>>. Acessado em: 11/02/2019.
- TEIXEIRA, Mario Montanha. “Hic Fuit” – Um grande livro. **O Diário do Paraná**, 04/03/1956.
- TEZZA, Cristovão. Sobre O autor e o herói – um roteiro de leitura. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 4 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 231-256.
- THOMÉ, Nilson. **Escotismo**: história de uma prática educativa extra-escolar. Disponível em: <<https://bit.ly/2MeGM8l>>. Acessado em: 20/05/2020.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, vol. 15, 1997, pp. 51-84.



TRINDADE, H. A ideologia integralista nos anos 30: problemas metodológicos e históricos. In: CPDOC-FGV. **A revolução de 30**: seminário realizado pelo centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, setembro de 1980. Brasília: EdUnB, 1983. Disponível em: <<https://bit.ly/2XOTPCV>>. Acessado em: 22/05/2020.

TRINDADE, Hégio. Integralismo. In: DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós-1930. **Fundação Getúlio Vargas**, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil Rio de Janeiro, 2001.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. E não se leu Kierkegaard. **Folha de São Paulo**, Folhetim São Paulo, 24 de abril de 1983, pp. 08-09.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Introdução: Entre a melancolia e o amor desinteressado. In: KIERKEGAARD, Søren. **Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado**: aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard. Porto Alegre: Escritos, 2004.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Kierkegaard no Brasil: mais de 40 anos depois. In: PAULA, Marcio Gimenes de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Apresentação. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. 3 ed. Bragança Paulista/Petrópolis: Editora Universitária São Francisco/Vozes, 2010.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Apresentação. In: KIERKEGAARD, Søren. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Apresentação. In: KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. 3 ed. Bragança Paulista / Petrópolis: Editora Universitária São Francisco / Vozes, 2012

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard, cá entre nós**. São Paulo: Liber Ars, 2012

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Apresentação da tradução brasileira. In: KIERKEGAARD, Søren. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, Vol. 1**. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2013.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. Posfácio. In: KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. 3 ed. Petrópolis / Bragança Paulista: Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2013.

- VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **O crucificado encontra Dionísio**: estudos sobre Kierkegaard e Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2013.
- VALLS, Alvaro Luis Montenegro. Apresentação da tradução deste volume II. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-escrito às Migalhas Filosóficas, Vol. 2**. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016.
- VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard, préludes brésiliens**. Paris : L'Harmattan, 2017.
- VALLS, Alvaro Luis Montenegro. Apresentação deste volume. In: KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847**. São Paulo: Liber Ars, 2018.
- VÁSSINA, Elena. **A presença de Deus nas obras de Dostoiévski**. Disponível em: <<https://bit.ly/3dlTrSR>>. Acessados em: 21/05/2020.
- VICO, Giambattista. **Princípios de (uma) ciência nova**: acerca da natureza comum das nações. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- VILLON, François. **Poésies complètes**. Paris : Gallimard, 1934.
- VILLON, François. Balada das damas dos tempos idos. In: MAGALHÃES JR (Org.). Raymundo. **Antologia de poetas franceses**. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1950.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar se o que se é**. Campinas: Editora PHI, 2013.
- VIESENTEINER, Jorge L. Sobre autoencenação e autogenealogia no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche. Estudos Nietzsche, v. 5, p. 189-214, 2014.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz. Autogenealogia e reinvidicação de objetividade moral em Nietzsche. **Philosophos**, v. 21, n. 2, 127-159, 2016.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. (Círculo de Bakhtin). 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- WACHOWICZ, Ruy Christovan. **História do Paraná**. 10 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.
- WAGNER, R. **The ring of the Nibelung**. London: Penguin Classics, 2018.
- WERNER, Michael ; ZIMMERNANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée : entre empirie et réflexivité. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 2003/1 58e année, pp. 7-36.
- WILDE, Oscar; ROSS, Robert. Oscar Wilde (1895). In: ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**: uma antologia de 1823 aos nossos dias. São Paulo: Scritta, 1995.
- WIENAND, Isabelle. Writing from a first-person Perspective: Nietzsche's use of the cartesian model. In: CONSTÂNCIO, João; MAYER BRANCO, Maria João; RYAN, Bartholomew

(orgs.). **Nietzsche and the problem of subjectivity**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2015, p. 49-64.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations**. 3<sup>rd</sup> ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Movimentos de pensamento: diários de 1930-32/1936-37**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Observações sobre “O ramo de ouro” de Frazer**. São Paulo: Unicamp, 2007. Disponível em: < <https://bit.ly/3nGAVue> >. Acessado em: 27/12/2018.

WOLFF, Gladis Helena. **Trilhos de Ferro, Trilhas de Barro**. Passo Fundo: EdiUPF, 2005.

YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Catálogo de *Escritos Completos* de Ernani Corrêa Reichmann

O presente catálogo propõem uma organização dos Escritos Completos de Ernani Reichmann, em diferentes modalidades: primeiro, a sugerida pelo ano de publicação; segundo, pela temporalidade da “experiência” de Ernani Reichmann; e, por fim, terceiro, através da cronologia inerente a origem de cada escrito. Ernani Reichmann é um daqueles autores – a exemplo de Wittgenstein – que exige de seus leitores que, coloquemos a palavra obra em suspensão de juízo e, avisadamente, entre aspas. Da mesma maneira devemos ter calma ao tratar do conceito de “autor”, pois tanto um quanto outro os conceitos, podem ser muito limitantes e limitadores de sua *experiência*. Todas as menções sempre indicam a preferência pela palavra escritos, em substituição a obra – *e. g. cf.* Carlos Nejar/Octavio de Faria).

A destarte, nosso esforço foi sempre, sem colocar a perder o caráter eminentemente anárquico de Reichmann, o de possibilitar certo instrumental técnico que tornasse possível, além de mapear as temporalidades próprias à cada experiência, favorecer uma visão panorâmica dos escritos desse escritor tão particular. Nesse sentido, a gramaticalização dos escritos permite perceber que em um único livro, existem mais de um escrito. O escritor ao que tudo indica, funciona como o *souffleur* de Kierkegaard, sempre vai ser o responsável pelas personas, cujo autores assumem a mais variadas posturas e respondem como *parceiros* de experiência de Reichmann. É importante notar que, é possível perceber ciclos de escrita, em que mais de um autores respondem a demandas sugeridas pela subjetividade reichmanniana

CÓDIGOS INICIAL PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ENTRADAS	
<p><b>Editados por ECR:</b></p> <p>[P] Experiência de Personagem  [A] Experiência de Autor  [L] Experiência de Leitor</p> <p>[T] Traduções  [E] Economia  [O] Organização e Edição</p> <p>[–] Obras de terceiros</p>	<p><b>Não editados por ECR:</b></p> <p>[M] Manuscritos  [D] Datilo-escrito  [C] Correspondência</p> <p>[J] Jornal  [I] Independente</p>

## 1. Escritos em ordem cronológica, publicados em vida

[D01] *Discursos Parlamentares (PRP-RS)*

[DP1] REICHMANN, Ernani. *Discurso do deputado Ernani Corrêa Reichmann, dando conhecimento de sua orientação política e filosófica (1949)*. In: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Anais da Assembleia Legislativa, vol. XXIII – Abril-Maio de 1949. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda, 1952, pp. 979-982.

[P02] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [1] - Firmino e Elvira*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1953.

[SP1] Advertência, de Sorte Peer, pp. 9-13.

[VL1] Firmino e Elvira, pp. 15-36.

[VN1] Duas cartas de Van Neutgen, pp. 37-45.<sup>211</sup>

[P03] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [2] - Ernesto, o progresso e o nada*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1953.

[VL2] Ernesto, o progresso e o nada, pp. 9-46.

[SP2] Incisos pneumatólogicos, de Sorte Peer, pp. 47-52.

[P04] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [3] – O Padre Miguel*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1954.

[VL3] O padre Miguel, pp. 5-81.

[P05] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [4] - Jules*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1954.

[VL4] Jules, pp. 5-72.<sup>212</sup>

[SP3] Notas excusas, de Sorte Peer, pp. 73-77.<sup>213</sup>

[P06] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [5] - O casamento de Genoveva*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1954.

---

<sup>211</sup> [1] 1ª Carta, p. 39; [2] 2ª Carta, p. 44.

<sup>212</sup> [1] Do encontro com Jules, p. 11; [2] Jules, poeta – Midas, p. 21; [3] Jules tinha que morrer, p. 45; [4] Os papéis velhos de Jules, p. 55; [5] Adeus a Jules, p. 70.

<sup>213</sup> Sobre a autoria de Sorte Peer, cf. HF1, 82, p. 96.

[VL5] O casamento de Genoveva, pp. 13-43.

[SP4] Diário de Sorte Peer, pp. 45-57.

[EC1] Cadernos de van der Lubbe / Cadernos "Dissonanz" / Ensaios / Em preparo, p. 59.<sup>214</sup>

[P07] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe [7] - Pierino*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1955.

[VL7] Pierino, pp. 15-55.<sup>215</sup>

[VN2] Carta de Van Neutgen, pp. 57-71.

[P08] / [P09] REICHMANN, Ernani. *Hic Fuit*: Carta de Ernani Corrêa Reichmann a Clementino Schiavon Puppi / Em anexo Carta a meu pai, de van Neutgen. Curitiba: [s. n.], 1955.

[HF1] Carta de Ernani Corrêa Reichmann a Clementino Schiavon Puppi, pp. 11-159.<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> “Nota: Os cadernos de van der Lubbe, como o nome está a indicar, são de van der Lubbe mas estão sendo publicados por Sorte Peer. Os cadernos ‘Dissonanz’ são de van Neutgen, mas serão publicados por Ernani Reichmann. Os ensaios são, também, do editor de van Neutgen. (Pronuncia-se Nóitguen).”

<sup>215</sup> [1] Introdução, p. 15; [2] Homo-Viator, p. 19; [3] Pierino, p. 22; [4] Timor-Dei, p. 26; [5] A tristeza de José Mick, p. 28; [6] Espírito morto, p. 31; [7] Para uma resposta ao mestre de oficinas, João Eugênio Zimmermann, p. 33; [8] O poeta-de-pouca-poesia teve um sonho!, p. 36; [9] Para uma resposta ao mestre de oficinas, João Eugênio Zimmermann, p. 40; [10] Quando será?, p. 43; [11] Para uma resposta ao mestre de oficinas, João Eugênio Zimmermann, p. 45; [12] Rio dos Sinos, p. 47; [13] Pierino, p. 50; [14] Para uma resposta ao mestre de oficinas, João Eugênio Zimmermann, p. 52.

<sup>216</sup> [1] Puppi, p. 13; [2] Os braços, p. 14; [3] Nuvens, só nuvens, p. 14; [4] A fome, p. 15; [5] A fórmula, p. 15; [6] O último poema, p. 16; [7] Uma carta começada, p. 16; [8] Outra carta começada, p. 17; [9] Uma carta-poema, começada, concluída e extraviada entre outros papéis de menor valor, p. 17; [10] Poema começado e não concluído, sem nome, p. 18; [11] Um sonho, p. 18; [12] Outro sonho, p. 19; [13] O terceiro sonho, p. 19; [14] O sonho do Thomaz, sempre o mesmo, p. 19; [15] A crise, p. 20; [16] outro sonho, 20; [17] Puppi, p. 20; [18] O sonho de ontem, p. 21; [19] Fagundes Varela, p. 22; [20] Loucura, p. 23; [21] As coisas dos outros, p. 23; [22] Um encontro, p. 24; [23] Aleluia!, p. 25; [24] Durante a noite, p. 25; [25] Nota urgente, sempre reiterada, p. 26; [26] Os possíveis, p. 27; [27] Ele - o Thomaz, p. 27; [28] O Thomaz, p. 27; [29] O Thomaz - professor, p. 28; [30] O Thomaz e as estrelas, p. 28; [31] Para uma carta (de 54), p. 28; [32] Uma carta de 14/8/54, não remetida, p. 29; [33] Bilhete anterior, p. 29; [34] Impromptu (Estudo sobre as relações de van der Lubbe com Kierkegaard) - Para conversar com o Puppi, p. 30; [35] A graça, p. 34; [36] Fagundes Varela ou da hipertrofia do estado poético sobre a expressão poética, p. 34; [37] Nota sobre o desespero, p. 36; [38] A dispersão, p. 36; [39] O eterno noivo (Contribuição, Puppi, ao problema que, neste momento, é teu, só teu e de mais ninguém), p. 37; [40] Uma carta não remetida, sem data, p. 39; [41] Notas sobre o conto "Rios dos Sinos" (no Pierino), p. 40; [42] O epitáfio, p. 42; [43] Isaac (de Sorte Peer), p. 42; [44] Duas cartas não remetidas (de 1949), p. 45; [45] cantiga de roda dos espíritos, p. 45; [46] O poema da saudade, p. 46; [47] O tempo, p. 46; [48] Um bilhete, p. 46; [49] A saudade, p. 47; [50] O caso de van der Lubbe - in abstrato (tema para um caderno), p. 47; [51] Isaac, naturalmente... (tema para um caderno), p. 50; [52] Poema triste, p. 50; [53] Cópia de uma carta - de 1953 (se aquela carta era para o tio Fritz - ou para ti, como perguntaste, esta é para o professor Milton e se refere a ti, cabendo, no entanto, a pergunta, se não é a nós que ela se refere...?), p. 51; [54] Cópia de uma carta - de 1953, começada, não concluída e não remetida - ao Professor Milton Carneiro, p. 57; [55] O tumulto nº 1, p. 59; [56] Os dois túmulos, p. 59; [57] O método (de 1949); [58] Volta ao ser, p. 65; [59] A morte, p. 66; [60] Leitor, só leitor..., p. 66; [61] As duas Dinamarcas, p. 66; [62] A expressão poética, p. 67; [63] Quatro irmãos, p. 67; [64] Conhecimento-lembrança, p. 67; [65] Um homem de caráter (o Dr. Bento) (Cópia de um trabalho iniciado e não concluído - de 1952), p. 68; [63] Uma carta de 31/10/53,

[VN3] Cadernos Dissonanz - Carta a meu pai, de van Neutgen, pp. 165-205.<sup>217</sup>

[EC2] Escritos do Autor, p. 207.

[T10] HECKE, O.; REICHMANN, E.; BOMSKOW, J. *Kierkegaardiana [1] - Diário de Kierkegaard 1834 - A*. Curitiba: Edição do Autor, 1955.

[ER] Advertência, de Eranni Reichmann, p. 11-17.

[K1] 1834, p. 19-42.

[RC] Retrospecto cronológico, p. 43-52.

[OCO] Ordem cronológica das obras, p. 53-56.

[PK] Pseudônimos, p. 57-58.

[OSK] Obras de Kierkegaard, p. 59-65.

[NC] Traduções italiana, espanhola, argentina e portuguesa, p. 66.

[ESK] Estudos sobre Kierkegaard, p. 67-76.

---

começada, não concluída e não remetida, p. 69; [66] Hora da saudade, p. 71; [67] A rosa, p. 75; [68] A resposta (Pierino), p. 75; [69] Uma crônica, p. 77; [70] Notas sobre a dispersão (1) (Para um colóquio que, como "Itararé, a maior batalha das Américas, não houve), p. 80; [71] O judeu errante (julho de 43); [72] O doutor Pupo (maio de 1955); [73] Notas sobre a dispersão (2) (Para um colóquio...), p. 83; [74] Os cadernos, p. 85; [75] Os livros, p. 86; [76] Notas sobre a dispersão (3) (Para um colóquio...), p. 86; [77] Bilhetinhos de 43, não remetidos (ao Ernesto), p. 87; [78] Notas sobre a dispersão (4) (para um colóquio...), p. 88; [79] A história continua... (1983) (Mas seria melhor que não continuasse. Não é verdade, Puppi?), p. 89; [80] Notas sobre a dispersão (5) (para um colóquio...), p. 91; [81] Alunos célebres (de 54), p. 92; [82] Notas sobre a dispersão (6) (Para um colóquio...), p. 92; [83] Os extremos, p. 93; [84] Notas sobre a dispersão (7) (Para um colóquio...), p. 94; [85] Lamento (de Sorte Peer), p. 95; [86] Notas sobre a dispersão (à margem) (Para um colóquio...), p. 98; [87] A única saída (de Sorte Peer) (Sorte Peer descobre o seu noviço, perdido entre os túmulos), p. 99; [88] Duas cartas (1942), p. 100; [89] Os meus mortos (1947), p. 101; [90] Tristesse éternelle (Quando eu "deliberadamente" saio à carta do grazioso, Puppi: meu Senhor do Bonfim, tenha pena de mim!), p. 102; [91] O noviço (de van der Lubbe) (Esse noviço, Puppi, já existia em 1941: isso eu descobri agora, numas folhas quase ilegíveis), p. 106; [92] O Thomaz (de Sorte Peer), p. 108; [93] O diário e a carta, p. 110; [94] Ser para a saudade (de...?), p. 110; [95] Os dois séculos (de 45 com emenda de 55), p. 110; [96] Eternidade (de 1945), p. 111; [97] Carta a Genoveva (antes de que van der Lubbe retomasse o tema), p. 111; [98] Notas de outro tempo, p. 112; [99] A 4ª gaveta (da direita), p. 112; [100] As duas forças, p. 135; [101] Uma carta começada, não concluída e não remetida, p. 135; [102] O grande segredo, p. 137; [103] A história de Isaac (1950) (Para um caderno de van der Lubbe), p. 137; [104] O problema de Isaac, p. 139; [105] Isaac, naturalmente..., p. 139; [106] O humano, o humaníssimo Isaac, p. 140; [107] O diário de Luciano, p. 142; [108] Dura lex..., p. 145; [109] O homem que vivia de restos, p. 145; [110] Num enterro, p. 146; [111] Cântico (inacabado) do coração, p. 146; [112] Nietzsche, p. 147; [113] O caminho, p. 147; [114] A tristeza, p. 148; [115] A janela, p. 148; [116] Ensaio sobre o casamento (1951), p. 148; [117] Van der Lubbe, p. 148; [118] Os títulos, p. 150; [119] A história, p. 150; [120] O veneno, p. 150; [121] O quarto de meu pai, p. 150; [122] A dispersão (em Kierkegaard), p. 151; [123] O problema, p. 151; [124] Jaspers, p. 151; [125] Regina: um Isaac a seu modo, p. 151; [126] A conferência (1951), p. 152; [127] O sentido secreto, p. 152; [128] O fenômeno da dispersão (de Sorte Peer, em paralelo com o estudo de van der Lubbe), p. 152; [129] 1º A experiência da dispersão, p. 152; [130] 2º Dispersão e distração, p. 154; [131] 3º Unidade e dispersão, p. 154; [132] 4º A dispersão como um modo de "estar-aí" do que deixou de ser, p. 155; [133] Um conto (1952), p. 156; [134] Temas (de van der Lubbe), p. 157; [135] O indefectível, p. 157; [136] Teses, p. 158; [137] Anexos, p. 158; [138] O Thomaz, p. 158; [139] Um parêntese, p. 159; [140] Meu caro leitor, O Autor, p. 159.

<sup>217</sup> [1] Advertência, O Editor, p. 165; [2] Carta a meu pai, de van Neutgen, p. 167; [3] Gráfico do Autor, van Neutgen, 7/7/55, p. 205.

[P11] REICHMANN, Ernani. *Kierkegaardiana [2] - Unidade e dispersão de Kierkegaard*. (1º Centenário da morte de Kierkegaard). Curitiba: [s. n.], 1955.

[ER4] Advertência, do autor, p. 11.

[VN4] Prefácio, de van Neutgen, p. 13-15.

[K2a] Unidade e dispersão de Kierkegaard, pp. 17-74.

[P12] / [P13] REICHMANN, Ernani. *Kierkegaardiana [3/4] - No centenário de Kierkegaard / A desumanização de Kierkegaard*. (1º Centenário da morte de Kierkegaard). Curitiba: [s. n.], 1955.

[K3, a] No centenário de Kierkegaard, pp. 7-56.<sup>218</sup>

- Notas bibliográficas do 3º caderno, pp. 115-118.

[K4, a] A desumanização de Kierkegaard, pp. 59-114.<sup>219</sup>

- Notas bibliográficas do 4º caderno, pp. 119-121.

[EC3] Cadernos desta coleção, p. 125.

[E14] REICHMANN, Ernani. *A estrutura das empresas em face da constituição brasileira de 1946*. (Extrato da Tese para obtenção de cátedra). Curitiba: Universidade do Paraná, 1956.

[P15] REICHMANN, Ernani. *Cadernos de van der Lubbe - O cantar de Pedro*. Curitiba: Sorte Peer Editor, 1956.<sup>220</sup>

[SP5] Advertência, de Sorte Peer, pp. 7-10.

[VL8] O cantar de Pedro, pp. 13-22.

---

<sup>218</sup> [1] Diretivas, p. 13; [2] Síntese exegética, p. 13; [3] Explicação bibliográfica, p. 14; [4] Diário, p. 16; [5] Traduções, p. 16; [6] Os mal-entendidos, p. 17; [7] Denis de Rougemont e os mal-entendidos, p. 18; [8] Os alemães e os mal-entendidos, p. 20; [9] Antagonismo de Kierkegaard a Kierkegaard, p. 21; [10] O ponto de vista explicativo da obra, p. 22; [11] A causa e o método, p. 23; [12] Um novo Sócrates, p. 26; [13] A unidade referida a Kierkegaard, p. 27; [14] O estádio estético, p. 27; [15] Existe unidade, p. 29; [16] Estádio ético, p. 29; [17] Estádio religioso, p. 32; [18] De um estádio a outro, p. 33; [19] Como devo proceder, p. 34; [20] Vida, p. 36; [21] O melancólico expressa-se em temas, p. 39; [22] Tema e tese, p. 41; [23] Resposta pelo tema, p. 42; [24] A explicação, p. 43; [25] Dois exemplos, p. 46; [26] Quais os temas?, p. 47; [27] Contribuições dos outros, p. 49; [28] Olhar retrospectivo, p. 50; [29] O encontro do homem consigo mesmo, p. 50; [30] Exemplos, p. 53; [31] Elogio de Kierkegaard, p. 55; [32] Explicação dos números, p. 57.

<sup>219</sup> [1] Introdução, p. 65; [2] O espontâneo e o reflexivo, p. 70; [3] A descoberta do religioso e o sentido do humano, p. 78; [4] A descoberta do religioso e o sentido do humano, p. 78; [5] O necessário e o possível do humano, p. 84; [6] A denúncia da desumanização de Kierkegaard, p. 94; [7] A rebelião do religioso, p. 101; [8] Conclusão, p. 113.

<sup>220</sup> Edição inconsútil, com a capa ilustrada por Thomaz Wartelsteiner.



[P16] REICHMANN, Ernani. *Carta a um artista, ao Thomaz (Thomaz Wartelsteiner)*. Curitiba: [s. n.], 1957.<sup>221</sup>

[TW1, a] Thomaz, pp. 7-59

[EC4] Do autor, pp. 60-61.

[P17] REICHMANN, Ernani. *Cadernos do homem [1] - Ensaio de existência*. Curitiba: [s. n.], 1960.<sup>222</sup>

[CH, a] Ensaio de existência, pp. 3-64.<sup>223</sup>

[EC5] Os escritos do autor, p. 65.

[J18] *O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 1960 (Caso CH)*:

[CC1] REICHMANN, Ernani. *Cartas a meu crítico: 1ª carta*. O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 22/05/1960.

[CC2] REICHMANN, Ernani. *Cartas a meu crítico: 2ª carta*. O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 29/05/1960.

[CC3] REICHMANN, Ernani. *Cartas a meu crítico: 3ª carta*. O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 05/06/1960.

[CC4] REICHMANN, Ernani. *Cartas a meu crítico: 4ª carta*. O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 12/06/1960.

[CC5] REICHMANN, Ernani. *Cartas a meu crítico: 5ª carta*. O Estado do Paraná, Suplemento Literário, 19/06/1960.

[J19] *Diário do Paraná, Letras & Artes, 1960 (Caso Sartre)*:

[CS1] REICHMANN, Ernani. *Bilhete a um existencialista (a propósito de Jean-Paul Sartre)*. Diário do Paraná, Letras & Artes, 22/05/1960.

---

<sup>221</sup> REICHMANN, Ernani. *Carta a um artista, ao Thomaz (Thomaz Wartelsteiner)*. Curitiba: [s. n.], 1957.

<sup>222</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. **Cadernos do homem [1] - Ensaio de existência**. Curitiba: [s. n.], 1960, p. 7: Estes “cadernos do homem”, cujo primeiro número lanço agora, não trazem nenhuma explicação de sua origem. O leitor chegará a conhecê-la ao ler estas páginas. Seu título é resultante do longo desenvolvimento do autor. Neles está encerrada toda a sua problemática”.

<sup>223</sup> [1] Introdução, p. 9; [2] A angústia, naturalmente, p. 22; [3] O problema da morte, p. 23; [4] A lembrança, sempre, p. 25; [5] Os possíveis, p. 27; [6] Tentativa teórica, por graça, p. 28; [7] O momento crítico, p. 31; [8] A pressão do necessário: de sua condição orgânica, de sua condição social, de sua condição existencial, p. 33; [9] Tornar-se em homem, p. 36; [10] O realizar-se descoberto, p. 37; [11] O incêndio da cidade, p. 39; [12] O homem fantástico, p. 41; [13] Tentativa poética, por necessidade, p. 43; [14] O problema da nuvem, p. 44; [15] A experiência do real, p. 45; [16] A repetição (das lembranças e dos possíveis), p. 47; [17] A volta às origens e um problema de integração, p. 49; [18] Os limites e um problema de tática, p. 50; [19] Sentir-se realizado, p. 52; [20] O sonho e a experiência acordado, p. 54; [21] Diante do vazio, p. 56; [22] E a unidade na morte?, p. 60; [23] Quem é este “ele”?, p. 61.

[CS2] REICHMANN, Ernani. *Sartre e a "Crítica da Razão Dialética"*. Diário do Paraná, Letras & Artes, 11/09/1960.

[CS3] REICHMANN, Ernani. *As onze teses de Sartre*. Diário do Paraná, Letras & Artes, 18/09/1960.

[CS4] REICHMANN, Ernani. Notas às teses de Sartre. Diário do Paraná, Letras & Artes, 02/10/1960.

[P20] REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 2ª Parte*. Curitiba: Edição do Autor, 1961.

[CH, b] Cadernos do Homem - Ensaio de existência (1959-1961), pp. 7-65.<sup>224</sup>

[ER5] Síntese imprópria, pp. 67-70.<sup>225</sup>

[SI1] Milton Carneiro, um homem entre a lembrança e a repetição, p. 71.<sup>226</sup>

[SI2] O fantástico Doutor Pupo, p. 89.<sup>227</sup>

[SI3] Raul Menssing e o ideal (notas), p. 107.

[SS] O sonho seccionado, pp. 117-133.<sup>228</sup>

---

<sup>224</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 2ª Parte*. Curitiba: Edição do Autor, 1961, p. 8: "Estes cadernos do homem, que público agora, de maneira definitiva, não trazem nenhuma explicação de sua origem. O leitor chegará a conhecê-la ao ler estas páginas. Seu título é resultante do longo desenvolvimento do autor. Neles está encerrada toda a sua problemática". [1] Ensaio de existência, p. 11; [2] O nascer realizado, p. 19; [3] A angústia, naturalmente..., p. 24; [4] O problema da morte, p. 25; [5] A lembrança, sempre, p. 27; [6] Os possíveis, p. 29; [7] Tentativa teórica, por graça, p. 30; [8] O momento crítico, p. 33; [9] A pressão do necessário: de sua condição orgânica, de sua condição social, de sua condição existencial, p. 35; [10] Tornar-se em homem, p. 38; [11] O realizar-se descoberto, p. 39; [12] O incêndio da cidade, p. 41; [13] O homem fantástico, p. 43; [14] Tentativa poética, por necessidade, p. 45; [15] O problema da nuvem, p. 46; [16] A experiência do real, p. 47; [17] A repetição (das lembranças e dos possíveis), p. 49; [18] A volta às origens e um problema de integração, p. 51; [19] Os limites e um problema de tática, p. 52; {Faltam às pp. 53 à 60, e segundo o esquema [22], faltam os títulos: "Sentir-se realizado", "O sonho e a experiência acordado", "Diante do vazio" e "E a unidade na morte?" }; [20] E a unidade na morte?, p. 52; [21] Quem é este "ele"?, p. 63; [22] Esquema, p. 65.

<sup>225</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 2ª Parte*. Curitiba: Edição do Autor, 1961, p. 68: "É da existência humana a impossibilidade de uma síntese. Julga o autor que toda síntese se comporta imprópria. Os três ensaios aqui publicados, apresentam três tipos de conflito: um superado pela renúncia total (caso de Raul Menssing) e dois em desenvolvimento. No tocante a estes dois últimos (Milton Carneiro e Antenor Pupo) cabe ao futuro a última palavra".

<sup>226</sup> [1] Duas atitudes em relação a Sócrates: a de Nietzsche, p. 73; [2] A de Kierkegaard, p. 74; [3] Milton Carneiro e uma terceira atitude, p. 75; [4] A procura do eu na lembrança, p. 76; [5] O relacionar-se consigo mesmo e com os outros, p. 77; [6] A lembranças são menos do que infinitas, p. 78; [7] O desespero dos limites, p. 79; [8] A tonalidade afetiva não reencontrada, p. 79; [9] O despojamento, o vazio e suas consequências, p. 80; [10] O conflito que a filosofia não resolve, p. 81; [11] O problema da ausência de um título para a justificação do comportamento, p. 82; [12] Um simulacro de repetição, p. 83; [13] Uma ausência mortal de futuro, p. 84; [14] O homem que espera e o homem que nada espera de si mesmo, p. 85; [15] Esquema, p. 87.

<sup>227</sup> [1] Ser e existência, p. 91; [2] Homem para..., p. 93; [3] Conflitos no seu caminho, p. 94; [4] O desespero simultâneo, p. 95; [5] Política e problema social, p. 96; [6] O espírito também existe, p. 97; [7] Conhece-te a ti mesmo, p. 98; [8] Eu não fui, eu sou, p. 99; [9] O mistério (o mito e a desmitologização), p. 99; [10] Síntese imprópria, p. 101; [11] O conhecimento trágico, p. 102; [12] Conflito e dúvida, p. 102; [13] Esquema, p. 105.

<sup>228</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 2ª Parte*. Curitiba: Edição do Autor, 1961, p. 118: "Só ao cavaleiro da fé é dado fazer o movimento da resignação infinita. Mas há uma irresignação para este mundo,

- [EI] Experiência integrada, pp. 135-153.<sup>229</sup>
- [EM] Experiência mítica (1958), pp. 155- 170.<sup>230</sup>
- [HI] O homem do intermezzo, pp. 171-185.<sup>231</sup>
- [CN] Cartas ao Norton, pp. 187-202.<sup>232</sup>
- [AD] A descida, pp. 203-210.
- [LE] Liberdade enfeitada, pp. 211-215.
- [FAN] Fantasia, pp. 217-230.<sup>233</sup>
- [AEC] Apontamentos do estranho cotidiano (1960-1961), pp. 231-300.
- [DM] A dança dos malentendidos, pp. 301-314.
- [LDC] Lição do cotidiano, pp. 315-339.
- [CTI] A cerca (traços do impensado), pp. 341-349.<sup>234</sup>
- [OER] O exemplo de Rairu, pp. 351- 376.

---

que nos limita e torna capazes de suspender, ao menos temporariamente, a pergunta sobre o porquê de nossa procura. Procuramos e não sabemos o que é que procuramos, nem sabemos porque procuramos. O repouso só é possível pela resignação – neste caso, menos do que infinita”. [1] Forma humana reiterada, p. 119; [2] Vida social (o aspecto social), p. 120; [3] O sonho seccionado, p. 121; [4] O carnaval, p. 124; [5] O movimento estético-fantástico: o concurso do sonho, p. 125; [6] E da lembrança, p. 126; [7] O momento crítico, p. 127; [8] O movimento da resignação menos do que infinita, suas descobertas, p. 128; [9] O tempo como solução, p. 130; [10] Comunicar-se, por graça, p. 130; [11] Um homem que sofre e é feliz, p. 131; [12] Esquema, p. 133.

<sup>229</sup> [1] A distância, p. 137; [2] A sensibilidade, p. 139; [3] A experiência, p. 141; [4] Um homem e a sua cultura, p. 143; [5] Substratum reiterado, p. 143; [6] Uma história, p. 145; [7] Um sonho, p. 146; [8] Introversão e silêncio, p. 146; [9] O caminho do conhecimento, p. 147; [10] Ponto de confluência, p. 148; [11] Imagem reflexa, p. 148; [12] No que distingo a experiência integrada da experiência descoberta (simples dissertação acadêmica), p. 149; [13] No que distingo a experiência integrada de uma integração última (simples nota acadêmica), p. 151; [14] Uma nota do seu Caderno (de 1959) para concluir, p. 151; [15] Esquema, p. 153.

<sup>230</sup> [1] Explicação, p. 157; [2] Esboço, p. 159; [3] Traços, p. 163.

<sup>231</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. **Intermezzo Lírico-Filosófico**. 2ª Parte. Curitiba: Edição do Autor, 1961, p. 172: “Nada mais enigmático do que o homem do intermezzo, isto é, aquele homem que chegou a ser (enquanto homem), depois de ter existido durante toda sua vida. Limitado mas em toda liberdade, circunscrito a fatos mas com total visão do futuro, sem programa mas subjugadas a angústia e o desespero, seu intermezzo não é, como ele mesmo pretende, mero pretexto para continuar neste pequeno mundo dos homens mas, isto sim, uma expectativa de realização”. [1] Uma nota do seu caderno (1958), p. 173; [2] Idade biológica e literatura, p. 173; [3] O problema da alternativa, p. 175; [4] Conduta estética em relação a K. e a si próprio, p. 176; [5] Escolha postergada, p. 177; [6] O homem que chegou a ser enquanto intermezzo, p. 177; [7] Lucros e perdas, p. 178; [8] Temas de estudo (vida e temas), p. 179; [9] A própria concepção da vida e a inutilidade de outra, p. 179; [10] K. e o problema da realização, p. 180; [11] Uma concepção de vida que a ultrapassa, p. 181; [12] Deixar-se viver (volta ao tempo sem artifício), p. 181; [13] Houve um poema, p. 182; [14] A natureza humana e o problema das barreiras, p. 183; [15] Esquema, p. 185.

<sup>232</sup> [1] Carta 1, 26/2/60, p. 193; [2] Carta 2, 27/2/60, p. 198; [3] Carta 3, 27/2/60, p. 202.

<sup>233</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. **Intermezzo Lírico-Filosófico**. 2ª Parte. Curitiba: Edição do Autor, 1961, p. 218: “A sua cidade – essa não existe mais (ver: ‘O grande incêndio’). Mas, não sei porque, ele desceu um dia na cidade que substituíra a outra, construída sobre ela, sobre a de lembranças que ele incendiou. Foi quando ele deu largas à sua fantasia... É esse o tema deste caderno: uma fantasia!”

<sup>234</sup> [1] O problema, p. 319; [2] O real (numa carta não remetida), p. 320; [3] Uma constante, p. 322; [4] No plano da fantasia (o possível estético-religioso), p. 325; [5] O real (1º Post-Scriptum à carta não remetida), p. 334; [6] Lembranças de “razão” (as que não foram com as outras), p. 335; [7] A experiência dos outros (Kierkegaard, Nietzsche e Dostoiévski), p. 336; [8] Vida e reflexão (um tema dissociado), p. 337; [9] O real (2º Post-Scriptum à carta não remetida), p. 334.

[P21] REICHMANN, Ernani. *Kierkegaardiana – Esboço biográfico de Kierkegaard (1ª parte)*. Curitiba: Edição do autor, 1961.

[ER6] Apresentação, pp. 7-8.

[K5, a] Esboço biográfico de Kierkegaard, pp. 9-52;

[NK5]] Notas e informações, pp. 53-70;

[EC6] Da mesma coleção, p. 71.

[T22] MALANTSCHUK, Gregor. *Introdução à obra de Kierkegaard*. Tradução direta do dinamarquês de: REICHMANN, Ernani. Curitiba: Distribuidora Nacional, 1961. Título original: *Indførelse i Søren Kierkegaards Forfatterskab*. (Kierkegaardiana).<sup>235</sup>

[ER7] Apresentação, pp. 7-6.

[GM] Outros trabalhos de Gregor Malantschuck, p. 7.

[K7] Introdução à obra de Kierkegaard, pp. 9-77.<sup>236</sup>

[P23] REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 1ª Parte*. Curitiba: Edição do Autor, 1962.

[ER8] Intermezzo Lírico-Filosófico, pp. 5-6.

[TW1, b] Carta a um artista, ao Thomaz (Thomaz Wartelsteiner), pp. 7- 68.

[GCM] Um galo cantou no mar, pp. 69-70.

[C59-1] Caderno – 1959, pp. 71-219.

[VN5] Fantasia à maneira de Van Neutgen [1959], pp. 221-255.

[EDP] Experiência de Paris [1959], pp. 257-290.

[DPI] Dança do ponto de interrogação [1959], pp. 291-313.

[VR] Viagem reconstituída [1959], pp. 315-334.

[EC7] Escritos do autor, p. 337

[EC8] Escritos em ordem cronológica – (14 vols.), p. 339.

---

<sup>235</sup> “A Octavio de Faria – o primeiro que em nosso país compreendeu a importância excepcional de Kierkegaard, é dedicada a presente tradução”. Traduzido em 1960 (cf. AEC, p. 593).

<sup>236</sup> [1] A época da dissolução dos valores e o caminho de K. para a verdade, p. 9; [2] O estádio estético, p. 19; [3] O estádio ético, p. 35; [4] O estádio religioso, p. 47-71; [5] Alguns pensamentos sobre a dialética da comunicação em S. K., p. 73.

[P24] REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 7ª Parte*. Curitiba: Edição do autor, 1963.<sup>237</sup>

– Kierkegaardiana

[K2, b] Unidade e dispersão de Kierkegaard, pp. 9-75.

[K3, b] No centenário de Kierkegaard, pp. 77-131.

[K4, b] A desumanização de Kierkegaard, pp. 133-194.

[K5, b] Esboço biográfico de Kierkegaard, 1ª parte, pp. 195-265.

[K8] Esboço biográfico de Kierkegaard, 2ª parte, pp. 267-351.

[K9] Kierkegaard e o Brasil, pp. 353-371.

[K10] Kierkegaard em Copenhagen (notas), pp. 373- 407.

[K11] Kierkegaard e a parabiografia, pp. 409-421.

[CG] Carta a Carlos Galvez, pp. 423-440.

[EC09] Escritos do autor, p. 443.

[EC10] Escritos em ordem cronológica – (14 vols.), p. 445.

[P25] REICHMANN, Ernani. Kierkegaard in Brazil. *Kierkegaardiana*, Munksgaard, København, n. V, 1964.

[K12] Kierkegaard in Brazil, pp. 78-79.

[E26] REICHMANN, Ernani; NOGUEIRA, Romar Teixeira; MATHIAS, Ivo. *O crédito agrícola no Paraná*. Curitiba: Codepar, 1964.

[P27] REICHMANN, Ernani. *Volta às Origens*. Curitiba: Edições ER, 1967.

[PG] Paiol grande (1964), pp. 3-36.

---

<sup>237</sup> REICHMANN, Ernani. **Intermezzo Lírico-Filosófico. 7ª Parte**. Curitiba: Edição do autor, 1963, p. 5: “O presente volume contém minha ‘kierkegaardiana’ e uma Carta a Carlos Galvez, com a qual encerro o Intermezzo. Os que conhecem minhas relações com Kierkegaard e o caminho de experiência percorrido nesses anos todos, facilmente virão a compreender os motivos que me levaram a publicar os cadernos desta coleção nesta parte do Intermezzo. A Vi Kierkegaard exageradamente com os meus olhos, fenômeno este que a simples leitura destes cadernos deixa transparecer. Entretanto, agora, numa nova fase de minha vida (na qual, por alguns anos, a leitura deve prevalecer), quero divulgar tudo o que ficou para trás, em trabalhos que público com modificações de somenos importância, frutos que foram do entusiasmo e da paixão. Seria insincero e desleal para comigo mesmo se retificasse em 62 o que aponte (ou escrevi) em 55 (mesmo sabendo hoje que algumas colocações pecam pelo seu desacerto). Perderiam, com isso, a graça e o encanto de uma longa caminhada, durante a qual sempre seu testemunho da presença de Kierkegaard. Mantenho, também, por uma questão de honestidade, a ordem cronológica desses escritos. Não teria sentido reuni-los para fazer deles um livro artificialmente construído. E, depois, é bem possível que um dia eu chegue a escrever um livro sobre Kierkegaard. Finalmente, para concluir, uma transcrição deste extraordinário companheiro de jornada: ‘mas a ausência de resultado é justamente uma determinação de interioridade, porque o resultado é algo exterior e a comunicação do resultado uma relação exterior entre aquele que conhece uma coisa e aquele que não a conhece’”.

- [TPE] Tratado do presente exclusivo [1965], pp. 37-78.  
 [PP] Ponto de Partida [1965], pp. 79-106.  
 [ARS] A resposta do ser [1965-1966], pp. 107-131.  
 [FA2] Carta inacabada [1967], pp. 133-146.  
 [FA3] Notas a carta inacabada [1967], pp. 147-169.  
 [AI] Arguições imaginárias [1967], pp. 171-198.  
 [IMS] Imagem e maneira de ser [1967], pp. 199-238.  
 [EINS] Entrevista ingênua (não sentimental), pp. 239-248.  
 [PF] Palavras finais, pp. 249-251.  
 [EC11] Escritos completos, pp. 253-254.

[J28] *Diário do Paraná, Sobre Octavio de Faria, 1969:*

- [F01, a] Sobre Octavio de Faria.  
 [F02, a] Sobre Octavio de Faria - II.  
 [F03, a] Sobre Octavio de Faria - III.  
 [F04, a] Sobre Octavio de Faria - IV.  
 [F05, a] Sobre Octavio de Faria - V.  
 [F06, a] Sobre Octavio de Faria - VI.  
 [F07, a] Sobre Octavio de Faria - VII.  
 [F08, a] Sobre Octavio de Faria - VIII.  
 [F09, a] Sobre Octavio de Faria - IX.  
 [F10, a] Sobre Octavio de Faria - X.  
 [F11, a] Sobre Octavio de Faria - XI.  
 [F12, a] Sobre Octavio de Faria - XII.  
 [F13, a] Sobre Octavio de Faria - XIII.

[A29] REICHMANN, Ernani. *Octavio de Faria*. Curitiba: Edições ER, 1970.

- [F] Sobre Octavio de Faria, pp. 5-115.<sup>238</sup>  
 [OF1] Obras de Octavio de Faria, p. 117.

---

<sup>238</sup> [F01, b] I, p. 9; [F02, b] II, p. 11; [F03, b] III, p. 14; [F04, b] IV, p. 17; [F05, b] V, p. 19; [F06, b] VI, p. 22; [F07, b] VII, p. 24; [F08, b] VIII, p. 27; [F09, b] IX, p. 30; [F10, b] X, p. 33; [F11, b] XI, p. 36; [F12, b] XII, p. 39; [F13, b] XIII, p. 42; [14] XIV, p. 45; [15] XV, p. 48; [16] XVI, p. 51; [17] XVII, p. 54; [18] XVIII, p. 57; [19] XIX, p. 59; [20] XX, p. 61; [21] XXI, p. 64; [22] XXII, p. 66; [23] XXIII, p. 70; [24] XXIV, p. 72; [25] XXV, p. 74; [26] XXVI, p. 77; [27] XXVII, p. 80; [28] XXVIII, p. 83; [29] XXIX, p. 86; [30] XXX, p. 88; [31] XXXI, p. 91; [32] XXXII, p. 94; [33] XXXIII, p. 97; [34] XXXIV, p. 99; [35] XXXV, p. 102; [36] XXXVI, p. 105; [37] XXXVII, p. 107; [38] XXXVIII, p. 110; [39] XXXIX, p. 113.

[EC12] Escritos do autor, p. 119.

[P30] REICHMANN, Ernani. *Intermezzo Lírico-Filosófico. 3º Volume*. Curitiba: Edições JR, 1971.

[TW2] Thomaz Wartelsteiner [1956-1957], pp. 5-44.<sup>239</sup>

[GI] O grande incêndio [1958], pp. 45-71.

[C59-2] Caderno retomado [1959], pp. 73-104.<sup>240</sup>

[SR] Sonho reduplicado [1956], pp. 105-127.

[CT] Caminho transversal [1957], pp. 129-169.<sup>241</sup>

[S] Soledade (um prefácio) (1961), pp. 171-196.

[TI1] Traços do incongruente I (1961), pp. 197-295.

[TI1, 1] 1º Na chácara, p. 199.<sup>242</sup>

[TI1, 2] 2º Em casa, p. 221.<sup>243</sup>

[TI1, 3] 3º No trabalho, p. 243.<sup>244</sup>

<sup>239</sup> [1] Introdução, p. 7; [2] Uma lenda do Barigui, p. 9; [3] Thomaz e Hoelderlin, p. 10; [4] Thomaz e Bertoldo, de Hoffmann, p. 12; [5] Thomaz e os outros, p. 13; [6] Thomaz e a dispersão, p. 14; [7] Constantes temáticas, p. 16; [8] Ilustrações para van der Lubbe, p. 21; [9] Da vida do Thomaz, p. 23; [10] Notas, ao acaso, p. 27; [11] Thomaz - notícias biográficas, p. 31; [12] Thomaz, um homem da cidade, p. 34; [13] Os três julgamentos do réu Thomaz Wartelsteiner, p. 37.

<sup>240</sup> [1] Sonho (novembro, 2), p. 75; [2] O problema do subjetivo (novembro, 2), p. 76; [3] Heidegger e Kierkegaard, p. 76; [4] Puppi e a minha experiência (novembro, 3), p. 77; [5] Método, p. 77; [6] Entre, p. 77; [7] Falta reiterada (novembro, 11), p. 78; [8] O medo (novembro, 13), p. 78; [9] Os sonhos confirmaram (novembro, 14), p. 79; [10] Uma descoberta, p. 79; [11] Um livro, p. 80; [12] Os meus escritos - sua origem, p. 80; [13] Virada sensacional (novembro, 16), p. 80; [14] A nova paisagem, p. 81; [15] O presente no sonho (novembro, 19), p. 82; [16] Marionettes em Curitiba, p. 82; [17] Dura verdade, p. 82; [18] Yefimov e eu, p. 83; [19] Yefimov e Hoelderlin, p. 85; [20] Exemplos, p. 85; [21] Puppi, Julian Marias e Unamuno, p. 85; [22] Unamuno e Kierkegaard, p. 86; [23] tema de novela, p. 87; [24] Amor e objeto do amor, p. 87; [25] Momento criador, p. 87; [26] Fenômeno curioso, p. 88; [27] Subjugar ou extinguir, p. 88; [28] Ponto morto, p. 88; [29] Vida interior e vida exterior, p. 88; [30] constatação (novembro, 30), p. 88; [31] Algo curioso, p. 89; [32] A bandinha e o circo, p. 89; [33] Meu pai e o ideal, p. 90; [34] Mistério, p. 90; [35] Compreensão, p. 90; [36] Os outros, p. 91; [37] A letra (dezembro, 19); [38] A esperança, p. 91; [39] A Europa, p. 91; [40] Volta às origens, p. 92; [41] Vendo o já visto, p. 92; [42] Um sonho, p. 92; [43] van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer (dezembro, 20), p. 93; [44] Como fui, p. 95; [45] O milagre: a morte, p. 97; [46] Os sonhos, p. 97; [47] O Cabo, p. 97; [48] As escolas e os poetas, etc., p. 97; [49] A carta do Puppi, p. 98; [50] O meu quarto, p. 98; [51] Modo de ver, p. 99; [52] Estou como (dezembro, 25), p. 99; [53] O cansaço, p. 100; [54] A verdade, p. 100; [55] Dezembro, 29, p. 103; [56] Dezembro, 31, p. 104.

<sup>241</sup> [1] [A vida de Andreas Loyd Reichmann], p. 131; [2] A cruz e a paisagem, p. 136; [3] A tabuleta, 149; [4] Caminho transversal, p. 153; [5] Papéis de Andreas, p. 163.

<sup>242</sup> [1] A paisagem (estática), p. 201; [2] Dois homens na paisagem (1º), p. 203; [3] A paisagem (1º mov.), p. 207; [4] Uma história, p. 207; [5] As bolhas transitórias, p. 208; [6] A paisagem (2º mov.), p. 209; [7] História antiga (transcrita do original), p. 210; [8] O ser na paisagem, p. 215; [9] A paisagem (3º mov.), p. 217; [10] História recente, p. 217; [11] O arroio, p. 218; [12] Dois homens na paisagem (2º), p. 219.

<sup>243</sup> [1] Maio, 21 (pela manhã), p. 223; [2] À tarde, p. 224; [3] Maio, 22 (pela manhã), p. 225; [4] (À tarde), p. 226; [5] Maio, 23 (pela manhã), p. 226; [6] (À tarde), p. 227; [7] Maio, 24 (pela manhã), p. 230; [8] (À tarde), p. 231; [9] Maio, 25 (pela manhã), p. 233; [10] Maio, 26 (pela manhã), p. 235; [11] Maio, 28 (pela manhã), p. 236; [12] (À tarde), p. 237; [13] (À noite), p. 237; [14] Maio, 29 (à tarde), p. 238; [15] (À noite), p. 238; [16] Maio, 30 (pela manhã), p. 239.

<sup>244</sup> [1] 1º Movimento, p. 245; [2] 2º Movimento, p. 247; [3] 3º Movimento, p. 245.

- [TI1, 4] Os anexos, p. 249.<sup>245</sup>
- [TI2] Traços do incongruente II (1961), pp. 297-306.
- [TI2, 1] O método (procedimento demagógico), p. 299.
- [TI2, 2] Notas ao capítulo, p. 303.
- [TI3] Traços do incongruente III (1961), pp. 307-316.
- [EC13] Escritos completos, p. 319.
- [A31] REICHMANN, Ernani. *As lanternas*: apêndice de A noite do absoluto. Curitiba: Edições JR / Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1971.
- [AL] As lanternas, pp. 5-201.<sup>246</sup>
- [EC14] Escritos do autor, p. 203.
- [T32] REICHMANN, Ernani. *Soeren Kierkegaard*. Curitiba: Edições JR, 1972.<sup>247</sup>
- [R3] Liminar, pp. 5-6.
- [CK] Cronologia de Kierkegaard, pp. 7-14.<sup>248</sup>
- Introdução kierkegaardiana, pp. 15-69.
- a) K. fala de sua vida, pp. 17-46.<sup>249</sup>
- b) Os pseudônimos e o método, pp. 47-60.<sup>250</sup>
- c) Comportamento tático de K., pp. 61-69.<sup>251</sup>
- As esferas da existência, pp. 71-164.
- a) Sensualidade e amor na concepção estética da vida, pp. 73-92.<sup>252</sup>
- 
- <sup>245</sup> [1] Nota, p. 250; [2] Exercício de composição (Nº 1), p. 251; [3] 1911, p. 256; [4] 1912, p. 257; [5] 1915, p. 258; [6] 1917, p. 259; [7] 1923, p. 261; [8] Exercício de composição (Nº 2), p. 283; [9] Exercício de composição (Nº 3), p. 292.
- <sup>246</sup> [1] Prólogo, p. 5; [2] à luz da 1ª lanterna, p. 9; [3] à luz da 2ª lanterna, p. 43; [4] à luz da 3ª lanterna, p. 85; [5] Epílogo, p. 109; [6] cadernos e folhas soltas de Laer e alguns depoimentos sobre sua vida e seu caráter, p. 119; [7] 1º caderno, p. 121; [8] Folhas soltas, p. 151; [9] 2º caderno, p. 159; [10] Depoimentos, p. 189.
- <sup>247</sup> A reimpressão teve algumas alterações na capa, ainda que o conteúdo seja o mesmo, os dados tornaram mais explícita a informação de que se trata de uma tradução de texto selecionados. Referência da reimpressão: KIERKEGAARD, Soeren. *Textos Selecionados por Ernani Reichmann - Reimpressão*. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná, 1978. (Capa: Desenho feito de memória por W. Marstrand).
- <sup>248</sup> [1] a) a vida, p. 9; [2] b) a obra, p. 12.
- <sup>249</sup> [1] a.1) O pai e a educação, p. 17; [2] a.2) O noivado, p. 20; [3] a.3) A luta com "O corsário", p. 27; [4] a.4) A polêmica com a Igreja Oficial, p. 33; [5] a.5) Missão e escritos, p. 39.
- <sup>250</sup> [1] b.1) Kierkegaard fala de seus pseudônimos, p. 47; [2] b. 2) Um pseudônimo fala da obra de outros pseudônimos, p. 50; [3] b. 3) K. fala de sua obra e de seu método, p. 56.
- <sup>251</sup> [1] c.1) Existência pessoal e produção estética, p. 61; [2] c.2) Existência pessoal e produção religiosa, p. 64.
- <sup>252</sup> [1] a.1) Sensualidade e Cristianismo, p. 73; [2] a.2) Os estádios espontâneos, p. 75; [3] a.3) A ideia de D. Juan, p. 78; [4] a.4) As seduzidas, p. 81; [5] a.5) O Sedutor Reflexivo, p. 85; [6] a.6) A mulher numa visão estética, p.88.



- b) Amor e casamento na concepção ética da vida, pp. 93-112.<sup>253</sup>
- c) Confronto entre as concepções estética e ética, pp. 113-134.<sup>254</sup>
- d) A concepção religiosa num exemplo concreto, pp. 135-153.<sup>255</sup>
- e) Ironia e humor como zonas-limite, pp. 154-164.<sup>256</sup>
- Existência e subjetividade, pp. 165-258.
  - a) O indivíduo e o social, pp. 165-186.<sup>257</sup>
  - b) Sócrates e Cristo, pp. 187-207.<sup>258</sup>
  - c) Sistema e existência, pp. 208-236.
    - ca) Crítica da objetividade, pp. 208-218.<sup>259</sup>
    - cb) O tornar-se subjetivo, pp. 218-226.
    - cc) A existência, pp. 226-236.<sup>260</sup>
  - d) A subjetividade é a verdade, pp. 236-250.<sup>261</sup>
  - e) O pensador subjetivo, pp. 251-258.
- Cristo, escândalo e amor, pp. 259-347.
  - a) Angústia e pecado, pp. 261-279.<sup>262</sup>
  - b) A doença mortal (o desespero humano), pp. 280-298.<sup>263</sup>
  - c) O escândalo do cristianismo, pp. 299-313.<sup>264</sup>

<sup>253</sup> [1] b.1) O amor e o casamento, p. 93; [2] b.2) Amor romântico e casamento de razão, p. 96; [3] b.3) O princípio vital do casamento, p. 102; [4] b.4) O amor conjugal e o tempo, p. 104; [5] b.5) A mulher numa visão ética, p. 109.

<sup>254</sup> [1] c.1) "Ou isto - ou aquilo", p. 113; [2] c.2) "É preciso gozar a vida", p. 119; [3] c.3) Vida estética e desespero, p. 125; [4] c.4) O confronto, p. 130.

<sup>255</sup> [1] d.1) Culpado? - Inocente?, p. 135; [2] d.2) O malentendidos, p. 143; [3] d.3) O último limite entre o estético e o religioso, p. 148; [4] d.4) O homem religioso, p. 151.

<sup>256</sup> Há uma falha editorial, a seção é indicada pela letra "c", quando deveria ser indicada pela letra "e".

<sup>257</sup> [1] a.1) O indivíduo, p. 165; [2] a.2) O herói trágico e o cavaleiro da fé, p. 169; [3] a.3) Job e a repetição, p. 177; [4] a.4) Crítica do social, p. 183.

<sup>258</sup> [1] b.1) O mestre e o discípulo, p. 187; [2] b.2) Deus como mestre e salvador, p. 193; [3] b.3) A contemporaneidade do discípulo, p. 201.

<sup>259</sup> [1] ca.1) A consideração histórica, p. 208; [2] ca.2) A consideração especulativa, p. 214.

<sup>260</sup> [1] cc.1) A existência, p. 226; [2] cc.2) A realidade, p. 229; [3] cc.3) O patético, p. 232; [4] cc.4) O dialético, p. 234.

<sup>261</sup> [1] d.1) A verdade subjetiva, p. 236; [2] d.2) O absurdo, p. 242; [3] d.3) O paradoxo, p. 246.

<sup>262</sup> [1] a.1) Inocência e queda, p. 261; [2] a.2) O conceito de angústia, p. 265; [3] a.3) Angústia e pecado original, p. 268; [4] a.4) Angústia objetiva e angústia subjetiva, p. 270; [5] a.5) A angústia do bem (o demoníaco), p. 273; [6] a.6) A angústia como meio de salvação, p. 276.

<sup>263</sup> [1] b.1) A doença mortal é o desespero, p. 280; [2] b.2) A universalidade do desespero, p. 282; [3] b.3) O desespero desafio, p. 286; [4] b.4) O pecado de desesperar de seu pecado, p. 291; [5] b.5) O pecado de negar o cristianismo, p. 293.

<sup>264</sup> [1] c.1) O escândalo e o pensamento, p. 299; [2] c.2) O Deus-Homem é um sinal, p. 300; [3] c.3) A forma de servo é o incógnito, p. 302; [4] c.4) Impossibilidade da comunicação direta, p. 305; [5] c.5) A impossibilidade da comunicação direta é o segredo do sofrimento de cristo, p. 308; [6] c.6) A possibilidade do escândalo é a negação da comunicação direta, p. 309; [7] c.7) Negar a comunicação direta é exigir a fé, p. 310; [8] c.8) O Deus-Homem é objeto de fé justamente porque é a possibilidade do escândalo, p. 312.

– d) Amor de Deus e amor a Deus, pp. 314-333.<sup>265</sup>

– e) Cristianismo e cristandade, pp. 334-347.<sup>266</sup>

[AK] Anexos, pp. 349-400.<sup>267</sup>

[EC15] Escritos de Ernani Reichmann, p. 405.

[A33] LINHARES, Temístocles; REICHMANN, Ernani. *A poética de Carlos Nejar*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1973.

– Temístocles Linhares - Seis diálogos sobre a poética de Carlos Nejar, pp. III-LIX.<sup>268</sup>

[SPCN] Ernani Reichmann - à soleira da poética de Carlos Nejar, pp. 3-225.<sup>269</sup>

[JI, a] Jigajoga (anexo), pp. 177-224.

[OL] Obras de Temístocles Linhares, p. 227.

[EC16] Escritos de Ernani Reichmann (1973), p. 229.

[A34] REICHMANN, Ernani. *Longe no horizonte, um homem*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1975.

[JI, b] Jigajoga, p. 6-47.

[IPU] Ipueira, pp. 49-83.<sup>270</sup>

[C] Calaça, pp. 85-136.

[V] Vaivém, pp. 137-197.

[MS] Missa-seca, pp. 199-220.

[JG] Jogo da Glória, pp. 221-413.

[TS] Tempo-Será, pp. 415-535.

[EC17] Escritos Completos, p. 539.

---

<sup>265</sup> [1] d.1) A vida secreta do amor, p. 314; [2] d.2) O amor edifica, p. 320; [3] d.3) Misericórdia do amor, p. 324; [4] d.4) O elogio do amor pelo amor, p. 328.

<sup>266</sup> [1] e.1) O humano e o religioso, p. 334; [2] e.2) Estado e cristianismo, p. 338; [3] e.3) Novo testamento e cristandade, p. 339; [4] e.4) Minha tarefa, p. 342.

<sup>267</sup> [1] a) Os textos nas obras, p. 351; [2] b) Notas, p. 356; [3] c) Bibliografia, pp. 391-400.

<sup>268</sup> [1] À guisa de introdução (1973), p. V; [2] Primeiro diálogo: Regionalidade e Modernismo (1972), p. VII; [3] Segundo diálogo: Problematicismo e quixotismos (1972), p. XV; [4] Terceiro diálogo: Geração de 45 e influências (1972), p. XXIII; [5] Quarto diálogo: Don Quixote e Cid, o Campeador (1973), p. XXXI; [6] Quinto diálogo: A "Geração de 60" e a condição humana (1973), p. XLI; [7] Sexto diálogo: A mulher, Deus, o Homem (1973), p. LI.

<sup>269</sup> [1] Indicações (1973), p. 5; [2] Sélesis, p. 7; [3] Livro de Silbion, p. 31; [4] Livro do Tempo, p. 65; [5] O Campeador e o Vento, p. 85; [6] Ordenações, p. 105; [7] Danações, p. 135; [8] Canga, p. 157; [9] Bibliografia de Carlos Nejar, p. 176.

<sup>270</sup> Papéis de Ivan Rebal, posteriores ao "Hino ao Impossível", com o qual conclui "A mula e o mágico".

[A35], [A36], [A37] REICHMANN, Ernani. *Cadernos Passionários I, II e III - 1975*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1975.

[CP1] Cadernos Passionários I

[ML1] Morte-Luz, pp. 5-25.

[ICO] Indicações sobre “Cogumelos de Outono”, pp. 27-53.

[K12] Kierkegaardiana, pp. 55-78.

[N1] Nietzscheana, pp. 79-102.

[AS1] As sobras (Anexos), pp. 103-143.<sup>271</sup>

[CP2] Cadernos Passionários II

[ML2] Morte-Luz, pp. 147-164.

[TB, a] Notas sobre a “Tragédia Burguesa”, pp. 165-188.

[K13] Kierkegaardiana, pp. 189-207.

[N2] Nietzscheana, pp. 209-228.

[AS2] As sobras (anexos), pp. 229-273.<sup>272</sup>

[CP3] Cadernos Passionários III

[ML3] Morte-Luz, pp. 277-301.

[NCA] Notas sobre “Casa dos Arreios”, pp. 303-321.

[K14] Kierkegaardiana, pp. 323-345.

[N3] Nietzscheana, pp. 347-364.

[AS3] As sobras (anexos), pp. 365-405.<sup>273</sup>

[A38] REICHMANN, Ernani. *A espiral e o círculo*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1976.

[Z1] Em pleno mar I (Zazá), pp. 3-251.

[MT1] Em pleno mar II (Mateus), pp. 253-337.

[DSS] Depois do ser, as Serutingas, pp. 339- 538.

[DSM] Depois das Serutingas, o mar, pp. 539- 590.

[EC18] Escritos completos, p. 593.<sup>274</sup>

---

<sup>271</sup> [1] a) De Ontem (1961), p. 105; [2] b) De Hoje (1975), p. 128.

<sup>272</sup> [1] a) De Ontem (1961), p. 231; [2] b) De Hoje (1975), p. 256.

<sup>273</sup> [1] a) De Ontem (1961), p. 367; [2] b) De Hoje (1975), p. 395.

<sup>274</sup> “NB – Os escritos compleendidos nas séries acima compõem minha experiência o longo dos anos. Sua publicação definitiva, sob a forma de escritos completos, prossegue com este volume. Nenhum título novo será acrescentado ao que aí está. As demais séries serão publicadas na medida de minhas possibilidades, pois não tenho editor e nem recursos que me permitam manter uma regularidade na divulgação desses escritos.”

[A39] e [A40] REICHMANN, Ernani. *Cadernos Passionários IV e V - 1975/1976*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1976.

[MT2] Limiar, pelo Grupo do Sítio - Mateus (1976), p. 5.

[CP4] Caderno Passionário IV, pp. 6-405.

[FC] Fantasma da Contraluz, pp. 7-33.

[AS4] as sobras (prova dos nove) 1º ato - 1975, pp. 35-182.

[AS5] as sobras (prova dos nove) 2º ato - 1975, pp. 183-291.

[AS6] as sobras (prova dos nove) 3º ato - 1976, pp. 293-364.

[EV] Epílogo Vicentino, pp. 365-405.

[CP5] Cadernos Passionários, pp. 407-565.

[K14] Reflexões diacríticas I (kierkegaardiana), pp. 409-564.

[A41] REICHMANN, Ernani. *A mula e o mágico com face perdida de Ivan Rebal*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1977.

[ER] Limiar, pp. 3-4.

[RI] A rebeldia do impossível, pp. 5-270.

[MSN] A maneira de ser Nelson, pp. 271-380.

[AR] A ruptura (1973), pp. 381-483.

[HIF] Hino ao impossível (fragmentos), pp. 485-510.

[IR1] Face Perdida (apêndice), 511-752.

[EC19] Escritos Completos, p. 753.<sup>275</sup>

[A42] REICHMANN, Ernani. *Cadernos ECR I - 1977*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1977.

[MT3] Limiar, pelo Grupo do Sítio - Mateus (1977), pp. 3-4.

[LR1] Os rodeios de Ledoger, pp. 7-10.

[LED] Ledoger, pp. 11-41.

[ES] Ésquilo, pp. 43-96.

[NE] Nejar, pp. 97-142.

---

<sup>275</sup> “NB – Os escritos compleendidos nas séries acima compõem minha experiência o longo dos anos. Sua publicação definitiva, sob a forma de escritos completos, prossegue com este volume. Nenhum título novo será acrescentado ao que aí está. As demais séries serão publicadas na medida de minhas possibilidades, pois não tenho editor e nem recursos que me permitam manter uma regularidade na divulgação desses escritos.”

[A43] e [A44] REICHMANN, Ernani. *Cadernos Passionários VI e VII - 1977*. Curitiba: [s. n.], 1977.

[CP6] Cadernos Passionários VI

As sobras (prova de cargo), pp. 5-138.

[K15] Reflexões diacríticas II (nietzscheana), pp. 139-244.

O ponto branco, pp. 245-369.

[CP7] Cadernos Passionários VII

O personagem e os críticos, pp. 371-580.

Bibliografia, p. 581.

[A45] REICHMANN, Ernani. *A noite do absoluto*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1978.

[LNP, a] O pressuposto, por van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer, pp. 3-30.

[LIV1, a] 1º livro, pp. 31-194.<sup>276</sup>

[LIV2, a] 2º livro, pp. 195-340.<sup>277</sup>

[LIV3, a] 3º livro, pp. 341-476.<sup>278</sup>

[DP, a] A denúncia da palavra, pp. 477-493.

[EC20] Escritos Completos, p. 495.<sup>279</sup>

[A46] REICHMANN, Ernani. *O trágico de Octavio de Faria - com anexos de Clementino Schiavon Puppi*. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná, 1978.

[LI2] Limiar (1978), pp. 7-8.

[ME] Material para um ensaio, pp. 9-77.

[NF] Notas sobre Octavio de Faria, pp. 79-184.

[TB, b] Nótulas sobre "Tragédia Burguesa", pp. 185-208.

[ATD] Cinco artigos (de tempo diverso), pp. 209-227.<sup>280</sup>

---

<sup>276</sup> [1] A transparência, por van der Lubbe, p. 33; [2] A cruz e a mulher, por Sorte Peer, p. 57; [3] Jogos da solução de continuidade (1º jogo), por van Neutgen, p. 79; [4] O pecado em tempo maduro, por van der Lubbe, p. 95; [5] O subterfúgio, por Sorte Peer, p. 113; [6] Jogos da solução de continuidade (2º jogo), por van Neutgen, p. 135; [7] Imitação impossível, por van der Lubbe, p. 149; [8] A descoberta, por Sorte Peer, p. 165; [9] Jogos da solução de continuidade (3º jogo), p. 185.

<sup>277</sup> [1] Tango da salvação, por Sorte Peer, p. 197; [2] Jogos da solução de continuidade (4º jogo), por van Neutgen, p. 255; [3] Na escola do impossível, por van der Lubbe, p. 307.

<sup>278</sup> [1] O desventurado, por Sorte Peer, p. 343; [2] Apontamentos sobre os personagens, à luz dos estádios kierkegaardianos, por Henrique Stirner, p. 325; [3] Jogo da solução de continuidade (5º jogo), p. 447; [4] As frestas, por van der Lubbe, p. 463.

<sup>279</sup> "NB -

<sup>280</sup> [1] "Ângela ou as areais do mundo" (1964), p. 211; [2] Octavio de Faria, sempre (1972), p. 214; [3] Sobre a "Tragédia Burguesa" (1973), p. 218; [4] Drama e tragédia I (1974), p. 222; [5] O realismo de Octavio de Faria (1976), p. 225.

- [MC] Material para uma carta a S. R. Sossella, pp. 229-256.
- [NP] Nótulas sobre Octavio de Faria (o problema do pantragismo), pp. 257-302.<sup>281</sup>
- [CSP3] Anexos de Clementino S. Puppi, pp. 303-320.<sup>282</sup>
- [OF2] Obras de Octavio de Faria, pp. 323-324.
- [EC21] Escritos Completos de Ernani Reichmann, p. 325.<sup>283</sup>
- [CSP4] Obras de Clementino Schiavon Puppi, p. 325.
- 
- [A47] REICHMANN, Ernani. *Cadernos ECR II - 1978 /1979*. Curitiba: [s. n.], 1979.
- [ER] Liminar, por Ernani Reichmann - Editor (1979), pp. 3-4.
- 1ª parte - Pelos membros do grupo do Sítio, p. 5.
- [LR2] Diário sem rédeas (por Ledoger), p. 7;
- [SO] Sófocles, p. 37;
- [SP6] Paulo Fernandes, nascido criador (de Sorte Peer), p. 105.
- 2ª parte - Pelos membros do Ponto-Ser, p. 141.
- [JP1] Tema de Agaú (por João Paulo), p. 143;
- [MA1] Simulação analógica (por Maria), p. 167.
- [EC22] Escritos Completos, p. 189.
- 
- [A48] REICHMANN, Ernani. *O único e o agreste: experiência poético-científico-oscilatória, não-existencial*. Vol. 1. Escritos Completos, 10ª série. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979.
- I
- [LI4] Limiar (1978), p. 5.
- [PSS] Ponto-ser, solstício, pp. 7-25.
- [UA] O único e o agreste, pp. 27-118.
- [SDI] Sol do impossível, pp. 118-132.
- II
- [LI5] Liminar (1978), p. 135.
- [AS7] As sobras (da primeira parte), pp. 137-170.
- [HV] O homem do vácuo, pp. 171-281.

---

<sup>281</sup> Parágrafos indicados por números ordinais, do 1º ao 89º.

<sup>282</sup> [1] Trechos de cartas, p. 307; [2] O cavaleiro da Virgem (1972).

<sup>283</sup> “NB – Informo a meus leitores que o acréscimo das três última séries se impôs, diante da necessidade de manter uma ordenação consequente de meus escritos, mesmo que todos (do primeiro ao último) devam ser referidos a um projeto de salvação. Informo também que os novos trabalhos (todos) estarão compreendidos nas séries 4ª, 11ª e 12ª.”

## – III

[LI6] Liminar (1978), p. 285.

[NI] Nietzsche e o indivíduo, pp. 287-324.

[UMS] O único de Max Stirner, pp. 325-331.

[UK] O único de Kierkegaard, pp. 333-352.

[OP] O protetor (1966), pp. 353-439.

[EC23] Escritos Completos de Ernani Reichmann, p. 443.

[A49] REICHMANN, Ernani. *O único e o agreste: experiência poético-científico-oscilatória, não-existencial*. Vol. 2. Escritos Completos, 10ª série. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979.

## – IV

[LI7] Limiar (1979), p. 5.

[JP2] Carta de João Paulo (1ª), pp. 7-53.

## – V

[US] O único que somos, pp. 57-74.

[NSV] Ninguém semelhante a Virgolino, pp. 75-85.

[ASR] A situação de R, pp. 87-94

## – VI

[NB1] NB, p. 97.

[MA] A salveta e o candeeiro (por Manuel), pp. 99-127.

[ZE1] O cismar sem frestas (por José), pp. 129-139.

[AN] Criaturas salvadegas (por André), pp. 141-164.

[MG] Tempo de estância (por Miguel), pp. 165-185.

[TE1] À procura de um título (por Teda), pp. 187-201.

[MA2] Notas sobre o amor (por Maria), pp. 203-226.

[MO1] Possível-impossível (por Mário), pp. 227-243.

[FR1] Notas líricas (por Francisco), pp. 245-292.

[DI1] A passagem (por Diana), pp. 293-326.

[JP3] À sombra do sem-tempo (por João Paulo), pp. 327-353.

[EU] as caricaturas (por Eudóxia), pp. 355-362.

[JP4] Carta de João Paulo (2ª), pp. 365-393.

[DC] Anexo - Dança Circular (excertos) 1961-1966, pp. 395-493.

[EC24] Escritos Completos, p. 497.

[A50] REICHMANN, Ernani. *Cadernos ECR III - 1979*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979.

– 1ª parte - Pelos membros do Grupo do Sítio, p. 1.

[LR3] A armadilha (por Ledoger), pp. 3-43.

[IR2] Sobre “Cogumelos do Outono” (por Ivan Rebal), pp. 45-59.

[MT4] O problema do horizonte, etc. (por Mateus), pp. 61-88.

[SP7] Nejar e as estações (por Sorte Peer), pp. 89-105.

[Z2] “O pássaro oculto” na Tragédia Burguesa (por Zazá), pp. 107-147.

– 2ª parte - Pelos membros do Ponto-Ser, p. 149.

[MA3] Nótulas sem termo (por Maria), pp. 151-160.

[FR2] À maneira de todos e de ninguém (por Francisco), pp. 161-194.

[MO2] Nota explicativa (por Mário) - 1979, pp. 195-202.

[EC25] Nos próximos Cadernos (a publicar) / No prelo, p. 205.

[A51] REICHMANN, Ernani. *Ilustração imprópria, terminal*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1980.

[LI8] Liminar (1979), pp. 3-5.

[CSR] O cocheiro de Santa Rita, pp. 7-126.

[MI] Mixórdia Iterativa, pp. 127-285.

[FNS] Festa no sítio, pp. 287-342.

[GVO] Gravações da vida ordinária (anexo), pp. 343-426.

[CSP2] A solidão de ER, por C. S. Puppi, pp. 427-434.

[EC26] Escritos Completos, p. 437.

[O52] PUPPI, Clementino Schiavon. *Cartas e sueltos para Ernani Reichmann*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1980.

[EP] Clementino S. Puppi

[LER] Liminar, por Ernani Reichmann, pp. 3-6.

[CSP1] CARTAS

[A53], [A54] e [A55] REICHMANN, Ernani. *Cadernos ECR IV, V e VI - 1979/1981*. Curitiba: Imprensa Universitária, 1981.

[ECR4] Caderno ECR IV:

– 1ª parte - Pelos membros do Grupo do Sítio, p. 5.



- [LR4] Diário sem rédeas (por Ledoger), pp. 7-23.  
 [VL9] Uma carta de van der Lubbe, pp. 25-50.  
 [Z3] Eurípedes (por Zazá), pp. 51-76.  
 [SP8] Uma epopeia de Nejar (por Sorte Peer), pp. 77-91.  
 – 2ª parte Pelos membros do Ponto-Ser, p. 93.  
 [DI2] A poética de C. Carneiro (por Diana), pp. 95-127.  
 [MA4] Ledoger, um romance (por Maria), pp. 129-177.  
 [FR3] Paulo Fernandes, outra vez (por Francisco), pp. 179-187.

[ECR5] Caderno ECR V:

- 1ª parte - Pelos membros do Grupo do Sítio, 191.  
 [VL10] A paixão e as paixões na obra e no diário de K, por van der Lubbe, pp. 193-274.  
 [PK] O pathos (paixão) na obra e no diário de K, pp. 275-289.  
 – 2ª parte Pelos membros do Ponto-Ser, p. 291.  
 [DI3] Palavras iniciais, pelos membros do Ponto-Ser - Diana, pp. 293-294.  
 [MO3] Perguntas (por Mário), pp. 295-314.  
 [DI4] Textos e trabalhos - I (por Diana), pp. 315-326.  
 [ZE2] As paixões passivas (por José), pp. 327-335.  
 – 3ª parte Por conta e risco de Lúcio Sobaina, p. 337.  
 [LS1] NB, por L. C., p. 339.  
 [K10] K, alguns aspectos de sua vida e de sua obra (1963), pp. 340-376.

[ECR6] Caderno ECR VI:

- 1ª parte - Pelos membros do Grupo do Sítio, p. 379.  
 [LR5] Papagaio inquieto (por Ledoger), pp. 381-484.<sup>284</sup>  
 – 2ª parte Pelos membros do Ponto-Ser, p. 485.  
 [TE2] Leitura de K - I (por Teda), pp. 487-502.  
 [MA5] K e a literatura - I (por Maria), pp. 503-516.  
 – 3ª parte Por conta e risco de Lúcio Sobaina, p. 517.  
 [R] Entrevistas com R (1ª), pp. 519-528.  
 – Anexos, p. 529.  
 [LR6] O carvão dos milagres (por Ledoger), pp. 531-545.  
 [JP5] Diário do sem-tempo (por João Paulo), pp. 547-629.

---

<sup>284</sup> [1] NB, 383; [2] a) Sangavira, p. 383; [3] b) Folhas inseridas, p. 408; [4] c) Experiência como se, p. 417; [5] d) O cerco dos mortos (– vivos), p. 431.

- [JP6] O início possível (por João Paulo), pp. 631-638.
- [SP9] A poética de Nejar (por Sorte Peer), pp. 639-646.
- [ER] Palavras finais (por Ernani reichmann, 1981), pp. 647-648.
- [EC27] Escritos Completos, p. 651.<sup>285</sup>
- [A56] REICHMANN, Ernani. *O instante: textos e notas*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1981.
- [LS2] Liminar (por L. S., 1981), pp. 5-6.
- O instante na filosofia, p. 7.
- [IPL] 1) O instante em Platão, pp. 9-17.
- [IAR] 2) O instante em Aristóteles, pp. 17-25.
- [ITA] 3) O instante em Santo Tomás de Aquino, pp. 25-38.
- [IEH] 4) O instante em Husserl, pp. 38-49.
- [IMH] 5) O instante em Heidegger, pp. 49-52.
- [IKJ] 6) O instante em Jaspers, pp. 52-58.
- [IAB] 7) O instante em Abbagnano, pp. 58-60.
- [ILL] 8) O instante em Louis Lavelle, pp. 61-65.
- [ISK] Anexo I - O instante em Kierkegaard, pp. 67-98.<sup>286</sup>
- [IDI] Anexo II - Diálogo impossível, pp. 99-121.
- [IFN] Anexo III - O instante em Nietzsche, pp. 123-149.
- [IOB] Anexo IV - Bollnow, as tonalidades afetivas e o instante, pp. 141-151.
- [IME] Anexo V - Matéria para um ensaio, pp. 153-180.
- [INS] Anexo VI - Notas soltas, pp. 181-211.
- [EC28] Escritos Completos, p. 215.
- [A57] REICHMANN, Ernani. *Cadernos PSI – 1981*. Curitiba: [s. n.], 1981.
- [JP7] Limiar (por João Paulo, Passo Fundo, 1981), p. 3.

---

<sup>285</sup> “NB - Da massa de papéis que recebi de R (na condição de seu ‘herdeiro intelectual’), pude organizar, embora incompleto, um volume sobre o instante, abrangendo textos e notas. Este volume está no prelo, sob a responsabilidade da Editora da Universidade Federal do Paraná.

(Dos escritos de R, falta publicar ainda de maneira definitiva as três primeiras séries, com muita matéria inédita – ver a ‘Nota Explicativa’, de Mário, no 3º destes cadernos – e também ‘Projeto de Salvação’, inteiramente inédito). Informo também que recebi a grande e saudável notícia de que os serianos, lá de Passo Fundo, farão editar daqui para a frente os seus próprios cadernos. Mas já era tempo, pois os ‘ECR’ não mais existem. L. S.”

<sup>286</sup> [1] NB, p. 69; [2] a.1) O instante estético (-sensual), p. 69; [3] a.2) O instante ético, p. 71; [4] a.3) O instante religioso, p. 73.

- [JP8] Porta de vaivém (por João Paulo), pp. 5-29.
- [MA6] Entrevista com Ledoger (por Maria), pp. 31-57.
- [DI5] Paixão e tonalidade afetiva (por Diana), pp. 59-106.
- [ZE3] Regressão mágica (por José), pp. 107-123.
- [TE3] A sombra de Teodoro (por Teda), pp. 127-146.
- [FRA] Obra poética ou obras? (por Francisca), pp. 147-171.
- [MO4] Notas paranaenses (por Mário), pp. 173-202.
- [JP9] Porta de vaivém (por João Paulo), pp. 203-300.
- [LS3] Notas de convivência (por Lúcio Sobaina), pp. 301-653.<sup>287</sup>
- [EC29] Escritos Completos, p. 656.
- [P58] REICHMANN, Ernani. *Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens*. Curitiba: [s. n.], 1981.<sup>288</sup>
- De “Angústia Subjugada”, p. 5.
- [FA1] Cartas a Clementino S. Puppi (1944-1962), pp. 7-167.
- [HF2] Post-Scriptum 55 (ao Hic Fuit) (1955), pp. 169-248.
- [HF3] Post-Scriptum 56 (ao Hic Fuit), pp. 249-359.
- [VCO] O vento, a chuva, os outros, etc. (1957), pp. 361-416.
- [VL6] O drama de Luciano (por v. d. Lubbe), pp. 417-451.
- [VN6] Tio doca (por van Neutgen), pp. 453-495.
- [SP10] Papéis de Sorte Peer, pp. 497-552.
- De “Intermezzo Lírico-Filosófico”, p. 553.
- [FS] Folhas soltas (1958-1962), pp. 555-572.
- De “Volta às Origens”, p. 573.
- [LP] Licença-Prêmio (1963), pp. 575-639.
- [AB] A abordagem (1963), pp. 641-674.

<sup>287</sup> [1] Cadernos ps, p. 336; [2] Notas incongruentes, p. 560; [3] Leituras paranaenses, p. 581; [4] O romance de Mateus, p. 607; [5] Nótulas ao 1º capítulo, p. 611. [6] Nótulas ao 2º capítulo, p. 618; [7] Nótulas ao 3º capítulo, p. 628; [8] A poética de J. M. Simões, p. 645.

<sup>288</sup> Cf. REICHMANN, Ernani. **Inéditos de Angústia Subjugada, Intermezzo Lírico-Filosófico e Volta às Origens**. Curitiba: [s. n.], 1981, p. 3: “Liminar: Era meu propósito realizar uma edição completa e definitiva das três primeiras séries de escritos, na forma indicada por Mário na ‘nota explicativa’ que se encontra no 3º caderno ECR (nb – no final da pg. 201 há um erro, pois ‘Licença-Prêmio’ encontra-se nestes ‘Inéditos’ e não em ‘Ilustração imprópria, terminal’). Como isso não é mais possível, resolvi fazer publicar os inéditos, ficando postergada a referida edição para mais tarde (ou, talvez para nunca mais). Estes inéditos pertencem ao tempo de ‘Angústia Subjugada’, ‘Intermezzo Lírico-Filosófico’ e ‘Volta às Origens’. Está a explicação que achei conveniente fornecer ao leitor que vem me acompanhando ao longo da experiência”.

- [OC] O candidato (1965), pp. 675-696.
- [EC] Ensaios do candidato (1965), pp. 697-727.
- [AE] A expectativa (1965), pp. 729-748.
- [EC30] Escritos Completos, p.751.
- [A59] REICHMANN, Ernani. *Cadernos PS II – 1982*. Curitiba: [s. n.], 1982.
- R (seu fim) e a consciência, p. 3.
- [JP10] Liminar (por João Paulo), p. 5.
- [JP11] Notas sobre a consciência (por JP), pp. 7-180.
- [MT5] Os papéis de Mateus, pp. 181-205.
- [LR7] A ficção de Ledoger, pp. 207-476.
- [JP12] As lendas sobre R (por JP), pp. 407-493.
- [JP13] Notas congluentes (por JP), pp. 495-504.
- [EC31] Escritos Completos, p. 507.
- [L60] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar I - 1983*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1983.
- [ER] NB, por Ernani Reichmann, pp. 3-5.
- [IGE] Introdução geral à experiência, pp. 9-11.
- [LPS] Leituras dos cadernos ps, pp. 13-137;
- [EC32] Escritos Completos, p. 139.
- [L61] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar II - 1984*. Curitiba: [s. n.], 1984.
- [ER] Liminar, por Ernani Reichmann, p. 3.
- [LA1] Leitura do: “Livro de L-A” - “(ensaio teórico-poético à maneira de)” - “Fantásia Metafísica”, pp. 5-121.<sup>289</sup>
- [L62] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar III - 1984*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1984.
- [ER] nb, por Ernani Reichmann, p. 3.
- [NB] nb, pp. 7-8.
- [RO1] Leitura de Rosalina, pp. 9-33.

---

<sup>289</sup> [1] nb, p. 7; [2] Um diálogo (parcial), p. 8; [3] Epígrafe (do "Livro de L-A"), p. 13; [4] A liminar (do "Livro de L-A"), p. 13; [5] nb, p. 14; [5] nb, p. 16; [6] Leitura do tempo, p. 25; [7] nb, p. 37; [8] Leitura de leituras, p. 38; [9] As notas de Rosalina (em extratos do sismar), p. 51; [10] Extratos do sismar, p. 57; [11] nb, p. 90.

- [NO] Leitura de Narciso, pp. 35-55.
- [NB] nb, pp. 57-64.
- [AO1] Leituras da vida e dos outros 1983, por Arlindo, pp. 65-147.<sup>290</sup>
- [EC33] Escritos Completos, pp. 149-161.
- [L63] e [L64] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar VIII / IX - 84*. Curitiba: [s. n.], 1984.
- [SS8] Ser e sismar VIII:
- [ER] Liminar, pp. 7-8.
- [LO2] Lector opacus (II), pp. 8-34.<sup>291</sup>
- [AO4] Pontopoética de Arlindo [1984], pp. 35-127.
- [SS9] Ser e sismar IX:
- [EP] Nietzsche / Nejar, p. 131.
- [JS1] Epílogo, por João Silvério, pp. 133-134.
- [ORI] O reconhecimento impossível, pp. 135-146.
- [RE] A resposta, pp. 147-159.
- [TTI] Três tentativas (impróprias), pp. 161-168.<sup>292</sup>
- [JS2] A morte de ER, por João Silvério, pp. 169-186.<sup>293</sup>
- [EL] Experiência de Leitor, pp. 187-191.
- [NEJ1] Nejariana (I), pp. 193-238.
- [LA2] Epílogo (L-A), p. 239.<sup>294</sup>

## 2. Escritos publicados post-mortem

[T65] KIERKEGAARD, Søren. *Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus / Søren Kierkegaard*. Tradução de: REICHAMNN, Ernani; VALLS, Alvaro. Petrópolis: Vozes, 1995.

- Apresentação, pp. 9-18.
- Prefácio, pp. 19-23.

<sup>290</sup> [1] nb (pelos Renascidos - Arlindo, Natal, 1983), p. 67; [2] Brunilda e o trágico, p. 71; [3] A leitura do ponto, p. 89; [4] Gabriel, o verdadeiro, p. 99; [5] Livro de Fantasma, p. 137.

<sup>291</sup> [1] nb, por ER, pp. 13; [Fragmentos do 2 ao 119], pp. 15-34.

<sup>292</sup> [1] 1ª tentativa, p. 163; [2] 2ª tentativa, p. 165; [3] 3ª tentativa, p. 166; [4] Nota final, p. 168.

<sup>293</sup> [1] nb, por João Silvério, p. 171; [2] no presente, p. 171; [Fragmentos do 3 ao 16], pp. 172-185; [17] nb, p. 185; [18] Plavras finais, por L-A, p. 186.

<sup>294</sup> “NOTA – Esta série (‘Ser e sismar’) compõe-se de nove cadernos. O primeiro foi publicado em 1983. O segundo e o terceiro encontram-se no prelo. Os demais (IV, V, VI e VII) aguardam a sua vez.”

- Proposito, p. 25.
- Capítulo I - Experimento teórico, pp. 27-41.<sup>295</sup>
- Capítulo II - O Deus como mestre e salvador - Um ensaio poético, pp. 43-58.
- Capítulo III - O paradoxo absoluto - Um capricho metafísico, pp. 59-71.
- Apêndice - O escândalo provocado pelo paradoxo - Uma ilusão acústica, pp. 72-78.
- Capítulo IV - A situação do discípulo contemporâneo, pp. 79-97.
- Interlúdio - O passado é mais necessário do que o futuro?, pp. 99-121.<sup>296</sup>
- Capítulo V - O discípulo de segunda mão, pp. 123-148.<sup>297</sup>
- Moral da história, p. 149.

[L66] e [L67] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar IV / V*. Curitiba: Scientia et Labor - Editora da UFPR, 1989.

[SS4] Ser e sismar IV:

- [ER] nb, por Ernani Reichmann [1984], p. 3.
- [RO2] Leitura de “Ilustração...”, por Rosalina, pp. 5-25.
- [SA] Leitura de Sibila, pp. 27-51.
- [AO3] Leitura de “O único e o agreste”, por Arlindo, pp. 53-81.
- [JS3] Ofício de trevas, por João Silvério, pp. 83-131.
- [AC] As cartas, pp. 133- 141.

[SS5] Ser e sismar V:

- [ER] nb, por Ernani Reichmann, p. 145.
- [OV] Imagem especular, por Ovídio, pp. 147-284.

[EC34] Escritos Completos, pp. 285-292.

[L68] e [L69] REICHMANN, Ernani. *Ser e sismar VI / VII - 1984*. Curitiba: Artes e Textos, 2006.

[SS6] Ser e sismar VI:

- [ER] nb, por, Ernani Reichmann, p. 9.
- ER, este ser de ficção

<sup>295</sup> [1] A, p. 27; [2] B, p. 31; [3] a) O estado anterior, p. 31; [4] b) O mestre, p. 32; [5] c) O discípulo, p. 37.

<sup>296</sup> [1] ou O possível, ao se tornar real, tornou-se por isso mais necessário do que era?, p. 99; [2] 1. Devir, p. 101; [3] 2. O histórico, p. 104; [4] 3. O passado, p. 107; [5] 4. A concepção do passado, p. 109; [6] Anexo - Aplicação, p. 119.

<sup>297</sup> [1] "Meu caro leitor!, p. 123; [2] § 1. A categoria do discípulo de segunda mão em suas diferenças intrínsecas, p. 124; [3] a) A primeira geração de discípulos secundários, p. 126; [4] b) A última geração, p. 128; [5] c) Comparação, p. 133; [6] § 2. A questão do discípulo de segunda mão, p. 134.

- [SF1] Nas Cartas, pp. 13-49.<sup>298</sup>
- [SF2] Nos salvados, pp. 51-113.
- [SF3] Nas críticas, pp. 115-141.<sup>299</sup>
- [AO4] Epílogo, por Arlindo, p. 143.
- [SS7] Ser e sismar VII:
- Cartas de Natal
- [LO1] Lector Opacus (I), p. 149-172.<sup>300</sup>
- [AO1] Pontopoética I (no passado), pp. 173-250.<sup>301</sup> (Diário de 1967).
- [AO2] Pontopoética II (no passado), pp. 251-263.<sup>302</sup>
- [AO3] Pontopoética III (no presente), pp. 265-269.<sup>303</sup>
- [L70] REICHMANN, Ernani. *Cadernos PS III - v. 1 - 82/83*. Curitiba: Artes e Textos, 2006.
- [JP11] NB, por João Paulo, pp. 7-8.
- 1ª parte ps (ficção poética), p. 9.
- [JS4] Epílogo, por João Silvério de França [1983], pp. 11-12.
- A póstuma de João Paulo
- [HSD] O homem, um sonho de Deus, pp. 15-36.
- [CL] Carta ao leitor, pp. 37-50.
- [AST] Andanças no sem-tempo, pp. 51-66.
- [NS] Notas soltas, pp. 67-102.

---

<sup>298</sup> [1] Soneto ao Ernani Reichmann, de Nelson Luz (16.10.71), p. 15; [2] De Mauri Furtado, p. 17; [3] De Raul Rodrigues Gomes, p. 17; [4] De Milton Carneiro, p. 18; [5] De Swami Vivekananda, p. 22; [6] De Ubaldo Puppi, p. 23; [7] De Bruno Reverberi, p. 24; [8] De Rodrigo Magalhães, p. 25; [9] De Oswaldo Cabral, p. 26; [10] De Fernando Marcondes de Matos, p. 26; [11] De Nelson Ferreira da Luz, p. 27; [12] De Jurandir Pereira, p. 37; [13] De Kuniharu Iwashita, p. 38; [14] De Newton Carneiro da Costa, p. 38; [15] De Adgar Bittencourt, p. 39; [16] De Anatole Trochimczuk, p. 39; [17] De Isanto Donatz Ribeiro da Silva, p. 40; [18] De Gladstone Mársico, p. 41; [19] De Henry Joergensen, p. 42; [20] De Martin Lu, p. 42; [21] De John Martin, p. 44; [22] De Sérgio Macagnini, p. 45; [23] De Pe. Stanislas Ladusâns, p. 45; [24] De Itálico Marcon, p. 46; [25] De Osvaldo Riedel (para o poeta JMS), p. 47.

<sup>299</sup> [1] De Octavio de Faria ("Testemunhos sobre Ernani Reichmann"), p. 116; [2] De Octavio de Faria (Reichmann e "A noite do absoluto"), p. 118; [3] De Brunilda Reichmann (sobre "O trágico de Octavio de Faria"), p. 121; [4] De Temístocles Linhares ("Um leitor de si mesmo"), p. 136.

<sup>300</sup> [1] Liminar, p. 151; [2] nb, p. 153; [3] 1ª carta, p. 154; [4] 2ª carta, p. 156; [5] 3ª carta, p. 156; [6] nb, p. 158; [7] 4ª carta, p. 159; [8] 5ª carta, p. 160; [9] 6ª carta, p. 162; [10] 7ª carta, p. 162; [11] 8ª carta, p. 164; [12] 9ª carta, p. 165; [13] 10ª carta, p. 166; [14] 11ª carta, p. 166; [15] 12ª carta, p. 167; [16] 13ª carta, p. 167; [17] 14ª carta, p. 168; [18] 15ª carta, p. 169; [19] 16ª carta, p. 169; [20] 17ª carta, p. 170; [21] 18ª carta, p. 170; [22] 19ª carta, p. 171; [23] 20ª carta, p. 171; [24] 21ª carta, p. 172.

<sup>301</sup> Diário de janeiro à dezembro de 1967, anotações dia a dia, entrecortadas por "nb" de Arlindo.

<sup>302</sup> [1] nb, p. 253; [2] O ridículo, p. 255; [3] nb, p. 256; [4] Cartas de Natal: 22ª carta, p. 257; [5] 23ª carta, p. 257; [6] 24ª carta, p. 257; [7] 25ª carta, p. 258; [8] 26ª carta, p. 258; [9] 27ª carta, p. 259; [10] 28ª carta, p. 259; [11] 29ª carta, p. 260; [12] 30ª carta, p. 261; [13] 31ª carta, p. 261; [14] 32ª carta, p. 261; [15] 33ª carta, p. 261; [16] 34ª carta, p. 262; [17] 35ª carta, p. 262; [18] 36ª carta, p. 262; [19] 37ª carta, p. 263; [19] 38ª carta, p. 263.

<sup>303</sup> [1] nb, p. 267; [2] 1984, p. 268; [3] nb, p. 269.

[RL] Reflexões lógicas, pp. 103-144.

[JS5] Depoimentos de João Silvério de França, o caseiro, pp. 145-176.<sup>304</sup>

– 2ª parte - Ofício de Caseiro, p. 177.

[JS6] NB, por João Silvério de França [1982], p. 179.

[PDF] Prática dos Fragmentos, pp. 181-270.

[EDL] Exercícios de levitação, pp. 271-338.

[L71] REICHMANN, Ernani. *Cadernos PS III - v. 2 - 82/83*. Curitiba: Artes e Textos, 2006.

– 3ª parte - Carrossel de fragmentos, p. 7.

[JS7] Um diálogo com JS, pp. 11-23.

[CF] Carrossel de fragmentos 25-40.

[INT] Intermédio, pp. 41-290.

[JS8] Anexos - Monólogos de João Silvério, pp. 291-424.<sup>305</sup>

[AL72] REICHMANN, Ernani. *Projeto de Salvação*. Curitiba: Artes e Textos, 2006.

[PDS1] Cartas de 1971 (agosto a dezembro), pp. 13-38.

[PDS2] Cartas de 1972, pp. 39-105.

[PDS3] Cartas de 1973, pp. 107-247.

[PDS4] Cartas de 1974, pp. 249-427.

[PDS5] Cartas de 1975, pp. 429-496.

[PDS6] Cartas de 1976, pp. 499-586.

[PDS7] Cartas de 1977, pp. 589-613.

[PDS8] Cartas de 1978 (janeiro a junho), pp. 615-623.

[PDS9] Fotos, pp. 625-661.

[PDS10] Fotografias da família Reichmann.

[L73] REICHMANN, Ernani. *A passagem*. Curitiba: Artes e Textos, 2006.

– A passagem I, p. 7.<sup>306</sup>

[DE] H.-B. Vergote, p. 9.

[LA3] nb, por L-A, p. 11.

---

<sup>304</sup> [1] 1º depoimento, p. 147; [2] 2º depoimento, p. 153; [3] 3º depoimento, p. 158; [4] 4º depoimento, p. 161; [5] 5º depoimento, p. 164; [6] 6º depoimento, p. 168; [7] Prólogo, p. 175.

<sup>305</sup> [1] NB, p. 293; [2] Loucura de R, minha loucura, p. 295; [3] Sacola de viagem, p. 345; [4] A dependência (fragmentos de memória), p. 365; [5] O pasticho, p. 385; [6] Evoé Chetecatuay, 401; [7] [Brunilda, p. 423.

<sup>306</sup> [1] nb, p. 11; [2] a), p. 15; [3] b), p. 21; [4] Notas soltas, p. 61; [5] c), p. 165.



- [EP] Valéry, p. 13.
- a)
- [AV] “A vida de um poeta..., p. 17-19.
- b)
- [CC] “Constantin Constantius..., pp. 23-60.
- [NS] Notas soltas, pp. 61-163.
- c)
- [HMF] “O homem que matou a ficção..., pp. 167-169.
- [IN] Interlúdio, pp. 171-181.<sup>307</sup>
- A passagem II, p. 183.
- [LA4] nb, por L-A [1984], p. 185.
- [EP] G. Malantschuk, p. 187.
- [CA] “Céu azul, frio seco e agradável, pp. 189-214.
- [DI] Diário, pp. 215-238.
- [AR] A repetição, pp. 239-257.
- [FIM (?) de uma experiência.], p. 259.
- [A44, b] REICHMANN, Ernani. *A noite do absoluto*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2018. (Desenho da capa: Visca).
- Prefácio, por Guido Viaro, pp. 7-14.
- [LNP, b] O pressuposto, por van der Lubbe, van Neutgen e Sorte Peer, pp. 15-37.
- [LIV1, b] 1º livro, pp. 39-181.<sup>308</sup>
- [LIV2, b] 2º livro, pp. 183-315.<sup>309</sup>
- [LIV3, b] 3º livro, pp. 317-437.<sup>310</sup>
- [DP, b] A denúncia da palavra, pp. 439-453.

---

<sup>307</sup> [1] nb, por L-A, p. 173; [2] Epígrafe] Platão, p. 175; [3] maio, 2, p. 177.

<sup>308</sup> [1] A transparência, por van der Lubbe, p. 41; [2] A cruz e a mulher, por Sorte Peer, p. 61; [3] Jogos da solução de continuidade (1º jogo), por van Neutgen, p. 81; [4] O pecado em tempo maduro, por van der Lubbe, p. 95; [5] O subterfúgio, por Sorte Peer, p. 111; [6] Jogos da solução de continuidade (2º jogo), por van Neutgen, p. 131; [7] Imitação impossível, por van der Lubbe, p. 143; [8] A descoberta, por Sorte Peer, p. 157; [9] Jogos da solução de continuidade (3º jogo), p. 175.

<sup>309</sup> [1] Tango da salvação, por Sorte Peer, p. 185; [2] Jogos da solução de continuidade (4º jogo), por van Neutgen, p. 239; [3] Na escola do impossível, por van der Lubbe, p. 287.

<sup>310</sup> [1] O desventurado, por Sorte Peer, p. 319; [2] Apontamentos sobre os personagens, à luz dos estádios kierkegaardianos, por Henrique Stirner, p. 395; [3] Jogo da solução de continuidade (5º jogo), p. 413; [4] As frestas, por van der Lubbe, p. 427.

### 3. Títulos não publicados

[IC] Isaac – romance (cf. EC01).

[OEK] O enigma Kierkegaard (cf. EC01).

[EB3] Esboço Biográfico: Enten/Eller (cf. EC03).

[JC] Johannes Climacus ou o problema das fontes para o estudo da biografia de Kierkegaard (cf. EC03).

[CKH] A concepção kierkegaardiana do homem (cf. EC03).

[LL] Lições de Leitgeb 2º, não kierkegaardiano (cf. EC04).

[CLN] Crise e limites – notas de ensaio (cf. EC04).

[KSB] Kierkegaard e o sentido da biografia (cf. EC04).

### 4. Traduções referidas, sem localização conhecida

[DK] Diário, 1835-A (aguarda direitos, em colaboração com O. Hecke e J. Bomskow).

[OCI] KIERKEGAARD, Soeren. **O conceito de ironia**. Curitiba: [s. n.], [s. a.].

[IMF] THULSTRUP, Niels. **Introdução a “Migalhas Filosóficas”**. Curitiba: [s. n.], [s. a.].

### 5. Obras organizadas e editadas

CARNEIRO, Milton. **Procissão de Eus**. Curitiba: Edições ER, 1961.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Perfis**. Curitiba: Edições ER, 1960.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Itinerário**. Curitiba: Edições ER, 1961.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Mensagens da América**. Curitiba: Edições ER, 1961.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Message from America**. Curitiba: Edições ER, 1962.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Tinguís**. Curitiba: Edições ER, 1968.

ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. **Ensaaios**. Curitiba: Edições ER, 1969.

## Apêndice B – Parceiros de Experiência Ernani Corrêa Reichmann

Experiência	Volta às	Experiência	Projeto de	Experiência	MANIFESTAÇÕES	Grupo	Grupo de Passo	Grupo de	Ponto-Ser	Grupo do Sítio
				X	Agenor					X
		X			André				X	
		X		X	Arlindo		X			
				X	Diana			X	X	
X					ER (Ernani Reichmann [?])					
X	X	X	X	X	<b>Ernani Reichmann</b>	X	X	X	X	X
				X	Eudóxia				X	
				X	Francisco			X	X	
		X			Henrique Stirner					
		X			Ivan Rebal					
		X		X	João Paulo		X		X	
				X	José			X	X	
		X			JR (Joaquim Reichmann [?])					
				X	L-A (Leitor-Anônimo)					
				X	Ledoger					X
		X			Lúcio Sobaina					
		X		X	Manuel		X		X	
				X	Maria			X	X	
				X	Mário			X	X	
				X	Mateus					X
		X			Miguel				X	
		X		X	Narciso		X			
		X		X	Ovídio		X			
		X			R (Reichmann [?])					
		X		X	Rosalina		X			
		X		X	Sibila		X			
X		X			Sorte Peer	X				X
				X	Teda			X	X	
X		X			Van Der Lubbe	X				X
X		X			Van Neutgen	X				X
				X	Vicente					X
				X	Virgolino				X	
				X	Zazá					X

### Apêndice C – Cadernos van der Lubbe

Cadernos (Ordem de publicação) [Ordem em que foram escritos]	Pórtico / Paratexto		Tema do Texto
	Peritexto	Epitexto	
(1) / [3] Firmino e Elvira - 1953	- Epígrafe: Kierkegaard - Advertência (do editor – Sorte Peer). - Notas de Sorte Peer	- Carta do amigo de Van der Lubbe (desconhecido). - Duas cartas de Van Neutgen (com uma introdução, editadas e com ressalvas de Sorte Peer).	A repetição
(2) / [2] Ernesto, o progresso e o nada - 1953	- Epígrafe: Kierkegaard - Epígrafe do Editor: François Villon (com nota de Sorte Peer)	- Incisos Pneumatológicos (assinados pelo Editor).	Lembranças
(3) / [4] O padre Miguel	- Epígrafe: Kierkegaard	- Nota do impressor: “Este caderno foi impresso nas oficinas da Mecograf Ltda., para o sr. Sorte Peer, datilógrafo”, Curitiba 1954.	Dialética do possível e do necessário
(4) / [1] Jules	- Epígrafe: Kierkegaard - Epígrafe: Goethe	- Notas excusas (de Sorte Peer)	Poemas e Poesias
(5) / [5] O casamento de Genoveva	- Epígrafe: Kierkegaard - Epígrafe: Carta aos Romanos 3.20 - Epígrafes do Editor: [1] Friedrich Hebbel, Genoveva; [2] Charles Péguy, Sainte Geneviève; [3] André Gide, Geneviève (com nota de Sorte Peer)	- Tábua de publicações (com nota do Editor)	Tragédia e o herói trágico
(6) / [6] O drama de Luciano	- Epígrafe: Kierkegaard - Epígrafe: Mateus 10.17 + nota de Sorte Peer	- Continuação de Sorte Peer + epígrafe de Kierkegaard. - Continuação de E. R. + epígrafe de P. J. Gaume, Manual dos Confessores. - Continuação de Van Neutgen + epígrafe de Lucio Cardoso	O caderno se “transforma” (Sorte Peer descaradamente toma o livro como seu, transforma-o em um romance o seu Isaac).
(7) / [7]. Pierino	- Epígrafe: Carta aos Romanos 13.11 - Epígrafe: Kierkegaard, Diário, 1835 - Epígrafe: Octávio de Faria, Três tragédias à sombra da cruz, Cena IV - Epígrafe: Clementino Schiavon Puppi, cartas	- Carta de Van Neutgen (Editada, com ressalvas e com PS de Sorte Peer).	O desespero

## Apêndice D – Resumo dos Documentos Funcionais de Ernani Reichmann

Resumo de alguns documentos históricos que compõe a pasta funcional 389, de Ernani Reichmann, da UFPR. Documentos em posse do Departamento de Administração de Pessoal, DAP / PROGEPE-UFPR. Consultados e escaneados parcialmente, de 20 a 21/07/2015. Autorizados pela Diretora Maria Antônia de Quadros e, acessorados pela Secretária Ana Paula Azzio. O protocolo foi aberto em 16/07, através do Processo 23075.086028/2015-42 (às 14:16), pela Professora Roseli Terezinha Boschilia.

Período	Ocorrência
1941-1945	<b>Bacharel em Direito</b> pela Universidade do Paraná, em 19 de dezembro de 1945. Registrado sob o número 3.768, no Ministério da Educação e Saúde, registrado em 24 de fevereiro de 1946.
	<b>Bacharel em Ciências Econômicas</b> pela Universidade do Paraná, registrado sob número 74, Livro A F 2 – folha 3, em 5 de abril de 1945.
1952	<p>Em 17 de março de 1952 o então diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, o Sr. Ulysses Campos, propõe a nomeação de Ernani Reichmann para o cargo de professor instrutor da cadeira de Comércio Internacional e Câmbio, da 3ª série do curso de ciências econômicas.</p> <p>Em 28 de abril de 1952 um documento registra que Ernani é admitido na referida cadeira, sob a matrícula nº 939 407. É publicada a portaria nº 259/52 no diário oficial de 18/05/1953, decreto 30.738/52, art. 69.</p> <p>Flávio Suplicy de Lacerda assina a portaria 259/52 que contrata Ernani, em 06 de agosto de 1953.</p>
1953	<p>Em 21 de Janeiro de 1953, através do ofício 06/53 o Prof. Ulysses de Campos, propõe a nomeação de ER para <i>professor interino da cadeira de Comércio Internacional e Câmbios</i>, durante o período de seu exercício na função de diretor da FCE.</p> <p>Publica a Portaria 328, de 16 de março de 1953 que, resolve designar o instrutor ER para o exercício interino da cadeira de Comércio Internacional e Câmbios.”</p> <p>Em resposta, a portaria 232/53 de 19 de março, o Reitor assina a designação de ER como solicitado pelo Prof. Ulysses.</p> <p>Documento de 06 de agosto de 1953, indica que vigora a designação de ER pela portaria 326/53.</p> <p>Sai em 30 de abril de 1954 a portaria 351/54 que concede a dispensa de ER da função de instrutor (TNEMUP); e, torna sem efeito a portaria nº 328 de 16/03/53, que designou o referido para o exercício interino da mesma cadeira.</p> <p>Na portaria 556, de 30 de Abril resolve tornar sem efeito a portaria nº 328.</p>
1954	Em 05 de março de 1954 o Reitor assinou o despacho 27/02/1954 que concede salário família a ER.
1954	<p>Em 18 de março de 1954 Chafic Cury, Secretário de Estado do governo Bento Munhoz da Rocha, declara que: “Ernani Reichmann, assistente desta secretaria, tem a seu cargo o exame dos assuntos referentes às finanças públicas e todos os outros que com elas se relacionam.</p> <p>Diante disso, elabora o orçamento e prestação de contas, deste órgão; procede ao exame dos orçamentos e balanços das Fundações; dá parecer no decorrer dos processos de confecção do orçamento geral do Estado e na final prestação de contas. Os créditos especiais, que surgem nos diferentes títulos da execução financeira do Estado, têm o seu pronunciamento.”</p> <p>Em 25 de março é designada uma comissão de ensino para avaliar o processo, cujo relator foi o Conselheiro Prof. Ulysses Campos, como Presidente o Prof. Octavio da Silveira e como membro Brasil P. Machado.</p>

	Em um despacho de 03 de maio, relata que em 9 de abril o Conselho Universitário resolveu por unanimidade de votos, aprovar “o parecer oral do Conselheiro Relator que opinou no sentido de ter o Reitor autorizado a lavrar o contrato como professor, padrão O, correndo a despesa pelo fundo especial da Universidade.”
<b>1955</b>	Contrato acumulativo de 01/01 a 31/12/1955: Cadeira de Estrutura e Análise de Balanços – Universidade do Paraná Assessor Técnico do Palácio do Governo do Estado do Paraná.
<b>1956</b>	Ulysses de Campos comunica o Reitor do concurso para professor catedrático pelo of. 264/56 de 04 de outubro de 1956. Que foi realizado em 12 de novembro de 1956 e cuja banca examinadora era composta pelos professores: Osório da Rocha Diniz, Sebastião Gomes de Campos, Antonio Dias Leite Junior, Edgard Chalbaud Sampaio e Osvaldo Pillotto. Todos os professores da Faculdade de Ciências Econômicas.  É solicitado ao Reitor a renovação do contrato de ER, em 22 de dezembro de 1956, of. 323/56, até que seja nomeado para o cargo de catedrático. Para a regência da cadeira de Estrutura e Análise de Balanços, da 2ª série.
<b>1957</b>	O Prof. Ulysses de Campos envia o Of. 1/57 e 03 de janeiro de 1957, para o Reitor, que comunica “o relatório do concurso para professor catedrático, prestado pelo professor Ernani Corrêa Reichmann, para provimento da cadeira de ‘Estrutura das organizações econômicas’, 2ª série concurso desta Faculdade, a fim de ser submetido à apreciação do Conselho Universitário. Outrossim, uma vez aprovado esse relatório, solicito a V. Magnificência, seja proposta a nomeação efetiva daquele professor para a regência da aludida cadeira.”  Em 30 de janeiro o Conselho Universitário aprova o Relatório Oral realizado pelo Prof. Arnaldo I. Beckert.  No of. Nº 344/57 de 01 de abril, encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura, Prof. Clóvis Salgado (Rio de Janeiro), solicita a nomeação de ER para a referida cadeira e a exoneração de seu predecessor, Prof. Francisco Jejuhy Affonso da Costa. Na continuação do documento o Reitor ainda informa que ER exerce o cargo técnico de “Coordenador Econômico-Financeiro” da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná.  Publicação no Diário Oficial, seção 01, de 14 de junho de 1957.  Publicação no Diário Oficial, seção 01, de 17 de janeiro de 1958: nomeação de “Ernani Corrêa Reichmann, ocupante do cargo de Coordenador Econômico-Financeiro, da secretaria da Fazenda do Estado do Paraná, para exercer, cumulativamente, o cargo de Professor Catedrático, padrão O, da cadeira de Estrutura das Organizações Econômicas, Universidade do Paraná, do Quadro Permanente do Ministério da educação e Cultura, vago em virtude da exoneração de Francisco Jejuhy Affonso da Costa.”  Tomou posse no dia 15 de fevereiro de 1958.
<b>1959</b>	Em 28 de fevereiro de 1959, com publicação no Diário Oficial, O Reitor autoriza o afastamento de Ernani do país, por 10 meses, a fim de realizar estágio na Universidade de Copenhague. Período da Licença: 01/03 a 16/11/1959.
<b>1960</b>	Através da portaria 1353/60, de 07 de junho de 1960, designa ER para o ano presente para a cadeira de Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola, da 2ª série do curso de Ciências Contábeis.
<b>1961</b>	Em 29 de fevereiro de 1961, Ulysses de Campos propõe a designação de Professor Ernani Reichmann para lecionar a cadeira de Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola”, da 2ª série do curso de ciências contábeis.  Em 01 de março o DP informa que ER é, “professor catedrático da cadeira de ‘Estrutura das Organizações Econômicas’, da Faculdade de Ciências Econômicas. Pegou no ano letivo de 1960, em substituição e com gratificação mensal de Cr\$

	<p>6.000,00, a cadeira para a qual é atualmente proposto.” Lê-se ainda: “A cadeira está vaga e consta do currículo da Faculdade.”</p> <p>Em 03 de março lê-se também no documento: “A cadeira de ‘Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola’ está enquadrada no número previsto na Lei nº 254/50.”</p> <p>Na portaria 1540/61, dia 04 de março o Reitor Flávio Suplicy de Lacerda designa ER para reger, no corrente ano letivo, a cadeira de Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola – Organização e Contabilidade de Seguros”, do curso de ciências contábeis da Universidade do Paraná no ano 1961.</p> <p>Em 15 de maio sai a Portaria 1553/61. Nela o Vice-Reitor Alceu Ribeiro de Macedo com base no processo nº 2070/61, revoga o decreto que nomeia ER da cadeira de Organização e Contabilidade Industrial e Agrícola – Organização e Contabilidade de Seguros.</p>
<b>1962</b>	<p>Governo do Rio Grande do Sul, solicita que ER seja colocado a disposição.</p> <p>Transcrevo a carta G/8 de 31 de janeiro de 1962, do então Governador do Rio Grande do Sul, Eng. Leonel Brizola ao Reitor da Universidade do Paraná Flávio Suplicy de Lacerda; nela podemos ler o pedido:</p> <p>“Tenho a honra de comunicar a Vossa Magnificência, na qualidade de Presidente do Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul, instalado a 22 de dezembro último nesta Capital, do qual participam os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que designei o Professor Ernani Corrêa Reichmann para exercer as funções de Secretário-Executivo do mesmo Conselho.</p> <p>Solicito, por conseguinte, a Vossa Magnificência que, ouvida a Faculdade de Ciências Econômicas dessa Universidade, seja esse professor colocado a disposição do mesmo Conselho, sem prejuízo dos vencimentos e vantagens de sua cátedra, nessa Universidade.” [...] Assina Leonel Brizola.</p> <p>Ulysses de Campos no Ofício 79/62, de 13 de abril de 1962, relata ao Reitor que: “... O processo nº1207/62, em que o Sr. Governador Leonel Brizola solicitou que o Prof. Ernani Corrêa Reichmann fosse colocado à disposição do Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul, para exercer a função de Secretário-Executivo do mesmo Conselho.</p> <p>Submetido à apreciação da Congregação desta Faculdade, em sessão de 6 do corrente, resolveu ela, sem divergência de votos, autorizar o afastamento deste professor, sem prejuízo dos vencimentos e vantagens de sua carreira.</p> <p>Resolvendo V. Magnificência atender o pedido acima mencionado, a substituição será feita sem aumento de despesas, atendendo-se, desse modo, o despacho exarado por V. Magnificência no aludido processo.”</p> <p>Flávio Suplicy de Lacerda acolhe o pedido e, dá retorno através do Ofício 1141/62 de 16 de abril de 1962, para Ulysses de Campos, onde se lê que foi assinado o despacho que autoriza o afastamento, sem prejuízo, para ER possa assumir o cargo designado. E, do Ofício 1226/62 de 25 de abril de 1962, para o Governador Leonel Brizola, avisa que assinou os despacho que coloca ER a disposição da CODESUL.</p>
<b>1968</b>	Professor Titular desde 29 de novembro de 1968.
<b>1970</b>	<p>Em 05 de maio de 1970, Alceu Ribeiro de Macedo pelo of. 102/70, comunica o Reitor que baixou a portaria 2/70 que designa ER para “coordenar e prelecionar” a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros, designação ratificada pela Congregação em sessão realizada no dia 24. E ainda comunica que “o professor Ernani Reichmann está lecionando a disciplina desde o dia 01 de abril para as últimas séries dos cursos de ciências econômicas, períodos diurno e noturno, de ciências contábeis e de administração, com um total de 137 alunos, motivo pelo qual, solicito ... [que] seja concedida uma gratificação especial ao mencionado professor.”</p> <p>Licença Prêmio de 15/08 a 14/11/1970 (fixado pelo Reitor).</p>

<b>1971</b>	<p>Licença Médica de 22/03 a 19/06/1971.</p> <p>ER solicita em 30/07/1971 o período de Licença Prêmio de 01/08 a 30/10. Liberada Licença Especial de 15/08 a 14/11/1971.</p>
<b>1976</b>	<p>Of. 27/76 de 07 de janeiro de 1976, Nele o Reitor Theodócio Jorge Atherino solicita ao Governador Jayme Canet Júnior, que ER lotado na Casa Civil continue à disposição da UFPR, desse Reitor na condição de Assessor, sem prejuízo de seus vencimentos e vantagens.</p> <p>No of. 34/76 de 28 de janeiro, o Governador Jayme autoriza a permanência de ER até 31 de dezembro de 1976 à disposição da UFPR.</p>
<b>1977</b>	<p>ER se afasta em três períodos por condições desfavoráveis de saúde: 90 dias de 29/01 a 28/04; 180 dias de 29/04 a 25/10; e, 67 dias de 26/10 a 31/12.</p> <p>Sob a alegação de Dores precordiais, falta de ar, astenia aos pequenos esforços. Doença do ap. circulatório: CID/65 - 410</p>
<b>1978</b>	<p>No of. 1043/77 de 21 de dezembro de 1977, o Reitor Ocyron Cunha solicita ao Governador Jayme Canet Júnior que ER possa continuar a disposição da UFPR, onde presta serviços na Reitoria.</p> <p>Em of. 265/78 de 08 de fevereiro de 1978, Armando Queiroz de Moraes, em nome do Governador, autoriza ER a ficar a serviço da UFPR até 31 de dezembro daquele ano.</p>
<b>1981</b>	<p>Em 26 de junho de 1981, ER escreve solicitação ao Reitor Prof. Ocyron Cunha: “Ernani C. Reichmann, professor titular, lotado no Departamento de Ciências Econômicas, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, e à disposição do Gabinete do Reitor, no regime de 40 horas, vem requerer a concessão de dedicação exclusiva, com a finalidade de concluir trabalhos encomendados pela Editora da Universidade Federal do Paraná.”</p>
<b>1982</b>	Aposentadoria em 25 de fevereiro de 1982.
<b>1984</b>	<p>Falecimento no dia 10 de junho de 1984.</p> <p>O Reitor Alcy Joaquim Ramalho, através da portaria 2330/84, de 11 de janeiro de 1984, decreta luto oficial por 3 dias em todos os setores e unidades da UFPR</p>



## ANEXOS

### Anexo A – Discurso Parlamentar, 1949<sup>311</sup>

Discurso do deputado Ernani Corrêa Reichmann, dando conhecimento de sua orientação política e filosófica

O SR. PRESIDENTE — Prosseguindo na ordem de inscrição tem a palavra o senhor deputado Ernani Correia Reichmann.

O SR. ERNANI CORRÊA REICHMANN — Lê o seguinte discurso:

— Sr. Presidente. Srs. deputados. Há muito, muito tempo, ainda “na aurora da minha vida”, na expressão feliz do poeta, não sei por que, eu me pus a sonhar. Era um sonho ingênuo de um menino de aldeia, de um coloninho de Erechim, que não podia ou vir marchas militares sem imaginar-se herói de uma façanha. Esta façanha consistia unicamente em partir ou em chegar como um personagem de lenda, enquanto uma banda de música executasse para mim, só para mim, o Cisne Branco de Antonio Manoel do Espírito Santo.

Quando me lembrei sábado último, que entraria nesta Casa, senti ressurgir o velho sonho do menino e quase solicitei ao sr. Presidente uma banda de música, mesmo a pequenina “furiosa” que foi a alegria de meus oito anos, a fim de realizar, de uma vez, o sonho do menino que acaba de prestar o sagrado juramento que nos confirma no exercício do mandato. Peço a benevolência dos nobres colegas para meu primeiro trabalho nesta Câmara.

Peço também, que perdoem minha falta de experiência parlamentar e a exposição rude de meu pensamento, em matéria complexa e difícil como essa de que tratei, quando se quer dar urna feição pessoal à compreensão do fenômeno político-doutrinário.

Em 1930, criança de dez anos apenas, tive o primeiro contato com uma doutrina política. Enquanto um trem de forças aguardava, na estação de Erechim, o sinal de partida para a longa viagem em demanda da frente paulista, um soldado distribuiu, às pessoas presentes, um grande número de folhetins comunistas.

---

<sup>311</sup> REICHMANN, Ernani. Discurso do deputado Ernani Corrêa Reichmann, dando conhecimento de sua orientação política e filosófica (1949). In: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Anais da Assembléia Legislativa*, vol. XXIII – Abril-Maio de 1949. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda, 1952, pp. 979-982.

Ouvi a leitura de coisas para mim ainda incompreensíveis mas os comentários que se fizeram sobre “aquele assunto” esses não os esqueci e não os esquecerei já mais.

A Revolução seria vitoriosa pouco tempo depois e tudo o que viram meus olhos angustiados e tudo o que ouvira por obra do acaso, esse misterioso procurador de Deus, tudo ficaria perdido ao longo da adolescência. Mas, os comentários que se fizeram sobre “aquele assunto” haveriam de permanecer vivos como sempre e confundir-se-iam às vezes, até com a própria lembrança da Revolução.

Se narro estes fatos é porque desejo, com toda sinceridade, tornar minha colaboração a mais eficiente possível não só no ponto de vista da prática-legislativa mas também político-doutrinária. ||979||

Cinco anos depois, em 1935, li, pela primeira vez, um livro de doutrina integralista. Não me foi possível apreender o significado de suas páginas pois muitas outras coisas me preocupavam então. Convidado no entanto para fazer parte dos escoteiros integralistas aceitei o convite. Nisso se resumiu minha atividade como “pliniano”. Nosso dirigente não voltou a aparecer. Só tivéramos uma reunião preparatória.

Como VV. Excias. podem perceber, isso aconteceu durante meus anos de estudo ginásial. Mais tarde a revolta religiosa ao lado da miséria que v ia rondando em toda parte, da falta de escrúpulo de algumas autoridades, das injustiças tremendas que se cometiam sob as vistas de homens que não tinham a mínima noção de culpabilidade quer política, moral ou metafísica, que torna uma comunidade inteira partícipe do mesmo crime, levou-me a refazer os comentários que ouvira em 1930.

Sofri durante meus primeiros anos de estudo universitário, inclinando-se minha simpatia por uma doutrina que permitia dar vazão à minha revolta. Revolta surda, terrível — como a fúria de elementos desencadeados.

Foi nessa época, porém, que encontrei a ideia cristã nas obras de Dostoievski, e a missão verdadeira do povo russo, no populismo do grande romancista. Graças a Deus, eu estava salvo, foi o que percebi em seguida. A Rússia salvando a Civilização Cristã, o povo russo trazendo a seus irmãos do ocidente uma nova fé: “somos irmãos, eis toda a verdade”. Minha revolta transformar-se-ia numa revolta profundamente criadora... A doutrina comunista não poderia sobreviver pois fora imposta ao povo russo pela força das armas e era esse o exemplo que nos mostravam os comunistas daqui esquecidos de que o povo russo é um povo cristão por excelência. Também não era uma doutrina que pudesse construir uma injustiça social, fundamentada em direitos e deveres com patíveis com a dignidade da pessoa humana.

Conseguirá vencer a crise espiritual: no Cristianismo fundamenta a minha concepção do homem e, no populismo, a vaga esperança, de chegar, um dia, a minorar o sofrimento do povo brasileiro, desse povo tão humilde, tão maltratado como o povo russo.

A guerra absorveu-me justamente quando descobria o existencialismo cristão de Kierkegaard trazido ao dia a dia dos temas filosóficos por Heidegger Jaspers em consonância perfeita com os desencantos e sofrimentos por que passou o homem europeu após a hecatombe de quatorze. Tudo isso fez por acentuar em meu espírito um sentimento de profunda solidariedade humana a aproximou-se cada vez mais do homem do povo, do homem que luta, do homem que sofre... Não vale a pena mencionar o existencialismo negativista de Sartre, não recebi sua influência, mas que tem, in felizmente, justificado os atos mais descabidos de mocinhos enfatiados e que os comunistas transformaram num bom prato. Basta ver na revista Problemas, número 14 de Outubro de 48, um artigo de G. Gak intitulado: *Existencialismo, uma corrente em moda da filosofia burguesa*.

Com a derrocada do governo do sr. Getúlio Vargas voltou-se a falar em democracia no Brasil. Eu, quase inconsciente da República até 1937, iria saber praticamente o que significa a palavra democracia, somente com a volta dos partidos à arena política em 45. (Não quero com isso fazer injustiça a alguns professores da faculdade de direito do Paraná, que pregavam, sempre que podiam, o ideal democrático... mas é que parecia faltar um pouco de calor, um pouco de convicção às suas palavras. Pareciam mesmo não acreditar no que diziam...). No entanto, ponderado nas resoluções que impliquem numa afirmação espiritual, depois de meditar longamente sobre as responsabilidades que cabem a cada um de nós (— como os nobres colegas devem saber, em última instância a responsabilidade ||980|| que cabe aos ministros de Estado acabam recaindo no polícia de rua, como bem diz Kierkegaard em seu pequeno trabalho sobre a tragédia grega: Antígona...) e sobre a culpabilidade que lhes corresponde, aceitei, por julgar mais acertadas, doutrina e programa do Partido de Representação Popular.

Para maior compreensão de VV. Excias dou aqui — em síntese — meu pensamento e experiência do modo seguinte:

1º - Educação cristã, recebida no lar, na escola, na Igreja e sua repercussão no meio social. Como muito bem escreve Berdiaeff: “a religião não é assunto de caráter privado”.

2º - Infiltração de um credo político mais cedo ou mais tarde, mormente por causa da falta de cuidado com que os mais velhos comentam assuntos que não deveriam ser comentados na presença dos mais moços. A criança tem uma visão fantástica das coisas que não pode compreender. Impressiona-a profundamente o modo pelo qual é conduzida a conversação.

3º - Desinteresse pelo fenômeno político quando chega a adolescência – trazendo consigo tantos problemas para serem resolvidos.

4º - Revolta religiosa que atinge a grande maioria, por motivos bons, justos, humanos, muitas vezes, outras por simples comodismo espiritual.

5º - Disponibilidade tendendo no sentido do sacrifício pelo povo, principalmente depois da descoberta do populismo de Dostoievski e do existencialismo cristão de Kierkegaard.

6º - Noção de responsabilidade e culpabilidade pelos atos praticados por todos os homens em todas as partes... sobre o assunto existe um belíssimo livro de Jaspers traduzido para o francês sob o título de “*La culpabilité allemande*” ...).

7º - E, finalmente, o encontro com a doutrina do Partido de Representação Popular, obra quase perfeita no complexo político-doutrinário nacional.

O que disse até agora, principalmente o exposto nesta síntese tão singela, mostra como, partindo de uma educação cristã recebida na infância e orientando-me num populismo criador, eu teria que chegar aonde cheguei sem que isso implique numa criação intelectual sem ressonâncias em meu espírito.

Penso que os nobres colegas já têm conhecimento da doutrina de meu Partido pelos discursos e debates em que tomou parte a ilustre bancada do P.R.P. nesta Casa, e — sem querer estender demasiadamente este trabalho de compreensão pessoal do fenômeno político-doutrinário, deixando para outra oportunidade o estudo da realidade econômica e social do Brasil e do Rio Grande, direi apenas duas palavras a mais com referências a três soluções divergentes nas relações do homem com o estado.

O populismo me pareceu sempre a “terceira solução”. O liberalismo que é a doutrina de “deixai fazer — deixai passar” e o socialismo que é a doutrina do “obrigai a fazer” — são as duas outras propaladas soluções. São as duas grandes doutrinas do excesso, sempre em luta. A primeira tudo permitindo ao homem e a segunda ao Estado. Não há evidentemente um equilíbrio que significaria o reconhecimento da dignidade — que me confere o espírito e de minha situação de indivíduo sujeito a contingências de outra ordem. Nem só indivíduo, nem só pessoa, nem tanto ao mar nem tanto a terra mas, isto sim, um todo integral, uma unidade perfeita de corpo e espírito. A compreensão do fenômeno social vem a ser, de tal forma, a resultante de nossa concepção do homem que, enquanto pessoa está fora e além do estado mas a ele sujeito como indivíduo submetido a necessidades materiais imediatas e inadiáveis. O estado que aceita a primeira delas estará, “*ipso facto*”, escravizado aos interesses particulares como escravizados estarão os cidadãos do estado que esposam a doutrina socialista. Mas o estado que aceita a

“terceira delas, ||981|| a ‘solução populista’, atenderá às duas condições por que se manifesta a natureza humana, ou seja, a dignidade da pessoa e a do indivíduo”.

Sr. Presidente.

Não poderia encerrar este trabalho sem manifestar a alegria que sinto ao assumir a cadeira de meu dedicado companheiro Carlos Maurício Werlang, permitindo-me assim o convívio desta Câmara que goza de tão elevado conceito em todo o Brasil. Posso afirma-lo com absoluta segurança pois nos lugares onde estive, além das fronteiras do Rio Grande, só ouvi encômios os mais sinceros e abalizados sobre a atividade desenvolvida pelos nobres representantes do povo gaúcho. Bons amigos encontros nesta Casa e seria demorado mencionar seus nomes ilustres. Ex-professores meus também aqui estão, tendo talvez perdido a lembrança do aluno dos velhos tempos. Denuncio seus nomes levado por um gesto de simpatia humana. São eles os srs. Mem de Sá, Flores Soares, Cândido M. Carrion.

Da minha terra, de Erechim exercem atualmente o mandato os deputados Godoy Ilha, Dr. Zanin e Rodrigo Magalhães. Seremos quatro, portanto, mas jamais conseguiremos fazer tudo o que merece o povo rude, trabalhador cristão da capital do trigo. Em meus eleitores eu penso também reconhecido pela confiança que se dignaram conceder ao mais humilde dos filhos de meu nobres companheiros de bancada, para que se concretize minha intenção de bem servir ao meu povo — por Deus, pela Pátria e pela Família.

Era o que tinha a dizer, sr. Presidente. (Palmas).

## Anexo B – Entrevista Ingênua (Não Sentimental), 1967<sup>312</sup>

— Há condições para esta entrevista?

— Não, apenas não gostaria de repetir o que se encontra em meus livros.

— Não tive tempo para ordenar as perguntas. Espero que isso não o aborreça.

— Não se incomode.

— Quais os livros que publicou?

— Comecei publicando cadernos. Em seguida, passei aos Escritos Completos. Talvez tenha sido um erro, não sei. Para ser mais explícito, publiquei isoladamente os "cadernos de van der Lubbe", menos um. Os demais cadernos publicados, em número pequeno, voltaram a aparecer nos três volumes de "Intermezzo Lírico-Filosófico" — 1ª, 2ª e 7ª partes. Esta última contém os cadernos de minha "kierkegaardiana". Esquecia-me: publiquei também um "caderno Dissonanz", juntamente com "Hic Fuit".

— Por que não publicou os escritos em ordem cronológica, pelo menos no tocante aos Escritos Completos?

— Como não podia publicar todos os volumes, escolhi-os ao acaso. Já que não posso dar a conhecer toda a minha experiência, é indiferente o segmento a ser publicado. O valor de cada segmento, para mim, é o mesmo.

— Ganhou dinheiro com os livros?

— Pelo contrário, gastei dinheiro com meus livros. Gastei porque acredito no valor de minha experiência.

— Por que não procurou um editor?

— Procurei, foi no começo... Mas a resposta que obtive era sempre a mesma: "Não há público para seus livros. Não têm valor comercial".

— Não gostaria de voltar aos editores, agora que sua experiência está encerrada, pelo menos esta?

— Qual o editor capaz de publicar seis mil páginas, mais ou menos, para um público reduzido?

— Não sei.

— Nem eu.

— Que virá a acontecer com os seus originais?

---

<sup>312</sup> REICHMANN, Ernani. *Volta às Origens*. Curitiba: Edições ER, 1967, p. 239-248.

— Ainda não pensei nisso. E, depois, é bem provável que surja por aí um Mecenaz, ou também que eu acerte na Loteria. De uma coisa, porém, tenho certeza absoluta: meus livros serão editados.

— Qual o seu público?

— Não tenho público. Tenho alguns amigos de enorme boa vontade. Poderia contá-los com os dedos. É possível que, afora esses amigos, tenha mais quatro ou cinco leitores, se tanto, dispostos a conhecerem a minha experiência.

— Acha que permanecerá?

— É claro. Minha experiência não poderá ser ignorada. Creio mesmo que a próxima geração virá a trabalhar esta experiência. Sou para este século, não tenho a menor dúvida.

— Quando percebeu que seria escritor?

— Incapaz da "plenitude muda", de Camus, e pretendendo permanecer, escrevi. Mas só escrevi porque não tinha outro meio de expressão. Tivesse tido condições para a música, este seria o meio que eu escolheria, simplesmente por me parecer o mais perfeito de todos. Para ser mais explícito, percebi que poderia comunicar o que sentia quando, lá pelos dezessete anos, escrevi uma carta a um amigo. Ao reler a carta, encontrei-me como... escritor — que vá.

— Teria escrito, não fosse a imagem a que você se refere?

— É claro que não. Teria sido talvez um homem de empresa. Foi por isso que estudei direito e economia, a conselho de meu pai. Era indiferente estudar isso ou aquilo... mas não quero repetir o que está nos meus livros.

— Não percebeu, em algum momento, que estava errado?

— Percebi, mas que fazer? - Tenho apontamentos sobre isso...

— Como escolhe a forma de seus escritos: cartas, ensaios, novelas, etc?

— Uma espécie de instinto é que me orienta na escolha. Ou, melhor, não chego sequer a escolher. Quando surge, o tema já traz a sua forma. O curioso é que sempre deu certo. Nunca precisei refazer a forma, a não ser em casos de pequena importância.

— Como gosta de escrever?

— Principalmente em cadernos. Escritos que exigem uma conclusão imediata, bato-os diretamente à máquina. Meus cadernos sempre foram escolhidos com muito cuidado...

— A que horas escreve?

— De acordo com o possível. Houve épocas em que trabalhava o dia inteiro, restando-me apenas as noites, os sábados, domingos e feriados para escrever, ler, estudar, etc. Segui o preceito bíblico: perdi a vida para ganhar a vida — num outro plano, é claro. Mas houve épocas

em que dispus de todo o tempo para escrever. Hoje, consegui um certo equilíbrio, convencido que estou - que "perder tempo" também é uma necessidade.

— Gosta de falar sobre o que está escrevendo?

— Gosto e muito de falar, principalmente sobre o que já escrevi. Contudo, às vezes, falo sobre o que estou escrevendo, ou sobre o que tenho por escrever.

— De onde tirou a disciplina para escrever?

— Do casamento. Antes de me casar, não passei de notas, apontamentos, pequenas coisas, em suma. A disciplina que o casamento impôs é minha vida, em certo sentido, valeu também neste caso.

— Qual a melhor definição de você — em poucas palavras?

— Para manter o tom desta entrevista, darei a definição que fez, de mim, um colega de trabalho: "Você é o introvertido mais extrovertido que conheço".

— Que escritores mais o influenciaram?

— Não gosto do termo influências. Prefiro referir-me a "encontros". Escritores — apenas alguns — com os quais me encontrei: Dostoievski, Nietzsche, Gide, Berdiaef, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, mas, muito especialmente, Kierkegaard. Bem, todos com os quais me encontrei são mencionados em meus cadernos...

— Você é kierkegaardiano, como já se disse?

— Não. Ninguém pode ser kierkegaardiano. A experiência de Kierkegaard é singular demais para que alguém possa seguir-lhe as pegadas. Agora, se ser kierkegaardiano significa sermos nós mesmos, nesse sentido, mas só nesse, cheguei a ser kierkegaardiano, pelo menos ao fim de minha experiência, quando descobri que fizera uma experiência de personagem.

— Por que se recusou à psicanálise?

— Já disse em meus cadernos. Gostaria, porém, de acrescentar que a psicanálise é uma limitação imperdoável do homem, limitação que, em momento algum, eu poderia admitir.

— Os temas de seus livros foram imaginados?

— Só parcialmente. Uns mais, outros menos, mas sempre tiveram um sustentáculo real em minha própria experiência. Eu não fazia experiência de autor.

— Qual o escrito mais distanciado de sua experiência?

— É o romance "O Protetor". Construí-o à base de um sonho de minha mulher, embora o sonho saísse bastante modificado. Mas, mesmo assim, estou presente no livro.

— Sua obra, isto é, os escritos considerados em sua totalidade, é filosofia ou literatura?

— Nem filosofia, nem literatura. Fiquei numa terra de ninguém. O assunto foi explicado em outra parte deste e de outros volumes.



- Quer dizer que você é um escritor comprometido?
- Repugna-me esta história de "escritor comprometido". Contudo, se comprometido quer significar comprometido com a minha experiência, não há como negar que sou comprometido.
- Sua experiência pode ser comparada à de Sartre, Camus e tantos outros tidos como "existencialistas"?
- De maneira alguma. O que faltou a eles foi precisamente a experiência. Construíram um modelo à base de alguns elementos extraídos de uma experiência bastante limitada (a erudição dominando) e pretenderam impô-lo à existência em geral, esquecidos daquilo que caracteriza a existência: a singularidade.
- Tem algum escrito não relacionado, um diário secreto, por exemplo?
- Não. E nem teria sentido uma coisa dessas, nos termos em que foi colocada a minha experiência.
- Sua mudança para o sítio deveu-se a algum problema?
- Depois de passar dezenas de anos fechado num quarto, achei que seria conveniente, para prolongar um pouco mais a vida, adquirir um sítio, onde pudesse fazer alguma espécie de exercício. Ou, onde pudesse satisfazer também o físico, relegado a um plano de absoluto esquecimento. Além disso, posso estudar e escrever com mais tranquilidade, posso pensar, recolhimento é maior.
- Quer dizer que não gosta de conviver?
- Gosto de conviver e muito, principalmente com aqueles que não convivem.
- Que achou das críticas, em geral, a seu livros?
- Em geral, porque há exceções, acentuaram o aspecto kierkegaardiano de minha experiência.
- Caso conhecessem todos os meus escritos, é claro que a visão dos críticos teria sido inteiramente diversa. Logo que puder, farei um exame dessas críticas. Há aspectos que merecem um estudo especial, mesmo dentro da limitação que tiveram, pelo conhecimento parcial de minha experiência.
- E sua experiência de autor, como será?
- Não sei e nem posso saber qual será o meu procedimento futuro. Em todo caso, pretendo escrever e fazer publicar uma série de cadernos, a que darei o nome de "Cadernos ER". Bem, como isso não passa de um projeto, parece-me cedo para qualquer antecipação.
- E durante os anos que faltam até a realização do projeto?
- Limitar-me-ei a preparar um livro de textos de Kierkegaard, para uma coleção dirigida por Octavio de Faria, a passar a limpo e a arrumar tudo o que pertence à "Experiência de Personagem", procurando reduplicar em mim mesmo essa experiência e a ler e a estudar o que

puder, nos campos da literatura e da filosofia, com vistas — é claro — à minha terra de ninguém (EINS, pp. 239-248).

\* \* \*

A entrevista que lemos há pouco data de 1967. Ela encerra um ciclo que o autor denominou: “Experiência de Personagem”. Como tal, trata-se de uma entrevista de uma personalidade literária; mas de quem? De quem se trata? Por que dedicar um espaço tão grande a essa transcrição? Ao ler pela primeira vez essa narrativa, lembrei-me de um livro que reúne entrevistas semelhantes.

Em *A força da palavra*, Betty Milan – uma consagrada jornalista literária da Folha de São Paulo – dedicou horas de seu trabalho a entrevistar personalidades literárias. Prefaciada por Gérard Lebrum, já nas linhas iniciais ele não esconde o perigo de sua prática, pois se “entrevistado com respeito excessivo, o escritor nada dirá de novo sobre si mesmo. Se, ao contrário, ele for submetido a questões indiscretas, responderá furtando-se, querendo se livrar o quanto antes do importunador” (LEBRUM, 1996, p. 9). Lebrum é ainda mais enfático sobre os perigos, para ele “é o autor” na maior parte das vezes “que recusa a ideia de se autocomentar, imaginando, de certo, que o seu texto basta a si mesmo e toda glosa implicaria sobretudo o risco de um mal-entendido” (*Idem*). Basta recordar que o entrevistado não quer se repetir – “não quero repetir o que está nos meus livros”.

Nesse sentido, o entrevistador parece-me que conseguiu transpor os perigos de que nos fala Lebrum, pois alcança nas palavras de Milan a diferença: “orientei a entrevista mas não as respostas”. Milan nos revela que

[...] Gozando de liberdade propiciando-a ao entrevistado para que ele pudesse revelar o que desejava e assim se revelar, para que me surpreendesse com a sua fala e se deixasse por ela surpreender. Não joguei com cartas marcadas para que tanto o entrevistado como eu e o leitor pudssemos entrar no jogo e dele efetivamente participar. Interessava-me informações envolvendo o destinatário, à maneira do romancista ou do chamado “jornalista novo” (MILAN, 1996, p. 19).

De maneira correlata participamos do jogo que envolve “entrevistador”, “entrevistado” e nós, enquanto “leitores”. Somos surpreendidos pela riqueza do relato e passamos a conhecer as escolhas de seu sujeito, que nos fala sobre sua formação e a trajetória de vida, seu casamento, sua mudança para o sítio e a saúde, bem como, a convivência com os familiares e as pessoas; reflete sobre sua disciplina e a condição de escritor, os livros que publicou de maneira não-cronológica, seu público leitor e a legitimidade da sua experiência; nos fala ainda de sua condição editorial e os problemas enfrentados, o tempo que dedica à

escrita, sua lógica de trabalho, os temas que cultivou e os gêneros de escrita que mais lhe agrada dar vazão; se detém vivamente em seus conceitos e as palavra-chave de seu pensamento, dá a conhecer sua autoimagem, seus encontros (influências), o papel de Kierkegaard e, a partir dele, seu embate com o existencialismo, sua postura antipsicanalítica, o papel da crítica, e por fim, os projetos futuros.

A cadeia de raciocínio não se interrompe com a prática descrita por Milan. Ela nos lembra que uma entrevista tem um sentido e “todos sabem que é preciso falar para ser lido, sair do silêncio – condição *sine qua non* da escrita – para que o destinatário aceite silenciar, e, tendo ‘escutado’ o autor, leia a obra” (*Ibid.*, p. 21). Há na entrevista elementos suficientes que expressam isso, o entrevistado manifesta um grande otimismo – “Acha que permanecerá? — É claro. Minha experiência não poderá ser ignorada. Creio mesmo que a próxima geração virá a trabalhar esta experiência. Sou para este século, não tenho a menor dúvida”.

Milan argumenta ainda que “o escritor tende a ser um contador”, por isso dedica um tempo precioso a responder perguntas que aparentemente são aleatórias – “não tive tempo para ordenar as perguntas. Espero que isso não o aborreça” –, todavia sabe que será um tempo determinante, afinal “dizer ao destinatário da obra por que enveredou por uma estrada e não outra, que obstáculos encontrou e como finalmente conseguiu chegar à sua meta. Ao fazer isso, estará dando a entender que o ato de escrever é uma aventura” (*Ibid.*, p. 20). Lebrum complementa o argumento de Milan, ao reconhecer que “‘A força da palavra’ de que aí se trata não diz respeito ao diálogo transcrito [...] e sim às palavras pronunciadas pelas vozes eminentemente singulares, cuja origem as entrevistas procuram encontrar” (*Ibid.*, p. 14).

Nesse sentido, de Lebrum e Milan, que encontramos as palavras de Ernani Corrêa Reichmann (1920-1984). As surpresas começam quando subestimamos já ter identificado sua voz singular, pois é ele próprio, quem entrevista e se deixa entrevistar. Pode parecer excessivo iniciar uma introdução com um texto tão extenso, mas ele nos transporta de antemão para o núcleo do pensamento de Reichmann. Como vimos, vários temas se tocam nesta autoentrevista, temas caros e familiares, e testemunham nosso personagem em sua *experiência* através de uma *terra de ninguém* – entre literatura e filosofia.<sup>313</sup>

A ideia de “autoentrevista” não é nova, é um recurso literário que já foi utilizado por escritores como Oscar Wilde (cf. 1995, pp. 60-65) e Truman Capote (cf. 2010, pp. 354-366),

---

<sup>313</sup> Os conceitos em destaque são conceitos que Reichmann introduz de maneira própria e peculiar em seus escritos. Por isso, é importante colocarmos em suspensão de juízo, para que no momento oportuno possamos retornar e defini-los de maneira satisfatória. Reitero que os conceitos “experiência” e “terra de ninguém” são palavras-chave, para compreensão do pensamento de Reichmann. Eles não possuem significado correspondente com seus correlatos cotidianos, e retornarei a eles para estabelecê-los dentro do vocabulário reichmanniano.

apenas para citar dois dos mais conhecidos. Entretanto, o que destoa na prática de Reichmann é que ele não é uma personagem literária como Wilde e Capote – fato que em grande medida, explica lançar mão desse recurso. Em 1967, Reichmann declara talvez com tristeza não ter um público leitor, “tenho alguns amigos de enorme boa vontade” e até “poderia contá-los com os dedos”, diz ele. Ou ainda, na emenda: “É possível que, afora esses amigos, tenha mais quatro ou cinco leitores, se tanto, dispostos a conhecerem a minha experiência”. Mas, por que uma entrevista? Ou melhor, uma autoentrevista?

Para responder às questões colocadas, arrisco duas hipóteses. Primeiramente, faz sentido retomar as palavras de Reichmann e perceber nelas uma resposta, ainda que provisória, uma indicação forte de seu procedimento:

- Como escolhe a forma de seus escritos: cartas, ensaios, novelas, etc?
- Uma espécie de instinto é que me orienta na escolha. Ou, melhor, não chego sequer a escolher. Quando surge, o tema já traz a sua forma. O curioso é que sempre deu certo. Nunca precisei refazer a forma, a não ser em casos de pequena importância (EINS, pp. 243-244).

Logo, faz sentido perceber no título dado por Ernani a sua autoentrevista, uma fina ironia. Ele a chama de *Entrevista ingênua (não sentimental)*. Certamente, há uma performance.<sup>314</sup> Sua atitude nos mostra um cálculo realizado com maestria e uma orientação instintiva – que se acaso não leva em consideração os sentimentos, não faz sentido acertar a determinação, forma/conteúdo. Os sentimentos transbordam, por isso identificamos passagens em que irrompem tonalidades de melancolia e angústia:

- Ganhou dinheiro com os livros?
- Pelo contrário, gastei dinheiro com meus livros. Gastei porque acredito no valor de minha experiência.
- Por que não procurou um editor?
- Procurei, foi no começo... Mas a resposta que obtive era sempre a mesma: "Não há público para seus livros. Não têm valor comercial".
- Não gostaria de voltar aos editores, agora que sua experiência está encerrada, pelo menos esta?
- Qual o editor capaz de publicar seis mil páginas, mais ou menos, para um público reduzido?
- Não sei.
- Nem eu.

O valor da sua experiência é um impulso primordial, e ao mesmo tempo, um poderoso narcótico. Há sempre um ressentimento na maneira como Reichmann aborda a questão do valor de seus escritos, porque no final das contas, eles não têm valor comercial, mas vivencial. E, em

---

<sup>314</sup> “No fundo, é claro, nenhum entrevistado é ingênuo. Toda viúva ludibriada, todo amante desiludido, todo amigo traído, toda a personagem de um texto sabe, de algum modo, o que o espera, e mantém a relação mesmo assim, impelido por algo mais forte que a razão” (MALCOLM, 2011, p. 16).

muitos momentos um editor, ou qualquer outra pessoa incorre no erro de julgar sem valor um de seus escritos, mas desconhece que esse suporte ainda que não tenha valor comercial, é a expressão de uma vida – carregada de sentidos e sentimentos. A entrevista, ainda que não tenha sido conduzida por uma Betty Milan ou uma Janet Malcolm, foi a forma que se imbricou a ideia, de falar de si e de sua experiência de personagem.

Por fim, em seu contexto original – no livro *Volta às Origens* – a epígrafe dada à entrevista, tomada de Kierkegaard, funciona como mote ou chave interpretativa, pois sugere que “a tarefa do pensador subjetivo consiste em compreender-se a si mesmo na existência”. Por conseguinte, Reichmann exercita seu autoconhecimento por meio desse gênero textual – entrevista –, ou seja, ao falar de si para si mesmo, Reichmann e seu personagem se confrontam por um mecanismo dialógico. A escrita de Ernani Reichmann, como a entrevista, tem um caráter eminentemente autobiográfico. Por isso, falamos de uma experiência, não apenas como um ensaio, mas como uma vivência através das palavras que demonstram um diálogo interior, a existência de e em uma interioridade. Isso quer dizer que a escolha de transmitir informações sobre si mesmo, de maneira autobiográfica, não poderia encontrar outra forma de expressão.

Veremos que as palavras de Reichmann fazem eco em todos os escritos completos desse autor. Não é à toa que assevera: “perdi a vida para ganhar a vida — num outro plano, é claro”. Se a perda que nos fala diz respeito ao exterior, isso apenas manifesta em que sentido suas forças eram canalizadas. Retomaremos essa estranha fascinação por uma experiência autobiográfica no primeiro capítulo.